UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AS NOITES DA DITADURA E OS DIAS DE UTOPIA...

O EXÍLIO, A EDUCAÇÃO E OS PERCURSOS DE ELZA FREIRE
NOS ANOS DE 1964 A 1979.

NIMA IMACULADA SPIGOLON

CAMPINAS/SP
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AS NOITES DA DITADURA E OS DIAS DE UTOPIA...

O EXÍLIO, A EDUCAÇÃO E OS PERCURSOS DE ELZA FREIRE
NOS ANOS DE 1964 A 1979.

NIMA IMACULADA SPIGOLON

ORIENTADORA: PROFA. DRA. DÉBORA MAZZA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do Título de Doutora em Educação, na Área de Concentração: Ciências Sociais na Educação.

Este exemplar corresponde à versão final da Tese
defendida pela aluna Nima Imaculada Spigolon
e orientada pela Profa. Dra. Débora Mazza.

Assinatura: _____
Orientadora – Profa. Dra. Débora Mazza

CAMPINAS/SP
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Spigolon, Nima Imaculada, 1971-
Sp44n As noites da ditadura e os dias de utopia... O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979 / Nima Imaculada Spigolon. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Débora Mazza.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Freire, Elza, 1916-1986. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. 3. Ditadura. 4. Exílio. 5. Educação. I. Mazza, Débora,1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The nights of the dictatorship and the days of utopia... The exile, education and Elza Freire journeys in the years 1964 to 1979
Palavras-chave em inglês:
Freire, Elza, 1916-1986
Freire, Paulo, 1921-1997
Dictatorship
Exile
Education
Área de concentração: Ciências Sociais na Educação
Titulação: Doutora em Educação
Banca examinadora:
Débora Mazza [Orientador]
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro
Márcia dos Santos Ferreira
Nora Rut Krawczyk
José Roberto Montes Heloani
Data de defesa: 13-05-2014
Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

AS NOITES DA DITADURA E OS DIAS DE UTOPIA...
O EXÍLIO, A EDUCAÇÃO E OS PERCURSOS DE ELZA FREIRE
NOS ANOS IDOS 1964 A 1979.

AUTORA: NIMA IMACULADA SPIGOLON
ORIENTADORA: PROFA. DRA. DÉBORA MAZZA

Este exemplar corresponde à redação final de Tese de Doutorado defendida por Nima Imaculada Spigolon e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data: 13 de maio de 2014.

Assinatura: _____
Orientadora – Profa. Dra. Débora Mazza

COMISSÃO JULGADORA:

_____

_____

_____

_____

CAMPINAS/SP
2014

À

Débora Mazza,

por tempos e lugares de pesquisa e de vida partilhados, pelas experiências individuais e coletivas construídas. Sem sua confiança, seu abrigo e encorajamento Elza Freire continuaria no silêncio (e Nima também).

Gratidão á...

Existem os que simplesmente passam... Existem os que definitivamente ficam...

Agradeço a todo(a)s que participaram de meu percurso de Doutorado, uns que já me acompanhavam antes, outros que chegaram durante, há os que virão depois.

Agradeço em especial aos filhos de Elza Freire e Paulo Freire: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes.

[...] o exílio foi uma experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão do outro.

Elza Freire, 1980, p. 204.

SPIGOLON, Nima Imaculada. **As noites da ditadura e os dias de utopia... O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

RESUMO

O trabalho objetiva analisar o exílio como consequência do golpe de 1964 que depôs o Governo João Goulart e instaurou a ditadura no Brasil. Sua caracterização se dá com a descrição, análise e interpretação dos percursos de Elza Freire entrelaçados ao de Paulo Freire seu esposo e Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes seus filhos. Justifica-se tanto pelo caráter histórico e memorialístico ao entremear processos históricos passados, quanto pela utopia que vincula presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias e menos autoritárias. O recorte temporal se encaixa nos anos 1964/1979, os cenários compõem-se do nacional e internacional, aonde foram inseridos brasileiros como parte do processo de exílio que acometeu homens e mulheres, adultos, jovens e crianças. As experiências de Elza Freire se configuram nessas realidades organizadas em três fases: Américas, Europa e África e, retorno ao Brasil. No âmbito geral, o foco se concentra no exílio – entendido como ato de violência e abuso de poder imposto pelo Estado e como acontecimento social, coletivo e, ao mesmo tempo individual, que relaciona as dimensões histórica, sócio cultural, política e pedagógica. O exílio é ambíguo e simultâneo, compreende dor, saudade, rupturas e aberturas de oportunidades e horizontes, em seu bojo acontecem reconversões identitárias, movimentos de circulação e deslocamentos que provocam desterros, apátridas, estigmas e diásporas. O alicerce dos argumentos apresenta uma triangulação teórica, metodológica e empírica fundamentada na abordagem qualitativa e carregada por intertextualidades. Compostas por diversos instrumentos de coleta de dados, a partida foi o levantamento bibliográfico, todos na intenção de reunir e articular o conjunto de fontes documentais e não documentais, destacando os "Escritos Íntimos" de Elza Freire. O espectro das conclusões se abre destacadamente para: a elaboração do mapa da Diáspora Freiriana; a identificação de paradoxos e a esquerdização do casal Freire; as redefinições de práxis e propostas deles, em geral no campo da Educação e, particularmente da de Adultos; traça mudanças na militância; apresenta fragmentos do real com os quais se dá visibilidade a Elza Freire mulher, exilada, mãe, esposa, professora, camarada. Destarte, descrever percursos, recobrar memórias, investigar processos, é uma forma de impedir governos ditatoriais, é recusar situações sociais de controle, opressão, exclusão e, violação de direitos, é fortalecer a sociedade, a liberdade e a vida.

Palavras-chave: Elza Freire, Paulo Freire, ditadura, exílio, educação.

SPIGOLON, Nima Imaculada. **The nights of the dictatorship and the days of utopia ... The exile, education and Elza Freire journeys in the years 1964 to 1979.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ABSTRACT

This work aims to analyze the exile as a consequence of after the coup in 1964, which deposed João Goulart's Governament and estabilished the dictatorship in Brazil. Its characterization is made by description, analysis, and interpretation of the courses of Elza Freire interlaced to the routes of her husband Paulo Freire, Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim and Lutgardes, their children. This work is justified by the historical and memorialist character when past facts are interspersed, as well as by the utopia that bonds presente/future in the constructing of more egalitarian and less authoritarian societies. The temporal cut fits the years 1964/1979, the scenery is composed of national and international, in which men, women, adults and children were parto of the exile process. Elza Freire's experiences take place in these realities ordered in three phases: Americas, Europe and Africa and, the return to Brazil. The focus is on the exile – considered as an act of violence and power abuse imposed by the State and also as a social event, both collective and individual, that relates the historical, sociocultural, political and pedagogical dimensions. The exile is ambiguous and simultaneous, envolving pain, lack, ruptures and openings of oportunities and horizontes. In its context, there are reconversions of identities, circulation movements and displacements that promote deportations, statelessness, stigmas and diaspora. The arguments's basis presentes a theoretical, methodological and empirical triangulation founded on qualitative approach with many intertextualities. Considering many instruments of data collection, the start was the bibliographical survey, all aiming to gather and link the group of documented and nondocumented sources, emphasizing the "Intimate Writings" ("Escritos Íntimos") by Elza Freire. The spectre of the conclusions expands based on this research, markedly for: the elaboration of the Diaspora of Freire; the identification of paradoxes and the leftism of the Freire's; the redefinitions of their praxis and proposals, in general in the Education field and particularly the Adult's Education; draws changes in the militancy; presents fragments of Elza Freire's real life as a woman, an exile, a mother, a wife, a teacher, a friend. Therefore, describing trajectories, recalling memories, investigating processes, is a way of trying to block dictatorial governments, as well as refusing situations of social control, oppression, exclusion and violation of rights; it is a way to strengthen the society, freedom and life.

Keywords: Elza Freire, Paulo Freire, dictatorship, exile, education.

SUMÁRIO

CRONOLOGIA (RESUMIDA)
À partir de Elza Freire de 1916 até 1979.....31

INTRODUÇÃO
Do golpe à ditadura, do exílio à anistia: Elza Freire e família.....37

CAPÍTULO I – CENÁRIOS DE UMA ÉPOCA E O ESPÍRITO DE UM TEMPO
1.1 – Cenários do confronto: Brasil entre 1930 e 1964.....70
1.1.1 – O golpe de 1930: antes e durante 1930-1945.....80
1.1.2 – O golpe de 1964: antes e durante 1945-1964.....88
1.2 – Cenários a partir do Nordeste: Recife em meados de 1960.....98
1.3 – Cenários da ditadura: o golpe de 1964.....106
1.4 – O golpe na alma: considerações sobre os cenários de uma época, o espírito de um tempo e o impacto causado em Elza Freire e na família Freire.....116

CAPÍTULO II – PERCURSOS DO EXÍLIO: AMÉRICAS – A UTOPIA SANGRA AOS GOLPES DAS DITADURAS
2.1 – Partidas: entre fugas, clandestinidades e despedidas.....142
2.2 – Diáspora Freiriana: os Freires circulando pelo mundo.....153
2.2.1 – Chile: do governo Frei à família Freire.....162
2.2.2 – 1968: o ano que não terminou e a Pedagogia da Convivência continuou.....170
2.2.3 – 1969: o ano que mudou nossas vidas e as vidas que o exílio mudou nos Estados Unidos da América.....185
2.3 – Américas: utopia e opressão revolucionárias – considerações sobre os percursos do exílio de Elza Freire e a circulação diaspórica da família Freire.....194

CAPÍTULO III – REALIDADES DO EXÍLIO: DOS ANDES AOS ALPES – A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO
3.1 – Europa: a segunda fase do exílio brasileiro.....213
3.1.1 – Suíça: o exílio latino-americano e a família Freire exilada brasileira.....219
3.1.2 – Galinha de cabidela, feijoada, sonho de valsa... um apartamento nordestino, brasileiro, latino-americano, em sua inteireza com certeza.....230
3.2 – O mosaico partido: realidades, identidades e culturas exiladas.....241
3.3 – Exílios internos e internacionais – idas, vindas e vidas.....256
3.4 – Distâncias do retorno: a Europa e o silêncio de Genebra – considerações sobre (tantas) realidades do exílio e (quantas) travessias de Elza Freire e a família Freire.....272

CAPÍTULO IV – ITINERÁRIOS DO EXÍLIO: INSERÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS EM ÁFRICA
4.1 – África: a luta pela descolonização no entrecruzamento do exílio e da militância em terras estrangeiras.....290
4.2 – Somos uma só humanidade: os movimentos revolucionários de libertação das colônias portuguesas e os recém-independentes PALOP.....298
4.3 – O Projeto de Unidade Nacional: Guiné-Bissau e Cabo Verde e as experiências da Educação em geral e, particularmente, no da Educação de Adultos.....309
4.3.1 – Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau: gumbé, cabéu, sabi mancarra, junbai.....322
4.3.2 – As ilhas de Cabo Verde: morabeza, morna, batuku, cachupa.....335
4.4 – A luta pela libertação, revolução e educação: Camarada Elza Freire – considerações iniciais sobre a inserção em África e a construção político-pedagógica em tempos e lugares do exílio.....344
4.5 – Glossário do capítulo.....350

CAPÍTULO V – FASES DO EXÍLIO E FACES DA DITADURA: (A)VENTURA DE RE-TORNAR AO BRASIL
5.1 – Em qualquer lugar, em lugar nenhum: o estigma e o desenraizamento do exílio ante os deslocamentos, as circulações do exilado.....360
5.2 – Memória e Justiça: a luta pelos Direitos Humanos.....371
5.2.1 – Sem lenço e sem documentos: do fica-porte ao passaporte.....375
5.2.2 – Com conflitos e com conquistas: gritos de angústia, ecos da anistia.....385
5.3 – Desarquivando memórias e fortalecendo resistências: ir, ficar, vir sob as impermanências da ditadura.....395
5.3.1 – Histórias do exílio brasileiro: dos que ficaram aos que chegaram antes.....398
5.4 – A utopia no horizonte: chegar, mas não voltar.....412
5.5 – Exílio brasileiro: golpe, ditadura e anistia – algumas considerações e reflexões a partir dos percursos de Elza Freire durante o período.....432

CAPÍTULO VI – (IN) CONCLUSÕES
Aqueles anos naquelas vidas.....453

FONTES DA PESQUISA REALIZADA
I – Fontes primárias.....465
II – Acervos/Arquivos.....471
III – Documentários e filmografia.....475
IV – Discografia.....477
V – Bibliografia.....478

LISTA DE FIGURAS, IMAGENS E MAPAS

Figura 01 – Charge sobre o casal Elza Freire e Paulo, autoria Claudius Ceccon.....29
Figura 02 – As receitas de uma mulher do nordeste – Fragmentos do caderno de receitas de Elza Freire com seus manuscritos e gravuras.....35
Figura 03 – Páginas de uma mulher, exilada, professora, mãe, esposa – Caderno de receitas de Elza Freire, compõe os "Escritos Íntimos".....65
Figura 04 – Capa de prontuário do MCP, sede de Recife, em decorrência do golpe de 1964 e da ditadura.....67
Figura 05 – Registros paroquiais. Ato de casamento entre Elza Maia Costa Oliveira e Paulo Réglus Neves Freire.....85
Figura 06 – Ditadura Vargas, ilustração feita por Percy Deane, pág. 49, no livro Memórias do Cárcere.....86
Figura 07 – Elza Freire e as filhas, as três Marias: Madalena, Cristina e Fátima. Recife, década de 1950.....95
Figura 08 – O Casal Freire, no casamento de Bila (irmã de Elza). Recife, 1955.....101
Figura 09 – Paulo discursa ao presidente e políticos, abril de 1963. 103
Figura 10 – Mapa com a divisão de forças no dia 31 de março de 1964, a movimentação de tropas e a Operação Brother Sam, ancorada em Recife/PE.....107
Figura 11 – Cartaz de divulgação do Documentário "O dia que durou 21 anos".....115
Figura 12 – Madalena Freire atuando com os pais nos Círculos de Cultura/Método Paulo Freire, 1963.....118
Figura 13 – Fichas da Campanha de Alfabetização de Adultos (MCP, SENAC e SEC), após o golpe de 1964.....121
Figura 14 – Maria Thereza ao lado do presidente João Goulart no comício da Central do Brasil, no dia 13 de março de 1964, Rio de Janeiro.....124
Figura 15 – Microfilmagem da ficha funcional de Elza Freire.....131
Figura 16 – Agendas de uma mulher, de uma exilada – Agenda de poche (Ano 1977) pertencente a Elza Freire com anotações.....134
Figura 17 – Elza Freire com Paulo e os filhos Joaquim e Lutgardes no exílio. Santiago, Chile, 1965.....135

Figura 18 – Croqui do Memorial da América Latina, São Paulo/SP/Brasil, autoria de Oscar Niemeyer. Arquivo Revista Nossa América, edição 25, ano 2007.....139
Figura 19 – Elza Freire com os filhos em companhia de familiares, último registro antes da saída do país. Rio de Janeiro, 1964.....156
Figura 20 – O casal Freire no exílio em Santiago, Chile, 1966.....160
Figura 21 – Elza Freire e Paulo com o grupo de exilados brasileiros em Santiago, Chile. Meados de 1966.....167
Figura 22 – Capa do livro Pedagogia do Oprimido. Porto: Edição de João Barrote, 1972. Primeira publicação em português, na prisão de Caxias, em Portugal.....119
Figura 23 – O casal Elza Freire e Paulo, Padre Paulo, Fátima Freire, amiga do Padre e Cristina Freire, em frente à residência da família. Santiago, Chile, 1967.....182
Figura 24 – Elza Freire em frente às roseiras que cultivou e na residência da família durante o exílio. Santiago, Chile, 1968.....183
Figura 25 – Despedida dos Freires, realizada no ICIRA. Santiago, Chile, 1969.....184
Figura 26 – Elza Freire e Paulo (sem bigode e barba) com os filhos Joaquim e Lutgardes em frente ao prédio em que residiam. Boston, EUA, abril de 1969.....188
Figura 27 – Elza Freire e Paulo (já com barba) e demais pessoas (desconhecidas) durante o exílio nos EUA, dezembro de 1969.....192
Figura 28 – Mapa da Diáspora Freiriana representando a fase das Américas de 1964/1969, traçado pela autora.....197
Figura 29 – Joaquim e Lutgardes, filhos do casal Freire em frente às roseiras que a mãe cultuivou e que o pai tanto referenciou em seus escritos. Chile, 1968.....203
Figura 30 – O casal Almino Affonso e Lygia Britto com os filhos: Rui, Sérgio, Fábio e Gláucia, durante o exílio. Santiago, Chile, 1965.....204
Figura 31 – Os papéis avulsos de uma mulher em diáspora – Fragmentos de papéis avulsos com anotações de Elza Freire, por exemplo: Escola para o Povo.....206
Figura 32 – Elza Freire durante o exílio, meados de 1977.....207
Figura 33 – O casal Elza Freire e Paulo com os filhos Lutgardes e Joaquim, em companhia de outro casal com seus filhos, são brasileiros exilados. Suíça, 1971.....214
Figura 34 – Recepção ao casal Elza Freire e Paulo na Europa, início de 1970.....217
Figura 35 – Paulo no apartamento da família em Palletes, Genebra, Suíça, 1976.....222

Figura 36 – Documento confidencial sobre banidos do Brasil (Janeiro, 1971) encontrado nos arquivos da ditadura.....224
Figura 37 – Elza Freire no exílio, Cantão de Vaud, Suíça, 1975.....229
Figura 38 – Elza Freire com Silke Weber no exílio. Suíça, 1977.....232
Figura 39 – Arturo Ornelas com Paulo. Suíça, 1979.....235
Figura 40 – Elza Freire no apartamento em Genebra, Suíça, 1975.....238
Figura 41 – Elza Freire e Paulo com os filhos Lutgardes e Joaquim e IDAC.....244
Figura 42 – O casal Elza Freire e Paulo com os filhos Fátima, Joaquim e Lutgardes, no casamento da filha Cristina com Alberto Heiniger. Suíça, 1972.....249
Figura 43 – Elza Freire e Paulo com os filhos Lutgardes e Joaquim, no apartamento da família, durante o exílio em Genebra, 1972.....250
Figura 44 – Paulo e a neve no exílio, no rigoroso inverno europeu. Suíça, 1972.....262
Figura 45 – Verso do cartão postal aos pais e irmãos, enviado por Cristina residindo em Bilbao, Espanha, 1973.....264
Figura 46 – Fragmentos de "Reminiscências", Caderno de Memórias, escrito por Ester Monteiro (tia de Paulo, irmã de Dona Tudinha). Recife, 1974.....265
Figura 47 – Capa do CD: LC 42601, de Joaquim Freire.....268
Figura 48 – No exílio: Alberto e Cristina Freire Heiniger, Paulo e Elza Freire, Madalena Freire com Carolina Freire Weffort e Lutgardes Costa Freire. Suíça, 1975.....273
Figura 49 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com anotações feitas por ela e em cima colagens com receitas, compõe os "Escritos Íntimos".....274
Figura 50 – Madalena e Carolina, primeira neta do casal Freire. Suíça, 1975.....282
Figura 51 – Cadernetas de uma mulher, professora, exilada – Fragmentos de anotações de Elza Freire, como por exemplo, sobre Marx, compõe os "Escritos Íntimos".....284
Figura 52 – Elza Freire e Paulo com Mário Cabral. Guiné-Bissau, 1976.....285
Figura 53 – Elza Freire ao lado do militante angolano Pepetela, acompanhados por Paulo e outros camaradas. Lobito, Angola, 1976.....296
Figura 54 – Cartaz da mobilização mundial da luta para a libertação das colônias portuguesas em África. Acervo da FAC, Praia, Cabo Verde.....299
Figura 55 – Mapa com a circulação do casal Elza Freire e Paulo no exílio a partir das inserções político-pedagógicas em África.....302

Figura 56 – Agenda de Elza Freire com registros da Diáspora Freiriana.....306
Figura 57 – Registro do trabalho do PAIGC na Guiné-Bissau.....310
Figura 58 – Página de cartilha com texto sobre o Projeto de Unidade Nacional, utilizado nas campanhas de Alfabetização de Adultos junto aos PALOP.....315
Figura 59 – Arroz em pilões nas zonas libertadas na Guiné-Bissau 316
Figura 60 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com anotações em torno do trabalho para Alfabetização de Adultos e sobre a cartilha de São Tomé.....319
Figura 61 – Mapa da Guiné-Bissau, 1973.....323
Figura 62 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com reflexões sobre o trabalho nos PALOP e com referências a Fanon e formação de professores.....326
Figura 63 – Vista parcial de um dos Círculos de Cultura realizado por Elza Freire e Paulo em Có, na Guiné-Bissau em meados de 1978.....329
Figura 64 – Alfabetização de Adultos realizada nas FARP, Guiné-Bissau.....331
Figura 65 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com referências às Cartas a Guiné-Bissau.....333
Figura 66 – Elza Freire e Paulo com Mário Cabral e Beatriz, em Bissau, 1977.....334
Figura 67 – Mapa de Cabo Verde, 1973.....336
Figura 68 – Papéis avulsos de Elza Freire com registros da circulação do casal pelas ilhas de Cabo Verde.....337
Figura 69 – Relatório do Seminário de Formação em Cabo Verde, 1979.....342
Figura 70 – Registro das Campanhas de Alfabetização em Cabo Verde com a participação de Elza Freire em inserções político-pedagógicas com Paulo.....347
Figura 71 – Cadernetas de uma mulher, professora, exilada – Fragmentos de caderneta de Elza Freire com anotações, por exemplo: pobre, preto e filho da P.....354
Figura 72 – Passaporte de Elza Freire. Genebra, Suíça, S/d.....355
Figura 73 – Paulo e Joaquim Freire durante o exílio. Genebra, final de 1979.....362
Figura 74 – Elza Freire durante o exílio. Genebra, Suíça, 1979.....370
Figura 75 – Salvoconduto boliviano de Paulo, 1964.....381
Figura 76 – Carte d'abonnement de Elza Freire. Suíça, 1978.....383
Figura 77 – O casal Freire com exilados latino-americanos. Suíça, 1974.....390
Figura 78 – Encaminhamento do processo de Anisitia de Paulo.....394

Figura 79 – Desenho de Niemeyer para o monumento “Tortura Nunca Mais”.....397
Figura 80 – Dom Helder Camara com o grupo de exilados brasileiros na casa do ex-ministro Paulo de Tarso dos Santos, no Chile, 1969.....400
Figura 81 – Frente da foto enviada para Elza Freire e Paulo por Doralice de Melo junto com Zeca de Melo (irmão de Elza). Recife, Brasil, 1971.....402
Figura 82 – Verso da foto enviada para Elza Freire e Paulo por Doralice de Melo junto com Zeca de Melo (irmão de Elza). Recife, Brasil, 1971.....402
Figura 83 – Embarque de retorno ao Brasil de Paulo de Tarso Santos com a família. Chile, novembro de 1970.....404
Figura 84 – Embarque de Florestan para o primeiro retorno ao Brasil. Canadá, 1972.....406
Figura 85 – Plínio de Arruda Sampaio com os filhos, no exílio. Chile, 1965.....407
Figura 86 – Maria Thereza F. Goulart, após o retorno do exílio. Brasil, 2012.....408
Figura 87 – Dom Paulo Evaristo Arns e o fusca de Millôr Fernandes utilizado em atividades do Pasquim para despistar a censura durante a ditadura.....418
Figura 88 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com colagens em cima das anotações sobre a Igreja, a CNBB, a História, etc.....419
Figura 89 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com anotações sobre a Igreja, a CNBB, a História, etc.....420
Figura 90 – Duas fotos da saída dos Freires do aeroporto de Viracopos, após a chegada do exílio. 07 de agosto de 1979, Campinas/SP/Brasil.....425
Figura 91 – Elza Freire ao lado de Paulo, na saída de Viracopos.....427
Figura 92 – Mapa da Diáspora Freiriana a partir dos percursos de Elza Freire durante o exílio no período de 1964/1979, traçado pela autora.....428
Figura 93 – Elza Freire com Paulo ao lado de Stella (irmã de Paulo) na chegada do exílio, no aeroporto de Viracopos. Campinas, SP/Brasil.....431
Figura 94 – Capa de agenda de Elza Freire com escritos e em cima colagens.....440
Figura 95 – Imagens de uma mulher, de uma brasileira, de uma exilada – Mosaico com fotos de Elza Freire durante o período do exílio e montado pela autora.....452
Figura 96 – Foto e cartão de despedida dedicado ao casal Freire. Suíça, 1979.....453
Figura 97 – Registro da notícia sobre o retorno (não definitivo) de Elza Freire, Paulo e dois de seus filhos: Joaquim e Lutgardes. Recife, PE/Brasil.....464

LISTA DE SIGLAS

A-2 – Serviços Secretos da Aeronáutica
ABE – Associação Brasileira de Educação
ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ADELA – Atlantic Community Development Group for Latin America
AEL – Arquivo Edgard Leuenroth
AI – Ato Institucional
AI-5 – Ato Institucional nº 5
AP – Ação Popular
APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
ASI – Assessorias de Segurança e Informações
BOc – Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior
CBA – Comitê Brasileiro pela Anistia
CCC – Comando de Caça aos Comunistas
CIA – Central Intelligence Agency
CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEDOC – Centro de documentação Dom Helder Camara
CENIMAR – Centro de informações da Marinha
CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina
CEPLAR – Campanha de Educação Popular da Paraíba
CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos
CGT – Comando Geral dos Trabalhadores
CIA – Central Intelligence Agency
CIE – Centro de Informações do Exército
CIEX – Centro de Informações do Exército vinculado ao Ministério das Relações Exteriores
CISA – Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica
CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas
CMI – Conselho Mundial de Igrejas

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos no Brasil

CODIs – Centros de Operações de Defesa Interna

CPC – Centro Popular de Cultura

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CPOR – Centro de Preparação de oficiais da Reserva

DGAEA – Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos

DEOPS – Departamentos de Ordem Política e Social

DOIs – Destacamentos de Operações Internas

DOP's – Departamento de Ordem Política e Social

DSI – Divisões de Segurança Interna

E-2 – Serviços Secretos do Exército

EMFA – Estado Maior das Forças Armadas

EUA – Estados Unidos da América

FA – Forças Armadas

FA-2 – Segunda Seção do EMFA

FARP – Forças Armadas Revolucionárias do Povo

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FLACSO – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales

IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária

ICIRA – Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (Chile)

IDAC – Instituto de Ação Cultural

IDOC – Centro de Documentação da Igreja Posconciliar

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

IPF – Instituto Paulo Freire

IPM – Inquérito Policial Militar

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

JK – Juscelino Kubitschek

JUC – Juventude Universitária Católica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

M-2 – Serviços Secretos da Marinha

MEB – Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MCP – Movimento de Cultura Popular

OEA – Organização dos Estados Americanos

ONU – Organização das Nações Unidas

P-2 – Serviços Secretos da Polícia Militar e da Polícia Federal

PAIGC – Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde

PAICV – Partido Africano pela Independência de Cabo Verde

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDC – Partido da Democracia Cristã

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado

PNA – Plano Nacional de Alfabetização

PSD – Partido Social Democrático

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

S-2 – Segundas Seções dos três Ministérios Militares

SEC – Serviço de Extensão Cultural

SESI – Serviço Social da Indústria

SNI – Serviço Nacional de Informação

UDN – União Democrática Nacional

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNICV – Universidade de Cabo Verde

USAID – United States Agency for International Development

USP – Universidade de São Paulo

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

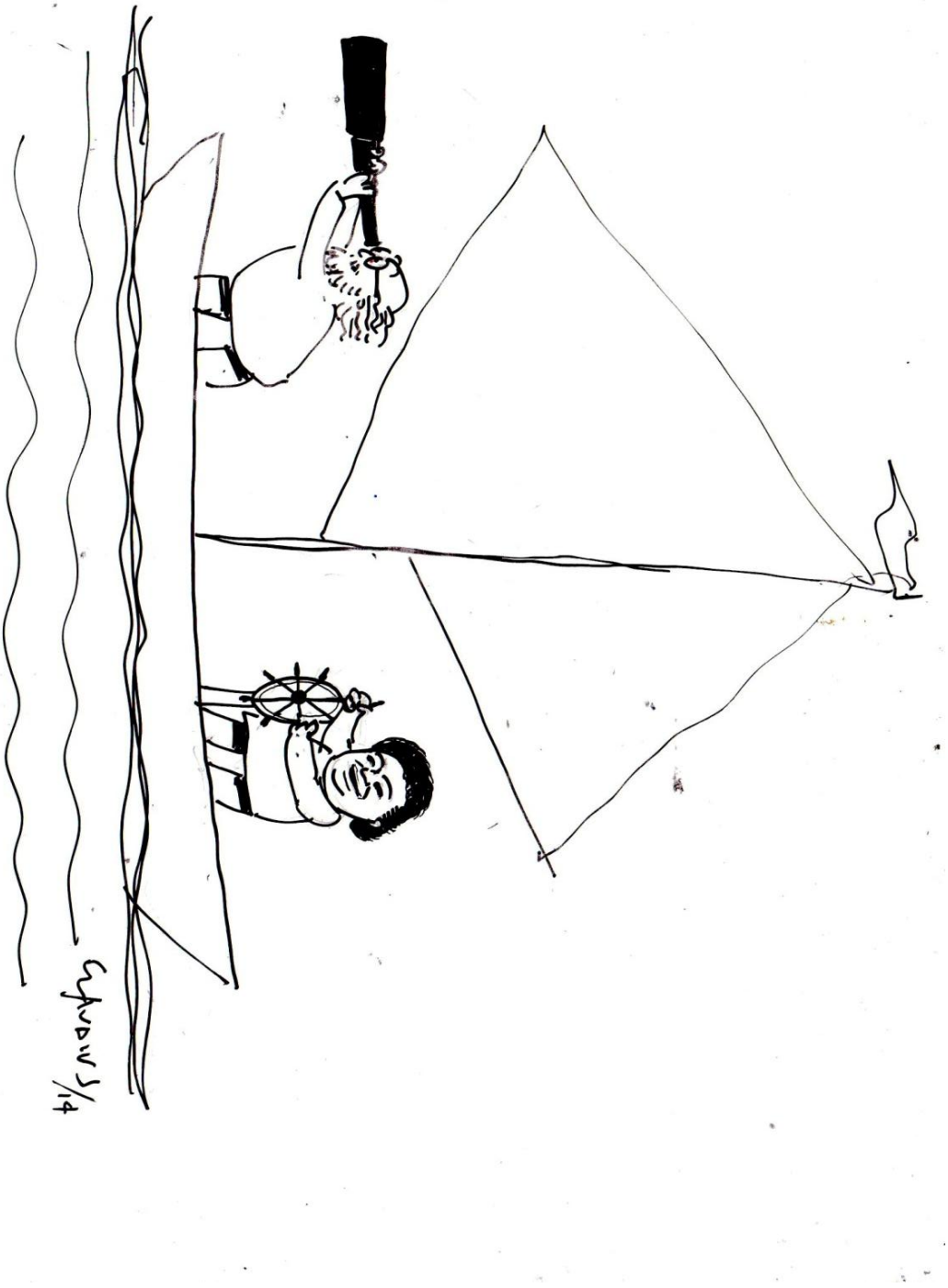


Figura 01 – Charge do casal Elza Freire e Paulo, autoria de Claudius Ceccon, na forma de depoimento para a pesquisa/tese. Rio de Janeiro, Brasil, abril, 2014.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

CRONOLOGIA (RESUMIDA) DE ELZA FREIRE E FAMÍLIA[1] ATÉ 1979

1916 –
. Aos 16 de junho, no Recife, nasce Elza Maia Costa Oliveira.

1921 –
. Aos 19 de setembro, no Recife, nasce Paulo Réglus Neves Freire.

1930 –
. Elza transfere seus estudos de nível secundário para Olinda, na Academia Santa Gertrudes.

1935 –
. Elza conclui a Escola Normal, no Recife.

1936 –
. Elza inicia especialização em alfabetização no Instituto Pedagógico de Recife, de aluna é convidada e passa a ser professora, lecionando lá até 1947.

1943 –
. Elza é aprovada em concurso público para a rede estadual de Pernambuco.
. Paulo inicia o curso de Direito na Faculdade de Direito de Recife.

1944 –
. Primavera: Casamento de Elza com Paulo Freire.
. A partir do casamento se dá a aproximação e a preocupação de Paulo com as questões educacionais e a problemática político-pedagógica.

1946 –
. Nasce em Recife, aos 21 de julho, Maria Madalena, a primeira filha do casal.

1947 –
. Paulo assume a função de Diretor no SESI, na divisão de Educação e Cultura. O casal desenvolve em seu campo de experiência, de estudo, de reflexão e de prática, atividades de Educação Popular com adultos.
. Dezembro – Nasce dia 11, no Recife, Maria Cristina, a segunda filha do casal.

1948 –
. Elza Freire lecionou por dois anos na Escola de Especialização Ageu Magalhães.

1949 –
.Nasce em Recife, aos 14 de abril, Maria de Fátima, a terceira filha do casal.

1950 –
. O casal Freire passa a participar das atividades da Escolinha de Artes do Recife e Elza Freire se torna pioneira na integração da arte na Educação e realiza as primeiras experiências de alfabetização através da arte na escola pública quando era diretora de escola, no Recife.

[1] Como resultado de pesquisa elaborei essa cronologia resumida a partir dos percursos de Elza Freire entrelaçados aos de Paulo e dos filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, pois considero marcadores importantes, tendo em vista facilitar o entendimento quanto às temporalidades no período.

1951 a 1953 –
. Elza Freire exerce o cargo de diretora na Escola de Especialização Ageu Magalhães.

1953 –
. Em novembro, Elza Freire passa a ser diretora Padrão I da Escola Estadual Mota e Albuquerque.

1954 –
. Nasce prematuramente o primeiro filho homem: Joaquim Temístocles Freire Neto, com uma estenose do duodeno, é operado e falece.
. Elza Freire lecionou na Escola Estadual Clotilde Meira.

1956 –
. Nasce em Recife, aos 06 de agosto, Joaquim, o segundo filho homem do casal. Que também recebe o nome de Joaquim, porém outro sobrenome: Costa Freire.
. Elza Freire voltou a atuar na Escola Estadual Mota e Albuquerque.

1957 –
. Elza Freire exerce o cargo de diretora da Escola Estadual Caio Pereira até dezembro de 1963.

1958 –
. Nasce em Recife, em 01 de novembro, Lutgardes, o filho caçula do casal.

1959 –
. Paulo defende a tese "Educação e Atualidade brasileira".
. Final da década de 1950 – O casal sob forte influência da religião católica, em uma sala cedida pela paróquia do bairro em que moravam – Casa Amarela, realiza as primeiras experiências com Educação de Adultos e os primeiros passos do "Método Paulo Freire". Elza Freire traz a utilização das palavras geradoras.

1960 –
. Criação do Movimento de Cultura Popular – MCP, no Recife, Paulo e Elza Freire participam juntamente com o grupo que liderava essas atividades.
. Início dos anos 60 – O Centro de Cultura Dona Olegarina, no Poço da Panela, em Casa Forte, no Recife, é o primeiro projeto do MCP. Ali o casal Freire ao inventar os Círculos de Cultura reinventa a escola, na configuração da Educação de Adultos.

1961 –
.Paulo assume a cadeira de Filosofia e História da Educação, na Universidade do Recife.

1962 –
. Paulo cria o Serviço de Extensão Cultural, da Universidade do Recife.

1963 –
. Em janeiro, o Rio Grande do Norte, como iniciativa do governo, é cenário da primeira aplicação em escala do "Método Paulo Freire", na Campanha de Alfabetização de Angicos sob a responsabilidade do casal Freire.
. Abril – Pela primeira vez, fora do Nordeste, se experimentou alfabetizar adultos com a proposta de Paulo. O casal Freire vai a São Paulo vinculado à organização da UEE/UNE e à USP, para o trabalho de alfabetização de adultos e formação de educadores em Vila Helena Maria.

. Junho – O Governo Federal sob a presidência de João Goulart conduz Paulo a fim de executar pelo MEC em âmbito nacional o PNA. A família Freire transfere-se para Brasília/DF, onde o casal passa a atuar.

1964 –
. 31 de março – Golpe no Brasil depõe João Goulart instaura a ditadura e dá início ao exílio.
. Setembro – Interrogatórios e prisões, Paulo após a clandestinidade é levado por Elza Freire a sair do Brasil, chega na Bolívia.
. Novembro – Outro golpe militar, Paulo vai para o Chile, e com a ajuda de brasileiros exilados começa a trabalhar no ICIRA.
. Dezembro – A primogênita Madalena vai antes ao encontro do pai em Santiago, no Chile.
. Dezembro – Elza Freire terminou o ano como diretora da Escola Estadual Joaquim Nabuco e pediu licença sem vencimentos por dois anos para sair do Brasil com os filhos e encontrar Paulo.

1965 –
. Em janeiro, Elza Freire e os filhos: Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes deixam o Brasil e seguem para o Chile, a família Freire exilada e novamente reunida.
. Ao lado de Paulo, Elza Freire colabora nas atividades de alfabetização com trabalhadores camponeses analfabetos e se inserem na colônia de brasileiros exilados.

1966 –
. Do Chile, Elza Freire pede demissão do seu cargo público, em Pernambuco, senão seria demitida por abandono de cargo, no Brasil.

1967 –
. É publicado no Brasil: Educação como Prática da Liberdade, nele se encontra o poema Canção para os fonemas da alegria, de Thiago de Melo.
. Madalena casa-se no Chile com o sociólogo Francisco Weffort indo para a Inglaterra.

1968 –
. Paulo escreve em Santiago, no Chile, o livro Pedagogia do Oprimido.

1969 –
. O casal Freire deixa o Chile e segue para os Estados Unidos, inicialmente com Joaquim e Lutgardes, depois chegam Fátima e nos últimos quatro meses Cristina.
. Paulo leciona por 10 meses na Universidade de Harvard.

1970 –
. Em fevereiro de 1970, o casal Freire e os filhos: Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes partem de Cambridge, nos EUA e chegam a Genebra, na Suíça.
. Paulo começa a trabalhar no CMI, como consultor do Departamento de Educação.

1971 –
. O casal Freire juntamente com Claudius Ceccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira funda o IDAC, em Genebra, na Suíça, depois chega Marcos Arruda.
. Allende é eleito para presidente do Chile, Paulo quer voltar para aquele país, Elza diz que se for que vá sozinho, sem ela e os filhos.

1972 –
. Cristina Freire casa-se com Alberto Heiniger, em Genebra.

. Nasce no Brasil aos 26 de julho, Carolina a primeira neta de Elza Freire e Paulo, filha de Madalena Freire e Francisco Weffort.

1973 –
. Cristina e Alberto Heiniger vão morar em Bilbao, na Espanha.
. Fátima Freire casa-se com Ladislau Dowbor e vai morar na Polônia (pai exilado, família exilada, marido banido).
. Nasce na Polônia aos 29 de abril, Alexandre o primeiro neto, filho de Fátima Freire Ladislau Dowbor.
. Lutgardes, o caçula, apresenta quadros de adoecimento do exílio e seus transtornos psiquiátricos.

1974 –
. Fátima e Ladislau mudam-se para Lisboa, em Portugal.

1975 –
. O casal Freire se envolve com os movimentos revolucionários para a libertação das colônias portuguesas em África, atuando no campo da Educação em geral e, particularmente no da Educação de Adultos, inicialmente por correspondência com Guiné-Bissau.
. Cristina e Alberto retornam a morar em Genebra.

1976 –
. Fátima muda-se para Guiné-Bissau, acompanhada do seu primeiro filho Alexandre, enquanto Ladislau continua em Portugal.
. Setembro – Elza Freire e Paulo chegam pela primeira vez a Guiné-Bissau, iniciando os trabalhos e as inserções político-pedagógicas em solo de África junto aos PALOP.

1977 –
. Paulo se demite da Universidade de Genebra, tendo em vista as atividades em África, enquanto Elza Freire dá continuidade ao trabalho em África com formação de professores, elaboração de cartilhas, metodologias e viagens. O casal Freire cada vez mais se torna camarada.

1978 –
. Elza Freire e Paulo continuam assessorando os projetos de reconstrução nacional, destacadamente com Alfabetização e Educação de Adultos nos primeiros governos independentes em Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe.
. Paulo com a participação de Elza reúne parte dessas experiências no livro Cartas a Guiné Bissau.

1979 –
. Início do processo de re-abertura política no Brasil, aprovada a Anistia (Lei n.6.683/79) e Elza Freire entra com mandato de segurança contra o Ministério das Relações Exteriores para renovar o visto do seu passaporte e os de sua família.
. Agosto – No dia 07, Elza Freire ao lado de Paulo, Joaquim e Lutgardes retornam ao Brasil, após 15 anos, chegando a Viracopos, em Campinas/SP.

Figura 02 – As receitas de uma mulher, uma mulher do nordeste –
Fragmentos do caderno de receitas de Elza Freire com seus manuscritos e recortes de gravuras/receitas colados umas sobre as outras, foi coletado pela pesquisa e compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

INTRODUÇÃO
DO GOLPE À DITADURA, DO EXÍLIO À ANISTIA: ELZA FREIRE[1] E FAMÍLIA

> O que é o exílio senão [e também] uma forma de utopia?
> Ricardo Piglia (2012, p. 27).

Aos 07 dias de agosto que marca minha certidão de nascimento e de toda uma geração que nasce sob os auspícios da ditadura, os jornais[2] estampam nas primeiras páginas do ano de 1979: "Freire volta para re-aprender o Brasil", em mais um chegar "com a mulher Elza e, dois de seus cinco filhos – Joaquim, de 23 anos e Lutgardes, de 21 – desembarcará às 9h50m, no Aeroporto de Viracopos". O retorno (não definitivo) após o exílio se dá sob a égide da cidade de Campinas, a mesma que acolheu esta tese[3].

Entre partidas e chegadas, em solo nacional e internacional, o objetivo da pesquisa é discorrer e refletir sobre o exílio como consequência do golpe de 1964 que depôs o Governo João Goulart e instaurou a ditadura no Brasil. Sua caracterização se dá com a descrição e análise dos percursos de Elza Freire entrelaçados ao de Paulo seu esposo e Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes seus filhos.

No turbilhão desses acontecimentos sobrevoei por outras dimensões de se viver a ditadura e o exílio, tentei fazer conexões, reflexões e críticas, nas quais pairam o exilado a ser construído e conhecido, como sujeito que, no centro do processo, pode ser um familiar ou amigo, um anônimo ou famoso, uma professora ou estudante, ao menos alguém próximo, direta ou indiretamente envolvido, pode ser Elza ou Paulo, Madalena, Cristina ou Fátima, Joaquim ou Lutgardes. São todos exilados brasileiros.

---

[1] No Brasil, a tradição patriarcal influenciou as mulheres a adquirirem o sobrenome do marido por ocasião do casamento civil. Elza Maia Costa Oliveira ao casar-se com Paulo Réglus Neves Freire assume juridicamente pelo vínculo matrimonial sua nova designação: Elza Freire. Portanto, assim nos referimos a ela no texto.

[2] In: Folha de São Paulo, 07 de agosto de 1979, Ano 58, nº 18.388 e Diário de Pernambuco, 07 de agosto de 1979, Ano 154, nº 212 e Jornal do Commercio, 07 de agosto de 1979, Ano LX, nº 174.

[3] Sou bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – CAPES. Esta pesquisa conta com financiamento desde outubro de 2010.

Antes daquela manhã, longo período de impermanências se sucedeu. Os Freires são diretamente afetados pelas injunções do processo sócio histórico em decorrência do golpe civil militar[4] de 1964 que ascende ao poder um governo ditatorial e instaura um Estado de exceção no Brasil. A ditadura brasileira é matriz para as demais na América Latina.

As noites da ditadura encobrem os dias da utopia, por exemplo, com Atos Institucionais (AI); cassação de direitos políticos dos tidos subversivos ou perigosos; repressão aos movimentos populares e sociais; manifestações de proibição contrárias à liberdade; cerceamento aos meios de comunicação; censura aos artistas, intelectuais; estudantes e militantes; alinhamento ao imperialismo norte-americano; controle dos sindicatos; implantação do bipartidarismo com oposição controlada; enfrentamento armado aos movimentos de guerrilha adversos ao governo vigente; uso de métodos violentos de punição, tortura, prisão, desaparecimentos e mortes; expulsão, exílio e banimento dos opositores e considerados contrários à moral e à ordem pública estabelecida.

Vidas e percursos de vida alterados drasticamente. O exílio brasileiro foi uma das consequências do aparato violento utilizado pelo regime de governo que se manteve no poder por mais de duas décadas de autocracia (1964/1985), ele atingiu indistintamente homens, mulheres, crianças, jovens e adultos que saíram do país, em virtude de se tornarem alvo da ditadura e da repressão, dentre eles: Elza Freire, Paulo e seus cinco filhos.

Envolvida por mesclas de sentimentos e desafios, entendo que é preciso recuar para avançar no tempo e nas configurações[5], incursionar por percursos e realizar aproximações e distanciamentos entre objetividades e subjetividades. O envoltório de sensações e a condição de escritora me reportam aos acontecimentos, deleites e as angústias que os sujeitos envolvidos na/da pesquisa não sabiam, desconheciam, ocultavam, intuíam talvez.

---

[4] A análise Dreifussiana considera que o golpe que levou a conquista do Estado pelo bloco de poder ligado aos militares não constituiu "um mero reflexo da supremacia econômica", mas "um resultado de uma luta política empreendida pela vanguarda destes interesses". Com o autor atribuo civil-militar ao golpe de 1964 em decorrência da atuação de setores da sociedade, organizados em forma de blocos de poder, como: bloco econômico multinacional e associado, autoridades eclesiásticas, intelectuais e políticos de orientação liberal-conservadora, meios de comunicação e mídia (2008, p. 482).

[5] O sentido é o adotado por Elias – exilado do Nazismo, como ele entendo que "o conceito de configuração expressa o que chamamos de 'sociedade' e que os instrumentos conceituais da sociologia não são nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um 'sistema' ou 'totalidade' para além dos indivíduos, mas a rede de interdependência por eles formada" (1994, p. 249).

Essa condição de escritora se insere em rituais de inquietude e decisão em torno dos processos da pesquisadora. A pesquisa e a vida pulsam na primeira pessoa. Á elas, rendo o feitio de usar a primeira pessoa.

A digressão temporal pela qual enveredei me conduziu a uma periodização que se fez acompanhar por um lado da vinda à tona, das questões da ditadura e da relação da sociedade brasileira com elas e, por outro da forma de lidar com o subterrâneo do exílio, em ambos o meu esforço para torná-los processos conhecidos e melhor compreendidos.

É possível, segundo Yankelevich (2007), pensar o exílio brasileiro a partir de uma chave dupla, a do terrorismo de Estado[6] e, portanto política e coletiva; e a da experiência narrada, neste caso, as memórias através dos percursos de Elza Freire.

Procurei fazer com que a condição humana – individual e coletiva – do exílio se manifestasse na relação dialética entre o período e as experiências[7], ou seja, entremeada pela construção de um texto que mantivesse rigor acadêmico e licença poética na tratativa de suas diversidades, intertextualidades e conjunto de fontes, articulando as dimensões do macro, meso e micro.

Na contemporaneidade, os conceitos de memória e história[8] tendem a se confundir. Autores, dentre eles Le Goff (1990) trazem que, como possibilidade de leitura do real, a história é construção da memória coletiva, e nela, como em toda memória entrecruzam-se o "objetivo e o subjetivo; o registro e a criação; a lembrança e o esquecimento". E Larrosa (1996, 2002), que alinhava passado, presente e futuro, como expressões de uma arte da memória, individual e coletiva permeada pela experiência sensível.

---

[6] O referencial bibliográfico (Yankelevich, Said, Rollemberg) com o qual trabalhei não diferencia terrorismo e autoritarismo de Estado considerando suas características comuns, tais como: subordinação dos poderes judiciário e legislativo ao poder executivo; repressão a toda e qualquer oposição política e ideológica ao governo, cassação dos direitos individuais, estado de exceção, entretanto, tenho consciência que alguns autores operam com marcadores que distinguem estes regimes. Arendt (1990), por exemplo, faz distinções para sistemas ou regimes autoritários e ditaduras totalitárias, e utiliza os exemplos da Itália fascista, a União Soviética Stalinista e a Alemanha nazista.

[7] A memória não é o alinhamento objetivo dos fatos passados, mas interpretação e construção, imaginação e composição. Ancora-se no espaço, no tempo e nas mediações da linguagem. É o tempo narrado na história a partir das experiências. "Experiência é o que nos passa, nos acontece, nos toca" (LARROSA, 2002, p. 21).

[8] Para discutir a relação memória, história e processos históricos, trago autores, como: POLLAK (1989, 1992); LE GOFF (1990); FERREIRA & AMADO (1996); LARROSA (1996; 2002); COSTA [et. al.] (1980); CAVALCANTI & RAMOS (1978); GALEANO (1984, 1987, 2008).

Acerquei-me da reciprocidade entre elas e tentando compreender, por intermédio dos percursos de Elza Freire me aproximei da história (quase) recente do país. O processo estabelecido a cada momento deixava-se tecer pelos fios de respostas que sucediam outras perguntas, por laços e nós, cuja tessitura se fez contínua.

Elza Freire é o riscado que o bordado do exílio brasileiro persegue ponto a ponto.

Antes, porém, saliento que meu interesse por Elza Freire coaduna com leituras e estudos em torno da Pedagogia Freiriana, através dos quais a temática surge oficialmente com a pesquisadora em 2006, através do ingresso na Pós-Graduação, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP como parte de processos pessoais, profissionais e acadêmicos. Rodeada por interesses, problemáticas e buscas o meu percurso de vida se aproxima e entrelaça ao dela, em outros se distancia.

Elza Freire afigura-se em meu projeto de vida acadêmica, situando-me na condição daqueles que "não separam seu trabalho de suas vidas" (MILLS, 2009, p. 21) e, ao rejeitar a separação entre vida e trabalho, defendo que um pode enriquecer o outro.

Eis uma perspectiva que converge com a continuidade temporal e investigativa. Assim, a pesquisa que realizei no momento anterior – Mestrado em Educação – ofereceu-me indícios sobre a importância da atuação político-pedagógica de Elza Freire, ao longo dos anos de 1916 a 1964. Com base em diversas fontes de pesquisa, destaco o conhecimento inicial de seus "Escritos Íntimos"[9], a dissertação apresentou suas influências para a elaboração, estruturação e consolidação do Método Paulo Freire e analisou suas contribuições para a Educação e, em especial, para a práxis e o pensamento Freiriano.

A motivação assume várias dimensões e, pelas palavras de Brühl[10] acessa que no processo de pesquisa temos "de um lado a dialética entre sujeito e objeto e de outro lado entre subjetividade e objetividade" (p. 07) e completa que estes aspectos são lados de um único processo social e, portanto não podem ser dissolvidos artificialmente.

[9] Integra conjunto de fontes e acervos de pesquisa sobre Elza Freire, reunidos na forma de manuscritos (caderno, agendas, cadernetas, papéis avulsos) e o seu único texto publicado, intitulado Setembro de 1977. In: COSTA, A. de O. [et. al.]. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 200-206.

[10] Material cedido à pesquisadora pela profª Maria C.S. de Souza Campos, no 38º Encontro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU. BRUHL, Dieter. *Método Científico e Objeto nas Ciências Sociais*. S/d; S/Ed. Mimeo.

Em não se dissolvendo assim, o escopo indica que os percursos de Elza Freire não se alicerçam a um período e a uma vertente biográfica, na medida em que foram descritos e analisados a partir de uma realidade coletiva e não como um aspecto particular. As dimensões: individuais, sociais e históricas superam a perspectiva biográfica, antes de serem dimensões da vida em polos opostos elas se complementam (ELIAS, 1995, 1998).

É preciso traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre os indivíduos relacionando como eles se encontram ligados por redes de interdependência, às quais limitam sua liberdade de ação e escolha e os tornam dependentes uns dos outros, como se andassem atados pelos pés por fios invisíveis (ibidem).

O exílio, esse o tema do doutorado. Ante os percursos de Elza Freire, os caminhos se entrecruzavam para seguir. Fragmentos da história e da memória, da Educação, da vida e do Brasil, encontrando-se e arrostando-se pelos processos e experiências do exílio e através de uma "Pedagogia da Convivência[11]", continuar a descobrir, compor e elucidar fatos.

Árdua e gratificante a tarefa de pousar em páginas conexões tão vivazes do processo de construção de um trabalho acadêmico da magnitude de uma Tese de Doutorado.

Na corda bamba, o desafio de manter, na planimetria dos papéis e na linearidade dos períodos, a coerência e a coesão das ideias que pululam na cabeça e no coração de uma aspirante a pesquisadora que se engendrou em um campo de investigação, buscando compreendê-lo e analisá-lo com crítica e sensibilidade na intenção de produzir conhecimento que estimule a reflexão da/na Educação; que identifique limites e aponte possibilidades e, que em última instância, com a força de seus argumentos seja capaz de participar na construção da sociedade brasileira e de outro mundo possível.

E também de uma Educação libertária que quero e que possa com sua práxis contribuir para tornar mais justo, solidário, humano e amoroso as relações entre as pessoas e entre elas e o mundo. É lutar por uma Educação laica, pública, gratuita e de qualidade e, em especial por/com a Educação de Adultos. É assumir a posição política de pesquisar,

[11] Perspectiva formulada por mim (SPIGOLON, 2009), no Mestrado, a partir das relações estabelecidas por Elza Freire e Paulo no campo da Educação, após o casamento. Apresenta a convivência deles – que se encontram e se influenciam mutuamente também no campo da Educação e juntos desenvolvem equações teóricas, metodológicas e práticas inovadoras e emancipadoras. É o processo político-pedagógico como possibilidade dialética capaz de impedir ou minimizar a dicotomia entre os sujeitos e a realidade existencial.

tendo em vista o caráter propositivo de uma Educação, pensada e re-pensada a partir do golpe de 1964, da ditadura militar e do exílio brasileiro.

Sabe-se que caminhos e descaminhos ainda estão por ser trilhados, contudo produzir um doutorado é adentrar nos escuros escaninhos da alma e elaborar labirintos de perguntas, problemas, encaminhamentos a partir de sensibilidades e de materiais que seletivamente construímos a partir dos processos escolhidos e vividos. No dizer de Said:

> [...] o que passou a me preocupar foi como o tema se constituía, de que modo uma linguagem podia se formar – a escrita como uma construção de realidades que serviam instrumentalmente a um ou outro propósito. Tratava-se do mundo do poder e das representações, um mundo que passava a existir graças a uma série de decisões tomadas por escritores, políticos, filósofos para sugerir ou obscurecer uma realidade e, ao mesmo tempo, apagar outras (SAID, 2003, p. 310).

São processos fundidos por escolhas e vivências. Situações e enfrentamentos com que me deparo, incessantemente, impulsionando-me à vida, às decisões e reflexões. Quando "o conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira" (MILLS, 2009, p. 22), sinto e consinto não querer segregar-me, sou em um só corpo: mulher, professora, pesquisadora, ser humano. Quem (educa) ensina e aprende marca o corpo do outro.

É arte de formar, transformar, viver, conviver, é um fazer quase artesanal e, "isto significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. O artesanato é o centro de você mesmo" (ibidem, p. 22). Mesmo que minhas mãos sejam, ora de cozinheira e professora, ora de poetisa e pesquisadora, juntas elas se prestam à feitura dessa tese por/em mim mesma.

O exílio é um projeto de estudo, um objeto inserido no campo das ciências humanas, que continua se realizando por diferentes abordagens teóricas e metodológicas. No caso dos brasileiros exilados durante a ditadura, distintos ângulos vêm sendo empregados no desenvolvimento destes estudos, por exemplo: histórico, político, memorialístico, psicológico, migratório. Muitos destacam os dramas, as adaptações, as atividades de militância, o trabalho, entre as inúmeras questões intrínsecas ao tema exílio.

Ao considerá-lo, juntamente com a abrangência do período, a diversidade de fontes e as produções relacionadas, fui delineando estratégias para registrar o desenvolvimento, a realização de campo empírico, os resultados e os processos. Os percursos de Elza Freire e

de outros exilados encontram-se na interface destas estratégias, para as quais utilizei diversas técnicas e instrumentos de coleta, apoiadas nos aportes da abordagem qualitativa.

> [...] um campo que era anteriormente dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, testes de hipóteses e estatística alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por Investigação Qualitativa (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.11).

A pesquisa tem sua composição caracterizada como qualitativa, uma vez que não se investiga em razão de reunir uma quantidade de fontes e dados tendo em vista resultados, mas o que se deseja obter é a compreensão das práticas e dos processos a partir da perspectiva dos sujeitos e da investigação neles envolvida, interdependentes à configuração na qual se encontram inseridos, assim sendo há "maior interesse pelo processo do que pelos resultados ou produtos" (ibidem, p. 16-50).

No que se refere às categorias, elas me permitiram uma elaboração pelo manuseio articulado das fontes – entendidas como possibilidades para trazer dimensões de análise do real nos entrecruzamentos da própria pesquisa: o aspecto político do exílio; o cotidiano das experiências; as práticas e os saberes que facilitam, dificultam e re-inventam outros; o teor sensível dos sujeitos e os sentidos produzidos a partir deles.

O caminho teórico-metodológico seguiu em permanente construção. Brühl sustenta que a decisão sobre a utilização e a composição de métodos não deve ocorrer independentemente ou à margem do conteúdo e dos problemas da pesquisa. Os "métodos são a 'humanização da ciência'". O movimento da dialética como em qualquer processo social é básico para "a conceituação do processo de pesquisa, a metodologia" (p. 06).

Quando se define isto em nível de reflexão teórico-metodológica, estabeleço relação com procedimentos, que captam e permitem a interação com/entre o sujeito da pesquisa, os quais se afiguram a proporção em que os percursos de Elza Freire regulam e configuram as temporalidades. "Os métodos são, portanto, corretos na medida em que sejam aplicáveis dentro dos limites que o tempo e o espaço lhes impõem" (ibidem, p. 03).

Eles me ajudaram a delinear contornos para limites e possibilidades deste *métier* acadêmico, cujo *focus* é o exílio a partir dos percursos de Elza Freire como uma experiência particular e, ao mesmo tempo coletiva, configurando processo sócio histórico não isolado.

Nesse sentido, alinho-me a uma perspectiva em que o exílio é entendido como mecanismo de exclusão política, terrorismo de Estado, que desenvolve um papel fundamental na configuração das relações nacionais, latino-americanas e mundiais. A experiência de ser exilado, para o indivíduo e o grupo submetido a ele, representa:

> [...] comporto dolor y sufrimento – desarraigo, perdida de identidad, la interrupción violenta de todas las actividades de la vida cotidiana [...] uma violación de los Derechos Humanos; por último, los exilados realizaron uma labor política de denuncia internacional del terrorismo de Estado[12] (YANKELEVICH, in YANKELEVICH Y JENSEN, 2007, p. 11).

A princípio, o exílio brasileiro e latino-americano correspondia aos desvarios das elites políticas vinculadas às Forças Armadas que o estabeleciam enquanto um mecanismo de exclusão institucionalizada e isolamento político. Esperava-se que ele como instrumento punitivo e repressor, funcionasse se limitando ao controle com menor custo político e econômico se comparado à prisão e à morte na medida em que ao neutralizar os subversivos e opositores se agia em favor das imposições das hierarquias de poder.

Ao se instalar a cassação de direitos civis, políticos e humanos, inclusive com a expropriação da liberdade para isolar, afastar, segregar e até eliminar aqueles que divergiam da ordem vigente e estabelecida ansiava-se desarticular os contrários ao regime governamental e, aqui é preciso reconhecer "Brasil" como incontáveis causas mortis.

Porém, em certa medida o exílio também produziu e representou paradoxalmente a ampliação dos horizontes, impulsionou a descoberta de países e suas culturas; mostrou formas e sistemas políticos, proporcionou o acesso a diversas referências.

Já se passaram quase cinquenta anos desde que aconteceu no Brasil o golpe de 1964, cujo exílio foi consequência que atingiu direta ou indiretamente, homens e mulheres, famílias que saíram do país, independentemente do seu grau de envolvimento com os acontecimentos. Diferentemente dos termos asilado ou refugiado[13] que são instituídos de forma jurídica e cuja atribuição pode ser feita apenas pelo Estado ou "país de acolhida", o

[12] Para trechos em outra língua mantive o original, com exceção de alguns que foram traduzidos em circunstâncias específicas e oportunas no decorrer do texto.

[13] Entendo que estas concepções se fundamentam para proteger/defender a pessoa humana, tendo como base o respeito aos direitos humanos. A ONU, não faz distinção entre eles. Vide: HALAN (2003); VALADÃO (1986) e as publicações da Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU.

termo exílio não constitui um estatuto jurídico. É, em realidade, definição mais ampla e social, que faz referência ao aspecto político e existencial e, algumas vezes menos jurídico.

A concepção adotada é a de que a condição de exilado(a) não se confunde com a de asilado(a) ou a de refugiado(a), pois "o estatuto legal não cobre a diversidade de situações de exílio, nem abrange aquelas pessoas portadoras de documentos mas que não poderiam voltar em segurança, e cuja situação formal foi sempre bastante ambígua" (COSTA [et. al.], 1980, p. 18). Deste modo, minhas opções, se relacionam com a busca por proteção internacional, em virtude de sua discordância do *status quo* vigente no seu país de origem.

Entendo que a saída do país é, para a maioria, a única escolha mesmo que limitada ao absurdo da opção entre ficar e morrer ou sair e viver. Então, quem se torna exilado(a)?

> São exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes. São exiladas as que perderam suas condições de trabalho, também aquelas que não puderam suportar o sufoco numa sociedade onde a ditadura desenvolveu tantas formas de opressão. E ainda aquelas que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cerceadas (COSTA [et. al.], 1980, p. 18).

Elza Freire professora, esposa e mãe, "brasileira, exilada, minoria [...] descobrindo a par e passo outra condição também determinante e comum: Mulher (es)" (ibidem, p. 15).

Em resposta ao quesito relevância e legitimação da pesquisa, o avanço científico da mesma se justifica em parte devido à produção ainda incipiente de estudos que contemplem a temática. Elza Freire é uma mulher exilada que ocupa posições em diversos tempos e espaços, em esferas públicas e privadas, permitidas a ela num determinado momento, conquistadas numa determinada configuração, seja dentro do Brasil, seja pelo mundo.

Perrot (1989) discute e defende que a presença feminina vinha sendo ignorada, mantida na sombra, excluída dos relatos oficiais e acadêmicos. Os espaços privados de visibilidade feminina não mereciam ser examinados quando os espaços públicos e masculinos eram superdimensionados. Os homens exerciam o poder, protagonizavam; ao passo que as mulheres, eram mantidas em papéis subordinados, coadjuvantes, atrás do palco, nos bastidores, longe dos refletores.

Lopes (2000, 2001), Silva (1987) e demais autores, consideram quase inexpressiva a ideia de se produzir estudos específicos em torno das mulheres em ciências[14]. No entanto, são discussões que vem se consolidando em vários campos disciplinares a alguns anos, particularmente nos Estados Unidos, Inglaterra e França.

De modo eventual, a ausência da produção acadêmica e bibliográfica sobre mulheres, se faz mais perceptível aonde predominou a análise das iniciativas levadas a efeito na esfera pública. Aliás, outra razão desta ausência, a ser considerada, é o lugar ocupado pelas mulheres nos campos da História em geral e, em particular da Educação.

Segundo Fávero & Britto (2002) existem poucas produções sobre a presença das mulheres educadoras, considerando que esse fato se deve as mulheres terem tido pequena visibilidade nos quadros mais legítimos do campo educacional. Referente ao exílio, Rollemberg (1999) tece considerações semelhantes. As autoras advertem que esse aspecto e suas peculiaridades podem ser objeto de discussões e investigações científicas.

Nesta linha de argumentação, estudos conjugados referentes à Educação e ao exílio, às mulheres professoras e exiladas são insípidos e, destacadamente sobre Elza Freire são desconhecidas pesquisas[15], fundamentando o ineditismo das fontes e a originalidade do tema na conjuntura das discussões científico-acadêmicas.

Por estas e outras razões, busquei uma perspectiva de descrição, interpretação e compreensão, onde subjetivo e objetivo, individual e coletivo se entrelaçam: o das experiências/emoções, o dos percursos pessoal/profissional e o da vida cotidiana.

Da vida e do cotidiano no:

> Exílio[16]
>
> Barco à deriva ansiando âncoras
> Árvore carpindo raízes
> Rio anelando nascentes

[14] Na tentativa de aproximar pesquisadores brasileiros dessa temática, o *Cadernos Pagu – Gênero, ciências e história*, nº 15, 2000; apresentou dossiê editado por Margaret Lopes; outros países ver KOHLSTED (1995).

[15] Para o levantamento das produções, pesquisas e estudos sobre Elza Freire, fiz diligências junto a diversos bancos de dados, por exemplo, na plataforma CAPES/MEC e nos Arquivos Edgard Leuenroth – AEL.

[16] Poema de Deodato Rivera. In: CAVALCANTI & RAMOS (1978, p. 274). Relevante dizer que a 1ª ed. mundial é publicada em Lisboa pela Arcadia em 1976, e no Brasil em 1978 pela Editora Livramento Ltda. Trata-se de obra coletiva, sob o patrocínio de Paulo Freire, Abdias do Nascimento e Nelson Werneck Sodré.

Relógio de tempo morto
Tempo cortado em dois
Vida longe no antes
Semente lançada em pedra
Chuva a chover no mar
Pólen intransmitido
Vagalume em noite vã
Ponte dum lado só
Flor de transplante

Sonho a esvair-se em pó
Lágrima clandestina
Saudade atávica
Paris, janeiro, 1976.

O exílio brasileiro pode ser considerado uma experiência vivida por duas gerações, a de 1964 e a de 1968, de acordo com a análise de Denise Rollemberg (1999). Ambas as gerações são expulsas do Brasil pelos ciclos da repressão e da violência e, embora as saídas para o exílio tenham ocorrido continuamente entre e após esses marcadores, é possível percebe-se que há, em geral, um desconhecimento sobre os diferentes ciclos repressivos da ditadura brasileira, que ocasionaram momentos distintos dessas saídas para os grupos considerados ameaçadores ao regime instaurado pelo golpe civil militar em 1964.

As características específicas de cada ciclo repressivo representa o público alvo ao qual a repressão e a violência adotadas pela ditadura eram direcionadas, isto possibilita definir dois diferentes grupos de exilados chamados de gerações, em virtude das características compartilhadas entre os membros de cada grupo.

As gerações de 1964 e 1968 são como "duas margens, duas paralelas que não se tocam. As pontes foram raras e frágeis" (ROLLEMBERG, 1999, p.51).

A primeira geração, que começou a deixar o Brasil ainda em 1964, caracteriza-se pela atuação política através das vias legais e pela vinculação aos movimentos reformistas e partidos existentes antes do golpe, já eram na maior parte pessoas maduras e definidas profissionalmente, que operavam dentro da ordem e, em sua maioria por meio de instituições consolidadas do regime democrático e vinculavam-se a diferentes grupos, partidos e ideologias, tendo em comum o fato de ocuparem postos no Governo de Jango.

Essa geração foi expulsa do país pelos ciclos de repressão marcados pelos atos de cassações políticas. Esta característica permite afirmar que a repressão desencadeada nesse período foi voltada aos membros do governo deposto e partidários a ele, embora outros

movimentos político-pedagógicos e socioculturais também tenham sido violentamente reprimidos, tendo seus líderes e integrantes perseguidos, presos e exilados.

A segunda geração, vinda de uma curva ascendente, até meados de 1968, passa a deixar o Brasil após o ciclo repressivo desencadeado pelo AI número 5, cujo principal alvo foi representado pelas organizações clandestinas que valorizavam a ação denominada revolucionária e identificada a militantes, originários dos movimentos estudantis e da luta armada, muito mais jovens, ainda não possuíam, em sua maioria, profissão definida e, operavam "clandestinamente, nas margens da ordem" (FERNANDES, 1976, p. 213-252).

Há duas gerações de exilados brasileiros – o pré e o pós 1968, demarcados com acontecimentos característicos: os atos de cassação (1964) e o AI-5 (1968) e o chamado "golpe dentro do golpe". Neste sentido, pesquisar, levantar e acompanhar a primeira geração de exilados – 1964, é diferente de fazê-lo com a segunda – 1968; uma vez que os vínculos oficiais com o Governo Jango e com o plano de metas e as reformas de base, tendo em vista a construção da sociedade brasileira apresentam escalas de comprometimento e visibilidade nacionais variadas. Isso me leva a apontar que a geração 1964 foi em sua maioria composta pelos classificados como intelectuais do Estado (PÉCAUT, 1990).

O AI-5, promulgado em 13 de dezembro, de 1968, é um marcador importante do regime governamental ditatorial. Através dele dirigentes autoritários oficializaram dispositivos jurídicos repressivos, e se outorgaram o poder de cassar os direitos civis e políticos dos cidadãos com a implantação de um Estado de exceção. Com o Decreto 477, instrumento que institucionalizou a repressão nas universidades, líderes estudantis foram expulsos, perseguidos, exilados, muitos deles presos e mortos sob tortura (ARNS, 1985).

O Ato representou a radicalização das medidas tomadas pelo governo para sufocar a oposição que crescera e avançava. Em outras palavras, a partir do AI-5 a ditadura passou a perseguir os opositores de maneira mais brutal e direta, através de uma legislação altamente autoritária, que abriu o caminho para a utilização descontrolada do aparelho repressivo do Estado (MARQUES, 2011; ALVES, 2005).

A proposição de Mannheim é igualmente relevante ao destacar que o conceito de geração pode abranger grupos heterogêneos de sujeitos a partir de experiências históricas comuns. A geração pode ser pensada como "um tipo particular de identidade de situação,

podendo abranger grupos etários, diferença de status ou situação social, relacionados e incrustados em um processo histórico-social" (1982, p. 73).

O conceito de geração adotado se ancora em Rollemberg (1999, 2004) e Sirinelli (1996, 2006). Geração é composta por indivíduos marcados por um ou vários eventos:

> [...] esses efeitos da idade são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido do estrato demográfico unido por um acontecimento fundador que por si mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma geração dada extrai dessa geração uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida (SIRINELLI, 1996, p. 255).

O diálogo em torno do exílio brasileiro – discussões, análises e reflexões acontecem aqui nos quadros da primeira geração de exilados, a geração de 1964, considerando alguns critérios como: quem foram e os acontecimentos fundadores. Prioriza os percursos de Elza Freire e ao escolhê-los o faz como parte dos processos, das experiências e das consequências advindas com o golpe, a ditadura e o exílio.

Destarte o material apresentado não tem peso estatístico no sentido de permitir generalizações de tipo quantitativo. Entretanto, avalio que as reflexões desenvolvidas podem favorecer a escrita de uma história coletiva do exílio brasileiro, tendo em vista agregar conhecimento em torno de um grupo e de determinados processos sociais não como parâmetro para universalizar resultados. São narrativas que mesclam fragmentos do vivido, interpretações pessoais e experiências coletivas, enquanto memórias e expressões dos exilados da geração 1964, descritas e induzidas pelas variáveis importantes e determinantes em seus aspectos qualitativos.

A formulação e operacionalização destas variáveis não apresentam caráter único, porém se orientam no sentido de alargamento da compreensão dos fatos e processos em sua complexidade. O que pretendo é ir ao encontro da situação no seu acontecer, no seu movimento e desenvolvimento.

Desenvolvimento que se efetiva numa perspectiva histórica, memorialística e sociológica, ou seja, pensar Elza Freire sujeito, enquanto exilado(a), nos espaços e tempos considerando classe, gênero, geração, opções estéticas e éticas, uma vez que "estas pessoas

constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados" (ELIAS, 1999, p. 15).

Na confluência destas teias e no ensejo de demonstrar as configurações nacionais e internacionais, nas quais ela e sua família se envolveram e se vincularam é que se dá o levantamento das diversas redes: relacionais, institucionais, governamentais, etc.

O esquadrinhar destas redes se baseou inicialmente em solo brasileiro, expandindo-se em seguida pelos países aonde o casal Freire estabeleceu residência: Chile, Estados Unidos e Suíça; depois, de modo concomitante, seguiu os desdobramentos de inserção político-pedagógica em África e as partidas e chegadas dos filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes.

Os parâmetros que utilizei para delimitar o recorte da tese se fundamentam mais em marcadores temporais do que conceituais, uma vez que compreendo o início do exílio com o golpe civil militar em 1964 e o seu fim, digamos assim, com a aprovação da Lei de Anistia e o retorno (não definitivo) de Elza Freire em 1979, tendo como ponto de partida e de retorno o Brasil. É na intersecção destes tempos e espaços que situo sua periodização.

As circunstâncias me levam a dizer que o exílio se define antes de deixar o país, pois "quando um homem necessita de se esconder é porque perdeu a liberdade!" (JULIÃO, 1978, p. 289). Ações, permanências e vidas em solo brasileiro são drasticamente afetadas numa demonstração do poder arbitrário e abusivo, que persegue, expulsa e exila. Os Freires somam-se ao contingente de brasileiros exilados.

1960 e 1970 são décadas fortemente marcadas por desencadeamentos de acontecimentos históricos, políticos, econômicos, socioculturais e educacionais que provocaram rupturas, alteraram realidades de países e influenciaram povos em vários continentes, culminando num mundo em que o exílio é condição inescapável.

Said, Yankelevich, Rollemberg, dentre outros, sugerem que as situações de exílio se manifestam por uma conjuntura específica e por problemáticas próprias. Entretanto, existem elementos comuns que podem ser percebidos, nos exílios de diversos povos, em diferentes culturas e momentos. Desta forma, entendo que não há um exílio, e sim muitos.

Os exílios de Elza Freire e sua família são denominados por mim como Diáspora Freiriana que traça deslocamentos, esboça apátridas, delineia reconversões e esquadrinha estigmas e, também mapeia lugares, cruza fronteiras e percorre caminhos.

Os processos de exílios provocaram circulação[17] que experienciada por Elza Freire e sua família pode ser qualificada diaspórica, na proporção em que a memória individual e coletiva se liga concomitantemente a multiplicidade de lugares vividos na diáspora (BRUNEAU, 2009; CORTES & FARET, 2009; COURGEAU, 1988; HALL, 2006).

Imersos no exílio, que envolveu circulações seguidas por rotas internas e externas, as fronteiras para os Freires se romperam de vez com a saída do Brasil, inicialmente, pelas Américas, via América do Sul, com conexão no Chile e depois nos Estados Unidos. De lá, estabelecendo residência fixa na Suíça eles passam a circular pela Europa e África. Tais estratégias construídas a partir dos percursos de Elza Freire caracterizam uma diáspora em escala local que se amplia para a regional, nacional e internacional.

Os espaços de circulação, nesta perspectiva, não são apenas lugares de origem, de trânsito ou de destino, eles representam lugares de relação, portanto, espaços de vida (COURGEAU, 1988).

O exílio produz diásporas na medida em que coloca grupos nacionais em situações de mobilidade, em territórios circulantes, em várias escalas e ao impedir o retorno ao lugar e às condições de origem. Esta dinâmica se opõe á constituição do estado-nação pensado como território definido, delimitado e centralizado. Ela, contrariamente, é uma organização descentralizada, policêntrica e com limites e fluxos cartográficos mal definidos.

A arte de mapear a Diáspora Freiriana[18] suscitou tracejar percursos de circulação, ou seja, espaços de vida que provocaram experiências de reconversão[19] constante associada ao

[17] Optei pelo conceito de circulação para referir-me aos percursos de Elza Freire e sua família realizados durante o exílio porque entendo que ele recobre as situações onde a mobilidade predomina como elemento organizador das dinâmicas sociais, individuais e grupais.

[18] O mapeamento que fiz de cada percurso dos Freires para ligar os pontos e traçar a Diáspora Freiriana ilustra a época do exílio brasileiro, compreendido entre 1964 a 1979. Ele registra ângulos pouco conhecidos também da ditadura brasileira e retrata como foram se sucedendo a partir dos percursos de Elza Freire.

[19] Segundo Saint Martin o conceito de reconversão potencializa a compreensão de processos de formação e construção de identidades ou de composição e recomposição de percursos de sujeitos ou grupos. "As estratégias de reconversão dão visibilidade a rupturas de itinerários considerados mais esperados e [...] dão lugar a deslocamentos no espaço social, através do abandono de posições instituídas" (1995, p. 1023-1024).

exílio. Elas foram capazes de impactar percursos pessoais, escolares, profissionais, familiares, interferir nos processos identitários, nos significados e nas formas de encará-las.

Os percursos de Elza Freire inseridos neste mapa apontam que as identidades individuais e coletivas estão em contínuo movimento. Em assim sendo, as identidades não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais e nem produtos de estruturas sociais ou de políticas impostas de cima, mas são construções sucessivas de apropriações ocorridas em processos sempre diversificados de ações recíprocas entre os sujeitos e os diversos âmbitos de integrações sociais. Elas resultam de negociações, precárias e fecundas, de processos de apropriações e constituem expressões sociais em construção (DUBAR, 2005, 2009; DUBET, 1996; HELLER, 1977).

As identidades diaspóricas resultam de construções precárias e inacabadas, pois são marcadas pelos vínculos distantes com o país de origem e pelos elos estabelecidos nas impermanências em diferentes espaços nos países de acolhimento.

As reconversões (SAINT MARTIN, 1995) ocorridas nas identidades (DUBAR, 2005, 2009) dos exilados, incluindo os Freires, podem ser tomadas como manifestações de processos inacabados de desestruturação/reestruturação, uma vez que as rupturas implicam em rearranjos, melhor ou pior sucedidos, e atingem as esferas afetivas, profissionais, jurídicas, etc.[20]. Esta dinâmica às vezes assume a aparência de uma crise de identidades.

A Diáspora Freiriana e/ou a circulação diaspórica é frequentemente compensada pelo labor da memória. Nestes cenários dos exílios a memória se esforça por ser preservada e recriada, reconvertida para melhor produzir, se reproduzir, se adaptar e ser acessada.

A delicada e difícil questão a refletir sobre a memória não reside naquilo que é possível rememorar, mas em saber lidar com o silêncio, o esquecimento... Se há forças que provocam o enfraquecimento da arte de narrar enquanto discurso vivo, também tais forças fazem aparecer "uma nova beleza ao que está desaparecendo" (BENJAMIN, 1985, p. 201).

Ancorei-me nas narrativas da memória de vários sujeitos de modo geral e, de modo especial, nos "Escritos Íntimos" de Elza Freire.

[20] Os conceitos de reconversão (SAINT MARTIN, 1995) e identidade (DUBAR, 2005, 2009) se referem a trabalhos realizados pelos sujeitos ou grupos mobilizando de modo estratégico recursos detidos (econômicos, culturais, simbólicos e sociais), e também as avaliações das oportunidades, das disposições e das perspectivas em relação ao futuro.

Ao trazer os "Escritos Íntimos" para as análises, respeitei seus processos e não me detive em prováveis datas de produção. Procurei no trato com eles manter cautela e cativá-los no tocante à sobreposição das fontes, para que umas às outras não se ofuscassem. Em muitos momentos eles falam por si, ganham corpo e ocupam espaços.

É como se ao lidar com eles trabalhasse com a alquimia de elementos muito potentes entremeados por temáticas igualmente fortes. Darei continuidade à abertura dos manuscritos que em situações oportunas virão de novo à tona, pois a opção, de minha orientadora e minha, é trazer fragmentos desses manuscritos, denominados "Escritos Íntimos" na tentativa ousada de não decifrá-los, e sim se aproximar de sentidos e significados neles contidos.

Ao trazê-los assim, de forma diluída na composição da tese, considero as impossibilidades de fazê-lo em sua totalidade. Tentei com que eles fossem trazidos cuidadosamente para o interior do texto, seguindo as intertextualidades feitas. Segundo Débora Mazza (2013) eles são portadores de uma riqueza fenomenal.

Trabalhei as narrativas como possibilidades de acessar processos e experiências do exílio e (re)construir percursos, mediatizados por singularidades e generalidades. É como somos capazes de imaginar, interpretar, criar para contar, narrar, lembrar.

> El tiempo de nuestras vidas es, entonces, tempo narrado; es tiempo articulado en una historia; es la historia de nosotros mismos tal como somos capaces de imaginarla, de interpretarla, de contarla y de contar(nos)la [...] Y es así, como narración, que cada punto del camino contiene todo el camino. [...] Por eso, en tanto que narrador, el caminante se contiene a sí mesmo en toda la extensión de caminar su camino (LARROSA, 1996, p. 467-468).

Por caminhos fiz-me imersa numa perspectiva sócio histórica, crítica e reflexiva. Ao perfilar o mapeamento bibliográfico, alimentado pelo levantamento ininterrupto das referências, equacionei o esforço de articular, associar, catalogar e legitimar o conjunto de fontes documentais e não documentais.

Pois, os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os "monumentos", herança do passado, e os "documentos", escolha do historiador (LE GOFF, 1990, p.535). Podem também apresentar-se com diversas fontes de pesquisa que auxiliam diretamente as investigações e que se reportam às narrativas, que neste sentido, se tornam "um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que de outro modo, não teriam

sido localizados" (THOMPSON, 1992, p. 25).

Ao me referir ao conjunto de fontes[21] como materiais de análise e "materiais de memória coletiva e da história", passo a classificá-los "documento/monumento" (ibidem, 1990, p. 548), compreendendo as fronteiras do mundo acadêmico mais que os volumes do catálogo bibliográfico (ibidem, 1992, p. 26).

A partir destes conceitos, o tratamento ao material se dá, resguardando o campo de pesquisa, tanto pretérito quanto hodierno. É um acervo constituído como fruto da minha coleta de dados e coleção de fontes, que se insere de forma dialética com seus sujeitos nas feituras e leituras das páginas dos textos e nas elucubrações que deles reverberam.

Diante disso, o caráter histórico, memorialístico e sociológico, se expande e dialoga com fontes, fatos, fotos e fragmentos, no propósito mais abrangente de discutir e refletir o exílio, pensado, sentido e vivido a partir dos percursos de Elza Freire e sua família.

Identifico na multiplicidade das fontes, um recurso que se sobressai enquanto instrumento para descrever as ambiências políticas, pedagógicas, sócio históricas, econômicas e culturais, entendidas como manifestações de uma época, de um tempo e de muitos lugares. Por exemplo, ao considerar vertentes artísticas e literárias, com matiz conscientizadora, voltada para a problemática da sociedade, trago para o texto e atribuo a elas sentidos e efeitos do caminho percorrido pela pesquisadora para uma composição mais diversificada e sensível que, ao tratar destas questões, mantenha os critérios científicos.

Com certo acanhamento, a composição textual desenvolve-se perseguindo inexoravelmente a construção dos fatos e a explicação dos seus nexos profundos. Em processos que o conjunto de fontes é forma de expressão que não expunge o imprescindível desventramento da pesquisa. Então, entendo que poesias refletem os problemas do mundo e do ser humano; figuras denunciam a violência e ilustram posicionamentos diante dos regimes autoritários; narrativas revelam experiências; músicas reagem contra a censura e protestam a favor da liberdade; "Escritos Íntimos" desnudam escolhas, intenções e ideias.

O conjunto de fontes é recurso analítico que lancei mão, estendi olhares, despertei sentidos. As iconografias, sem distinção, ocupam lugar de destaque no acervo da pesquisa.

[21] Desde 2006, venho reunindo materiais/acervos de pesquisa em torno da temática Elza Freire, constituídos a partir das fontes: documentais e não documentais, oficiais e não oficiais, escritas e orais; iconográficas; nas quais destaco os "Escritos Íntimos" e também filmografias, discografias, poesias, gravuras, cartas, etc.

Traduzem ambiências, revelam personagens, fixam imagens, emolduram o tempo.

Inventariar a abrangência deste acervo e garantir às fontes a problematização das fotos e dos diversos registros além de ser um instrumento para lidar com indicadores de classe social, condições econômicas, patrimônio cultural, dentre outros, ainda demonstra como os corpos e os papéis foram guardando e transformando as experiências.

Tentei fazer com que a Educação – uma vez que constitui campo que desperta meu interesse, agisse como permeio para os demais campos da pesquisa e seguisse sendo o mote para o envolvimento do casal Freire com a problemática social e as questões existenciais do exílio. Tentei associar à cronologia do período uma descrição e análise transversais intercaladas pela re-constituição do exílio brasileiro à partir dos percursos de Elza Freire e sua família, através das fontes documentais e não documentais. Nesse sentido, além de resguardar os sujeitos e realizar o entrecruzamento entre elas, levei em consideração todos os elementos que identificassem temáticas recorrentes de exílio e aqueles que me ajudassem a dar visibilidade a esta mulher, explicitando eixos coletivos e individuais.

Eixos que como feixes juntam as experiências dos sujeitos – a subjetividade na construção histórica e as entrelaçam à dimensão individual com a coletiva – a objetividade nos critérios do fazer científico; o macro com o meso e o micro; a utopia com a realidade; a prisão com a liberdade – o exílio no coração do homem, da mulher está atuante; local com regional e o nacional; o nacional com o internacional; as raízes culturais com o multiculturalismo; etc. Assim, ao tentar iluminar um período em vários aspectos, veio á tona um exílio pouco conhecido, neste caso, importante para reconfigurar, montar e escrever a memória e a história acercando-me de outros tipos de investigação e estudos.

É ao seguir pelos percursos de Elza Freire que me aproximo da leitura do mundo que antecede a leitura da palavra, é a leitura de trechos da vida de Elza Freire ao lado de Paulo e das condições concretas que contribuíram para produzir experiências, práxis e pensamentos. O exílio teve papel decisivo nas leituras subsequentes e nas materialidades das propostas também político-pedagógicas do casal.

O método e a metodologia[22] seguidos e dentro de uma lógica de pesquisa, com suas possibilidades e seus limites, exigiram da minha parte um afinco peculiar e uma dedicação exclusiva de organização de fontes e de realização de campo empírico, que tornaram real um trabalho (quase) arqueológico... fui de cidades a países; vasculhei estantes e gavetas; incursionei por arquivos e acervos; visitei fundações e organizações; estive em embaixadas e tabancas; fiz transcrições e glossários; digitalizei rasgaduras e gravuras; elaborei roteiros e relatórios; escrevi diário de bordo; racionalizei o uso de recursos variados; ponderei prazos e cronogramas; ordenei temporalidades; debrucei-me por livros e manuscritos...

Os processos, escolhidos por minha orientadora e por mim, fazem "recordar aquí algo que cualquier investigador sabe por experiência: para hacer uma buena investigación es más importante el método práctico que la metodología teórica, porque recorrer un camino es más importante que hablar de él" (BORREGO & PEDREÑO, 2010, p. 11-17).

Considerando o desafio do trabalho com depoimentos, a prerrogativa a priori foi os filhos, que se processou em vários momentos e em diferentes maneiras, tendo eles se manifestado, desde silêncios até a doação de acervos pessoais. No intento de verificar as características inerentes ao exílio, com ênfase em Elza Freire, de modo sincrônico entrevistei aqueles que se vincularam a eles e aos seus percursos, inclusive no pensamento e na práxis do casal. Parte destas entrevistas realizou-se durante o Mestrado.

As configurações sociais, políticas e pedagógicas nas quais Elza Freire, Paulo e sua família se inserem ainda no Brasil, estabelecem a condição de visibilidade nacional que assumem, oferecendo possibilidades de compreensão para suas atuações. Depois, configurações similares nas quais um contingente significativo de brasileiros exilados da geração de 1964, dentre eles os Freires vão gradativamente fazendo parte, indica que no exílio eles transitaram em torno das esferas dos projetos pessoais e coletivos.

Diante desta hipótese central, apresento: em que cenários construídos se podem compreender uma época, um tempo, uma mulher, muitos lugares – Elza Freire? Que posição ela e Paulo, os Freires ocupam em escala nacional, regional e local, a ponto de

[22] O sentido atribuído é que "método viene del término cuyo significado era el de "camino hacia algo". Podemos pensar pues en el método de investigación como en un camino que recorre quien trata de obtener um conocimiento. La metolología es una cosa distinta, con un carácter más teórico: es un discurso sobre ese método, algo que viene a posteriori a hablar de él par describir-lo – como quien hace un relato del camino recorrido –, analizarlo o sistematizarlo" (BORREGO & PEDREÑO, 2010, p. 11-17).

terem que sair do país quase junto com o presidente João Goulart? Quais foram as escolhas, os sentidos e os espaços ocupados por essa mulher? Por quais vias se dá o exílio, a saída do nacional, a chegada ao internacional e as impermanências? Quais os impactos para ela e seus vínculos familiares, profissionais, relacionais? Quais as estratégias de inserção e de sobrevivência elegidos por ela? Como era o cotidiano nos países de acolhida, as adaptações com o desconhecido e o agrupamento de brasileiros exilados? Qual o papel da militância e das redes relacionais já constituídas e das que passam a existir? E em que redes ela/eles se vinculam? De que maneira as experiências do exílio são revertidas em propostas político-pedagógicas? Os processos de rupturas e esquerdização do casal Freire? Como se deu as reconversões identitárias, os movimentos de circulação pelo mundo e o retorno ao Brasil? Por que Elza Freire não teve o reconhecimento político, educacional e social por parte da academia? E por que tanto para a academia, quanto para a produção, obra e vida de Paulo Freire a sua imagem de mulher educadora ainda continua sendo exilada?

Objetivando me aproximar destas e outras indagações surgidas, busquei auxílio na elaboração de materialidades que orientassem a exposição do texto, tentando seguir uma lógica de pesquisa em diálogo com a lógica da tese e "a necessária distinção em situar em níveis diversos de abstração o objeto de conhecimento, sob a estruturação e articulações entre projeto de estudo e plano de pesquisa" (HIRANO & RODRIGUES, S/d; S/Ed).

Permiti-me construí-las sob as nuances de uma imaginação sociológica[23], para que a pesquisadora "pense de uma forma distanciada" das rotinas que lhe são familiares, despertando o senso crítico e o pensamento imaginativo. Faz-se necessário "uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos". Através da "imaginação sociológica" pode-se entender com mais facilidade a interação do indivíduo com o meio social, uma vez que torna-se susceptível de se ver as influências deste sobre o percurso pessoal (MILLS, 1975, p. 11).

"Do golpe à ditadura, do exílio à anistia: Elza Freire e família" nomeia a introdução, que traz a apresentação panorâmica dos eixos temáticos e da pesquisa dando destaque ao

[23] Imaginação sociológica, original em inglês *Sociological imagination*, é conceito do americano C. W. Mills, como um tipo incomum de pensamento que estabelece conexões mais amplas entre indivíduo e sua sociedade.

conjunto de fontes em suas intertextualidades, contempla os aportes teórico-metodológicos e as categorias de análise, destaca aspectos de interpretação e lacunas a se completar.

Em seguida, a cronologia de Elza Freire se entrelaça com a de sua família, numa laboração que vai até 1979, regula e configura temporalidades.

Sugere Piglia "que a única maneira de captar essa ordem que define seu destino é alterar a cronologia" (2012, p. 27). Assim, por meio da inserção de Elza Freire e dos filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes à cronologia inicial de Paulo busquei captar algo além do que já foi expresso. Ela se altera, pois foi feita no acompanhamento dos percursos de Elza Freire, e no decorrer dela estão destinos, tempos e lugares, alguns cooptados pelo silenciamento ou apagamento, outros não.

Tentei, antes, mostrar o movimento histórico embutido nestas vidas que agora realçam uma tendência na história contemporânea, a constituição de um grupo no Brasil que viveu, sofreu e sobreviveu as consequências do período da ditadura e do exílio, mas que também expressa o meu intento em tornar público, por vias investigativas, um pouco dos percursos e das experiências dos Freires de modo geral e, em particular de Elza Freire, enquanto sujeitos que fazem com que o particular ganhe a dimensão universal.

No tear desta busca (frenética) empreendida por mim se dá o manuseio dos fios com os percursos dos Freires – tramam-se os processos, as experiências e as memórias do exílio brasileiro, se faz a tessitura das páginas.

As figuras e caixas de texto que anunciam os capítulos constituem parte do conjunto de fontes. Elas são utilizadas para contornos analíticos e não apenas como mera ilustração.

O capítulo I "Cenários de uma época e o espírito de um tempo" traz a ambiência das sociedades e tenta mostrar as mudanças ocorridas no período ao fazer uma discussão sócio histórica que se realiza através de um recuo temporal necessário para se conhecer as circunstâncias, os sujeitos, as configurações e os movimentos de uma dinâmica no interior da qual emerge Elza Freire.

Os caminhos para o recuo incluem o nordeste e, em especial Recife, o que representou ocasião propícia para apropriações possíveis em torno dos percursos de Elza Freire, pois, de um lado trata de um momento particular da história do país, um tempo de repressão em que homens e mulheres idealistas, partidários da democracia e da liberdade

sofreram autoritarismos de variados quilates, obrigados a habitar celas de inquérito e prisões e, de outro: Elza Freire faz conhecer não apenas os seus percursos e os de sua família, mas igualmente a de muitos brasileiros, militantes, homens e mulheres feitos prisioneiros de cárcere aberto a partir de cenários construídos e configurações discutidas.

A digressão às décadas anteriores e acontecimentos selecionados justifica-se para proporcionar um amplo panorama da sociedade brasileira no pré-64. A conjuntura econômica, a luta pelas reformas sociais nas dimensões políticas e ideológicas, os movimentos populares e culturais, o papel dos militares, inclusive o pensamento da esquerda brasileira na Educação, a participação norte-americana e o alinhamento ao capital estrangeiro, os conflitos entre os blocos de poder e a força das concepções golpistas presentes na sociedade brasileira são alguns dos aspectos analisados.

O capítulo II "Percursos do exílio: Américas – a utopia[24] sangra aos golpes das ditaduras" é dedicado a uma abertura alargada do campo. Os deslocamentos territoriais acompanham se distanciam de uma perspectiva mais historiográfica, faço movimentos inversos ao anterior, ou seja, a construção dos cenários é feita pelos sujeitos, juntos eles corporificam o texto.

A perspectiva analítica é a articulação de fatos históricos e memórias, com base no grupo de exilados brasileiros acolhidos pelo Chile, relacionada com os Freires. As experiências se intercalam para atribuir uma dimensão sensível aos sujeitos e a intenção em inserir narrativas assume proporções bem mais amplas que a nacional/territorial e a individual, em virtude das combinações e reflexões que delas emergem.

Elaborei o primeiro mapa com a Diáspora Freiriana e para além das posições geográficas nas Américas me aproximo do traçado de uma cartografia com aspectos políticos, sócio históricos, culturais e educacionais, para discutir os golpes e as ditaduras instauradas no continente.

Deixo perceber que o capítulo assume fortemente o caráter, por um lado pedagógico com a Pedagogia do Oprimido e, por outro o político com denúncias de crimes hediondos à

[24] O conceito se ancora em VÁZQUEZ (2001); LEFEBVRE (2008); GALEANO (2007), PEPETELA (1997) e FREIRE (2000), com eles a utopia nos movimenta e os horizontes mudam de lugar e realidade também é utopia, já que é a partir do que se vive que se projetam ideais, sonhos, esperanças de um futuro melhor tecido a partir dos movimentos de transformação dessa realidade.

humanidade ocorridos pelas ditaduras em nosso continente. As influências dos movimentos progressistas de Goulart e Allende, entre outros, se davam dentro da ordem, eram eles presidentes eleitos constitucionalmente, ao passo que as forças militares golpistas que contaram com a participação de frações de classe social, instaurando regimes autoritários e repressivos. Os governos Goulart e Allende encarnavam a esperança de um estilo democrático e humano. Era um caminho original que se oferecia à América Latina e também ao resto do mundo.

Os percursos de Elza Freire mostram rotas perseguidas desde o Brasil, passando pela Bolívia, chegando ao Chile e de lá seguindo para os Estados Unidos, que conduziram ao segundo exílio, o exílio latino-americano. É o que classifico como sendo a primeira fase do exílio brasileiro, circunscrito nas Américas.

O capítulo III "Realidades do exílio: dos Andes aos Alpes – a travessia do Atlântico" reuniu fragmentos dos dez últimos anos no exílio de Elza Freire e sua família, quando a residência fixa é Genebra, na Suíça. A Diáspora Freiriana se intensificou e de lá eles expandiram os movimentos de circulação pela Europa iniciando inserções em África.

A intenção foi inserir o cotidiano do exilado na tentativa de compreender os processos de adaptação a que foram submetidos, por exemplo: língua, clima, cultura, costumes e os efeitos acarretados com estas experiências, as estratégias de sobrevivência e de enfrentamento ante as condições com as quais se depararam as vidas exiladas.

Ponderei a combinação de ajustes às realidades impostas para adentrar questões relacionadas às consequências físicas, emocionais, psicológicas e psiquiátricas (quase) inevitáveis do exílio. Dramas, traumas e sequelas entremeadas pela necessidade irremediável de se integrar ás conjunturas do exílio e de se aproximar das subjetividades e transtornos do exilado. É o adoecimento em decorrência do exílio.

Combinei o uso das narrativas para mencionar que a força das experiências e das memórias dos exilados reside na expressão universal da coisa particular e, que em muitas circunstâncias o manter-se vivo no exílio se manifestou também nisto.

Ancorei os percursos de Elza Freire aos movimentos de intertextualidade e aos fragmentos do real. Assim, trabalhei as descrições e análises que podem ser tomadas como um saber configurado entre a vida humana e os sentidos conferidos aos acontecimentos do

exílio, á partir do exílio brasileiro.

A Europa marca, sucessivamente, novas partidas e o retorno ao Brasil se afasta junto ao distanciamento da América Latina. Fato que impulsionou a inserção de brasileiros exilados em outros continentes, sobretudo no continente Africano, para onde seguiu parte da família Freire. Através dos percursos de Elza Freire é o que classifico como sendo a segunda fase do exílio brasileiro, circunscrito na Europa e em África.

O capítulo IV "Itinerários do exílio: inserções político-pedagógicas em África" é mediado por situações em que Elza Freire e sua família residindo na Europa envolveram-se com trabalhos em África, junto a países recém-independentes dos processos de colonização portuguesa, sempre vinculados com Educação e Alfabetização de Adultos.

Ele flui através de um conjunto de fontes de natureza variada o que torna interessante o roteiro pelo qual as descrições, análises, interpretações e reflexões se desenrolam mantendo como eixo central os percursos de Elza Freire durante o exílio.

Para me aproximar do campo empírico e com ele travar um diálogo inicial na busca das ações e inserções dos sujeitos, criei uma espécie de caleidoscópio que utilizei para organizar temáticas e apropriações, dentre elas: África e os processos de descolonização; a militância de exilados brasileiros em continente africano; os movimentos revolucionários de libertação nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP; o Projeto de Unidade Nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde; a Educação como parte das medidas governamentais para a reconstrução nacional das ex-colônias; o engajamento político-pedagógico de Elza Freire e Paulo nesta luta e as reconversões ocorridas neste processo.

Tentei apontar o impacto que a experiência em África causou nos percursos de Elza Freire marcando inclusive a sua retomada profissional em mais diversos níveis de atuação e que isso representou a reconstrução de projetos de vida para os exilados brasileiros.

Sugiro como aprofundamento de interpretação o fato de que as inserções político-pedagógicas em África radicalizaram as sistematizações do pensamento e da práxis do casal Freire em geral no campo da Educação e, em particular da de Adultos, provocando o ápice do processo de esquerdização deles durante o exílio, transformando-os em camaradas.

A África precedida pelas Américas e pela Europa e antecedendo o retorno ao Brasil afigurou-se não somente para Elza Freire, mas para os que exilados, como ela, tempos e

lugares de possíveis realidades dantes não vivenciadas, que mais uniam do que separavam.

Os percursos de Elza Freire continuaram a fundamentar o que classifico como a segunda fase do exílio brasileiro, circunscrito na Europa e em África.

O capítulo V "Fases do exílio e faces da ditadura: (a) ventura de re-tornar ao Brasil" aborda os trâmites burocráticos, os sentimentos e os conflitos que envolveram os exilados quando da possibilidade de regressar ao país de origem, com ênfase aos posicionamentos de Elza Freire ante a situação que se colocou.

Porém, ao desarquivar narrativas, identifiquei outros tipos de exílio brasileiro: o dos que ficaram e o dos que retornaram antes e que evoluiu para a manifestação perversa da ditadura brasileira: a ditadura documentada.

Procurei relacionar as características das mobilizações políticas que marcaram essas fases no país e assim compreender a influência da luta pelos Direitos Humanos e pela aprovação da Lei de Anistia. Com efeito, as demarcações teóricas me fizeram visualizar terminologias vinculadas ao exílio, por exemplo: estigma, diáspora, desterro, apátridas, desenraizamento, deslocamentos, etc.; e a propor que não há volta, mas sim chegadas.

O levantamento e mapeamento dos percursos de Elza Freire me levaram a classificar como terceira fase do exílio brasileiro o retorno ao país.

"Aqueles anos naquelas vidas" remete ás (in) conclusões. Faço breve recapitulação com a abertura pontual de reflexões sobre o exílio nos percursos de brasileiros sobreposto aos de Elza Freire e aponto que o exílio tornou-se decisivo na redefinição do país e daqueles percursos.

Quis demonstrar como esses percursos produziram uma memória e que no entrecruzamento das narrativas os processos do exílio apesar de heterogêneos e ambíguos, ocorrem simultaneamente e recobrem as experiências dos exilados com dor, perdas e inflexões e também com possibilidades de emancipação.

Além disso, senti oportuno sugerir a continuidade da pesquisa.

As fontes da pesquisa realizada se agrupam em: I) fontes primárias[25]; II) Acervos/arquivos; III) documentários e filmografia; IV) discografia; V) bibliografia.

[25] O trabalho se realizou com fontes e dados de natureza variada, portanto, considero fontes primárias aquelas coletadas diretamente pela pesquisadora no campo da pesquisa e que são alvo de descrição, análise e apresentação pública pela primeira vez, incluindo: depoimentos, documentos, fotos pessoais, escritos íntimos.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LARROSA, 2002); a experiência não se constitui no momento que se vive, mas no momento em que se transmite (BENJAMIN, 1985); suas simbologias e representações nos falam de situações, sentimentos e práticas recorrentes no tempo (ROLLEMBERG, 1999).

A força das experiências e recordações de situações vividas pelos exilados:

> O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

Então, as laudas que se seguem, expressam o meu desejo de que a face do(a) exilado(a), aqui representado por Elza Freire e sua família esteja em cada parágrafo do texto e, ao fim, o leitor possa ter uma percepção do exílio e dos significados atribuídos a essa experiência. Said ao declarar que "o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele", ratifica o convite de agora "pensar sobre ele", o exílio e, também sobre ela, Elza Freire e, com os dois juntos pensarmos o Brasil, a sociedade brasileira e o mundo.

Questões que fizeram e fazem a realidade como desafio para o fato de que uma nova forma de existência precisa ser permanentemente construída, por mais individual que seja a experiência do sujeito, ela está inscrita na experiência coletiva e social.

Existiu o golpe, a ditadura e o exílio no Brasil. Existe violência, repressão, autoritarismo e qualquer manifestação desta natureza em outros países constrói uma humanidade mutilada, como mosaicos partidos.

De mãos dadas – de Drummond reafirma a consciência da existência de outros homens e outras mulheres, nossos companheiros. Com eles é que me sinto de mãos dadas e, renuncio aos temas pessoais: uma mulher, uma história, a paisagem vista da janela. Não mais o refúgio na solidão ou na indiferença por que o que interessa é o tempo presente em que me encontro inserida, e as humanidades que nos cercam.

O poema "Mãos dadas" anuncia a utópica solidariedade humana e influencia o fugir do individual e o olhar sensível para o coletivo. E o tempo presente a partir de agora diz adeus ao doutorado que fica e seja bem vinda à tese que surge.

No final da introdução para a Defesa e nos processos e percursos que até aqui se entrecruzaram, sinto-me feliz, porque o exercício da felicidade consciente em suas mais profundas manifestações se fez, para mim, em dois momentos muito especiais deste trabalho: quando tive em mãos, sem imposições nem condições, as diversas fontes de pesquisa em torno de Elza Freire e, quando tive meu projeto de pesquisa aceito para orientação, sem imposições nem condições, pela professora Débora Mazza, sem elas, assim juntas, esta tese não teria sido possível.

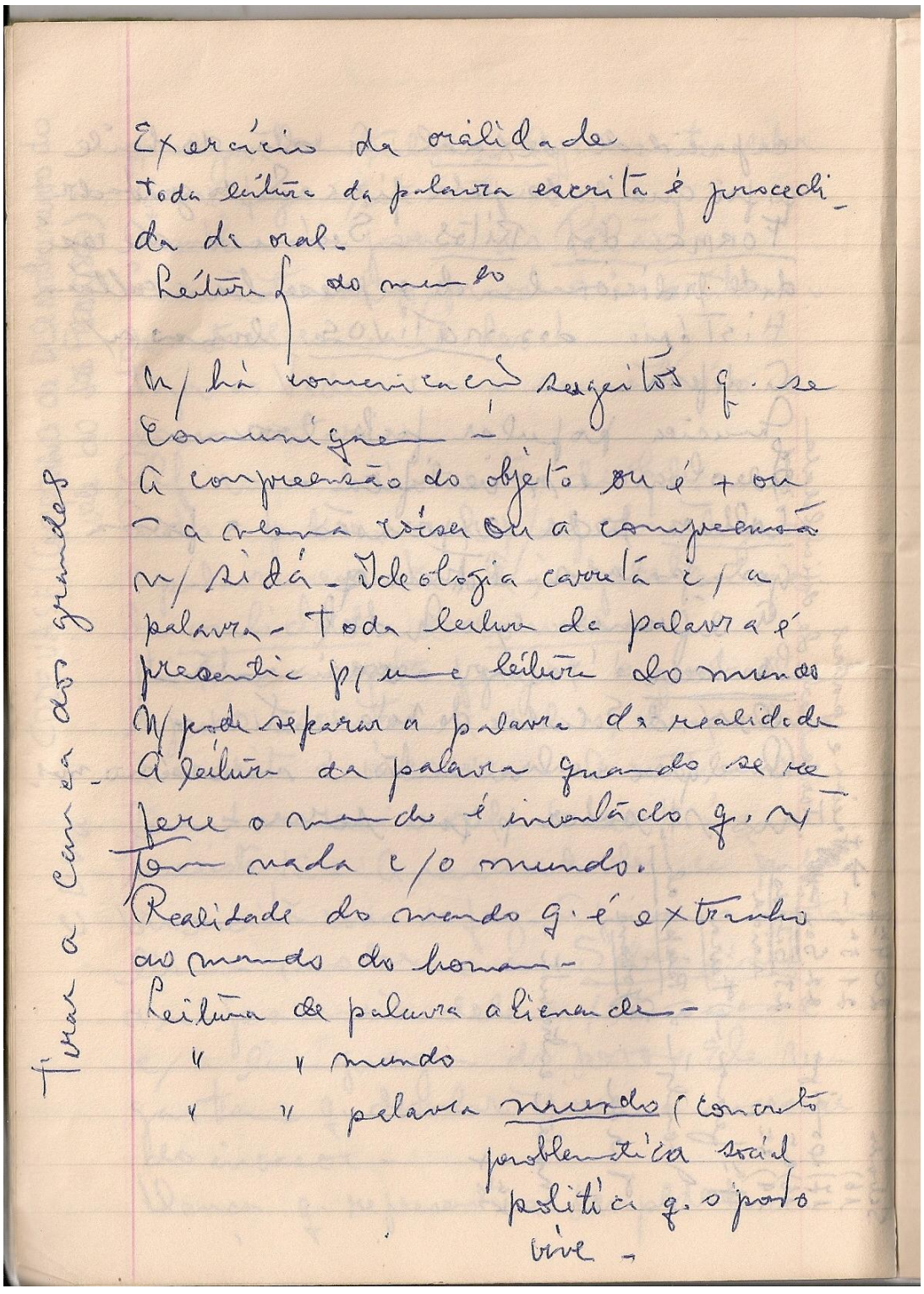


Figura 03 – Páginas de uma mulher, exilada, professora, mãe, esposa –
Fragmentos do caderno de receitas de Elza Freire com registros de seu trabalho, suas ideias, como por exemplo, sobre a leitura do mundo e a leitura da palavra, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

CAPÍTULO I
CENÁRIOS DE UMA ÉPOCA E O ESPÍRITO DE UM TEMPO

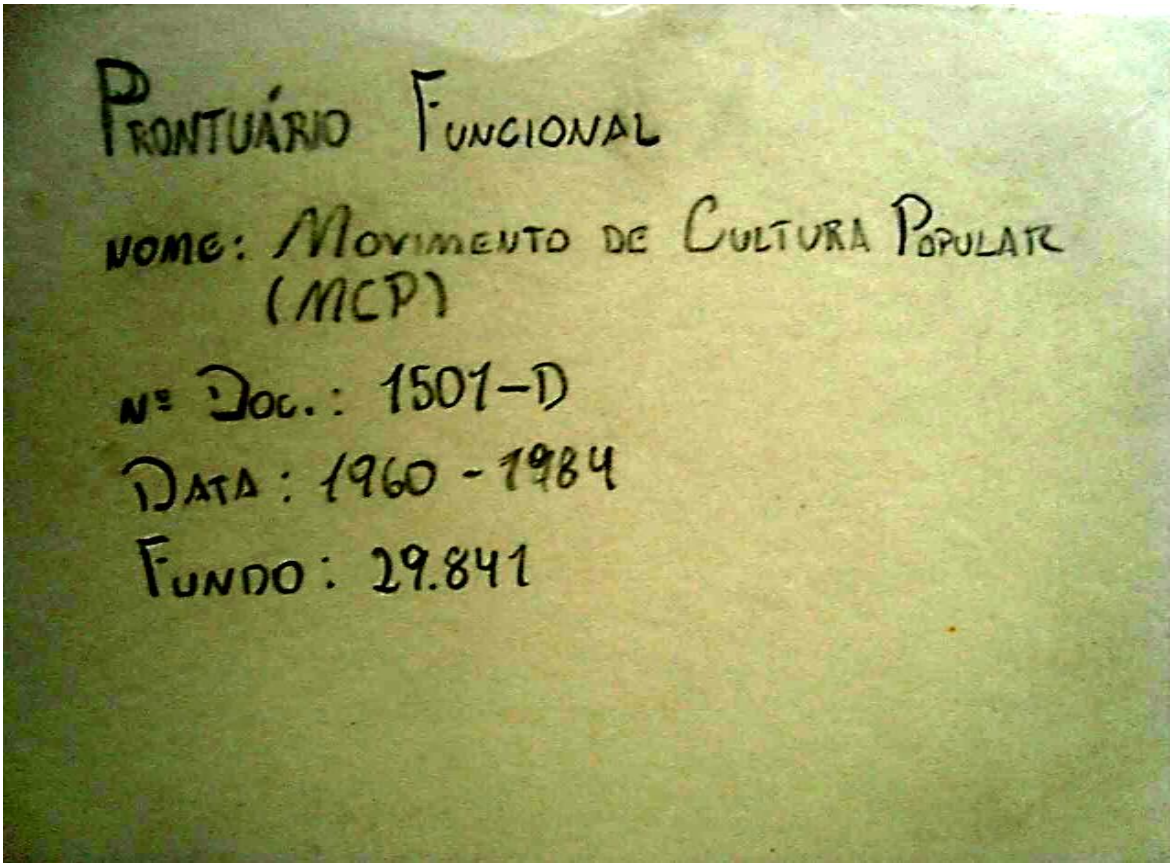


Figura 04–Registro fotográfico da capa de prontuário do Movimento de Cultura Popular – MCP,sede de Recife, em decorrência do golpe de 1964. Arquivos do DOP's, acervo anexo do APEJE.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com o golpe de 1964, o prontuário de investigação foi aberto pela ditadura que considerou o MCP, como tantos outros do período, um movimento subversivo, juntamente com seus integrantes, sua sede foi invadida pelos militares em seus tanques blindados e atos brutais, suas ações foram drasticamente interrompidas e encerradas. Em seguida, perseguições, fugas, prisões, clandestinidade e exílios, numa demonstração do poder autoritário e do aparato repressivo do Estado instaurado. Os Freires: Elza Freire, Paulo e seus filhos são partícipes desses acontecimentos, compõem cenários de uma época e refletem o espírito de um tempo. Um país – Brasil, uma mulher – Elza Freire, o mundo e sua família, descortinando as experiências e os processos sociais, pedagógicos, políticos, etc. O golpe, a ditadura, o exílio, entremeados pelas memórias individuais, ao mesmo tempo coletivas. Muitas histórias, com mulheres e homens de carne e osso, nome e sobrenome, com seus percursos de vida, a partir de Elza Freire, utopias possíveis e realidades também.

> Seja como for, a continuidade das MEMÓRIAS DO EXÍLIO é importante para a construção da memória nacional [...] Que esta esperança, este ideal de liberdade, seja assumido por um número cada vez maior de brasileiros e brasileiras!
> Albertina de O. Costa [et. al.] (apresentação, 1980).

O golpe de 1964 no Brasil completa meio século. Os acontecimentos advindos desse processo marcaram a história do país e a vida dos brasileiros. Dentre eles o exílio, que engloba condições sociais coletivas coadunadas às situações particulares dos indivíduos. São noites da ditadura e dias da utopia, são memórias de um tempo que permanece vivo.

Tentei fazer com que a vida, o tempo e os espaços se manifestassem de maneira não entrecortada para cenários nem estanques para sujeitos, e que se corporificassem na inter-relação dialética dos períodos e das experiências. Contudo, uma relação se me delineava: a dos cenários histórico-sociais e os percursos de Elza Freire e sua família e, como se articularam as configurações coletivas ainda no Brasil antes e durante o golpe, seguido pela ditadura e o exílio. Inicialmente, porém, a inquietante noite de 31 de março de 1964 traz questões, avança e retrocede para montagem de cenários e atuação de sujeitos.

O tempo e a história interagem memória e passado/presente/futuro, dão movimento à propagação de visões de mundo construídas no cotidiano de práticas sociais repletas de utopias. Elias (1998), ao refletir a vasta discussão do tempo, sustenta que o tempo não existe em si mesmo, é antes símbolo social, resultado de longo processo de aprendizagem.

Processo que, passados quase 50 anos, no Brasil, nada ou ninguém há, pois a celebrar. Ao contrário, devemos aprender, resistir e relembrar: Ditadura, nunca mais!

Do mesmo modo, sob a inspiração da epígrafe é a continuidade e o esforço para a construção de memórias que se dê com a liberdade assumida num compromisso por todos nós, brasileiros e brasileiras, que poderá fortalecer os princípios de vida para evitar ditaduras e repressões para violar liberdades, cercear a democracia, instituir exílios.

Tais fatos, permanentes e contínuos, me levam ao interstício temporal focalizado no recuo anterior a 1964. Estas décadas compõem cenários, nos quais foram inseridos brasileiro(a)s como parte de um processo que culminou com o exílio e acometeu homens e mulheres, crianças, jovens. Os percursos de Elza Freire se entrelaçamà essa realidade,

marcados pelo desencadeamento de fatos históricos, político-pedagógicos e socioculturais que alteraram países e impactaram a vida dos indivíduos e suas famílias.

Para ampliar o entendimento em torno do golpe de 64, é preciso, inicialmente, tentar reconstituir as cenas em que ele aconteceu. Esse capítulo[26]apresenta uma discussão geral deles, sobrepostos na articulação entre os personagens que neles circulam – Os Freires. Sua caracterização percorre a situação conjuntural da época, necessária para a compreensão das iniciativas pessoais. Elza Freire é filha de um lugar e tempo, com dinâmicas nacionais, regionais e locais. Esse movimento dado a partir de cenários de uma época e sob o espírito de um tempo[27] são relevantes para melhor entendê-la e entendê-los.

Situando-meao momento histórico em apreço e o desencadeamento de perguntas, fiz recortes necessários à conexão de sentidos entre o período pesquisado e os percursos de Elza Freire, cujo nexo explicativo é o coletivo. O intuito seria o de emoldurar Elza Freire e sua família, que aparecerem como elementos integrados ao tipo de sociedade e de acontecimentos que se teriam formado no Brasil entre a proclamação da República e a culminância com o golpe em 1964. Assim, vou demonstrando como, porque, para que e para onde a família Freire se faz exilada, orientada pela questão maior: o exílio brasileiro.

No texto há a vinculação do recuo e das fontes com vistas aos percursos investigados – organicidade de fatos, datas, períodos, materiais – para a construção e o entendimento dos movimentos sociais, políticos, pedagógicos, econômicos e culturais que ocorriam no Brasil, no nordeste e no Recife. Então, pretendi abordar cada um dos cenários (subitens) de maneira diversificada, para isso recorri ao aporte qualitativo do teórico,

[26] Este capítulo não é uma revisão histórica do período, nem tampouco uma descrição de todo o processo político e social que está além do escopo desta tese. Relatos, pesquisas e outras abordagens desse período podem ser encontrados em uma variedade de fontes, algumas das quais listadas na bibliografia.

[27] Adoto o conceito Weberiano de espírito. Weber define o espírito como o conjunto de ideias que predominam em uma época e que induzem a ação social, não pensada como ação isolada de indivíduos e sim como uma ética que informa a vida dos grupos numa determinada sociedade. É uma conceituação histórica que associa um complexo de elementos da realidade e que se aglutina em um todo conceitual, do ponto de vista de seu significado nas dinâmicas culturais. Tenta apanhar a realidade histórica não em uma forma abstrata e geral, mas em concretos conjuntos de relações e que, portanto não remete necessariamente a qualquer relação direta com religião, sendo, segundo o autor, livre de preconceitos (1999, p. 18). Objetivei apresentar no capítulo a ambiência da sociedade brasileira e as mudanças ocorridas naquele período, às quais entendo refletem o "espírito de um tempo", definido em função de visões de mundo, modos de vida, comportamentos culturais e políticos que predominaram nas práticas sociais. É o esforço para identificar as circunstâncias gerais, intelectuais, econômicas, educacionais, políticas e culturais dominantes em uma determinada época. É esse o sentido adotado para a expressão "espírito de um tempo".

metodológico e empírico. É desejo que tais opções recaiam sobre as alternativas que mais se aproximem das experiências e situações sociais vividas por Elza Freire, Paulo e seus filhos, o que se desenvolve sem pretensão de esgotar o tema.

Se fitar com os olhos de hoje, pode soar incompreensível um capítulo com tais características. Não obstante, entendo que melhor compreendido será quando inserido nas configurações de intensa efervescência social, repressão militar e presença ativa de Elza Freire naquele período e cenários.

1.1 – Cenários do confronto: Brasil entre os golpes 1930 e 1964

Particularmente as décadas de 1930 a 1960, são ilustradas por um novo impulso civilizatório que teria se esboçado nas décadas anteriores, pautado nos processos históricos de urbanização, industrialização e racionalização burocrática vivida pelo país. Por isso, é preciso fazer um breve decurso nos anos anteriores, em destaque a década de 1920 e 1930, considerados importantes para desenvolver os contornos sociais, econômicos, políticos, pedagógicos e culturais do período referenciado como cenários do confronto.

Essa digressão sobre a configuração delas, embora possa parecer um pouco longa, tem como objetivo destacar os acontecimentos e a relação que esse período guarda com o exílio brasileiro. São décadas preciosas para pensar o processo da sociedade brasileira que o antecedeu, e depois refletir sobre os fatos advindos que acometeram indivíduos e famílias, que viveram/experimentaram violências e rupturas, dentre elas a exclusão da participação na vida pública do país.

A escolha por esse recorte temporal recai no fato de ser ele recorrente nas leituras empreendidas e nos teóricos consultados, sendo nele também que se inserem os sujeitos da pesquisa. A proposta principal é de que ele pode ajudar na construção das cenas para personagens historicamente definidos, elaborados a partir de um esforço interpretativo, permitindo uma análise que relacione os acontecimentos com as características que ganham variadas dimensões nos setores da sociedade.

Segundo Guerra, o Brasil tem vivido um drama político republicano, desde 1889: “o da autoridade não compreendida, não vinculada ao conceito de Governo e Nação”. O professor elabora uma síntese de evidências para confrontos mundiais e nacionais, registrados como alvo de discussões e análises permanentes

> De tal modo o descompasso entre os conceitos de Autoridade e Liberdade entre a atuação do Presidente da República e o afã de quantos intenta substituí-lo, que os episódios anteriores ao Estado Novo não surpreendem hoje. Essa espécie de parêntese no processo liberal republicano teria de vir, com ou sem Getúlio Vargas e se adquiriu as formas específicas de um regime forte, é que atendia ao impasse ideológico de uma democracia em crise, nos países castigados pelos rescaldos da Primeira Grande Guerra e que mal suportaram o craque de 1929. A República de Weimar não pôde conter a deteriorização da autoridade de que Hitler considerava essencial para reedificar a Alemanha. Victor Emmanuel não encontrou outra saída para salvar a coroa, senão convidando Mussolini para Primeiro-Ministro. Em ponto menor, não era outra a realidade portuguesa às vésperas de Salazar. A instável República Espanhola cindiu-se violentamente e os desacertos resultaram na tragédia da guerra civil. Pano de fundo nesta cenografia em que se fundem e se confundem liberais e autocratas, está a sombra da Revolução de 1917 e sua mensagem social mistificadora e solerte (GUERRA, 1978, introdução).

E acrescenta que isso se repete com ao longo do processo histórico, "seja na França (1930 e 1948), na Rússia de 1917, na Itália de 1923, na Alemanha de 1933, na Espanha de 1936 e no Brasil de 1937"(ibidem), considerando que a Revolução de 1930 só se efetivou em 1937.Revolução é processo, processo social e assim, lento, gradativo e de acomodação que dificulta pontuar começo e fim, entendido como parte de processos que incluem variáveis diversas, por vezes vista como um ponto determinado no tempo onde ocorre certa mudança qualitativa. A ideia é de revolução como processo mais do que de estrutura consolidada, que coaduna com a opção em adotar golpe para nomear tais processos.

Arno J. Mayer (1987), em "A força da Tradição", desmonta a tese do caráter burguês-imperialista da Primeira Guerra. A Primeira (1914-1918) e a Segunda (1938-1945) Guerras foram uma só: a dos 30 Anos do século XX, derradeira e catastrófica demonstração de força das retaguardas da anti-modernidade, antes de serem desalojadas da Europa.

Inúmeros elementos dos antigos regimes europeus haviam sobrevivido aos cataclismas de 1789 e 1848, chegando ainda fortes a 1914. Nas palavras de Mayer:

> Isso não significa negar a importância crescente das forças modernas que solaparam e desafiaram a antiga ordem. Mas significa sustentar que até 1914 as forças de inércia e resistência contiveram e refrearam essa nova sociedade dinâmica e expansiva no interior dos *anciens régimes* que dominavam o cenário histórico europeu (MAYER, 1987, p. 15-16).

Apesar de reconhecer o dinamismo das "forças modernas", Mayer desenha um quadro no qual às vésperas da Primeira Guerra a Europa se encontrava em grande parte dominada por instituições do Antigo Regime nos planos econômico, social, político e cultural. Naturalmente pode-se censurar o autor por exagerar a persistência do Antigo

Regime na Europa entre 1848 e 1914, mas Mayer prontamente rebate tal crítica, notando que tendo em vista a ênfase dada por historiadores de tendências muito diferentes às "forças modernas" no período, ele busca compensar tal desequilíbrio com uma abordagem que privilegie os "elementos pré-modernos" naquele período, dado que estes jamais foram postos em destaque pela historiografia (1987, p.14-16).Para se obter uma perspectiva mais equilibrada, os historiadores terão de considerar o drama da transformação progressiva, a implacável tragédia da permanência histórica e a interação dialética entre ambas.

É mister enfatizar que as primeiras décadas do século XX mudaram radicalmente a estrutura social e econômica do Brasil. A sociedade passa a se desenvolver sob um processo de transição entre um país agrário para um país urbano e industrial.

O mundo foi marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto no Brasil, do golpe de 1930 ao golpe de 1964, a sociedade brasileira vivenciou profundas transformações que a foram constituindo numa sociedade mais moderna, dentro da lógica de desenvolvimento do modo de produção capitalista. A urbanização e a industrialização, por exemplo, como fenômenos acoplados, demonstram bem isso[28].

Dreifuss (2008) se refere a essa problemática de maneira a identificar as forças sociais que emergiram na sociedade brasileira com a industrialização e internacionalização da economia e que desempenharam uma forte intervenção no Estado e na sociedade. Tais forças correspondem a valores, objetivos e estratégias de atuação nos aspectos políticos.

O Brasil se insere nessa configuração, influenciado pelos modelos de revolução burguesa ocorrida nos países centrais, exemplo disso é a realização de reformas econômicas e institucionais, todavia, continua em descompasso com as reformas sociais.

A revolução burguesa no Brasil[29], de acordo com Florestan (1975) contempla um amplo período histórico, que se estende da Abolição da Escravidão e da Proclamação da República, início da modernidade e momento de constituição da Nação, aos

[28]A conjuntura aqui referenciada remete a vários autores, por exemplo: Ianni (1962); Ribeiro (1998); Romanelli (1987); Xavier, Ribeiro e Noronha (1994); Saviani (1987); Fausto (2008); Hilsdorf (2003).

[29] Florestan Fernandes (1975) faz entender á sua maneira a dinâmica das classes sociais no processo de modernização do Brasil. Ele desenvolve uma análise sociológica da formação da sociedade brasileira tendo em vista a compreensão dos elementos que compõe o cenário da realidade social, o que permitiria compreender também as transformações em âmbito econômico, político e social. Obra e autor tornaram-se referência e leitura obrigatória para se entender e analisar a formação histórica da sociedade brasileira.

desdobramentos do golpe civil-militar de 1964. O autor enfatiza a diferença entre o processo que consolidou o poder burguês no Brasil e o modelo clássico de revolução burguesa, ao fazer distinção entre o modelo clássico de revolução burguesa, que ocorreu na França, Europa e América do Norte propiciando um capitalismo independente e uma democracia política, e a revolução burguesa periférica, ocorrida nos países da América Latina, inclusive no Brasil, que ocasionou um capitalismo dependente, de dominação externa e uma autocracia burguesa.

Florestan Fernandes aponta que tal condição tornou o Estado brasileiro uma instituição avessa à participação democrática da população e, isso se deve ao fato de que o tempo econômico e o tempo político da revolução burguesa brasileira foram desagregados. Ainda sobre as condições e as possibilidades de ação da burguesia brasileira, Fernandes refuta a ideia de que ela seria débil e incapaz de levar a cabo o processo revolucionário que lhe é inerente. Ele destaca que o grau de vulnerabilidade maior ou menor que pode caracterizá-la depende muito do tipo de atuação que as demais classes desempenham contra a sua hegemonia, e no caso do Brasil especialmente é destacado que a burguesia nunca se viu ameaçada. A análise das diferentes burguesias mostra de forma nítida que nem todas possuem como tarefa histórica liderar a revolução nacional. Pelo contrário, muitas delas têm como função simplesmente criar as condições para a transformação capitalista preservando as relações de dependência e subserviência às nações hegemônicas, pois

> [...] certas burguesias não podem ser instrumentais, ao mesmo tempo, para a "transformação capitalista" e a "revolução nacional e democrática". O que quer dizer que a revolução burguesa pode transcender à transformação capitalista ou circunscrever-se a ela, tudo dependendo das outras condições que cerquem a domesticação do capitalismo pelos homens. [...] Sob o capitalismo dependente a revolução burguesa é difícil – mas é igualmente necessária, para possibilitar o desenvolvimento capitalista e a consolidação da revolução burguesa. (FERNANDES, 1975, p. 214).

Ainda que o grau de organização de uma burguesia seja considerado baixo, isso não impede que ela se torne hegemônica, tanto economicamente quanto social e politicamente. De acordo com Florestan a explicação para tal condição reside na existência de suportes institucionais (políticos, econômicos, militares, culturais) – muitos dos quais de origem externa, que asseguram a dominação de classe do Estado (FERNANDES, 1978,p. 204). E essa dominação torna-se ainda mais apta na medida em que as forças

contestatórias,oriundas das classes desfavorecidas, não conseguem estabelecer um grau de organização que lhes permita disputar os espaços de poder. É importante salientar que essa dificuldade de organização das massas também tem origem no próprio tratamento repressivo a que são submetidos pela classe dominante na Europa também.

Os conflitos e confrontos fazem os cenários desse período,testemunham que entre 1930 a 1964, o Brasil foi palco de uma série de fatos e crises políticas, o Golpe de 1930, a declaração do Estado Novo em 1937 e que "não se pode compreender a fase política de 45 a 64 sem vinculá-la ao interregno autoritário do Estado Novo", com ponderação

> Observe-se, porém, que, à exceção de Eurico Dutra e Juscelino Kubitschek, nenhum dos presidentes passou a faixa presidencial ao sucessor com as honras de estilo. Getúlio suicidou-se; Café Filho foi declarado impedido; Carlos Luz, Presidente por 24 horas, também declarado impedido; Jânio Quadros surpreendeu a nação (e talvez a si próprio) renunciando espetacularmente; e João Goulart foi deposto. Estranhos episódios estes, que ainda hoje repercutem no inconsciente coletivo de nosso povo, como fatos que não escondem a gravidade de um mal antigo, que remonta às origens de nossa formação (GUERRA, 1978, introdução).

Ainda que a intenção não seja novidade, o que se apercebeu foi o esforço para reunir elementos identificados que, de maneira geral, apontam fatores políticos, sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, pedagógicos, para além "de uma visão de mundo que representava as "novas" relações sociais e políticas, com base em certa chave que pode ser entendida pela expressão "sociedade de massas"" (GOMES, 2003, p. 112). São décadas de transformações e que se expandem em suas áreas de intervenção sobre a sociedade. Enfim, esse novo quadro, nacional e internacional, demarcado pelo processo urbano, industrial e tecnológico, refina-se nas formas burocráticas de governo, apresentando um "fenômeno moderno e inevitável, quanto ameaçador" em seus desdobramentos.

Durante as décadas de 1920 a 1960, propostas para a instituição de um Estado forte[30], acompanhadas de uma ideologia nacionalista, extravasam os restritos círculos de elite e atingem um público mais amplo. Os conflitos e confrontos, se diluíam à perspectiva

[30]Entendo que o papel do Estado seja de maneira apropriada para o presente e que haja intervenção, equilíbrio e interação entre ele e a sociedade, assumindo uma posição objetiva e estrutural do processo produtivo e de interesses, sendo responsável pela elaboração de regras que incentivem a criação de empregos e rendas, a inovação tecnológica e, não permita a formação de oligopólios/monopólios, assuma posicionamentos tendo em vista valores e utopias da população e do país. País onde Estado tenha em seu papel assegurar os direitos e deveres do indivíduo, atuando firme e forte para diminuir/extinguir disparidades e injustiças sociais, privilegiando as condições de vida. Neste sentido, as questões econômicas, políticas, sociais e educacionais passam a ser também culturais, éticas e estéticas e, humanas.

do consenso, embora existiram pontos que unificavam os distintos grupos e classes, por exemplo, a industrialização; todavia as questões de como, porque, para que e para quem, seja na condição de alinhado ou autônomo, marcaram divergências e diferentes posições.

Segundo Weffort (1978) o Estado que surge da Revolução de 30, é um "Estado de compromisso", nele se encontram presentes tanto as velhas oligarquias agrárias como as forças sociais urbanas em ascensão. Em termos mais amplos, os anos de 1937 a 1945, trazem o Estado Novo e o sistema centralizador implementado por Getúlio Vargas, quando as preocupações presentes entre os intelectuais eram definir o Estado moderno e interpretar as relações entre a vida econômica e a estrutura política, como que cientes do povo brasileiro que desejavam "formar".

A partir do final do Estado Novo em 1945 até o regime militar iniciado em 1964, de acordo com Vita (2001) foi possível às classes populares urbanas participarem da vida política e do Estado; porém subordinadas a líderes e partidos políticos ligados às classes dominantes da sociedade, caracterizando o populismo.

O nacionalismo constituiu-se na década de 1950 e início de 1960, período em que, de acordo com Weffort (1978), a ideologia nasce dentro do Estado ou em associação com ele, embora pretendendo traduzir os interesses gerais do povo. O governo Kubistchek (1956/60) inaugurou o chamado desenvolvimentismo, que permitiu e estimulou a instalação do capital estrangeiro no setor de bens de consumo duráveis através da industrialização.

Pécaut (1990) enfatiza características diferentes do nacionalismo das décadas de 1950/60 e de 1920/30, deixando em evidência que

> [...] ninguém mais duvidava da existência de uma nação brasileira e não era mais preciso buscar seus sinais no caráter ou no temperamento da população, nem apelar ao Estado para forjar a sociedade. A nação estava ali construída em torno de seus interesses econômicos, de sua cultura e de sua vontade política. Ela se experimentava a si mesma, afirmando-se dia a dia contra as nações dominantes. O sentimento de identidade é substituído pelo de confronto; o advento do povo como sujeito político liga-se à sua mobilização a serviço da soberania nacional (PÉCAUT, 1990, p. 99).

O confronto, forças em oposição e, deste embate, no palco de radicalização e polarização de forças sociais, do início dos anos 1960, ao mesmo tempo em que os limites do nacional desenvolvimentismo passam a ser melhor identificados, articula-se o golpe civil-militar de 1964, atendendo aos interesses da Revolução burguesa. Por um lado,

derrubar Jango, liquidando as lideranças nacionalistas e populistas, e ao mesmo tempo eliminar os obstáculos ao desenvolvimento econômico capitalista baseado no domínio do capital estrangeiro e na concentração de renda. Por outro, para coibir os movimentos populares e reivindicatórios das classes trabalhadoras urbanas e rurais em um momento em que a participação política popular já ensejava ir além dos limites impostos pela situação.

O esforço de síntese para compor taiscenários e transformar o período em corpo de texto, tem a movimentação a partir de 1920/30 marcada com a republicanização da República[31], a institucionalização do campo cultural e a tentativa de democratização da sociedade brasileira, frustrada politicamente pelo Estado Novo (1937/1945), em meio aos quadros de urbanização e industrialização no Brasil, fundamenta-se na ordem trabalhista com a Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, sob um regime centralista e autoritário.

O curto período de vida democrática, entre 1946/1964, assinala um processo da participação política dos movimentos sociais distinto do anterior, que, embora dando continuidade ao processo de desenvolvimento capitalista urbano e industrial, apresenta um projeto desenvolvimentista que se esforça por incluir as grandes parcelas da população brasileira na política, sociedade e cultura, concomitantemente com a economia.

No entanto, a dimensão mais importante dessa reestruturação de poder, segundo Florestan (1975), foi a associação do padrão burguês de dominação com os procedimentos autocráticos e conservadores da oligarquia, que tornou o regime impermeável à instauração de mecanismos democráticos de participação política. Havia um acordo entre as elites para manter essa autocracia, e isso significava a negação de qualquer possibilidade de tornar o Estado numa instituição democrática e nacional, tal qual era pregado pela ideologia burguesa. A democracia burguesa que passou a funcionar no Brasil era extremamente restritaàqueles que pertenciam à minoria que detinha o poder. Para evitar que as massas conquistassem espaço político próprio dentro da ordem, a classe dominante mobilizou o seu aparato repressivo para oprimir, coibir e condicionar qualquer forma de reivindicação.

[31] Segundo Nagle (1976, p. 262) desenvolveu-se um movimento de republicanos desiludidos com a república existente, república que tentam redimir. Trata-se de um movimento de republicanização da República pela difusão do processo educacional – movimento tipicamente estadual, de matriz nacionalista e principalmente voltado à escola primária, a escola popular. Ghiraldelli (1990) diz que a intelectualidade, imbuída do espírito "republicanização da República", restauraria os principais temas nacionais que envolveram as elites quando da proclamação da República, como necessários para o encaminhamento de ações modernizantes para o país.

> A pressão posta em prática, de maneira tão brutal e ostensiva – e fora de qualquer consenso ou legitimidade civil e política – exigia que se entendesse sociologicamente as estruturas e dinamismos de uma sociedade de classes que não chegou a completar a sua revolução nacional, ao nível da distribuição da riqueza, da participação dos direitos civis e do funcionamento das instituições políticas, o que a tornou incapaz de promover a democratização do controle do Estado pela população (ou por sua maioria econômica e politicamente ativa) (FERNANDES, 1978, p. 203).

Como se apercebe nas temáticas em questão, não dá para identificar como processo contínuo que o Estado brasileiro perdia as características do processo democrático que vinha se constituindo desde a proclamação da República (1889) para se submeter violentamente à intervenção militar, que reprime as classes populares e quem lhes eram solidários (intelectuais, educadores, estudantes, artistas, militantes, políticos, etc.) num palco que apontava tais movimentos como ameaça comunista, afastando-os da cena política, com o apoio das classes dominantes como um todo, desde os arcaicos latifundiários ao moderno empresariado nacional como o associado ao capital estrangeiro, para se instalar a revolução burguesa no Brasil. Esses acontecimentos engendraram-se

> Sob o militarismo, a vasta fábrica em que se transforma a sociedade brasileira expressa fundamentalmente a predominância dos interesses da burguesia. A ditadura garantiu a "segurança" ou a "ordem", a fim de que a grande burguesia pudesse obter todos os principais resultados econômicos do "desenvolvimento", do "progresso". Sem ser necessariamente a classe governante, mantendo-se como classe dominante, a grande burguesia estrangeira e nacional consegue fazer com que várias classes sociais (burguesia latifundiária, classe média, pequena burguesia urbana e rural) e grupos sociais ou facções de classes (tecnocracia civil e militar, clero, intelectuais, militares, policiais) componham o bloco de poder da ditadura; e ofereçam quadros (funcionários, burocratas, técnicos, ideólogos etc.) para o exercício do governo ditatorial (IANNI, 1985, p. 100).

Há o registro da participação dos militares, já nos acontecimentos que levaram ao fim da Monarquia e à instauração do regime republicano em 1889. Dentre outros, Vita (2001) enfatiza que depois disso, as intervenções militares foram uma constante: durante a República Velha ou Primeira República (1889/1930) – o tenentismo – combateu o regime civil das oligarquias e organizou militarmente a Revolução ou o Golpe de 30, que derrubou esse regime; a participação dos chefes militares foi fundamental no golpe do Estado Novo, que deu poderes ditatoriais a Getúlio Vargas em 1937 e, na queda do mesmo em 1945. Os militares estiveram à frente, ainda, "de todas as tentativas de golpe durante a curta e limitada experiência democrática do período 1946/1964"(VITA, 2001, p. 219): a situação que levou ao suicídio de Vargas em 1954; a tentativa de impedir a posse do presidente

eleito Juscelino Kubistchek em 1955, após a renúncia de Jânio Quadros, a posse do vice-presidente João Goulart como presidente em 1961 e, o golpe civil militar em 1964.

Em nossa história republicana, o golpe se constituiu em ameaça permanente. O "fantasma" do golpe rondou o país a partir da proclamação da República, desde então, sucederam-se intervenções militares na política brasileira. Por trás dessas intervenções, como num jogo de/pelo poder, existe o autoritarismo e a violência para arrefecer os conflitos e as pressões sociais que conduzem a sociedade brasileira aos embates entre os grupos no poder, o domínio das elites e a submissão das classes subalternas.

Wanderley Guilherme (1962) elucida que o golpe é sempre "um fenômeno social e, em consequência, são suas causas sociais que devem ser buscadas", isso é o que foi empreendido no texto. Com o autor, entendemos que a tentativa de golpe não resulta das perturbações associadas a alguns grupos de sujeitos, civis ou militares, mas da própria situação brasileira, naquele momento presente, que acaba por conduzir a minoria privilegiada do País a esse tipo de comportamento político.

> [...] deve-se observar que a ameaça de golpe não é fenômeno recente na sociedade brasileira; ao contrário, manifesta-se todas as vezes em que o movimento de ascensão popular recobra impulso: seja quando esse movimento se destina à defesa das riquezas do país – luta em torno da Petrobrás, agosto de 1954, seja quando as forças do povo estão a ponto de ganhar maior parcela de poder político – agosto de 61, luta pela legalidade, seja, enfim, quando as massas trabalhadoras se organizam em torno de reinvindicação que afeta a situação vigente – a arregimentação das massas rurais em torno das ligas camponesas. Em tudo isso o que há de constante é que a ameaça golpista surge sempre que o povo manifesta em atos o descontentamento e a insatisfação que traz na consciência(SANTOS, 1962, p. 3).

Como se apercebe o "fantasma" do golpe espreitou, em especial, os governos democráticos no pós-45 e, com maior intensidade, a partir dos anos 60. É conveniente, pensarmos e identificar a quem afeta, nas esferas da ação prática, o descontentamento e a insatisfação populares, por conseguinte, o que as propostas reformistas e o movimento do período incitavam. Segundo Toledo (1997) pode ser dito que o Governo Goulart "nasceu, conviveu e morreu" sob o espectro do golpe de Estado. Em abril de 1964, o golpe – ininterruptamente reivindicado por setores da sociedade civil, foi declarado vitorioso.

Em sendo assim, o período de 1960 é compreendido por Florestan (1975, p. 25) como a década do "engendramento do conflito irremediável", ou seja, a situação apresentada traduz as contradições criadas pela polarização de forças (da direita e da

esquerda), oriundas da tomada de consciência do processo nacional-desenvolvimentista contrária à internacionalização da economia, que não se fundamentava nas especificidades do país, o que marca o conflito do projeto modernizador brasileiro, ou seja, o nacional desenvolvimentismo foi financiado pelo capital estrangeiro que contava com o alinhamento do Brasil ao imperialismo norte-americano, contrário à autonomia do país.

Há ainda outras razões, para se discutir os antecedentes aos golpes, porém esse período de transição entre 1930/1964 é significativo para facilitar em relação a outros, o entendimento da formação do Estado brasileiro. Aqui, o que interessa é descobrir no processo histórico, o papel e função das forças sociais e de que formas concretas elas atuaram no confronto com as demais, que foram se imbricando ao processo do exílio.

Controvérsias, documentadas ou não, para que se mitigue, se esqueça, insuflando a gerações a serem indiferentes, até mesmo em relação à composição civil e militar desse bloco histórico e à crueldade dos setores sociais que passam a exercer forte poder no país a partir de 1964. Não é,simplesmente, volver ao passado e atinar para discussões dos conflitos acirrados que se expressaram antecedendo aos golpes. Penso que o fato é ainda identificar, sentir, conviver com a presença continuada de uma ruptura irreversível de uma época, cujo espírito de um tempo ainda paira sob a sociedade brasileira.

Entendo que acabo de evocar, como a brasa dormida de um acontecimento histórico que remete desde a luta social, coletiva e libertária, aos subterrâneos do poder e da opressão que me despertam uma questão crucial: quando será outro golpe militar a recair sobre o Brasil como fruto da sua dinâmica de funcionamento e vasto apoio de determinados setores sociais, encobrindo utopias, provocando exílios. Ao mesmo tempo problematizo qual o papel da Educação para a construção de sociedades mais justas e igualitárias?

Tais fatos reforçam-me a apontar que foram também "golpes na Educação"[32]. Desde o princípio do subitem, mas pensando nos demais capítulos, levei em consideração fatos que pudessem apontar para a Educação laica, pública, gratuita e de qualidade, para todos e todas, em todos os níveis e modalidades como parte do projeto republicano, nesse sentido relacioná-la com a Política e a Sociedade.

[32] Adoto principalmente as discussões e contribuições de CUNHA& GOÉS (1985) e CORTEZ (2008).

Embora, reconheça que o referido projeto apresenta diferentes matizes de classes, temporalidades e prioridades distintas de acordo com os interesses dos grupos e blocos de poder envolvidos na luta pela ocupação do Estado, é na busca de estabelecer uma aproximação entre a utopia política de um país democrático e socialmente justo, que encontro-mena luta por uma Educação laica, gratuita, de qualidade e para todos, que se constitui processo para o país e sua população; por isso problematizar a discussão, construir cenários, inserir percursos, mantém vivo o espírito desta luta, pois considero que "nas sociedades em desenvolvimento, os "problemas sociais" constituem, ao mesmo tempo, reflexos do desenvolvimento e pontos de estrangulamento deste processo como é, por exemplo, o caso dos problemas de Educação no Brasil atual" (NOGUEIRA, 1958, p. 26).

É essa a relação, Estado, Sociedade e Educação numa dimensão utópica que defendo e provoco a pensar, do movimento sempre sob a chave do conflito e nunca da unanimidade, pois foi e é isso que ainda vivemos: o processo de democratização do Brasil (vários períodos e fatos, diversos processos: políticos, econômicos, diversificadas participações: movimentos sociais, intelectuais, instituições), posso dizer, cujo início nos remete à Proclamação da República, à Revolução de 1930, foi revivido em 1945, vivenciou a ditadura de 1964, sobreviveu ao exílio, e presenciou o início da abertura política em 1980, e vive até hoje, renasce com entre fins e começos, re-começos, eis o argumento.

1.1.1 – O golpe de 1930: antes e durante 1930-1945

Os anos de 1930 a 1945, fazem parte do conjunto temporal definido para compor as discussões. Geralmente, quando se propõe esse período o marco inicial é a Revolução de 1930, quando as ações de Getúlio Vargas surgem como principal eixo explicativo para questões políticas e sociais. Todavia, optei por um recuo que possibilite pensar nos cenários que estavam em construção antes, condizentes com o início do século XX, a instalação do regime republicano no Brasil, e também dois acontecimentos mundiais que tiveram ressonância aqui, a Primeira Guerra Mundial (1914/1918) e a Revolução Russa (1917), que se acentuaram no decorrer de 1920.

De 1889 a 1929 prevaleceu no Brasil a política denominada café com leite[33], comenta Fausto (1997) que a indústria se caracterizava pela dependência do setor agrário exportador, pela insignificância dos ramos básicos e pela baixa capitalização. O período é marcado, entre outros fatos, pelo florescimento do movimento operário, por uma série de levantes dos tenentes (tenentismo), disputas eleitorais entre os diferentes segmentos da oligarquia rural (o coronelismo e o voto de cabresto), o setor industrial nascente no país.

A década de 1920, no país marcava a passagem do sistema agrário-comercial para o sistema urbano-industrial. Eclodiram movimentos políticos, econômicos e sociais, que se aprofundaram e possibilitaram a passagem de uma sociedade preponderantemente rural-agrícola para uma que tentava viabilizar-se como urbano-industrial (ARANHA, 1996).

Várias esferas da vida nacional são marcadas por processos de tomada de consciência das particularidades do desenvolvimento nacional.Movimentos como o Modernismo, no aspecto cultural e no contexto da literatura e das artes plásticas, alcançaram importante repercussão na história contemporânea do Brasil.

Mazza sugere "que os modernistas buscavam a construção de uma identidade nacional a partir de elementos que recuperavam a cultura endógena e desprezavam os critérios exógenos que marcavam as interpretações anteriores" (MAZZA, 2003, p. 27), colaborando para traçarmos o cenário desse florescimento artístico e cultural diferenciado, num movimento repleto de inovações, de busca e construção de uma identidade nacional.

Adiscussão em torno da educação já vinha sendo feito, nas décadas que antecedem 1920. Contudo, nessa década, a discussão ganha corpo e é realizada principalmente por educadores e intelectuais, antes era entendida como a base para resolver os problemas nacionais, passando a ser considerada como um instrumento capaz de participar do processo de modernização. Desse modo, constata-se que no pensamento político-educacional dos anos de 1920, a escolarização viria a ocupar lugar de destaque.

Nagle (1976) não se detém em analisar o ensino primário – centro das reformas da instrução pública, averiguou a presença de outros níveis e modalidades de ensino da educação nacional durante a Primeira República, a despeito da necessidade colocada de

[33] Política de revezamento, executada por presidentes civis, saídos das elites, influenciados pelo setor agrícola dos estados de São Paulo – com mais poder econômico, com a produção de café, e Minas Gerais – maior polo eleitoral do país da época e produtor de leite. A política do café-com-leite, foi criticada pelos empresários da indústria, que estava em expansão nesse período, por provocar abandono às outras regiões do país.

"desanalfabetizar o Brasil". O autor demonstra como foi se complexificando o conteúdo de tais reformas no que se refere aos fins da Educação, aos meios para sua efetivação e, ainda como na época foi sendo apropriado de formas diferentes o ideário escolanovista.

Nagle (1976) e Ghiraldelli (1990) expressariam o entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico, como categorias que possibilitaram uma dinâmica das reformas e do pensamento educacional brasileiro do período. Para Débora Mazza "esses movimentos teriam pintado com cores vivas o processo de transformação cultural e educacional da Primeira República e envolvido boa parte da intelectualidade" (2003, p. 36).

Sob a inspiração do momento propício no país, teria sido desenhado o desenvolvimento de iniciativas no campo da educação como: O Inquérito da Instrução Pública de 1926, conduzido por Fernando de Azevedo; a criação da Associação Brasileira de Educação – ABE, em 1924; a realização da IV Conferência Nacional de Educação, em 1931 e, o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.

Como consequências desse clima cultural e pedagógico, que diz respeito às ideias escolanovistas na situação política-educacional brasileira, Nagle (1976) identifica duas fases: a) do fim do Período Imperial até o fim da década de 1920: introdução das ideias escolanovistas; b) sistematização das ideias e tentativas de implementação e sistematização do escolanovismo no Brasil: de 1920 em diante.

No mundo pairava a Crise de 1929 e no Brasil a Revolução de 30, que segundo Fausto (1997; 2008) não se caracterizou pela alteração das relações de produção na esfera econômica, nem mesmo pela substituição imediata de uma classe ou fração de classe na instância política, por que, não se alteraram. O colapso da hegemonia da elite cafeeira não conduz ao poder político outra classe ou fração de classe com exclusividade. A revolução de 30 pode ser melhor entendida com um recuo crítico e histórico sobre a década de 20, na qual as alterações e os desequilíbrios se revelam no inconformismo das novas classes médias e ficam evidentes nas manifestações e no papel das Forças Armadas com as revoltas dos tenentes – num movimento conhecido como tenentismo.

A revolução de 30 representou um rearranjo na esfera do poder, quando surge o movimento denominado "A Reconstrução Educacional no Brasil", conhecido como

Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova[34], que resolveram expressar pontos de vista ao povo e ao governo,em princípios de 1932, é a reconstrução social pela educacional. O Manifesto dos Pioneiros da Educação pode ser considerado importante legado deixado pelo século XX, uma vez que se caracteriza referência para gerações subsequentes.

> [...] esse manifesto propunha-se a realizar a reconstrução social pela reconstrução educacional. Partindo do pressuposto de que a educação é uma função essencialmente pública, e baseado nos princípios da laicidade, gratuidade, obrigatoriedade, co-educação e unicidade da escola, o manifesto esboça as diretrizes de um sistema nacional de educação, abrangendo, de forma articulada, os diferentes níveis de ensino, desde a educação infantil até a universidade (SAVIANI, 2006, p.33).

A conjunção desses movimentos aponta para processos de transformação cultural e educacional da Primeira República, envolvendo também intelectuais. Essa geração dos anos 1925/40 não solicitou a mão protetora do Estado, ao contrário, "mostrou-se disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases racionais", denominando de "uma vocação para elite dirigente" (PÉCAUT, 1990, p. 22). A tomada de consciência das raízes culturais de um povo não excluía a intervenção do intelectualismo no sentido de conduzir o ingresso da população na era da civilização. Esse processo caracterizava-se por uma participação dos intelectuais de esquerda dentro da ordem, tendo em vista a construção da democracia.

Nogueira (1979-1981, p. 182-234) salienta que a partir da década de 1930 teriam se originado as pioneiras tentativas de interpretação de conjunto da história, da economia e da sociedade brasileira, cuja referência não se afirmava na raça ou meio tropical, ou seja, no determinismo geográfico ou racial, que marcaram as pesquisas anteriores.

Mazza (2003, p. 49) entende que escritores como Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, e suas obras influenciaram gerações futuras, tornando-se autores clássicos, em decorrência de interpretações que apontam que as deficiências nacionais não eram irremediáveis na medida em que não resultavam de determinismos de ordem variada, contudo dependiam das condições sociais modificáveis internamente.

É interessante observar que, as diretrizes da política do Estado Novo, em seu primeiro movimento, vai de sua instauração (1937) até certo seu ponto de inflexão demarcado pelo alinhamento do Brasil com os Estados Unidos, em 1942.

---

[34] Assinado dentre eles, por: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Vide outras publicações como: ARAÚJO (2003); XAVIER (2002; 2003); ROMANELLI (1987); RIBEIRO (1998); SAVIANI (2007).

Elza Freire se faz professora em 1930, década que marca a primeira tentativa de organização de um sistema nacional de Educação, constituído pelo início do regime republicano, quando os institutos de formação de professores estavam sendo pensados, organizados e implementados nas capitais do país, estava se criando o Instituto Pedagógico de Recife sob as tendências do movimento escolanovista, tem início sua carreira docente.

No painel internacional – marcado pela Segunda Guerra Mundial e o crescente avanço dos Aliados, o Estado Novo reorienta suas políticas públicas de modo a que "a partir de 1942, sua burocracia, que priorizava o discurso da integração nacional", volta-se para um grande esforço de produção de políticas públicas capazes de atrair os trabalhadores e dar ao regime bases de legitimidade ainda não alcançadas (GOMES, 2003, p. 144).

Assim como ocorreu na vida política, social e cultural, o período de 1930 a 1945 apresenta, em matéria educacional, fases bem diferenciadas; refletem-se na esfera educativa as transformações do regime governamental.

Os temas e as posições correspondem àquelas firmadas na Primeira República e o analfabetismo aparece novamente como o principal problema da Nação, causa de todas as nossas dificuldades. Fundamenta-se a base teórica para a Cruzada Nacional de Educação em fevereiro de 1932, a campanha contra o analfabetismo precisava ter caráter de salvação pública e o objetivo era"lutar para apagar a mancha vergonhosa do analfabetismo que degrada e avilta o Brasil" (PAIVA, 2003, 131).

Na década de 1940, final da ditadura Vargas e durante a segunda guerra, a poesia de Manuel Bandeira e Patativa do Assaré e a música de Luiz Gonzaga ilustram a história nacional, regional e local,influenciam os percursos de Elza Freire.

E em novembro de 1944 o calendário registra o casamento dela e Paulo, marcandoas relações estabelecidas entre eles no pensar, sentir, agir e relacionar, sobretudo no campo da Educação a partir de Recife.

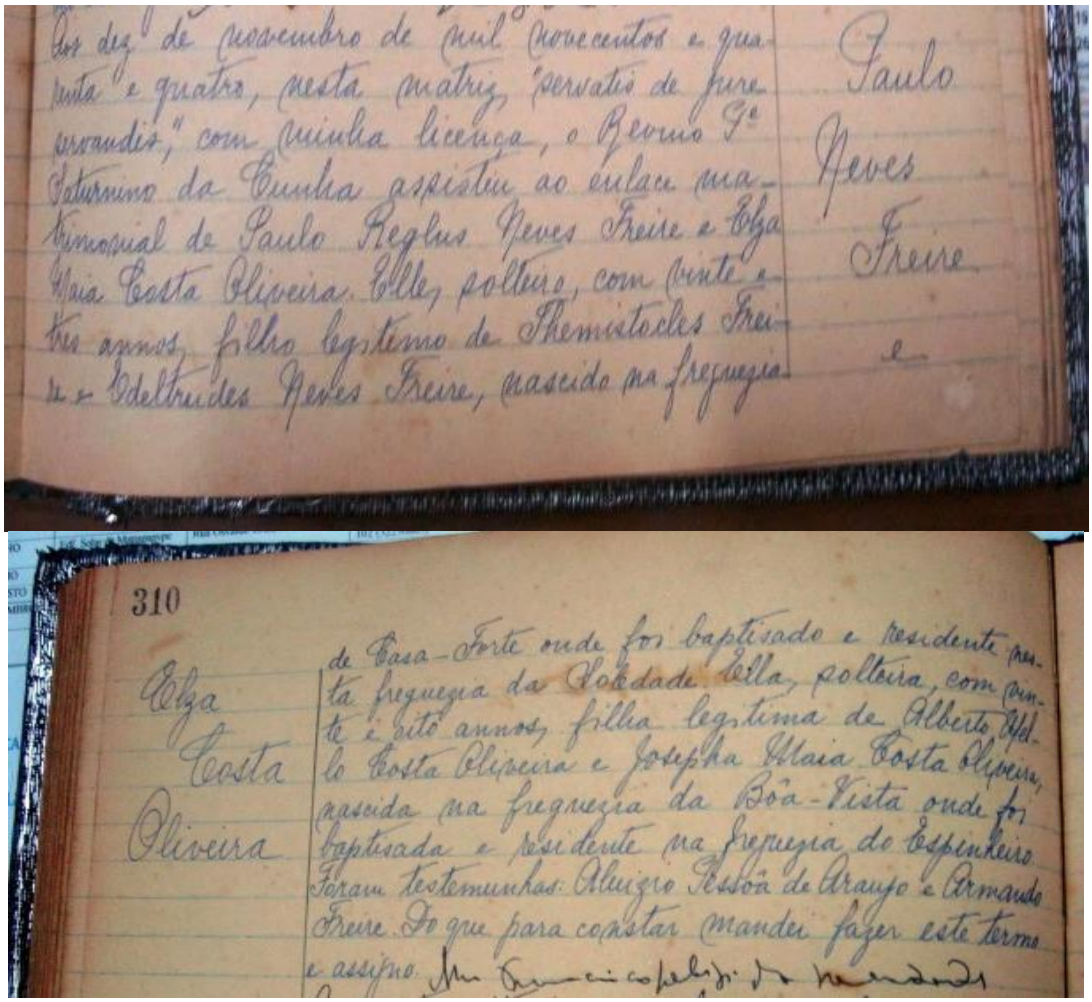


Figura05– Casamento entre Elza Maia Costa Oliveira e Paulo Freire.Matriz da Soledade, Recife.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O período compreendido entre 1930/1945 foi delineado por acontecimentos políticos, em sua maioria de amplitude nacional. Inicialmente a Revolução de 30, quando Vargas foi conduzido à Presidência da República, com o primeiro governo de Vargas estendendo-se até 1945, sendo instalada a fase da ditadura em 1937, chamado Estado Novo.

Essa decisão política em prol da industrialização do país e da adoção de um regime autoritário, demonstra a "liderança de um chefe de Estado forte"(AGUIAR, 1993, p. 51) assim como as contradições concernentes a um projeto econômico, urbano e industrial vinculado a um projeto político e social brasileiro autoritário.

Atrelada aos ideais do Estado Novo, a literatura ganha feição de documento, compondo a época com a exploração de temas que dão a dimensão do Brasil rural: a seca, a

fome, a miséria, o arcaísmo das relações de trabalho, a exploração do camponês, a opressão do coronelismo, a reação dos cangaceiros, etc.

Graciliano Ramos, em "Memórias do Cárcere",produz um documento pessoal e particular, mas que universaliza-se ao se reger pela égide da opressão, caracterizada por um regime ditatorial denominado Estado Novo e, o faz não restrito às suas histórias particulares, o direciona a situações vivenciadas por muitas pessoas, cujo "automatismo, renovado com frequência nas cadeias, é uma tortura; as pessoas livres não imaginam a extensão do tormento [...] roubam-nos completamente a iniciativa, os nossos desejos, os intuitos mais reservados estão sujeitos a verificação; e forçam-nos a procedimento desarrazoado. Perdemo-nos em conjeturas"(RAMOS, 1994, p. 174).

É o testemunho da realidade de um sujeito que viveu em prisões, sofreu torturas e privações e, em última análise traz e traduz marcas deixadas por toda e qualquer ditadura.

Figura 06– Ditadura Vargas, ilustração de PercyDeane, pág. 49 - prefácio de Nelson Werneck Sodré
Fonte: Livro Memórias do Cárcere – Vol. II, autor: Graciliano Ramos.

A aproximação com o caráter memorialístico e histórico empreendido por Ramos me possibilita apropriações para continuar construindo os cenários nacionais e, ao mesmo tempo desenvolver a análise sobre os percursos de Elza Freire, junto com centenas de mulheres e homens, famílias, de distintos estratos sociais e níveis de implicação com os acontecimentos de 1964, ambos levam-me a lançar mão da diversidade de fontes e aportes.

O conjunto e a articulação delas como instrumentos de representação de uma época e expressão do espírito de um tempo contribuem para o entendimento amplo e profundo dos acontecimentos e da sociedade brasileira.

A repressão do regime vigente à época atingia os considerados adversários do grupo no poder[35], como forma de impor o afastamento deles que não eram considerados adequadamente imersos na sociedade. Graciliano realista, se refere à situação histórica e, sob definidora perspectiva de um escritor frente a si mesmo e à sociedade, rebusca indignação constante a que se propusera

> Desviava-me das chateações próximas,refugiava-me noutras distantes. O mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagaríamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, velhos prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolher-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo. Essas ideias, repetidas, vexavam-me; tanto me embrenhara nelas que me sentia inteiramente perdido (RAMOS, 1994, p. 178).

Há nesses cenários o registro do esforço para compor acontecimentos de destaque – embora sob repressão eles representaram também em certa medida conquista, entre: o surgimento da burguesia nacional (emergente das décadas de 20/30 – classes agrárias, elite rural); a segunda geração Modernista (1930/1945); Estado Novo (1937 – burguesia industrial e a intervenção do aparelho burocrático-militar para assegurar de modo autoritário a coesão do sistema); Leis trabalhistas (em nome da "paz social", não exatamente instrumentos da repressão pacífica, fornecidos pelo Estado); Burguesia "nacional" x burguesia "entreguista" (ligadas ao capital transnacional e nacionalista, visavam a acumulação de capital); Campanha de 45 (estreitamento de laços oficiais do

[35] De maneira geral: homens e mulheres, cafeístas e não cafeístas, partidos da Aliança Liberal, sindicalistas, militares, intelectuais, estrangeiros ou não, militantes comunistas ou não, e nomes além de Graciliano Ramos, como: Nise da Silveira, Olga Prestes, Maria Werneck, José Medina, Apolônio de Carvalho, etc. Outras produções: FILHO (1980); PRESTES (2001); *Olga*. Direção: Jayme Monjardim, Brasil, 2004.

Exército brasileiro e americano). De um lado, o papel das classes sociais e, de outro a mediação dos agentes políticos, formando uma conjuntura de época.

Skidmore (1992) aponta a impossibilidade de explicar o sistema político que Jango[36] governara sem examinar com profundidade as origens e lógicas desse sistema. Elas desembocavam na década seguinte ao golpe de 1930 e, no processo de redemocratização que pôs fim à ditadura de Vargas, que durou de 1937 a 1945, encerrando o Estado Novo.

Todavia, a história continua e ao negar formas de fuga da realidade, volta-se para o momento presente, afinal não "serei o poeta de um mundo caduco. Também cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e olho meus companheiros [...] O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas [...] O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente" (ANDRADE, 1940[37]).

No ocaso da Era Vargas, a arte não figurativa invade o panorama nacional de época, como se Portinari, Anita Malffati, Villa-Lobos e outros tivessem, enfim, renovado a temática e enfrentado a dramática realidade cotidiana com as cores e os sons tropicais, numa preocupação com os assuntos brasileiros, cuja perspectiva para analisar e mudar o social, econômico e político no Brasil e no mundo antes e durante 1930/1945 se reveste de dimensão humana disforme, desproporcional ao lado da Era Atômica com as bombas em Hiroshima e Nagasaki (1945), o nazifascismo (1920/?), a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), a crise cafeeira e a queda da bolsa de Nova Iorque (1929), o fim da Ditadura Vargas (1945) e o início de tentativas de redemocratização brasileira, se fazem conhecer e se posicionam ante o rumo dos acontecimentos.

1.1.2 – O golpe 1964: antes e durante 1945-1964

Os cenários do golpe de 1964 e, em destaque os do período entre 1945 a 1964, integram o recorte temporal, cujo recuo a décadas anteriores, permite desenvolver pontos de contato entre eles, que nos ambientalizam para a dimensão sensível de experiência de Elza Freire e sua família. Busquei argumentar nestas páginas que o movimento político-

[36]Como era popularmente conhecido João Belchior Marques Goulart, político brasileiro, 24º presidente do país, de 1961-1964, foi vice-presidente de JK e de Jânio Quadros, antes Ministro do Trabalho (1953-1954).

[37] Trecho do poema Mãos dadas, de Drummond, no livro *"Sentimento do mundo"*, edição de 150 exemplares, em 1940, que retrata um tempo de guerras, de pessimismo ante ao poder de destruição do homem. Foi distribuído de mão em mão, driblando a censura e a perseguição impostas durante o Estado Novo Getulista.

militar de abril de 1964 representou, de um lado, um golpe contra as reformas sociais que eram defendidas por setores progressistas da sociedade brasileira e, de outro, um golpe contra a incipiente democracia política nascida em 1945.

A intenção é que eles conduzam a uma percepção ampla dos acontecimentos que marcaram o Estado em formação e, como os diversos setores da sociedade se mobilizaram para que o confronto das classes sociais, dos movimentos sociais e dos blocos de poder compusessem o pensar e refletir sobre aquele momento.

Ghiraldelli (1990), entre outros autores, comenta que o período de 1945 a 1964 se caracterizou como uma nova fase de retomada de experiências democráticas na história da sociedade brasileira. Romanelli (1987) e Saviani (1987) complementam que a Educação no Brasil é profundamente marcada por desníveis e, por isso, a ação educativa se processa de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está submerso.

A expansão e diversificação ocorridas no país situam-se sobremaneira, nas mudanças político-econômicas que vão emergindo a partir dos anos 30, definindono Estado Novo progressivamente a industrialização, em substituição às importações, que se encontrava na base do crescimento econômico e da urbanização. No setor secundário a geração de empregos ocasionou a modernização da máquina administrativa do Estado.

Como consequência, a partir de 1945 e do que se estabelecia redemocratização, acontece a retomada de processos democráticos no país, na área educacional ampliou-se, de um lado a necessidade de mais escolarização, colocada pelas transformações nos processos produtivos e mudanças na educação e, por outro lado, a reivindicação das camadas médias da população urbana para o acesso à escola e às diferentes modalidades de ensino. A par disso, as camadas populares lutavam pela escola elementar, como classes emergentes e extensivas à população rural para a qual se propunha a educação de base, não raro restrita à alfabetização daqueles que não tiveram acesso à escola regular na faixa convencional.

Antecedendo a década de 1960, nos últimos anos de 1950, é possível identificar marcos importantese momentos de oposição onde não apenas se consolidou o modelo de industrialização que vinha se esboçando, como também se intensifica e alastra o capitalismo no meio rural.Ou seja, a política de massas avança também para o campo, com a inclusão dos trabalhadores rurais através do Estatuto do Trabalhador Rural, mas, sobretudo, pela criação de ligas camponesas e sindicatos rurais.

A democratização marca a passagem entre as décadas citadas, concomitantemente com a realidade social que vai desencadeando movimentos e assumindo dimensões como as do país. Avalio que a síntese de acontecimentos favorece a compreensão desse movimento até os conflitos acirrados expressos no golpe de 1964, portanto, para o período de 1946 a 1961, a marcação sugerida se desenvolve entre: a terceira fase Modernista no Brasil (1945/1960); o Governo Dutra 1946-1951 (apoiado pelo bloco de poder oligárquico-empresarial); a União Democrática Nacional – UDN e o Partido Social Democrático – PSD (UDN estava à centro-direita e no PSD os coronéis); o segundo governo Vargas (as diferentes frações das classes dominantes compartilhavam o governo e o general Café ainda estava no poder); a Petrobrás (tentativa de impor uma política nacionalista de desenvolvimento capitalista); o suicídio de Vargas em 1954 (vitória dos interesses multinacionais); o Governo Juscelino Kubitschek (política de desenvolvimento baseada na indústria, crescimento das desigualdades sociais e regionais) e Jango, o vice (herdeiro de Vargas, nacionalista e aberto a reformas); a administração paralela (permitia que interesses multinacionais e associados ignorassem os canais tradicionais de diretrizes políticas); o capital transnacional (militares e empresários tinham como bandeira de luta a posse privada dos meios de produção); a repressão (foi no governo JK que o aparelho repressivo do Estado se desenvolveu e ocorreu uma mudança ideológica das Forças Armadas, passando da defesa do território nacional para uma estratégia de contra insurreição e hostilidade internas, ou seja, elas continuam divididas, entretanto a ala conservadora alinhada ao capital internacional norte-americano consegue se organizar e propor um movimento armado e, depois um projeto de Brasil construído no interior da Escola Superior de Guerra).

A aceleração e o planejamento econômico, durante o governo dos "50 anos em 5[38]", evidenciam o papel da Educação no desenvolvimento, enfatizando a formação de recursos humanos. De acordo com Fávero (1983) essa discussão acontecia no mundo, coincidindo com as primeiras ideias de planejamento educacional, lançadas no final de 1950 na América Latina pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO e a Organização dos Estados Americanos – OEA. A princípio

[38] Plano de Metas e programa de Governo de JK (1956/1961), intitulado 50 anos de progresso em 5 de realizações, propunha o respeito às instituições democráticas. O tema "educação e desenvolvimento" polarizou as discussões no período, em termos de prioridades, estruturas e métodos dos sistemas de ensino e quanto à formulação de teorias da educação, frente ao crescimento econômico sustentado na industrialização.

justificadas pelo direito à Educação, depois pela teoria do capital humano, dando margem ao crescente interesse do Estado para reformulação dos sistemas de ensino, em geral e, pela reorientação das campanhas de Alfabetização e Educação de Adultos, em particular.

Os períodos de transição, expressam um país que emerge de uma nova configuração político-social caracterizado pela "intensa crise econômico-financeira, frequentes crises político-institucionais, extensa mobilização política das classes populares, ampliação e fortalecimento do movimento operário e trabalhadores do campo, crise do sistema partidário e acirramento da luta ideológica de classe" (TOLEDO, 1983, p.9). Essa perspectiva, invariavelmente perscruta o papel da educação, suas crises e possibilidades, seus limites, estabelecendo sua vinculação à compreensão do que ocorre na história do país[39] e na formação da sociedade.

A redefinição dos rumos e de consolidação do capitalismo no país, intensifica-se e ganha novo perfil, os debates iniciados em 1948 e as amplas discussões em torno dos projetos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB[40], a partir da segunda metade dos anos 50; daí, a questão das atribuições, responsabilidades e limites da ação do Estado no campo educacional impôs-se sobre a preocupação da qualidade e organização do ensino, ou da própria necessidade das reformas.

De acordo com Fávero (1983) essas investidas coexistem, no entanto, com as vagas definições da "educação para o desenvolvimento vista como um novo humanismo pedagógico", fruto da ideologia liberal que impregnava o pensamento dos educadores e que sobrepujou as outras perspectivas, tanto na Lei nº 4.024/61, citada acima, quanto no Plano Nacional de Educação de 1962 que dela veio a decorrer. Assim, o período de transição política que marcava o início de um processo de reorganização da vida nacional, também demonstra a preocupação com a manutenção do projeto econômico e a redefinição de um projetopolítico, social e educacional no país.

Outra perspectiva que se coloca nesse período, é a abordagem teórica e ideológica do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, que se singularizou como instituição

[39] Contribuições para a temática: CUNHA (1975); FREITAG (1980); GARCIA (1976); ROMANELLI (1987); SAVIANI (1987); Fausto (2008), dentre outros.

[40] Esse projeto da LDB foi elaborado em cumprimento ao dispositivo da Constituição de 1946 que concedia à União a competência de fixar as diretrizes e bases da educação nacional, foi apresentado à Câmara dos Deputados por Clemente Mariani em 1948, tendo sido aprovado somente no final de 1961.

na conjuntura brasileira dos anos 50 e princípios de 60. Pela importância política, teórica e ideológica que desempenhou e, segundo Toledo (1986) e Ortiz (1994) repercute ainda hoje sobre o pensamento brasileiro, ele representou todo um movimento de discussão e elaboração de uma ideologia nacional-desenvolvimentista e o papel que a educação deveria desempenhar na difusão dessa ideologia. Vieira Pinto expressa:

> [...] como se poderá promover o progresso da ideologia na consciência nacional, de que modo se difunde, por que meios é possível favorecer essa difusão? Enunciar essa questão é simplesmente formular o problema da educação das massas [...] Neste momento em que a comunidade brasileira atinge o limiar de consciência nacional, caracterizada por inédita representaçãode sua realidade, e se dispõe a projetar e empreender o desenvolvimento dos recursos materiais, que a deve conduzir a outro estágio de existência, torna-seindispensável criar um novo conceito de educação como parte essencial daquele projeto, e condição do seu completo êxito. Não estamos ainda preparados para dizer qual o plano educacional a realizar, porque se trata justamente de elaborá-lo desde os fundamentos.O que nos parece necessário,no entanto, é imprimir novo rumo à nossa educação, a fim de orientá-la, sem compromisso com qualquer credo político, no sentido da ideologia do desenvolvimento econômico e social. Uma teoria da educação deverá surgir, cuja tarefa inicial será a de definir que tipo de homem se deseja formar parapromover o desenvolvimento do País (PINTO, 1956, p. 41).

O ISEB foi a instituição que mais "negou a difundida tese da "neutralidade da ciência", particularmente no campo das Ciências Sociais" (TOLEDO, 1986, p. 253). Dentre as questões tratadas pelo ISEB, se destacam: a ideologia, a produção científica, o nacionalismo e o desenvolvimento, as contradições sociais, os intelectuais e a política.

Para a grande decepção dos intelectuais do ISEB, a nação não alcançaria a sua plena autonomia nem as grandes massas populares tiveram resolvidos seus problemas básicos e fundamentais. Contudo, "nem todas as fantasias foram sepultadas. Mudam os tempos, mas os discursos em defesa da "nação ameaçada e sufocada pelos seus inimigos externos" ressurgem a todo o momento" (TOLEDO, 1986, p. 255). A trajetória histórica do ISEB continua marcando o Brasil contemporâneo.

A partir do final dos anos 1950 é possível continuar a mediação dos acontecimentos e a reconstituição de época, sem precedentes no Brasil, compostos de agitações sociais, políticas, educacionais, econômicas e militares, sob as denominadas "reformas de base[41]" e as repercussões para repreender, pois como registrado,

[41] A expressão "reformas de base" foi empregada pela primeira vez em março de 58, no governo JK, num documento que discutia as reformas – agrária, urbana e constitucional – e destacava o aumento do capital

> Tratou-se, por assim dizer, de executar uma intervenção cirúrgica que não deixasse intacto qualquer núcleo capaz de reanimar o espírito rebelde que se espraiara nas armas durante as lutas nacionalistas e em defesa das ditas Reformas de Base. A pequena incidência de processos atingindo militares nos anos posteriores parece significar que, nesse campo, a cirurgia foi encetada com êxito (Mitra Arquidiocesana de São Paulo, 1987, p. 120).

No Brasil o importante a destacar nessa fase é mobilização político-ideológica no painel educacional e cultural, que refletia uma crítica sócio histórica. Nos últimos anos de 1950 e primeiros de 60, enfatiza Dreifuss (2008) que estudantes, intelectuais, políticos e militantes de partidos, clérigos e militares desenvolveram um movimento, num racional e planejado esforço de conscientização das massas que visava a despertar em seu meio um senso de consciência de seu potencial e valor a fim de prepará-las como participantes e beneficiários das mudanças. Várias organizações se envolveram: Ação Popular (ramificação da Juventude Universitária Católica – JUC); setores radicais da Igreja através do Movimento de Educação de Base – MEB; a União Nacional dos Estudantes – UNE, por meio de seu Centro Popular de Cultura – CPC; o Ministério da Educação e as Secretarias de Educação dos Estados, por intermédio da Comissão de Cultura Popular e dos programas de alfabetização que se baseavam no Sistema Paulo Freire.

Em face disso, entre o auge do populismo, a crise de hegemonia política e a aceleração econômica, se identificam no bojo do período as repercussões dos movimentos mais expressivos de Educação, Educação Popular e Cultura Popular do Brasil[42].

Menciono a participação de Paulo, Elza Freire[43] e equipes, nas primeiras experiências com o Sistema Paulo Freire de Alfabetização e Conscientização (1960, Recife e Angicos) até o Plano Nacional de Alfabetização – PNA (1962/1964, Brasília), tanto pelo papel que desempenharam no período, quanto à necessidade de sua inserção nesses cenários. Dois fatores coadunam com a conjuntura do início dos anos 60 e o Sistema Paulo Freire, o primeiro se deve aos dados de que mais de 50% da população maior de 14 anos

---

estrangeiro no país. O documento serviu de base para o conjunto de propostas de mudanças consideradas necessárias à renovação das instituições sócio-econômicas e político-jurídicas brasileiras. Elas foram a base do programa do governo Goulart (1961-1964), assumindo o caráter de bandeira política. Reformas prioritárias: a agrária, a administrativa, a constitucional, a eleitoral, a bancária, a tributária e a universitária. In: Verbete <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx> [acesso em 2012-03-22].

[42] Alguns autores pormenorizam essa temática: FREIRE (1967); FÁVERO (1983); BEISIEGEL (1974; 1982).

[43] Destacadamente vide remissão à SPIGOLON (2009).

não era alfabetizada, ocasionando gravidade social do problema do analfabetismo no Brasil[44]; o segundo, ao impulso ideológico de toda uma geração que se lançou no plano sociocultural através de ações educativas com forte conteúdo político-ideológico.

Ou seja, a questão da alfabetização é central na construção de um projeto político emancipatório, isso ressalta a inserção do trabalho do casal – Elza Freire e Paulo, e a dimensão que eles assumem no projeto de democratização da Educação e, portanto do país.

Vou mencioná-la aqui, de forma pontual, essa questão da alfabetização como processo na construção de um projeto político-pedagógico emancipatório, como remanescente do Império, pois a República herda 85% da população brasileira analfabeta[45] e, portanto, são necessárias políticas educacionais quevisem superá-la.

É o Brasil da década de 1960 que ainda tende a ignorar as responsabilidades que lhe cabem, em virtude da situação educacional da sociedade brasileira, e que necessita ter à frente das discussões os problemas educacionais que se impõem.

> [...] Em um país no qual a parte analfabeta da população abrange nada menos que 50% do total e em que a educação escolarizada ainda representa um privilégio, é imperioso fazer-se indagações suscetíveis de esclarecer como e porque necessidades educacionais básicas deixam de ser atendidas ou são enfrentadas de modo deficiente [...] (FERNANDES, prefácio, 1960).

Cenários da época e o espírito de um tempo se deixam marcar pelo desafio de um novo projeto histórico para o Brasil, que supunha uma nova visão de mundo e a descoberta de outra dimensão da consciência. Era necessário acertar os ponteiros políticos e sociais com o avanço das conquistas econômicas. Fazer tornar-se um lugar comum e de prioridade a convicção de que o desenvolvimento econômico, político e social do Brasil depende, diretamente, de planos e ações de re-construção educacional.

Todos esses momentos, trazem consigo o nascimento dos filhos do casal Freire: Madalena 1946, Cristina 1947, Fátima 1949, Joaquim 1956 e Lutgardes 1958; a atuação de Elza Freire e Paulo junto ao movimento de Arte em Recife, quando ela é pioneira ao levar a arte-educação para a escola pública através da Educação Infantil em meados de 1950 e a

[44] Em particular a ineficácia das Campanhas que se restringiam à mera alfabetização, as críticas apontavam para a necessidade de encontrar novas diretrizes para a Educação de Adultos, de modo a torná-la funcional à sociedade brasileira em transformação. Consultar PAIVA (1973, p. 207-208).

[45] Discussão inserida também nas produções de RIBEIRO & SILVA (2003) e RIBEIRO & SOUZA (2009).

tese sobre Educação e atualidade brasileira defendida por Paulo em 1959. Esses trabalhos demonstram o pensamento e o posicionamento político-pedagógico do casal.

Figura 07– Elza Freire e as filhas, as três Marias: Madalena, Cristina e Fátima. Recife, década de 1950.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

Isso suscita o registro de fatos que, aparentemente resumidos, apresentam melhor a realidade do período, dos sujeitos envolvidos e dos confrontos expressos, logo, a datação se inspira entre: Classes trabalhadoras (crescimento da consciência coletiva dos trabalhadores urbanos, fortalecimento das Ligas Camponesas, debates acirrados entre os interesses multinacionais, que foram endossados pela Escola Superior de guerra); Renúncia de Jânio Quadros (tentativa frustrada de manobra para tentar resolver as contradições entre a classe trabalhadora que fazia do Congresso uma plataforma cada vez mais eficiente para expressão de seu interesse em oposição direta ao bloco oligárquico industrial e contra os interesses multinacionais); Governo João Goulart (liderava um bloco nacional-reformista); Campanha para o golpe de 64 (englobou a maioria das classes dominantes, incluindo a burguesia "nacional", da qual muitos, inclusive o PCB, esperava um comportamento nacionalista e reformista; tal burguesia ajudou a ancorar o Estado brasileiro à estratégia

global das corporações multinacionais, com destaque a ADELA – AtlanticCommunityDevelopmentGroup for LatinAmerica, que estava à frente da campanha contra o governo Jango); os interesses multinacionais e associados criaram grupos de ação política e ideológica, o primeiro a ter notoriedade nacional foi o IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática; o complexo IPES/IBAD (a elite orgânica se constituía em um poderoso aparelho de classe, promoveu a intervenção das Forças Armadas contra o "caos, a corrupção populista e a ameaça comunista").

Os Estados Unidos da América – EUA,contrário ao pensamento de esquerda no Brasil estavam identificados com diversos setores da oposição[46], fechando o cerco ao Governo Goulart, num incentivo declarado à conspiração civil e militar. Há de se enfatizar a série de acordos MEC-USAID[47] produzidos entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a United StatesAgency for InternationalDevelopment(USAID)que visavam convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira.

A Igreja também foi mobilizada, e uma parte dela cumpriu "uma função fundamental na campanha anticomunista, com o empenho de suas lideranças mais reacionárias" (RABÊLO& RABÊLO, 2001, p. 48), que inspirou as denominadas "Marchas da Família com Deus pela Liberdade", mobilizando a opinião católica contra o governo. Enquanto que, outra parte "acaba se sensibilizando pela teorização do ISEB e assume posições radicalizadas com os movimentos de esquerda [...] que estimulava a contestação ao regime militar e assim por diante" (SAVIANI, 1990, p. 14), nesse transcurso, a Igreja no Brasil dividiu-se para tentar ajustar-se às discussões do seu papel e quais seriam suas opções diante das profundas transformações sociais, econômicas e políticas.

A marcação do período e a construção dos episódios objetivam entender melhor os conflitos acirrados que rentes ao golpe civil-militar de 1964 trazem o despontamento dos Estados Unidos como grande potência mundial após a Segunda Grande Guerra e a adequação nacional à internacionalização capitalista, sendo perceptível a ofensiva do

[46] É consenso entre diversos autores que nos anos de 1960, em plena Guerra Fria, temia-se nos meios governamentais norte-americanos que o Brasil se tornasse uma segunda China ou fizesse uma revolução, como Cuba. Além disso, afirmam que a institucionalização do regime militar contou com apoio dos EUA.

[47] Para o estudo dos acordos MEC-USAID, consultar: ARAPIRACA (1982); ALVES (1968). E sobre os impactos históricos dos MEC-USAID na Educação brasileira: ROMANELLI (1987); CUNHA & GÓES (1985); NOGUEIRA (1999).

governo e das forças populares[48]. Existiram também vários projetos em processo da LDB (1961) e a proposta político-pedagógica voltada para a cidadania popular, sendo enfatizada a democratização da educação e da cultura popular.

Ao considerar tais questões, são nítidos os conflitos advindos do período, que tiveram início no pretérito, antes de 1964, demonstrando uma temporalidade que resiste até o presente. Os conflitos eram mais profundos, suas conjunturas apresentavam essas materialidades históricas, ainda remanescentes que eclodiramem

> [...] rupturas que se fariam com o movimento civil-militar de 1964, atingindo globalmente a sociedade, já se delineavam ao longo dos anos 50. Estes anos tinham, contraditoriamente, a presença do passado pré-1930, a sua temporalidade própria e o futuro, o pós-64 em construção (SANFELICE, 2007, p. 545).

Florestan Fernandes (1975) tem o intento de dar uma resposta à situação política por que passava o país na década de 1960, por meio da análise do processo que culminou com o golpe de 64. Não se tratava de dar uma resposta política ao fato, interessava elaborar uma explicação sociológica que superasse a visão conformista e desenvolvimentista apresentada pela classe dominante através das elites intelectuais. Para ele o pressuposto inicial é tratar o golpe não de maneira isolada e, sim entender o processo histórico das transformações econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade brasileira.

Assim, coadunada com essa perspectiva acontece a elaboração das cenas, cuja intenção é identificar processos e compreender como essas características foram se conjugando, na configuração privada e pública, que resultou, dentre outros fatos na extinção deles e na criação de outros mediante o golpe de 31 de março de 1964, que vinha sendo construído há tempos e, fez de forma figurada a noite da ditadura cair sobre o Brasil.

A década de 60 representou no início e aqui até 1964, a realização de projetos, sobretudo, culturais e ideológicos, lançados ainda nos anos 50. As canções dos Beatles (1960) embalaram o mundo, marcado pelo surgimento da pílula anticoncepcional (1954) e as primeiras transmissões televisivas entre EUA e Europa (1962), a ida e volta do astronauta russo Yuri Gagarin ao espaço (1961); a permanência da Guerra Fria (1945/1991), a construção do muro de Berlim (1961); a Revolução Cubana (1959) com Fidel Castro ao poder; os movimentos de guerrilha na América Latina (1960); a

[48]Trabalhos que fornecem importantes elementos para esse esforço de elucidação histórica e análise mais abrangente dessas questões, vide: Dreifuss (2008); Rabêlo & Rabêlo (2001); Starling (1986) e Santos (1962).

descolonização na Argélia (1954/1962) e o assassinato de John F. Kennedy (1963); Jean-Paul Sartre ganha e recusa o Nobel de Literatura, Martin Luther King recebe o Nobel da Paz (1964). No Brasil a Bossa Nova (final de 1950) seguia musicando, marcado pela inauguração de Brasília (1960), a conquista do bicampeonato mundial de futebol (1962), a TV Tupi faz a primeira transmissão em cores da televisão (1963) e o filme O pagador de Promessas recebe pela primeira vez a Palma de Ouro no Festival Internacional de Cannes, na França (1962); a morte de Cecília Meireles (1964).

Tais acontecimentos, evidenciam (trans)formações configuradas por situações conjunturais, que adquiriram significados tanto no Brasil, quanto no mundo, ter-se-ia traduzido isso na abertura política, social, econômica, cultural, mas que não veio, solitária ou rápida, provocou mudanças nos corações e nas mentes, sociedades e sujeitos foram "mexidos" e "mexeram" ao mesmo tempo.

1.2 – Cenários a partir do Nordeste: Recife em meados de 1960

O Nordeste brasileiro e, com destaque o Recife das décadas de 1940/1964, se beneficiaram de novo impulso civilizatório esboçado nas décadas anteriores. Recife absorveu essas mudanças de modo polêmico, conforme Rezende (2000) a tradição de Pernambuco e do Recife acumulavam conflitos históricos entre os defensores da independência nacional, da implantação da república e da abolição da escravatura. Para Rezende (2000) e Bello (1978) Recife continuaria a ser marco na formação de humanistas, nas disputas filosóficas, políticas e na defesa dos direitos humanos.

Considero importante as discussões de Josué de Castro (1951), analisando a problemáticada "Geopolítica da Fome" e Celso Furtado, um dos criadores da economia do desenvolvimento e outros diretamente vinculados ao drama da pobreza e exclusão social.

O casal Freire desde o principiar de suas ações educacionais atuounessa realidade, criando experiências para as transformações das mesmas. Na década de 1950, Elza Freire era diretora em Recife, de uma escola pública de subúrbio e sob a sua influência, tem início um trabalho de alfabetização através da Arte, com isso é "considerada uma das pioneiras da integração da Arte na Escola Pública, dando ênfase às produtivas implicações do fazer artístico com a alfabetização" (BARBOSA, 1996, p. 637; SPIGOLON, 2009, p. 99). No

mesmo período, Paulo foi presidente da Escolinha de Arte do Recife, ou seja, o casal Freire esteve junto à frente da arte-educação em suas práticas e saberes educacionais.

A conjuntura mundial nos anos 1960 é apontada tensa, instável e conflitiva nos diversos aspectos da sociedade. Na esfera política, os acirrados confrontos das ideologias capitalistas *versus* socialistas, polarizam o mundo, numa disputa por aceitação, domínio e influência. Finalmente, seria decisiva "a proximidade imaginativa da revolução social", fosse ela "mais genuína e radicalmente capitalista ou socialista" (RIDENTI, 1993, p. 76).

O Brasil apresentava grandes contradições vividas pela população, como por exemplo: o alto índice de analfabetismo e mortalidade infantil, falta de moradia e saneamento básico e grande desemprego, que provocaram manifestações sociais que pela natureza de suas demandas pareciam aproximar-se de um discurso da esquerda[49].

O Nordeste brasileiro parecia ser ainda mais receptivo a essas ideias, afinal, as disparidades sociais, entre outros fatores, de uma modernização não planejada, fizeram da região, "um barril de pólvora pronto a explodir a qualquer momento" (SILVA, 2010, p. 43).

Esta região de matas tropicais converteu-se como diz Josué de Castro (1951, 1957) em região de savanas. Era, àquela época, uma das regiões mais subdesenvolvidas do hemisfério ocidental. De suas terras nasceu o negócio mais lucrativo da economia colonial na América Latina, ela padeceu a herança da monocultura do açúcar.

Estranho destino, segundo Galeano, o de Pernambuco, ali onde mais opulenta é a opulência, mais miserável se forma, terra de contradições, a miséria (1987, p. 75).

A cidade do Recife que, era a capital do Nordeste, se constituía num exemplo dos contrastes e embates sociais, a par da desestruturação econômica que vitimava grande parcela da população na região. No seu livro "A revolução que nunca houve",Joseph Page produz um relatório da situação do Nordeste brasileiro, e deixa transparecer a preocupação, não só dele, como de outras pessoas e até países, como por exemplo, os EUA, que acompanhavam pela imprensa a situação "caótica" de parte do Brasil, e "perturbados com o sucesso da revolução cubana, viam o Nordeste como iminente campo de batalha" (PAGE,

[49] O sentido do termo utilizado é o mesmo adotado por Ridenti como: "forças políticas da ordem capitalista estabelecida, identificada com as lutas dos trabalhadores pela transformação social" (2000, p. 17) e, Saviani para que "ocupem cada vez mais espaços, reduzindo-se, em consequência os espaços da direita" (1990, p. 20).

1980, p. 5). De acordo com Silva (2010) a preocupação dos EUA ganha ares e cores de histerismo nas narrativas e fundamentações de Page (1980).

Como se podem observar, relatos e estudos desse período, apontam para a existência de um Nordeste e seu epicentro, o Recife, contrastando com a sua miséria e o socialmente preocupante abismo social existente entre a ampla maioria da população e seus estratos aristocráticos. Nessa linha de reflexão a ancoragem é feita nas argumentações de trabalhos como os de Amélia Cohn (1976), Francisco de Oliveira (1977), Celso Furtado (1989) Denis Bernardes (1996), que apresentam dados e promovem uma análise sobre os aspectos econômicos, políticos e sociais da região.

Rabêlo & Rabêlo (2001) comenta que foi no Nordeste que o movimento social rural se mobilizou em torno de uma série de conflitos generalizados no campo, resultando em ações como as Ligas Camponesas[50] e os sindicatos rurais, que ganham suas primeiras articulações no final dos anos 50 e que no início de 60 as ações incluíram a ocupação de fazendas. Essas organizações traziam como principal bandeira de luta a Reforma Agrária e a efetivação das leis trabalhistas para o campo, fazendo dessas discussões uma questão de debate nacional.

Nessas circunstâncias, no governo de Pernambuco, surge para aparecer no campo político nacional o Estatuto do Trabalhador Rural – que Ianni (1975, p. 73-90) indica ser a extensão, para as áreas rurais do país e do Nordeste, em particular, da política de massas criada pelo getulismo que incluía apenas os trabalhadores urbano-industriais com carteira assinada – teve consequências muito mais imediatas e radicais do que se poderia esperar.O Estatuto do Trabalhador Rural, segundo Ianni (1975) naquelas condições do Nordeste brasileiro, veio a significar, uma "reforma revolucionária", pois, ao atingir um ponto nodal do sistema de produção, atingiu também o núcleo fundamental do poder político. E, no Nordeste, também do poder econômico concentrado no grande latifúndio.

Rabêlo& Rabêlo (2001) e Jaccoub (1990) identificam mobilizações ao mesmo tempo nos centros urbanos onde a tensão reinava. Greves, protestos e demandas reivindicatórias compunham o cotidiano, manifestações de diversas categorias sociais,

[50] De acordo com Rabêlo & Rabêlo (2001, p. 43) as ligas camponesas foram fundadas em Pernambuco, por Francisco Julião, como primeira tentativa de organização em massa dos trabalhadores rurais, e tiveram grande atuação no Nordeste e no país. São consideradas precursoras do atual Movimento sem-terra – MST.

desde cabos e sargentos, até sindicatos e associações de bairros, em Recife cresceram consideravelmente.

Figura 08–O casal Elza Freire e Paulo, durante o casamento de Bila (irmã de Elza). Recife, 1955.
Fonte: Acervo pessoal de Doralice de Melo, cedido à pesquisadora.

O antigo conflito entre conservadores e progressistas assume novas dimensões. No período entre 1955/1964, segundo Rosas (2003), no Recife, considerável parcela dos progressistas, divididos por suas origens (católicos, comunistas e socialistas) começaram a assumir práticas mais tolerantes com as divergências consideradas não essenciais e, na medida em que essas atitudes se mantiveram, alguns grupos se fortaleceram, Fávero (1995) cita a UNE, que promoveu os Seminários da Reforma Universitária e, em 1963 quando Recife celebra o Primeiro Encontro Nacional de Cultura Popular.

O Governo do Estado de Pernambuco era exercido por Miguel Arraes, eleito em 1962 e que anteriormente havia ocupado vários cargos políticos, dentre eles a prefeitura do

Recife em 1960. Comandou uma "revolução sem violência[51]", rompeu em Pernambuco com a política tradicional de Estado, mediante intensa participação popular, seu governo foi considerado de esquerda, pois dentre outros acontecimentos apoiava João Goulart, e recebia apoio de movimentos sociais, como as Ligas Camponesas e os de Cultura Popular, em contrapartida, angariou a desconfiança dos setores conservadores, principalmente as oligarquias canavieiras.

Callado (1964) descreve que o panorama encontrado em Pernambuco nos fins de 1963 "era de infundir esperança mesmo ao mais desanimado dos brasileiros"; ainda segundo o autor Pernambuco se dedicara a mais escassa das atividades deste país: a de fazer História. Rabêlo & Rabêlo (2001) enfatiza que Arraes e Brizola eram as "figuras mais visadas pela oposição", enquanto que Vita (2001) inclui Almino Afonso e os compreende como pertencendo à esquerda brasileira.

Esse período compõe-se por cenas particulares e, demarca os movimentos sociais e político-pedagógicos direcionados à cultura e à Educação Popular. Scocuglia (2000) destaca entre os principais movimentos implantados no Nordeste entre 1960 a 1964, o Movimento de Cultura Popular – MCP, criado em maio de 1960, em Recife; assim como a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, no Rio Grande do Norte e a Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR, na Paraíba. Góes (1985) destaca ainda o Movimento de Educação de Base – MEB, o Centro Popular de Cultura e o Sistema Paulo Freire e, considera que passam a ser referenciados como caminhos alternativos, trilhados principalmente pelos educadores da época com vistas à superação da marginalidade e de uma educação marcadamente tradicional e elitista.

A importância do Nordeste e a força destes movimentos irradiam-se para a Nação, enquanto que para flagrar a participação de Elza Freire as palavras deAlmeri Bezerra promovem a revisão desses movimentos oferecendo a abertura desconstrutivista latente no seu depoimento mas articulada com as configurações coincidentes em sua memória:

> Aqui em Recife sobre a questão do próprio Método Paulo Freire já se sabia, já se dizia, que quem tinha interessado Paulo por essa problemática da Educação de Adultos tinha sido Elza. Ele tenteou ser advogado e viu que não era a praia dele. E foi Elza quem o despertou, digamos assim, para a Educação. Inclusive, há um psicanalista no Rio de Janeiro, Carlos Nicéa que participou desde o início, da

[51] Importante consultar, autores que reportam aos cenários daquela época e ao espírito daquele tempo, por exemplo: ARRAES (2008) e CALLADO (1964).

> montagem da metodologia, do trabalho de Paulo e ele me disse que já naquela época foi Elza, foi a intuição de Elza que Paulo despertou, ele inteligente e nquieto, e juntos botaram a coisa para frente. Mas era a ideia da própria Elza [...](Almeri Bezerra de Mello, 2011).

Osmar Fávero (1983) registra que os Movimentos de Cultura e Educação Popular dos anos 60, conseguiram o apoio do Estado e contavam com a liderança de amplos setores da sociedade, sindicatos e associações de classe. Marcaram também a ideologia que fecundou a já inovadora maneira de entender a questão do analfabetismo no Nordeste, assumido pela representação de Pernambuco e Recife, principalmente com a perspectiva e implantação do Sistema Paulo Freire no campo da Educação, da arte e da cultura. Avalio que concluídas com êxito as experiências iniciais no MCP do Recife, os trabalhos já se estendiam a João Pessoa, na Paraíba e despertavam expectativas em outras regiões.

O encerramento da "experiência em Angicos" contou com a presença do próprio presidente da República e, contribuiu decisivamente na divulgação nacional do Método Paulo Freire[52].

Figura 09– Paulo discursa ao presidente e políticos, abril de 1963. Sentados, da esquerda para a direita: Miguel Arraes, Clóvis Mota, Seixas Dória, Virgílio Távora, Aluísio Alves e João Goulart.
Fonte: Revista "O Cruzeiro", edição de 04 de maio de 1963, "A Educação na Quadragésima Hora".

[52] FREIRE (1959; 1963; 1972) e demais publicações do autor e um grupo de interlocutores.

Acontecimentos e circunstâncias que com iconografias marcam a história do Brasil e, em especial da Educação brasileira, revelando o compromisso assumido em favor das classes populares, urbanas e rurais, e o fato de terem orientado sua ação pedagógica para uma política transformadora. Elas – as fotografias e iconografias, são relevantes para a compreensão histórica, vez que apresentam e desvelam os processos que delinearam as políticas educacionais e a história do Brasil. Segundo Fávero (1983) significaram ainda um capítulo especial da história da Educação brasileira, quando a "luta contra o analfabetismo" da população adulta foi liderada por amplos setores da sociedade civil, que passaram a promover ações educativas originais, numa abordagem bem diferente das anteriores.

Em síntese, os anos 60 viram florescer as primeiras experiências de alfabetização e conscientização do Sistema Paulo Freire, que de lá se espalharam para o Brasil e o mundo. As preocupações de Paulo eram "fundamentalmente educativas. O educador sabia" – como bem observou Weffort "que sua tarefa continha implicações políticas [...] e que estas implicações interessavam ao povo e não às elites" (1967, p. 15). Paulo e sua mulher Elza Freire, juntamente um grupo de pessoas, dentre eles o baiano Anísio Teixeira – "a Educação não é privilégio", acreditavam e propunham uma pedagogia da liberdade que podia colaborar numa política popular, mais acesso e informação. Entendiam que a conscientização significava uma abertura à compreensão das estruturas sociais como modos de dominação e violência, idealizavam a democratização e politização da Educação.

A problemática e a importância política da alfabetização e, em especial de adultos, havia se tornado aguda, alcançando destaque, marcada por um tipo de interpretação da realidade social do início da década de 1960, fruto do pensamento social efervescente no período.

De um lado, os analfabetos estavam constitucionalmente impedidos de votar e acreditava-se que a incorporação de grande contingente de recém-alfabetizados como eleitores poderia mudar a representação político-partidária e, sobretudo, alterar a correlação de forças políticas nacionais.

Por outro, as causas desse analfabetismo eram entendidas como originalmente sociais e seu enfrentamento e eliminação se vinculava ao desenvolvimento econômico e social.

A década de 1960, por esses e outros aspectos, compõe um dos capítulos mais polêmicos e efervescentes[53] da história da cidade do Recife em sua fase republicana. Tal caracterização, "se dá entre outros elementos pela aproximação entre a arte, a política e a educação, como elementos capazes de proporcionar ao povo uma conscientização de sua situação social" (SILVA, 2010, p. 45) ede promover as transformações sociais desejadas. A autora dentre outros reconhece que várias iniciativas políticas e culturais conquistam lugares, como o Cinema Novo, o Teatro de Rua, os Sindicatos, o Movimento de Educação de Base, as Associações de Bairro, as Praças de Cultura etc., e, lastreados por um ideal iluminista, segundo o qual também através da Educação Popular o desenvolvimento social se fazia possível, uma série de esforços na tentativa de fazer elevar culturalmente o povo, se veem obrigados a recuar com o golpe civil-militar de 1964.

Os cenários a partir da realidade do Nordeste, e da cidade do Recife, emolduram a preocupação com o homem e a vida social, que se deixa captar diante da diversidade temática de João Cabral, ao expor de forma incisiva a vivência nordestina, dentro de uma configuração social determinado o(a) nordestino(a) nas décadas de 1950/60. Morte e vida Severina[54], é capaz de demonstrar a natureza da realidade e a preocupação em adaptá-lo àquela região e época:

> E somos Severinos
> Iguais em tudo na vida, morremos de morte igual,
> Mesma morte Severina:
> Que é a morte que se morre
> De velhice antes dos trinta,
> De emboscada antes dos vinte,
> De fome um pouco por dia...
> [...]
> - É de bom tamanho,
> Nem largo nem fundo,
> É a parte que te cabe
> Deste latifúndio.
> - Não é cova grande,
> É cova medida,
> É a terra que querias
> Ver dividida.
> [...]

[53] Dentre outros, Silva (2010, p. 45) "no que tange aos aspectos artístico-culturais, o Recife é adjetivado de forma recorrente como "efervescente", tanto nos discursos dos intelectuais como pelos jornais do período".

[54] De acordo com a História da Literatura Brasileira, João Cabral é enquadrado poeta da geração de 45, levando-se em conta o critério cronológico, pois esteticamente, segundo o próprio poeta, tornou-se um caso particular. João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, Pernambuco.

Penso agora: mas porque
Parar aqui eu não podia
E como o Capibaribe
Interromper minha linha?
[...]
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).
[...]
E não há melhor resposta
Que o espetáculo da vida:
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida,
Ver a fábrica que ela mesma,
Teimosamente, se fabrica,
Vê-la brotar como há pouco
Em nova vida explodida;
Mesmo quando é assim pequena
A explosão, como a ocorrida;
Mesmo quando é uma explosão
Como a de há pouco, franzina;
Mesmo quando é a explosão
De uma vida Severina.

A questão sociocultural do Brasil, como acontece em geral, no Nordeste e no Recife, foi então e ainda o é edificado conforme Chacon (1977), citando a Escola do Recife e a Sociologia como resultado de um diagnóstico objetivo, inflexível, quase cruel, do latifúndio, da pobreza e da insuficiência de recursos, o que posteriormente seria denominado de subdesenvolvimento. Questão em que os personagens se adaptam às características sociais e geográficas do Capibaribe[55], que se encontra vinculado da maneira mais íntima à história da cidade e seu povo. O rio, o mar e os mangues. Assassinatos, revoluções, enchentes, fugas de escravos, pontes monumentais.

1.3 – Cenários da ditadura: golpe de 1964

O cenário ainda é o mesmo: Brasil.

Palco de crescentes enfrentamentos, conspirações civil e militar, polarização da luta de classes, efervescência de movimentos populares e culturais.

Nesse panorama, Rabêlo& Rabêlo (2001, p.53-59) delineia que o movimento de 64, não foi apenas uma "quartelada, nos moldes dos antigos pronunciamentos caudilhescos da

[55] O Capibaribe nasce na Serra de Jacarará, Poção/PE. Antes de desaguar no Atlântico, divide a área central do Recife e atravessa bairros. Ele foi fator geográfico determinante na história de Pernambuco e do Nordeste, através da sua várzea se formaram os primeiro engenhos de cana, devido ao solo massapé; serviu de acesso para o agreste e o sertão, onde se desenvolvia a pecuária. Consultar Chacon (1959).

América Latina", representando a disputa pelo poder entre grupos no interior das próprias classes dominantes. Não foi, por outro lado, "uma simples intervenção estrangeira, com o desembarque de *marines* para impor um governo títere ao País", como tantas outras vezes em nosso continente.

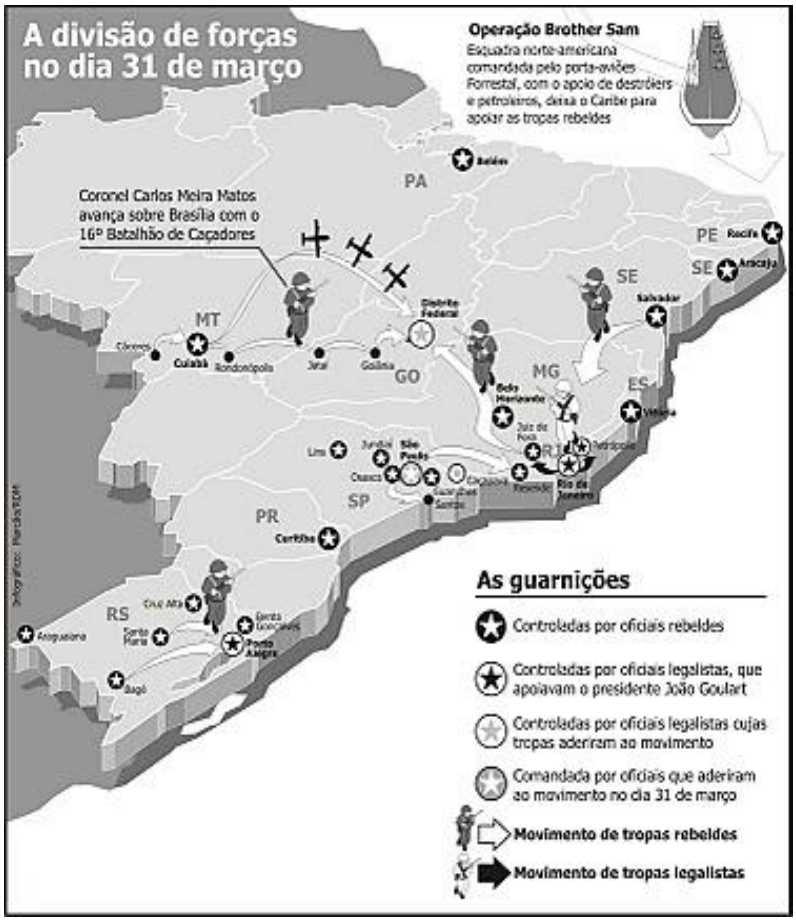


Figura10 –Mapa com a divisão de forças no dia 31 de março de 1964, a movimentação de tropas e a Operação Brother Sam, ancorada em Recife/Pernambuco, Brasil. Arquivo APEJE.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O objetivo dessa frota de guerra era dar apoio logístico ao movimento militar, e fora acertado antes entre líderes golpistas e diplomatas americanos, só retornando depois de consolidada a situação. As forcas americanas estavam a postos para qualquer tentativa de contra ofensiva do governo civil brasileiro ao golpe militar, hoje se avalia que o banho de sangue seria impensável à época. A Operação*Brother Sam* – composta por um porta-aviões, seis destroieres, um navio para helicópteros e quatro petroleiros. Foram enviados ainda, seis aviões de carga, oito de abastecimento, um de comunicação, oito caças e um posto de

comando aerotransportado – foi desativada em decorrência da "aceitação" do governo "golpista" (RABÊLO & RABÊLO, 2001, p. 53).

Em 1964, houve uma "mobilização geral das forças conservadoras, congregando desde a moderna indústria de São Paulo até o latifúndio mais retrógrado do Nordeste, com o indefectível apoio dos EUA e de suas empresas[56]".

Consumada a aliança com os militares, os conspiradores conquistaram a adesão de extensos setores das "classes médias e mesmo nas camadas pobres, explorando os sentimentos religiosos e anticomunistas de grande parte da população". A mídia refletindo os interesses dos anunciantes "preparou a opinião pública para a aventura golpista". A partir de certo instante, os interesses de classes que estavam em jogo, tal como "a oposição, setores expressivos do governo passaram a inquietar-se com os rumos do processo de mobilização" que se desenvolvia nas ruas, nos campos, nos quartéis, nas escolas, e conclui "muitos enxergavam como a antevéspera de uma revolução".

Nos primeiros dias de abril de 1964, o Congresso brasileiro declarava em sessão extraordinária a vacância da Presidência da República. Essa sessão histórica, tevedesligado microfones e as luzes do plenário. Ocorrida poucos dias após a movimentação golpista militar, visava legitimar institucionalmente o Golpe, bem como responsabilizar o governo de João Goulart por omissão quanto aos distúrbios então vivenciados: "A nação está acéfala [...] Não podemos permitir que fique sem governo, abandonado [tumulto]. Há sob a nossa responsabilidade a população do Brasil, o povo, a ordem [tumulto]. Assim sendo, declaro vaga a Presidência da República! [...] A sessão se encerra![57]".

Era a imagem disseminada pelo discurso golpista e pela conspiração golpista, buscando encobrir o fato de que o governo Goulart fora deposto a partir de uma articulação civil-militar que se pôs em movimento, deflagrada por determinados grupos de empresários, políticos, militares e setores conservadores da sociedade brasileira, ou seja, os

[56] A participação dos EUA ficou comprovada em 1976, com a liberação de documentos na Biblioteca Lyndon Johnson, Texas. Além do dinheiro fornecido aos golpistas por companhias privadas americanas, diretamente ou por intermédio de organismos, tipo IPES, Ibade e outros, o governo enviou a Operação *Brother Sam*.

[57] Declaração feita pelo presidente do Congresso Nacional da vacância do cargo de Presidente da República e posse do Presidente da Câmara, versão publicada nos anais: Ata da Segunda Sessão Conjunta, em 02 de abril de 1964. In: ANDRADE (1985).

golpistas do Congresso procuravam legalizar e alimentar uma simbologia do Golpe como retorno à ordem constitucional violada pelo Poder Executivo sob o comando de Goulart.

Em face das influências sobrevindas no período, o estudo e reflexões apresentadas advieram de uma revisão bibliográfica de textos concernentes ao Governo Ditatorial ou Período Militar, para melhor analisar e condicionar a situação proposta nos cenários histórico-político, pedagógico-social e cultural, compreendido entre 31 de março de 1964 (golpe civil-militar que derrubou João Goulart) a 15 de janeiro de 1985 (eleição de Tancredo Neves para presidente da república) e se justifica pelo fato de ser uma marcação referenciada e de certa forma unânime pelas produções consultadas em diversas áreas do conhecimento, tendo a presença das Forças Armadas à frente do aparelho do Estado.

Ditadura, regime autoritário, período de exceção... Ditadura[58], sob qual denominação figura é lembrança que perdura. Embora muitos queiram apagá-la ou diminui-la, ela é fato, faz parte da (nossa) história e do País. Neste texto, que se desenvolve comumente nas páginas da pesquisa, a abordagem dos acontecimentos enuncia um recurso para outros possíveis e vindouros desdobramentos.

A ditadura civil-militar que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985 (NAPOLITANO, 1998) caracterizou-se, sobremaneira, pelo alinhamento da economia nacional ao padrão de desenvolvimento capitalista em vigor nos anos 1960 e 1970, alinhamento esse que se traduziu em autoritarismo e terrorismo de Estado (Atos Institucionais, censuras de toda ordem, repressão, torturas, ferrenha perseguição aos tidos opositores, etc.), como dá visibilidade as interpretações acertadas de Dreifuss (2008) e Ianni (1975) acerca da relação entre o golpe, a ditadura e as empresas multinacionais

> Há um contínuo encadeamento entre as relações políticas e econômicas, nos momentos críticos das relações externas do Brasil. Tomadas em uma perspectiva histórica, no entanto, essas flutuações desembocam no golpe de Estado de 1964. Esse é um fato político fundamental na execução do novo estágio das relações dos Estados Unidos com a América Latina. Uma decorrência necessária desse processo é a liquidação da democracia populista no Brasil. Aliás, em 1945, ficara evidente o conflito entre as primeiras manifestações do incipiente padrão getuliano de desenvolvimento econômico e as exigências da hegemonia dos Estados Unidos (IANNI, 1975, p. 174).

[58] Nos últimos anos, se reconhece o esforço de produção sobre o período militar, onde se destacam as obras acadêmicas, os ensaios memorialistas e em menor escala os trabalhos científicos. Porém, sem a intenção de sintetizar ou aprofundar a discussão dessa produção, cito a interpretação de GASPARI (2002; 2003; 2004). Tais livros considerados em certa medida, polêmicos, superficiais e personalistas, sugiro que sejam analisados de forma integrada, isso devido á percepção desenvolvida pelos próprios leitores e críticos de diversas áreas.

Assis (1983; 1984) e Assis & Tavares (1985), inserindo suas discussões sob a perspectiva da economia, juntamente com outros autores de áreas diversas classificam o período como a política da exceção brasileira[59] pelos desvãos das históricas reformas modernizantes do Estado e das investigações tidas como desbravadoras sobre a delinquência de um Estado civil-militar, sobretudo pelas características assumidas.

Nessa linha de argumentação, Ianni aponta que o Estado brasileiro em formação, desde que se instalou a organização e sustentação da Ditadura Militar, começou a evidenciar as classes e facções de classe que elarepresentava, ora pelas políticas e atividades que o poder estatal é levado a adotar, ora pelo peso de todo o aparato repressivo do Estado que é colocado contra algumas classes da sociedade brasileira, principalmente, os operários e o campesinato, os principais produtores de mais-valia. Para o autor, o planejamento governamental, a repressão política, a censura, o arrocho salarial, a intervenção nos sindicatos urbanos e rurais, a destruição das Ligas Camponesas, a prisão, os sequestros, assassinatos e desaparecimento de pessoas, tudo isso serve ao capital e, para o exercício do governo ditatorial sob o militarismo, a vasta fábrica em que se transforma a sociedade brasileira expressa fundamentalmente a predominância dos interesses da burguesia (IANNI, 1985, p. 100).

O golpe civil militar de 1964 representaria a vitória da parcela da burguesia nacional que defendia, dentre outros interesses, a conformação da educação brasileira com sua subserviência ao capital e, segundo Ianni (1975), a internacionalização da economia resultou na consolidação de um modelo de desenvolvimento associado (dependente) ao capital internacional, com uma particular gravitação em torno do capital norte-americano, numa espécie de "reinvenção", feita pela ditadura, das relações de dependência já antigas do Brasil em relação aos países centrais do capitalismo.

Para compreender as rupturas de forma que se evidenciem as mudanças políticas educacionais decorrentes da correlação de forças em seus momentos conjunturais, Góes (1985), dentre outros, tenta descortinar o horizonte educacional brasileiro a partir de 1964,

[59] O Estado de Exceção caracteriza-se por uma situação temporária de restrição de direitos e concentração de poderes que, durante a vigência, aproxima um Estado sob regime democrático do autoritarismo. É uma forma de governo ditatorial ou de emergência, resultado de uma revolução, ou golpe de Estado. Segundo PIOVESAN (2010) e TELES & SAFATLE (2010) no Brasil tais regimes, ocorreram na Ditadura Vargas (1937-1945) e na Ditadura Militar (1964-1979, o regime durou até 1985, mas a "exceção" findou com a Lei de Anistia, em 1979).

ao discutir os primórdios da hegemonia militar no governo, especifica os movimentos educacionais que acompanharam essa transformação e, aborda a configuração econômica, política e social da década de 1960, fruto de um processo histórico iniciado com o Movimento de 1930. Enquanto Cunha (1985) comenta que os horizontes educacionais da ditadura se caracterizaram por viabilizar uma débil formação escolar básica e pouco perceptível para a inserção nos processos produtivos, sobremaneira, por procurar enfraquecer o ensino público e crítico, abrindo brechas para favorecer que a iniciativa privada se instalasse no ensino superior. Tal política educacional foi, também, altamente repressora, atingindo as diferentes categorias de trabalhadores universitários (docentes, administrativos, etc), de forma a tentar se impor pelo medo e obter seu consenso ao regime.

Em abril de 1964, afirma Mazza (2003, p. 65) o golpe teria, "paulatinamente, desmantelado e destruído as organizações e entidades democráticas e populares" e, logo nos primeiros dias a extinção do ISEB e de experiências de Educação Popular, com destaque as que o casal Freire e sua equipe desenvolvia no Recife, que foram "reprimidas e proibidas, professores universitários cassados, aposentados, presos".

Weber (2004) nesse sentido contribui ao dizer que o MCP foi "destruído" devido a ser considerado "o veneno ideológico que vinha empestando a atmosfera que respiramos", assim como se destrói também uma experiência de governo estadual em que representantes dos setores populares podiam expor, discutir e encaminhar soluções segundo a sua perspectiva. E que, naquela época se alastrava por todo o país, indo além das esferas municipais e estaduais.

Considerando que a Educação constitui uma dimensão importante dessa maneira de tentar compreender os fatos históricos e pensar os processos sociais, que são ao mesmo tempo individuais, cabe-nos salientar que na perspectiva libertadora dos anos 60, nos deparamos com o vicejar de propostas e projetos na esfera da educação pública voltados para as diversas modalidades de ensino e, em particular para a Educação de Jovens e Adultos, inspirada e coadunada com o florescimento de inciativas voltadas para a Educação e Cultura Popular. Tais projetos foram em sua esmagadora maioria, alvo de intensa repressão por parte do regime ditatorial vigente no país por mais de 20 anos e, na medida em que preconizavam uma intervenção social e política através da ação educativa, terminaram por ter vários de seus documentos destruídos e arrombados, sujeitos silenciados

e torturados, vítimas de inquéritos e prisões e, por fim, exilado(a)s.Aqui menciono a Reforma Universitária 5.540/68 e a reforma da primeira LDB em 1971 trazendo a 5.692/71 que, dentre outros, tornou o ensino acrítico e técnico.

Saviani (1990) discorre sobre a problemática do pensamento da esquerda brasileira e procura evidenciar o lugar ocupado pela Educação e, ao fazê-lo, ele enfatiza a necessidade da presença dessas questões no quadro do que está acontecendo. O autor, desperta atenção, para um fenômeno neste quadro, o qual diz respeito à necessidade de que

> [...] as forças de esquerda, sem prejuízo do seu debate interno e da depuração das suas imprecisões e das diferentes tendências, não percam de vista que o avanço deste país, em termos globais, ou seja, em termos sociais, políticos e econômicos e em termos especificamente educacionais depende de que essas forças ocupem cada vez mais espaço, reduzindo-se, em consequência, os espaços da direita (SAVIANI, 1990, p. 20).

Barreto nos ajuda entender a ocupação desses espaços e o embate entre a esquerda e a direita, sob o espírito de um tempo e suas influências na construção de uma visão de mundo e de Educação, ao considerar que

> Neste período também a União Nacional dos Estudantes – UNE, viveu seu período áureo. Expressava os anseios de participação política e social de uma juventude que crescera livre da repressão do Estado Novo de Vargas. Paralelo interessante com a atual juventude que também começa sua vivência de cidadania longe da tragédia do AI-5 (BARRETO, 1992, apresentação).

Naqueles cenários de impasse institucional, crise militar, mobilização civil e atos de resistência, aos poucos os resultados do golpe se fazem conhecer. Os dados disponibilizados por várias fontes e analisados por Cunha (2010) indicam 50 mil pessoas atingidas e suas famílias, a maioria com passagens nas prisões por motivos políticos; milhares de presos, sendo que cerca de 20 mil deles foram submetidos à tortura física; pelo menos 360 mortos, incluindo 144 dados como desaparecidos, 7.367 acusados, 10.034 atingidos na fase de inquérito em 707 processos judiciais por crimes contra a segurança nacional, 4.862 cassados, 6.592 militares atingidos, 130 banidos do território nacional, 780 cassações de direitos políticos por atos institucionais por dez anos, milhares de homens e mulheres exilados e centenas de camponeses e estudantes assassinados, sem falar de incontáveis reformas, aposentadorias e demissões do serviço público por atos

discricionários[60]. Os números refletem em parte os precedentes históricos mencionados e, como vem sendo registrado no texto o enfoque e as possibilidades de análises, uma vez que

> O labirinto do sistema repressivo montado pelo regime militar brasileiro tinha como ponta do novelo de lã o modo pelo qual eram presos os suspeitos de atividades políticas contrárias ao governo. Num completo desrespeito a todas as garantias individuais dos cidadãos, previstas na Constituição que os militares alegavam respeitar, ocorreu uma prática sistemática de detenções na forma de sequestro, sem qualquer mandato judicial nem observância de qualquer lei (ARNS, Dom Paulo Evaristo, 1985, p. 77).

Houve, inclusive e, como demonstram os precedentes históricos mencionados, um diferencial de classes e de regiões ainda mais acentuado quando se compara as punições, repressões e cassações, expressos nos inquéritos, atos institucionais e nas diversas formas desse tratamento indigno à condição humana, sendo que muitos deles, sobretudo dos presos barbaramente torturados e até mortos, ou desaparecidos.

As cenas que se instalaram, impondo um regime sem tolerância e sem antecedentes nos quadros institucionais, mais as condições estruturais e de conjuntura deu margem à falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política aos que eram contra o regime militar e o Estado em formação. Entendo que o exílio, de forma direta ou indireta, integra os atos repressivos do governo e, apresenta-se como uma ou única saída tendo em vista o estrangulamento das condições de liberdade e sobrevivência ante os quadros de insegurança, violência, tortura, desaparecimentos e mortes.

O esforço de pensar os cenários no período e em seus fatos históricos, nos projetos interrompidos, ganha proeminência a partir dos percursos vivenciados por sujeitos, cuja memória e experiências se afiguram como potentes instrumentos para discuti-los de maneira que "o passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro" (BOSI, 2003, p. 66) numa perspectiva de impedir a repetição de autoritarismos e terrorismos de Estado.

Reforço a ideia da "memória geradora de futuro", uma vez que destaca-se o recuperar de projetos, sujeitos, instituições que atuavam em direção às realizações da utopia, como se configuram os percursos de Elza Freire articulados às experiências do

[60]Consultar arquivos e acervos que alimentaram os dados, mas também ARNS (1985); TELES (2005); GORENDER (1987); MEZAROBBA (2007); BAUER (2012).

exílio, com contornos de uma memória que educa inspirada em Condorcet (2000), para não repetir tragédias e que traz um exemplo

> [...] lúcido e vibrante dos sonhos reformadores florescidos no palco da mais importante luta revolucionária da modernidade, pode indicar caminhos e alimentar esperanças para aqueles que, na perspectiva de uma escola pública democrática, estão em busca de alternativas às mesquinhas orientações produtivistas e individualistas dominantes, responsáveis por reproduzir, sob nova roupagem, a heteronomia do pensar e do sentir, sempre imbrincada às formas mais obscurantistas e perversas de insensibilidade social(PIOZZI, 2009, p. 921).

O medo e a resistência, o desconhecido e as incertezas, o destino da nação e dos indivíduos, submetidos aos duros golpes da ditadura. Ainda assim, se traduz um pouco nos sentimentos e nas sensações de quem viveu todo esse processo. Eu, ele, você, brasileiros todos possamos hoje sobre o ontem para o futuro, fazer vez e voz, uníssonas à Pátria que

> [...] de minha parte, continuo recusando o medo. Disse, em minha segunda crônica sobre a quartelada, no dia 3 ou 4 de abril: "Respeito o ódio, aceito o Amor, mas desprezo o medo. Não há medo: há um futuro e é nele que eu creio." Sem medo, continuo crendo num futuro, ainda que esse futuro seja sombrio como uma cela e duro como um pão que precisa ser molhado de lágrimas. Depois desse futuro haverá outro futuro, esse é o futuro que me interessa (CONY, 2004, p. 69).

Nesseconfronto, de blocos de poder, de forças e de classes, desde o início havia uma nítida diferenciação entre, de um lado, militares que clamavam por medidas mais drásticas contra a "subversão" e apoiavam a permanência de militares no poder por um período maior e, de outro, aqueles que se filiavam à tradição de intervenções militares "moderadoras" na política – como já houvera acontecido em 1930, 1945 e 1954 – seguida de um rápido retorno do governo aos civis.

Todavia, articulações bem-sucedidas na área militar de um grupo de oficiais pró-Castelo e o apoio dos principais líderes políticos civis e de toda a conjuntura que se fizera favorável ao golpe foram decisivas para que, no dia 15 de abril de 1964, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assumisse a presidência da República, eleito, dias antes, por um Congresso já nitidamente expurgado.

Para Arraes, o golpe de Estado de 1964, que acabou com o governo constitucional, substituindo-o pela ditadura militar, ia enfim entregar-lhes o poder político ao qual aspiravam (ARRAES, 2008, p. 84). O novo presidente assumiu prometendo a retomada do crescimento econômico e o retorno do país à "normalidade democrática", discurso que se transformou com o tempo, uma vez que até 1968 correspondia aos anseios dos grupos

militares no poder, vindo depois a ser subvertido. Isto, no entanto, só ocorreria 21 anos mais tarde, daí se concluiu que 1964 representa um marco na história do Brasil, pois diferentemente do que ocorreu em outros momentos, dessa vez militares não apenas deram um golpe de Estado, como permaneceram no poder.

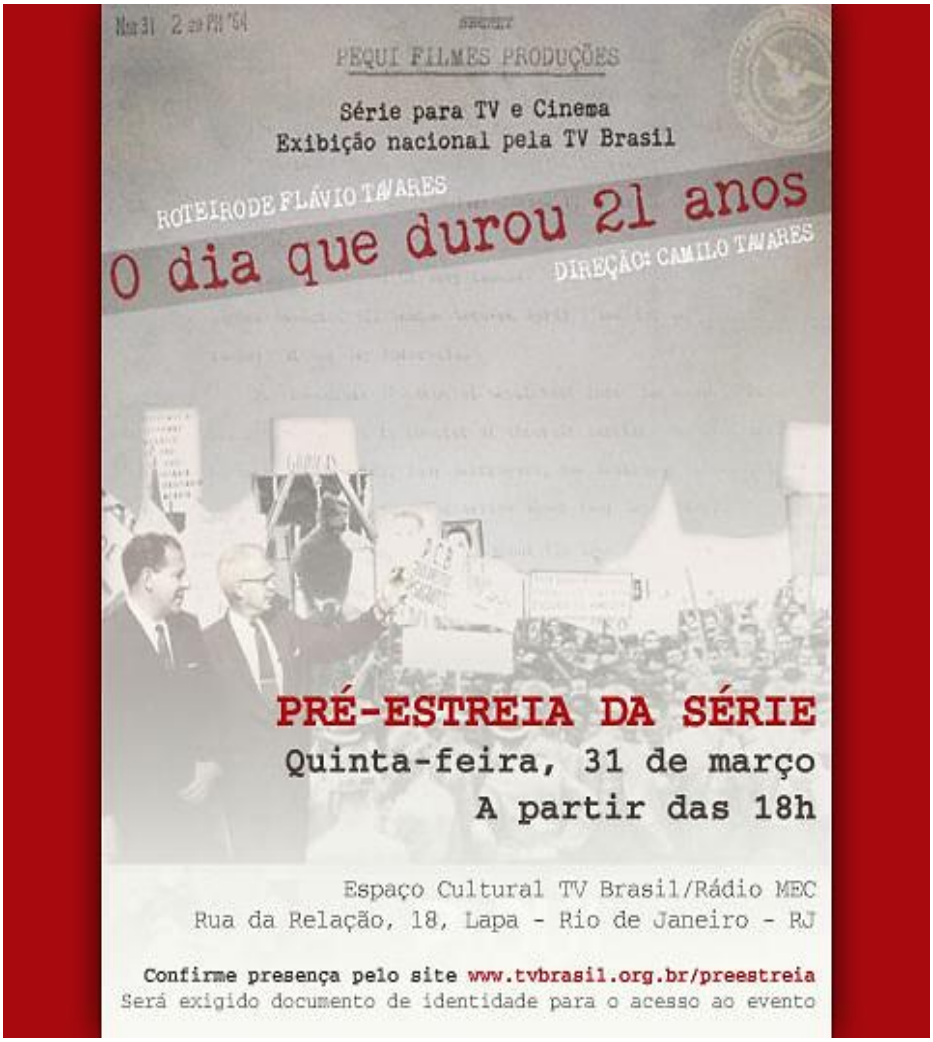


Figura 11–Cartaz de divulgação do Documentário "O dia que durou 21 anos".
Fonte: Acervo da pesquisadora, cedido pelo diretor Camilo Tavares.

Toledo (1997) identifica no discurso das derrotadas lideranças de esquerda, que a expressão "cabeças cortadas" – dirigida contra os eventuais golpistas – tinha um sentido metafórico; isso nos possibilita entender que na prática dos "vitoriosos de abril", a metáfora se tornou uma dura e cruel realidade para muitos homens e mulheres, famílias durante os 21 anos da ditadura militar.

Era o nosso país com retoques que se expressavam no seguinte lema: "Brasil: ame-o ou deixe-o!"

Em sintonia com esta proposta, Elza Freire e a família Freire, engrossam as fileiras de brasileiro(a)s que diante da realidade nacional são exilados, imprimindo outras opções e decisões às suas vidas. O processo instaurado, social e político, que não se pode afirmar quando e aonde começa ou termina, mesmo porque sua cronologia incorpora a dimensão sensível da vida de homens e mulheres – como Elza Freire e Paulo, brasileiro(a)s.

Esse processo equaciona a montagem de configurações, queirrompem fronteiras territoriais.

O exílio entra em cena e, ao acometer homens, mulheres, famílias, partem para além do Brasil e dos fatos que fizeram as noites da ditadura encobrirem os dias de utopia.

O cenário se manifesta drasticamente substituído por um dia que durou 21 anos[61].

1.4 – O golpe na alma: Considerações sobre os cenários de uma época, o espírito de um tempo e o impacto causado em Elza Freire e na família Freire

A feitura do capítulo se deu a partir de recortes temporais que considerei importantes para a compreensão de uma época e o espírito de um tempo, reunidos em acontecimentos históricos, políticos, pedagógicos, sociais, culturais e econômicos. Os contornos recaem sob os fatos que mais se aproximam de nossa pesquisa, principalmente ao pensar os precedentes do exílio brasileiro no período de 1964 a 1980 e a inserção de Elza Freire nessa configuração.

Considerando o espectro do período, fiz recuo a décadas anteriores, cujo sentido é recuperar e dar conta de dimensões significativas de uma sociedade em transformação e o confronto das forças e das classes, em relação à Elza Freire e sua família, face às suas experiências individuais, ao mesmo tempo, coletivas.

Além disso, convém relatar que recorri a uma diversidade de fontes e considerei relevante apresentar os critérios preliminares de demarcação da pesquisa empírica, por exemploa investigação é centralizada nos sujeitos que exerciam destaque no cenário

[61]Documentário que traz bastidores da participação do governo dos EUA no golpe de 1964 e instaurou a ditadura no Brasil. Ele reúne depoimentos, iconografias, declarações de pesquisadores brasileiros e norte-americanos sobre o tema e documentos oficiais da CIA e Casa Branca.

político-pedagógico brasileiro que viveram o golpe, as prisões e partiram para o exílio a partir de 1964, isto é, a geração 1964. Apesar das diferenças que levaram a certa fragmentação desse grupo, eles partilhavam uma série de características, tais como a defesa da implantação das reformas de base, propostas pelo Governo de Jango, a vinculação a movimentos populares e sócios culturais, a ocupação de cargos públicos, dentre outras.

Busquei problematizar o projeto de Brasil (democrático, igualitário, etc.) e da sociedade brasileiraesboçado desde os primeiros tempos da República em 1889, ensaiado entre o movimento do Modernismo de 1920, pela republicanização na República em 1930, o Estado Novo, a retomada de experiências que se inserem num processo de exercício e num conjunto de atividades democráticas em 1945, os rebatimentos nos movimentos de Educação Popular nos anos de 1960, frustrado nos distintos golpes de 1930 e 1964, abortados pelas ditaduras, estorvado pelo exílio e, que avalio, segue inacabado.

O Brasil nessas décadas sofre transições em vários setores e acarretando situações que não se resolvem de um período a outro, ora são marginalizadas, ora contemporizadas, eclodindo em alguns momentos efervescências e enfrentamentos: a passagem do império para República, a República Velha e o Estado Novo; as oligarquias, os latifundiários e a indústria; a Escola Nova, as LDB's e a Educação Popular; o golpe civil militar, a ditadura e o exílio; a vanguarda da elite intelectual e as classes populares; a bossa nova e os grandes festivais; de Gilberto Freyre a Bertha Lutz.

As referências dividem com iconografias, fotografias e depoimentos o esforço em dar movimento ao conjunto de fontes. A montagem das cenas de uma época sob a inspiração do espírito de um tempo foirealizadana articulação entre os cenários e os personagens que neles circularam – foco em Elza Freire e sua família: Paulo, Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, isso cabe ressaltar a particularidade desses sujeitos na configuração local, regional e nacional, aos quais são infligidas penalidades do aparato repressivo nacional que assolavabrasileiro(a)s.

Figura 12 – Madalena Freire atuando com os pais nos Círculos de Cultura/Método Paulo Freire, 1963.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Como se observa na foto, muito mais do que partícipe dos processos, Madalena detendo-se nas influências dos pais e da época, registra experiências do passado, desliza memórias na quebra de cronologias e da incidência direta do passado sobre o presente, aproxima a distância dos tempos vividos, capazes de ajudar a compreender sua inserção e a deles no seu tempo e o que essa inserção gera de questões e reflexões para o futuro.

> Na adolescência, aos dezesseis anos, veio a experiência ao lado do meu pai e da minha mãe na "Campanha Nacional de Alfabetização", em 1963, nos "Círculos de Cultura" em Tiriri, Pernambuco e, "Angicos" no Rio Grande do Norte. Foi o início de minha formação, discutindo as "fichas de cultura" nas telas de Brennand. Comecei assim meu aprendizado sobre a importância do registro, da observação, da escuta, do enfrentamento dos conflitos, do diálogo no grupo. Desde este tempo, nunca mais sai de uma sala de aula (FREIRE, Madalena, 2008, p. 21).

Nos Círculos de Cultura e nas experiências com Educação de Adultos realizadas pelo casal Freire, inclusive em Angicos, que fora coordenado por Madalena – a primeira filha deles, as orientações seguiam o que chamavam de "palavra de pensamento", aspecto interessante em que, geralmente, os alfabetizandos escreviam com segurança e legibilidade, discutindo-se a sua significação em face da realidade. Para a:

> [...] professora Elza Freire, possivelmente, isto se deva ao fato de que, altamente motivados, tendo apreendido criticamente o mecanismo de cominações silábicas

> de sua língua e tendo se "descoberto mais Homens [e mulheres] a partir da discussão do conceito antroposófico de cultura ganhavam e iam ganhando cada vez mais segurança emocional, no seu aprendizado, que se refletia na sua atividade motora (FREIRE, Elza apud FREIRE, Paulo, 1967, p. 127).

São desdobramentos históricos, político-pedagógicos, que fazem com que, nos espaços do texto, as referências do passado remoto e desconhecido abram, com as marcas do passado recente o horizonte percorrido, o futuro mais próximo, continuamente utópicos.

As gerações que o casal Freireformou sob suas influências, em especial àquelas dos tempos idos de Recife da década de 60 e, os que surgem a partir delas, inspirados na utopia dos primeiros dias, dão segmento ainda hoje ao ideário vanguardista da Educação. A filha Madalena, dizque

> Paulo não teria existido sem a influência, a parceria intelectual e apaixonada de Elza. Ele nunca negou essa influência, em muitas ocasiões referia-se a ela [...]. Nós, filhos, que ele e ela formaram, temos o dever, o legado de formalizar essa inestimável e valorosa autoria dela nele (Madalena Freire, 2011).

Em parte, acredito que o repertório conceitual agregado a uma lógica indutiva e uma busca compreensiva, facilita o entendimento do impacto causado em Elza Freire e sua família, inicialmente ante a posição estratégica que ocupavam por serem ligados a Paulo, um homem que alcançou visibilidade local, regional, estadual e nacional – antes de circular internacionalmente. Em seguida a condição de exilados, imposta por um processo autoritário, violento e repressivo que acometeu milhares de brasileiro(a)s e, mudou drástica e violentamente suas vidas, indica a profundidade do que está em análise quando a questão é a memória e a temática destinada a não esquecer e repetir fatos que atormentam o presente e como ainda influenciam a formação da nossa sociedade.

Destarte fui encaminhada ao recorte nos primeiros anos da década de 1960[62] para as análises iniciais em torno do impacto causado em Elza Freire e na família Freire. Recortes pensados a partir das temporalidades vividas por eles, mas também orientados pelos Escritos Íntimos[63] de Elza Freire, quando decido partir da questão de que os sujeitos escolhem os temas que maior impacto lhe causam, respeitando ao mesmo tempo, tais escolhas. Mesmo sabedora que poderia seguir outras possibilidades de interpretação, adotei

[62] Décadas anteriores com informações sobre os percursos de Elza Freire, videSPIGOLON (2009).

[63] Integra o conjunto de fontes e materiais coletados pela pesquisadora. Vide Introdução.

a hipótese de que no bojo desse período, no burburinho das experiências, se dá a equalização de fatos que vão conduzi-los ao exílio.

Período dos anos 60, o país registra a efervescência de fatos que fazem emergir tanto a utopia com os movimentos da Educação Popular e a Educação de Adultos no Brasil quanto os movimentos das forças sociais, políticas e militares que instauraram o golpe civil-militar, com destaque para o Nordeste e Recife.

Torres (2001) destaca a influência da Escola Nova sobre a Modernização da Educação brasileira na gestão de Anísio Teixeira e enfatiza a importância dada por Paulo a esse movimento na elaboração da sua proposta pedagógica que segundo Spigolon (2009) a referida "teoria e práxis" teve a decisiva participação e influência de Elza Freire. A época apresentava a Educação Popular como pedagogia para a transformação/transição social, tendo como objetivo principal a conscientização. Concluindo Torres (2001) diz ser perceptível, os rumos que a educação brasileira vem trilhando, seguindo as tendências neoliberais.

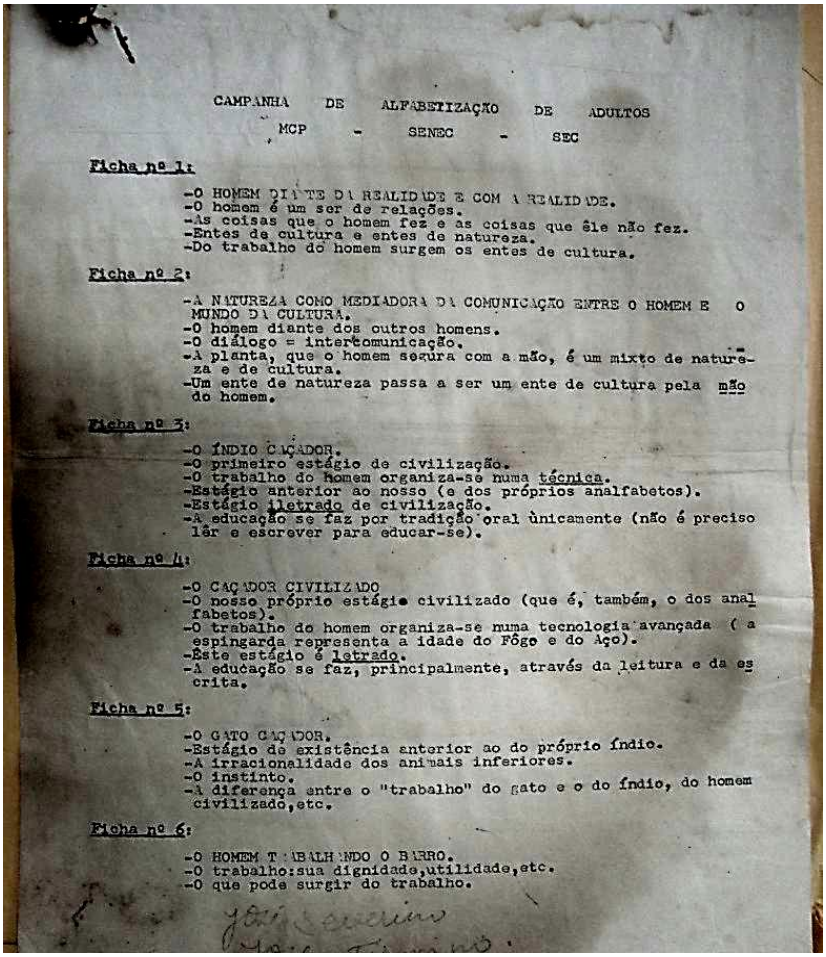
Os cenários são propícios para se refletir sobre a importância do MCP em Pernambuco, da Educação Popular no Brasil e da proposta político-pedagógica de Paulo e Elza Freire acreditando na necessidade das utopias e nas lições dos movimentos sociais democráticos e emancipatórios, é possível restaurar a esperança e a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, mais solidária e humana.

É possível afirmar que durante o exílio, isso além de motivar, inspirar e fundamentar as experiências construídas a partir de 1964 reverteu-se em outras propostas político-pedagógicas desenvolvidas por Elza Freire e Paulo a partir da Educação Popular, baseada no MCP e outros movimentos de uma época, dos quais eles encarnaram o espírito de um tempo, levando em consideração as mudanças históricas, políticas, sociais, culturais, econômicas, educacionais e outras ocorridas/vivenciadas naqueles anos até os dias atuais.

Para esse tempo, o significado e a abrangência, tanto territorial e de classes, quanto ideológica do MCP e outros movimentos similares, os classificam como perigosos e subversivos, assim foram submetidos à intervenção da ditadura, sofreram atos violentos, entendidos e utilizados como medidas repressivas instituídas pelo regime militar.

Registrou-se a invasão das sedes por tanques e blindados do exército, fechadas tiveram acervos queimados e apreendidos, momentos de violência, opressão e

manifestações de poder autoritário e ditatorial, interrompe-se o trabalho que vinha se realizando e, na tentativa de coibir ideias e práticas, se faz em atentados a movimentos e eliminação de sujeitos pertencentes a eles, como uma demonstração de força e poder[64].



CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS
MCP - SENEC - SEC

Ficha nº 1:

-O HOMEM DIANTE DA REALIDADE E COM A REALIDADE.
-O homem é um ser de relações.
-As coisas que o homem fez e as coisas que êle não fez.
-Antes de cultura e antes de natureza.
-Do trabalho do homem surgem os entes de cultura.

Ficha nº 2:

-A NATUREZA COMO MEDIADORA DA COMUNICAÇÃO ENTRE O HOMEM E O MUNDO DA CULTURA.
-O homem diante dos outros homens.
-O diálogo = intercomunicação.
-A planta, que o homem segura com a mão, é um mixto de natureza e de cultura.
-Um ente de natureza passa a ser um ente de cultura pela mão do homem.

Ficha nº 3:

-O ÍNDIO CAÇADOR.
-O primeiro estágio de civilização.
-O trabalho do homem organiza-se numa técnica.
-Estágio anterior ao nosso (e dos próprios analfabetos).
-Estágio letrado de civilização.
-A educação se faz por tradição oral ùnicamente (não é preciso lêr e escrever para educar-se).

Ficha nº 4:

-O CAÇADOR CIVILIZADO
-O nosso próprio estágio civilizado (que é, também, o dos analfabetos).
-O trabalho do homem organiza-se numa tecnologia avançada (a espingarda representa a idade do Fôgo e do Aço).
-Êste estágio é letrado.
-A educação se faz, principalmente, através da leitura e da escrita.

Ficha nº 5:

-O GATO CAÇADOR.
-Estágio de existência anterior ao do próprio índio.
-A irracionalidade dos animais inferiores.
-O instinto.
-A diferença entre o "trabalho" do gato e o do índio, do homem civilizado,etc.

Ficha nº 6:

-O HOMEM TRABALHANDO O BARRO.
-O trabalho:sua dignidade,utilidade,etc.
-O que pode surgir do trabalho.

Figura 13–Ficha utilizada na Campanha de Alfabetização de Adultos (MCP, SENAC e SEC), com marcas do incêndio provocado durante a invasão à sede do MCP de Recife em seguida aogolpe de 1964.Arquivos do DOP's, Acervos no anexo do APEJE, Recife/PE/Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ressalto, eles não eram tão-somente membros do MCP, se metamorfosearam em figuras importantíssimas no imaginário dos governos Arraes e Goulart, o que traz uma especificidade muito própria a Paulo, Elza Freire e seus filhos, pois na concretude de suas

[64] A ficha arquivada no DOP's, junto ao APEJE integra materiais da proposta político-pedagógica para a Campanha de Alfabetização de Adultos, elaborada por Paulo, Elza Freire e equipes, realizada pelo MCP, SENAC e SEC, em Recife e outras localidades. Há sinais de incêndio nas bordas, em virtude da intervenção e encerramento drástico das atividades e do grupo, com o golpe de 1964.

propostas, despertam interesses, conquistam adeptos e formam opiniões, de consenso ou controversas. Fato é que rompem com a indiferença, não estão simplesmente naquele cenário, eles são parte dele, roubam e fazem a cena.

As palavras de Elza Freire são muito expressivas ao descrever que "fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização [...] fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa" (FREIRE, Elza, 1980, p. 203). Esses e outros registros indicam a atuação dela e assim configuram as situações e consequências, articuladas com ênfase às ações do casal e como elas repercutiam no cenário político nacional e depois internacional.

É preciso observar que, Paulo Freire e o que ele simbolizava, desde as experiências iniciais no Poço da Panela até os movimentos de Cultura Popular, em Recife e no Nordeste, mas sobretudo, as dimensões mais amplas que isso assume e que se devem ao apoio do Governo Federal da época, ao projetá-lo nacionalmente quando o levam para o Plano de Emergência do MEC – com Darcy Ribeiro, e o PNA – com Paulo de Tarso Santos, tomando-o como bandeira nacional através de seu método, pois a alfabetização de adultos foi colocada, naquele momento como uma responsabilidade de todos. Mas, "era principalmente enquanto requisito da participação de todos no processo político que a alfabetização se impunha" (BEISIEGEL, 1974, p. 162).

O depoimento ilustra a conjuntura do momento, deixando sobressair-se as ações do casal Freire, seus significados e abrangências

> Paulo de Tarso, ministro da Educação ficou sabendo do Paulo Freire. Então me disse: "Plínio há um professor lá no Recife que tem um método de alfabetização revolucionário porque ele consegue em 30 dias alfabetizar um adulto sem o auxílio de cartilha, auxílio de nada e, ele vem aqui em casa hoje para nós o entrevistarmos, você não quer dar um pulo aqui para a gente ver como é a pessoa e tal?" Eu fui! Aí, o Paulo [Freire] explicou com aquele jeitão dele, depois disse assim: olha tem uma coisa, eu não moro longe da minha mulher [Elza Freire] de jeito nenhum, de modo que se o senhor quiser que eu venha pra cá, é preciso que eu tenha um apartamento e possa trazer a minha mulher e meus filhos. Aí eu fiquei sabendo da Dona Elza. Porque eu não me separo da Elza de jeito nenhum. Aí eu falei deve ser uma mulher espetacular e, de fato, poucos dias depois o Paulo veio com a Dona Elza, que é um encanto, uma pessoa excepcional, uma figura humana extraordinária, uma bondade, uma simpatia, uma não intrusão. Ela estava ali, ela estava sempre ali, mas ela não se intrometia, só na hora que precisava de uma coisa importante, a Elzinha estava pra fazer, o Paulo a chamava por Elzinha.Então, todas as apresentações do Paulo, a Elza estava junto, todas. Aliás, havia uma coisa muito interessante, por que o Paulo Freire "punha" lá o negócio de projetar e depois ele sempre "punha" errado, aí a Elzinha ia lá e consertava. Ele dizia assim: Elzinha, Elzinha vê pra mim. Ela que acertava tudo, fazia a coisa acontecer (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Elza Freire fazia a coisa acontecer e, a partir de junho de 1963, elase desloca das atividades descritas acima, inicialmente em nível local e regional, para dar segmento à elas eparticipar na capital política e administrativa do país, ao lado de Paulo pois ela "era a educadora que fazia, fazia o fato, fazia a alfabetização" (FREIRE, 2005, p. 263). Assim, trabalhando juntos para darem continuidade às ideias e práticas voltadas para a Educação de Adultos, ele próprio chega a

> [...] confessar que às vezes Elza e eu, em Brasília, não conseguíamos dormir, a não ser às quatro da manhã, falando-nos de nossos espantos em face do que ouvíamos nos Círculos. Sim, Brasília, durante a implantação de trezentos Círculos de Cultura, na época, nas cidades satélites (FREIRE, in FREIRE & BETTO, 2000, p.22).

O trabalho, se prolongava também pelas madrugadas, era feito pelo casal Freire. Imaginemos o quantitativo de trezentos Círculos de Cultura, nas cidades satélites e o que isso representa no universo das políticas públicas da época para a Educação de Adultos e como foi sendo elaborada com a participação decisiva de Elza Freire.

Brasília é recebia o "Método Paulo Freire" e, com ele, a capital se transforma no palco para a atuação e as experiências político-pedagógicas de Elza Freire e sua família.

Os últimos meses do ano de 1963 e os primeiros de 1964 se caracterizavam pela constante ameaça de golpes e contragolpes.

Além do casal Freire, outros da mesma geração de 1964, como Maria Thereza e João Goulart entremeiam à sua própria história ao do país.

Nas memórias, o comício da Central do Brasil:

> Participei de outros comícios, na campanha de 1962, mas aquele foi o comício das reformas de base, um marco daquele momento da política nacional. Até me assustou de tão grande, tão intenso. Eu sabia que era um momento difícil, havia avisos de atentados. [...] Os militares já haviam tentado negociar o fechamento do Congresso e a prisão de líderes sindicais e políticos em troca de se manter no poder. Mas meu marido [João Goulart] era um democrata, nada o faria se afastar de seus princípios. "Presidência é destino", ele dizia. Preferiu cair, mas cair de pé. Esse dia, o do comício, eu vou levar comigo para sempre. Foi ali que aprofundei minha admiração pelo caráter dele e que entendi que o Brasil o merecia. Foi ali que ele se tornou um mártir da democracia no nosso país. (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

As noites da ditadura e os dias de utopia se moviam pelo discurso da Central do Brasil, ecoando até a contemporaneidade.

Figura 14 – Maria Thereza ao lado do presidente João Goulart durante o comício da Central do Brasil, no dia 13 de março de 1964, na cidade do Rio de Janeiro. Acervo história política, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas, São Paulo Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Maria Thereza lembra que era 1º de abril e o golpe derrubava o seu marido João Goulart, da presidência da República do Brasil. Aos 21 anos, a primeira-dama mais jovem do país enfatiza que o discurso na Central do Brasil foi a marca registrada de Jango.

Elza Freire e Paulo já estavam casados há vinte anos, testemunharam os processos pelos quais as noites da ditadura encobriram os dias da utopia, fazendo o golpe civil-militar se tornar público na madrugada de 31 de março de 1964, portanto, entendo como Cortez (2008) que isso representou *"o golpe na alma"*.

A família Freire – Paulo, Elza e os filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, ao residirem à época em Brasília e atuarem no PNA, provam quese inserem nesse cenário e que se articulam com os acontecimentos, a família age e interage nos processos, não como meros expectadores, mas sim afiguram-se como sujeitos da história. O golpe impacta Elza Freire, traz impactos à família Freire e também às relações familiares.

> Quando o golpe se definiu, do ponto de vista da tomada de poder, eu estava em Brasília. Foi exatamente no dia 1º de abril de 1964. E então resolvemos, Elza e eu, que os filhos, então conosco, voltariam para o Recife juntamente com a minha mãe. E Elza preferiu ficar comigo para a gente decidir ainda o que é que eu faria. (FREIRE, in FREIRE& GUIMARÃES, 2001, p.35).

Germano (1982) afirma que a criação do PNA trouxe consigo a oficialização do Método Paulo Freire, que de acordo com Paiva (2003) e Beisiegel (1974) representava a incorporação, a nível ministerial e em termos práticos, da orientação dos grupos que desde 1962 desenvolviam atividades ligadas à Educação de Adultos. Fato que se observa quando as atividades do PNA foram suspensas no dia 02 de abril de 1964, vindo a sofrer o golpe de ser extinto no dia 14 de abril pelo decreto nº 53.886, como uma das primeiras medidas da ditadura. A rapidez na deliberação deste decreto pelos militares revela a imagem de perigo que Paulo e o método que ele e Elza Freire elaboraram representavam.

As circunstâncias apresentadas de imediato eram essas. Em seguida, Paulo após responder inquéritos no Rio de Janeiro e Recife, assiste com a família – Elza Freire a esposa e os filhos, a prisão. "No dia seguinte estava em casa, não me esqueço do dia, 16 de junho, dia do aniversário de Elza. Era manhã cedo [...] me vesti, tomei um cafezinho, me despedi de Elza e fui" (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 42).

O impacto do golpe leva a utopia ao cárcere e faz com que a família seja atingida conjuntamente para que, sob o impacto da violência e do desconhecido, com destaque à prisão, venha o enfrentamento de Elza Freire e os filhos, afinal ela "poderia ter se separado de nosso pai, quando ele se encontrava preso, como deve ter acontecido com vários casais. Mas pelo contrário, deu-lhe apoio, tanto profissional quanto emocional" (FREIRE, 2001, p.335). Elza Freire segue nesse processo dramático e diante das incertezas, demonstra ser ela própria ante as novas e inesperadas situações, principalmente perante aos filhos

> Minha mãe achou que seria melhor não contar para mim e Joaquim sobre a prisão dele, mas as meninas sabiam, tanto que ajudaram nossa mãe a enfrentar a situação e tudo o que isso significava de sofrimento para todos nós (FREIRE, Lutgardes, 2001, p. 334).

Isso se imprimetambém nas palavras de Fátima ao reforçar as de Lutgardes

> Foi uma tranquilidade não só para mim, mas sobretudo pra mãe, que sofreu bastante, foi duríssimo para ela. Uma coisa que me marcou foram as feijoadas, os quilos de feijoada que a gente fazia para levar pro quartel... E o ônibus, o feijão quente cheirando, a gente segurando as panelas... (DOWBOR, Fátima Freire 1980, p. 102).

Elza Freire convocada pelas forças da situação, não se deixa "encarcerar" – embora aqui é também o sentido do exílio interno, elaintervém na realidade, desdobrando-se em suas atividades profissionais, domésticas, familiares e de militância, como é possível examinar em sua ação individual e cúmplice, ao mesmo tempo coletiva e solidária

> Ainda me lembro com que esforço a Elza trazia, às vezes ajudada pelas filhas, panelas com comidas para nós. Ela não trazia só para mim, não. A Elza tinha assumido com prazer a tarefa de trazer comida. E lá ia o soldado apanhar na portaria do quartel a panela com feijoada, para depois levar a panela vazia. Um dia eu lhe disse: "Mas, Elza isso é um trabalho enorme!" A gente não tinha dinheiro para ela pegar taxi, vinha de ônibus, de Casa Forte para Olinda. E ela me respondeu poeticamente: "Prefiro continuar fazendo isso porque assim entro um pouco na sua cela através da comida e da panela, e você vem um pouco na panela vazia" (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p.48).

As estratégias adotadas por Elza Freire são reveladoras.

Depois da cadeia em Olinda, prosseguem interrogatórios no Rio de Janeiro e as ameaças em Recife, o diálogo vigente é a violência e a repressão. Após algumas semanas, muitos presos conseguem ser soltos, através de *habeas-corpus*, para aguardar o julgamento do processo[65]. O cerco vai se fechando e diante de indecisões e incertezas, surge apossibilidade de sair pelas vias do exílio, condição inescapável, embora a resistência em permanecer. Perseguido Paulo ainda"nesse momento recusava a ideia de deixar o país. A Elza, muito mais realisticamente, já achava que eu devia sair do Brasil" (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 68).

Era o quadro comum àqueles que integravam o *"staff"* governamental ou que, de uma forma ou outra, atuavam e apoiavam o Governo Goulart. Diante do tensionamento das circunstâncias, o depoimento expressa memórias e experiências acerca do processo vivido pelo Brasil e pelos sujeitos, articulando as ações mobilizadas nas esferas do coletivo e do individual

> Veio o golpe, Paulo foi super perseguido e nós todos tivemos que sair de Brasília. Era o exílio! A saída da primeira turma para o exílio se dá logo em seguida ao golpe, saímos quase junto com o presidente. Paulo Freire foi perseguidíssimo, porque o método dele era um pavor, eles tinham pavor do método, porque o método nos permitiria fazer 4 milhões de eleitores e, isso era decisivo para as eleições de 65. 4 milhões de eleitores populares, eu diria que eles [os militares e o bloco do poder] perceberam isso e Paulo foi preso e interrogado por um Coronel chamado Ibiapina, que era o "cobrão" do exército lá em Recife, que terminou com o seguinte veredicto: "Eu não sei porque falam tanto desse cara, ele é um perfeito analfabeto". Pode um "troço" desses? Então, Paulo foi muito reprimido,

[65] Conforme Paulo Freire (1978, p. 10-14), o processo foi arquivado *"por inépcia da denúncia"*.

> e resolveram sair, e fizeram muito bem, porque depois a coisa foi piorando cada vez mais. Então por isso ele saiu logo e eu saí um pouquinho antes, logo depois que ele foi solto e fizeram bem(Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

A situação estava posta e o exílio é condição *sinequa no*. O filho Lutgardes, tornou-se exilado, quando era criança, por isso seu depoimento é impregnado das experiências de quem participou da situação de ter o pai perseguido pelo regime ditatorial e da mãe enfrentar o golpe, a família constitui-se exilada

> [...] falar da minha mãe, é falar sobre uma mulher, em primeiro lugar muito corajosa, uma mulher que enfrentou a ditadura, quer dizer ela levava comida pro meu pai na cadeia com as minhas irmãs, e eu e o meu irmão não entendíamos muito bem o que tava acontecendo, nós ficávamos em casa [...] quer dizer, ela afrontava a ditadura com toda sua força, com toda a sua garra, isso era característica da minha mãe, porque ela era uma pessoa muito forte não só do ponto de vista político, mas também da vida dela, quer dizer, ela foi uma mulher extremamente corajosa e forte [...] evidentemente que para minha mãe a saída do Brasil foi uma coisa muito dolorosa (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Como vem sendo descrito, as características da geração 1964, se apresentam bem definidas. Então, para ampliar a discussão e aprofundá-la, incluo as mulheres, que nessa conjuntura são responsáveis por ações mobilizadas, o que a partir delas e dos percursos de Elza Freire e sua família, reforça desenvolver um texto sob a perspectiva do coletivo, narrado pelas experiências individuais, assim juntas constroem as memórias do exílio brasileiro e do Golpe de 1964.

As exiladas da geração 1964 foram em sua maioria mulheres sem atuação político-partidária direta, porém que participavam sob a condição, dentre outras, de brasileiras, esposas e mães. Maria Thereza – primeira dama do país, contribui para o entendimento da época e das percepções surgidas. O depoimento ilustra os cenários de onde emergem Elza Freire e Maria Thereza, aproximando-as a tantas outras brasileiras, que pelas experiências, assim como elas,são mulheres e exiladas também.

> Há 50 anos, quando estava no Planalto, as mulheres eram mais esposas [...] A política era mais simpática e interessante, a equipe do Jango tinha afinidade [...] Pensei que ia voltar. Parti da Granja do Torto, em Brasília, para a fazenda da família no Rio Grande do Sul e, depois, para o Uruguai. [...] pela janela do avião, foi o momento mais melancólico da minha vida, na escala da viagem, na madrugada seguinte [...] estava perdida, com as crianças, e vi aquela paisagem triste, foi o momento mais melancólico da minha vida [...] Estava no exílio uruguaio e Jango me disse: "Te prepara Teca, porque nós vamos demorar muito para sair daqui e tu vais sair daqui avó". E foi verdade [...] (Maria Thereza Fontella Goulart, 2012).

O desenvolvimento das ideias é ancorada no movimento histórico de discutir fatos passados, tendo em vista potencializar o foco tanto nos percursos de mulheres que viveram de forma peculiar aqueles episódios nacionais e depois experienciaram a condição do exílio, quanto na ponte que estabelece com o futuro na propagação de visões de mundo construídas no cotidiano de práticas sociais repletas de utopias capazes de constituir sociedades mais igualitárias, justas e humanas.

Daí, os percursos de Elza Freire e o relato das experiências da família Freire, como possibilidade de registrar e identificar um passado, como elos entre o passado e o presente, e a capacidade que a memória tem de uni-los ao futuro, de maneira a resistir e criar outros.

Nessas circunstâncias e, sobretudo, a partir da saída de Paulo, o marido e a sua permanência no Brasil com os filhos, a separação de seus pais e irmãos, a ida para o exílio, por um tempo sem previsão de duração, passou a ser entendido por Elza Freire e tantas mulheres nas mesmas condições, como única possibilidade para continuarem vivas e para evitar a separação e o desmantelamento da família. O impacto da saída, o corte na vida, as perdas afetivas, a separação do lugar e das pessoas, o impacto do exílio; conduzem Elza Freire a relatar

> Quando saí, senti realmente que não voltaria mais, de maneira nenhuma. Talvez isso me tivesse dado um certo corte, não pensar mais em volta nem no que tinha passado. Talvez o momento mais duro tenha sido esse. O momento em que eu saí, deixando o meu pai com minha mãe, sabendo que não teria mais oportunidade de vê-los e realmente **cortando tudo para enfrentar uma nova vida sem dar a mim mesma o direito de pensar no que havia deixado. Era como se tivesse tido a coragem de dizer: não existe daqui pra cá**[grifo da autora] (FREIRE, Elza, 1980, p. 200).

O exílio nos compele a pensar a partir de experiências de rupturas, pois "ele é uma fratura entre o ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu lar", nesse sentido, as reflexões sobre o exílio são "esforços para superar a dor mutiladora da separação" compreendendo que "as realidades do exílio são minadas pela perda de algo deixado para trás e não se sabe ao certo se para sempre" (SAID, 2003, p. 46).

Há a identificação de compor os cenários, marcando-os pelos processos de construção de significados, pela maneira de descrever, analisar e interpretar a realidade e a sociedade por uma forma em que o exílio se situe, fortemente, no campo dessas discussões e possibilidades de entendimento, a partir dos percursos de Elza Freire.

Os primeiros dias do pós-golpe são expressos por violenta repressão que atingiu os setores politicamente mais mobilizados à esquerda no espectro político-pedagógico, como o Comando Geral dos Trabalhadores – CGT, a União Nacional dos Estudantes – UNE, as Ligas Camponesas e grupos católicos como a Juventude Universitária Católica – JUC e a Ação Popular – AP. Milhares de pessoas foram presas de modo irregular e, a ocorrência de casos de tortura foi comum, especialmente no Nordeste. Gullar[66] (1966) expressa em cordel

> Veio a Polícia e, ferido,
> para a cadeia o levou.
> Solto de novo, Gregório
> para Pernambuco voltou.
> E é em Pernambuco mesmo
> que o vamos encontrar
> em abril de 64
> quando o golpe militar
> se abateu sobre o País
> derrubando João Goulart,
> prendendo os que encarnavam
> a vontade popular,
> os que com o povo lutavam
> para a Nação libertar

A poesia sangra em versos com matiz político-social acontecimentos vertidos de uma época aonde o espírito de um tempo e lugar, se encarna nas pessoas em forma de luta e utopia. Declamo aqui cenas de muitas que se encenaram nos palcos do Brasil, quando a liberdade, brutalmente ferida, tem no Recife, o exemplo do líder Gregório Bezerra, amarrado e arrastado pelas ruas e pontes; e seguindo, se alastra e submete de formas e com intensidades variadas também às experiências de Educação Popular com Paulo e Elza Freire que desvairadamente foram proibidas e reprimidas, professores cassados e toda uma configuração obscura e incerta se constitui[67], como manifestações impiedosas e insensíveis gestadas no poder e na força do regime autoritário e ditatorial instalado e imposto.

---

[66] Optei em manter a data em que foi escrito ao invés da publicação, na intenção de demonstrar o caráter da clandestinidade no período. Trecho do poema em cordel "História de um valente" fez parte da campanha em prol da libertação de Gregório Bezerra. Para driblar a repressão e a censura, Ferreira Gullar assinou com o pseudônimo José Salgueiro, vindo a revelar sua autoria no livro *"Dentro da noite veloz"* publicado em 1979.

[67] Baixou-se um AI – invenção do governo militar não previsto na Constituição de 46 sem fundamentação jurídica. O objetivo era justificar os atos de exceção que se seguiram. Abriu-se Inquéritos Policiais-Militares-IPM's, chefiados por coronéis, para apurar atividades consideradas subversivas. Milhares de pessoas foram atingidas em seus direitos: mandatos cassados, cidadãos com direitos políticos suspensos e funcionários públicos civis e militares demitidos ou aposentados. Com destaque vide: Costa [et. al.] (1980); CAVALCANTI & RAMOS (1978); TELES & SAFATLE (2010), e ainda <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964> [acesso em 2012-05-10].

Elza Freire se insere em tais cenários públicos, que agora se deixam montar com a participação dos filhos. Cristina lendo suas memórias, re-escreve:

> Minha infância e adolescência no Recife foram marcadas pelo trabalho de minha mãe enquanto professora primária e diretora de um grupo escolar num bairro pobre, Casa Amarela. Sempre senti que minha mãe lutava para um ensino melhor e para mais igualdade a nível social. Ela amava seu trabalho e seus alunos(Maria Cristina Freire Heiniger, 2010).

Se inseretambém em cenáriosprivados, marcados pela simplicidade da convivência e amorosidade das influências político-pedagógicas em família. Madalena descortina-os:

> Minha mãe e meu pai como modelos fundantes, [...] marcos inspiradores. [...] Muito cedo nasceu dentro de mim a vontade, o desejo de ser professora. [...] Era mês de janeiro, Praia de Rio Doce, Recife [...] Vivíamos nesses meses de férias um ritual à beira mar que me fascinava! O dia começava antes do amanhecer. Minha mãe nos chamando para "ver o sol nascer" às 4:45 da manhã!... Banho de mar vendo aquela bola de fogo, íma de alegria e energia inebriante! Depois "café com pão e manteiga", praia, banho de mar, banho de mar, banho de mar. Almoço, feijão, arroz, peixe e peixe. Depois do almoço o decreto vinha: "ninguém entra no mar antes de fazer a digestão!" Só se volta à praia às 15 horas! Ai que sofrimento! A espera do mar era consolada com a promessa de "tomar sorvete quando o sorveteiro passar..." assim, nesta tarde de janeiro, na espera do sorveteiro, sua demora nos anunciou que não viria... Desta tarde nasceu uma brincadeira de sorveteiro onde minha revelação profissional aconteceu. A função do sorveteiro era vivida, representada de modo rodiziado. Cada um de nós tinha a vez de ser o sorveteiro. Quando chegou a minha vez, encantei-me e me achei no extremo prazer em ensinar como se passava a espátula alisando a massa do sorvete para que não caísse do copo! Somente muitos e muitos anos depois daqueles seis anos de idade, estudando sobre a importância da brincadeira, do jogo simbólico na vida de uma criança que, não foi à toa, a vontade de ser professora nasceu num momento como aquele. Ao terminar a brincadeira corri para casa e anunciei à minha mãe: "quero ser professora!" (FREIRE, Madalena, 2008, p. 19-20).

Fátima entra em cena, dando-lhes a interpretação, arregimentada por tempos e memórias, lê a mesma possibilidade profissional. A vida se enlaça aos sujeitos e vice-versa:

> Quando a criança que era, ainda era pequena, costumava correr livre e solta pela beira-mar. Sem eira nem beira, ela sempre corria para a espuma pisar, e foi pisando espuma branca que aprendeu a desenhar e brincar... [...] o aprendizado de amar o Recife foi profundamente influenciado pela figura dos meus pais. [...] a descoberta da importância de não deixar de ser eu mesma, mesmo sendo filha deles Desde muito cedo fui estimulada por meus pais a "curiosear" sobre os objetos e o mundo ao meu redor. [...] veio da experiência de ter tido a possibilidade de "curiosear" na bolsa da minha mãe, quando criança ainda pequena. No entanto, o que mais me marcou nas aventuras da bolsa da minha mãe foi nunca ter sido interditada, mas sim orientada na busca da satisfação da minha curiosidade. [...] Percebo hoje como a curiosidade faz parte da minha atuação pedagógica como educadora quando estou formando professores. [...] fui iniciada ao ato da escuta por minha mãe... Já desde cedo me pusera nas malhas, nos fios, do possível texto do outro (DOWBOR, Fátima Freire, 2008, p. 25-38).

Uma vez que Elza Freire participava ativamente de movimentos interligados com essa proposta, atuava diretamente nessa realidade, podemos citar: a Escola de Artes do Recife; o MCP e o MEB; de todas as atividades do Sistema Paulo Freire (Círculos de Cultura e do Método Paulo Freire em Recife/PE, Angicos/RN, São Paulo/SP e Brasília/DF), concomitantemente exercia suas funções na rede pública estadual[68]. Deixou para trás vinte e um anos de magistério, dentre outros, o impacto profissional

> O que me faltava? Cinco anos para a aposentadoria. Tinha vinte e um anos de magistério e dez como diretora de escola [...] Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois do meu trabalho[...] Então, preferi pedir demissão, senão seria demitida por abandono de cargo [...] A coisa que realmente a gente sente é no outro dia quando amanheci no Chile, não ter trinta e cinco professores nem 600 alunos que era a população do meu grupo escolar. Isso eu realmente senti (FREIRE, Elza, 1980, p. 201).

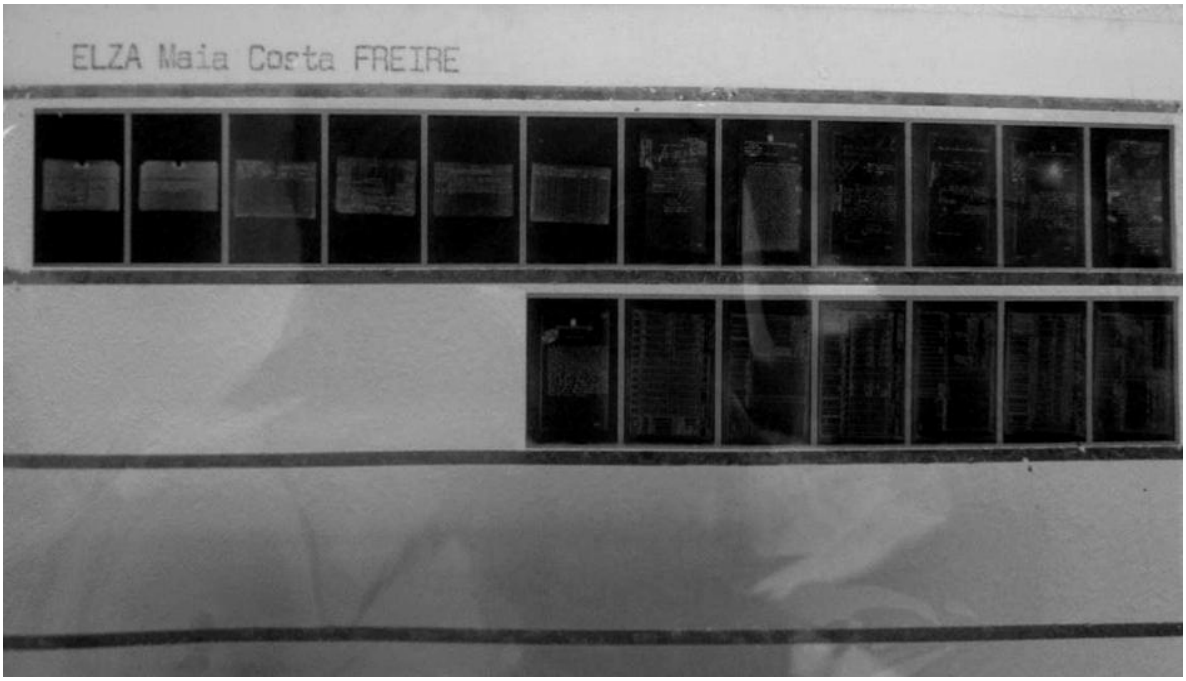


Figura15 – Microfilmagem da ficha funcional de Elza Freire. Fundo da Secretaria de Estado de Educação, Arquivos da Gerência de Desenvolvimento de Pessoas – GDPE, Recife, Pernambuco, Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com a renúncia ao seu cargo público, ela não perde a sua condição de professora, nem tampouco se afasta da Educação. As reconversões ocorridas nas identidades

[68] O microfilme registra a atuação profissional de Elza Freire: cargos, funções, locais e anotações pertinentes e se encontra arquivada com outros documentos na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco e alguns fazem parte do acervo da pesquisa.

profissionais das mulheres exiladas a partir dos percursos de Elza Freire podem ser tomadas como manifestações paradigmáticas de processos inacabados de construção identitária, uma vez que a ruptura com o lugar e com as relações sociais de origem implicam em adaptações – melhor ou pior sucedidas – a outros lugares e ao estabelecimento de outras relações, estão associadas à experiência de perda, derrota, prejuízo, espoliação, tanto em relação aos vínculos afetivos, como profissionais, intelectuais, entre outros (DUBAR, 2005).

Cenários apontados como fatores determinantes na decisão pela saída do país e ao exílio. Elza Freire representa igualmente a decisão de outras mulheres brasileiras nas mesmas ou em condições semelhantes e, ainda o grande número de brasileiros e suas famílias que foram arrolados pelo processo de instauração da ditadura. "Essa posição da Elza não era emocional, de jeito nenhum. Era política também. Ela assumiu o exílio, assumiu existencialmente, e isso é o que eu acho formidável na Elza." (FREIRE & BETTO, 2000, p. 90), ao contrário, se manifesta como posicionamento que ao ser analisado deixa de maneira explícita a decisão crítica e política de uma mulher, mãe, esposa, professora, que consegue estabelecer conexão entre o que acontece e, pode vir a acontecer, para agir sob o impacto de uma situação que requer uma decisão, não pode ser contemporizada.

> Paulo Freire exilou-se durante o período ditatorial militar iniciado em 1964, graças à perspicácia de sua mulher Elza, enfrentando o ressoante romantismo que o movia a permanecer em território brasileiro, como mais um provável herói dizimado pela ira militar. Sua mulher teve uma ação decisiva não só pelo sentido de preservação da vida de quem amava, mas principalmente por ter a certeza de as ideias do marido poderiam contribuir para outros movimentos de busca pela liberdade em qualquer lugar do planeta. Ela o levou pelas mãos do exílio (PASSETTI, 1998, p. 14).

As mãos de Elza Freireo levaram também à visibilidade internacional que Paulo alcançou por meio do trabalho continuado no exílio e indicam a situação vivida, quais as opções e decisões possíveis, apontando para os impactos e avanços dos processos repressivos. Elza Freire tem ações decisivas ante essa problemática e a questão do exílio;primeiro para a saída de Paulo, depois a sua e dos filhos, a família sai logo após o golpe, quase junto com a primeira leva de exilados[69], tendo à frente o presidente Goulart,

[69]Os ciclos repressivos definiram dois grupos de exilados e propõe uma periodização que trata do significado específico do exílio brasileiro, classificando-o nas gerações de 1964 e 1968, embora ocorrido entre e após os períodos. O exílio se impõe para a primeira geração (1964) como tentativa de eliminação e afastamento de questionadores da ordem estabelecida, em sua maioria vinculavam-se ao governo Jango, para a segunda

pois na configuração pré-endurecimento do regime militar viviam em uma situação política especialmente crítica em Recife, coisa que não ocorreu de forma igual em outros lugares e para outras pessoas.A saída do país é, na maioria das vezes, a expressão limitada ao absurdo da opção entre ficar e morrer ou sair e viver (COSTA [et. al.], 1980,p. 18).

Barreto ao participar desse momento histórico salienta que embora seja rico em experiências, "corre o risco de ser mistificado. E a mistificação costuma impedir que se aprenda com a História" (BARRETO, 1992, apresentação). Acredito que isso nos adverte quanto às possibilidades para traçarmos paralelos e distinções entre a ação da época e a de hoje, sem perder de vista as diversidades dos dois momentos históricos.

Esse período que entremeia a discussão, propicia indelevelmente à continuidade de ideais que o marcaram e que permanecem nos que mantêm vivo o gosto e o desafio de mudar e construir o mundo, resistindo de maneira crítica e reflexiva, para que não se repitam dias sombrios de opressão e violação dos princípios de vida e liberdade.

Refletir sobre a formação da sociedade brasileira, ao mesmo tempo sobre uma interpretação do exílio como tentativa de afastamento e eliminação de uma geração questionadora da ordem estabelecida e, tratar essa experiência segundo as conjunturas e as iniciativas pessoais na configuração sócio histórica que apresenta as escolhas oriundas pela força da situação, mais as explicações conjunturais dos cenários.

Isso pois"minha mãe foi sempre uma pessoa solidária com aquilo que meu pai pregava, quer dizer, porque ela também participou disso" (Lutgardes Costa Freire, 2007).

O impacto desde os primeiros tempos em Recife aos tempos do exílio passa a ser discutido como uma ação individual, mas que se torna ao mesmo tempo uma necessidade, um caminho, uma experiência coletiva. Concluo que a família Freire deixa marcas decisivas na cena política e pedagógica brasileira, para em seguida, ainda sob o impacto das novas configurações,novamente juntos viver a experiência do exílio, que acometeu incontáveis Paulos e Elzas, Madalenas, Cristinas, Fátimas, Joaquins e Luts.

---

geração (1968) o AI-5 como mecanismo de combate à oposição utilizado pelas ditaduras militares, ambas são expulsas pelos ciclos de repressão e violência. Adoto ROLLEMBERG (1999) e SIRINELLI (2003, 2006).

Figura 16 – Agendas de uma mulher, de uma exilada –
Agenda de poche (Ano 1977) pertencente a Elza Freire com anotações, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

CAPÍTULO II
PERCURSOS DO EXÍLIO:
AMÉRICAS – A UTOPIA SANGRA AOS GOLPES DAS DITADURAS

Figura 17 – Elza Freire com Paulo e os filhos Joaquim e Lutgardes no exílio. Santiago, Chile, 1965.
Fonte: Acervo pessoal de Vera Barreto, doado à pesquisadora.

O exílio é destino compulsório, de lugares e tempos indeterminados. Se há partida, não se sabe se haverá retorno ou quando se dará. O exílio brasileiro tem início com o golpe de 1964, ainda no próprio país. Paulo sai nesse mesmo ano; Madalena vai um pouco depois. Em meados de 1965, a saída de Elza Freire com Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes para seguirem até Santiago, no Chile, quando a família novamente reunida. Os Freires se juntam ao grupo de incontáveis brasileiros sob a condição de exilados políticos. Os percursos de Elza Freire nesse momento fazem parte da fase das Américas.

> [...] o exílio foi uma outra experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro. Uma abertura maior mesmo, de coração. [...] Acho que uma das coisas que o exílio dá fortemente é ver o outro.
> Elza Freire (1980, p. 204).

A América Latina e, em especial Brasil, Chile e Argentina compartilham da infame herança das ditaduras militares[70] – que cronologicamente se inicia no Brasil em 1964; irrompe brutalmente no Chile em 1973 e em 1976 na Argentina – deixando um rastro de sangue[71] e irreversíveis sequelas sociais. A manifestação torpe da longa permanência da tutela autoritária, do terrorismo de Estado, com o assassinato e desaparecimento de oponentes políticos, das desastrosas políticas neoliberais e crises econômicas, da repressão aos movimentos sociais e o exílio imposto, é a utopia que sangra aos golpes das ditaduras.

É a América Latina, a "região das veias abertas" e, assim escreve Galeano que desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transforma em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula nos distantes centros de poder. Para o autor "nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos" (1987, p. 14).

Chasteen (2001) considera que o ponto central e unificado da história da América Latina resulta de processos de conquista e colonização, demonstrados por uma irresistível mistura de raças e etnias, desenvolvimento de classes, revoluções e formação de Estados, que busca o crescimento econômico independente e a igualdade política e social.

O que são os golpes de Estado na América Latina senão os sucessivos episódios de torturas e violências, assassinatos e perseguições, exílios que se converteram em fatos cotidianos. As ditaduras são como tumores a serem extirpados, mas que revelam a contaminação dos sistemas, sufocando o oxigênio da liberdade cuja guarda pretoriana é convocada para salvaguardar a "ordem", isso assevera que "a engrenagem internacional

[70] Retomarei a discussão no item 2.4. Vide, dentre outros, autores como: GUAZZELLI (2004); MORAES (2001); MORAES (2003); LARANJEIRA (1990); FAUSTO (1999).

[71] Dada à sua relevância, no momento histórico supracitado, a expressão "sangue" denota violência, assassinatos. Tendo em vista que não fique no senso comum, atribuo à ela significado profundo e histórico.

continuou funcionando: os países a serviço das mercadorias, os homens a serviço das coisas" (GALEANO, 1987, p. 287).

Américas, América Latina, Brasil e a utopia[72] que sangra aos golpes das ditaduras, mas resiste e insiste no processo. É uma relação dialética, "a utopia concreta fundamenta-se no movimento de uma realidade cujas possibilidades ela descobre. Dialeticamente, o possível é uma categoria da realidade" (LEFEBVRE, 2008, p. 15). Portanto, a utopia, a partir de então, é o que poderá ser e o possível pelo qual deveremos lutar. É essa dialética que direciona para as possibilidades de mudanças, "não existe [...] uma muralha que separe a realidade e a utopia; uma conduz à outra" (VÁZQUEZ, 2001, p. 320).

Uma imagem representativa para se pensar no futuro e nas utopias é a do horizonte. O horizonte esconde o que está adiante, no futuro, mas no fluir do tempo, o horizonte também é revelador, pois, historicamente, o futuro vai sendo transformado em presente. O horizonte é infinito, é fronteira entre presente e futuro.

> Janela sobre a utopia
>
> Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminho, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar (GALEANO, 2007, p. 310).

A possibilidade de pensar para além do horizonte, além dessa fronteira é um dos elementos centrais da emancipação humana, pois apesar dos condicionamentos sociais e culturais das sociedades divididas em classes, há um espaço de reflexão e ação autônoma que permite a construção de uma consciência acerca da dominação vigente com potencial de superá-la.

Mas, em tese e nesta tese, a utopia permite uma ligação entre o presente e o futuro, no momento em que ela se enraíza no presente em mudança, influenciando-o e sendo influenciada por ele. Como um processo dialético, o desejo é que o movimento real seja em forma de transformação social, uma vez que a utopia é para o futuro e precisa estar

[72] A palavra foi cunhada a partir dos radicais gregos οὐ, "não" e τόπος, "lugar", portanto, o "não-lugar" ou "lugar que não existe". Utopia é um termo inventado por Thomas Morus que serviu de título para uma de suas obras por volta de 1516, sobre um lugar novo e puro onde existiria uma sociedade perfeita. Diferentemente dele, o conceito que adoto se ancora em VÁZQUEZ (2001); LEFEBVRE (2008); GALEANO (2007) e FREIRE (2000). Como os autores o sentido empreendido é que a realidade também é a utopia, já que é a partir do que se vive no real que se projetam as ideais, os sonhos, as esperanças de um futuro melhor e é feita a partir dos movimentos de transformação dessa realidade. Faço menção sobre isso também na Introdução.

associada ao movimento social real e presente. Utopia como sonhos possíveis, nos "inéditos viáveis" e na esperança que possuí uma dimensão anunciante e denunciante. Denunciante de um presente que temos e anunciante de um futuro que queremos, pois

> [...] ao repensar os dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso, por isso mesmo. É nesse sentido que [...] não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, denunciando-a, anuncia um mundo melhor (FREIRE, Paulo, 2000, p. 118-119).

O conceito de utopia, pensado sob a perspectiva das Américas e, em especial da América Latina e do Brasil é, ao mesmo tempo, pensar passado e futuro, é voltar o olhar para os processos. Processos que resistem, pois ainda insistem em querer que a América Latina transforme-se eco perdendo a própria voz. Todavia, neste texto ela ressurge ao som de Mercedes Sosa, considerada a voz da América a entoar nossa Canción con todos[73]

> Salgo a caminar
> Por la cintura cósmica del sur
> Piso en la región
> Más vegetal del viento y de la luz
> Siento al caminar
> Toda la piel de América en mi piel
> Y anda en mi sangre un río
> Que libera en mi voz
> Su caudal.
>
> Sol de alto Perú
> Rostro Bolivia, estaño y soledad
> Un verde Brasil besa a mi Chile
> Cobre y mineral
> Subo desde el sur
> Hacia la entraña América y total
> Pura raíz de un grito
> Destinado a crecer
> Y a estallar.
>
> Todas las voces, todas
> Todas las manos, todas
> Toda la sangre puede
> Ser canción en el viento.
> ¡Canta conmigo, canta
> Hermano americano
> Libera tu esperanza
> Con un grito en la voz¡

[73] Composta em 1969 pelos argentinos Armando Tejada Gómez (letra) e César Isella (música). Isella conta que a primeira vez que a interpretou foi no Chile numa reunião com o então presidente Eduardo Frei. *Canción con todos* na versão com Mercedes Sosa foi utilizada como cortina musical da Radio La Habana por 11 anos. Na América Latina é um hino que se converteu em patrimônio popular. Vide: CASTELLINO (S/d; S/Ed).

Não obstante o reconhecimento de que as transições democráticas se realizaram sob a instauração militar, com a gradual re-emergência da esquerda e na presença ativa dos movimentos sociais, as experiências dos exilados criam novas possibilidades e alternativas de configuração e construção dos países latino-americanos, pois entendo que nenhum conflito ou reinvindicação política relevante se limita aos territórios nacionais. Em sua maioria possui relação exterior, que se materializam em novas formas de ação coletiva, para que as demandas possam ser contempladas como na canção, para todos e todas.

O pensar histórico da pesquisa constitui uma das forças sociais presentes no cenário político da América Latina, embora se distancie um pouco do escopo deste trabalho aprofundar a questão das matrizes teórico-políticas das ditaduras militares e das ausências dos direitos humanos elementares aos sujeitos que participaram das lutas pelas liberdades democráticas e também pedagógicas, mesmo que anteriores ao século XXI, isso não me impede de refletir que durante o tempo transcorrido, a história é para nós, uma professora.

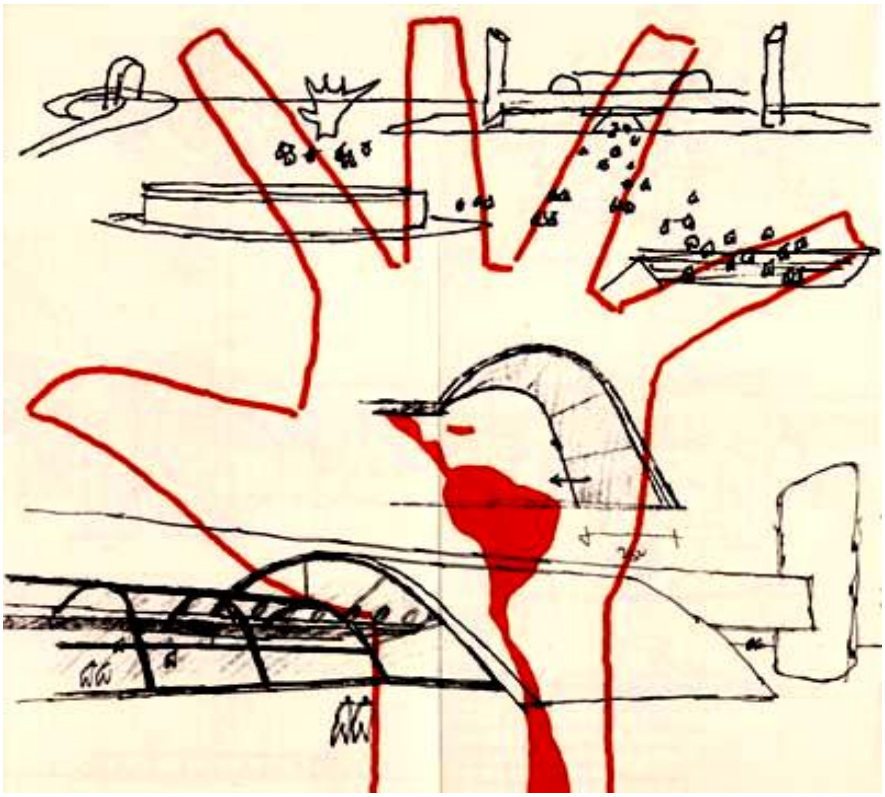


Figura 18 – Croqui do Memorial da América Latina, São Paulo/SP/Brasil, autoria de Oscar Niemeyer. Arquivo Revista Nossa América, edição 25, ano 2007.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

A história da América Latina e de seu povo são como "veias abertas", provêm da realidade, vertida em escarlate nos livros e relatos, nas músicas, escorre rubra nas telas e pesquisas que nos tem ajudado a conhecer o que somos, para saber o que podemos ser e, que nos tem permitido pensar de onde viemos para melhor averiguar aonde vamos. Oscar Niemeyer defende a luta dos povos latino-americanos por sua soberania e reafirma que a América Latina precisa de mais cuidados, pois "estamos em um momento de ameaças e não sabemos até que ponto a coisa chega na América do Sul. De modo que hoje nós temos falado de América Latina com mais frequência, do mundo de invasões que estamos vivendo" (NIEMEYER, 2007, p. 9).

As páginas apresentadas demonstram que a investigação do exílio e das ditaduras aliadas à conquista e colonização da América é fundamental para a compreensão da contemporaneidade e que, as problemáticas que emergiram desta conjuntura pulsam latentes como veias abertas, ainda nos dias atuais. Neste sentido, para melhor acompanhar o movimento do(a)s brasileiro(a)s exilado(a)s que estão presentes em nossas sociedades latino-americanas, com destaque na sociedade brasileira, aproprio-me dos percursos de Elza Freire e sua família – que como sujeitos representam tantos outros, tendo como foco o exílio e as experiências individuais ante as circunstâncias coletivas vividas.

Experiências que nos reportam "a entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro", pois certamente "uma das coisas que o exílio dá fortemente é ver o outro", como expressa Elza Freire na epígrafe do capítulo.

O exílio como construtor de vias emancipatórias novas, comuns e de percepção do outro, e a variação cultural, artística e histórica como reservatório de utopia, do futuro desejado que movimenta a transformação.

Ao entender que o processo do exílio desperta e se faz acompanhar pela questão do outro, adoto a perspectiva de Tzvetan Todorov (1982) quando apresenta um valor significativo para a história da América – sua própria conquista e colonização, como contribui ao abordar a questão do outro e relacioná-lo para analisar as sociedades, alertando para as consequências do não reconhecimento do outro como sujeito de direitos iguais mas de culturas diferentes. O autor observa que se "descobre a América, mas não os americanos" e enfatiza os seguintes aspectos: desconsiderar o outro enquanto humano, a comunicação como um instrumento de dominação e variações da percepção do outro.

Com o objetivo principal de compreender de que maneira as configurações nas quais os exilados brasileiros se inseriram influenciaram suas ações durante o período de exílio em análise é que se dá o desenvolvimento do capítulo. Sendo assim, contemplo a demanda em apresentar os percursos de Elza Freire e sua família, encaixado na fase do exílio brasileiro que classifico como Américas, que é o Brasil, a Bolívia, o Chile e os Estados Unidos, enquanto "países de acolhida[74]", todavia os aspectos centrados no Chile destacam a comunidade brasileira exilada.

Diante disso, com destaque a esse capítulo, assumi o propósito de que o exílio seja analisado a partir da perspectiva do "micro", ou seja, da sociologia da Família Freire, entretanto, sem perder de vistas o "macro" nos quais a pesquisa está inserida. Articulação no texto de uma proposta que assume proporções mais amplas que a nacional/territorial e a individual, em virtude das combinações e reflexões que dela emergem.

A inquietude em buscar os cenários e expressar as configurações me faz atribuir uma dimensão sensível aos sujeitos, que se revela no entretecer das Américas para além da geografia, com bordados sócio históricos, culturais e político-pedagógicos, num riscado feito entre os alinhavos da temporalidade de Elza Freire e os arremates com o conjunto de fontes da pesquisa, se deixa entremear pelas referências bibliográficas, literárias e artísticas.

É possível referendar que o ato em escolher os percursos de Elza Freire e a família Freire para análise recai na re-evolução das experiências dos brasileiros forçados a deixar o país a partir do regime militar que evidenciou as transformações causadas pelo exílio a si mesmo e para a própria sociedade, tal perspectiva favorece o entendimento do processo. Assim, com intensidade construo os cenários a partir do campo empírico, para que as cenas obscurecidas consigam subverter o oficial e o conhecido, também apresento o recuo histórico ancorado em memórias, experiências e fatos históricos.

A escolha em investigar e analisar poucos casos de mulheres professoras exiladas e, concomitantemente suas famílias se dá devido ao fato de que todo processo sócio histórico e político-pedagógico possui particularidades de diversas ordens e variadas matrizes que devem ser observadas com cuidados e critérios pelo(a) pesquisador(a).

[74] Com base nas discussões de CHIRIO (2004), desenvolvidas no estudo de Marques (2011), adoto-as como referência para me reportar a "países de acolhida", sem contudo aprofundar análises das configurações políticas, econômicas e sociais desses países. Destaco ser um termo usual nas pesquisas sobre a temática.

Tendo por base essa perspectiva metodológica e analítica, selecionei algumas variáveis independentes, mas que se inter-relacionam na feitura do texto. São elas: o exílio como ato imposto pelo Estado; as estratégias de saída dos países; os percursos de origem, destino e trânsito; as estruturas de acolhidas oferecidas aos perseguidos e suas famílias nas chegadas e partidas; e os processos de fixação e a construção de sentidos nas atividades desenvolvidas e suas influências no cotidiano.

Acredito que essas variáveis contribuíram para identificar as possibilidades que os exilados dispõem para sua re-inserção em outros países na medida em que impõem limitações, mas abrem espaços e determinam oportunidades de construir redes sociais. Portanto, influenciaram diretamente as formas de atuação durante o exílio. Logo, com o desencadear dos acontecimentos, procurei identificar a atuação de Elza Freire e os papéis sociais assumidos por ela, a fim de que possam tentar explicar as transformações pelas quais ela e sua família passaram ao longo do exílio e como determinadas experiências se converteram em propostas e práticas político-pedagógicas.

2.1 – Partidas: entre fugas, clandestinidades e despedidas

O que pode significar a partida entre a fuga e a despedida? Quando e como? Para e por onde? Com a ajuda de quem? Sozinho ou com a família? As respostas exemplificam as mais diversas possibilidades e combinações. A certeza era ter que manter-se vivo, deixar o Brasil pela recusa a morrer sob uma ditadura ou viver no exílio imposto pelo Estado, mesmo sendo ou não um envolvido direto, processado ou preso. As dúvidas seguiriam e repetir-se-iam novamente em outros países, em outras conjunturas e configurações que também seriam partidas.

As experiências significativas que ajudam na compreensão de acontecimentos e problemas relativos ao momento de deixar o país, são apresentadas a partir dos percursos de Elza Freire e sua família, que significa como em muitos casos, que a decisão de partir podia ser pessoal/individual ou do grupo/coletivo a que se pertencia e foi tomada diante das pressões e prisões iminentes, em meio a ameaças e barbaridades cometidas no cerco que se apertava. Poderia significar desistência da luta, mas igualmente o único caminho para mantê-la. Sair, ir, partir para o exílio era, então, escapar, sobreviver, seguir.

Seguir rumo às experiências dos e entre os exilados que em contato com uma realidade estranha e diferente, envolta numa atmosfera de muitas indagações, resulta no que Brecht, idem exilado, chamou de "lembrança martirizada", visto que "expulso de meu país... É preciso que recomece a procurar, atrás dos desesperados [...] Eu já saí, mas não sei em que direção" (apud RABÊLO & RABÊLO, 2001, p. 16).

São todos exilados e, cuja origem da partida é a ditadura instaurada. Será que os exilado(a)s têm escolhas? Impossibilitados de viverem nas brechas do sistema, cerceados em suas atividades e tolhidos em suas liberdades de expressão, são atingidos pelo regime autoritário e repressivo, violento e insano. Elza Freire, Paulo, seus filhos e tantos outros são todos exilados, tendo em vista que

> El horizonte legal donde quedaron compreendidos los exilados resulta un buen indicador de una conducta teñida de generoso humanitarismo, pero también de una significativa cuota de discrecionalidad. Sucede que no todos los exilados fueron asilados políticos; una buena cantidad de ellos llegó por sus propios medios [...] a las necessidades que imponía una realidade desbordada por una incontenible afluência de perseguidos (YANKELEVICH, 2002, p. 12).

Na história, a realidade do exílio aparece como um recurso, talvez o único e possível, para sobreviver e resistir, em diferentes ocasiões e experiências, quando a permanência no país levaria à eliminação de indivíduos e grupos. Contudo, a esquerda brasileira, nos anos 1960 e 1970, teve grandes empecilhos em aceitar e até mesmo pensar a hipótese do exílio, o que caracteriza certa resistência ao exílio tanto na geração 1964 como na geração 1968.

Segundo a tradição política latino-americana, até meados da década de 1960, exilar-se significava entrar numa embaixada[75], após um golpe de Estado, que desencadearia um rearranjo de elites. O exílio para a geração de 1964 foi uma transição entre esta tradição e o significado que teria mais tarde, para a geração 1968. Para Rollemberg tais diferenças já podem ser identificadas mesmo na geração de 1964, ou seja, alguns exilados aproximavam-se mais do arquétipo latino-americano: "empenhavam-se por mudanças no âmbito da legalidade, sem se identificarem com um projeto de transformação da ordem" (1999, p. 63).

Quando a repressão os atingiu, recorreram ao argumento segundo o qual atuavam na legalidade e, portanto não havia razão para a perseguição e, posterior processo, prisão,

[75] A saída para o exílio de Paulo Freire caracteriza tais circunstâncias. Vide por exemplo: FREIRE & GUIMARÃES (2001, p. 63-78) e ROLLEMBERG (1999).

tortura e até morte. O exemplo típico é o próprio presidente João Goulart, mas também outros conhecidos como Miguel Arraes, Leonel Brizola e Francisco Julião. Diante disso, não restava dúvida que as perseguições eram uma reação à luta pela transformação da ordem política, econômica, social e pedagógica, aqui identifico e faço a inserção do casal Elza Freire e Paulo bem como do estigma da geração 1964 que resistia à partida, pois atuava na legalidade, cuja resistência a ver o exílio como uma saída mesmo que provisória, foi significativo, necessário à sobrevivência e à reorganização, mesmo quando o cerco e a repressão da ditadura eram evidentes.

A partir de 1964 o Brasil e a utopia sangram e passam a integrar as veias abertas nos corpos de outros países americanos que sob os golpes das ditaduras se nos encontravam pelos (des)caminhos abertos às perseguições a políticas implementadas por governos populares e democráticos, lideranças de movimentos sociais, sindicalistas, militantes e membros do movimento estudantil e de partidos e organizações de esquerda, intelectuais, professores, estudantes, artistas, políticos legalistas, críticos e opositores do sistema militar e regimes de Estado autoritários e sanguinários. Aguardar a sentença era temerário, o exílio era a partida para uma saída, entre fugas e despedidas.

Os países americanos começaram a debater tal situação, inclusive antes de o assunto alcançar repercussão mundial, após a Segunda Guerra Mundial. No âmbito internacional, a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR; em inglês, UNHCR, em 1949, marcou a difusão da preocupação para com a questão do exílio, do desterro massivo, dos deslocamentos infligidos, e demais casos que tiveram este *status* reconhecido[76]. A dinâmica de saída massiva de exilados persistiu, sobretudo na América-Latina e, segundo a carta do ACNUR, cuja âncora conceitual foi elaborada contemplando as circunstâncias históricas do pós-guerra, prevê que,

> [...] em virtude de fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social ou opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa de ditos temores, não queira recorrer à proteção de tal país; ou que, carecendo de nacionalidade e encontrando-se, em consequência de tais acontecimentos, fora do

[76] Diferentemente do refugiado ou asilado, o exilado não possui o direito de receber certos benefícios, salvo a possibilidade de residir no país de acolhida sem ser expulso ou repatriado contra sua vontade. O estatuto legal não recobre a diversidade de situações de exílio, nem abrange pessoas portadoras de documentos, mas que não poderiam retornar ao país de origem em segurança, e cuja situação formal foi sempre bastante ambígua.

> país onde antes residiu habitualmente, não possa ou, por causa de ditos temores, não queira regressar a esse país (ACNUR, 1951).

É interessante notar como que as fronteiras que diferenciam uns dos outros são tênues e, muitas vezes, se confundem. Portanto, só analiticamente podem ser rigorosamente separados. O que caracteriza então, o critério básico para essa definição, talvez apenas um sentimento semelhante pudesse ser alçado à condição de denominador comum em meio a tão grande diversidade, mas que se mantém presente em indivíduos e populações de toda e qualquer origem. Piovesan considera que a "condição de pessoa é o requisito único para a titularidade de direitos, numa concepção contemporânea de direitos humanos, marcada pela universalidade e indivisibilidade desses direitos". Universalidade porque clama pela extensão universal dos direitos humanos e a dignidade como valor intrínseco à condição humana. Indivisibilidade porque a garantia dos direitos civis e políticos é condição para a observância dos direitos sociais, econômicos e culturais, e vice-versa. "Quando um deles é violado, os demais também o são" (2007, p. 94).

Acredito que para se encontrar um critério unificador das diferenças, só recorrendo-se a aspectos da própria condição humana, uma vez que o principal objetivo é proteger indivíduos que são atingidos por perseguição política em seus países de origem por intermédio do acolhimento destes em um país estrangeiro. Assim, a proteção se fundamenta na solidariedade e na cooperação internacional.

Segundo pesquisadores essa situação marca fortemente os países latino-americanos devido à instabilidade das suas instituições políticas. Jubilut ressalta ainda mais o papel da América Latina em termos de exílio e asilo político, pois estabelecem a concessão de acolhimento como dever dos Estados e ampliam a proteção prevista pela Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) e entre os documentos regionais destaca a Declaração Americana de Direitos Humanos (1948) e a Convenção Americana de Direitos Humanos (1969) (2007, p. 38-40). O que do ponto de vista politico, não traz resoluções imediatas, todavia, marca avanços no campo dos direitos sociais e humanitários.

Os exilados das ditaduras latino-americanas são essencialmente políticos, o que lhes dá identidade, mas não devem ser vitimizados. Não pretendo fazer uma apologia a eles, e em especial à Elza Freire e os Freires, fazer isso seria coadunar com a lógica acionada pela repressão política e ditatorial nos anos 1960 em detrimento de sua condição de sujeito

político que, de uma forma ou de outra, desafia e enfrenta o poder constituído, segundo suas ideais, posições e ações e, por isso mesmo, estão nesta condição consciente[77]. Elza Freire e sua família representam e se apresentam, através de suas memórias, como sujeitos políticos conscientes que participaram da luta política no Brasil e, em outros momentos, depois pelo mundo (CAVALCANTI & RAMOS, 1978).

O exílio se define ainda no país, com o golpe, "[...] Quando um homem necessita de se esconder é porque já perdeu a liberdade!" (JULIÃO, 1978, p. 67 e 289). Eis o início do exílio para Elza Freire e sua família, como para numeroso contingente de brasileiro(a)s.

Liberdade encontrar-se-á de país em país? Liberdade que se quis desfrutar, sob a condição de exilados, de homens, mulheres, crianças que a pesquisa busca mostrar, movida por memórias que resistem a um tempo histórico e que cedem passos a acontecimentos sociológicos. Liberdade onde estás? Conforme supracitados na introdução são essas as condições que adotei para definir o início do exílio brasileiro e o período que vai desde o golpe, com prisões e interrogatórios, até fugas e clandestinidades, que argumentam fortemente as partidas e ferem também mortalmente o princípio da liberdade.

O artigo final dos Estatutos do Homem (Ato Institucional Permanente), escritos já em Santiago do Chile, em abril de 1964, traz reflexos daquele momento, cujo significado intemporal se adiciona. A mão sensível de Thiago de Mello – ele mesmo um exilado, torna esse poema, seu poema mais conhecido. Ele decreta e faz de cada verso espelhos possíveis que nos refletem pela visão individual o mundo que o cercava

> Artigo final
>
> Fica proibido o uso da palavra liberdade,
> A qual será suprimida dos dicionários
> E do pântano enganoso das bocas.
> A partir deste instante
> A liberdade será algo vivo e transparente
> Como um fogo ou um rio,
> E sua morada será sempre
> O coração do homem.

[77] Venho apresentando que trabalho com conceito amplo de exílio, nem todos os indivíduos atingidos pelo exílio brasileiro nos anos 60 tinham essas características. Para recordar, cito crianças e adolescentes filhos de exilados e mulheres que se tornaram exiladas por serem casadas com perseguidos, caso frequente da geração 1964, na qual se insere a pesquisa. No entanto, a princípio, acredito que o exilado deva ser assim identificado.

Somos a primeira pessoa verbalizada em cada verso, a liberdade, o rio e o homem. De modo geral, podemos ser o(a) exilado(a).

Nas páginas o foco é pensar o exílio, cuja abordagem se dá em Elza Freire a partir dos seus percursos e da família, por meio das experiências que os exilados deixaram, narrando por vezes episódios de sujeitos conhecidos, mas sobremaneira dar ênfase aos desconhecidos, que por isso mesmo, tiveram e viveram um exílio diferenciado daquele que predominou nas revistas e jornais e, que começa a se estampar em estudos e investigações.

Diante dessa configuração, os cenários apresentam os sujeitos e os processos, ao mesmo tempo em que as fontes da pesquisa constroem os cenários e os sujeitos o texto.

O golpe atinge Paulo, Elza Freire e os filhos em Brasília. Casados há vinte anos, lá residiam para atuar no PNA. Ou seja, "o golpe militar de 1964 levou-nos de volta para o Recife, onde desembarcamos tristes e preocupados com o destino do nosso pai, da nossa família e do povo brasileiro" (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Depois da prisão em Olinda, prosseguem interrogatórios no Rio de Janeiro e as ameaças em Recife. No âmbito de análise do golpe demarco aí a partida, seguida de fuga e clandestinidade, por fim a despedida, a partir de então a prioridade é destacar as ações individuais de Elza Freire que reverberaram na família Freire e, como consequência, no processo de exílio ao qual são submetidos coletivamente.

As experiências indicam as situações vividas, apontando o rápido acirramento da repressão política por parte do regime militar autoritário a partir de abril de 1964. Este fato pode ser percebido por meio da ordem temporal dos acontecimentos narrados, enquanto um faz referência à prisão de Paulo, outro, se reporta à participação de Elza Freire, afinal, não havia alternativa, ambos apresentam memórias da ditadura e do país

> Ela foi professora, depois diretora de grupo, mas teve aí um gesto lindo que foi, depois do golpe, a solidariedade absoluta que ela teve comigo. Elza ia me visitar na cadeia e nunca disse: "Você está vendo, Paulo, se você tivesse pensado mais..." Nunca! Quer dizer, ela foi solidária, absolutamente solidária (FREIRE, Paulo, 2005, p. 288).

> Entretanto, resistia a sair do Brasil. Nós próprios, eu e Argentina Rosas, participamos de um esforço no sentido de lhe mostrar os riscos que estaria sujeito se insistisse em permanecer no país: Paulo e Elza se encontravam, então, em um local reservado, em Casa Caiada, Olinda. Lembro que, diante da decisão de permanecer no Brasil, aparentemente inabalável, Elza me chamou à parte e disse: "Vocês ficam aqui até de manhã, mas que ele sai, sai". Ficamos menos intranqüilos (ROSAS, 2003, p. 29).

A visão de mundo de Elza Freire, agora no exílio, refletida fortemente nas decisões e ações dessa mulher.

A intensificação de perseguições, atos repressivos e quadro institucional por parte do Estado que se alastrava por todo o Brasil é apontada como elemento determinante para a saída através do exílio. Isso faz com que nesse percurso de acontecimentos, a partida do país, passa a ser vista por Elza Freire como única possibilidade para a manutenção da vida de Paulo, da sua própria e de seus filhos e para evitar que a permanência assumisse proporções drásticas e dramáticas.

Entre os cinco filhos do casal, Cristina, com 16 anos à época, traduz bem a atitude de Elza Freire: "Graças à fortaleza da mãe e à ajuda da família, conseguimos vencer essa batalha. A mãe com sua grande sabedoria e fortaleza, conseguiu convencê-lo do contrário" (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Então, sob o impacto dos cenários, Elza Freire prossegue no sentido de mobilizar inicialmente a partida de Paulo do Brasil. As estratégias construídas por essa mulher como saída caracterizam a fuga de um indivíduo que estava condenado à clandestinidade, vivendo num esconderijo e, cuja primeira análise constitui circunstâncias coletivas às quais foram submetidos incontáveis brasileiro(a)s em condições semelhantes. Acontecimento que vem à tona por meio de dois depoimentos relevantes para compreensão tanto da situação dos perseguidos pela ditadura, quanto do envolvimento e das ações de Elza Freire

> Paulo tem que se esconder, no Seminário de Olinda. Eu vinha aqui, porque eu era professor aqui. Mas, Paulo foi ameaçado pelo coronel, aquele que se dizia meu amigo também, esqueci o nome agora, avisou ao Padre Marcelo que era o reitor do Seminário, que se ele não entregasse os comunistas que estavam escondidos e abrigados no Seminário, eles iriam cercar e invadir o Seminário. Aí Elza organiza a saída de Paulo, vestiu ele de freira, aquelas freiras com aquele chapéu grande e foi isso que aconteceu, saiu vestido com aquela roupa das irmãs de caridade do convento aqui perto. É assim que Elza sai com ele daqui por aí afora, assim, e ele foi parar na Bolívia (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

> Paulo estava escondido em Olinda [...] Elza ia e vinha entre os meninos e ele [...] Foram dias difíceis, tristes e de sofrimento para todos [...] A saída de Paulo foi feita por Elza, ela raspou seu bigode, o vestiu de freira, ele saiu como irmã de caridade, vestido assim. Ela tirou ele, estou te contando que ele estava vestido de freira, que se chamava irmã de caridade usando aquele chapelão assim, não é uma beleza de papel esse de Elza? Ele já estava com passagem comprada e depois foi para o aeroporto e foi-se embora (Doralice de Melo, 2011).

É notório que Elza Freire se apercebendo das vicissitudes do momento, cria condições para a fuga, assim conduzindo Paulo ao exílio e, em particular resguardar a

família, o que permanece é o enfrentamento do cotidiano inesperado: "Na véspera, a Elza já providenciara com o padre Cunha, grande amigo nosso e que nos casou, hoje já morto, para que ele trouxesse todos os filhos para o Rio, porque queríamos evitar que eles estivessem no Recife quando saísse a notícia" (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 68).

Em setembro de 1964, a utopia no cárcere: a despedida de Elza Freire e os filhos acenam ante a fuga de Paulo. Fato que sangra exílio e marca a história, sob os golpes desferidos por anos trazendo a impressão de que não acabou. 1964 ainda vive na memória.

> É impossível para mim pensar que 1964 terminou. Esse ano foi de tal forma importante que, ainda hoje, mulher feita, sofro as consequências positivas e negativas por ele causadas (Cristina Freire Heiniger, 2010).
>
> Então, veio o golpe de 64, a mãe e o pai queriam resgatar a autoestima de um povo subjugado, desrespeitado, submisso, oprimido, eles queriam alfabetizar o povo brasileiro. Paulo Freire foi preso e todos nós fomos presos também, depois o exílio e nós nunca mais fomos os mesmos (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Entre as exiladas da geração 1964, a maior parte era de mulheres que sem envolvimento político direto, viram-se constrangidas ao exílio para acompanhar os maridos. Rollemberg avalia que em geral, "os casais dessa geração já tinham filhos, e a partida implicava envolver todos – mulheres e filhos, como meio de manter o casamento e a família reunida" (1999, p. 71).

Elza Freire casada com Paulo e mãe de cinco filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, simboliza bem o modelo de vivência e participação feminina da primeira geração de exilados brasileiros, a geração 1964, seu papel, suas angústias e seu comprometimento

> [...] mas talvez por temperamento meu, que resolvido que seja, pensado que seja, vivido que seja, é aquilo. Há talvez uma solidificação da coisa [...] Os filhos sentiram a saída materialmente. Mas viam em nós uma certa segurança, uma estabilidade, estávamos livres de uma situação, não atingia mais. Paulo não corria mais o perigo iminente da prisão. Logo após 64 a coisa foi difícil (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).

Com o aprofundamento dos mecanismos de repressão empregados pela ditadura a saída do país configura-se como inevitável. A partida se apresenta para essas mulheres como única possibilidade, tendo em vista manterem-se vivas e garantir a vida dos filhos.

Após tramar e pactuar a fuga do marido e temendo sofrer represálias em Recife, Elza Freire prossegue os encaminhamentos para viabilizar sua saída e dos filhos. Nesse

momento, Paulo partiu sozinho para o exílio fora do Brasil, enquanto Elza Freire e os filhos ainda se demoram até conseguirem partir também.

O depoimento nos ajuda a compreender as estratégias e as saídas mobilizadas por essa mulher – Elza Freire, e por outras naquela configuração

> [...] a primeira coisa nos meus pouquíssimos recursos de estudante, foi me lembrar do Zeca, na época meu namorado, liguei para ele, porque o Zeca tinha um amigo que foi deputado e tinha influenciado a ida do Paulo pro Chile porque ele tinha certo contato político com partidos que elegeram o Frei, e a eleição do Frei abriu uma possibilidade pra muitos dos exilados brasileiros, morar e trabalhar no Chile. Essa pessoa era o Meireles, ligamos e imediatamente lembrou do Paulo e intercedeu de certa forma. [...] era uma das coisas que a Elza queria saber, quanto custaria, como é que seria feito, que documentos ela precisaria ter, quer dizer, todos os detalhes pra você sair do país com os filhos. [...] mas eu sei que nós andamos uns dois, três dias, em vários lugares, agências, conferindo preços, ela falando em Recife também com a família, toda uma situação pra planejar essa saída da Elza e os filhos que naquele momento não estavam com ela, a família tava toda separada. [...] E ai tudo foi marcado e ela foi realmente por Viracopos. Eu me lembro que o voo saia cedinho. A gente combinou com a Elza de levá-la ao aeroporto com os filhos. O Pierre [Furter] ainda disponibilizou a casa dele, para os meninos chegarem [...] Me lembro que usamos a bendita Kombi mesmo, do Movimento de Cultura Popular de São Paulo. Eu e Zeca passamos na casa de Pierre antes de seis horas, a noite escura, a cidade começando, os meninos meio que dormindo e enfim, o pessoal todo entrou na Kombi e fomos até Viracopos (Vera Barreto, 2009).

O exílio se torna para essas mulheres e seus filhos o destino, tanto por um tempo que ainda não podia ser estimado, quanto para um lugar definido a priori como fronteiriço, uma vez que se idealizava um retorno em curto prazo. A memória realiza o trajeto dos últimos momentos em solo brasileiro

> [...] no caminho a Elza várias vezes dizia: "Poxa, a gente não sabe o que vai acontecer, não. Quanto tempo será?" Mas aí a gente num esforço, o Zeca então, num esforço maior ainda dizia: "Que nada Elza, isso vai passar logo, você vai ver, a gente vai vir te buscar, lembra bem hein, assim como estou te levando nós vamos estar lá te esperando, você volta logo". E a Elza dizia: "Não sei, alguma coisa me diz que isso ainda vai levar muito tempo". Eu me lembro que, era muito cedo, tinha até pouca gente, porque saindo de Viracopos, o avião fazia uma parada, eu acho que era no Rio, e que lá entrava grande parte das pessoas. Mas eu me lembro que, enfim, foi ai que a Elza foi com os meninos pro Chile (Vera Barreto, 2009).

Lutgardes, o filho caçula tem percepções e sensações congéneres. Ao expressar os cenários da saída, faz conhecê-los não apenas por palavras, traz o clima de uma época e o espírito de um tempo que, deveras seguem com ele

> [...] minhas memórias antes de sair do Brasil e viajar para o Chile. Lembro-me do aeroporto, com muitas pessoas ao redor, chorei muito, pois desconfiava que aquela saída do Brasil não era uma saída de quem fosse tirar férias, ou fazer

> turismo, havia um clima ali diferente, soldados armados e de capacetes, navalhas nos fuzis, havia gritaria, uma atmosfera de pavor, medo, choro, gritos e desolamento. Eu chorava muito. Entrei no avião e finalmente fui, só sei que fui (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Pessoalmente, sem problemas políticos, Elza Freire sai para preservar a vida e a unidade da família deixando para trás, inclusive sua carreira para ter à frente o exílio

> Tinha vinte e um anos de magistério e dez como diretora de escola [...] Politicamente eu não tinha problema nenhum. Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois anos no meu trabalho. Passado esse tempo, deveria reassumir, mas estava no Chile com a família e realmente era difícil, pois teria que passar mais dois anos trabalhando no Brasil e depois pedir outra licença. Então preferi pedir demissão, senão demitida por abandono de cargo. Nem cheguei a pensar em voltar ao Brasil, em terminar a minha carreira. Achava que realmente seria um corte para a família, não só para Paulo como companheiro, como também para os nossos cinco filhos que eram ainda pequenos. O menor tinha cinco anos. No exílio, se a gente não tivesse o mais possível a unificação, a junção da família, todo o bloco em família, isso quebraria mais, daria mais perda em si (FREIRE, Elza, 1980, p. 200-201).

É ela que assume o preservar da unificação familiar, com o companheiro e os filhos. Dentre as perspectivas, destaco na teórica de gênero, quem é essa mulher?

Nos "Escritos Íntimos" através da memória, Elza Freire também retrata a saída para o exílio, especificamente as rupturas da ida e incertezas da volta, deixa fluir um realismo e uma intensificação de sentimentos

> Com a saída, o corte existiu mais na parte material da não-volta, porque a criatura estruturada, viva, eu mesma... essa continuou. O corte talvez tenha sido uma defesa, uma espécie de preparação para uma nova etapa que a gente sabia que tinha de enfrentar. Quando tivemos que sair, eu senti que não teríamos possibilidades de volta imediata, de volta àquela vida (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).

Os depoimentos dos filhos relatam o significado da partida, as relações familiares, marcando fortemente a narrativa que mostra emoções, ao mesmo tempo demonstra uma consciência crítica quanto à realidade

> [...] o golpe militar, a prisão e o exílio do pai, que passou a ser também o nosso, foram acontecimentos que poderiam ter destruído nossa família. No entanto, nosso sofrimento nos uniu ainda mais [...] Interpretamos a atitude da mãe ter seguido para o exílio como uma enorme prova de amor e de sacrifício. Foi uma dedicação e abnegação ao marido e aos filhos. Considero que poucas esposas fariam tanto quanto fez minha mãe por nós (Cristina Freire Heiniger, 2010).

> O que me dói é ver que em todo esse negócio, pá, eu não tive nenhuma ação direta! Nada, nada. Saí do Brasil, indiretamente, pai exilado. Saí com quinze anos, foi em 1964, logo depois do golpe [...] E no exílio, foi sempre a mãe quem segurou todo mundo e continua a segurar. No exílio a vida familiar mudou.

> Tínhamos muito mais a presença da mãe, porque no Brasil ela saía de casa às sete e meia, deixava o almoço feito e a gente só se via de tarde. O exílio serviu pra gente se fortalecer mais entre todos porque no fundo foi uma ruptura com todo um estilo de vida (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p.106).

> Tudo começou em 1964, com o golpe [...] Ela largou tudo quando saiu do Brasil, porque a minha mãe era professora e diretora de escola no Recife, ela trabalhava muito, saía cedo de casa e só voltava tarde [...] Porque eu me lembro do exílio e isso me traz uma experiência grande, um amadurecimento para nós, mas traz muito sofrimento também, por outro lado enriquece a gente, eu não posso negar o meu passado [...] A minha mãe foi uma pessoa extremamente realista, que tinha um sentido muito, muito nítido do possível e do praticamente impossível de ser feito, quer dizer, ela sempre testemunhou na vida dela uma grande força para não só apoiar o meu pai mas também fazer com que a família tenha um equilíbrio emocional, sobretudo no exílio (Lutgardes Costa Freire, 2007, 2008).

Assim foi que a maioria dos que deixavam o Brasil num fluxo que se desdobrou a partir da primeira geração, pensava na possibilidade de uma volta breve, dando início à características do exílio brasileiro. De acordo com Rollemberg (1999) foi também essa a expectativa da geração 1968, sendo que anos mais tarde, diferentemente da geração 1964, não identificavam mais a volta ao fim do regime militar.

A volta, mesmo, em curto prazo, fazia parte da continuação da luta interrompida, sobretudo para a geração 1964 que após o primeiro ano de ditadura, via mais frequentemente, a volta pelo quadro do restabelecimento da ordem institucional, mesmo que sem grandes esperanças na sua capacidade de interferir neste processo.

Outros, presos em 1964, sem a concessão do *habeas corpus*, amargaram anos de cadeia. Depois procurados, alguns insistiram em permanecer no país, resistindo à partida, se esconderam em fugas e clandestinidades, até que mesmo seguindo caminhos mais tortuosos, não lhes foi possível evitar o exílio, acabaram por partir. Ainda assim, os que resistiram se tornando desaparecidos ou mortos. As ameaças e perseguições trouxeram junto angústias e condições sub-humanas, alguns seguiram o caminho do suicídio.

Há os que partiram com passaporte, em grande número também os que foram sem ou com qualquer documento, verdadeiro ou falso, há aqueles que recorreram às próprias famílias ou foram sozinhos, sem contar com ninguém. Logo, como a escolha do país de acolhida, por vezes, foi resultado das circunstâncias, por outras uma opção, dependendo do significado que despertava em cada indivíduo, grupo, geração, em comum a partida do Brasil e a despedida dos que ficaram.

2.2 – Diáspora Freiriana: os Freires circulando pelo mundo

O movimento para o exílio da família Freire só pode ser bem compreendido quando analisado enquanto um ato de repressão militar e autoritarismo de Estado, como forma de coibir as atividades político-pedagógicas desenvolvidas por Elza Freire e Paulo e outros que se associavam à realização das ideias, práticas e propostas emancipatórias, tanto do casal Freire, quanto de outros grupos, fato que contribui para caracterizar as escolhas pessoais, bem como a atuação dessa mulher. Entendo que a força da situação conduz a uma ação individual com características sócio históricas e que se assume coletiva.

Segundo Anne-Marie Devreux a problemática das relações sociais de sexo, aplicada ao estudo das articulações da família com a sociedade, permite sublinhar que este é um campo, um espaço social, cujo funcionamento não se pode compreender sem levar-se em conta articulações com outros campos, em particular as esferas do campo profissional, que conduz a uma definição de família, mas antes à contestação da ideia de uma conceituação de família de um modelo único e estático. Aqui a re-emergência da sociologia da família como campo científico institucionalizado permite identificar que o fenômeno e a dinâmica da Família Freire podem então ser apresentados, como a "questão da validade epistemológica da noção de família" (DEVREUX, in Hirata [et. al.], 2009, p. 96-101).

Nessa linha de argumentação, adoto as reflexões de Elias (1994, 2001) para superar as propostas de análise dicotômicas e fundear as discussões indivíduo/sociedade[78], uma vez que não faz sentido pesquisar os seres humanos do ponto de vista exclusivo, por exemplo, das suas atividades econômicas ou políticas, ou então percebê-los apenas como produtores de ideias ou depositários de sentimentos. Ao observar o cuidado de evitar a compartimentação dos sujeitos e das sociedades em categorias rígidas, entende-se que as estruturas da sociedade e da história humana são indissociavelmente complementares e devem ser estudadas em conjunto. As configurações possuem uma dinâmica imanente que compreende lutas e pressões em seus diferentes níveis e por isso formam um processo que é ao mesmo tempo estabelecido pela estrutura das configurações e que se transforma por elas, "nós não somos independentes, ninguém o é [...] dependemos uns dos outros" (2001, p. 98).

[78] A perspectiva Elisiana (1994, 1995, 1998, 1999) sugere que se supere a tendência de reduzir o estudo das sociedades e do ser humano a esquemas dicotômicos como indivíduo/sociedade, materialismo/idealismo, objetividade/subjetividade, essas especificidades dão um caráter particular à sua obra.

Para direcionar esse movimento de interdependência no exílio, tenho como base os percursos de Elza Freire e sua família que ajudam nas percepções e ações individuais, de experiências e vivências coletivas, relativas à diáspora, dentre as consequências advindas do processo. Avalio que o exílio brasileiro se configura com "os exilados se espalhando pelo mundo, por países e continentes. A diáspora" (ROLLEMBERG, 1999, p. 88).

O decurso do golpe de 1964 e a ditadura que o sucedeu se encarregaram de espalhá-los, uma vez que os cenários, o referencial teórico e o campo empírico, convergem para entender que o exílio deve ser pensado como uma das resultantes da situação política do Brasil, considerado por Rabêlo & Rabêlo (2001) a maior diáspora política brasileira de todos os tempos, a qual reflete ainda no Brasil.

Elza Freire e sua família são partícipes das configurações em questão, estão inseridos nesse momento histórico e, trazem consigo a discussão de dinâmicas sociais e coletivas. Por essa via, estou desenvolvendo uma discussão sobre o exílio brasileiro, construída também a partir das memórias de mulheres brasileiras exiladas e suas famílias que viveram essa diáspora, mesmo que isso requeira a reflexão e intervenção de si próprias nas condições estabelecidas.

Portanto, não há um exílio, há muitos, não apenas no que concerne à motivação e circunstâncias iniciais, do mesmo modo no que diz respeito às características individuais, tempo de duração, lugares percorridos, etc., e às maneiras como são subjetivamente percebidos e, portanto definidos. Assim, é que o exílio pode ser tanto o isolamento dentro do Brasil, como a clandestinidade, tanto a marginalização e exclusão geográfica e cultural como a perda da expectativa de retorno imediato, ruptura com o cotidiano cujo referencial é o Brasil; assim, é que exilados existem de vários tipos, por várias razões, porque variadas foram as formas de lidar com a situação. É o assumir-se no exílio como exilado sob as características da diáspora, pois "na diáspora, as identidades tornam-se múltiplas" (HALL, 2009, p. 26), "múltiplas as experiências e numerosas as formas de encará-las" (COSTA [et. al.], 1980, p. 20), há reconversões, inclusive e, sobretudo, identitárias.

O processo de exílio e a experiência diaspórica a que são submetidos os brasileiros, como frisado anteriormente, tem início junto ao golpe de 1964. Por certo, esse percurso foi análogo a alguns, singular para outros. Entretanto, eles integram as memórias do exílio brasileiro, com suas particularidades e generalidades.

Tendo em vista compreender como se deu esse processo, continuo acompanhando os percursos de Elza Freire e sua família. Para melhor analisá-lo, identifico que ele assume características e adquire dimensões, que denomino como diáspora Freiriana[79]: a família Freire circulando pelo mundo.

A opção é por utilizar o conceito de circulação e não de migração para referir-nos ao percurso realizado pelos exilados. A apreensão tradicional do fato migratório se refere a uma definição de tipo residencial (mudança de residência) e unidirecional (transferência de um lugar para outro) a partir da concepção de uma residência única e inicial. A apreensão do conceito de circulação tende a recobrir as situações migratórias distintas, onde a ideia de mobilidade predomina como elemento organizador das dinâmicas sociais individuais e grupais em situações migratórias.

> Le concept de circulation different de celui de migration, fait reference à la mobilité physique dês hommes, avec leur itineraire, leur moyen de transport et la pratique effective et affective de l'espace parcouru. Dans ce sens, le terme envoie aux mobilités dês individus, mais aussi dês biens et dês valeurs, dans um espace structuré antériorment par dês flux migratoire, c'est-à-dire dans um champ migratoire (CORTES & FARET, 2009, p. 12).[80]

Bruneau (2009) sugere que as estratégias de exílio produzem diásporas com filiações políticas, religiosas, étnicas, ambientais etc. As estratégias devem ser assentadas no espaço concreto para visualizarmos de modo combinado e engajado as escalas locais, regionais, nacionais, internacionais e globais.

Estas ordens diversas e combinadas participam das estratégias de saída dos sujeitos aqui abordados. As fronteiras para o exílio se rompem antes da saída do país, a princípio essas estratégias consideraram a permanência em solo nacional, inicialmente o exílio, a diáspora e a circulação da família Freire se dá no próprio Brasil.

> Depois do golpe militar de 1964, a convivência com nossos pais ficou marcada pela dor e pela instabilidade. Tivemos que morar uma temporada com tio Zé,

[79] Para o uso do termo "Freiriana" justifico minha convicção a respeito do uso desse adjetivo e não "freireano". Os radicais e os afixos são base de significação e, por isso, não podem se alterar. Quando o sufixo "iano" é aposto a nomes próprios que terminam com a vogal "e", por uma questão de eufonia, na Língua Portuguesa, uma delas deve desaparece. Aqui, o uso do "a" ao final faz referência a um substantivo feminino.

[80] "O conceito de circulação, diferente do de migração, faz referência à mobilidade física de pessoas com seus itinerários, meios de transportes e as práticas efetivas e afetivas dos espaços percorridos. Neste sentido, o termo refere-se às mobilidades dos indivíduos, mas também dos bens e dos valores, no espaço estruturado anteriormente pelos fluxos migratórios, ou seja, num campo migratório" (Tradução de Débora Mazza, Márcia dos Santos Ferreira e Nima Imaculada Spigolon).

> irmão da mãe, em Recife, depois com tia Estela, irmã do pai, em Campos, estado do Rio. O golpe militar interrompeu e congelou a relação normal da nossa família e a de tantas outras, obrigando-nos a viver numa espécie de parênteses, onde nada coincidia com o que éramos. Foram momentos difíceis para todos nós, e acredito que cada um o vivenciou de maneira diferente (HEINIGER, Cristina Freire, 2001, p. LXXXI).

Iniciada com o golpe de 1964, a saída dos Freires faz tracejar uma cartografia delineada por deslocamentos subjetivos e objetivos, com consequências e rotas imprevisíveis, muitas permanecem até hoje

> Eu não compreendia nada, se ele estava viajando, como nos disseram, porque tanta demora? Porque todos da minha família andavam chorando escondidos de nós [eu e Joaquim], e porque tanta tristeza? Lembro que nessa confusão toda, nós fomos parar nas casas dos tios e tias. Mas a minha angústia continuava. Imaginem uma criança de menos de cinco anos, sem saber do paradeiro do pai, convivendo na casa das tias com a minha mãe, minhas irmãs e meu irmão, minhas primas e primos, e o mistério pairando no ar. Aquela angústia me fez caçador de moscas. Sem entender direito o que acontecia, eu passava o dia caçando e comendo moscas (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Caçador de moscas, caçador de utopias... o exilado segue à caça de lugares, tempos, pessoas. O exílio é uma busca abrupta, ininterrupta, bruta.

Figura 19 – Elza Freire com os filhos em companhia de familiares, último registro antes da saída do país. Rio de Janeiro, 1964.
Fonte: Acervo pessoal de Fátima Freire, cedido à pesquisadora.

Continua a saída da família Freire. Em setembro de 1964 Paulo sai do país, "um momento difícil, principalmente porque Paulo foi sozinho, deixando aqui Elza e os filhos" (BARRETO, 2004, p. 31). Vinte dias depois de chegar a La Paz, a fim de trabalhar no Ministério da Educação, o grupo de brasileiros, incluindo dentre outros Paulo e José Maria Rabêlo, presenciam o governo Paz Estenssoro ser deposto sob o golpe comandado pelo general René Barrientos, o país deixava de ser também uma saída para os exilados da ditadura brasileira.

> Foi um momento duro. Eu me lembro de que, em 10 de novembro de 1964, escrevendo para Elza – era aniversário do nosso casamento, lhe dizia não saber para onde ir. Só sabia que era impossível continuar na Bolívia. Nessa carta falava do nosso querer bem, dos nossos filhos, filhas, mas não falava do momento de real angústia que estava vivendo. Não ia resolver nada mandar um pedaço da minha inquietação para a Elza [...] Foi aí que dois amigos Paulo de Tarso [Santos] e o Plínio [de Arruda Sampaio] começaram a tentar encontrar caminhos que me fizessem chegar ao Chile. Aliás, essa solidariedade humana e política sempre foi dada pelo Paulo de Tarso e pelo Plínio a todos os exilados políticos (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 77).

As utopias sangram como veias abertas na América Latina e a Bolívia é incluída no mapa das ditaduras. É o exílio reunindo exilados e países. Juan Lechin, um dos dirigentes históricos do sindicalismo latino-americano e, então, vice-presidente da Bolívia simboliza esse momento ao proferir: "Tratem de adaptar-se ao lugar em que estiverem. Não adianta passar dia e noite pensando em voltar, pois a volta terá sua hora, que não dependerá de vocês" (apud RABÊLO & RABÊLO, 2001, p. 63).

Da Bolívia para o Chile novamente a partida de Paulo, outro exílio e diáspora, a família Freire circulando pelo mundo. Elza Freire e os filhos permanecem no Brasil se preparando para partir, sob o impacto tanto das ausências de notícias quanto das instabilidades em torno de quando, como, para aonde ir. Os relatos das experiências pessoais são possibilidades de construção de cenários e das situações, como elos de entendimento e análise, a se observar:

> [...] o salvo-conduto se queimou num incêndio durante o golpe na Bolívia. Depois do golpe, eu procurei as autoridades do Governo, para sair de lá para o Chile, e me comunicaram então que eu não existia [...] E eu disse para o coronel: - "Olha, coronel, o senhor me desculpe, mas eu não tenho nada a ver com o incêndio que houve aqui no golpe, a revolução é dos senhores. Agora faço um apelo para que o senhor aceite que eu sou Paulo Freire e, para ajudar senhor, tenho uma carteira de identidade brasileira." Foi o que me salvou. A Elza me pôs isso no bolso no dia da minha saída do Brasil (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 72).

> A Elza inclusive já estava preparada para ir para a Bolívia com os filhos, de trem, porque seria muita despesa ir de avião. Assim que houve o golpe de Estado, eu me lembro que passei um telegrama para ela suspendendo a viagem, desde então absolutamente inviável. Outra coisa que se acrescentou a toda essa tensão foi que fiquei quase um mês sem nenhuma notícia da Elza. Havia uma certa malvadeza.... Os homens que dominavam o poder dificultavam as notícias para os exilados, mesmo da família (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 77).

> Tomamos um avião chileno de Arica a Santiago. No controle de passaporte, quando dei o salva-conduto boliviano que conseguira através do que contei, o funcionário chileno me olhou e disse que, se eu era brasileiro, deveria ter uma identidade brasileira. A lembrança de Elza me salvou pela segunda vez, porque o funcionário disse que, se não a tivesse, seria obrigado a me botar no mesmo avião e me devolver a La Paz (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 78).

Lembranças, presenças. Elza Freire salva pela segunda vez Paulo. E quantas foram?

Repetidas vezes, muitos da geração 1964 partiram pela fronteira, principalmente em direção ao Uruguai, à Bolívia e, em seguida ao Chile, uma vez que não era preciso passaporte, a carteira de identidade era suficiente.

Oportuno considerar o fato de estar evocando uma série de acontecimentos históricos, a partir de momentos pessoais, então poder inquirir: até onde a memória de fatos dos percursos de Elza Freire e a família Freire podem interessar numa reflexão sobre a problemática político-pedagógica, com o intuito de melhor entender suas ideias e ações, para assim tentar compreender as configurações sócio históricas em que o indivíduo que as desenvolveu estava inserido e o quanto pode representar para a discussão sobre o exílio brasileiro? É desafio fazer com que esse diálogo perpasse o texto.

No Brasil, demoram-se ainda Elza Freire e os filhos Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, pois nesse ínterim, em dezembro de 1964, enquanto ela seguia com as preocupações e encaminhamentos para providenciar a ida dos que aguardavam, acontece a partida de Madalena, a primeira filha do casal. Com a iniciativa da mãe e o apoio de companheiros, ligados às atividades político-pedagógicas do casal Freire, ela segue para o Chile indo ao encontro do pai, mediante circunstâncias que ilustram o clima de uma época, sob as quais pairavam ainda o espírito de um tempo

> Fui me encontrar com Elza na cassa do Pierre [Furter], ela estava com a Madalena, bem mocinha, que estava no chão brincando com as crianças, e aí me disse: “Ainda bem que tem crianças aqui pra Madalena ficar bem (risos). Porque a Madalena está muito irritada com essa situação toda, e não é pra menos, mas eu quero sair com você sozinha – me lembro muito disso – porque eu tenho medo de levá-la, vai que ela encontra com alguém ai, um policial, um militar e de repente diz alguma coisa, ai o fulano invoca com a gente”. Enfim, ela tinha medo, o que

> revela muito o clima existente em Recife, eu diria que em São Paulo também, talvez em Recife fosse pior, acho que o Paulo era mais conhecido lá. Então o clima, de fato, era muito ruim e tenso. [...] Mas a ideia, inclusive dela, já tinha falado com o Paulo [Freire], era de mandar Madalena na frente, porque ela já era uma mocinha, era mais fácil está indo só, e ao mesmo tempo a Madalena era um pouco a preocupação da Elza nesse sentido de ser, talvez a mais velha a mais consciente do que acontecia né, e a mais inconformada com a situação. [...] Então a questão da Madalena está resolvida, sabia que o Paulo receberia ela lá e tal, o problema eram os meninos que eram crianças, enfim (Vera Barreto, 2009).

A correspondência é a interface da citação acima, descreve ações coletivas que fazem referência ao indivíduo, com palavras lavradas entre saudade e solidariedade escreve também sobre a família Freire e tantas outras famílias, a correspondência é o depoimento

> Você queria Elza. Remetemos Madá. Elza restabeleceria o equilíbrio da família desde logo. Madá, apenas, dá começo. Paciência. [...] Madá lhe dirá, pessoalmente, tudo o que você precisa saber para tranquilizar-se. Sobre Mima e Fátima. Sobre Joaquim e Lut. [...] Nós todos, apesar das saudades de hoje e das que virão amanhã, estamos bem. A colaboração foi geral. É o que se sente mesmo, não é a satisfação de quem cumpre um dever. É o amor próprio de quem exerceu um direito. É verdade, que o Professor muito nos orgulha. Mas nós queremos mesmo bem, é ao sobrinho e ao primo. Para o professor, as nossas palmas. Para o outro homem, as nossas lembranças mais alegres, os nossos abraços mais apertados. Em último lugar uma observação. Elza – essa mulher, da melhor escola das Amélias – tem direito a um descanso. Tanto quanto você tem à sua presença. [...] Dê a Elza o sossego de que ela carece, sem prejuízos dos cafunés de que carece você. Elza precisa descansar (Lut [tio de Paulo Freire], in FREIRE, Ana Maria A., 2006, p. 211).

Circunstâncias da partida e da despedida do Brasil demarcam espaços de circulação e diáspora, demarcam desenraizamentos e rupturas, com o passado e com a própria história, enquanto o re-encontro no Chile fortalece e reata os laços atávicos da família Freire.

> Paulo saiu primeiro, foi para a Bolívia já com cargo no Ministério da Educação. Em janeiro de 65, eu e os filhos fomos encontrá-lo no Chile. [...] Como se diz, enchi a minha vida com um outro mundo, compreende? Aquele mundo eu apaguei, realmente borrei da minha vida, foi realizado, aconteceu (FREIRE, Elza, 1980, p. 201).

> Estávamos todos ansiosos por rever nosso pai a quem não víamos há mais de um ano. Ele havia partido para a Bolívia em 1964, sozinho. O objetivo era instalar-se nesse país e nós, minha mãe, irmãs e irmãos iríamos depois. Eu não queria sair do Brasil, sentia-me como uma planta violentamente arrancada do chão (Cristina Freire Heiniger, 2010).

> A família viajou para o Chile. Eu tinha cinco anos, meu irmão sete e minhas irmãs já eram adolescentes [...] tive grandes dificuldades de adaptação até entender, afinal de contas, o que tinha acontecido com a nossa família, e o porque dessa ausência tão longa do meu pai (Lutgardes Costa Freire, 2008).

> Foi um baque muito grande porque eu nunca tinha saído do país, só de Recife [...] Quando soube da saída, o problema do pai já tava... ou seja, ele já não corria

> perigo [...] A curto prazo a saída não foi tão problemática porque na verdade eu não estava inserida em nada, só tinha laços afetivos com a família, com os amigos. Enfim, tinha só o meu pequeno mundo [...] Com o problema da inadaptação a gente só conseguiu mesmo se unir, se fortalecer entre nós. Encarando o negócio mesmo pra frente, porque senão não dava (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p.103-106).
>
> Somente nos meados de janeiro de 1965, nos encontramos de novo. Elza, as três filhas e os dois filhos, trazendo consigo também seus espantos, suas dúvidas, suas esperanças, seus medos, seus saberes feitos e fazendo-se recomeçaram comigo vida nova em terra estranha (FREIRE, Paulo, 1992, p. 36).

O exílio, Elza Freire e sua família, depoimentos refletindo e analisando a separação, o esgarçamento da família, os percursos separados, a distância, a inadaptação, a nova vida.

Figura 20 – O casal Elza Freire e Paulo durante o exílio. Santiago, Chile, 1966.
Fonte: Acervo pessoal de Vera Barreto, doado á pesquisadora.

Considero que a circulação experienciada por Elza Freire e sua família, agregada à de brasileiros exilados pode ser qualificada como diaspórica na medida em que produziu construções identitárias diversas decorrentes dos tipos de relações com o país de acolhida,

manutenção das relações com o país de origem, condições de reinstalação e relações com diferentes grupos em diáspora. O espaço diaspórico é transnacional e extraterritorial porque ele se constitui por populações dispersas por vários estados-nações a partir de atos traumáticos perpetrados pelo estado-nação de origem. Neste sentido a memória coletiva e individual se liga concomitantemente ao lugar de origem e a multiplicidade de lugares encontrados e vividos na diáspora (BRUNEAU, 2009; HALL, 2006).

As fortes influências exercidas pelos cenários nacionais e a posteriori internacionais me levam a apontar que há transformações de práticas e saberes, modificações de ideias de acordo com a circulação de pessoas, pois à medida que as pessoas circulam, a transformação é recíproca. As influências e experiências, os aspectos desses movimentos de circulação diaspórica são também marcados pela impossibilidade traumática de retornar ao país de origem, ou seja, é uma ruptura com o território de origem - não se sabe por quanto tempo - que implica na necessidade eminente de estabelecimento de vínculos com o território de instalação. "La deterritorialisation s'accompagne ou est suivie par une reterritorialization"[81] (BRUNEAU, 2009, p.42).

A condição de apátrida, os processos de desenraizamento se agregam às experiências de exílio que embaçam a fronteira entre "nós" e os "outros" e, repetidas vezes nos empurram para o perigoso território do não pertencer (SAID, 2003).

É possível pensar o exílio a partir de uma chave dupla, a do terrorismo de Estado e, portanto a chave é política e coletiva; e a da memória, narrativa e experiências vividas, a chave, neste caso, é Elza Freire e os Freires, que representa as mulheres e os exilados brasileiros com suas experiências de exílio (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007).

O exílio marca a história da humanidade e dos sujeitos. Discutir o exílio é uma forma de recusar situações sociais de exclusão, racismo, violência, discriminação e restrição de direitos; é a memória de formas de exílio externo, interno, afetivo, relacional, profissional, entre outros, produzidas pelo terrorismo de Estado. É ainda poder pensá-lo como experiência social, coletiva e ao mesmo tempo individual. A discussão não é apenas política ou jurídica, não se trata de mapear estratégias ou lugares, traçar itinerários e percursos, mas, sim, denota reconhecer que o individual e o social, antes de serem

[81] "A desterritorialização é acompanhada ou seguida por uma reterritorialização" (Tradução de Débora Mazza, Márcia Santos Ferreira e Nima Imaculada Spigolon).

dimensões da vida em polos opostos, se complementam sob a perspectiva dessa dupla histórica.

O exílio: a diáspora Freiriana e, a família Freire circulando pelo mundo, para que não se torne esvaecido como outras histórias de exilados brasileiros, reúnem-se aqui a partir do golpe de 1964 a priori pelo Brasil, em seguida, a fuga e as despedidas em espaços e tempos diferenciados, para lugares distintos, para construir as realidades que vão sendo configuradas e como os sujeitos se inserem e passam a atuam nelas, de maneira que "registro é memória, é história, sem ele vive-se apenas de lembranças, que se esvaem, perdem-se" (FREIRE, Madalena, 1982).

Ao registrar tais realidades e trabalhar com o depoimento de exiladas e exilados entendo que lidar com isso é mantê-las vivas: memória e história, para colocar-me em oposição às diversas manifestações ditatoriais no Brasil, na América Latina e no mundo e, sobremaneira a favor da liberdade, da utopia, do direito de expressão livre do pensamento e de participação pública na política e, em defesa de uma Educação que se constitua e se desenvolva ancorada por esses princípios.

2.2.1 – Chile: do governo Frei á Família Freire

Diante do encalço de perseguir rotas de saída os exilados conseguem certa guarida no próprio país, depois de país em país. As rotas apontam as interdependências de redes com bases disseminadas num espaço semeado por pontos em escalas local, regional, nacional, fronteiriça e internacional.

O Chile está entre os inúmeros países que acolheram homens, mulheres e famílias de exilados brasileiros, representando importante foco de concentração deles no exterior, tanto para os da primeira ou segunda geração, mas especialmente os da primeira onde se inserem Elza Freire e sua família que começam a sair do país a partir de abril 1964, em seguida ao golpe civil militar.

No mesmo ano de 1964, assumiu a presidência do Chile Eduardo Frei Montalva, do Partido da Democracia Cristã – PDC, sendo o primeiro democrata cristão chefe de Estado das Américas e permanece até 1970, ou seja, ele foi presidente durante o período em que Elza Freire e sua família vão fazer parte no Chile do grupo de brasileiros exilados. Frei propôs uma *"revolución en libertad"*.

Aravena (1997) considera que o PDC, era um partido ligado aos setores mais abastados da sociedade e seu programa de desenvolvimento se baseava no capital internacional e, essa política econômica registrou o crescimento industrial esperado, também marcou seu governo a nacionalização da mineração do cobre. Com vistas à ampliação do mercado interno, foi efetivada uma reforma no sistema educacional e reforma agrária maior do que a planejada, representando a mudança mais significativa do governo Frei. Por outro lado, Guazzelli (2004) identifica uma migração em massa das pessoas do campo para a cidade, como consequência o governo enfrentou inúmeros problemas derivados da falta de moradia que se abateu nas grandes cidades chilenas.

Cidades que são a terra dos poetas: Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Victor Jara e Violeta Parra, apenas alguns dos nomes mais célebres desse país que presenteou o mundo com clássicos como *Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada*, *La Oración de La maestra, Plegaria a un Labrador, Gracias a la vida e el derecho de vivir en paz...*

Desde 1964, esse país latino-americano recebeu brasileiros em fuga da repressão e da ditadura brasileiras, o que aumentou sobremaneira com a eleição de Allende, em 1971. A busca por ter o Chile como país de acolhida fez com que ele se tornasse o principal destino para os exilados, não só brasileiros, mas também para a esquerda latino-americana, segundo as palavras de Elza Freire

> Quando a gente sai do país por motivo político, ao chegar a outro país a gente se sente refeita de espírito. Na época que chegamos ao Chile, o chileno recebia o brasileiro como um irmão; aquilo emitiu um bem estar, uma segurança, uma troca de afetividade tão grande que isso suavizou muito a nossa saída do Brasil (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).

Apesar da chegada desse fluxo contínuo de exilados, não havia uma obrigação legal do Chile em recebê-los, em consequência muitos brasileiros não puderam contar com organizações de apoio institucional para conseguir emprego, moradia e superar as demais dificuldades decorrentes da saída forçada do país.

> No Chile, não havia organizações de acolhida a refugiados ligadas ou não ao Estado [...] Os exilados iam chegando e se instalando nas casas de outros exilados. Recorriam a economias próprias, de parentes, amigos ou organizações políticas [...] Era comum também os brasileiros alugarem uma casa e morarem em grupo, até porque havia escassez de moradias disponíveis para locação (ROLLEMBERG, 1999, p. 107).

Elza Freire confirma isso a seguir, mencionando as relações que passam a ser estabelecidas, de solidariedade e apoio mútuo ante as novas configurações, o partilhar das experiências em comum, os tornou referência no acolhimento de outras pessoas, suas incertezas e o desconhecido de todos em torno desse processo chamado exílio

> No Chile recebíamos jovens que vinham se instalar, mas que ainda não tinham família, que no momento não tinham trabalho, então tínhamos a visita deles. É claro ficavam para o almoço, para o jantar e à noite esticavam um pouco mais; isso me ajudou muitíssimo. Eu realmente via nisso uma grande vantagem, não para os que vinham, mas sim para mim... porque realmente preenchia a lacuna do magistério. Eles se sentiam recebendo, mas eles é que nos davam (FREIRE, Elza, 1980, p. 201).

Mas também as rupturas individuais de deixar o Brasil e de como as experiências, algumas já vividas, outras a se viver em outro país, abrir-se-iam em possibilidades e limites. A casa dos Freires se tornou "viveiro e canteiro" de exilados brasileiros

> Quando amanheci no Chile [...] isso eu realmente senti. Mas creio que compensei um pouco me realizando com uma coisa que nunca tinha sido: a vivência como dona de casa, mas como dona de casa realizando o trabalho. Eu tinha vivência de dona de casa, mas administrativamente, sabia fazer e mandava que fizessem, mas não fazia, porque tinha a escola, o trabalho. Com uma semana de chegada ao Chile, tinha geralmente 25, 15, 30 pessoas para almoçar ou jantar (FREIRE, Elza, 1980, p. 201).

A partir do Chile passam a significar pontos de convergência como o processo de acolhimento e o fortalecimento das situações coletivas, na percepção de Elza Freire

> Vivemos muito, como se diz, na família grande, porque cada um que chegava, era como se chegasse um da família. A gente vivia e participava, a necessidade, o conseguir do outro, isso ajudou muito dando integração entre nós brasileiros (FREIRE, Elza, 1980, p. 202).

As estratégias de apoio e enfrentamento desenvolvidas por parte do grupo de exilados brasileiros a partir de 1964 no Chile se baseavam na realidade e na solidariedade, inclusive se constituindo numa espécie de rede de assistência aos companheiros exilados, quer subjetiva como para lidar com os sentimentos de saudade e a sensação de desenraizamento, quer objetiva como na organização para garantia da subsistência.

Rollemberg (1999, p. 107-108) destaca a criação da "caixinha", que nos primeiros tempos era mantida pelas contribuições dos exilados já empregados e em situação financeira mais estável garantindo aos que chegavam apoio financeiro. Rabêlo (2001, p. 82-83) relata que a "caixinha", exercia a função de respaldar os recém-chegados, com orientações sobre possibilidade de estudo, documentação, emprego e moradia. Assevera

que por várias vezes identificaram a presença de agentes da repressão – arapongas do Serviço Nacional de Informação – SNI, infiltrados no grupo. Marques (2011, p. 101-102) diz que as doações se faziam também com roupas e alimentos. Os autores apontam para as interferências nas formas de ação no decorrer dos anos, sobretudo a partir da chegada dos exilados da geração 1968 e do governo Allende, quando registram o recebimento de dinheiro da Europa, via Conselho Mundial de Igrejas – CMI e o deslocamento para objetivos mais "revolucionários", provocando alterações nas estruturas da "caixinha".

Fato que se comprova por meio dos acontecimentos narrados e se compreende que

> Nós tínhamos um grupo, inclusive tínhamos um grupo de ajuda monetária chamada caixinha. Eu digo nós, porque meu ex-marido [Antônio Antunes] trabalhava na ONU, então tínhamos melhores condições do que uma pessoa que chega exilada. Me lembro que Antônio deu o primeiro ordenado dele para a caixinha e foi uma coisa excepcional [...] Depois teve uma época que chegou gente demais, foi justamente com o Allende, chegou gente de todo tipo e de todos os brasis. Aí já não era um grupinho, já era um grupo enorme [...] Agora existia essa parte de estarmos sempre juntos (Nara Maia Antunes, 2012).

As palavras de Nara Maia podem ser lidas em consonância com as de Plínio de Arruda durante o exílio em trechos que sob o espírito de solidariedade coletiva se reportam ao processo individual de chegada da família Freire e em seguida, aos primeiros tempos

> O exílio no Chile foi bem adiantado, eu fui uma das primeiras pessoas que os acolheram [Paulo Freire, Elza Freire e os filhos] por que ele não chegou a ficar na minha casa, mas Madá [filha] ficou, e a dona Elza não foi logo no início [...] A gente teve um convívio assim pessoal bastante grande, porque eu morava perto, morávamos todos no bairro Las Condes. Dona Elza era uma criatura assim, assumiu toda a tarefa doméstica e olha que eram cinco filhos e ainda com todos os problemas do exílio. Madá já era mocinha, Mima [Cristina] e Fá [Fátima] adolescentes "tavam" chegando e os meninos, Joaquim e Lut [Lutgardes] eram crianças [...] Lut era diferente, especial (Nara Maia Antunes, 2012).

> E eu me lembro de uma particularidade que a Ruth [Cardoso] disse: "Nossa, precisamos comprar algumas coisas ou então dar algumas coisas para o pessoal do Paulo Freire porque eles não tem nenhuma peça de lã, como no Recife não faz frio, eles não tem nada de lã. Foi interessante isso na chegada. Em seguida, nós tivemos uma vida estreitamente próxima, porque a colônia de brasileiros no Chile, naquela época ainda era pequena, nós éramos muito chegados, morávamos perto deles [família Freire] (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Chegar ao Chile era ir ao re-encontro de Paulo, Elza, Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes. Chegar significou ter a re-união da família Freire, novamente juntos. Mas também situados lado-a-lado enfrentar e experienciar o exílio, depois de separações, inquietações e instabilidades, aumentar as fileiras dos exilados brasileiros.

De modo geral, a adaptação e a inserção no país de acolhida são mais lentas e diferentes entre os exilados. Por via de tal processo vai se se constituir o exílio. Portanto, os depoimentos fazem conhecer as dificuldades da chegada e os desafios da permanência, ajudam a compreender o indivíduo, a família e o grupo, que sob a perspectiva sociológica e de acordo com Elias (1994, 2001) permitem discutir as heterogeneidades e identificar homogeneidades, bem como vão se tornando outras configurações

> [...] à noite descemos em Santiago. Lá estavam todos os amigos, inclusive um jovem, que me conduziu do aeroporto para a casa de Strauss. E eu mal imaginava que o jovem que dirigia o carro alguns anos mais tarde seria o pai de minhas netas. Era exatamente o Francisco Weffort, que foi ao aeroporto me receber e dar a sua solidariedade política ao homem que seria avô das filhas dele. [...] Elza, sempre a Elza de sempre. A amiga de todas as horas. Sabe, como eu, que o exílio não é o ponto final. É desafio (FREIRE, Paulo, 2005, p. 78-227).

> Uma das primeiras coisas que passamos a ter no Chile era não ver só a nossa família, a de cada um que chegava era família também. Quando a gente está no próprio país, está tão acostumada, tem tudo, nem pode imaginar porque o outro está reagindo daquela forma. Fora não. Fora, a gente tem realmente que ver o problema do outro [...] passa a compreender mais (FREIRE, Elza, 1980, p. 204).

> Minha estadia em Santiago no começo foi muito dolorosa. Porém com o tempo, o amor, a compreensão da família e dos brasileiros também no exílio, como nós, as coisas foram melhorando. Depois veio a escola, novos amigos, novas experiências (Cristina Freire Heiniger, 2010).

> Era o governo do democrata cristão Eduardo Frei. Quando chegamos lá, encontramos muitos brasileiros, não me esqueço do Thiago de Mello. Lembro-me que quando cheguei ao Chile, pensava que Santiago era uma cidade do Brasil, e começava a falar português com as crianças (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Como era o cotidiano dos exilados, constantemente se deseja saber como faziam para subsistir, trabalhar, estudar; quais suas relações dentro do próprio grupo, da família ou com a sociedade que os acolhia.

A estrutura dessas relações se baseia na realidade e se equaciona na maneira pela qual os exilados conseguiam se instalar. Todavia, a despeito disso, contrastando com as diferenças entre os grupos, observava-se a experiência coletiva e solidária do exílio.

Figura 21 – Grupo de exilados brasileiros em Santiago, Chile. Da esquerda para a direita em pé: Paulo e Elza Freire com os filhos Joaquim e Lutgardes; Plínio de Arruda Sampaio e Marietta e um dos filhos; Paulo de Tarso dos Santos e Maria Nilse com os quatro filhos; Almino Affonso e Lygia com três de seus quatro filhos; assentados um deles é o Padre Paulo. Meados de 1966.
Fonte: Acervo pessoal de Plínio de Arruda Sampaio, cedido à pesquisadora.

Rollemberg (1999; 2004), Rabêlo & Rabêlo (2001) consideram que para muitos professores e intelectuais da geração 1964, chegando ao Chile antes do governo Allende, dispostos a se inserir socialmente e trabalhar, existiu um campo bastante amplo, nos organismos de administração e planejamento do governo e nos organismos internacionais geralmente filiados à ONU, cujo melhor exemplo é o da Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL. Alguns conseguiram com a colaboração prestada por um expressivo número de brasileiros, de esquerda ou simpatizante, se inserirem profissionalmente como funcionários desses organismos:

> O Chile acolheu todos nós. É uma terra que nos acolheu bastante bem, quer dizer, agora você que é exilado, você é expatriado sempre [...] Tinha muita gente influente e importante, por exemplo, Almino Afonso e Paulo de Tarso que eram ministros do governo deposto pelos militares [...] outra pessoa que ajudou na introdução dele [Paulo Freire] e sua família, e até de muitos outros brasileiros, porque quando eles chegaram aqui quem estava no governo era Eduardo Frei, da

> democracia cristã, foi o Plínio [de Arruda Sampaio] cuja pessoa conviveu com eles e já trabalhava na Reforma Agrária (Nara Maia Antunes, 2012).
>
> Aí o Paulo [Freire] chegou e, eu consegui com outros brasileiros um lugar para ele no Instituto em que eu trabalhava, que se chamava Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária – ICIRA [...] Nós, os exilados da primeira leva [Geração 1964], éramos exilados muito qualificados, professores universitários, gente com um padrão intelectual alto. Então, todos conseguiram logo empregos muito bons, inclusive nas Nações Unidas (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).
>
> Cheguei e comecei a trabalhar imediatamente. O contexto do exílio até me deu possibilidade enorme de aprender mais e aprofundar as coisas que já vinha fazendo no Brasil [...] fui levado por Thiago de Mello e pelo Strauss ao gabinete de Jacques Chonchol, do Instituto de Desarrollo Agropecuário [...] saí do seu gabinete contratado [...] Ainda passei um bom tempo até dominar e entender o castelhano do Jacques; discutimos e comemos juntos, ora ele almoçando conosco a célebre galinha de cabidela que a Elza preparava, ora nós jantando com ele (FREIRE, Paulo, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 80-81).
>
> [...] o apartamento que meu pai alugara em Santiago era um duplex, na parte de cima ficava o quarto das minhas três irmãs e o quarto dos meus pais, e em baixo o quarto que eu dividia com meu irmão, a cozinha e a sala. Eu deveria ter entre 4 ou 5 anos quando cheguei no Chile [...] Depois nos mudamos para Las Condes, um bairro de classe média de Santiago. Essa casa era bem mais confortável e bonita, havia lugar para receber mais gente, sem invadir nossa privacidade. Eu deveria ter 7 anos (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Foi esta a realidade da "classe média", a maior parte da população brasileira de exilados, classe na qual é possível observar, se insere Elza Freire e a família Freire. Mas não a totalidade, outros tiveram condições mais penosas, como por exemplo, os estudantes e empregados em empresas privadas, os trabalhadores manuais, ou seja, aquele contingente de brasileiros com um nível de escolaridade mais baixo, sem reservas econômicas, eis a estratificação social no exílio brasileiro.

Dubar (2005) entende que a ruptura com o lugar e com as relações sociais de origem implicam em adaptações variadas a outros lugares e ao estabelecimento de outras relações, associadas à experiência de perda, dano e expropriação, tanto em relação aos vínculos afetivos, como profissionais, intelectuais, entre outros.

As reconversões (SAINT-MARTIN, 1995) ocorridas nas identidades dos exilados podem ser tomadas como manifestações paradigmáticas de processos inacabados de construção identitária. As rupturas, inclusive das atividades profissionais de uma professora para se exilar e acompanhar o marido exilado e os filhos nos processos de exílio também

retrata essa experiência contundente de reconversão identitária associada à situação de exílio e suscita o seguinte depoimento de Elza Freire

> Não pensei em trabalhar fora de casa no Chile porque não tinha tido depois de casada, o gosto realmente de ser dona de casa. Para mim foi um prazer, porque sempre, todas as manhãs quando saía pro trabalho, uma coisa me chamava a atenção: era que todos estavam em casa, na sua coisa e eu tinha o que fazer fora e não tinha aquela oportunidade de saborear a vida da casa. Talvez por isso eu tenha uma certa culpa por ter assumido todo o trabalho doméstico. Como antes de sair do Brasil eu tinha uma vida muito ativa, me sobrava bastante energia e vitalidade. Precisava me gastar e talvez isso, de certa maneira, explique eu fazer tudo porque não era tão pesado e sim vantajoso, compreende? Tanto me encanta o trabalho fora quanto o trabalho dentro de casa (FREIRE, Elza, 1980, p. 202).

O exílio enquanto fenômeno histórico, uma vez que o fato em sair do país não é exclusivamente pessoal, e sim tem a ver com um processo social mais amplo, envolveu os brasileiros já exilados no Chile e suas famílias na opção de continuar suas formas de viver.

Neste sentido, as tentativas de se integrar às atividades cotidianas surgem nos depoimentos dos filhos do casal Freire, que são, sem dúvida memórias narrando o contraste entre as realidades chilena e brasileira. Se por um lado suscitam reminiscências das experiências individuais, por outro confirmam as coletivas

> De modo geral nosso cotidiano em Santiago era o de uma família em adaptação num novo país. Falávamos das diferenças entre o Brasil e o Chile, por exemplo, o clima – as quatro estações são bem marcadas no Chile, as confusões linguísticas entre o espanhol e o português [...] Os finais de semana eram marcados pelas empanadas chilenas, uma delícia! A mãe ia com uma amiga brasileira ao mercado Las Vegas que estava longe de casa mas era mais barato e nos trazia entre outras coisas, as frutas chilenas [...] Todos seguimos nossos estudos em Santiago, trabalhava só o pai e a mãe e muitos exilados frequentavam nossa casa o que aumentava o trabalho dela e o nosso, quando podíamos ajudá-la [...] Nos impressionou inclusive deveria dizer, nos traumatizou muito a experiência do terremoto em Santiago. Foi realmente algo horrível, menos para minha mãe, que de certa forma se identificou com a natureza (Cristina Freire Heiniger, 2010).

> A minha fase de adolescência, de mudança de caráter mesmo foi no Chile e foi muito importante. Vivi cinco anos lá [...] foi a época dos primeiros namorados, das conversas, dos grupos com outras moças, coisas que eu não tinha no Brasil [...] No Chile eu não me sentia tanto estrangeira, no fundo era América Latina. Mas apesar disso, comecei realmente a sentir que já não estava mesmo no Brasil e que o negócio ia ser outro, que o tipo de vida ia ser outro. Foi a partir de então que a gente se sentia assim [...] O nosso cotidiano tentava ser normal, os dias de semana eram vividos com uma rotina e com almoços em família. Eu participava com minhas obrigações de ir ao liceu estudar e contribuía com as coisas do cotidiano da casa, a participação de minha mãe era muito intensa e presente. [...] tive problemas no início para me adaptar na escola, porém foram superados. Foi um dos países que mais me marcou [...] O que eu mais adorava fazer com ela e uma amiga dela era ir ao mercado municipal Mapocho para realizar as compras de frutas e verduras e o gosto que tenho até hoje para ir a mercados vem dela e desta experiência de Santiago (Fátima Freire Dowbor, 2010).

> Começou para mim aí um momento difícil de adaptação com a cultura chilena e seu povo, no meu caso o meu mundo de criança. Não entendia ainda que estava em outro país e que a língua era o chileno. Aos poucos fui entendendo tudo isso, mas só Deus sabe o quanto era difícil para mim me adaptar a uma nova cultura que não era a minha, mas uma que era emprestada [...] Comecei a frequentar a escolinha infantil chilena, que naquela época era muito rígida. Não via a hora da Fátima [irmã] vir me buscar na escola. É que na verdade eu vivia dois mundos: o mundo da escola era o mundo do Chile, e o mundo de casa era o mundo do Brasil [...] Para poder de certa forma matar, saciar, a saudade do Brasil, meus pais recebiam cada vez mais outros brasileiros e brasileiras exilados no Chile para almoçar no fim de semana, era tanta gente que o espaço se tornava pequeno (Lutgardes Costa Freire, 2008, 2012).

Em meio às situações expressivas que marcaram os primeiros tempos de exílio no Chile, é interessante observar que essa configuração proporcionou a re-união da família Freire e produziu, para a maior parte de exilados brasileiros um impacto que favoreceu aberturas para projetos pessoais e oportunidades distintas. Todavia, também significou a descoberta de outros sentimentos, dentre eles a dor pela saída de seu país de origem e as rupturas para viver e enfrentar a nova realidade.

Então, pode-se dizer que Santiago tornou-se a capital do exílio – não só para os brasileiros da geração 1964, mas para a esquerda latino-americana em geral. Ademais, acuados e acusados, constrangidos e perseguidos pelas ditaduras, resistiam e seguiam sob a inspiração e força da utopia.

Paralelamente a essas experiências, desde 1968 os percursos de Elza Freire e sua família continuam a revelar memórias do exílio brasileiro e da América Latina. Outrossim, a refletir acontecimentos que vão se converter em expressões de humanidade com repercussões mundiais. É o que irei discorrer a seguir, acerca de como eles foram influenciados e influenciaram vidas e percursos.

2.2.2 – 1968: o ano que não terminou e a Pedagogia da Convivência continuou

Como pode um ano, específico ano ser tão simbólico e representativo para a História? O fato é, foi um ano que marcou e influenciou veementemente o mundo. Os impactos dos ventos revolucionários abalaram para sempre a forma clássica de fazer política, as classes da sociedade e os padrões de comportamento. Ventos assoprados a partir do epicentro europeu se estenderam até a América Latina, em diferentes países como Brasil. A frase "é proibido proibir", pichada nos muros da capital francesa, causava

ventanias aos "sistemas" vigentes e agitava as bandeiras comuns, como o desejo de mudar hierarquias fossilizadas nas universidades e nas sociedades, derrubar a moral hipócrita, se voltar para outros valores estéticos, éticos e culturais, melhorar as condições trabalhistas. 1968: o ano que não terminou[82].

As idas e vindas desse embate não apresentam apenas os cenários de uma época ou lugares com suas lutas, mas abrem diante de nós os estandartes da utopia para desenrolá-lo com acontecimentos que emergem, junto a concepções, valores e interesses que movem os sujeitos, numa dinâmica sociopolítica que influenciou a sociedade e os comportamentos. A sinopse apresentada por Piozzi expressa muito bem, pois ainda que

> Contrariando tanto as interpretações tendentes a reconhecer que em 68 a explosão irracional do "desejo" contra o tecnicismo e o calculismo inscritos na razão moderna quanto aquelas que identificam em sua faceta "agressiva" a marca da barbárie predominante no "breve século XX" [...] encontrando nelas a reiteração de um projeto político rumo a uma forma *radicalmente* diferente de organização coletiva [...] e o combate ao imperialismo e às ditaduras por uma sociedade livre e igualitária [...] inscrevendo-se no "espírito" de luta internacional de 68 associado ao fugaz renascimento das utopias e experiências anticapitalistas vindas do século XX. [...] Neste espaço "libertado", as obras do "marxismo heterodoxo", de Trótski a Rosa Luxemburgo, os clássicos do anarquismo e os textos dos novos teóricos emersos recentemente das revoltas dos países periféricos inspiravam os debates do movimento em busca de um projeto político capaz de virar o mundo de ponta-cabeça (PIOZZI, 2008, p. 17-18).

O mundo de ponta-cabeça... Na Europa Ocidental, por exemplo, lutava-se contra o autoritarismo social, eclodiu na França com seu "Maio de 68"; já na Europa Oriental, como na Polônia e na Tchecoslováquia, o antagonista era o imperialismo soviético, desabrochou na "Primavera de Praga"; nos Estados Unidos, a guerra do Vietnã e a sociedade de consumo; na América Latina, finalmente, a palavra de ordem era lutar contra as ditaduras militares e o imperialismo americano.

O que cada um de nós traz e leva do ano de 1968? No Brasil e no mundo, ecoou um grito que o vento espalhou pelos quatro cantos. Contra a dominação do corpo, a libertação do desejo. Contra a exploração do planeta e do ser humano, a perspectiva utópica. Contra o comunismo ortodoxo e a maximização da produção capitalista. A favor da paz e do amor. O conflito de gerações, comportamentos, filosofias e políticas revolucionaram o modo de

[82] Frase inspirada no livro do escritor e jornalista brasileiro Zuenir Ventura, participante e estudioso do referido ano, bem como de suas consequências para a realidade contemporânea. Traz entrevistas com os envolvidos, documentos, até então, inéditos e suas memórias, que fizeram parte do período. O autor remonta fatos que mudariam vidas e a nação, contribui ainda para a conscientização política e democrática brasileira.

fazer as coisas na sociedade, na cultura, nas artes, na guerra, na família, no amor – enfim, na vida.

"Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não, nas escolas, nas ruas, campos, construções..." Um volver aos cenários dos acontecimentos brasileiros, num envolver para cantar "vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer..." na voz de Geraldo Vandré, que foi exilado, e se fez mais uma voz a protestar por outro Brasil, onde todos e todas pudessem se manifestar livremente, sem sofrer, como a música as mordaças da ditadura militar brasileira. Mas que não foram capazes de calá-la, pois, ainda se escuta a entoar na utopia "os amores na mente, as flores no chão, a certeza na frente, a história na mão [...] aprendendo e ensinando uma nova lição", como hino embalou a resistência de um povo e seu país. História que as memórias escrevem ante as lições do exílio brasileiro.

"Pra não dizer que não falei das flores[83]", falarei também que 1968 legitima o golpe dentro do golpe e os anos de chumbo, através do AI-5 resguarda atos de terrorismo, violência, tortura, repressão e violação dos direitos humanos e políticos, pois "há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão, nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição: de morrer pela pátria e viver sem razão...", iniciando assim a segunda geração de exilados brasileiros, a geração 1968[84].

Como ato imposto pelo Estado, por mais estúpido que fosse, o exílio, ele mesmo, não fora pensado como tempo e lugar de luta, porém se configura em continuar sendo. Tendo em vista seguir pensando os exilados com suas práticas, estratégias e sentidos, os percursos e as memórias de Elza Freire e sua família são fontes que adoto para compreensão do exílio, e no decorrer do processo apresentam questões de análise segundo as experiências dos exilados, no caso em particular, os exilados brasileiros da geração 1964.

Os acontecimentos descritos acima repercutiram no Chile, onde a preocupação com as questões do Brasil era pauta de reuniões do grupo de exilados brasileiros, sobretudo após o acirramento das conjunturas e o endurecimento da ditadura, realmente sentiam o exílio.

[83] "Pra não dizer que não falei das flores" conhecida como "Caminhando" escrita e interpretada por Geraldo Vandré, que também se tornou alvo das atrocidades cometidas pelo governo militar na cassação dos direitos humanos e políticos. Ficou em segundo lugar no III Festival Internacional da Canção de 1968, depois censurada, teve sua execução proibida. Fez-se hino de resistência em oposição à ditadura e ao governo militar.

[84] Destaco ROLLEMBERG (1999); FERRER (2011); REIS FILHO & MORAES (1988). VALLE (2008).

Atingidos, aproximavam entre si, tanto quanto distanciavam-se da volta. Encontros que contavam com participação e presença dentre outros do casal Freire:

> Você no exílio pensa no país o tempo inteiro. Nós exilados brasileiros, bem, o pessoal mais velho, da primeira leva [Geração 1964], nós nos reuníamos as sextas-feiras. Chegávamos tipo nove e ficávamos até uma e meia, duas da madrugada, discutindo o Brasil, o seminário era sobre o Brasil, quer dizer, a ideia era um pouco procurar os motivos da nossa derrota, porque nós tínhamos caído tão facilmente, tão sem briga, sem luta, sem nada, em 24 horas não sobrou pedra sobre pedra. E verificar o seguinte, o que se precisava fazer voltando ao Brasil, o que se precisava fazer, aí que nós concebemos o programa democrático popular, quer dizer, nós precisamos fazer reformas no capitalismo brasileiro [...] Fazíamos reuniões, eles iam, o casal [Elza Freire e Paulo] ele era membro permanente disso. Várias vezes quando Celso Furtado estava lá, o Jader de Andrade, que havia sido secretario de agricultura do Arraes, quem vinha muito era o Jesus Soares Pereira, que era assessor do Getúlio. Então, tínhamos esse grupo, que foi capaz de conceber isso que é hoje a ideologia do Partido dos Trabalhadores – PT, a revolução democrática popular [...] A participação dela era a seguinte: ia junto com o Paulo em tudo que era reunião, falava pouco, mas tudo, tudo, ele não fazia nada sem Dona Elza, Elzinha, ela estava lá (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

> Olha a gente sempre que estávamos juntos, inclusive o Dr. Paulo e Dona Elza, discutíamos como "tava" Brasil, como "num tava" o Brasil. Pensávamos: não, isso não vai durar muito, isso não é. Acho que ninguém tinha ideia de durar os vinte e um anos. A gente achava que ia ser uma coisa bem mais rápida, não foi e discutíamos, discutíamos [...] sei que a maioria era agente político, partidário, tanto que "tava" lá como exilado mesmo, a força. O que não era o meu caso, vamos dizer, era a força sentimentalmente, mais não oficialmente, como não era dela [Elza Freire] também [...] ela não voltou nenhum dia, eu voltei algumas vezes. Muita gente queria voltar, tinha essa ideia fixa. Aí, é quando veio o AI-5 e freou, foi muito difícil e sofrido (Nara Maia Antunes, 2012).

O exilado sai do país e o país com suas questões, suas problemáticas e utopias permanece no exilado, o tempo todo.

As ações individuais criam ações coletivas entre o grupo de exilados brasileiros, entretanto, elas não apagam as estratégias individuais de lidar com o exilio. Para Nara as voltas "ocorreram algumas vezes". Para Elza Freire "não existiu o daqui pra lá", assim ela marcou esse movimento de atuação, nos moldes da "Pedagogia da Convivência".

> Eles participavam muito e a Elza [Freire] era queridíssima por todos, todos. Ela era a confidente, chamava o confessionário de Elza, todos iam lá, desde jovens, homens maduros, mulheres, todos iam lá e gostavam muito dela, tinham com a Elza uma relação específica, que não era especialmente uma relação de mulher do Paulo Freire, entendeu? Era uma relação própria, ela tinha personalidade, do jeitinho quieto dela, uma mulher muito humana e solidária, uma mulher simpática e firme, um rosto sempre sorridente e discreto, um amor de pessoa, um encanto [...] Ela sempre muito amável, dedicada e preocupada com Paulo e com os filhos, principalmente com Lut [...] sempre me marcou a figura ultra religiosa dela, conformada, nunca eu ouvi uma palavra da Elza que não fosse positiva, nunca vi nada de negativo dela, nunca (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

> Estavam sempre presentes, participando e a Dona Elza era uma pessoa solidária, sábia, assim de bom senso, que quando falava mostrava muito conhecimento [...] Todos a tinham como sustentáculo era risonha, bem disposta para colaborar [...] Ela ajudava muito nos conflitos, com sua sabedoria e tinha um quê de maternal, demonstrava iniciativa própria [...] agora resolver e receber a coisa, recebia muitos eleitos deles, brasileiros como nós, e acolhiam na casa deles mesmo, me lembro que a Iza [Guerra] morou um tempo lá (Nara Maia Antunes, 2012).

Há uma relação entre religião, exílio, liberdade e política, e a reunião deles com a Educação. As evidências dos depoimentos apontam análises da presença dessas relações na produção do casal Freire, identificadas nas publicações de Paulo e destacadamente nas atividades político-pedagógicas deles.

No exílio, os países eram de acolhida e os exilados também acolhiam outros exilados, como no caso de Elza Freire e sua família. Tecia-se uma rede de solidariedade, talvez uma Pedagogia da Convivência que ao extrapolar o campo privado, inclui as esferas do público, como perspectiva analítica que formulei no mestrado a partir das relações constituídas por Elza Freire e Paulo para fundamentar o processo político-pedagógico e amoroso, nos quais se fundam as bases para a construção do "método" de alfabetização para adultos – depois passando por transformações e apropriações se faz teoria do conhecimento, capaz de contribuir com antecedentes concretos para as categorias de análise Freirianas e conforme Spigolon (2009) surgem as Elzanianas, o que me leva a evidenciar que o casal Freire foi vanguardista no exercício de humanidade, na ousadia de pensar que outro mundo é possível e no legado para o campo da Educação.

Por isso a sua inclusão na proposta de investigação é dar possibilidade de se obter um quadro mais amplo e profundo das experiências, incluído numa perspectiva sociológica, essa problemática também como objeto de minha preocupação. Pedagogia da Convivência e o exílio assumindo outras dimensões, identificados pela pesquisa como um movimento dialógico e dialético. Esse é um aspecto fundamental que me dá condições de aprimorar os instrumentos de compreensão e análise da realidade

> Ela [Elza Freire] era bem, como é que eu posso dizer, terra a terra, muito o que ele não era, ele era muito mais sonhador, tenho a impressão que a âncora dele, a segurança dele, residia muito nela pra ele [...] acho que toda a pedagogia dele, foi em grande parte fincado na sabedoria pedagógica dela também [...] porque ela era uma pessoa que dava, a gente sentia que ela dava segurança a ele. Ele: Elzinha, Elzinha, Elzinha. Tudo era Elzinha. Ela ficou mais, como diz o outro, dando a retaguarda (Nara Maia Antunes, 2012).

As complementaridades entre Elza Freire e Paulo são fincadas no pedagógico e, concomitantemente nas demais esferas da relação e da vida. Na percepção dos filhos:

> [...] a mãe sempre contribuía para o trabalho do meu pai. Ela é a pessoa mais importante no trabalho dele, realmente a ajuda que ela deu e que tem dado é primordial (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p.106).

> [...] Me lembro da participação da mãe e às vezes da nossa nas reuniões políticas e pedagógicas ou de militância, no sentido, sobretudo de assuntos que concerniam ao nosso pai, ela sempre presente e atuante, até nas viagens que faziam juntos (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Considerado um dos marcos principais para essa modalidade de ensino, o "Método Paulo Freire" de alfabetização para adultos vem desde o final de 1950, no Recife, Brasil, revolucionando o mundo, pela transformação dos processos tradicionais de ensino e aprendizagem. A Educação de Adultos, tanto no Brasil quanto em outros países, segue recebendo suas influências, o que o converteu numa revolucionária proposta de aprendizagem e ensinagem, com os círculos de cultura e as palavras geradoras. O princípio norteador de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e conduz os sujeitos a se assumirem agentes de transformação, por meio de uma Educação conscientizadora, emancipatória e libertadora no Brasil se fez lapidar no Chile.

A continuidade desses processos e dessa luta se dá durante o exílio. Então, sob a inspiração do que venho demonstrando, teriam sido dispostos cenários propícios para o desenvolvimento de outras iniciativas e novas experiências no campo da Educação e, em especial da Educação de Adultos, entendidas por mim como um ato criador, enquanto ato de conhecimento e processo de alfabetização na prática. Assim, avalio que tais ações e atuações, se apresentam num movimento permanente, crítico e reflexivo que parte dos mesmos princípios político-pedagógicos e humanitários para construir outros[85].

Isso me fornece aportes para conjugar fatores importantes dessa configuração com fatos que orientam as análises, por exemplo: a atuação de Paulo ao lado de adultos analfabetos, no Nordeste do Brasil, ou agora junto aos camponeses, no ICIRA, Chile, ambos com caráter regional, mas que representam pontos de ruptura com a linha de evolução tradicional na Educação ao eclodir com as novas forças sociais e com uma série

[85] Processo que, de um lado revela o princípio dialético de que toda nova realidade é gerada no seio da antiga e de outro, conota o fundamento de que todos os homens e mulheres são competentes em algo. Cito Romão (in FREIRE, 2001), inspirado em Paulo Freire, pois como o autor, entendo que ninguém é nulo em tudo, bem como ninguém é competente em tudo e, por isso, todos são capazes de aprender e ensinar.

de aspectos para uma política geral de modernização. Os autores chilenos, inseridos no referido movimento dão a re-conhecer em seus estudos que

> Los lazos que unían a estos campesinos com la sociedade nacional culminan al "madurar una consciencia que los capacita para ejercer sus derechos a pesar del riesgo de una confrontación con el grupo dominante. Pero esta capacidad de antagonismo emerge después de larga lucha, restringida, en sus primeras etapas, a modificar sus condiciones de vida" (ZEMELMAN & PETRAS, 1972, p. 79).

Concomitantemente demonstram com nitidez experiências e memórias, vinculadas a uma série de investigações e experiências no campo da Educação e agora no Exílio para enfocar Elza Freire e abordar a produção que tem origem com o casal Freire, como metodologia da pesquisa e que dá a conhecer movimentos individuais e como eles vão se imbricando nas configurações coletivas.

A atuação e demais influências de Elza Freire acerca do "Método Paulo Freire" subsistem na memória de Plínio Sampaio, tanto que ele nos remete às referidas experiências seja nos tempos idos de Brasília, meio pelo qual conhecera o casal, atuando juntos no Governo Goulart, quando acontece o golpe militar no Brasil

> Eu conheci a Dona Elza assim: o Paulo de Tarso Ministro da Educação ficou sabendo do Paulo Freire. E me disse: Plínio há um professor lá no Recife que tem um método de alfabetização revolucionário [...] ele vem aqui em casa para nós o entrevistarmos. Eu fui! Aí o Paulo [Freire] fez o projeto, fomos lá acompanhar pessoalmente [...] eu vi a primeira vez que o casal aplicou o método no subúrbio de sobradinho [...] fomos Paulo de Tarso e Maria Nilce, Marietta e eu, e a Elza lá, óbvio [...] tudo a Elzinha estava pra fazer, o Paulo a chamava por Elzinha, dizia assim: Elzinha, Elzinha vê pra mim [...] Todas as apresentações do Paulo, a Dona Elza estava junto, todas [...] Veio o golpe, Paulo foi super perseguido e nós todos tivemos que sair de Brasília. Era o exílio (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Seja nas condições do ICIRA, no trabalho de alfabetização com os camponeses, no Chile. Em ambas as referências o depoimento de quem participou em dois momentos distintos do "Método Paulo Freire". Elza Freire e Paulo já tinham alcançado uma visibilidade nacional. A experiência regional iniciada no nordeste estava em fase de planejamento e implantação em nível nacional, a partir do golpe militar e o exílio, seguia revolucionando, a conquistar a América Latina e o mundo

> O Paulo ensinava como se alfabetizava os camponeses, o que era importantíssimo e, ele ficou tão famoso que tinha um trago lá [Santiago] que se chamava Paulo Freire por que disse que era curto, grosso e forte [...] Dona Elza estava sempre junto e arrumava os slides para as projeções [...] eles faziam os comentários sobre o método, como era, etc., mesmo no Chile, ela arrumava tudo [...] uma figura extremamente amena, não intrusiva, ajudava todo mundo, uma excelente cabeça, quando ela falava, porque Paulo [Freire] não deixava ninguém falar, era ele e

> ponto. Mas todas as intervenções dela eram intervenções de quem estava por dentríssimo de tudo o que estava acontecendo (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Daí conclui,

> [...] das conversas com o Paulo [Freire] sobre a vida dele, inclusive de como ele chegou a esse método, etc., a Dona Elza é uma figura permanente, o Paulo não dava três palavras sem falar na Dona Elza. Então, está evidente que ela acompanhou a par e passo um por um, todas as etapas, tudo para se chegar no método, para o casal chegar no método [...] Claro que ela é uma figura central, ela é co-autora entendeu? O método podia se chamar Elza e Paulo Freire por que foi feito junto pelos dois (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Aproximando e indo além da perspectiva histórica, o que significa uma mulher que colabora, organiza, faz e pensa? O que significa a atuação, presença e participação de Elza Freire?

Tanto as indagações aqui anunciadas, quanto as anteriores e as posteriores se prestam a dialogar com uma pedagogia da pergunta (FREIRE & FAUNDEZ, 2002).

Como consequências dessa ambiência cultural e conjuntural do momento: época, lugar, indivíduos, grupo e circunstâncias, que dizem respeito à disseminação das ideias Freirianas – originárias do casal Elza Freire e Paulo, no cenário social, político-pedagógico chileno, identifico primeiro o movimento do real, seguido do movimento das ideias, para apresentar duas fases: a) influências das experiências com os Círculos de Cultura e a Alfabetização de Adultos do final dos anos 1950 em diante; b) os reflexos e a expansão do "Método Paulo Freire" a partir do Chile e da realidade latino-americana do início do exílio com o golpe civil militar de 1964 até a publicação do livro Pedagogia do Oprimido.

Por outro lado, toda essa configuração me faz ponderar, de alguma forma crítica e reflexiva, com base nas investigações e nos estudos, ora como leitora e pesquisadora de Paulo e Elza Freire, ora como profissional e militante na área da Educação e, em particular na Educação de Adultos, que o exílio a partir do Chile serviu de rompimento com uma espécie de "paroquialismo" e, apontar que a condição de exilados propicia ao casal assumir-se numa perspectiva marxista, entremeada de amorosidade e de apreciação científica da realidade brasileira, latino-americana e, posteriormente, mundial.

Outono de 1968, em Santiago, no Chile vem a lume Pedagogia do Oprimido, obra que ao trazer a palavra conscientização para o campo da Educação, revela sua perenidade e relevância nas questões que aborda.

Deste modo “esperamos que permaneça: nossa confiança no povo” e que juntos, homens e mulheres, possamos lutar para a “criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. Há nas palavras de Paulo a participação de Elza Freire, pela qual não pretendo subestimá-lo nem tampouco o inabilitar, apenas registrar e reconhecer consoante a ele que “Queremos expressar aqui o nosso agradecimento a Elza de modo geral nossa primeira leitora, por sua compreensão e estímulos constantes **a nosso trabalho que também é seu”** [grifo da autora] (FREIRE, p. 36, 1972).

Persuadido pela referida conjuntura, o casal Freire, diante da realidade latino-americana, mas ainda sob as influências das experiências brasileiras, dedica o livro “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1972, p. 23).

Desde então, esta epígrafe se tornou referência não apenas para a Educação, ela é condutora de atuações, muito mais do que palavras expressa objetivo comum a todo(a)s que como e com eles seguem lutando.

Entendo que assim como me apropriei das “Memórias do Cárcere”, no capítulo I, trago aqui as memórias do cárcere da “Pedagogia do Oprimido”, juntas simbolizam resistência e luta que se ergueram para além do Brasil. Nas primeiras os cenários do golpe, nas segundas, a opressão e utopia revolucionárias, em ambas, as experiências e significados das ditaduras, das utopias, do exílio e da Educação.

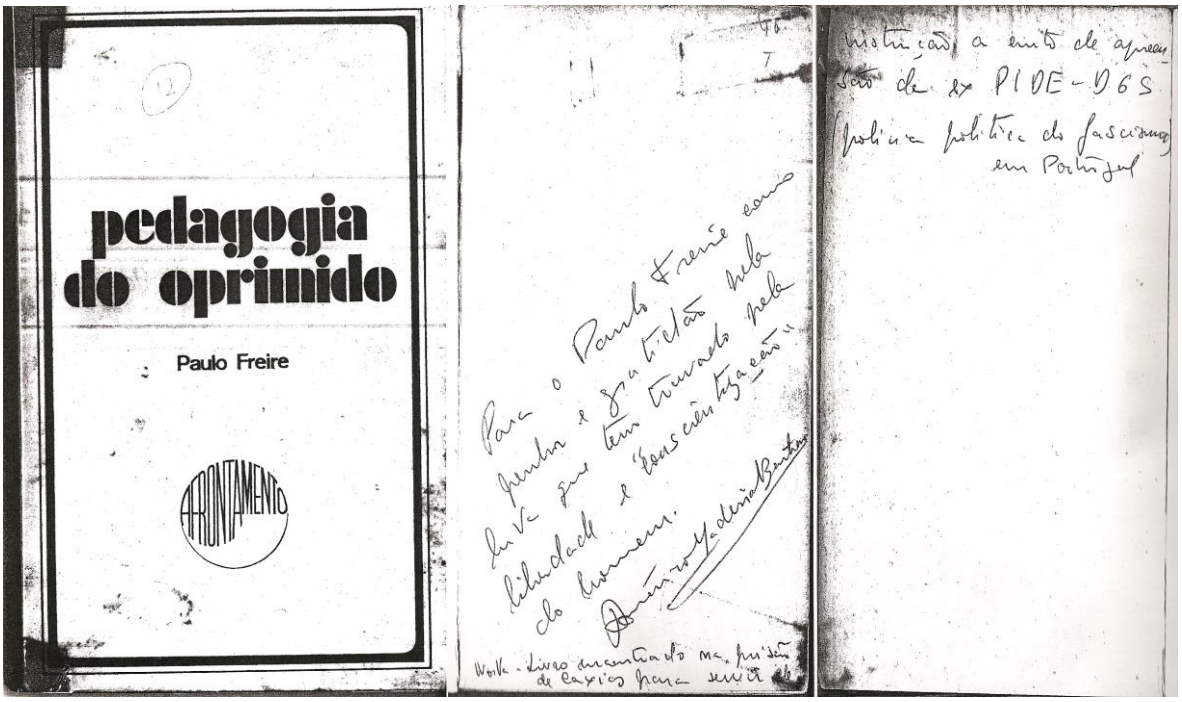


Figura 22 – Capa do livro Pedagogia do Oprimido e as páginas com a dedicatória: Para Paulo Freire como penhor e gratidão pela luta que tem travado pela liberdade e conscientização do homem. Américo Madeira Bárbara[86]. Nota: livro encontrado na prisão de Caxias[87] para servir de instrução a envio e apreensão de ex PIDE – D65 (polícia política do fascismo) em Portugal.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em meio a esses cenários revolucionários, as configurações sobre o Brasil faziam parte da movimentação político-pedagógica do casal Freire. Fato é que durante o período sócio histórico de gestação e feitura do referido livro, o processo é entremeado por discussões que se desenrolam sob a condição de exilados e transversalmente com a Pedagogia da Convivência, seja entre o grupo de brasileiros

> De um lado, havia o fato de ser um exilado e, que portanto, tinha de me reintegrar tanto quanto possível à prática já desenvolvida anteriormente no Brasil, superando-a, inclusive, e aprofundando as reflexões que iniciara [...] Além disso, tinha uma preocupação política de acertar. E de dar uma contribuição fora do meu país que, indiretamente, era também uma contribuição ao meu país [...] Tudo isso

[86] Américo Madeira Bárbara revela as influências da Pedagogia do Oprimido em sua vida, com o tempo em que foi Cônsul de Portugal em São Tomé e Príncipe, atualmente é embaixador de Portugal em Boston. O livro Pedagogia do Oprimido, escrito em português, foi editado primeiro em inglês, em 1970. Esta que apresento é a primeira edição em português, publicado em Portugal, em 1972. No Brasil ele só foi editado depois de traduzido para seis línguas. Além de ser o livro mais traduzido de Paulo Freire é considerado o principal, marco referencial e revolucionário para a Educação, tendo publicações clandestinas, inclusive no Brasil.

[87] Durante o Estado Novo, é o nome do regime ditatorial, corporativista, político e autoritário de Estado que vigorou em Portugal durante 41 anos, ininterruptos, desde 1933 com a aprovação de uma nova Constituição, até 1974, quando foi derrubado pela Revolução do dia 25 de abril. Existiu na cidade de Caxias, uma prisão que acolheu presos políticos, libertos após a Revolução dos Cravos: o Forte-prisão de Caxias.

> coincidiu com a convivência que pude ter com a equipe de brasileiros que na época estava no Chile [...] Fernando Henrique, Weffort, Ruth Cardoso, José Serra, Wilson Cantoni, Strauss, Jader, Flávio Toledo, Paulo de Tarso, Almino Affonso, Plínio Sampaio, Adão Ferreira Nunes, Ernani Fiori, Álvaro Vieira Pinto e Álvaro de Freitas [...] Thiago de Melo, Clodomir Morais, Jesus Soares Pereira [etc.] (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 93-95).

Ou seja, com Elza Freire e a família

> Depois dessas reuniões e seminários que dei, a Elza me sugeriu que eu passasse a escrever. A sugestão foi realmente dela. Eu comecei, e depois tomei certo gosto pela escrita. Foi a partir daí que escrevi e emendei a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 96).

> Um dia a Madalena [filha] me perguntou, carinhosamente, se eu não estava falando demasiado insistentemente sobre o livro. Se não seria melhor pô-lo logo no papel. Ela estava certa. E foi o que procurei fazer (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 101).

> O meu pai levou certo tempo para começar a escrever Pedagogia do Oprimido, aí a mãe disse pro pai: "Olha você fala, fala, mas não escreve nada, quando é que você vai colocar tudo isso no papel?" Então, meu pai começou a escrever, quer dizer, foi graças a ela, graças ao empurrão e incentivo dela [...] Depois, a primeira leitora da Pedagogia do Oprimido foi nossa mãe (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Há que se registrar ainda que os debates em torno dessas ideias e, em especial do processo do livro Pedagogia do Oprimido, também são revelados por quem participou e é capaz de narrar coadunado ao seu depoimento a participação de Elza Freire

> Ele quando falava do livro, falava: a Elza falou isso e aquilo, quer dizer quando ele se referia, dizia em tudo tinha a Elzinha [...] ainda que houvesse o negócio do Frantz Fanon, mas ele se referia muito a ela como Elza falou nisso, pensou aquilo, pensou em outra coisa, isso quer dizer o seguinte: trabalharam juntos. Por isso que eu digo que ela deveria ser co-autora do livro dele, tanto que ali, tudo o que Paulo Freire fez teve a co-autoria de Elza (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Elza Freire é co-autora e autora, e à sua maneira, na medida em que o livro ia adquirindo formato, tanto pela escrita, quanto pela oralidade, como resultado de uma série de fatores teve os originais compartilhados por vários leitores e ouvintes, o que redundava frequentemente na expressiva presença e participação dela, cuja impressão antecipava sua repercussão e o futuro da família

> Durante todo o tempo em que falei da Pedagogia do Oprimido a outras pessoas e a Elza, ela sempre foi uma ouvinte atenciosa e crítica e se tornou a minha primeira leitora, igualmente crítica [...] De manhã, muito cedo, lia as páginas que eu escrevera até a madrugada. Ás vezes não se continha. Me acordava e, com bom humor me dizia: **"Espero que este livro não nos torne mais vulneráveis a novos exílios"** [grifo da autora] (FREIRE, Paulo, 1992, p. 65).

Elza Freire demonstra ter a percepção instável e provisória que viviam na condição de exilados. Nesse movimento sincrônico, a presente conjuntura me faz referir acontecimentos e fatores que impactam as relações familiares e configuraram situações da família Freire. Algumas com perdas e conflitos

> Foi nessa época também que minha mãe perdeu o seu pai. Meu pai por sua vez, já tinha perdido o dele quando tinha 13 anos. Eu me lembro de momentos muito dolorosos pra mãe, porque ela perdeu o pai no Chile e não pode retornar ao Brasil, não pode voltar e se despedir do seu pai, que foi uma pessoa muito importante para ela. Então, essas coisas realmente doeram muito nela, mas ela era uma pessoa muito decidida e forte (Lutgardes Costa Freire, 2008).

> Algo nessa época me marcou muito com a mãe. Seu pai faleceu e o meu tio [José de Melo], portanto seu irmão, mandou-lhe uma passagem para ir ao Brasil. Minha mãe não quis ir nem explicou porque não queria ir. Me lembro que ficou uma sensação muito estranha na família, um mal estar geral em todos. Conclusão: foi decidido que eu iria ao Recife! E evidentemente não foi bom para mim... sentia que era o lugar dela, não o meu (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Outras ocasionaram inclusive o deslocamento de casa para os Freires. A abertura para os outros e para o mundo, vivenciada sob as configurações do exílio foi, em alguns momentos por demais radical:

> Até que certo dia aconselhado por um psiquiatra amigo do meu pai, ele lhe sugeriu que mudássemos para uma casa distante do centro de Santiago, onde a família poderia ter mais privacidade e convivência entre nós (Lutgardes Costa Freire, 2012).

No exílio, a casa da família tornou-se local e abrigo para exilados, afirmando-se ser no país de acolhida, também casa de acolhida, aos de cá, de lá, de onde fossem.

> Não poderia deixar de testemunhar, enquanto filho, a enorme capacidade de amar que ambos tinham, não só a nós, os filhos e filhas, mas também aqueles, aquelas, que chegavam no Chile, fugindo do Brasil, na época da ditadura, sem ter onde ficar, sem dinheiro, sem nada, e que meus pois acolhiam em nossa casa. (FREIRE, Lutgardes, 2001, p. 341).

No exílio, as posições se alternam, não somente para os países, sobretudo para exilados. O convívio chileno e brasileiro e entre as pessoas – da família ou não e, no meio deles a presença de Elza Freire, na percepção, por exemplo, de Thiago de Mello:

> [...] é muito bom poder dizer da importância de Elza, não só, como tanto já se sabe para a vida de Paulo e de seus filhos, mas também para a minha, ao largo dos dias do convívio chileno e brasileiro. [...] Elza: delicadeza poderosa, sabedoria de luz, domo do entendimento. (Thiago de Mello, 2008).

Figura 23 – Da esquerda para a direita: o casal Paulo e Elza Freire, Padre Paulo, Fátima Freire, amiga do Padre e Cristina Freire, em frente à residência da família Freire. Santiago do Chile, 1967.
Fonte: Acervo pessoal de Fátima Freire, cedido à pesquisadora.

Mas ainda há aquelas, em que as memórias situadas na Rua Alcides de Gasperi nº 500 se declaram narrativa com romance sob a perspectiva de Benjamin, também exilado. Para ele, o romance se move em torno do "sentido da vida" enquanto a narrativa se detém na "moral da história", ou seja, "ação interna do romance não é outra coisa senão a luta contra o poder do tempo" (1983, p. 67).

> No exílio, venho descobrindo que ele não é apenas um doloroso desenraizamento, um estar-se fora de "seu" mundo, sem opção do retorno. É também uma porta que se abre, uma oportunidade para o "amor geral" [...] Além das horas que dedico, entrada a noite, a leituras, como as que, necessariamente, estou com Elza e os meninos [...] Elza e a meninada completamente integradas no Chile, já este ano sem sentir duramente o inverno, que agora cedeu lugar à radiante e explosiva primavera (FREIRE, Paulo in FREIRE, Ana M. Araújo (Org.), 2005, p. 217).

> Com o sol e com os pássaros, com a manhã, com o novo dia. Olhava então pela janela o pequeno jardim que Elza fizera as roseiras que ela plantara. Não sei se a casa estará lá ainda, pintada de azul como era na época. Não poderia re-pensar a Pedagogia do Oprimido, sem pensar, sem lembrar alguns dos lugares onde a escrevi, mas sobretudo, um deles, a casa onde vivi tempo feliz, e de onde parti do Chile [...] Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem e mulher, é a boniteza em nossas relações mesmo que, de vez em quando,

> salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam nossa "gentetude". Foi esta a experiência que com Elza vivi... a vida, com amor (FREIRE, Paulo, 1992, p. 61-64).

Figura 24 – Elza Freire em frente às roseiras e residência da família no exílio em Santiago, Chile, 1968.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

A memória é afetiva. Tem cores, odores, sabores... tem formas, letras, ritmos... A boniteza de um sonho e a relação homem-mulher com a natureza, tão presentes na proposta Freiriana, certamente ajudaram a re-significar e a criar experiências, são como a vida, ora em plena profusão, ou não, ora exilada ou na ausência dele.

Início de 1969 e Paulo começa a ser denunciado ao nível da administração-cristã chilena – pela direita da democracia cristã, que como toda direita sabe o que significa uma pedagogia que propõe a desocultação da realidade, dimensões que ele retoma do livro

Educação como prática da Liberdade e, acrescido das experiências do exílio, no Chile publica mais tarde: Ação cultural para a liberdade. Até que em determinada ocasião:

> Fiz então uma proposta: que me prontificava a ficar no gabinete dele enquanto o ministro conseguisse seus melhores agentes policiais para vasculhar minha biblioteca [...] Só pedi que a Maria Edy [esposa de Jacques Chonchol] que fosse junto, para que a Elza não se assustasse. Desse modo, a Elza abriria a biblioteca para eles [...] essas denúncias sucessivas me advertiram para a necessidade de considerar uma saída do Chile. Um dia a Elza e eu estávamos conversando sobre isso, e me lembro que eu dizia que queria muito bem ao Chile, que devia demais a ele e que não gostaria de sair de lá expulso, nem convidado a deixar o país (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 107).

O momento de saída resumidamente foi esse. Os Freires seguiam exilados.

Figura 25 – Despedida dos Freires, realizada no ICIRA. Da esquerda para a direita: Jacques Chonchol, Geraldo Vandré, Maria Edy (esposa de Chonchol) e Paulo. Santiago do Chile, 1969.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

A família Freire e muitos exilados com a vida ameaçada, após a clandestinidade e a partida do Brasil, visavam rotas de permanência no Chile, mas foram impelidos a uma nova circulação para outros países, mesmo que o desejo fosse a não despedida. Cortes e rupturas, porém fortalecimento para continuar exilado, pois essa fase ainda recente do exílio se marca pelos caminhos das Américas.

> Há uma espécie de gratidão que a gente sente por aquele povo que nos acolheu, e isso é muito reconfortante. Senti isso mais no Chile, creio que pelo fato da vida

> estar cortada mais recente. Quando saímos do Chile estávamos refeitos, já se sabia que tínhamos possibilidades de viver em outro país que não fosse o nosso (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).
>
> Sair do Chile, "não abandonar o Chile, do ponto de vista do meu querer bem", já havia discutido com a Elza. A saída para os Estados Unidos foi uma decisão que envolveu toda a família (FREIRE, Paulo apud ROSAS, 2003, p. 34).

De modo geral, a condição do exílio e os processos servem de base a desajustes pessoais, emocionais e familiares, dão origem a re-ajustes, elaboram-se estratégias e constroem-se identidades. A diáspora Freiriana, fragmento das memórias alcança destaque nos depoimentos. Outro exílio, novo país e a família Freire circulando pelo mundo.

> A Madalena já havia casado e estava morando no Brasil, mas as duas meninas que estavam lá, Fátima e Cristina – uma com 16, a outra com 17, e os dois meninos, Joaquim e Lut [...] Então, conversando com Elza, acertamos a realização de uma reunião de família [...] Mas o fato é que as duas decidiram ficar [...] Partimos, Elza, eu e os meninos (FREIRE, Paulo in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 48-50).
>
> Moramos primeiro, Fátima e eu, em casa de uma família que nos alugava um quarto. Fátima, por razões sentimentais foi para Boston, onde já estava vivendo a nossa família. Fiquei sozinha em Santiago, para terminar o primeiro ano de Serviço Social, na Universidade Católica do Chile. Uma amiga da faculdade me convidou para morar com sua família e eu aceitei. Era mais aconchegante que um quarto (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Como parte das análises, o exílio a partir dos percursos de Elza Freire e sua família, no Chile, caracterizou-se por dois momentos marcantes. O primeiro, quando saíram do Brasil no período seguinte ao golpe de 1964 e lá chegaram. O segundo momento coincidiu com o endurecimento da ditadura militar no Brasil, a partir de 1968 e com a saída deles do Chile. Defronte a essa configuração, avalio que a decretação do AI-5, em dezembro de 1968, autentica a interdição do movimento de voltar para o Brasil, ou seja, ratifica a continuidade do exílio. É a opressão ditatorial no Brasil disseminando a sensação amarga do exílio. Portanto, para aqueles exilados, para Elza Freire e sua família, como única escolha, se quiserem manter-se vivos e continuar acalentando a utopia revolucionária, deverão trilhar outros caminhos...

2.2.3 – 1969: o ano que mudou nossas vidas e as vidas que o exílio mudou nos EUA

Caminhos no início trilhados com a ideia de que o exílio estava muito associado à América Latina. Para Rollemberg (1999; 2004), Rabêlo & Rabêlo (2001) e Moraes (2003),

dentre outros a perspectiva era aguardar os acontecimentos e articular a volta para o Brasil. Mas, a onda golpista, que assolou o continente, ia revelando

> [...] a experiência que nos unifica resume-se em poucas palavras : ditadura militar e neoliberalismo. Primeiramente, as longas e sinistras ditaduras, que dizimaram oponentes, cercearam manifestações culturais e intelectuais e integraram seus países à hegemonia do capitalismo norte-americano. Em segundo, conseqüências sociais das políticas de cunho neoliberal aplicadas com maior ou menor violência em quase todos os países latino-americanos. São essas as experiências que nos unem e nos fazem compartilhar da mesma insegurança social, do mesmo desemprego e da mesma dependência aos organismos financeiros internacionais. Finalmente, como contraponto a essas amargas experiências, há que se considerar a experiência mais positiva dos movimentos sociais atuantes no processo de "democratização da democracia" (MORAES, 2003, p.9).

Assim, muitos exilados brasileiros viveram outras experiências de golpes militares, várias ditaduras instauradas em diferentes países, e a volta ia sendo adiada, ia se distanciando junto com o continente latino-americano. As fronteiras para o exílio se rompem de vez com a saída do Brasil, inicialmente via América do Sul, que era o primeiro destino a receber os subversivos e perseguidos pela ditadura militar brasileira e, de lá passam a circular[88] por vários países das Américas ou do "Novo Mundo", para depois muitos se restabelecerem na Europa.

> [...] no começo de 69, eu tinha convites dos Estados Unidos, tinha consultas no Canadá, e do Conselho Mundial das Igrejas, de Genebra, e me lembro de que discutia com Elza a possibilidade de aceitar uma dessas hipóteses (FREIRE, Paulo in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 46).

1969: o ano que mudou nossas vidas[89] cujos caminhos do exílio e da volta ao Brasil se afastavam à medida que o homem chegava á lua. Enquanto a história imortalizava o passo a frente da humanidade através de Neil Armstrong o Brasil dava um enorme passo atrás com um dos piores momentos da ditadura militar no país. Tortura, censura, terror, medo, caos, mortes, de um lado o governo militar e o Estado opressor que tudo podia fazer, do outro uma esquerda radical e armada, que culminou no primeiro sequestro de um embaixador no mundo, o sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick,

[88] Os conceitos de circulação e não de migração que optei utilizar para referir-me aos percursos realizados pelos exilados brasileiros, dentre eles Elza Freire e sua família, se ancoram em: CORTES & FARET (2009); BRUNEAU (1994; 1995) e COURGEAU (1988).

[89] É título de filme norte-americano, que conta o drama de três jovens em finais dos anos 1960 nos EUA e retrata as agruras deles indo para a Universidade, quando os seus caminhos se afastam à medida que vão amadurecendo. Pensando nisso utilizo-o para representar esse período nos EUA e de exílio dos Freires lá.

mas que com o lançamento do Jornal "O Pasquim" composto por nomes como Leila Diniz, Henfil, Jaguar, Paulo Francis, Millôr, Ziraldo, Gláuber Rocha, passa a ter um porta-voz da indignação social brasileira.

Ano que entrou para a história e no qual a sociedade norte-americana vivia um intenso período de conflitos raciais, enquanto assistia ao movimento de contracultura dos hippies, que lá começou e se espalhava pelo mundo. Enquanto que os movimentos políticos na América Latina assumiam proporções e consequências imprevisíveis. E foi nesse período que Elza Freire o marido e os filhos Joaquim e Lutgardes, chegam aos EUA.

> Fomos para os Estados Unidos... Eu preferiria ter ficado no Chile [...] Acontece que a proposta que fizeram para Paulo, como professor visitante em Harvard, era interessante, e nós sentíamos o Chile caminhando para uma situação difícil, principalmente para nós estrangeiros. A oportunidade seria vantajosa para Paulo, realmente foi. Abriu a porta para a possibilidade de mais conhecimentos e mesmo para ir trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).

Antecipando a decisão de partir do Chile e chegar aos EUA, Elza Freire contesta a dicotomia entre o "discurso-ação", mediando através do diálogo[90], conduzindo até o "pensar-agir". O próprio Paulo insere no livro Pedagogia do Oprimido, que "ação e reflexão e ação se dão simultaneamente". É observável a mediação e participação de Elza Freire no processo de "ação-reflexão-ação".

> [...] Disse a Elza que tinha sido convidado para ir trabalhar nos Estados Unidos. Ela perguntou: "O que você disse?" Eu respondi que não ia. "Mas Paulo", disse Elza, "Você se diz um radical, mas no fundo é um sectário. Como você vai admitir que toda a população norte-americana é inimiga do terceiro mundo? Não pode, não é dialético. Você precisa retificar isso. Retifiquei e fui (FREIRE, Paulo apud PASSETTI, 1998, p. 100).

Em sendo assim, aponto para uma ação, de certa forma, ousada, consciente, crítica e decisiva de Elza Freire, hábil o suficiente para desvelar uma realidade da qual Paulo demonstra possuir apenas um ângulo "sectário", rendido às aparências. Ela ao evidenciar as possibilidades de trânsito entre a consciência crítica e a ingênua, através do movimento da "Pedagogia da Convivência" e de como a tomada de consciência, deve estar articulada com a práxis, isto é, com o processo de ação-reflexão-ação, cria condições a ele para retificar e aceitar o convite, iniciando significativa etapa em seu percurso profissional.

[90] Segundo Freire, na Pedagogia do Oprimido, esse processo de integração interativa é significativo quando vinculado ao diálogo que contém no seu cerne ação e reflexão, levando o homem e a mulher a novos níveis de consciência e, consequentemente, a novas formas de ação. A fórmula que contém os elementos constitutivos para a análise do diálogo é: Teoria/Prática; Discurso/Ação; Pensar/Agir; Pensamento/Ato.

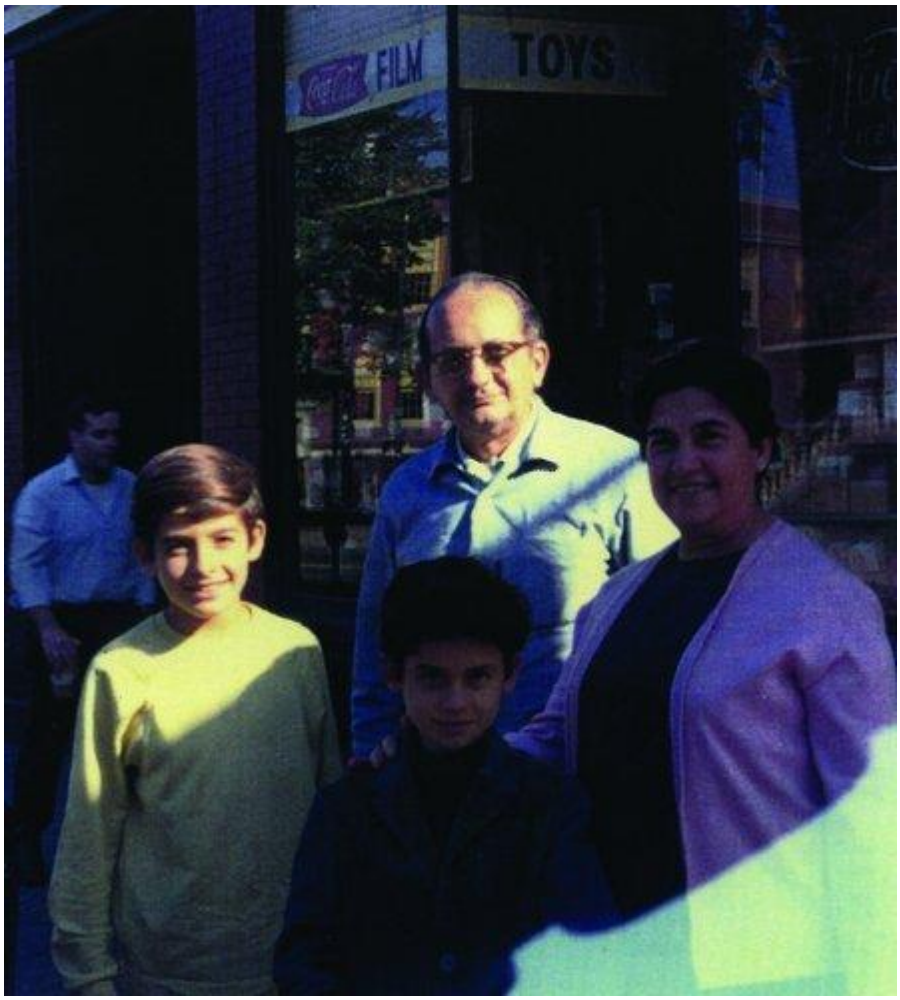


Figura 26 – Elza Freire e Paulo (ainda sem bigode e barba) com os filhos Joaquim e Lutgardes em frente ao prédio em que os Freires residiam no exílio. Boston, Cambridge, EUA, abril de 1969.
Fonte: Acervo pessoal de Vera Barreto, doado à pesquisadora.

Despedidas, partidas, chegadas e, vice-versa, são também impermanências e rupturas com configurações, se fazem mesclas de sentimentos e descobertas, que se agregam aos processos do exílio, alterando inclusive estruturas familiares. Nesse sentido, pode-se avaliar que nos depoimentos essas situações no exílio são recorrentes, tanto como experiências individuais, quanto como situações coletivas.

Partir do Chile e chegar aos EUA, para Fátima

> Foi triste após quatro anos de permanência, pois tinha vários amigos e gostava muito de viver em Santiago [...] Parti sozinha para encontrar meus pais que já estavam em Boston, pois eu preferi ficar um tempo mais no Chile e minha chegada foi boa, pois pude rever meus pais e irmãos [...] Minha irmã Madalena já se encontrava casada residindo em Londres, e minha outra irmã Cristina permaneceu no Chile. Esta experiência foi diferente, pois meu convívio familiar se resumia ao pai, a mãe e aos meus dois irmãos (Fátima Freire Dowbor, 2010).

Enquanto Cristina, que seguiu depois, em novembro de 1969, rememora

> Minha partida foi também dolorosa, deixei amigos e amigas em Santiago que nunca mais revi. Muitas lembranças boas e tristes. Mas minha chegada foi uma felicidade pois já estava com muita saudade da família e precisando de todos eles para me refazer da solidão de ter ficado só em Santiago. Minha estadia foi curta (Cristina Freire Heiniger, 2010).

É a diáspora Freiriana, incorporada às novas configurações e possibilidades do exílio a re-unir, novamente a família Freire. Para, ao lado de brasileiros e suas famílias, continuarem vivendo sob a condição de exilados, dessa vez nos EUA.

As relações com outro país apresentam dificuldades e adaptações variáveis, que acumulam experiências, ora positivas, ora negativas, que são coletivamente vivenciadas, embora acompanhadas por percepções distintas entre os sujeitos.

A memória através dos depoimentos vem coadjuvar para tornar público essas relações, que iam das condições climáticas aos valores instituídos sob tais condições

> Nos Estados Unidos, duas coisas que me atrapalharam foram o excessivo calor de Boston, em Cambridge, no verão, e a intensidade pesada do gelo e da neve no inverno. E foi exatamente com a tentativa, talvez mágica, mas muito concreta, de me defender do frio, muitíssimo mais forte do que o de Santiago, que eu comecei a usar a barba, em 1969. E, depois de ter começado a usar barba, chegou um momento em que tirá-la era me descaracterizar (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 56).

> Fiquei quatro meses e aproveitei para estudar um pouco de inglês. Conhecer os americanos e brasileiros que viviam lá. Confesso que não gostei e não tive tempo para sentir-me ambientada. Foram meses mais bem vazios e tristes, sem contar o terrível inverno (Cristina Freire Heiniger, 2010).

A questão do idioma se apresenta com relevância. O uso da língua assume uma conotação diferenciada para o exilado e seu processo de exílio, em algumas circunstâncias transformando-se de choque étnico-cultural a instrumento de emancipação.

> Ao voltar pra casa, eu disse pra Elza: "Elza, eu acho que assumi uma posição desonesta, desleal, porque eu aceitei com convite, e não falo essa língua daqui, e não posso dar aula em português! Não dá, e eu acho que não vou aprender essa língua a ponto de ter uma desenvoltura mínima!" Elza tinha essas coisas fantásticas, e disse: "Olha Paulo, eu estou gostando, disso aqui, não quero voltar, não tenho porque voltar, nem você tão pouco. Pois que seja humilde e estude! Se você levar isso a sério, falará inglês como você fez outras coisas! Assuma hoje a responsabilidade! Claro que eu não creio que você tenha vindo para cá irresponsavelmente, do ponto de vista subjetivo. Objetivamente você não está falando mesmo! Pois que trate de superar isso!" (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 51).

Elza Freire em tom crítico e realista intervém ao apontar que a família seguiria os percursos do exílio, ainda sem pensar num retorno. Ao incentivar Paulo emergem que variadas são as possibilidades para se comunicar, estabelecer sintonia e interação, entender e se fazer entendido e, no caso particular do casal Freire. É uma questão de respeito e carinho e também de enfrentar concretamente as situações:

> Para você ter uma ideia, quando eu falava, eu era a única pessoa que, falando inglês, Elza não precisava de tradução. Elza entendia a minha musicalidade nordestina falando inglês. E como ela conhecia o meu pensamento, uma coisa batia com a outra, não precisava de tradução nenhuma (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 81).

Em outras, a força da situação é caminho para o enfrentamento do cotidiano, por vezes contraditório e antagônico, onde as ações individuais se configuram no cenário sócio histórico e coletivo, evidentemente com dificuldades de adaptações significativas, e até traumáticas entre lugares, pessoas e tempos, que vão sendo designados como mundos do exílio e do exilado. O mundo da escola:

> Vivíamos em dois mundos, o da escola, e o de casa [...] Nessa nova realidade dos Estados Unidos, aí eu realmente sofri o exílio. Sofri porque a escola norte-americana me discriminava enquanto latino-americano, e eu sofria de preconceito, de bullying [...] Todo dia de manhã tinha que colocar a mão no peito e cantar o hino norte-americano. O tempo nos Estados Unidos foi muito curto, 11 meses apenas, mas foi o suficiente para sentir-me um peixe fora d'água. O meu nome é Lutgardes, as crianças na escola me chamavam de Lutgarbage, ou seja, Lut lixo. Eu vivia trancado no nosso apartamento, faltava muito à escola. Nessa época eu tinha dez anos (Lutgardes Costa Freire, 2012).

E o mundo de casa:

> Então, a vida se dividia em dois mundos; o mundo da escola era o mundo do exílio, e o mundo de casa era o mundo do Brasil [...] Em casa meu pai fazia questão que todos falassem em português, e do nordeste, de preferência. Era uma maneira de ter um pouco do Brasil entre nós. Era uma maneira de não esquecer o Brasil e de esperar um dia voltar para o Brasil (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Mundos do exílio, dos exilados, dos filhos do exílio e rupturas com esses mundos:

> Do Chile para os Estados Unidos, onde passei quase um ano, a minha primeira reação foi totalmente negativa, foi de me fechar mesmo. Passei quase um mês me negando, sem sair, me recusando a aprender a língua, a ver as coisas. Foi um momento de ruptura com o país, com a adolescência (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p.104).

> Eu vivia trancado no nosso apartamento, comendo sucrilhos e assistindo muita televisão, faltando muito à escola. Nessa época, eu tinha dez anos (Lutgardes Costa Freire, 2012).

A ideia de que as identidades pessoais e grupais estão em movimento constante de desestruturação/reestruturação e que essa dinâmica às vezes assume a aparência de uma crise de identidades, ajuda na compreensão dos movimentos dos sujeitos da pesquisa. Em sendo assim, as identidades não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais nem produtos de estruturas sociais ou de políticas impostas de cima, mas são construções sucessivas de apropriações ocorridas em processos sempre diversificados de ações recíprocas entre os sujeitos e os diversos âmbitos de integrações sociais. Elas resultam de negociações, precárias e fecundas, de processos de apropriações e constituem expressões sociais de construção de individualidades (DUBAR, 2005; HELLER, 1977).

O estranhamento expresso pelo depoimento de Lutgardes e Fátima acerca do exílio nos EUA foi comum a outros exilados brasileiros, como se apercebe, por exemplo,

> [...] os seis anos que eu fiquei no Chile, eu não senti tanto o exílio, porque nós fomos tão bem recebidos pelos chilenos, inclusive o governo estava de certa forma, inteiramente à nossa disposição [...] os chilenos nos abriram o país e a política [...] Então, o exílio, eu fui sentir mesmo nos EUA, eu senti o exílio lá, fiquei isolado [...] Mas no exílio, você acha que todo mundo está pensando em você, dependente de você lá [...] É uma experiência dura, como eu já disse: fortalece os fortes, enfraquece os fracos (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Neste sentido, o esforço de se integrar e se permitir ao desconhecido são condições postas pelos processos coletivos do exílio, mas que podem avocar outras experiências individuais para o exilado quando mediadas pela Pedagogia da Convivência. Assim, se por um lado ampliam horizontes, por outro reivindicam o desvencilhar com pré-conceitos e estereótipos pré-concebidos que são também construções sociais:

> [...] a ida para os Estados Unidos foi uma espécie de grande desafio para mim, além de surpresas [...] inclusive em torno da política brasileira e do que estava acontecendo na área da alfabetização de adultos [...] O primeiro de todos, a própria decisão. Você acredita que quando me chegou o convite eu quis recusar? Ingênua e arrogantemente pensava nada ter a aprender e nada ter a ensinar na matriz do imperialismo. Elza, uma vez mais, marcou sua presença junto a mim. Comentando com ela a intenção, a decisão, quase de não ir, ouvi dela estas perguntas: "Você acha, porventura, que toda a população dos Estados Unidos é imperialista? E onde anda a sua radicalidade? Virou sectário? Porque não aposta na outra parte que por pequena que seja não é imperialista e está lá também?" Aceitei o convite. Fui e não me arrependi de ter ido (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p.110).
>
> Do ponto de vista de Elza, eu acho que ela também se sentiu muito bem. Elza gostava enormemente dos Estados Unidos, o que não significa que gostava do capitalismo. Mas gostava do país, porque é preciso também estabelecer e superar essa posição ingênua – de que eu também fiz parte antes (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 111).

A pedagogia libertadora de Elza Freire e Paulo. Há elementos nesses depoimentos, capazes de identificar que ela demonstra "consciência crítica" ao dialogar com ele e ao mesmo tempo o que a convivência entre eles produz. Chega a imputá-lo a reflexões analisando sua talvez "consciência ingênua" a respeito de algo que lhe parecia óbvio e, o faz alertando-o para uma visão menos simplista e preconceituosa sobre a realidade norte-americana. Portanto, ao posicionar-se assim, ela viabilizou com ele enfrentamentos que o levaram a reafirmar que antes fez parte de posição ingênua.

Figura 27 – O casal Elza Freire e Paulo (já com barba) durante o exílio nos EUA, dezembro de 1969.
Fonte: Acervo pessoal de Vera Barreto, doado á pesquisadora.

As ações mobilizadas pelos exilados e, em particular por essa mulher Elza Freire, naquelas configurações se apresentam de formas diferenciadas de acordo com os exilados e as circunstâncias, como se sucederam, segundo as conjunturas e as iniciativas pessoais.

Destarte insculpida nos "Escritos Íntimos" de Elza Freire, a memória é capaz de congregar os depoimentos anteriores sem romantizar experiências, mas impregná-las de um realismo peculiar, é capaz ainda de comparar as realidades americana, chilena e brasileira de maneira lacônica e sem parcimônia tanto à sua condição de exilada quanto aos papéis sociais sexuados assumidos por ela nos percursos do exílio:

> Eu preferiria ter ficado no Chile, porque o Chile para mim foi ótimo, teve a facilidade da língua. Eu não falava inglês, era uma língua realmente nova para mim [...] Nos Estados Unidos, sabendo que era para passar só um ano, eu não trabalhei. Fiquei realmente dona de casa, assisti cursos na Universidade, classes de inglês... Vi logo que não dava para passar muito tempo. Tudo caríssimo. Mesmo assim fizemos bons amigos que ainda conservamos hoje, muito bons... e gostei de ver o povo, principalmente o jovem americano, aquilo me encantou. Completamente diferente, aquilo me fez um bem... era uma outra juventude que eu podia comparar com a minha. Aquela alegria do jovem americano me fazia tremendamente bem e ainda faz quando chego lá. Senti que lá a mulher talvez se imponha mais. Pelo que vivi no Brasil, acho que a mulher era talvez menos valorizada. Não sei se agora será diferente, certos movimentos, uma tomada de consciência maior... (FREIRE, Elza, 1980, p. 206).

Ninguém sabe se agora será diferente... O que se sabe é que Elza Freire, Paulo, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, atravessaram o Atlântico, deixando as Américas. O percurso do exílio continua, todavia dessa vez a

> [...] Partida foi feliz porque saímos todos juntos de Boston, menos Madá, que já morava em São Paulo. Partimos de Boston porque o contrato do pai na Universidade de Harvard era só de um ano (Cristina Freire Heiniger, 2010).
>
> Toda a família viajou para a Suíça (Fátima Freire Dowbor, 2010).

Certos movimentos... O exílio que girava feito roda viva[91] com as voltas que o mundo dá e faz da experiência individual, ao mesmo tempo uma vivência coletiva. Os brasileiros exilados se espalhando e a família Freire circulando pelo mundo.

A ideia é reforçar pensar o exílio e os sentidos atribuídos a ele, enquanto processo sócio histórico e político-pedagógico. "Roda mundo, roda-gigante / Roda-moinho, roda peão / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração". A beleza dos versos declama a sensação circular do exílio da família Freire, até aqui: rodou de Recife, passou pelo Chile, levou Madalena [Freire] para a Inglaterra e depois de volta ao Brasil e os moveu

[91] Canção que faz parte da peça de teatro de mesmo nome, escrita por Chico Buarque em 1967, ela tem um cunho histórico específico: os obscuros anos do governo militar. Estreou no Rio de Janeiro no início de 1968 e virou símbolo da resistência contra a ditadura brasileira. Em São Paulo, um grupo do Comando de Caça aos Comunistas – CCC, invadiu o Teatro Galpão, espancou artistas e depredou o cenário, depois foram suspensas suas apresentações. O espetáculo é considerado uma das mais importantes peças do teatro brasileiro.

para os Estados Unidos; o tempo (como) passou desde o golpe em 1964, rodando em torno do coração, que sobreviveu a 1968 e ainda bate.

Seja na voz, letra e melodia, seja na pesquisa e no texto, a manifestação em tom de protesto para que não mais os brasileiros se permitam golpes, ditaduras e exílios, que a Educação se erga cada vez mais de maneira a intervir na construção de um país e na formação de seu povo sem deixar que a "Roda-viva" carregue o seu destino pra lá.

2.3 – Américas: utopia e opressão revolucionárias – Considerações sobre os percursos do exílio de Elza Freire e a circulação diaspórica da família Freire

Os movimentos progressistas, sobretudo, dos governos de Goulart (Brasil) e Allende (Chile), representavam a utopia de uma nova perspectiva de governar, democrático e humano, um caminho original a partir da América Latina e ao resto do mundo.

Ao lado disso, entre as décadas de 1960 e 1980 as Forças Armadas ressurgiram e insurgiram como atores nos cenários políticos da América do Sul. Tiveram início regimes militares e ditaduras instauradas no Brasil e na Bolívia em 1964, no Chile e no Uruguai em 1973, no ano de 1976 na Argentina, sendo que o Paraguai sob ditadura desde 1954.

A utopia latino-americana sangra aos golpes da opressão e da ditadura, ambas são revolucionárias. E 50 anos após o golpe de 1964 no Brasil, a distância entre a utopia e opressão revolucionárias na América Latina e o mundo atual parece não terem-se afastado.

As reflexões críticas atingem o tom de amargor e protesto com utopia e opressão revolucionárias defendendo a transformação social, pois a "liberdade na América será filha de nossos feitos e de nossos pensamentos" (NERUDA, 2011, p. 170).

As ditaduras e os exílios na América Latina ainda sangram sob o domínio incontrastável do capital especulativo estrangeiro, o ataque sem precedentes contra o "direito à vida" e "à liberdade" nos países considerados terceiro mundo faz cair as noites da ditatura não só sobre os projetos de transformação social ou sobre as alternativas políticas de reconstrução da esquerda latino-americana, mas encobrem os dias da utopia dos confrontos e diálogos em busca do equilíbrio possível entre os desiguais, deixando vir a mostra os trágicos efeitos do cenário sócio histórico desolador, em que as políticas hegemônicas partem ao ataque das conquistas sociais da população e do pensamento pedagógico libertador, insistindo na exploração de um povo e seu continente.

Veias abertas, mas firme no compasso e nas lutas, segue a nossa América Latina, parte de nós e que tão pouco conhecemos. *"Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás"* e caminhar ao lado de Che Guevara pelo continente feito de sangue, suor, lágrimas, amor, cores e alegrias. "Se me deixam falar" do livro de Domitila Barrios de Chungara, direi que esta terra não se vende, que nós, o povo latino-americano somos como vozes de resistência às ditaduras e fonte de inspiração no enfrentamento das lutas de classe, protestando e cantando para o mundo como resposta ao imperialismo e ao colonialismo

Latinoamérica[92]

Tú no puedes comprar al viento
Tú no puedes comprar al sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar al calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tu no puedes comprar mis colores
Tú no puedes comprar mí alegría
Tú no puedes comprar mis dolores
[...]
Vamos caminando, aquí se respira lucha
Vamos caminando, yo canto porque se escucha
Vamos caminando, aquí estamos de pie
¡Que viva Latinoamérica!
No puedes comprar mi vida
[...]
Mi tierra no si vende.

Desde a introdução do capítulo, se percebe pouco a pouco, intencionalmente, um movimento textual para que a ascensão dos ideários da esquerda, seja no Brasil a partir do golpe civil militar de 1964, seja com outros golpes em países da América Latina marcasse definitivamente as memórias sobre o exílio brasileiro. A luta contra a ditadura e o imperialismo e a favor da democracia e da sociedade mais igualitária e justa, ao lado das lutas individuais e a favor das experiências coletivas. O objetivo deste item é considerar diante dessa configuração as ações individuais de uma mulher – Elza Freire e sua família sob a dimensão do exílio como parte do movimento coletivo de exilados que constituem uma das forças e condições sociais presentes nos cenários sócios históricos e políticos-pedagógicos do Brasil e nas Américas e, em especial, na América Latina.

[92] Música que tem na letra o tom do protesto e a valorização cultural da América Latina. Considerada obra prima em forma de canção em homenagem à América Latina e seu povo. Autoria e interpretação de Calle 13, dupla de porto-riquenhos, composta por: René Pérez conhecido por Residente e Eduardo Cabra por Visitante. Calle 13 ganhou 5 prêmios Grammy Latino 2009 e em 2011 ganharam 11 Grammy's Latino.

A centralidade é pensar o exílio, entendido como ato imposto pelo Estado, por meio da participação e da memória dos sujeitos envolvidos nesse processo. Nesta perspectiva os percursos de Elza Freire e sua família são elementos imprescindíveis que me permitem realizá-lo. A análise principia no ano de 1964, quando ocorre o golpe civil militar no Brasil, segue discorrendo sobre as circunstâncias e consequências desse acontecimento para a sociedade brasileira, em seguida traz as experiências latino-americanas e norte-americanas, por fim, as configurações advindas do processo mediatizado pelos cenários de atuação em que a família Freire se insere.

Diante do encalço primordial de preservar a vida, sob a condição do exílio, as partidas e fugas, despedidas e chegadas, se repetem e podem aparentemente caracterizar uma diáspora com grande dispersão em escala local, regional, nacional e internacional. Entretanto, quando equacionamos as dispersões do exílio notamos que elas não são obscuras, desestruturadas ou desorganizadas. Pelo contrário, são constituídas e vinculadas a grupos representativos, que no caso da família Freire situam-se na prática política de esquerda, e que dispõem de redes de relacionamento, de comunicação, acolhimento, etc., como venho demonstrando.

A condição do exílio, a diáspora e a circulação da família Freire a partir do golpe se dá no próprio país. A perspectiva sociológica adotada com a noção de "configuração", de Elias, permite observar as relações que engendram o movimento do exílio tornam possível identificar estratégias e ações específicas dos sujeitos envolvidos, individualmente e em grupo, com ênfase à atuação de uma mulher – Elza Freire frente a seu grupo familiar.

Portanto, avalio que as circunstâncias que perduram para os Freires durante o período, seja Brasil, Bolívia, Chile e Estados Unidos, fazem situá-los em exílio, diáspora e circulação.

Figura 28 – Mapa da Diáspora Freiriana elaborado a partir dos percursos de Elza Freire durante o exílio e representa a fase das Américas de 1964/1969, traçado pela autora como resultado de pesquisa.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

São as memórias do exílio brasileiro a partir dos percursos de Elza Freire e sua família a apontar para caminhos que explicitam as múltiplas saídas e as chegadas características de situações de circulação. O critério para mapear esses caminhos foi construído a partir das rotas possíveis de cada um dos exilados, ainda no Brasil, internas, em seguida, externas, mas que em sua maioria são entremeadas por configurações *sui generis* da família Freire.

Configurações sob a condição tênue quanto às subjetividades, mas não quanto às objetividades, pois as fronteiras do exílio se rompem de vez com a saída do país, inicialmente, via América do Sul, com a acolhida no Chile, cujo cenário político era o governo democrata cristão de Eduardo Frei, antecedendo a efervescência do governo Allende e a instauração da ditadura Pinochet. Nos primeiros anos, os exilados brasileiros,

dentre eles Elza Freire e sua família, conseguem certa guarida e, de lá passam a circular por vários países da América, para depois se restabelecerem na Europa.

Na bagagem, certa derrota do Brasil e da América Latina. A perspectiva de volta ia se afastando junto com a América Latina, na medida em que a opressão se aproximava a utopia revolucionária ia se distanciando cada vez mais, provocando rupturas de grande impacto, desencadeadas sem distinção para os exilados, inclusive Elza Freire e sua família.

O que foi possível demonstrar a partir do conjunto de fontes da pesquisa, dentre elas fontes documentais, não documentais e bibliográficas, há outras fontes que apresento para apoderar os procedimentos investigativos e articular o movimento que procurei estabelecer entre os dramas pessoais e percursos desses sujeitos, que também são coletivos. Por exemplo, para o processo de construção da história e da memória do exílio brasileiro trabalhei com depoimentos em suas diversas manifestações (cartas, fotos, músicas, Escritos Íntimos, etc.), com distintas iconografias, filmografias e documentários que durante esse período do exílio ao tornarem-se instrumentos de pesquisa, assumem uma perspectiva de registro das memórias também da América Latina.

Esse posicionamento por mim assumido se deve em parte ao empenho empreendido para que as páginas traduzissem vertentes exequíveis de interpretação, referendadas por esse conjunto de fontes, que se revezavam entre as primárias, bibliográficas, literárias, artísticas e outras. Tendo em vista atribuir uma dimensão sensível aos sujeitos, ancorada nos depoimentos, sem, contudo afastar-me absorta da coerência acadêmica ou perder-me em divagações ou suposições, busquei evidências que sustentassem uma interpretação da história segundo a lógica científica.

A elaboração do capítulo foi regida pela organização e manuseio desse conjunto de fontes, permitindo se aperceber que são múltiplos os níveis em que a ruptura do exílio modifica a identidade das pessoas. Eles marcaram profundamente o estilo de viver, pensar, sentir e se relacionar das exiladas e afetaram as relações financeiras, de trabalho, com a família, o estudo, a política, a visão de mundo e o sentimento de provisoriedade (CAVALCANTI & RAMOS, 1978).

O exílio, a partir das modificações citadas acima, produz na família Freire uma espécie de metamorfose, considerando que:

> A saída do Brasil não deixou de ser um trauma [...] o golpe de Estado me expulsou do Brasil, eu fui embora por força das circunstâncias, digamos assim. O exilado era o meu pai, mas nós todos nos solidarizamos com ele, éramos todos exilados [...] o melhor era entender que isso foi a história e que o importante era o continuar das nossas vidas (Lutgardes Costa Feire, 2012).

Metamorfose produzida também em dimensões de continente, que refletem as discussões do capítulo:

> Jango dizia uma frase que a gente lembra sempre: "O exílio é uma invenção do demônio". No começo, a tranquilidade democrática do Uruguai nos protegeu e nos sentimos em paz. Mas os golpes sucederam-se em outros países latino-americanos, inclusive no Uruguai. A perseguição tornou-se então implacável. (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

E o que acontece com os indivíduos, fica inscrito nos corpos e na sociedade. À medida que vamos nos encontrando com esse vasto mundo de que nos fala Drummond – retomando-o do capítulo anterior, descubro o que antes só admitíamos vagamente, liricamente: nossa identidade. Assim, o brasileiro, o argentino, o boliviano, o chileno, o centro-americano, o caribenho, é possível a todos concluir, com as experiências do exílio, que somos irmãos (quase) siameses ainda de costas uns para os outros, que nossas memórias são forjadas por processos de utopias e opressão revolucionárias.

"Viver a diferença na igualdade: é mais fácil dizer do que fazer", reflete Todorov (1982). No entanto, é necessário tentar. Neste sentido, o conhecimento fundido e difundido por Elza Freire e Paulo ainda no Brasil com o enfrentamento do analfabetismo é um dos meios para se resistir ao poder, pois não se pode combater o que não se conhece; conhecer e intervir em tal realidade foram propostas e práticas do casal. O que está em campo é tentar conhecer para superar os mecanismos de dominação e opressão que dentre outras manifestações déspotas aqui representadas pelo exílio, seja no Brasil, nas Américas ou no mundo, com a dignidade do ser humano enquanto ser social.

O passado sempre aparece convocado pelo presente, como memória viva do nosso tempo. Para Galeano, a busca de "chaves da história passada, contribuem para explicar o tempo presente, a partir da base de que a primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la" (1987, p. 286).

Manter a população cativa e abster o povo de Educação, limitar ou impedir o seu acesso à cultura formal, à leitura do mundo e à escrita da palavra, foi elevado no Nordeste ao nível de política sistematizada pelas tradicionais famílias que controlavam a política e a economia e compunham os cenários de onde emergiram os processos que instituíram o golpe de 1964, instaurando a ditadura e o exílio. Nessa configuração de Recife e de Brasil, alfabetizar as classes populares não era uma tarefa meramente técnica ou didática. Constituía, desde o princípio, uma atitude política de desafio e outra atitude humanista de solidarização. O confronto de Elza Freire e Paulo com essa configuração dá origem á atuação política e pedagógica do casal, o ingresso mais demarcado de ambos na luta utópica e revolucionária com os oprimidos e, exilados de lá – do nordeste e do Brasil, partem com os filhos e suas ideias para circular pelas Américas e depois por todo o mundo.

É preciso, pois, não proceder a análise da teoria e prática político-pedagógica do casal Freire, desvinculada de um tempo e um lugar, da ideologia e efervescência de uma época. Mas, situá-la para melhor entender a eles e às intervenções deles no processo de transformação da realidade social e do exílio.

Nesse percurso, dada às singularidades da família Freire e em função das experiências do exílio, que impõem uma nova dinâmica às relações e, em especial as relações familiares, como foi demonstrado no decorrer do capítulo, é possível identificar comportamentos já existentes, divergentes dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade brasileira e confirmar as tendências e características desse grupo/núcleo familiar. Portanto, fazem parte de minhas análises nesse momento, que o exílio favoreceu a abertura relacional e geracional, através dos comportamentos adotados pela família Freire. Elza Freire reforça o teor dessa argumentação e dos depoimentos das filhas e dos filhos inseridos no capítulo, como mostra o trecho a seguir:

> É verdade que a troca de país facilitou que realizássemos uma abertura que já tínhamos sem causar, não digo escândalo, mas contradição dentro da família. No Brasil seria difícil, já por uma circunstância dos parentes, dos tios, das tias que começavam a sentir que as nossas filhas tinham uma maneira de ver diferente. A mais velha [Madalena] já dizia que quando fizesse dezesseis anos alugaria o apartamento dela. Isso dava um certo susto às tias: "mas como! Se você tem casa, pai, mãe, vai morar no seu apartamento?..." Saindo, nós não tivemos problema, nesse caso foi melhor, porque as meninas puderam ter uma experiência de vida com mais liberdade e compreensão, o que seria difícil se tivéssemos ficado no Brasil (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).

O exílio e suas rupturas ampliam a escala de humanidade comparada e as condições de práxis estabelecidas, o que para Paulo

> Quer dizer – pra nós, era muito mais importante às filhas e aos filhos testemunharem a coerência com que nós pensávamos a prática educativa em casa e no mundo; era muito mais importante demonstrar que aquilo que nós dizíamos, do que dar às filhas e aos filhos o testemunho de que não levávamos a sério as coisas de que falávamos (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 50).

Elias (2000) auxilia a configurar os Freires, pois para ele o indivíduo é parte das redes relacionais tecidas nos espaços sociais. A família desempenha um papel central em todos os setores da vida coletiva.

Segue-se a história e ao seguir com essa argumentação, de acordo com Freire ninguém aprende fora da História, "nós somos seres sócio históricos, ou seres históricos, sociais e culturais, e que, por isso mesmo, o nosso aprendizado se dá na prática geral da qual fazemos parte, na prática social" (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 27).

É a retomada da Pedagogia da Convivência, pois que estes são também argumentos para salvaguardá-la, como perspectiva analítica não restrita às relações estabelecidas entre Elza Freire e Paulo. O exílio e as relações entre a família, agora assumem a dimensão coletiva e pública, não restritas ao âmbito individual e privado.

Ou seja, avalio como parte do processo de fundamentação da Pedagogia da Convivência, que é possível dialogar-se em torno de outra concepção de família, a partir da família Freire, e proponho pensar sob a perspectiva de que "a história é a seguinte, que para mim revela a confiança que tínhamos Elza e eu, nas filhas, a confiança que tínhamos Elza e eu no que propúnhamos como pedagogia e como política" (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 46). Assim, pode-se identificar indícios norteadores do que denomino Pedagogia da Convivência, que vão do pessoal ao político.

E nesse processo, fortemente marcado pela convivência no exílio, interpreto que solidariedade, liberdade e autoridade, princípios da Pedagogia Freiriana, se inserem como fundamentos para a Pedagogia da Convivência, ao mesmo tempo em que demarcam as configurações político-pedagógicas vivenciadas pela Família Freire.

Tais reflexões aproximam essas duas pedagogias – Freiriana e da Convivência, e suas características à Pedagogia da Pergunta, como sendo elemento imprescindível capaz de problematizar e validar o ato de perguntar, inspirado como sendo "uma das exigências

que sempre fizemos Elza e eu, a nós mesmos em face de nossas relações com as filhas era de jamais lhes negar respostas ás suas perguntas" (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 2002, p. 46).

Entre os exilados brasileiros, se intercalam em muitos casos, suas famílias, como os Freires. Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, estão nas centenas de meninos e meninas, crianças e adolescentes do Brasil que foram forçados nos anos 60 a viver longe da pátria, para viver perto dos pais – adversários do regime militar, aliados da utopia. São os filhos do exílio, o exílio é a pátria,

Pátria minha[93]

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
assistindo dormir meu filho
choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas
[...]
Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
[...]
Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.
[...]
Pátria minha,
saudades de quem te ama

[93] Poema de Vinícius de Moraes (1998, p. 383). Diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Em 1968, estava em Portugal quando foi aposentado pelo AI-5 e teve o fim da sua carreira diplomática. A ditadura militar através do ex-presidente Figueiredo explicou que muita gente do Itamaraty foi cassada por corrupção ou pederastia, mas ele foi por vagabundagem mesmo.

Figura 29 – Joaquim e Lutgardes, filhos do casal Elza Freire e Paulo, no exílio e em frente às roseiras que a mãe cultivou e que o pai tanto referenciou em seus escritos. Santiago, Chile, 1968.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

São os filhos dos exilados. Fato, que contribuiu para que Sérgio de Britto Álvares Affonso, filho do exílio e um dos filhos de Lygia e do ex-ministro Almino Affonso - companheiro das experiências político-pedagógicas no Brasil e vizinho da família Freire no Chile, demonstrasse de forma explícita sentimentos extravasados por tons de protesto, por sons a relação arte e política, pátrias e raízes, questionando lugares e sentidos do exílio.

Lugar nenhum[94]

Não sou brasileiro,
Não sou estrangeiro,
Não sou de lugar nenhum,
Sou de lugar nenhum,
Não sou de São Paulo, não sou japonês.
Não sou carioca, não sou português.
Não sou de Brasília, não sou do Brasil.
Nenhuma pátria me pariu.

[94] Música interpretada pelo grupo nacional de rock Titãs, autoria/parceria de Sérgio de Britto, Arnaldo Antunes, Toni Bellotto, Marcelo Fromer e Charles Gavin, faz parte do seu 4º disco.

Figura 30 – O casal Almino Affonso e Lygia Britto com os filhos: Rui, Sérgio, Fábio e Gláucia, durante o exílio. Santiago, Chile, 1965.
Fonte: Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos, cedido à pesquisadora por seu filho Vasco Santos.

O exílio é a pátria. Aqueles anos de Elza Freire e sua família são anos das vidas de exilados brasileiros. Vidas em um período de tempo e da História brasileira vivida fora do próprio país, não suficientemente conhecidas.

O exílio inicialmente na própria pátria, dentro do Brasil, depois a pátria do exílio, perto ainda na América Latina, no final do capítulo, distante na América do Norte, segundo denominação geopolítica. A circulação diaspórica da família Freire. Os cinco irmãos nos percursos do exílio vão se separando pelas curvas do caminho. A primogênita Madalena sai primeiro do Brasil, casa-se no Chile, e vai morar em Londres. Na partida do Chile, Joaquim e Lutgardes seguem com os pais, depois vai Fátima e por último chega Cristina, assim se reúnem nos Estados Unidos. O exílio é a pátria, o exilado é expatriado.

A partir daqui, deixo explícito que a travessia do Atlântico, rumo à Europa, significa, por um lado que o processo de exílio segue, por outro marca o início de uma nova e desconhecida fase.

Fase que paradoxalmente os conduz aos países considerados em alguns aspectos centrais, aproximando-os dos movimentos de libertação africana, em a África lusófona. São os cenários e as cenas dos próximos capítulos.

São memórias do exílio brasileiro e os percursos do exílio de Elza Freire e sua família discutidos até aqui se caracterizaram por três momentos distintos, com marcadores significativos que são utilizados para as análises, mas que servem igualmente de balizas para o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro, a partir de 1964 quando se dá o golpe civil militar e permanecem no Brasil; em seguida a saída para o Chile. O segundo momento coincidiu com o endurecimento da ditadura militar no Brasil através do AI-5, os movimentos mundiais como "Maio de 68" e a feitura da "Pedagogia do Oprimido". E o terceiro, com a partida para os Estados Unidos. Em ambos, identifico características que se reproduzem e se manifestam como exílios dentro do exílio, a diáspora da família, e a sua circulação pelo mundo.

O capítulo, de maneira geral reflete uma sensação de desafios do exílio, rupturas com lugares, laços e de não poder voltar ao próprio país com a certeza de um longo caminho a perseguir, mas também conquistas e a abertura para outros países, diferentes culturas, aproximações com espaços dantes desconhecidos. Com ele – o exílio, a ditadura, a utopia, os corpos e a memória continuarão a seguir juntos, levando corpos, trazendo memórias, mantendo utopia e produzindo experiências.

A memória fica, os corpos se vão, o último momento pode não ser o último, sendo sempre o primeiro de muitos momentos de recordação. Então, a seguir, páginas dos próximos capítulos.

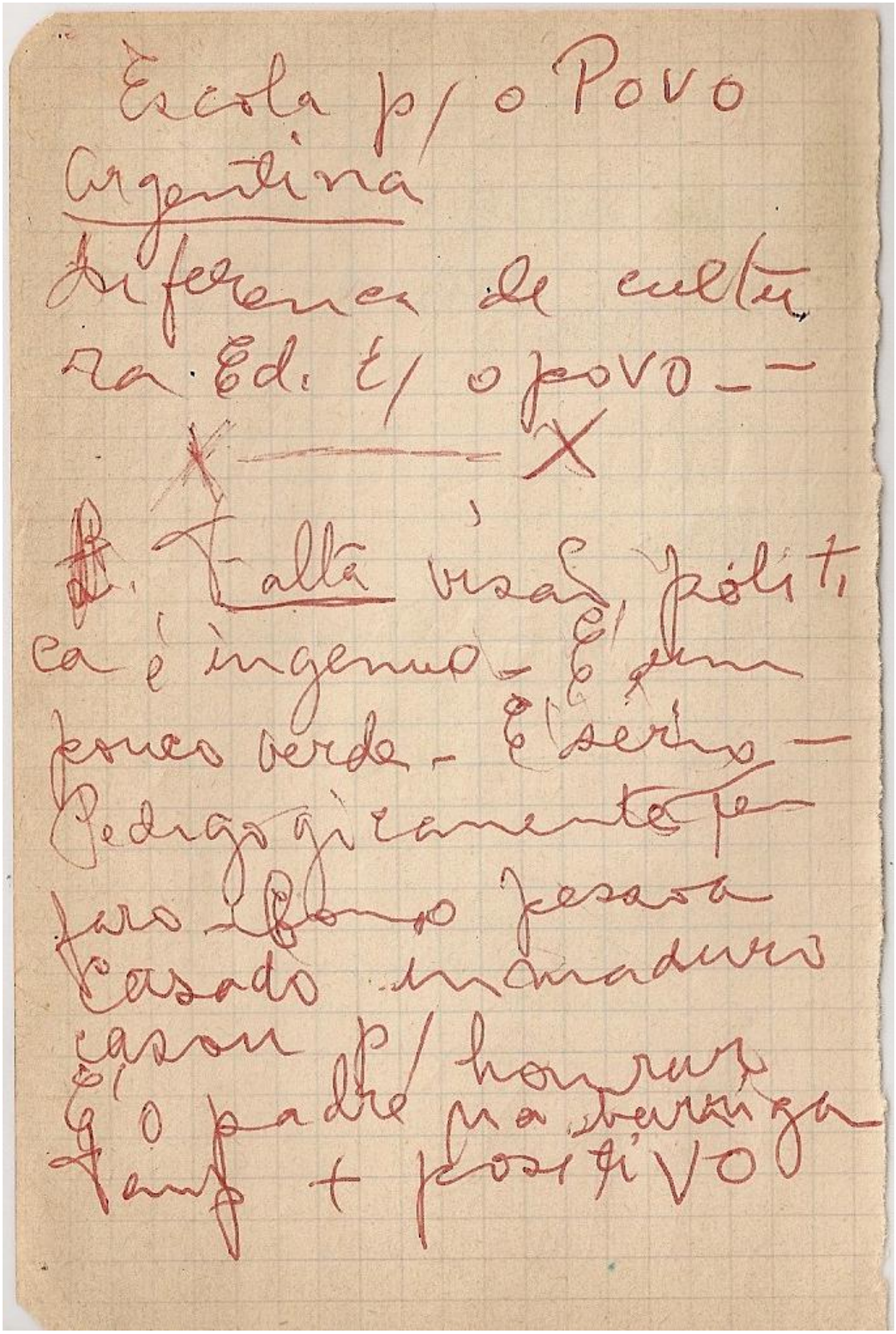


Figura 31 – Papéis avulsos de uma mulher em diáspora, de uma brasileira – Fragmentos de papéis avulsos com anotações de Elza Freire, como por exemplo: Escola para o povo, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

CAPÍTULO III
REALIDADES DO EXÍLIO:
DOS ANDES AOS ALPES – A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO

Figura 32 – Elza Freire no exílio, circulando em diáspora, algum lugar do mundo, meados de 1977.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

Novas partidas e, a Europa marca, de certa forma, a segunda fase do exílio brasileiro, iniciado com o golpe no Brasil em 1964, que estendeu-se para alguns até o golpe Chileno em 1973 e a deposição de Salvador Allende. Tais acontecimentos simbolizaram o esvaecer da democracia representativa na América Latina, impulsionando mais deslocamentos, à medida que as ditaduras se instauravam. Assim, os exilados brasileiros foram, sucessivamente, obrigados a deixar outros países e a circular por continentes. Elza Freire, Paulo e quatro de seus filhos: Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, após a expulsão do Brasil, passando pelo Chile e os Estados Unidos, partem das Américas e chegam à Europa, para residirem na Suíça, e de lá a se inserirem profissionalmente em África dando continuidade a Diáspora Freiriana. O retorno ao Brasil se afastava junto ao distanciamento da América Latina. O exílio no exílio. Os Freires viveram dez anos na Suíça, ininterruptamente marcados por circulações, diásporas, reconversões identitária, dentre outros em plena década de 1970.

> É esse o problema, a angústia que te dá o exílio, toda a insegurança que te traz, um vazio enorme. [...] Sinto que é preciso ver até que ponto a pessoa é capaz de esquecer a realidade que já foi, que tá lá, que não é mais dela. Se você não vive uma realidade ela não pode ser sua, porque você não tem uma parte ativa. É preciso ver até que ponto você é capaz de superar tudo isso e tratar de fazer a vida, de ter uma vida real no país em que está, tratar de engajar de qualquer jeito, de viver o cotidiano. Fátima Freire Dowbor (1980, p. 104).

... As páginas deste, dos anteriores e próximos capítulos, estão a versar sobre o exílio, inserido de modo sincrônico às experiências[95] particulares e às dimensões coletivas, por agora revelam a segunda fase do exílio da primeira geração de exilados brasileiros.

Fevereiro de 1970, o casal Elza Freire e Paulo com os filhos: Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes partem de Cambridge, nos EUA, deixando as Américas em travessia do Atlântico para chegar à Europa, em Genebra, na Suíça, lá permanecendo até junho de 1980, quando retornam definitivamente para o Brasil.

A Europa e a Suíça passam a compor cenários de um tempo de exílio, porém não são apenas mais um lugar no exílio, cadência que a partir de agora é fundamental para a continuidade de descrição, análise e interpretação. Entendo que no centro das estruturas do fazer acadêmico, estão padrões de extrema objetividade e normas de síntese, mas que em termos de processos, passam a partilhar espaços com outras dimensões sensíveis e subjetivas de produção, capazes de juntas seguirem a permear esta tese.

Destarte, os processos de elaboração intelectual não flutuam no ar, não são isolados, podem ser mediadores entre a licença poética e o rigor acadêmico. Aqui, o que realmente interessa não é apenas a caminhada científica em si, e sim, como esta caminhada se cruza com os dilemas simples que cada ser humano enfrenta. Cruzando a diversidade de fontes de pesquisa que envolve desde o campo empírico, a fundamentação teórica e a metodologia, entrecruzando países, continentes, povos, culturas, décadas, vidas, memórias, estas páginas trazem realidades do exílio e, sobretudo são páginas de persistência humanista e utopia político-pedagógica.

[95] Inspirada em Larrosa (1996; 2002) e MAZZA; FERREIRA & SPIGOLON (2013) o saber da experiência é separado do saber das coisas e sobre as coisas. Ele vem carregado de sentido e vivido – ele é singular, enquanto que o saber das coisas e sobre as coisas vem carregado de informação e abstração – ele é genérico.

Considerando a Suíça parte de um continente de acolhida, aonde brasileiros exilados se inseriram e quando a partir dela, dentre outros, ações e inserções político-pedagógicas são planejadas, preparadas e realizadas, assinalo que o período cronológico no qual se inscreve o capítulo, compreende em seu bojo o desenvolvimento dos próximos, há entre eles muito mais do que a continuidade de laudas, coexiste um entrelaçamento temporal, de sujeitos e lugares, um entrecruzamento de memórias, convivências, histórias e experiências.

A experiência adquirida em outros países, a expatriação e o desenraizamento provocados pelo exílio "a angústia [...] a insegurança que te traz um vazio enorme" formam um potencial cultural de valor significativo que na minha compreensão merece ênfase na reflexão sociológica sobre as formas de vida, os projetos de sociedade e as transformações identitárias vividas especificamente por mulheres, considerando-se os sentidos por elas conferidos às suas ações privadas e públicas. Mas também aos exilados em geral, uma vez que a realidade te faz "ver até que ponto você é capaz de superar [...] tratar de fazer a vida, de ter uma vida real no país em que está", são desafios declarados na epígrafe acima por Fátima Freire, que ao abrir o capítulo, traz chaves para variadas portas de entendimento acerca do exílio e das experiências do exilado, mediante a perspectiva do conflito e não da unanimidade. São realidades do exílio.

É o momento e o movimento de viver o cotidiano que coaduna com o princípio de que as identidades pessoais e grupais situam-se nas dinâmicas que às vezes assumem características de uma crise de identidades – resultantes de construções sucessivas decorrentes de processos diversificados de experiências recíprocas entre os sujeitos e as diversas esferas de integrações sociais (DUBAR, 2005, 2009; HELLER, 1977) ocasionando reconversões (SAINT-MARTIN, 1995) e inclusive que o sujeito assuma identidades diferentes em momentos diferentes, às vezes identidades que não são unificadas ao redor do "eu" coerente (HALL, 2006), cuja conotação, embora inevitável, durante o exílio varia de acordo com os percursos, as conjunturas políticas e os países.

É momento de lembrar "que a pesquisa é um processo muito parecido com a maneira de conhecer do ser humano". Daí decorre e ocorre que "nos apaixonamos, pensamos, fazemos conjecturas, nos aproximamos, analisamos", a deambular por processos e formulações, expectativas, realidades empíricas e hipóteses, pois "o desenvolvimento vai

depender das escolhas, das preferências de cada um" (HELOANI & CAPITÃO, 2007, p. 25-26), absortos pelo movimento de uma abordagem qualitativa.

Abordagem que de quaisquer maneiras, faz abrir-se em constructos, deixa-se ir por rituais de (minha) inquietude investigativa para afiançar que, nos tempos e espaços deste capítulo, exilados seguem Elza Feire e sua família.

O processo persuasivo da escrita propicia movimentos para o capítulo e os seguintes, que se projetam numa perspectiva mais de lugar e menos de tempo. De certa forma, em termos cronológicos, um se sobrepõe ao outro. O que os define, no entanto, é, fundamentalmente, o movimento de *circulation*[96] empreendido pela Diáspora Freiriana durante o exílio. O texto é recamado pelas ações dos sujeitos e entremeado por espaços ocupados por eles, cuja marcação se faz de maneira pendular, ora idas, ora vindas, eivadas constantemente por circulações.

Circulações que repercutem os aportes que venho me apropriando em torno do conceito de *circulation*, do qual se permite entender o trânsito dos sujeitos no tempo e no espaço, sem que eles precisamente mudem o seu endereço de residência. Em síntese, Elza Freire continua com o endereço Suíça, de lá circulou pela África e alinhavou o re-torno dela e de sua família para o Brasil; enquanto que na mesma direção, os filhos – com exceção de Madalena que depois da Inglaterra já havia retornado ao Brasil, foram circulando pela Europa e África em movimentos não apenas pendulares, tendo como referência o endereço residencial dos pais, em Genebra, na Suíça. É como se o tempo e o espaço em movimento, pudessem situar os sujeitos e os encontrar numa espécie de entre-lugares[97].

O conceito de entre-lugares proposto por Homi Bhabha (1998) discorre sobre estabelecer e sinalizar transformações redefinidoras do espaço de composição social, a

[96] Continuo adotando *Circulation*, a partir de Bruneau (2009) que em suas análises relata que há lugares aonde a circulação tem um tempo dialético e histórico distante do espacial e social. Diásporas, comunidades de origem, expansão transnacional são categorias que colocadas em perspectiva de uma dinâmica de circulação, criam conceitos como extraterritorialidade e desterritorialização. Ao lado de Cortes & Faret (2009) e Courgeau (1998) que se referem às mobilidades dos indivíduos e dos bens e valores, dos espaços de vida.

[97] O próprio movimento de *circulacion* que me ancoro faz menção a desajustes espaço-temporal. Conforme Bhabha "o passado-presente torna-se parte da necessidade e não da nostalgia, de viver" (1998, p. 27). Assim, *circulation* e entre-lugares, com significado de trânsito, deslocamento em que espaço e tempo se cruzam e por meio das narrativas/depoimentos podem ser lidos como rememorações que habitam espaço/tempo e entendidos onde o campo empírico está inserido. *Circulacion* e entre-lugares são apropriados como parte de um processo que aproxima tempo/espaço e subjetividade, é interstício, pêndulo, passado e presente, ida e volta. Oportuno utilizar entre-lugares e os conceitos de Bhabha, retomarei no capítulo V.

partir de tessituras intersubjetivas e interculturais, abordadas aqui como ampliação da discussão acerca do lugar, o empenho é também demonstrar como a expressão entre-lugares pode se articular com o conteúdo das *circulations* presentes nas descrições e interpretações dos percursos do exílio.

Bhabha (1998), ao tematizar o processo civilizatório em suas múltiplas dimensões, refere-se largamente ao contato intensivo e permanente entre culturas, que derivam em territorialidades transitórias, nexos comuns a grupos e/ou indivíduos diferentes. O autor entende experiências fronteiriças como margens vivas – em que identidades, postos, práticas, conhecimentos e regimes de vida se encontram em debate, em construção e, que se desdobram em formas inusitadas, no ato de reorganizar-se e/ou recompor-se de um momento anterior de descentramento, de desterritorialização, e analisa diversos processos históricos e referências feitas aos contatos interculturais. Cita com frequência os grupos étnicos em diáspora, a tensão entre a conservação de tradições e incorporação de diferenças culturais, como um projeto, que é construído individual e coletivamente no cotidiano dos grupos, em seu interior e a partir de suas experiências e demandas.

Portanto, a busca de entender e situar melhor os movimentos e experiências do exilado, bem como sua reorganização ou recomposição sucessivas a períodos de desterritorialização, propicia que as análises percorram as múltiplas realidades do exílio, a partir dos percursos dos indivíduos e grupos que operam sobre essas margens vivas de configurações de dominação e subordinação, produzindo novos matizes, à medida que também compreendem a teia relacional na qual se inserem.

Então, para o capítulo mantenho o caráter particular, ao mesmo tempo coletivo da experiência do exílio, tendo como objetivo principal dar continuidade à elaboração dos percursos de Elza Freire e família, com destaque ao mapeamento dessas circulações diaspóricas, procurando descrever os dramas vividos em decorrência do afastamento forçado do Brasil e, em seguida da América Latina durante as ditaduras; a inserção e adaptação às culturas e costumes desconhecidos; a família e as novas configurações relacionais estabelecidas; as possíveis consequências/sequelas como exilados.

A intertextualidade, sucessiva e alternadamente, prossegue caracterizando as articulações "micro" e "macro". Aproximando-me cada vez mais dessa perspectiva a análise continua apropriando-se dos percursos de Elza Freire e sua família tendo em vista as

interações que focalizam o exílio. Tenho, deste modo, um estudo ao nível micro, em que a pesquisa e o pesquisador interagem no mesmo espaço onde estão os sujeitos e ao nível macro onde se situam os objetos da investigação. Essa intertextualidade é favorecida pela dissonância do ir e vir de sujeitos e percursos, cujo intercalar de fontes iconográficas, fotográficas e documentais potencializa a leitura, descrição, interpretação e análise, vindo desencadear outras percepções de sentido.

Outrossim, aponto que o período – compreendido entre a chegada na Suíça em 1970, os desdobramentos em África e o retorno (não definitivo) ao Brasil em 1979, traz para o texto, através dos sujeitos possibilidades para pensar, viver e sentir outras realidades, provocando deslocamentos, rupturas e transformações, pois demarca nova fase de atuação e militância política dos exilados brasileiros e, em especial do casal Elza Freire e Paulo, passando a se constituir referência para intermediar diálogos em torno de questões e problemáticas que emergiram durante as supracitadas experiências[98], muitas significantemente atuais.

Daí se apercebe o estabelecer de vínculos textuais e analíticos, os nexos entre as intertextualidades e fontes de pesquisa. Em razão ao imbricamento de fases, tempos, experiências, lugares, memórias, tais elementos configuram-se em permanente processo de elaboração no qual se dedicam à feitura desse capítulo e dos subsequentes.

Não é tão evidente, como pode parecer a princípio, a delimitação desse momento. A acuidade por mim empreendida no sentido de tornar cognoscíveis os percursos da Família Freire e perscrutar questões que ainda permanecem obscuras e obscurecem a percepção de se estar vivendo o exílio, não coincide entre os exilados. Ao contrário, as experiências multiplicaram-se, em configurações e momentos diferentes, impondo processos e características que expressam a maneira como cada um pôde enfrentar a situação. Algumas delas foram emblemáticas e denotam os diferentes momentos do exílio.

É assim que realizei um esforço de periodização, cujo sentido é dado pelas vivências e experiências, memórias e histórias dos próprios exilados.

[98] Proponho "pensar a Educação a partir do par experiência/sentido [...] é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova [...] tem sempre uma dimensão de incerteza" (LARROSA, 2002, p. 20-28).

3.1 – Europa: a segunda fase do exílio brasileiro

Até o fim da primeira fase e o princípio da segunda, as partidas de um país para outro foram, em geral, impostas por circunstâncias que escapavam ao controle e escapuliam à vontade dos exilados. Durante esse movimento de passagem, muitos assumiram o início dele ou reconheceram que ele já houvera começado e que a consciência do momento despertava para uma continuidade que se demoraria.

O exílio, inicialmente dentro do Brasil, depois fora, porém nas fronteiras do país, agora o distanciamento do continente, das Américas. A perspectiva da volta se afasta junto ao chegar... Ainda havia alguma esperança da volta, o golpe de agora foi o exílio no exílio. A chegada à Europa marca esse processo, identifica-o como o início da segunda fase do exílio brasileiro, era como a esperança perdida da volta.

A segunda fase, devido à instauração de ditaduras por toda a América Latina, causou a falência do projeto que previa um retorno breve ao Brasil, ocorrendo com mais intensidade a dispersão, o desenraizamento, a crise de valores e "na bagagem, a derrota no Brasil e na América Latina. O sonho revolucionário que ia se distanciando, se apagando, se perdendo" (ROLLEMBERG, 1999, p. 110).

Entretanto, a revolução aqui configurada como mudança social não estava fora do cenário, não era possível excluí-la de cena. Redefinida e revista a partir da experiência no Brasil e na América Latina, reavivou-se com os movimentos de libertação nos países africanos e com a Revolução dos Cravos, em Portugal.

Por conseguinte, o sentido da luta pela liberdade assume outras dimensões frente à liberdade perdida e espoliada. O engajamento nos movimentos de libertação significava a utopia do ainda não realizado na terra natal.

Novas partidas, novas travessias, pois não foi possível continuar nas Américas e, para a maioria não retornar ou deixar o continente teve um sentido simbólico importante, que sob os novos – temíveis e terríveis, tempos expressavam o terrorismo de Estado e a ausência de lugar no continente, em grande parte massacrado pelos golpes das ditaduras.

Novos tempos em que pairavam mais do que a possibilidade e a hostilidade, certa necessidade e urgência, que presentemente ajudam a reconstituir a História e as realidades do exílio abrigadas na rememoração da experiência, que nas palavras de um exilado,

contam que era preciso seguir e “mais uma vez na Europa eu busco a vida que essa bárbara América me rouba” (RODRIGUES, 2000, p.236).

Os impactos que as notícias e as imagens sobre as atrocidades cometidas pelos militares em seus governos ditatoriais na América Latina causavam, sobretudo, com o golpe no Chile em 1973, passam a configurar alguns países europeus como porta-vozes da tragédia latino-americana. Vasquez & Araújo (1988), Vasquez & Brito (1992), dentre outros elucidam que houve uma forte pressão pública em favor da acolhida desse continente, composto não apenas por exilados chilenos, mas inclusive por centenas de exilados de outras nacionalidades, que se encontravam no Chile e ainda no continente americano, destaco os brasileiros.

Figura 33 – O casal Elza Freire e Paulo com os filhos Lutgardes e Joaquim, em companhia de outro casal com seus filhos, são brasileiros exilados. Suíça, 1971.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

A função política do exílio é o isolamento e como uma das consequências, esperava-se que ele trouxesse a ruptura das redes sociais àqueles a quem é imposto. Durante séculos o exílio foi visto e utilizado como um eficiente mecanismo de controle político institucionalizado. Para Roniger (2010) se comparado a outros mecanismos de controle o exílio é de baixo custo ao poder vigente e, por isso, foi amplamente utilizado pelos governos latino-americanos, associado à ideia de ruptura cultural e social.

Carregado da conotação de castigo e punição, o exílio não deixou de ser um incômodo para a ditadura. Tanto que ao retomar a função política do exílio, enuncio que ele não conseguiu impedir os exilados de continuar fazendo parte da política regional e a fazê-la em outras estâncias, é essa perspectiva analítica que sigo a trabalhar para configurar o exílio como uma estrutura tríplice, na qual os projetos políticos dos exilados interagem – ou não, com os interesses dos países de acolhida e do país expulsor (RONIGER, 2010).

O exílio da primeira geração – a geração de 1964, exemplifica bem essa estrutura tríplice do exílio, o que incomodou consideravelmente o governo militar brasileiro, que esperava o isolamento total do grupo, a ponto de desenvolver estratégias e práticas de espionagem, com o apoio declarado dos Estados Unidos.

A primeira dama do Brasil em 1964 é contundente: "Tenho certeza que éramos observados no exílio, tinha gente infiltrada" e, contesta: "[...] Tenho dúvidas sobre as razões da morte de Jango. Ele teria morrido de ataque cardíaco ou teria sido envenenado no bojo da Operação Condor?" (Maria Thereza Fontella Goulart, 2012).

Almeri Bezerra confirma como continuava a perseguição e a vigilância, confessa sentimentos e estratégias que os acompanhavam durante o exílio:

> [...] continuávamos sendo vigiados pela ditadura brasileira [...] havia o medo, o temor da polícia, a insegurança, a presença dos agentes, eles nos rondavam [...] Era uma questão de prudência, você não quer levar coisas escritas, para não deixar pistas, não podia se guardar nada, para não haverem provas (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

A pesquisa aponta que, o exílio imposto logo após o golpe de 1964 tem nuances de ser mais seletivo destinado inicialmente aos intelectuais de Estado como vem sendo validado pelas páginas anteriores. Na primeira fase, o exílio brasileiro ficou submetido às pressões e contrapressões trocadas entre o Brasil e a América Latina, enquanto que, na segunda fase na Europa, essa estrutura tríplice foi ultrapassada.

Para compreender melhor de que forma essa ampliação da estrutura tríplice do exílio brasileiro afetou as ações desenvolvidas e/ou apoiadas por exilados, bem como o alcance das mesmas, volver-nos-emos aos percursos de Elza Freire e sua família que ao mapear países e dialogar com projetos, numa dinâmica de circulação, permitiu a emergência de novos fatos e, consequentemente, o compartilhamento de novas possibilidades de atuação e criação de propostas político-pedagógicas no campo da Educação e da Cultura. Ou seja, ela se configura em Américas, Europa e África.

No decorrer do texto, isso vai se comprovando mediante a confluência do movimento surgido no exílio entre as Américas (Brasil, Bolívia, Chile, Estados Unidos), Europa (Suíça) e África (Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola), depois o retorno ao Brasil.

Então, é cabível dizer que temporariamente a Europa ocupou um lugar de destaque nas rotas perseguidas pelos exilados, na qual se situa intrínseco o percurso de Elza Freire e sua família. Assim é que além de ser marco referencial da segunda fase do exílio brasileiro, é relevante considerar as conexões para outros lugares, feitas a partir dela e as relações estabelecidas de forma individual por Elza Freire e sua família, são de maneira geral coletivamente experienciadas por incontáveis exilados brasileiros.

Das Américas para a Europa e de lá para a África, mapa perspectivado a partir das configurações surgidas com as realidades do exílio. Europa – uma espécie de rota, de veio para o ir e vir pelo mundo através do exílio, que do ponto de vista analítico se faz elo para a compreensão desses e de outros movimentos.

Considerando a confluência dessas rotas e "realidades do exílio", percebe-se que a acolhida foi diferente na Europa[99], tanto pelas políticas de acolhimento e integração quanto aos processos de adaptação, isso possibilita apontar que as características e as condições no Chile – conforme descrito no capítulo anterior, foram atípicas, em relação às experiências dos brasileiros na segunda fase do exílio, na Europa, dentre eles, Elza Freire e sua família.

É assumir o exílio e o assumir-se exilado, esta é uma reflexão necessária.

> Até que ponto lutamos por criar ou encontrar caminhos em que, contribuindo de certa forma com algo, escapamos à monotonia de dias sem amanhã. Esta é uma

[99] A Europa passa a ser o principal destino de brasileiros exilados, sobretudo após o golpe que depôs Allende no Chile. A pesquisa e as referências classificam Santiago, no Chile como capital da primeira fase do exílio brasileiro e Paris, na França como capital do exílio latino-americano. Sugiro: VASQUEZ & ARAÚJO (1988); ROLLEMBERG (1999); CORTEZ (2005); CAVALCANTI & RAMOS (1978) e COSTA [et al] (1980).

> das lições que o exílio pode ensinar, desde, porém, que o exilado se torne sujeito do aprendizado. [...] O exílio é o exilado no exílio. O exílio é o exilado assumindo de forma crítica, a condição de exilado (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 19-21).

Há fragmentos dos percursos de Elza Freire e sua família que utilizo para análises que podem se reportar temporalmente, porque fazem menção direta ou referência indireta, a fatos e acontecimentos tanto históricos quanto às sociedades em que se inseriram. Com isto, o exílio aos poucos se transformou em um espaço de construção que possibilitou a expansão da visão de mundo deles e de outros brasileiros por meio do contato direto e da atuação com distintas realidades. Doravante, com esse capítulo, estou a classificar o período de o exílio na Europa, tendo em vista ser um instrumento de delimitação espacial.

Figura 34 – O casal Elza Freire e Paulo sendo recepcionado na Europa, início de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Os brasileiros exilados e expatriados na Europa, sob a condição do "desenraizamento", aqui representam o profundo abalo ao ser arrancado do seu país e do seu continente, se inserem a um solo, às vezes fecundo, às vezes áspero. A maioria "lança

suas raízes num solo adverso às necessidades vitais e elas se tornam frágeis; outros, uns poucos, não resistem às mudanças e morrem, e outros lançam raízes tão profundas no novo solo acolhedor que não mais retornam" (CORTEZ, 2005, p. 191).

Portanto, o exílio é convivência com essas realidades, que refletem de um lado, a situação da dor, da solidão e saudade, do mundo em ruínas e, do outro lado, a capacidade de ampliar horizontes e usufruir das benesses do considerado Primeiro Mundo. Em ambos, a condição posta e imposta de se "engajar de qualquer jeito, de viver o cotidiano".

Sob o prisma de Said, "o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a provação sentida por não estar com os outros na habitação comunal" (2003, p. 50). O lugar procurado por aqueles que se encontram nessa condição tem as cores do nacionalismo, e os elementos que esboçam uma atmosfera de nação, que imprime uma poética do pertencer para uma remição com o lugar do qual o sujeito se descolou.

Existe uma associação entre nacionalismo e exílio[100]. O nacionalismo é uma declaração de pertencimento a um lugar, um povo e uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, descarta o exílio. Entretanto, Said (2003) destaca a interação dialética existente entre nacionalismo e exílio na medida em que os opostos se informam e se constituem um ao outro. Nacionalismos sempre se desenvolvem a partir de situações de afirmação e de separação frente a projetos sociais, políticos, pedagógicos, econômicos e culturais de grupos que se colocam em conflito. O projeto de nacionalismo do grupo triunfante justifica, tanto retrospectiva como prospectivamente, uma história atada de modo seletivo na forma de uma narrativa: todos os nacionalismos têm pais fundadores, textos básicos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis nacionais.

A Europa um dos seis continentes do mundo, tendo desempenhado papel preponderante no cenário mundial, abriga em suas fronteiras territoriais e temporais, sem referir-nos a limites culturais, políticos ou geográficos, exilados brasileiros e latino-americanos. E, no âmbito dessa inserção, Elza Freire e sua família, que continuam a remontar às memórias do exílio.

[100] Discussão metodológica e teórica da pesquisa, inserida no artigo "Mulheres, memórias e exílios: "Pobres Moças"?", autoria de Débora Mazza, Márcia S. Ferreira e Nima I. Spigolon aguarda parecer para publicação.

3.1.1 – Suíça: o exílio latino-americano e a família Freire exilada brasileira.

"E assim foram se passando os dias, os meses, os anos. E é claro que a cada ano todos os brasileiros exilados pensavam no fim da ditatura e poder enfim voltar para o Brasil. Mas esse dia ainda estava muito distante" (Lutgardes Costa Freire, 2012). O depoimento de Lutgardes bordado na memória, digamos, remete ao exílio dos brasileiros, idem ao exílio latino-americano; nele se inscrevem, na delicadeza e realidade dos materiais, informações significantes; as palavras do sujeito/exilado acenam como um lenço, um velame, num adeus, anunciando a possibilidade prometida e esperada de uma volta, na exposição de seu íntimo ao olhar do outro, da pesquisa e da história.

E assim foi que a maior parte dos que deixavam o Brasil num fluxo que se desdobrou a partir e com a primeira geração de exilados pensava na possibilidade de uma volta breve, mesmo, em curto prazo, a qual fazia parte da continuação da luta interrompida, sobretudo para a geração de 1964 que após os primeiros anos de ditadura, via mais frequentemente, à volta pelo quadro do restabelecimento da ordem institucional, mesmo que sem grandes esperanças na sua capacidade de interferir neste processo. Para Rollemberg (1999) foi esta também a avaliação da geração de 1968, sendo que anos mais tarde não identificava mais a volta ao fim do regime militar.

Como exemplo, podemos citar da geração de 1964, Paulo de Tarso Santos e Plínio de Arruda Sampaio com suas famílias retornaram ao Brasil em 1970 e 1976, respectivamente, enquanto que Elza Freire e Paulo e Almeri Bezerra de Mello seguiram e permaneceram até 1979, mas definidamente até 1980 e, Helena Hirata da geração de 1968, que embora com familiares e vindas regulares, nunca mais voltou a morar no Brasil.

Portanto, essa postura foi comum para ambas as gerações – 1964 e 1968 e, teve validade, basicamente, até o golpe de Estado no Chile, em 1973. Poucos, até então, pressentiram o começo de uma longa fase.

Maria Thereza, casada com o presidente João Goulart, conta que "[...] Pensei que ia voltar. Não levei uma fotografia, um quadro [...] umas poucas roupas e alguns pertences foram colocados em sacolas" (Maria Thereza Fontella Goulart, 2012). Diferentemente, Elza Freire, professora, esposa de Paulo, é categórica:

> Quando saí, senti realmente que não voltaria mais, de maneira nenhuma. Talvez isso tivesse dado certo corte, não pensar mais na volta [...] O corte talvez tenha

> sido uma defesa, uma espécie de preparação para uma nova etapa que a gente sabia que tinha que enfrentar. Quando tivemos que sair, eu senti que não teríamos possibilidade de volta imediata, de volta àquela vida (FREIRE, Elza, 1980, p. 200-205).

Helena Hirata saindo do Brasil em 1970 dirá em trechos de entrevista:

> [...] depois de clandestina e [...] saí do Brasil em 1970, passando pela América Latina [...] Estou na França, desde janeiro de 1971 [...] quer dizer, praticamente eu me formei lá [...] em 1980 entrei no CNRS (*Centre national de la recherche scientifique*) como pesquisadora e eu fiz, quer dizer, minha carreira profissional lá [...] acho que nunca perdi contato com o país, sempre consegui manter um vínculo profissional e afetivo com o Brasil [...] Tive Daniel, meu filho, em Paris [...] depois da anistia venho uma vez ao ano [...] não volto mais, porque faz quarenta anos de exílio, quer dizer, uma vida (Helena Hirata, 2011).

Os brasileiros já exilados, que se encontravam seja no Chile ou em outros países das Américas, seja pensando em possível volta para o Chile ou para o Brasil, integraram-se à leva de chilenos e latino-americanos em fuga da repressão. O golpe de Estado no Chile em 11 de setembro de 1973, marca a queda de Allende e a ascensão do general Pinochet, desencadeando uma onda de terror e ruptura de grande impacto, que explicitando a derrota da revolução na América Latina[101], sangrou a utopia e interditou definitivamente qualquer possibilidade de retorno.

O início carregado de desesperanças para uma segunda fase do exílio se espraiou pelos quatro cantos do mundo.

Próximo ao rigoroso inverno europeu e distante da América Latina, porém em correlação a esses cenários que iriam se estender por alguns anos, eclodem novas configurações às vidas dos exilados, brasileiros e, ao mesmo tempo, latino-americanos. Lutgardes ao lembrar como foi viver essa realidade do exílio, torna capaz a aproximação entre golpes e ditaduras na América Latina e faz um registro histórico ao narrar os acontecimentos, a partir de Elza Freire, que tem a ver com as relações de força da conjuntura do próprio momento e as forças de atuação/intervenção empreendidas por essa mulher – mãe, esposa, exilada:

[101] Nesse período o movimento progressista de governos latino-americanos, com destaque Goulart e Allende era dentro da ordem, pois eram presidentes eleitos e empossados constitucionalmente, poder-se-ia dizer que "revolucionários" eram os militares golpistas, de direita que se uniram a outros segmentos de poder dentro das sociedades e, venceram! Entendo revolução como o conjunto de medidas propostas por esses governos progressistas tendo em vista a justiça social, a equidade de direitos e as reformas de base, a configuração era a revolução diante do que estava posto e vinha sendo imposto pelas forças dominantes do capitalismo e etc.

> A experiência do Chile foi extremamente rica e profícua, sobretudo para o meu pai, e nós adorávamos viver lá [...] depois onze meses nos Estados Unidos e, meu pai sempre com aquela recordação do Chile, não só ele, toda a família. Quando nós chegamos a Genebra, em 1970, no mesmo ano Allende ganhou as eleições do Chile e ele deve ter viajado em 71/72 para lá. Então, esteve envolvido com todo aquele clima de euforia, conversando com as pessoas do governo, com os amigos que ele reviu etc. e tal. Aí volta para a Suíça e diz para minha mãe: "Nêga vamos voltar para Santiago, o Chile está vivendo um momento fantástico, um momento político extremamente intenso, muito importante na história contemporânea". E minha mãe disse: "Eu não vou andar para trás. Se você quiser ir, então vá, mas vá sozinho, pois eu fico com os meus filhos". Ou seja, ela já antevia o golpe, ela já tinha esse pressentimento, uma espécie de sexto sentido sobre aquela situação [...] E meu pai não foi, quer dizer, se fosse para voltar para o Chile eu era o primeiro da fila a querer voltar, depois meus irmãos. Mas graças a Deus e depois à minha mãe nós não voltamos porque eu acho que nós não teríamos sobrevivido [...] A ditadura chilena foi uma coisa muito cruel, sabe [...] acho que em alguns sentidos foi pior do que a brasileira. É preciso que se diga isso, porque isso faz parte da história mundial, é preciso mostrar isso de uma maneira às vezes poética, mas sobretudo bastante clara, política e crítica, politizada ao público e, aos jovens que hoje estão despertando para a vida madura [...] Para não esquecer, porque foi uma coisa muito, muito violenta, e eu tenho a impressão de que meu pai não ficaria vivo, e mais, tenho a impressão de que todos nós teríamos morrido, não sobreviveríamos a um segundo golpe de Estado (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Visto que se trata de narrativas cujo sujeito é partícipe da pesquisa, é importante destacar que nela não ocorre apenas a tematização pessoal. Lutgardes emprega suas palavras para apresentar acontecimentos centrais do período, ao qual ele pertencia, e, em alguns trechos, apresenta a mãe como protagonista da ação narrada e das configurações nas quais se inseriram, já, em outros, quando se refere a acontecimentos históricos importantes do Brasil e da América Latina, vividos durante o exílio, imprime um caráter coletivo.

Apesar de o exílio ser um fenômeno histórico, entendido como a saída do país não sendo de caráter exclusivamente pessoal, mas por motivos que tem a ver com um fato ou um processo mais amplo, diferentemente do exílio latino-americano, o exílio brasileiro de modo algum se fez um fenômeno de massa. Conquanto estivesse consubstanciado à geração de 1964 e à geração de 1968 que, de variadas formas, envolveram-se no "combate" ao sistema capitalista e/ou à ditadura, vendo-se forçadas ao exílio, após sofrerem um conjunto de ações autoritárias e arbitrárias, oriundas de um governo que, violenta e gradualmente, restringia as liberdades individuais e os direitos civis (ROLLEMBERG, 1999, 2004, 2007; RONIGER, 2010).

Então, o exílio consoante ao que venho demonstrando envolveu do mesmo modo pessoas que, por outros motivos, foram penalizados com o exílio, obrigados a deixar o país

na condição de seguirem, seja sozinhos, seja com grupo familiar. Possuíam endereços, empregos; eram mulheres, homens, crianças... Tinham nomes, rostos, documentos; podiam ser políticos, militantes e simpatizantes...

E que, dentro dos limites e das possibilidades, das ações empreendias e das redes relacionais estabelecidas, embora constituindo novos endereços, empregos; são mulheres, homens, crianças... Continuam tendo nomes, rostos, documentos; seguem sendo políticos, militantes e simpatizantes...

Os Freires, por exemplo:

Elza Maia Costa Freire; Paulo Réglus Neves Freire; Cristina Costa Freire, Fátima Costa Freire, Joaquim Temístocles Costa Freire, Lutgardes Costa Freire.

Endereço: 19 ch. des Palletes – 1112 Grand Lancy – Genéve, Suisse.

Emprego: CMI e Universidade de Genebra; IDAC; Conservatório de Friburgo.

Professoras, donas de casa, educadores, advogados, estudantes, musicistas, etc.

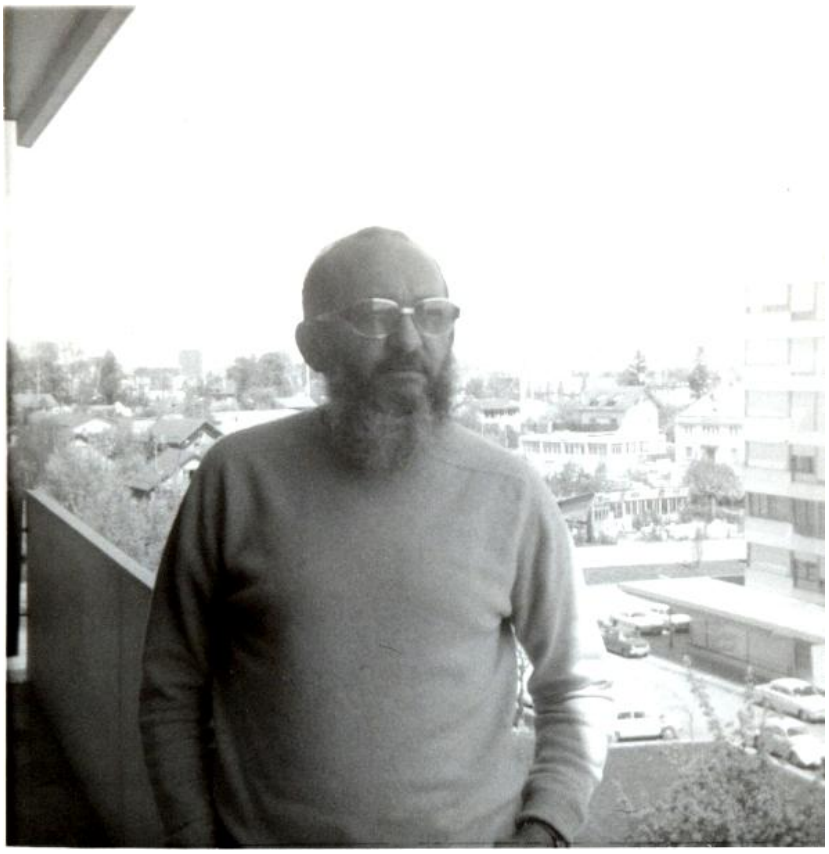


Figura 35 – Paulo na varanda do apartamento da família em Palettes, Genebra, Suíça, 1976.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

A segunda fase traz a imagem de exilado brasileiro para o quadro de uma nova conjuntura que se iniciava a partir da década de 1970.

A nova conjuntura implicou redefinições substantivas na maneira de viver o exílio. Diante disso, alguns autores com os quais venho dialogando: Marques (2011), Rollemberg (1999), Said (2003), Yankelevich (2002, 2007), Rabêlo & Rabêlo (2001), Roniger (2010), Cortez (2005) convergem aspectos para análises que ao se identificar me permitem agrupá-los sob certa organicidade: a primeira mudança era a do reconhecimento da impossibilidade da volta ao Brasil em curto prazo; a consciência de um exílio longo, quando se percebia mais claramente a dimensão do "inimigo" e repensar os enfrentamentos; a maior valorização e intensificação das campanhas de denúncia da ditadura, da prisão política e da tortura; o deslocamento da militância política, alterando, diversificando e ampliando seus sentidos; as exigências materiais de sobrevivência; a necessidade urgente de adaptação e integração ao país de exílio; a diversidade cultural, de hábitos, idiomas, costumes.

A segunda fase do exílio brasileiro se alastrou por anos a fio, formando um mapa com vários países pela Europa. O desafio era para além da sobrevivência, havia o acolhimento e a adaptação, que variavam com o país. Chegar ao Chile em 1964 nada tem haver com chegar à Dinamarca em 1973; chegar ao Uruguai em 1968 não era a mesma coisa que à Suíça em 1970; chegar aos Estados Unidos em 1969 diferenciaria chegar à França em 1971, etc. Na Argélia e em Cuba, os exilados brasileiros ganhavam uma conotação positiva, ao passo que em outros, eram indesejáveis. Para exemplificar, podemos citar que o governo argelino recebeu com honras Apolônio de Carvalho e Ladislau Dowbor, enquanto que o governo suíço os "convidou" a deixar o país, após terem sido banidos do Brasil[102].

Fátima Freire em sua narrativa dá a conhecer:

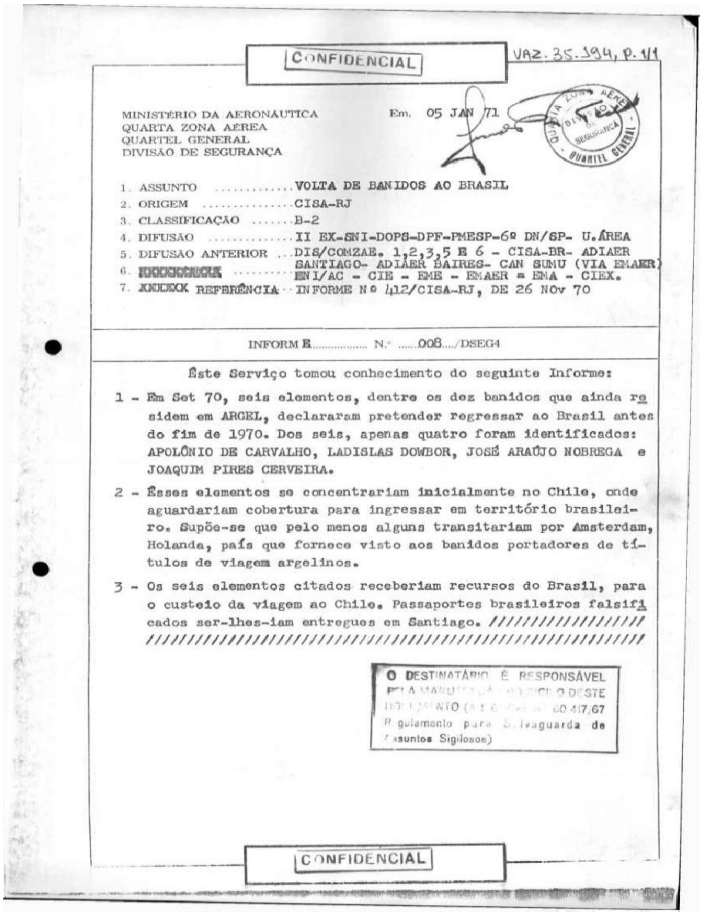
> Conheço Ladislau na Suíça, ele era banido do Brasil, militante do VPR [Vanguarda Popular Revolucionária] e também não podia entrar na Suíça, porque tinha dado um depoimento lá, ele e o Apolônio Carvalho, então quando entravam – essas informações tem que ter cuidado, eram clandestinos. A militância dele foi

[102] No Brasil, a punição política do exílio, se resguardava por um conjunto de documentos legais, no caso específico do banimento era o AI 13, Art. 1º que concedia ao Poder Executivo o poder de "banir do Território Nacional o brasileiro que, comprovadamente, se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à Segurança Nacional". As penas de morte, prisão perpétua e banimento, em casos de guerra revolucionária ou subversiva, foram acrescentadas à Constituição de 1967 pela Emenda Constitucional n. 1, de 1969, e somente foram suprimidas em 1978, através da Emenda Constitucional n. 11. In: *Mulheres, memórias e exílios: "Pobres Moças"*? autoria de Débora Mazza, Márcia dos Santos Ferreira e Nima I. Spigolon, e aguarda publicação.

toda construída no Brasil, Ladislau veio criança pequena para Minas Gerais (Fátima Freire Dowbor, 2013).

Said faz um desenho peculiar que representa a vida de um exilado em relação a outras formas de desterritorialização, “o exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” (2003, p.54).

No Brasil os órgãos oficiais de espionagem da ditadura fiscalizavam e controlavam os movimentos de brasileiros, perseguidos, exilados e banidos mesmo depois de expulsos do território nacional desqualificando-os ou qualificando-os como “elementos”, conforme evidencia o documento recentemente tornado público e, no qual se identifica os nomes de Apolônio de Carvalho e Ladislau Dowbor, dentre outros, carimbado de confidencial, hoje são marcas da ditadura brasileira, não pode negá-la ou abrandá-la.



CONFIDENCIAL

VAZ. 35.394, P. 1/1

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
QUARTA ZONA AÉREA
QUARTEL GENERAL
DIVISÃO DE SEGURANÇA

Em, 05 JAN 71

1. ASSUNTO .....VOLTA DE BANIDOS AO BRASIL
2. ORIGEM .....CISA-RJ
3. CLASSIFICAÇÃO B-2
4. DIFUSÃO .....II EX-SNI-DOPS-DPF-PMESP-6º DN/SP- U.ÁREA
5. DIFUSÃO ANTERIOR ...DIS/COMZAE. 1,2,3,5 E 6 - CISA-BR- ADIAER SANTIAGO- ADIAER BAIRES- CAN SUMU (VIA EMAER)
6. XXXXXXXXXX .....ENI/AC - CIE - EME - EMAER = EMA - CIEX.
7. XXXXXX REFERÊNCIA ..INFORME Nº 412/CISA-RJ, DE 26 NOv 70

INFORM E..... N.º .....008..../DSEG4

Êste Serviço tomou conhecimento do seguinte Informe:

1 - Em Set 70, seis elementos, dentre os dez banidos que ainda residem em ARGEL, declararam pretender regressar ao Brasil antes do fim de 1970. Dos seis, apenas quatro foram identificados: APOLÔNIO DE CARVALHO, LADISLAS DOWBOR, JOSÉ ARAÚJO NOBREGA e JOAQUIM PIRES CERVEIRA.

2 - Êsses elementos se concentrariam inicialmente no Chile, onde aguardariam cobertura para ingressar em território brasileiro. Supõe-se que pelo menos alguns transitariam por Amsterdam, Holanda, país que fornece visto aos banidos portadores de títulos de viagem argelinos.

3 - Os seis elementos citados receberiam recursos do Brasil, para o custeio da viagem ao Chile. Passaportes brasileiros falsificados ser-lhes-iam entregues em Santiago. ////////////////////
//

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTE DOCUMENTO (Art. 6º Decreto 60.417/67 Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos)

CONFIDENCIAL

Figura 36 – Documento confidencial de banidos do Brasil (1971) encontrado nos arquivos da ditadura.
Fonte:< http://www.documentosrevelados.com.br/ > [Acesso em 2013-20-03].

Embora com distinções, a ditadura brasileira trataria as gerações de 1964 e 1968 com intolerância e utilizaria forte aparato repressivo. A condenação à morte dos presos trocados por diplomatas estrangeiros expressa bem essas práticas. O banimento foi uma figura jurídica frequentada pelos ditadores brasileiros – de modo a estigmatizar ainda mais os banidos no quadro das prisões motivadas por práticas políticas consideradas ilícitas.

Ao chegar a outro país, os exilados brasileiros continuam convivendo com realidades diferentes das que tiveram, com destaque as do Chile e que agora se tratava de chegarem à Suíça, um país sem os confrontos políticos anteriormente por eles vivenciados.

Vando Nogueira, ao sair do Chile, foi aceito simultaneamente, pela Finlândia, França e Suíça, optando pela última, onde se ajuntou a Elza Freire, Paulo e outros exilados brasileiros e, em especial, aos exilados do Nordeste e do Recife[103]. Segundo ele, esse país era, e "ainda é muito capitalista", nele existindo um estereótipo em relação aos exilados "desta parte de cá do mundo": "exilados de esquerda latino-americanos". Todavia, se percebia uma intermediação para as relações entre eles e o Estado, cuja preocupação primeira era aproximar os exilados do Leste Europeu aos latino-americanos. Vando, ao rememorar a chegada e adaptação na Suíça, explica que os exilados, ainda assustados em consequência dos traumas da repressão e dos golpes, tanto no Brasil como no Chile, reuniam-se para discutir questões comuns ao grupo e "as formas de recepção adotadas, temendo ser um movimento de cooptação ou provocação".

> [...] era a paz no trabalho, o que não acontecia nos países fronteiriços, que eram a Alemanha, a França e a Itália, onde havia muitos movimentos sociais. Na Suíça, o partido comunista se chamava Partido do Trabalho, porque durante a Guerra Fria a palavra "comunista" era proibida. E em parte ele era afinado com a social-democracia do que com o que se chamava de mundo da Internacional Comunista, o bloco soviético. [...] passaram um filme que falava sobre o sindicalismo no Brasil [...] uma coisa extremamente violenta para a gente, naquele momento. [...] eu não me lembro agora como se chamava, um negócio ligado a Rearmamento Moral, que tem sede na Suíça. Mas aquilo foi uma tremenda provocação. [...] Se até hoje eu tenho traumas, imagine logo que eu saí da América Latina. A gente achava que era um movimento estranho, mas a formulação que a gente conseguia fazer entre nós, latino-americanos e exilados do Leste Europeu, é que eles eram derrotados estratégicos e nós éramos derrotados táticos, e que a qualquer momento a gente voltava e o futuro absolutamente seria socialista na América Latina (NOGUEIRA, 2005, p. 206-208).

[103] Considero as discussões de CORTEZ (2005) referências importantes para a compreensão da trajetória política dos exilados nordestinos e a construção da memória do exílio brasileiro, durante a ditadura.

A professora Cortez aponta que na Suíça, não havia movimento social organizado, mas outras formas de contestação, não havia miséria e sim um "pacto entre trabalhadores e empresários desde a Segunda Guerra Mundial". Continuando, diz que ocorreu um fluxo migratório crescente, pois a "cota inicial de 250 pessoas para receber os latino-americanos foi ampliada para 300 e, posteriormente, passou para mil e depois foi ultrapassada", e conclui que para a Suíça afluíram exilados das mais diversas ditaduras, aumentando muito o número de latino-americanos (CORTEZ, 2005, p. 204-208) – reforço que aqui se incluem os brasileiros e a categoria passa ser é a de exilado latino-americano, o que, progressivamente, provocou a mudança na percepção dos "nativos do país" a respeito deles.

A travessia do Atlântico de Elza Freire e da família começara antes, nos idos de 1964, muitos brasileiros tirados do cenário nacional. Almeri "bom e velho" companheiro desses tempos, conta os percursos e as realidades do exílio, narra alguns caminhos para integrar, de maneira gradual e segura, os "sem terra" do exílio, entre eles Paulo:

> Levaram-no não sei para onde. Contou-me que quase morre do coração em La Paz. Não aguentou a altitude. Desceu a Cordilheira e foi para Santiago do Chile, aonde o encontraria a ele e Elza e a meninada, trabalhando num programa de Alfabetização de Adultos, no Instituto de Reforma Agrária que presidia Chonchol. Saíra da Cordilheira, mas dela não se livrara. Em cima faltara-lhe o ar; em baixo, quando menos esperava, sentiu que lhe faltava o chão sob os pés. "Meu amigo, acho que tudo pode me faltar na vida; daria um jeito. Mas o chão, isso não! Quero sair dessa terra". A carta alcançou-me em Roma. O presidente e o secretário executivo do Centro de Documentação da Igreja Posconciliar (IDOC) se comoveram com o apelo e decidimos ir a Genebra. Fomos ao Conselho Mundial das Igrejas e conseguimos que o Conselho enviasse uma carta convite: ele viria para as margens do lago Leman, onde não há terremotos; teria sala com secretária, a biblioteca da instituição, uma digna ajuda de custos e tempo para estudar, aprofundar suas ideias (MELLO, 2006, p. 120-121).

A escolha do país de destino, por vezes, resultou das circunstâncias, dependendo do significado que despertava em cada indivíduo, grupo, geração. Ou seja, como um país podia atrair ou afastar, segundo os anseios e as perspectivas do exilado. As intermediações feitas através das redes relacionais, consideravelmente influenciavam escolhas, eram decisivas. A Suíça foi, prioritariamente, o local de exílio da Família Freire, já prevista e, conforme recorda acima Almeri Bezerra de Mello e Elza Freire: "[...] quando saímos do Chile [...] fomos para os Estados Unidos [...] abriu a porta para a possibilidade de mais conhecimentos e mesmo para ir trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas" (FREIRE, Elza, 1980, p. 205). Esse foi mais um re-começo.

Os relatos de chegada são representativos, tanto para ilustrar a segunda fase do exílio, quanto para reconhecer as novas condições assumidas por cada um na Suíça:

> A chegada a Genebra, que era a chegada à Europa – e já agora com a certeza de que para uma duração de tempo maior, foi uma coisa que me emocionou [...] eu já tinha aprendido no Chile o que significa o exílio, enquanto ruptura, enquanto possibilidade ou tentativa de re-visão e de re-construção do próprio ser do exilado, envolvendo questões culturais, adequações, inadequações, frustrações, medos, inseguranças, saudades... Tudo isso tinha provocado em mim necessariamente um aprendizado iniciado no Chile, que tinha continuado nos Estados Unidos. [...] Eu me dei à Europa com possibilidade de viver muito mais tempo lá. Realmente, vivi dez anos em Genebra. [...] o contexto de Genebra, que, pouco a pouco se prolonga, se estende ao resto do mundo, foi o contexto de uma grande, de uma enorme riqueza de aprendizado para mim. [...] deve ter havido uma série de momentos em que eu tive um espanto maior, mas os espantos são absolutamente fundamentais e necessários ao processo de conhecimento (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2002, p. 104-105).

Era a chegada na Europa, a fase mais duradoura do exílio, envolvendo um aprendizado maior em torno de todas as questões do exílio.

> Nossa chegada foi agradável havia brasileiros esperando e futuros companheiros de trabalho do pai. Nos levaram para um hotel enquanto não tínhamos apartamento. Me senti bem em Genebra, já no aeroporto. Naquela época, qualquer outra cidade para mim era melhor que Boston! Minha estadia foi como sempre dolorosa ao princípio, nova fase de adaptação. País diferente, nova língua para aprender e um duro inverno para enfrentar (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Era nova fase de adaptação, aonde permanecia o princípio doloroso do recomeço.

> Dos Estados Unidos fui para Genebra, a chegada foi difícil, não conhecia ninguém. Com o passar do tempo terminei me adaptando, porém nunca gostei de morar lá [...] A única que me ligava ao Brasil era a minha infância porque a juventude foi fora, totalmente fora, não tive tempo de me integrar em nada de política no Brasil. Toda a minha visão política, todas as opções políticas que pude fazer e que ainda trato de fazer foram fora [...] E eu saí com quinze anos... penso em meu irmão menor [Lutgardes], que foi o que mais saltou país pra cá, país pra lá, e que até o dia de hoje tem lembranças, é marcadíssimo pelo Brasil e quer voltar (Fátima Freire Dowbor, 2010).

Era o estranhamento e as marcas do Brasil se acomodavam com as marcas surgidas do preconceito racial, étnico e cultural.

> Nessa época eu tinha 11 anos, foi quando chegamos a Suíça [...] Eu nunca me senti aceito na Suíça. Sofri de certo preconceito racial, étnico e cultural. [...] Nos lugares, era sempre atendido por último. [...] Não tinha amigos. [...] Era muito solitário. [...] Eu realmente estranhei muito a cultura suíça (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Paulo cada vez mais tinha o nome reconhecido internacionalmente e seus livros editados se espalhavam pelo mundo. No entanto, a conjuntura impedia a volta e impelia a

adaptação possível. Ao mesmo tempo, a distância conduzia a desenvolver estratégias de como sobreviver e conviver melhor com as realidades do exílio.

Para a família Freire e a maioria dos exilados, na segunda fase, a busca de outros países não se caracterizava mais por um quadro de fugas e constrangimentos, como ocorrera no pretérito, mas se confirmava cada vez mais como uma opção dentro de uma margem de escolhas possíveis, a princípio não amplas, ao menos efetivas.

A natureza autoritária do regime militar brasileiro e a violência das ditaduras latino-americanas, que estes utilizaram para se manter no comando do Estado forçaram a saída dos classificados "opositores" e daqueles que se sentiram ameaçados pela repressão que assolava esses países.

Diante disso, conforme mencionado, a Europa – principal destino dos exilados brasileiros e latino-americanos, adotou o refúgio para proteger migrantes forçados (MARQUES, 2011), pois não o diferenciavam de asilo. Apenas esporadicamente se utilizava o asilo, mais especificamente, o asilo diplomático (JUBILUT, 2007). Enquanto que, alguns países e continentes, como por exemplo, o Canadá os reconhecia como imigrantes (ROLLEMBERG, 1999).

Tal como o asilo, o refúgio é marcado pelo caráter humanitário, pois tem o mesmo objetivo, "a proteção da pessoa humana em face da sua falta no território de origem ou de residência do solicitante, a fim de assegurar e garantir os requisitos mínimos de vida e de dignidade" (JUBILUT, 2007, p. 43). Porém, o instituto de refúgio apresentado pela Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, também conhecida como Convenção de Genebra de 1951 estabelece definição ampla do status de refugiado.

> A expressão "refugiado" se aplica a qualquer pessoa que, em virtude de fundado medo de sofrer perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, participação em determinado grupo social ou convicção política, se encontra fora do país que é nacional e está impossibilitada ou, em virtude desse fundado medo, não deseja se entregar à proteção desse país (CASELLA, 2001, p. 19).

Tratava-se de uma opção, no exílio imposto. Elza Freire rememora processos do exílio e experiências dos exilados, onde é possível explicitar toda essa configuração:

> Quando nós chegamos a Genebra, o contrato de Paulo [Freire] no Conselho [Mundial de Igrejas] não dava direito de que a esposa trabalhasse. Só depois, quando ele não conseguiu mais renovar o documento de viagem chileno que tinha e pediu asilo na Suíça, é que nós recebemos autorização de trabalho (FREIRE, Elza, 1980, p. 206).

Figura 37 – Elza Freire no exílio, Cantão de Vaud, Suíça, 1975.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Nos trechos acima, uma nova fase do exílio brasileiro vai se efetivando e caminhos vão sendo indicados de que outras experiências poderiam encurtar distâncias de adaptação, idealizar relações futuras com base nas relações presentes; ou ainda abririam possibilidades que traduziriam o manter-se vivo no exílio; ou ainda (re)fazer a vida aonde se encontrava.

No rol dos parágrafos ficam também o cotidiano, da vida que vai penetrando e fazendo a história. A seguir à descoberta de outras experiências, muitas vezes inéditas, na vida dos exilados, para além da escolha dos temas [ou da ordem/desordem em que são colocados] que vão se publicizando e nos deixando conhecer os percursos de Elza Freire e sua família, ou a escolha dos depoimentos aqui trazidos.

Descobertas e escolhas que não são acasos as relações com o outro, consigo mesmo, ambas entre/com as "realidades do exílio", mas as maneiras de se relacionar sob essas condições e o estreitamento delas quando são estabelecidas a partir desses processos, circunscritos às situações em que se inserem os sujeitos.

3.1.2 – Galinha de cabidela, feijoada, sonho de valsa... um apartamento nordestino, brasileiro, latino-americano, em sua inteireza com certeza.

Uma década se passou até que a travessia do Atlântico pudesse ser feita em sentido contrário, de volta ao Brasil. No perpassar desses anos, o exílio teve que ser vivido no dia a dia, cotidianamente envolvendo questões de ordem objetiva e dilemas de ordem subjetiva.

Diversos fatores atuaram na maneira de viver o cotidiano, a começar pela personalidade de cada um. Os recursos econômicos e o grupo social em que estava inserido igualmente interferiam, a idade e a notoriedade, o conhecimento da língua estrangeira, ter a companhia da família ou não. As fases do exílio foram decisivas, pois "as referências de cada período podiam abrir horizontes ou eliminar esperanças, facilitando ou não o enfrentamento das situações" (ROLLEMBERG, 1999, p. 133).

As novas realidades do exílio e os "contextos de origem" marcam a tensão de escolhas, de rupturas, de lutas, fazem parte da história dos exilados. Num diálogo entre exilados, o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto diz ao educador Freire, se referindo a essa experiência: "Paulo, o exilado vive uma realidade de empréstimo". A partir daquele momento, Paulo faz questão de dar a Álvaro Vieira Pinto a origem do termo "realidade de empréstimo". Então, passa a compreender que:

> [...] tu aprendes a viver a tensão permanente, radicalmente existencial, histórica, entre o contexto de origem, deixado lá, e o contexto novo, de empréstimo, que o exilado ou exilada começa a ter, na saudade do seu contexto, não um afogamento anestesiador de seu presente, mas uma chama que ilumina o necessário implante na nova realidade. Só na medida em que aprende a viver no novo contexto e a dele sair, mas nele continuando na tensão da contradição dos dois contextos [...] é que lhe é possível ter, no contexto de origem, uma permanente pré-ocupação, jamais uma sombra inibidora do seu presente. O teu corpo veio molhado, como o de qualquer exilado, do contexto de origem, molhado da história, da cultura do teu contexto. Molhado dos sonhos que nele tinhas, das tuas opções de luta [...] molhado de tuas expectativas, da idealização do próprio contexto. [...] Um caminho, que descobri e que outros exilados também descobriram, foi exatamente o de manter o contexto de origem [...] e por outro lado, perseguir um certo nível de inserção afetiva, emocional e intelectual no contexto de empréstimo (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 19-21).

Nara Maia fala dos sentimentos do exílio, enfatiza a questão nordestina de ser "apegado", e chega a comparar "arraigada" às suas memórias que:

> É porque nordestino é mais apegado mesmo [...] Doutor Paulo era um pouco isso, a Dona Elza, nunca se manifestou nesse sentido não [...] ele era muito telúrico, sei lá, ele sentia falta das coisas pequenas sabe como é? Do cheiro, do sabor, dessas coisas. [...] isso [o exílio] corta a vida da pessoa [...] a gente assistia aos acontecimentos, ia aos lugares, às vezes participava, ia pra essas coisas, mas não

> era nosso, esse era o meu sentimento. Eu sou muito arraigada, sou nordestina até hoje, passei vinte e cinco anos da minha vida fora e não perdi esse sotaque (Nara Maia Antunes, 2011).

Continuando, leva em conta suas experiências e essas "realidades", para narrar:

> Aí me lembro muito, porque ele gostava muito das comidas locais, eu já levei feijão preto pra eles, a Dona Elza vivia fazendo feijoadas [...] já levei, bate-bate de maracujá [...] que a gente usa muito no Recife, tinha uns cinco litros de cachaça, sabe o que é bate-bate, né? Cachaça com maracujá. [...] É o hino da pitombeira com bate-bate de maracujá. [...] uma vez, o Antônio, meu marido, tava carregando pela alça, naquele garrafão antigo de vinho. Pronto! Numa dessas idas, no aeroporto, quando ele segurou pela alça, alça rompeu, caiu no chão, foi aquele cheiro de maracujá na pista. E perdemos, eles nunca beberam esse bate-bate (Nara Maia Antunes, 2011).

Lembranças parecidas são trazidas por outros recifenses, como Silke Weber, que manteve contato com o casal Elza Freire e Paulo, desde o Brasil.

> [...] conheci Elza enquanto eu era estudante, e comecei a trabalhar com o MCP, com Paulo Freire. [...] E à medida que a gente tinha muitos projetos que envolviam Paulo Freire e Paulo Rosas, de vez em quando eu terminava indo à casa do casal [Freire]. Então a gente tinha muito trabalho... fora, também no MCP. E aí, encontrava a Elza lá, ela muitas vezes participava de nossas conversas [...] era uma pessoa assim bastante interessante e interessada, com uma grande experiência em educação infantil, e pelo relato que Paulo Freire fazia – tinha acompanhado, digamos, toda a sua trajetória de trabalho desde quando ele começou a fazer as primeiras incursões de forma mais sistemática na Educação. [...] Elza tava sempre presente [...] ela criticava o entusiasmo, muitas vezes exagerado de Paulo. [...] Quando na realização dos círculos de cultura, Paulo relatava que comentava com Elza: "Ah, porque foi maravilhoso, porque o povo fez isso, faz aquilo", ela dizia: "Sim Paulo, mas amanhã vai ser diferente". [...] Então, quer dizer, ela era muito pé no chão [...] Paulo muitas vezes se entusiasmava com alguns sinais que... não seriam tão entusiasmantes assim. Digamos, que não faziam parte da experiência pedagógica dela no dia-a-dia da escola, ela achava que fazia parte do processo (Silke Weber, 2009).

Lembranças dos encontros, embora por motivos diferentes, ora a trabalho e estudos, ora para visitá-los, Silke por diversas vezes esteve com a família Freire durante o exílio e rememora:

> Estive várias vezes na casa deles em Genebra, várias vezes. Eu por exemplo, me assustei muito com uma vez que eu fui, aí Paulo [Freire] disse assim: "Faz favor de trazer Sonho de Valsa". Eu disse: "Você tá na Suíça, isso é ridículo! Levar Sonho de Valsa se tem chocolate muito melhor aí", e ele: "Mas eu quero Sonho de Valsa, do Brasil". E aí pronto, cada vez que eu ia lá eu levava feijão, carne de charque, farinha, essas coisas (Silke Weber, 2009).

Figura 38 – Elza Freire com Silke Weber e outra brasileira durante uma visita delas para os Freires no exílio. Villard, Suíça, 1977.

Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Lembranças eivadas por saudosismos brasileiros, nordestinos, por saudades de pessoas, lugares, sabores, enfim. Lembranças capazes ao mesmo tempo de demonstrar enfrentamentos distintos e aberturas possíveis.

> E eu me lembro muito uma das vezes que eu fui pra lá, aí eu fui comprar os queijos pra gente tomar café da manhã, achei que Paulo [Freire] gostaria de uma coisa próxima, porque ele jamais usaria aquela coisa mais requintada de queijos suíços, e de fato eu peguei o *gruyère* [...] E na mesa ele olhou assim e disse: "Elzinha, o que que essa galega trouxe, que parece um queijo parecido com os da gente", eu disse: "Experimente, que isso é um queijo suíço". Ele ficou alucinado, porque era a primeira vez que ele ia comer queijo na Suíça, ele se recusava ao lugar [...] Aí ele disse: "Elzinha, pelo amor de Deus, tome nota desse queijo, que esse eu como". De repente ele dizia: "Não, eu quero meu queijo minas, meu queijo coalho, meu queijo manteiga" [...] eu ficava assim "arengando" com Paulo, e dizendo: "Elza, vamos comer num canto, que eu e você possamos comer *raclett*e e Paulo comer macarrão, porque eu acho isso um absurdo desse saudosismo brasileiro" (Silke Weber, 2009).

Enquanto Lutgardes reforça:

> Eram nordestinos, os dois pernambucanos, e todos nós recifenses, e no nordeste a tradição é muito forte, então, realmente era difícil se livrar dessa forma de ser [...]. A minha mãe cozinhava divinamente e, meu pai era muito exigente com essa coisa de comida [...] ele gostava de uma galinha de cabidela, uma galinha ao

> molho pardo como se diz aqui em São Paulo, mas no exílio àquela época era muito difícil encontrar galinha viva, mas a mãe sempre dava um jeitinho [...] Eu me lembro que quando morávamos no Chile nos adaptamos muito bem à comida e nos Estados Unidos não tivemos muitas dificuldades, eu, meus irmãos e a mãe, e em Genebra também gostávamos da comida de lá, mas meu pai detestava, não comia quase nada da Suíça, ele tinha que comer canja de galinha, arroz, feijão, carne e farinha de mandioca (Lutgardes Costa Freire, 2007, 2008).

A resistência ao desconhecido, ao mesmo tempo em se manter as origens. Saudades do Brasil, sentidas enquanto se vive no/o exílio, para o casal Freire também se transformou:

> [...] aprendizado que, repito, não é fácil, tem que ser vivido, por que o exílio o exige. Por causa de tudo isso, é que Elza e eu sempre nos esforçamos para que a nossa saudade do Brasil jamais se constituísse numa espécie de doença sentimentalista. Sentíamos fortemente a falta do país, a falta do povo, a falta da cultura; [...] mas jamais permitimos que a falta que sentíamos disso tudo se transformasse numa nostalgia que nos empalidecesse, que nos fizesse tristonhos, sem descobrir razão de ser na vida (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 32-33).

Quando em uma de suas idas, encontrando-se novamente com a família Freire, entre "contextos de origem" e "realidades de empréstimo", Silke Weber, deixa-se envolver por essas situações do exílio vividas com eles e traduz mais desse cotidiano. Ao falar de certo choque de diferenças entre os hábitos, as dificuldades de adaptação e a resistência com o lugar e as coisas do lugar, destaca os posicionamentos de Elza Freire recordando que dizia:

> Isso é tudo ridículo Paulo, você num tem ideia, você é um espírito fechado, não tem nenhuma possibilidade de ser sensível às comidas locais. Era muito conservador do ponto de vista de hábitos e etc. E Elza sempre provendo isso, mas de uma forma muito crítica, ela não ficava favorável a isso não. Ela fazia apenas porque ela dizia que era a estabilidade dele e da família, como de fato, era. [...] Elza, ela tava lá, toda vida presente, era a guardiã brasileira para a estabilidade emocional de Paulo Freire, da família toda, dos filhos (Silke Weber, 2009).

Entre o sonho de valsa, os sonhos e a realidade, ela chega a se expressar:

> Acho que Elza foi o ponto de equilíbrio em todas as atividades do Paulo, acho que nisso aí não tem dúvida. Eles se entendiam muito bem, e ela era, digamos, aquela que puxava o sonho pra realidade. Eu acho que isso é que era [...] quer dizer, essa é a visão que eu tenho dela, nunca embarcou naquela... naquele sonho de Paulo, de achar que as coisas estavam andando, quer dizer, mais rapidamente, do que eram na realidade, porque justamente ela era a pessoa que tinha uma visão muito crítica, e ela era muito pé no chão. Ela era embevecida, digamos, pelas propostas dele, mas ela não embarcava não. Ela, o tempo inteiro, trazia pra realidade. Ela chamava muito pra realidade, dizia: "Isso é sonho de Paulo". Muitas e muitas vezes ela disse isso. E aí eu acho que, ela foi um ponto de equilíbrio. Tá entendendo? E ela como ponto de equilíbrio tanto do ponto de vista profissional, como do ponto de vista da vida cotidiana. Ela que tomava todas as iniciativas, enfim, ela que assegurava todas as coisas, ele ficava só... sonhando (Silke Weber, 2009).

Lutgardes chega a tentar comparar países e realidades de outras famílias com esse comportamento "arraigado" demonstrado pelos Freires durante o exílio e constata que:

> Menos no Chile e mais nos Estados Unidos e na Suíça, havia essa preocupação "Eu tenho que ser brasileiro pra guardar a cultura brasileira" e a mãe e o pai, tentavam fazer com que seus filhos não esqueçam essa referência e que a gente não se dilua aqui... entende? Por que isso poderia acontecer, de repente tem outras famílias assim que o filho falava português mais não falava francês, também misturava francês com português, a pessoas não tinha mais ponto de referência (Lutgardes Costa Freire, 2007, 2008).

Numa mistura de sabores e culturas, saberes e conflitos, o cotidiano da família Freire denota um pouco mais do cotidiano e das relações estabelecidas pelos exilados entre eles e com o lugar.

> Na Suíça eu me lembro muito que minha mãe gostava de fazer a comida brasileira e suíça. Quando meu pai viajava, ela cozinhava comida suíça, quando meu pai estava em casa ela fazia comida brasileira. Um dia ela fez até galinha de cabidela, ela encontrou em um sitio perto de casa uma galinha viva, coisa rara na Suíça, imagina? Ela era realmente incrível, tudo pela família. Era uma cozinheira de mão cheia. [...] Era uma mistura cultural muito forte [...] lá fora a temperatura bem abaixo de zero a neve caindo e agente comendo comida brasileira (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Se, ao que parecem, as oscilações entre o "contexto de origem" e as "realidades de empréstimo" com as diferenças culturais afligiam, os enfrentamentos foram tão diversificados quanto elas, pode-se continuar a observar estratégias empreendidas por Elza Freire para manter as referências trazidas e agregar outras, não apenas o apartamento brasileiro, mas também norte-americano e suíço.

Mediante a configuração, silenciosa e fria, de Genebra se inserir com a família, e ainda, ao fazê-lo se esforçava para manter o "calor humano" e para que o cotidiano tivesse a impressão de continuar mantendo identidades e sendo uma casa nordestina, brasileira, latino-americana em sua inteireza, com certeza.

> Cenamos en su casa; en esa humanamente fria Ginebra; cenamos "feijoada", por primera vez en muchos años volvia a sentir el saboroso olor de los frijoles, ese olor me transporto rapidamente a mi país – lo México, y hasta diria, me volvia a situar em mi identidade méxicana, ella servía los platôs con una sonrrisa envolvente que creaba un ambiente de gozo y amistad; esa difícil combinación del "calor humano". [...] Elsa totaliso la vida y lo hizo de esa manera feminina que ademas se conjuba con quien habia conocido la lucha y conflito para superala (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

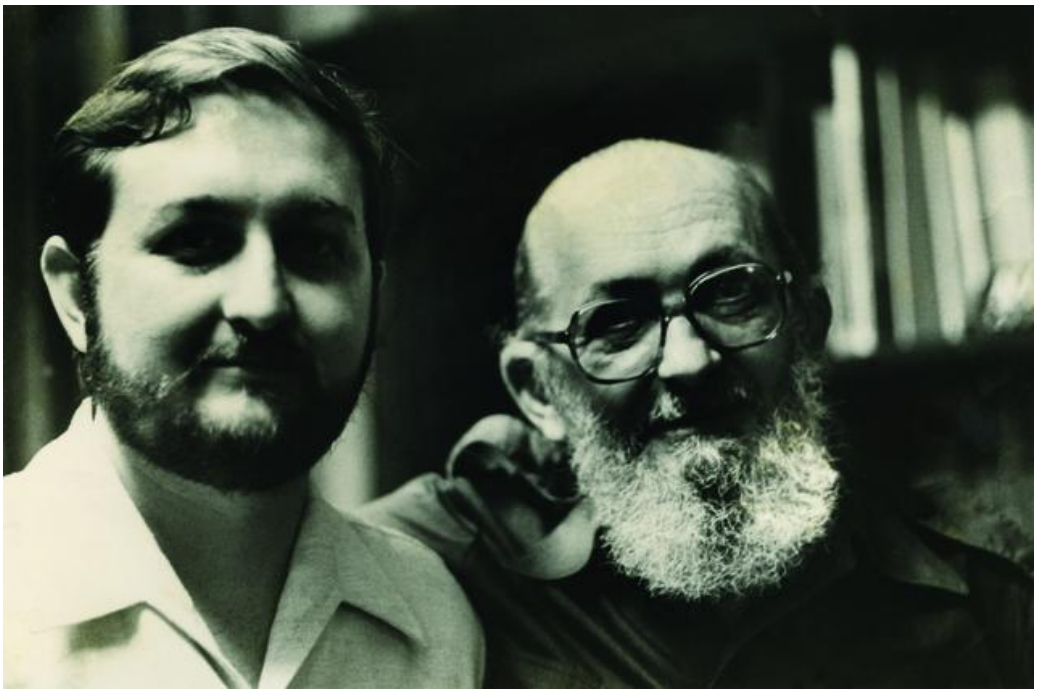


Figura 39 – No exílio, Arturo Ornelas com Paulo, no apartamento da família Freire, Suíça, 1979.
Fonte: Acervo pessoal de Arturo Ornelas, cedido à pesquisadora.

Ao lado de Arturo, Almeri procura imagens cotidianas da família Freire e do convívio entre eles. E como se o tempo parecesse parar e pairar sobre suas memórias, narra voltando ao lugar aonde hábitos e costumes continuavam cultivados, quase intocáveis:

> Uma vez quando estive em Genebra, fiquei hospedado em casa dele e de Elza, uma típica casa pernambucana. Com todo o jeito que ela tinha, ela organizou a casa com as duas meninas e os dois meninos [...]. Estavam lá e tinham todo o apoio de Elza, principalmente todo o apoio que Elza dava a Paulo. Paulo era muito pernambucano, recifense, gostava das comidas, era muito regionalista (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

A lembrança ficara e viera então à tona. Assim, envolto pelas memórias do exílio e as experiências vividas, com o casal Freire, Almeri é levado a dizer que:

> A amizade e o carinho que uniam Paulo e Elza nos remetiam, a muitos que pudemos com eles conviver, a exemplos que a literatura imortalizou, mas que não é preciso citar aqui. [...] Dos muitos exilados que conheci, Paulo foi um dos que mais sentiam saudade "daquelas tardes fagueiras de sua terra natal". E Elza cuidava, com carinho e finura, para que o ambiente do apartamento e o cardápio da mesa dessem a sensação de que a família continuava no Recife (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

Na Europa e, durante o período do exílio brasileiro, a residência dos Freires foi constantemente visitada e continuou ocupada por todos aqueles que os buscavam. Portanto, o apartamento dos Freires se tornou referência para os mais variados públicos, sendo

frequentada por indistintos e distintos personagens. Lugar de acolhida para exilados ou não, serviu às mais diversas estirpes de hóspedes e espécies de hospedagens.

> Lá em Genebra, tinha uma comunidade de brasileiros exilados, por exemplo, o pessoal do andar debaixo, não me lembro bem os nomes, vários no mesmo edifício nosso. [...] E tinha também uma frequência grande de brasileiros exilados que moravam em Paris e iam nos visitar, fora os que circulavam, vinham daqui do Brasil para lá, era por aí, a casa sempre muito cheia, lotada de gente, de brasileiros ou não (Fátima Freire Dowbor, 2013).

Nesse contingente de gente, Moacir Gadotti:

> Eu conheci a Elza em 1973 [...] ela teve uma importância fundamental na vida e na obra do Paulo Freire. [...] ele tinha uma confiança muito forte na presença de Elza, precisava da sabedoria dela, pois ela era muito ponderada, e Paulo aprendeu muito com a sabedoria de Elza, com essa seriedade com que encarava a vida, a simplicidade, ternura, também muito determinada, mas destacaria a austeridade, sobretudo no exílio, ela continuou sendo uma mulher simples, nada simplória, mas uma simplicidade sábia e madura, inclusive ela era uma mulher do cuidado, ela cuidava muito das pessoas. [...] Depois em 1977, eu defendi a minha tese com Paulo na Universidade de Genebra, aonde ele lecionava, eu tinha que decidir em ficar ou voltar [...] tenho uma sensação difícil até de falar [...] eu voltei e eles também alguns poucos anos depois (Moacir Gadotti, 2008).

A vida cotidiana é marcada por diferentes tipos de atividades que apresentam significados e importância também diferenciados e mantém características gerais, mesmo que se desenvolva sob as estruturas do exílio e a condição de exilado, pode-se citar: o caráter momentâneo dos efeitos, a natureza efêmera das motivações, a fixação repentina do ritmo e a rigidez do modo de vida (HELLER, 1985). Algumas contribuições para melhor se compreender o que é vida cotidiana:

> [...] é a vida do homem por inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidade intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, suas paixões, ideias, ideologias (HELLER, 1985, p. 17).

A bisar os tempos de convivência no exílio e a vida cotidiana da mãe:

> [...] do que posso me lembrar do cotidiano da mãe era preenchido entre as necessidades da casa, dos filhos, e do pai [...] A mãe sempre procurava coisas para fazer, sempre buscava cursos de bordado ou outras coisas mesmo que não soubesse a língua, e o fato da mãe não ter o domínio do idioma falado em cada país nunca foi problema para ela. Ela nunca reclamou da dificuldade de nada, enfrentava todas as situações com toda naturalidade e desenvoltura, com incrível bom humor. [...] Ela tinha amigas e sempre estava a ajudar as pessoas que tinham dificuldades. Todo mundo ia lá em casa para conversar com ela. (Fátima Freire Dowbor, 2010).

Ao cotidiano dos pais:

> O cotidiano dos meus pais sempre transpareceu tranquilidade entre os dois e muito amor [...] sempre fui marcadíssima pela capacidade da mãe não se alterar nem interferir nas escolhas dos filhos, o pai também não, mas ela era mais presente [...] A mãe sempre ocupada com o que o meu pai pudesse estar a necessitar, ela sempre facilitou o cotidiano do meu pai. [...] A minha percepção de então era que ela ocupava muito mais o lugar de esposa/companheira/amiga do pai do que de igual para igual no trabalho (Fátima Freire Dowbor, 2010, 2013).

E ao cotidiano da família Freire trazido pela memória do filho:

> [...] havia muito amor entre eles, e entre nós também [...] nunca nos bateram, sempre nos respeitaram, foram duro quando deveriam ser [...] a minha mãe sempre segurou muito as coisas, e no exílio que é quando eu realmente começo a me lembrar, e aí mesmo em Genebra porque tinha 10 anos, eu era criança pequena quando saímos do Brasil [...] os meus pais eles tinham uma "coisa" que eu não sei se era da época, mas uma atitude sábia de certa forma como casal, não discutir os problemas na frente dos filhos, não brigar na frente dos filhos, etc. e tal. [...] Ela continuava viajando com ele para a Europa, para aonde ele ia, porque o meu pai não sabia viver sem a minha mãe, era uma amorosidade muito grande entre eles (Lutgardes Costa Freire, 2007, 2008).

Buscamos talvez, também no cotidiano alguns deslocamentos de gênero e outras possibilidades para pensar essas relações de gênero e os marcadores sociais do sexo, a partir de Elza Freire, entendendo que há situações em que os aportes teóricos não são suficientes para o enquadramento e as análises que, emergem na intimidade e na particularidade, de determinadas relações, estabelecidas pelos sujeitos. Ciente de que as relações de gênero se manifestam materialmente em duas áreas fundamentais*:* "(1) na divisão sociossexual do trabalho e dos meios de produção e, (2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais" (MATHIEU, 2009, p.223); atentamos para a interferência do exílio nas condições sociais de trabalho doméstico e de reprodução presentes nas memórias de Elza Freire e suas filhas, abordadas no decorrer dos capítulos.

> Quando as filhas estavam sempre dividiam, mas depois foram casando foram ficando os homens... e os homens não foram educados para fazer. Agora funciona bem. Aqui em Genebra tudo é muito fácil, muito rápido, compra-se tudo muito pronto, muito feito. Quando saio ou quando tenho outra coisa que me impede de fazer, eles têm que fazer e fazem. Acho que agora, no ponto em que estou, com a família reduzida, já consigo harmonizar as duas coisas [profissional e doméstico]. Não sei porque, mas uma das coisas que mais me refaz emocionalmente é fazer comida (FREIRE, Elza, 1980, p. 202).

Figura 40 – Elza Freire preparando alimentos na varanda do apartamento. Genebra, Suíça, 1975.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

A divisão do trabalho doméstico e os afazeres da casa manifestam marcadores sociais do gênero vividos e reproduzidos por Elza Freire na relação com os filhos e as filhas e nos modos de educar os homens e as mulheres. São cotas do cotidiano da família que revelam classe social, sexo e gênero, nesse período a partir do depoimento dos filhos:

> O cotidiano da família era parecido ao de Santiago, a casa sempre cheia de exilados brasileiros, contatos de trabalho do pai, amigas da mãe. [...] o cotidiano da mãe era o de uma dona de casa, ou seja, os trabalhos domésticos e a preocupação suplementária em fazer as refeições o mais parecido com o Brasil. [...] A preocupação da mãe com os filhos, e a sua grande preocupação com a saúde do pai. Ele foi a trabalho a Floresta Negra, Alemanha e teve que ser hospitalizado com uma pneumonia. Ela foi com Fátima e eu fiquei em Genebra cuidando da casa e de nossos irmãos (Cristina Freire Heiniger, 2010).

> [...] queríamos ter um cotidiano normal [...] éramos criança, queríamos brincar, conversar com nossas irmãs, sair com nosso pai, enfim, ter um relacionamento familiar normal, e a casa tinha um excesso muito grande de pessoas [...] e continuamos a ter, às vezes em Genebra o apartamento tinha dez, quinze, vinte pessoas lá dentro, e a mãe sempre tentando equilibrar tudo, se esforçando para que a família tivesse uma convivência, uma vida saudável [...] a minha casa vivia cheia de amigos, de exilados, de desconhecidos, de pessoas que em algumas vezes iam só para ficarem lá, sentiam bem, iam conversar com a mãe, porque queriam sentir essa energia, esse bem estar compartilhado com os filhos e as filhas, com os amigos do pai e da mãe (Lutgardes Costa Freire, 2008).

> A gente participava no movimento cotidiano em casa, ajudando, limpando a casa pois não tínhamos empregada, íamos com a mãe no supermercado [...] A casa sempre lotada de gente [...] O pai trabalhando fora o tempo todo e a maior presença continuava da mãe, ela era sempre muito presente, preocupada com a adaptação dos meus irmãos menores, Lut e Joaquim [...] a rotina do cotidiano era a mesma, sempre o almoço com todos juntos, e normalmente cada um nas suas funções. Nos finais de semana, ás vezes fazíamos viagens de carro para outras cidades a passeio, com amigos dos meus pais, pessoas que vinham, era tudo dentro de uma rotina normal (Fátima Freire Dowbor, 2010).

O cotidiano de Elza Freire no exílio pode demarcar um divisor de águas entre a dona de casa que se tornou no/pelo exílio e a professora era antes dele. Elza Freire a esposa/a mulher de Paulo, a mãe de Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, na condição de exilada viu-se interditada de exercer suas funções profissionais e transformou o trabalho do marido, a vida dos filhos e o ambiente doméstico no seu cenário privilegiado de atuações e intervenções.

Neste sentido é notável o dizer que as exclusões e desigualdades do exílio afetam de modo desigual e combinado os homens e as mulheres. Paulo continuou sua inserção profissional enquanto que Elza passou a "ser realizar" com o estar ao lado dele e dos filhos.

> A minha mãe sempre teve a vida dela, a vida intelectual, seu trabalho; se realizava totalmente desse lado e ao mesmo tempo contribuiu para o trabalho do meu pai. Ela é a pessoa mais importante no trabalho dele, realmente a ajuda que ela deu e que tem dado é primordial. E sempre ao mesmo tempo, não se deixou levar só pelo trabalho do meu pai, teve a sua ocupação, sua vida - ela, isso sempre teve. Deixou-a de ter no exílio porque realmente as condições não eram propícias. [...] no Brasil ela saía de casa às sete e meia, deixava o almoço feito e a gente só se via de tarde (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 106).

É possível sugerir que o exílio para Elza Freire acarretou um encurtamento de trânsito nos espaços públicos e profissionais antes ocupados, entretanto, esta condição não foi suficiente para que ela superasse os marcadores sociais de classe, de gênero, de sexo, de região e talvez de religião. As rupturas e reconversões identitárias provocadas pelo exílio conviveram mesmo na Suíça com práticas e papéis sociais de antigamente, que foram apagando algumas e evidenciando outras, ambas acarretadas no/pelo exílio.

> [...] porque a gente foi educado numa geração como eu falo do machismo, o menino você educa de um jeito diferente da menina [...] a mãe deixou tudo no Brasil pra cuidar só da família da gente, quer dizer, ela deixou os pais, deixou também o emprego, o magistério, não fez nada além de cuidar da família, então é, não tínhamos condições de pagar uma empregada, ela fazia tudo em casa, às vezes quando podiam minhas irmãs ajudavam (Lutgardes Costa Freire, 2007).

Embora, as reflexões apresentadas nesse item sejam amostragens do cotidiano circunscrito na ambiência doméstica, da família Freire e possivelmente de outras famílias brasileiras exiladas sob condições e configurações semelhantes, entendo que são capazes de entremear as relações entre o público e o privado. Encontram-se alicerçadas por depoimentos de exilados e de pessoas que conviveram com exilados, foram pinçados em decorrência da convivência cotidiana e da condição de mulher, ou seja, das relações de gênero estabelecidas na configuração social da época e nas experiências vividas no exílio.

A cotidianidade da Família Freire no exílio deixa demonstrar nuances dessas relações de gênero, sobretudo a partir das experiências, das escolhas ou falta de escolhas, das opções e posicionamentos assumidos por Elza Freire. Cotidianidade que mostra as percepções da família em relação aos "novos" hábitos e "arraigados" costumes culturais, mas traz relações que passam a *circulaire* pelo mundo em movimentos do exílio, fortemente marcadas por "[...] minha recificidade que explicava minha pernambucanidade, que esta esclarecia minha nordestinidade que, por sua vez, clareava minha brasilidade, minha brasilidade elucidava minha latino-americanidade e esta me fazia um homem do mundo" (FREIRE, Paulo, 1992, p. 88).

Elza Freire, Paulo e os filhos e as filhas do casal seguiram pelas realidades do exílio, num esforço de adaptação, inserção e superação de rupturas e deslocamentos, para o enfrentamento que o exílio requer, numa tentativa de assimilar algo novo sem a eliminação do que traziam. Em decorrência disso, Paulo se tornou um pensador universal, universalizando sua Pedagogia não a partir do universo em si, ou dos países que visitou, mas, sobretudo, a partir de Recife.

Elza Freire foi também mulher exilada, isso a tornou uma mulher do mundo, não a limitou em ser mais uma mulher no mundo, o exílio fez com que vivesse a universalidade fora do seu contexto de origem mesmo se colocando à sombra do marido e não competindo com ele acerca da visibilidade nos espaços públicos (MOI, 1995).

> Elza [Freire] mulher forte e decidida, mas meiga e doce, nunca perdeu seu amor ao Recife e ao Brasil, apesar dos duros anos de exílio. Também sua nordestinidade quis conservar durante a vida toda, sem contudo fazer disso uma expressão caricata que a impedisse de ser uma "mulher do mundo", uma cosmopolita. Com isso expressa sua teoria do conhecimento que se renova, compõe e se recompõe nas experiências e continuamente, enquanto uma totalidade contraditória e crescente (Itamar Mendes da Silva, in SANTIAGO, 1987, Anexo).

A vida cotidiana não está fora da história, mas no centro dos acontecimentos históricos, memorialísticos e sociológicos. Os acontecimentos partem e regressam à vida cotidiana dos sujeitos, aonde o regional emerge do local tal qual o nacional surge do regional e o continental do nacional como o mundial aflora do continental.

Da feitura desse item fica o contraste entre o exílio às margens do Lago Léman e Genebra com o cotidiano de um apartamento nordestino, brasileiro, latino-americano, em sua inteireza com certeza.

Da feitura dos itens continua o desafio em buscar identificar as relações desencadeadas pelo exílio e o possível apreender com as experiências vividas pelo exilado. Às vezes, toma tanto espaço, tempo e lugar quanto o ato da escrita, ambos fazem parte do processo. Em assim sendo, memórias, histórias, experiências são texturas do cotidiano que entremeando os percursos de Elza Freire e sua família vão se revelando na tessitura da tese.

3.2 – O mosaico partido[104]: realidades, identidades e culturas exiladas.

Em continuidade, ao capítulo, o começo do item é com o último parágrafo de Ladislau em seu referido livro, que não "afasta a indignação e o sofrimento" do exílio, busca agregar mais "sentido" ao "juntarmos" os percursos da Família Freire, "apesar de trincado, o mosaico da vida é um só" e o da tese tenta reconstruí-lo, pois entendemos como o autor que fazemos parte de um mesmo processo.

> O mosaico reconstruído, para mim, não afasta a indignação e o sofrimento. Mas lhe dá sentido. Porque as emoções são boas, a ética é essencial, e as técnicas estão apenas a nosso serviço. Porque ao juntarmos as pedrinhas da vida, apesar de trincado, o mosaico da vida é um só (DOWBOR, Ladislau, 2000, p. 143).

A história da vida cotidiana no exílio é, portanto, a história que significou, para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outros caminhos. É a história do exílio

[104] Título do livro de Ladislau Dowbor, dividido em três partes: mosaicos do passado – que aborda as trajetórias, vivências e reflexões do autor; o mosaico do futuro – que propõe algumas tendências e desafios institucionais da sociedade; e o mosaico reconstruído – que alerta para os riscos da fragmentação e convida para a busca de atitudes mais sistêmicas. O autor nasceu na França. Naturalizado brasileiro formou-se em Economia Política pela Universidade de Lausanne, Suíça. Mestre e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística da Polônia. Trabalhou na Universidade de Coimbra e foi coordenador do ministério em Guiné-Bissau. De volta ao Brasil leciona na PUC/SP e na Universidade Metodista de SP. Vários livros publicados, esse traz acontecimentos e suas memórias, que fazem parte do período circunscrito à tese. Considerando isso, utilizo o título do livro para nomear esse item, mas, sobretudo porque ele passa a fazer parte dos percursos de exílio da Família Freire, ele também foi exilado e banido brasileiro, genro de Elza Freire e Paulo, casado com Fátima Freire.

entrelaçada à sua história, são questões de identidade, da sua redefinição e da sua reconstrução ou reconversão, que se impunham num processo que se estendeu por entre as fases e as faces e que continuou para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil. É como o "mosaico partido" com peças de realidades, identidades e culturas reunidas sob a condição do exílio, a partir do exilado e de suas memórias e experiências.

Qualquer que seja o continente, o lugar a que chega o exilado, a tendência é a de viver, desde o primeiro momento da chegada, a sensação ambígua, de um lado, de liberdade, por haver escapado de algo que o ameaçava, de outro, a de haver sofrido um corte, um golpe dramático em sua história.

Conviver com essa ambiguidade é um desafio permanente, um aprendizado que o exilado tem de fazer, aprender a enfrentar a tensão de ruptura que o exílio provoca e perseguir certo nível de inserção afetiva, emocional e intelectual. E, a partir dessa configuração estender, a possível clareza a outras configurações que se abrem como áreas de atuação, de ação e de vida. Conviver com essa ambiguidade é se:

> [...] convencer de quão útil e fundamental ir pelo mundo, expor-se a contextos diversos e aprender das experiências dos outros, se rever nas diferenças culturais [...] enfrentar a tensão existencial que vives como exilado, na contradição entre o teu contexto original e o contexto novo [...] a possibilidade de apanhar o real, o concreto, que me salvou como exilado e como gente [...] devo ter sido um pouco emotivo, não me arrependo (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 22-23).

O encaminhamento da contradição entre o contexto de origem e os muitos contextos postos e impostos pelo exílio foi mediado pelas condições concretas de existência. Esta construção me remete a ideias expressas na Dialética do concreto, de Karel Kosík (1976), texto lido por Elza Freire e Paulo. Nele a reflexão humana decorre dos desafios impostos pela realidade de modo que o sujeito cognoscente não se constitui em abstrato, e sim como ser que age objetiva e praticamente sobre a natureza diante de seus interesses e necessidades, permeado pelo conjunto das relações sociais.

Nesta perspectiva, a práxis é, portanto, envolvida pelo senso prático e não apenas pela compreensão abstrata do real. Para Kosík o movimento do pensamento vai do concreto ao abstrato e vice versa tendo em vista dissolver as criações reificadas e ideais rumo à "transformação da realidade". Para que o mundo possa ser explicado "criticamente", cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da "práxis" revolucionária" (KOSÍK, 1976, p.19).

> [...] o pensamento dialético parte do pressuposto de que o conhecimento humano se processa num movimento espiral. [...] É um processo de concretização que procede do todo para as partes e das partes para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade; e justamente neste processo de correlações em espiral no qual todos os conceitos em movimento recíproco e se elucidam mutuamente, atinge a concreticidade (KOSÍK, 1976, p. 41-42).

Entendo que a compreensão das possibilidades da dialética potencializou "a tensão existencial" da condição do exilado. Paulo diz: "a possibilidade de apanhar o real, o concreto, que me salvou como exilado e como gente" (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 23). Esta foi a logística de enfrentamento adotada por coletivos humanos que viveram a experiência do exilado. A noção de humanidade como fazedora da história e, ao mesmo tempo, como um processo que se realiza na e pela história sustentou coletivos humanos. Era preciso se vincular a uma humanidade em busca de seu lugar no universo, a uma totalidade revelada pela humanidade na história e no mundo (KOSÍK, 1976).

Para os que trilham o exílio a continuidade da experiência humana passa pelos vínculos estabelecidos com as muitas realidades, é a "Dialética do Concreto" que no movimento espiral procede das contradições objetivas às conexões de compreensões tendo como horizonte a mudança.

No início dos anos 1970, em Genebra, Elza Freire e Paulo juntaram-se a um grupo de brasileiros que os percursos do exílio levaram a se re-encontrar e criaram o Instituto de Ação Cultural (IDAC)[105], um "centro de pesquisa e intervenção pedagógica", um "exemplo de busca da identidade, da necessidade de preservação da identidade".

[105] Compunham a equipe do IDAC: Elza Freire, Paulo, Miguel e Rosiska Darcy de Oliveira, Claudius Ceccon, a quem se juntou mais tarde Marcos Arruda. A equipe correu mundo e participou de experiências educativas nos contextos sócio-culturais mais diversos, desde a alfabetização de adultos em países africanos até a ação cultural do movimento feminista europeu. Retomarei a discussão no próximo capítulo. Consultar, por exemplo: FREIRE [et. al.] (1980); FREIRE (1992); CECCON [et. al.] (1991).

Figura 41 – Elza Freire e Paulo com os filhos Lutgardes e Joaquim e a equipe do IDAC: Claudius Ceccon com seus pais, Rosiska de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira. S/d.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

Para o grupo, tratava-se do mesmo modo, de "uma tentativa de viver e construir numa situação concreta, uma pedagogia do oprimido", ou seja, iam ao encontro de desenvolver uma prática educativa partindo dos interesses daqueles com quem trabalhavam, tentando adquirir conhecimentos e instrumentos para aumentar o poder de intervenção sobre a realidade. A reflexão sistemática em torno das experiências educativas propostas e realizadas na América Latina transformou-se no ponto de partida do trabalho da equipe. Opção que correspondia à necessidade de manter o vínculo com a "antiga realidade", e não apenas a realidade do exílio, onde também havia necessidade de intervir, mas a inserção na "nova realidade" que, pouco a pouco, passava a ser deles.

O IDAC representava o "envolvimento direto junto a grupos sociais em movimento" e "uma tentativa de não perder a identidade, de dar um sentido ao exílio", pois respondia à necessidade imperiosa de preservar a "saudade do Brasil, não deixá-la virar nostalgia". Portanto, assim interpretam os conflitos do exilado e o enfrentamento para superá-los, constituindo e, ao mesmo tempo reavendo a identidade social e política:

> Todo exilado é confrontado com um dilema. Sua realidade imediata é uma realidade de empréstimo e ele tem que se incorporar a esta realidade sob pena de ficar historicamente esquizofrênico. Mas ele tem que se incorporar à nova realidade até um limite que não faça com que olvide definitivamente a sua realidade anterior. Quem perde as raízes perde a identidade (FREIRE [et. al.], in FREIRE, OLIVEIRA, OLIVEIRA & CECCON, 1980, p. 11).

Acredito que as configurações de criação e atuação do IDAC permitiram por um lado "dar um sentido politico pedagógico ao exílio" e por outro apanhar o real dessa experiência e registrá-la. O sentimento de "saudade do Brasil" foi catalisado em envolvimentos, inserções, intervenções e militâncias nos movimentos europeus e africanos.

Então, por vários fatores, o IDAC iria mediatizar a *circulation* do casal Freire e da equipe para outros espaços e lugares de atuação, significando a continuidade da luta e a sobrevivência em dimensões político-pedagógicas e aspectos teórico-práticos.

> [...] o reconhecimento crítico da inviabilidade histórica de pensar, em curto prazo, numa reinserção no Brasil, que nos permitiu esperar, esperançosamente, por um outro momento histórico, mas não esperar de braços cruzados. Foi por isso que, agarrando as possibilidades de intervenção que o IDAC nos oferecia, nos entregamos a elas na Itália, na Suíça, na Guiné-Bissau (FREIRE [et. al.], in FREIRE, OLIVEIRA, OLIVEIRA & CECCON, 1980, p. 11).

O IDAC se sobressaiu nas atividades desenvolvidas por uma equipe de brasileiros, durante o exílio. Da Suíça ele, ampliava as redes relacionais e institucionais pelo mundo e, de forma mais significativa, junto aos países africanos que ao lutarem para não continuar sendo colônias portuguesas alavancaram processos de libertação nacional, refiro-me a Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola e São Tome e Príncipe.

O trabalho do IDAC abriu espaços para a participação engajada de Elza Freire que por meio dele retomou de maneira destacada suas atividades profissionais de professora e diretora, de educadora, tanto na formação de professores e educadores, quanto ao ministrar aulas para a população em alguns países de África.

Com propósitos parecidos à criação do IDAC, o casal Freire encontrou alternativas para dar continuidade ao contato com a realidade brasileira, ao mesmo tempo compartilhar a realidade suíça de acordo com os limites e as possibilidades.

Este intercâmbio, provavelmente, contribuiu para manter vivos vínculos e com alguma regularidade encurtar distâncias geográficas através da travessia do Atlântico.

> Durante o exílio, Paulo Freire e Dona Elza mantiveram um estreito contato com a escolinha de Arte de São Paulo que de 1968 a 1971 desenvolveu pesquisas orientadas de longe por Paulo Freire e de perto pelos livros que nos enviavam de Genéve (BARBOSA, 2006, p. 637).

Em meio a tantas partidas e chegadas, de tantos brasileiros exilados em tão diferentes realidades, continuarei abordando algumas situações expressivas que marcaram a experiência da segunda fase e demarcaram os percursos de Elza Freire e sua família.

Realidades, identidades e culturas, vão compondo o mosaico do debate sobre a necessidade de conjugar adaptação com preservação de referências do país de origem, em meio às rupturas e continuidades vividas pelos exilados e aos conflitos de desenraizamento, desterritorialização e o sentimento de expatriação.

Somos seres culturais, e a cultura também é um processo social. Em meio a esse processo, é possível observar a realidade conflituosa dos "filhos do exílio", considerados muitas vezes pelos pais como integradas ao meio social, enfrentavam sérias e variadas dificuldades de adaptação. Eles viam e viviam por "terras estrangeiras" como que "pulando numa perna só: a cultura exilada", para ilustrar Rollemberg cita o Clubinho do Saci, criado em fins de 1975, em Paris, um espaço que pudesse contribuir para que as crianças "tivessem um ponto de referência de língua, de cultura, onde elas pudessem se fortalecer para o mundo lá fora". Uma das funções de espaços assim era manter a memória do Brasil para os filhos de exilados, e também elaborar imagens do país de origem[106], pretendendo-se "amenizar os conflitos de língua e de cultura que as crianças viviam, trazendo referências brasileiras para elas. Havia muitas crianças desajustadas" (ROLLEMBERG, 1999, p. 220-223).

Uma dessas crianças era Lutgardes Costa Freire. Embora em outro país, mas no mesmo continente – a Europa, tal problemática compunha experiências comuns às famílias brasileiras exiladas. Neste sentido, era preciso trabalhar a questão delicada da integração, que ocorria também nos espaços de socialização como as escolas.

> Continuei minha alfabetização em francês na França, numa cidadezinha chamada Saint Julien a 08 km de Genebra. Após um ano em Saint Julien fui para uma escola primária suíça, nessa época eu já tinha 11 anos. Criei um problema para meus pais, recusa terminantemente ir à escola [...] O problema é que a escola Suíça é gratuita e obrigatória. Meu pai teve que se explicar na polícia dizendo que o seu filho estava sofrendo um choque cultural e que, portanto não tinha condições de assistir as aulas. Os suíços sugeriram que eu tivesse um ano de aulas particulares e após isso fosse para uma escola normal, e foi o que aconteceu. Comecei a escola suíça, é bom lembrar, não sei se até hoje é assim, mas a escola suíça classifica os alunos desde a escola primária, ou seja, se o aluno não é bom em francês, matemática, etc. ele vai para uma turma (grau) diferente, até mesmo o último grau, que é só para trabalhos manuais. Eu caí em um grau que não

[106] Os conflitos vividos por filhos de exilados nos processos de adaptação são recorrentes nas narrativas e podem vir a ser tema de reflexão futura para pesquisadores. Considero que os dados da pesquisa demonstram que os filhos dos exilados da geração de 1964 em sua maioria eram adolescentes e crianças pequenas, como o exemplo da Família Freire, enquanto que para Rollemberg de modo geral, em sentido oposto, não eram tão novos e, entre os da geração de 1968, a maior parte não tinha filhos quando partiram (1999, p. 222). A respeito do tema e dessa experiência, sugiro dentre outros: VASQUEZ (S/d) e COSTA [et. al.] (1980).

> permitiria no futuro entrar na Universidade, e eu queria, mas as notas não permitiam. Meus pais tiveram então que me colocar em uma escola particular. Não aguentei um ano (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Mãe professora e diretora de escolas, pai um dos mais renomados educadores brasileiros, conhecido no mundo todo.

O filho caçula abandonou os estudos e a família teve de dar explicações à polícia, sua memória permite recordar que

> [...] nessa escola aonde meu pai me colocou, certo dia o professor pediu para que eu lesse um texto em francês em voz alta, ao concluir ele disse: "Vocês escutaram?... Ele nunca vai falar francês como nós, porque ele é brasileiro. [...] Diante do fracasso escolar nessa escola, sim, porque perdi o ano, a saída era voltar para a escola estadual suíça, já com 17 anos, também fracassei (Lutgardes Costa Freire, 2012).

As filhas tiveram realidades não tão avessas, situações diversas de não continuidades, que marcaram experiências, cujos percursos escolares se fizeram entressachados pela vida pessoal, emocional, conjugal:

> Comecei por aprender francês depois tentei continuar os estudos em Serviço Social, porém foi impossível. Como não havia terminado o primeiro ano em Santiago, a faculdade exigiu o exame de Fribourg para estrangeiros. Não passei. Comecei uma escola de Animation para trabalhar nos centros de lazer. Conheci Alberto que morava em Lausanne. Não terminei os estudos por que fui morar com ele em Lausanne, depois nos casamos (Cristina Freire Heiniger, 2010).

> [...] me pergunto se não era medo de entrar na Universidade, não sei. Só entrei numa faculdade na Suíça. Foi uma luta muito grande, língua estranha, anos sem estudar, sem ritmo de estudo. E foi só um ano lá dentro! Conheci o marido, casei, veio a criança e já não deu mais (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 105).

O "mosaico partido" vai compondo a miscelânea das vidas, juntando "realidades do exílio" aos "filhos do exílio". São brasileiros, é o exílio. São os percursos dos Freires.

Vidas que vão agregando outras vidas e, sob a condição específica do exílio, sujeitos de outros países e lugares, outras culturas e identidades. A realidade do exilado é assim diversa, adversa, avessa... São vidas em ininterruptas transformações.

Transformações e sentimentos de viver em transitoriedade, que remetem à ideia de "crise", então é comum ouvir e se dizer "crise do mundo, crise existencial, crise psicológica, crise de identidade". Não que sejam todas iguais, mas decorrem de "dinâmicas históricas, de identificações e de formas, de família" que desencadeiam processos de emancipação e conflitos sociais e pessoais e geralmente derivam da mesma fonte: a ruptura

do paradigma moderno, abalando as estruturas familiares, políticas, profissionais, religiosas, etc. (DUBAR, 2009).

A transitoriedade do exílio e das experiências ocorridas nele coaduna com essa configuração de incertezas põe em pauta a questão da identidade. A identidade pessoal passa a ser um constructo do próprio indivíduo, e não mais uma identidade herdada ou institucionalizada, considerando o indivíduo com múltiplas pertenças que podem mudar ao longo da vida. Tais rituais de passagem de formas identitárias representam uma crise que, está na origem dos dramas coletivos e das crises pessoais (ibidem, p.252-255).

O autor destaca ainda que, não se trata do triunfo da identidade pessoal sobre a identidade coletiva porque segundo Norbert Elias (apud DUBAR, 2009, p. 28) "não existe identidade do Eu sem identidade do Nós". Essa perspectiva ajuda a entender as questões colocadas que vão sendo desenvolvidas sobre, o lugar que os exilados passam a ocupar aonde vivem e as configurações em que se inserem.

A partir da narrativa que o sujeito faz dessa dinâmica, é possível perceber os processos de construção ou de reconversão de suas identidades. A identidade pessoal deve ser entendida como a identidade de um sujeito em aprendizagem, ou seja, está sempre em mudança, nunca se completa. E o momento de crise se dá quando esse sujeito em aprendizagem começa a romper com uma forma identitária comunitária e através da sua experiência, da sua reflexividade começa a perceber-se individualizado dentro de uma forma societária. Esse processo provoca uma "revolução das formas do laço social, das relações pessoais, das significações simbólicas" (DUBAR, 2009, p.190).

Pode provocar também um choque de valores, considerando que no exílio e um exílio longo como foi o brasileiro as configurações podem ampliar a "preocupação com o outro", servir para "observar mais o mundo" ou mostrar "uma solidificação da coisa" para que "a criatura estruturada, viva" essa continue, outras configurações eclodem:

> Enquanto estávamos no Brasil, não tínhamos essa preocupação com o outro assim tão forte. [...] Fora não. Fora, a gente tem realmente que ver o problema do outro, tem de casar os filhos, tem de casar com o outro que não é da sua nacionalidade, você passa a compreender mais. Acho que o choque de valores serviu para a gente poder observar mais o outro, o mundo, e talvez até valorar mais os nossos valores. Talvez pelo fato de eu ter saído na idade em que saí, já havia uma consolidação da maneira de ser, de querer, de pensar, de encarar a vida [...] que resolvido que seja, pensado que seja, vivido que seja, é aquilo. Há talvez uma solidificação da coisa. [...] A criatura estruturada, viva, eu mesma... essa continuou (FREIRE, Elza, 1980, p. 204-205).

Figura 42 – O casal Elza Freire e Paulo com os filhos Fátima, Joaquim e Lutgardes, durante o casamento da filha Cristina com Alberto Heiniger, em Lausanne, Suíça, junho de 1972.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

A foto de casamento estampa fragmentos de um mosaico, "pedrinhas" de vidas e percursos durante o exílio.

No ano de 1972, Cristina Costa Freire, brasileira, exilada, casa-se na Suíça, com Alberto Heiniger, suíço, indo morar em outra cidade Lausanne, passando a assinar Cristina Freire Heiniger.

> Eu e Fátima saímos de casa relativamente juntas. [...] Em 1970 chegamos a Genebra, pouco depois conheci Alberto, meu marido que morava em Lausanne [...] não consegui terminar os estudos por que fomos morar juntos. Nos casamos em 1972 e já em 1973 nos mudamos para Bilbao, na Espanha [...] voltamos a morar em Genebra no ano de 1975 (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Rente, em 1973, Maria de Fátima Costa Freire, brasileira, exilada, casa-se na Polônia, com Ladislau Dowbor, francês, naturalizado brasileiro, militante da VPR, exilado banido do Brasil[107], mudando de país, vem a ser Fátima Freire Dowbor.

[107] Desde o início do capítulo, venho realizando discussões sobre o exílio e o banimento no Brasil, com isso quero problematizar e questionar determinadas opiniões que defendem visões e assumem posicionamentos de que a ditadura brasileira teria supostamente sido mais branda que a chilena ou a argentina.

> Eu saí de casa quando me casei. Foi em 73. Ou seja, o que se chama mesmo sair de casa, fazer uma casa, ter uma vida independente da que tinha antes. Mudei de país e tudo. A gente tentou se casar nem me lembro mais em quantos países. Passamos seis meses pra tratar de arranjar os papéis e finalmente conseguimos casar na Polônia, no civil. E ainda faltava papel... O caso era tão complicado que ninguém entendia [...]. Decidimos ir para a Polônia porque com os problemas políticos referentes ao meu marido não se podia viver na Suíça, e como ele tinha família na Polônia, lá ficamos e em Genebra ficaram Joaquim e Lut (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 107, 2013).

Figura 43 – Elza Freire e Paulo com os filhos Lutgardes e Joaquim, no apartamento em Genebra, 1972.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Os meandros do exílio evidenciam subjetividades, mas igualmente questões pragmáticas, capazes de tornar viável também os aspectos burocráticos a fim de se conseguir viver nessas condições. São muito tênues os limites e profundamente complexo as inter-relações entre eles como sensibilizam os depoimentos.

> Eu era boa parte polonês, mas não tinha nascido na Polônia e nem a conhecia. [...] Depois de anos de clandestinidade e de desenraizamento social, sentia uma potente necessidade de normalidade, de ver a realidade pelo prisma do cidadão comum. [...] Casei com a Fátima, filha dos também refugiados Paulo e Elza Freire, tão perdida no espaço como eu com os seus sucessivos exílios, mas com uma capacidade impressionante de colocar os pés no chão. Encontrara a minha âncora. [...] Os perdidos se reconhecem. No caso, o reconhecimento foi espontâneo e imediato. Nos juntamos (DOWBOR, Ladislau, 2000, p. 30-31).

O reconhecimento durante o exílio pode ser logo adiante das fronteiras territoriais ou logo perto nas fronteiras entre "nós" e os "outros", em ambas estão o perigoso território do não pertencer, para o qual, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas (SAID 2003, p. 49-50).

O encontro ou o situar-se nessas fronteiras faz emergir o conflito do território do pertencer ou não pertencer, neles há o sentimento experimentado e experienciado que não se manifesta isoladamente. Pertencer a "um grupo, nação, civilização, religião, raça ou o que seja, é um sentimento que floresce admiravelmente se temos um polo oposto, o espelho negativo" que pode ser, "a imagem detestável de quem não pertence" (DOWBOR, 2000, p. 128). Às vezes poder-se-ia lembrar que somos simplesmente seres humanos, imersos numa pequena bola azul suspensa no meio do espaço.

Portanto, são múltiplos os níveis em que a ruptura do exílio modifica a identidade das pessoas, podendo transformar o jeito de viver e as maneiras de se relacionar, vindo a ser o "jogo de identidade, convívio e solidariedade" que se transformou "numa luta de vencedores e vencidos, que não satisfaz nem uns nem outros" (DOWBOR, 2000, p. 129), por vezes acirrada e radical por demais para os exilados.

Na mesma proporção não só rupturas, por isto certas continuidades:

> [...] a gente sentia assim... que não estava na sua, não estava no seu lugar. [...] me dói de vez em quando em tudo isso é ver que em todo esse negócio, pá, eu não tive nenhuma ação direta. Nada, nada. [...] pai exilado e depois continuo no exílio por ser mulher de um banido (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 104).

Situações e experiências que originam outras, a priori uma aproximação mais ideológica em meio a militância e atuação político-pedagógica, aonde os sujeitos se inserem e se reconhecem nos percursos similitudinários e, assim vão se reconfigurando pela força – intensa, densa, tensa do exílio.

> Fátima fazia parte da geração anterior de exilados. Paulo Freire, que tinha ousado alfabetizar seus conterrâneos nordestinos, prova suficiente, que na época, de fortes tendências comunistas, foi preso e depois exilado. [...] sair do Brasil em 1964, significava abandonar as amizades, a família ampla, a escola. No Chile, Paulo Freire ajudou a desenvolver programas de formação de adultos e em seguida foi convidado para lecionar em Harvard, nos Estados Unidos. Depois foi para Genebra, sempre como exilado, sem sequer um passaporte brasileiro, trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas, passando a auxiliar numerosos governos nos seus programas de alfabetização. **Fátima, como o resto da família, acompanhava. Em cada país era necessário reconstruir amizades, o convívio, o mundo afetivo já várias vezes rompido. Não é fácil [grifo da autora]** (DOWBOR, Ladislau, 2000, p. 30-31).

Como no mosaico partido os sujeitos se misturam, são "pedrinhas" dos percursos percorridos e vividos, cujos contornos podem ser ora de casamentos e atividades profissionais, ora de militâncias e cotidianidades, que num fazer artesanal vão juntando países, pessoas, histórias, produzindo a arte de viver e de contar memórias.

Contar algumas situações históricas relevantes que foram imortalizadas em grandes obras por artistas que expressavam os sentimentos que a realidade suscita nos sujeitos, talvez mais perceptivos, todavia conscientes de sua participação como ser social. O poeta Ferreira Gullar, nordestino e exilado brasileiro, ao escrever Poema Sujo registra a situação histórica do exílio e da ditadura em uma espécie de desabafo, longe de seu país e de seu ambiente cultural. Ao transformar em linguagem a experiência interior – pessoal, do próprio autor, provinda da sensibilidade para reconhecer a inseparável relação entre o universo íntimo, de onde brota a verve, a habilidade pessoal de transmutar em palavras esse magma disperso, e a experiência exterior – coletiva, que servirá como fluxo de vida capaz de gerar sentidos e significados em sua relação com o mundo e nas relações com o outro e ambos em relação consigo mesmo e com o mundo.

Nessa perspectiva, faço dos versos de Gullar "pedrinhas" na montagem de um "mosaico partido" para formar imagens do exílio e do exilado brasileiro.

De modo geral, nessa época, o exilado sentia-se acossado pela ânsia de rememorar o passado e a dificuldade de expressar:

> turvo turvo
> a turva
> mão do sopro
> contra o muro
> escuro
> menos menos
> menos que escuro
> menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
> escuro
> mais que escuro:
> claro
> como água? Como pluma? Claro mais que claro: coisa alguma
> e tudo (ou quase) (GULLAR, 1976, p. 01).

A superação das primeiras fronteiras, das fugas e clandestinidades, anuncia países e como a uma explosão, a vida foi preservada:

> Claro claro
> mais que claro
> raro

o relâmpago clareia os continentes passados:
[...] vozes perdidas na lama
domingos vazios
[...] sozinho na tarde no planeta história (ibidem, p. 15).

No corpo do exilado, aquele que conseguiu sobreviver, inscreve-se o mundo percorrido e que se vai junto a percorrer. Nas memórias do exílio, por entre movimentos da ditadura e os seus momentos, a impermanência da vida representando a passagem do tempo no corpo, o ritual das experiências no desafio cuja paixão e esperança, por vezes:

perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz
pastilhas de aniversário
domingos de futebol
enterros corsos comícios
roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta (ibidem, p. 02-03).

A presença do corpo nos acontecimentos é o reconhecimento de uma realidade formada pela junção de elementos reais e imaginários, concretos e abstratos, metaforicamente, como símbolos:

meu corpo –galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monturo
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
[...] matéria-sonho de Volpi (ibidem, p. 12).

O corpo que entre a consciência do pretérito, agora é exílio e a descoberta do lugar, do mundo a ocasionar a busca gradativa, da própria individualidade:

Mas sobretudo meu
corpo
nordestino
mais que isso
maranhense
mais que isso
sanluisense
mais que isso
ferreirense
newtoniense
alzirense (ibidem, p.12-13).

A impossibilidade de por vezes distinguir do que é feito a memória, essas associações insólitas. Os percursos do exílio evidenciam o tom febril e nem sempre vigoroso do tempo, na tentativa de reviver o passado no presente para, assim, fundir ou confundir a realidade de modo comovente e resumida:

> Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade
> sob as sombras da guerra
> [...] pelo Brasil salve, salve
> [...] mundo sem voz, coisa opaca.
> [...] dos céus da cidade estrangeira (ibidem, p. 07-08).

A experiência vivida, evocada pela transcendência do tempo e do espaço, do lugar que, cotidiano ou não, dá a impossibilidade de separação entre memória, fluxo de consciência e cronologia. É o diálogo do exilado com o exílio, que aglutina o universo vivido, sentido, percorrido na temporalidade das coisas e dos sujeitos.

> O tempo
> não escorre nem grita,
> antes
> se afunda em seu próprio abismo,
> se perde
> em sua própria vertigem,
> mas tão sem velocidade
> que em lugar de virar luz vira
> escuridão
> [...] trabalhando para o dono – como disse Marx –
> ao longo das horas mas num ritmo
> diferente (ibidem, p. 40-46).

O isolamento e a estranheza do exílio, no exílio, interpretada a modo particular por cada um, mas que não escapou de ninguém, em dado momento era de todos, seja pelo idioma e clima, seja pela saudade e solidão.

> (Para ser cantada com a música da Bachiana nº 2, da Tocata, de Villa-Lobos)
> tchi tchi
> trã trã trã
> tarã TARÃ TARÃ
> [...] VAARÃ VAARÃ VAARÃ VAARÃ
> tuc tchuc tuc thuc tuc thuc
> [...] lará lará larará
> lará lará larará lará larará lará larará (ibidem, p. 20-22).

O descompasso das comparações que denunciam o exílio camufla coisas, lugares, pessoas e para o exilado, de certa forma, uma coisa pode estar em outra.

> O homem está na cidade
> como uma coisa está em outra
> e a cidade está no homem

que está em outra cidade
mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
nem como uma árvore está
em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas
(mesmo rolando longe dela)
O homem não está na cidade
como uma árvore está num livro
quando um vento ali a folheia (ibidem, p. 91-92).

Há vida entre o sonho e o real circundante, que suavize as agruras do exílio, pois no interior de cada experiência e memória:

desce tão fundo e tão amplo
e eu me pareço tão pouco
pra tantas mortes e vidas
que se desdobram
no escuro das claridades
[...] inesperadas (ibidem, p. 68).

... Em cada sujeito e família, subsiste a sensação do descobrimento abrupto do sentido da existência humana, que desabrocha:

nalgum ponto do corpo (do teu? do meu corpo?)
lampeja
o jasmim
ainda que sujo da pouca alegria reinante
naquela rua vazia
cheia de sombras e folhas
[...] e as margaridas vermelhas (ibidem, p. 69-70).

... E que se deixam ser quase que:

arrastados pelo ar junto com as nuvens
a isso
responde a manhã
que
com suas muitas e azuis velocidades
segue em frente (ibidem, p.81).

Então, a força poética reside na experiência e na memória do exilado que para manter-se vivo encontra a expressão universal da coisa particular. As palavras vertidas pela tinta de Gullar podem ser a voz silenciada, em muitos momentos, de brasileiros e suas famílias, todos exilados.

O movimento de intertextualidade revela as impressões do real e expressões da vida cotidiana, mencionadas por esse labor entre pesquisa e pesquisadora ao trazer o traçado do individual faz o bordado do coletivo. Esse embate repercute na utilização das diversas fontes documentais e não documentais, mostrando que o texto não se encontra à mercê dos óbices de transformar em linguagem acadêmica a experiência do exílio e o percurso do exilado, armazenados como sentimentos, emoções, recordações nos compartimentos da memória, sempre ancorados nos fragmentos do real.

O mosaico com o ajuntamento de "pedrinhas" a partir dos percursos de Elza Freire teve o intuito de formar em parte a imagem do exílio brasileiro e latino-americano, que vai formando outro, o mosaico (partido) dos Freires.

3.3 – Exílios internos e internacionais - idas, vindas e vidas

Exílios internos e internacionais, Elza Feire em tempos, lugares, espaços – a família Freire em momentos entrelaçados por idas, vindas e vidas.

Como narrativas[108] que tecem experiências do exílio, que contam as histórias dos exilados, nascidas sob os golpes e as ditaduras, pelo autoritarismo de Estado e por outros exílios que se sucederam, percorrem as terras da desterritorialização e vagueiam os solos do não pertencer, sedimentadas na diáspora desenham mapas de margens esparsas por deslocamentos – internos e internacionais a que sujeitos são submetidos ou optam.

Para Edward Said toda pessoa impedida de voltar para a casa é um exilado, na era moderna representada pela produção de "exilados, emigrantes, refugiados" em uma proporção maior do que em outros períodos, sustentada por questões históricas, pois

> [...] a diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala: nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governos totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa (SAID, 2003, p. 47).

O painel histórico descortinado por Said respalda contornos do exílio, tanto na literatura quanto no texto, em convergência eles mapeiam algumas linhas dos percursos de

[108] Entendo a acepção de Larrosa (1996; 2002) que o saber da experiência habita a superfície sensível do que nos afeta, produz afetos, inscreve marcas, deixa vestígios e nos transforma. E com MAZZA [et. al.] (2013) como um território de passagem, cuja travessia é capturada por motivos de ordem variada: paixão, sofrimento, medo. As narrativas são carregadas por experiências, cujo saber vincula-se ao sentido, por isto elas são sempre singulares mesmo quando expressas por universais.

Elza Freire e sua família que por caminhos internos e internacionais, foram marcando e sendo marcados pela quebra do sentido de pertencimento, promovendo uma cisão não apenas entre o sujeito e o mundo, mas em seu próprio ser. Interessa deslindar, as cisões possíveis e flagrar experiências que irrompem como memórias do exílio.

Memórias do exílio brasileiro sob as quais incidem as tentativas de identificar alguns enfrentamentos e caminhos tomados pelos sujeitos, mas que esboçam também configurações vivenciadas coletivamente pelos exilados.

Configurações que em solo estranho e desconhecido evocam o exílio como sendo "uma fratura incurável entre o ser humano e um lugar natal, entre o eu e o verdadeiro lar" (SAID, 2003, p. 46), acionar memórias é uma forma de buscar as rotas perseguidas pelos exilados, as travessias empreendidas e os percursos que, para alguns mesmo tendo uma família impactada pelas questões do exílio, optaram por caminhos variados para erigir as próprias conquistas e desencadear seus próprios processos.

Os depoimentos descortinam matizes dos percursos de Elza Freire e sua família e potencializam análises em situação de exílio, de desterro, de desenraizamento. É a consequente vivência desconcertante em territórios alheios – também seus, configurando experiências polissêmicas, por vezes, tradutoras dos sentimentos que afligem exilados, aqueles deslocados do próprio mundo, distantes do seu país de origem, sob os efeitos da cisão e dos terrorismos de Estado.

Espiralando esses depoimentos, outras memórias revolvem. Entre elas, pesa e pensa-se nos diversos efeitos e/ou transtornos do exílio. A desorientação, o medo, a solidão, a loucura, o suicídio... questões de naturezas variadas, desequilibrando-se entre psicológicas e psiquiátricas, surgindo em graus e momentos diferentes fazem parte do exílio e dos percursos dos exilados brasileiros, de Elza Freire e sua família.

> Tive uma depressão fortíssima e tive que ser internado em um hospital dia. Comecei a me tornar psicótico aos 15 anos. Foi o meu primeiro contato com a doença mental. Passei sete meses nesse hospital dia, ia de manhã e voltava à tarde. Tomava remédios psicotrópicos fortíssimos, e me consultava com um psiquiatra duas vezes por semana. Durante o dia era acompanhado por enfermeiros, que jogavam jogos como palavras cruzadas, baralho e coisas assim comigo e com os outros pacientes (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Goffman objetiva conhecer e perceber o mundo vivenciado e percepcionado pelos internados em "instituições totais" seja de caráter clínico, prisional ou conventual. O

interesse fundamental do autor é alcançar uma versão sociológica da estrutura e do funcionamento dessas instituições e dos processos de subjetivação do eu nelas produzidos. Foca-se, essencialmente, no caráter fechado dos "manicômios e conventos" e das "prisões", que pelas suas características e modo de funcionamento não permitem ou restringem o contato entre o internado e o mundo exterior, até porque o objetivo é excluí-lo do mundo social de origem, de modo que ele assimile as regras internas, sem contaminação, evitando comparações, prejudiciais ao seu processo de "aprendizagem".

Nesta perspectiva, a experiência temporal de Lutgardes acontece em um hospital psiquiátrico dia – um tipo de instituição que embora não se caracterize como "instituições totais" permite apropriações figuradas e metafóricas considerando que seus objetivos são semelhantes. A apropriação dos conceitos de Goffman vai ao sentido de fazer um paralelo com situações vivenciadas por alguns exilados.

Com isso pretendo referir a uma experiência em que se pode percepcionar o quão difícil é articular identidades, superar conflitos, tensões, viver em grupo, ter lucidez nas emoções e nos sentimentos expostos ao exilado, aos internos – seja parcialmente durante certo período do dia, seja integralmente, e ao mundo com seus processos de adaptação. Ainda assim, era uma clausura temporal, num determinado espaço, sujeito às pressões e rotinas típicas desses fechamentos, isolado do contato com o seu grupo etário. No entanto, os pacientes mantiveram dentro de certa limitação e, continuaram a ter a sua vida real estruturada no exterior, com a rede de amigos e familiares.

Na passagem de uma vida no exterior para outra de confinamento espacial e social, o "indivíduo" passa por processos de modificação, sua vida é constantemente vigiada e cada especificação normativa da conduta institucionalizada priva-o da oportunidade de equilibrar suas necessidades e objetivos de maneira pessoalmente eficiente, violentando sua autonomia, ou seja, "começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado" (GOFFMAN, 1974, p.24). O "indivíduo" é despido da sua identidade real e a personalidade que lhe é induzida, não só pela instituição como por toda a sociedade acaba por predominar.

Como é também captado no depoimento de Lutgardes, segundo Goffman além da "tiranização" ele está submetido ao processo de "arregimentação", que indica a obrigação

de executar atividades reguladas em uníssono com grupos de outros internados. Goffman analisa ainda a questão do tempo vivido no interior da instituição, nomeadamente a organização do tempo dos internados ou prisioneiros, segundo atividades programadas milimetricamente, cuja função, para além de discipliná-los, os inibe em termos de desenvolvimento pessoal (1974, p. 44).

E, se no caso do exílio, a experiência de Lutgardes pode ser tomada como paradigmática, parece-me delicada a abordagem. Todavia, o que se pretende é acompanhar os muitos esforços de re-educação e re-inserção. Por isso, julgo apropriado as contribuições de Goffman na discussão sobre o exílio tendo em vista compreender as marca das novas e muitas etapas de vida que esses sujeitos foram acometidos. Talvez o mais difícil, e sem dúvida o que deveria constituir grande preocupação é pensar como o exilado se inseriu socialmente em culturas e lugares tão diversos, experienciando penalidades decorrentes e, como eles e, em especial, Lutgardes, teve que se re-estruturar exteriormente e internamente.

Sob a perspectiva sociológica, as diversas maneiras de privação da vida comunitária, atuam de modo semelhante produzindo segregação, seja qual for a razão do isolamento – transtornos psicológicos e psiquiátricos, vocação ou punição, por tempo determinado de reclusão ou por períodos curtos, até demarcados por horas. Goffman (1974) em sua abordagem crítica enfatiza muito mais a condição do internado do que propriamente a condição de doente, a segurança e o bem estar dos que estão do lado de fora do que a re-educação dos internos.

As condições de exilado – referindo-se às fases de vida do sujeito – propiciam relações peculiares, como pode ser depreendido deste excerto:

> [...] primeira crise de Lut [Lutgardes], foi por volta de 1975/76. Acho até que ele já dava sinais disso nos Estados Unidos. [...] Foi aí que as coisas começaram a ficar mais latentes, o isolamento na adolescência, a dificuldade de sociabilidade, os comportamentos muito focais e obsessivos, [...] a questão dos estudos e de não querer mais estudar com problemas dificílimos de adaptação na escola, ao ponto do pai e da mãe [...] aceitarem que ele não quisesse mais estudar, até porque a lei suíça proibia isso. [...] Aí que complicou mais ainda, pirou de vez [...] Eu não morava mais lá [...] era crise pra todo mundo, o Lut era o caçula e assim meio que, todos tivemos nossas loucuras, somos marcadíssimos pelo exílio (Fátima Freire Dowbor, 2013).

O exílio é condição na qual os sujeitos são submetidos a processos e situações a que se tem de adaptar, podendo cada um empregar diferentes estratégias de enfrentamento, imperioso agir e reagir, seguir a seu modo. Todavia, ao adoptar certa combinação de

ajustamentos às realidades impostas transparece (quase) inevitável as consequências físicas ou psicológicas. No depoimento de Fátima está o reconhecimento de que no interior das experiências vividas no exílio, a família Freire, sem exceção, se fez atingida por tais consequências desde o golpe, a ditadura e o exílio no Brasil.

Na perspectiva de Goffman, entendo que as "prisões" de Paulo, a clandestinidade nos "conventos" e o "manicômio" durante o exílio, estão intrínsecos aos percursos de Elza Freire, fazendo parte da configuração dos mesmos[109].Em outro trecho desse depoimento, Fátima reporta que::

> [...] a mãe sempre trabalhou muito, tava sempre acompanhando o pai, tinha as escolas e as coisas dela e também as do pai. [...] Então veio o golpe, a prisão do pai, as idas à cadeia levar feijoadas pros presos, ajudar a mãe na fuga dele, peregrinar pela casa das pessoas [...] a vida ainda no Brasil [...] (Fátima Freire Dowbor, 2013).

A prisão, o convento e o manicômio participaram dos percursos de Elza Freire e sua família no golpe de 1964, na ditadura e no exílio. E também de quantos homens, mulheres, crianças e famílias brasileiras acometidas pelos mesmos processos?

É por essas interações que acreditamos que as apropriações e leituras de Goffman (1974) podem proporcionar um enriquecimento fecundo na compreensão dos processos identitários do exilado e, de modo geral, nas conjunturas e configurações das experiências do exílio. O autor acredita que:

> [...] qualquer grupo de pessoas – prisioneiros, primitivos, pilotos ou pacientes – desenvolve uma vida própria que se torna significativa, razoável e até normal, desde que você se aproxime dela e, que uma boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se à companhia de seus participantes, de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos (GOFFMAN, 1974, prefácio).

Sujeitos que, de certa maneira, se sujeitaram aos dramas vividos no Brasil arrastando sequelas no exílio. Paulo dizia que os filhos diziam:

> "Velho, na verdade, a infra-estrutura desta família é a velha!". Quer dizer: "Abre o olho, porque se arrebentar a infra-estrutura a gente se acaba..." Na verdade, a Elza sustentou grande parte [...] apesar de toda essa contribuição extraordinária da Elza, não é fácil viver o exílio [...] não era fácil para mim evitar um sentimento de culpa, porque todos estavam lá por minha causa (FREIRE, in FREIRE & BETTO, 2000, p. 90-91).

[109] Para ampliar como as questões se encontram em confluência às fundamentações de Goffman e se imbricam aos percursos de Elza Freire, sugiro remissão ao Capítulo I, quando realizo as primeiras incursões sobre a instauração da ditadura. Enfatizo as "prisões" de Paulo e sua clandestinidade em "conventos", depois as fugas e agora as repercussões em "manicômios". Dá-se uma sucessão de acontecimentos seguidos pela diáspora Freiriana. No capítulo V retornarei as apropriações em Goffman e o "estigma" para o exilado.

Dramas e sequelas durante e depois do exílio, os filhos continuam a dizer:

> Minha mãe sofria no exílio, todos nós sofríamos, mas ela também conseguiu ser feliz, conseguimos de certa forma. [...] A mensagem que ela deixou do exílio foi de dor e de amor, ao mesmo tempo. Ou seja, a dor enquanto sentimento que pode destruir, mas ela nos mostrou que com amor é possível guardar a união e a esperança de viver. [...] Ela considerava sua decisão de acompanhar o pai no exílio como uma espécie de êxito pessoal, isto é, seu objetivo era que a família continuasse unida. E isso ela realmente conseguiu. [...] Foi em Genebra, onde ela mais comentava sobre o exílio. [...] Na verdade nós os filhos sempre achamos que ela tinha medo de voltar para o Brasil, devido ao sofrimento que tinha passado na ocasião do golpe, a prisão do pai e, que a família toda passou também, havia medo e, talvez não só dela acho que em todos, às vezes até hoje tenho essa sensação quando vou para lá (Cristina Freire Heiniger, 2010).

Calcadas nas memórias dos exilados, experiências assim emaranham-se a produções e referências sobre a temática. É possível lê-las confluindo a atração acadêmica ou uma abordagem distinta, ambas promovem movimentos perturbáveis de alteridade entre leitores, sujeitos, escritores, exilados e pesquisadores.

Aludir, por exemplo, a: Cortez que comenta da rede de solidariedade composta pelos exilados brasileiros prestadora de atendimento e apoio nas mais diferentes necessidades e dificuldades de chegada ou permanência, destacando àqueles que demonstravam comprometimentos físicos e sérios problemas mentais (2005, p. 191-194). Ou Rabêlo & Rabêlo para quem, de modo geral, a adaptação do exilado é mais lenta e penosa, dando "base a profundos desajustamentos pessoais e familiares. Houve diversos casos de suicídio entre nós, sem falar na longa lista dos que precisaram de assistência psiquiátrica" (2001, p.81-91). Entre os extremos, na avaliação de Rollemberg "o drama, a anomalia, a doença", tiveram surtos e vivências alternadas e "recorrente é o fato de a maior parte dos depoimentos levantar – e até enfatizar, os aspectos psicológicos sejam para afirmar sua relevância, sejam para questioná-la" (1999, p.124-150).

Ao considerar expressivo o quantitativo de depoimentos de e sobre exilados que tiveram problemas mentais ou transtornos psicológicos e psiquiátricos com/no exílio ou em decorrência dele, o lugar da perda, da crise de identidade, da reconversão identitária.

Enfim, essas questões acerca de identidade do exilado tem a tônica de consequências complexas, que afetaram cada um de forma particular, mas que de forma coletiva no cotidiano chegou a ser um drama insuportável, que levou à loucura ou até mesmo ao suicídio, evidenciando quão dilacerante a dor do exílio pode ser e, foi.

É o adoecimento causado pelo exílio, advindo por perdas irrecuperáveis e rupturas traumáticas, pela saudade e as dificuldades linguísticas, culturais, materiais, emocionais, vividas concomitantemente com a necessidade irremediável de adaptação.

O desembarque na Suíça ou em outro país que não é o seu de origem, era a oscilação de imagens que podiam, ora vislumbrar a ampliação de horizontes, a abertura para novas aprendizagens e a inserção em outros campos de atuação, ora turvar aos obstáculos de adaptação, os desajustes psicológicos e perturbações emocionais, a resultante exclusão, certa incomunicabilidade agravada a dificuldades com a língua, etc.

E ainda, imagens de estalagmites na janela, cuja respiração da noite fizera, despertavam o exilado para a realidade aonde o enfrentamento do rigoroso inverno europeu, que diferentemente do inverno do nordeste brasileiro (estação das chuvas) a temperatura de 30º a 45º ia para outra de até – 15º. Desfiguram, formam e transformam imagens do exílio.

Figura 44 – Paulo e a neve no exílio, durante o rigoroso inverno europeu. Genebra, Suíça, 1972.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Há outra imagem que, para Said, está atrelada ao exílio: a "solidão". Essa imagem perpassa Yanko em "sua situação comovente de um estrangeiro assombrado e sozinho numa sociedade que não o compreende" (2003, p. 53-54), que converge no sentimento de Lutgardes "muito, muito solitário" (2012).

Tal desafio é sentido por sujeitos em suas incursões em outras culturas e nações, outros continentes.

Essas imagens e esses sentimentos enleiam-se a depoimentos e fontes cujos traços memorialísticos, os situam entre idas, vindas e vidas, representadas por exílios internos e internacionais. Entrecortadas pela perspectiva da volta e do desejo em encurtar distâncias, algumas estratégias eram utilizadas tanto pelos que foram quanto para aqueles que ficaram, por exemplo: cartas, cartões postais, manuscritos[110].

As notícias do mundo de cá, do mundo de lá, eivadas e enviadas por entre epistolografias das experiências que o tempo não apaga e grafias das memórias que o tempo de exílio guarda... vestígios do sentido, fragmentos do vivido, processo seguido, caminho percorrido... linhas que, mesmo díspares, se alinham aos percursos dos Freires, impregnadas da condição humana de (ser e estar) exilado.

... Notícias do mundo de lá, trazidas/levadas no reverso do encontro por um cartão postal, marcado por idiomas, lugares, incertezas, cujo verso contava:

> Queridos Paizinho y Mãezinha, queridos Lut y Joaquin. Como estão? Nós estamos bem. Alberto ainda não conseguiu trabalho, porém tem muitas possibilidades, esperamos resposta de um dia para outro. Eu estou trabalhando já faz uma semana, já ganhei 3000 pts. Estou gostando muito, só com muita saudade de vocês! Mãezinha você está bem? E o pai? Um beijão da filha e irmã que os quer muito, Cristina (Cristina Freire Heiniger, Bilbao, Espanha, 27.11.1973).

[110] Remeto a: MIGNOT [et. al.] (2000); CAMARGO (2000); CHIARA & ROCHA (2009); CALVINO (2006).

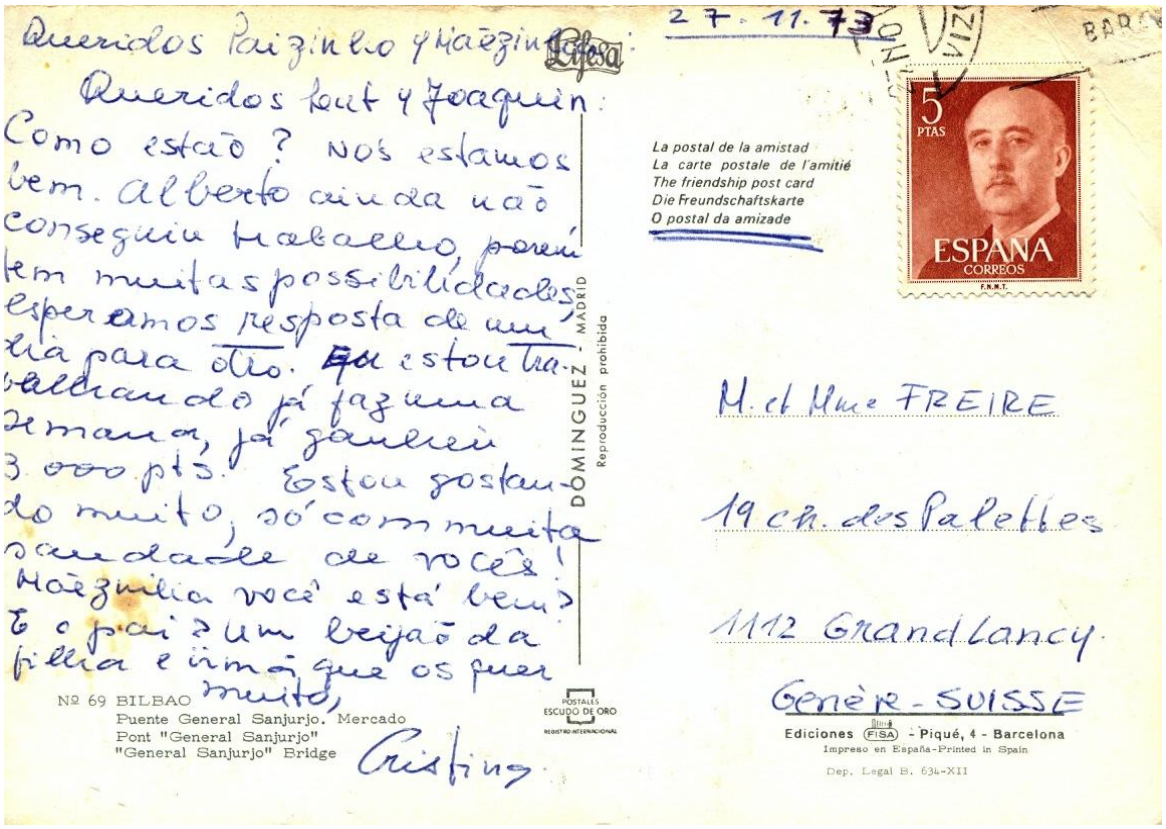


Figura 45 – Verso cartão aos pais e irmãos, enviado por Cristina residindo em Bilbao, Espanha, 1973.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

... Notícias do mundo de cá, remetidas/recebidas do Brasil na forma de Reminiscências, páginas manuscritas por sentimento veemente sobre os laços de família e o nó de uma volta que não era tão iminente, contrastava:

> Paulo e Elza: Na Terra não nos veremos mais. Minha vida com as suas alegrias e tristezas, suas vitórias e desenganos, felicidades e amarguras, entrego carinhosamente em suas mãos de filhos queridos e saudosos que sempre foram. [...] Eu e Elza como nos entendíamos bem!! Paulo, sobrinho filho, a quem devo a formação do caráter de João, a quem lhe recomendei, quando ainda bem novo, se separava de mim!! E os meus sobrinhos netos?! Todos passaram pelas minhas mãos, pelos meus carinhos, pelos meus cuidados! Madalena, zangada e implicante, quando sabia que a mãe havia saído! Mima, Fazinha, eu resolvendo as suas arengas! Joaquim, lhe dei a primeira cueca, tão orgulhoso ficou que queria sair somente com ela! E o que morreu nos meus braços no Hospital Infantil? E quando a catapora apanhou todos de uma só vez e Elza de volta da maternidade com Lut, precisando descansar, eles ignorando sua volta, ainda passaram uma semana comigo. E os brinquedos infantis espalhados pelo terraço de minha casa [...] tudo isso deixou em mim, uma marca indelével! Não importa a separação, o que importa é o que sinto dentro de minh'alma. [...] Madalena, tão perto de mim!! Respiramos o mesmo ar, sentimos o mesmo ardor pela mesma Pátria: Brasil! Ester Monteiro/Mainha (Ester Monteiro/Mainha, Reminiscências, Caderno de Memórias, Capunga/Recife/Pernambuco/Brasil, 1974).

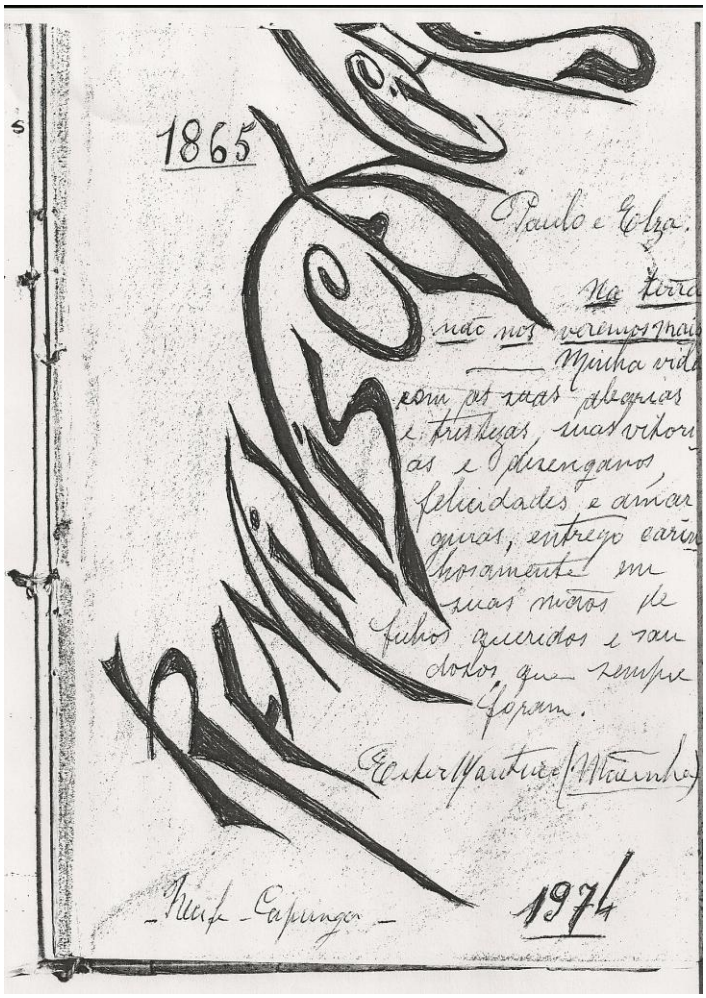


Figura 46 – Reminiscências, escrito por Ester Monteiro (tia de Paulo). Recife, Brasil, 1974.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

... Notícias do mundo da ditadura e do exílio, censuradas, extraviadas, interceptadas, num depoimento que denunciava:

> No tempo em que eles estiveram fora o Paulo sempre dizia: *"*A gente vai evitar ao máximo, as cartas". Porque tínhamos problemas, as cartas deles não chegavam, muitas, algumas porque foram barradas no caminho, outras chegaram até quatro meses depois ou mais. Então isso era um nó, eles achavam aí que não dava certo, que havia um bloqueio. Outra coisa, não era bom ficar dando endereço para uns e outros, então a gente escrevia por quem mandou, sabe o que é uma ditadura!? [...] A gente de fato se comunicou pouco no exílio, ás vezes com certa facilidade, através de algum portador, gente que ia pra lá e levava coisas e tal. [...] Tínhamos contato com Paulo e Elza e com gente que ia para lá ou vinha para cá, daí sempre uma coisa ia na mala, na bolsa e eles comentavam ou mandavam recado, pouca coisa escrita, quase nada, porque houve um período por exemplo, que eles não recebiam as correspondências, algumas vezes que receberam tinham aquela impressão que a correspondência foi aberta, havia cuidado até pra preservá-los [...]. A gente tentava ter um emissário conhecido, algumas vezes isso foi possível, mas de mandar notícias, de querer saber como estavam, tudo muito discreto dada as circunstâncias (Vera Barreto, 2008, 2009).

Algumas questões suscitadas para análise sobre as notícias me permite estabelecer relações como: o reforço da identidade vinculada ao país de origem, que por sua vez vinculava à militância e dava continuidade à luta iniciada no Brasil; a reafirmação dos laços de coesão familiar; a busca pela informação em uma linguagem comum; a atualização em torno dos acontecimentos do cotidiano, seja dos familiares e amigos, seja das instituições; manifestação de sentimentos, amofinados por saudade ou desenfadados por esperanças.

Entre encontros e despedidas, presenças e ausências manifestadas e declaradas de variadas maneiras, partir e voltar, ficar, podem ser lados opostos ou aliados da mesma viagem, com o letreiro aonde se pode ler, ver, sentir, pensar o exílio.

Exílio cujo feitio pode ter feições de musicalidade, embora pareça contrassenso foi possível em alguns momentos do percurso a afabilidade de trato com a dureza da experiência vivida, na escabrosidade da memória jamais esquecida.

> Joaquim Freire começou a tocar música aos seis anos, arranhando um violão em Recife, sua cidade natal, ainda no Brasil. Os amores pelo instrumento continuaram no Chile, onde a família viveu o primeiro exílio desde 1964, lembrando que o golpe militar no Brasil colocou por terra os projetos de seu pai [...] segue-se um ano de residência nos Estados Unidos, antes de os Freires se estabelecerem definitivamente na cidade suíça de Genebra. [...] O estudo sério do instrumento – o encontro com o violão clássico começou aos 13 anos, no Conservatório da mesma cidade. Joaquim teve dois professores brasileiros: Turíbio Santos, em Paris, dois anos depois e por período de um ano e, de regresso à Suíça, Dagoberto Linhares. Com Linhares, estuda virtuosidade, tira uma *"licence de concert"*. [...] Joaquim fala, de como foi estimulado pelo pai – que gostava de violão clássico, principalmente das músicas de Bach – a enveredar pelo caminho que iria seguir. "Meu pai era uma pessoa fantástica, com quem tive uma relação maravilhosa, mas não ajudou no sentido de facilitar minha carreira, e eu nunca quis tirar proveito disso". [...] É com esse exigente instrumento de trabalho que ele começa a ganhar o pão dando recitais e tocando em concertos na Inglaterra, Espanha, Suécia, Itália, principalmente na Suíça aonde mora, pelo mundo (J. Gabriel Barbosa, 2004).

O exílio na partitura da vida, a tocar e se tocar, cantar e desencantar e encantar e seguir a cantar, compor e recompor os percursos da família Freire. As variadas interpretações para dois temas: o exílio e a música. As variações de notas, arranjos, técnicas, improvisos, percepções para/sobre um mesmo sujeito e artista: Joaquim Freire. Em ambas, a arte de viver, sobreviver e conviver com/no exílio.

> [...] desempenho melancólico e caleidoscópico. Freire [Joaquim] neste trabalho (*Ginastera*) ganha o ouro [...] soberbamente gravado... calorosamente recomendado (Gramofone, Suíça, in Léman Classics).

> *[...] Exquisite performances of a cornestone of modern guitar music [...]* Joaquim Freire *is na immensely talented Brazilian guitarist who makes the difficult sound easy and then moves on to make music*[111] (Stereo Review, EUA, in Léman Classics).
>
> [...] de um repertório clássico americano, estas peças são chaves e pedras preciosas da América, embora diferentes em estrutura, mas também de guitarra, encontram em Joaquim Freire a melodia estupenda de um artista sensível e valioso (Imprensa Los Angeles, EUA, in Léman Classics).

A construção identitária diaspórica se desenvolve no espaço. Ela vem marcada pela ligação com o país de origem e pelos elos tecidos nas paragens em diferentes espaços de acolhimento. É uma construção identitária combinada e composta.

Então assim, por entre arranjos tecnicistas europeus e memórias brasileiras em Villa-Lobos, eis a execução de:

> Algo velho, algo novo, todas as coisas frescas. [...] é justamente na tradição estabelecida por Villa-Lobos, ou seja, ele [Joaquim Freire] ilumina e amplia suas raízes étnicas, por meio de uma técnica muito informada e muito estudo das composições. [...] Joaquim Freire é o Villa-Lobos em Doze Estudos para Violão que fornece o critério para a avaliação instrumental e a musicalidade. [...] começa como estudos didáticos da Bachiana para o desenvolvimento da técnica de guitarra, evolui para uma exploração da sonoridade instrumental; uma incursão na possibilidade de composição, e finalmente, em *"étude"* de escuta ativa. [...] (Fanfare, EUA, in Léman Classics).

Claves de sol com marcas e raízes cifradas no exílio, colocadas como melismas:

> Joaquim Freire é esplêndido da *"étude"* primeiro ao último [...] ele faz um grande ponto de Musicologia nos bares de encerramento do E-menor *"Etude des arpège"* com seus quase *"bluesy"* afetar na esteira da austeridade precedente Bachiana. [...] Joaquim Freire toca os centros nervosos da música através da sua valorização de suas raízes puramente populares [...] (Fanfare, EUA, in Léman Classics).

[111] "[...] Performances únicos de uma pedra angular da música de guitarra moderna... Joaquim Freire é um guitarrista brasileiro imensamente talentoso que faz o som difícil fácil e então se move para fazer música" (Tradução Nima Imaculada Spigolon).

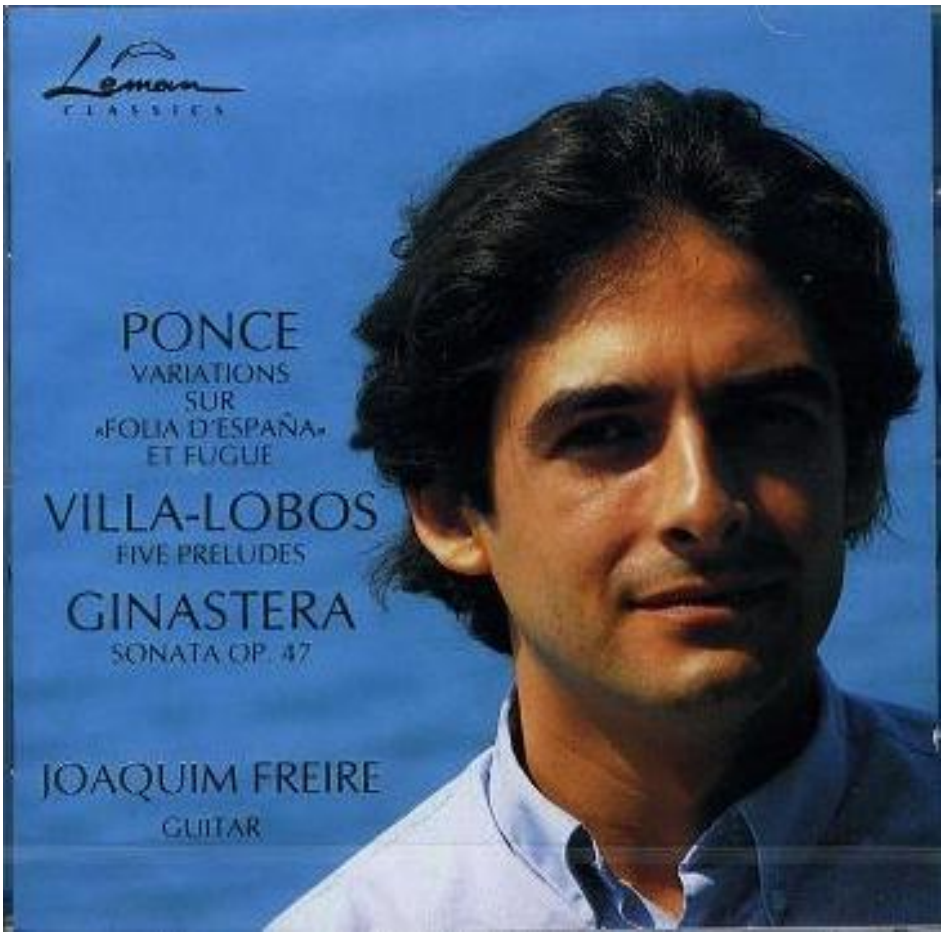


Figura 47 – Capa do CD: LC 42601, de Joaquim Freire.
Fonte: Acervo pessoal de Fátima Freire, cedido à pesquisadora.

Essa condição de exilado enreda os percursos de Elza Freire e da família Freire para configurações representadas em suas narrativas que lidam com a singularidade de experiências e a similitude coletiva engendrada por elas. Foram exílios internos e internacionais, cantados, silenciados, circulares, pois que as grades[112] não representavam tão somente a separação da Pátria, podiam ser, foram sentidas e ressentidas:

> Por um país de pedra e vento duro
> Por um país de luz perfeita e clara
> Pelo negro da terra e pelo branco do muro
> [...]
> Quando a pátria que temos não a temos
> Perdida por silêncio e por renúncia
> Até a voz do mar se torna exílio

[112] Os versos "Pátria", "Exílio", "Cantar" e "Círculo" pertencem ao poema "As grades", de Sophia de Mello Breyner Andresen, nascida no Porto, em 1919, é considerada uma das mais importantes poetisas do século XX, distinguida por vários prêmios foi a primeira mulher portuguesa a receber o Prêmio Camões, em 1999.

> E a luz que nos rodeia é como grades
> [...]
> Tão longo o caminho
> A água de exílio
> É brilhante e fria
> [...]
> Num círculo se move
> Num círculo fechado

Círculo que o exílio leva a *circulations* matizes, visto que Fátima Freire se encontra nas bordas ou no centro desses movimentos.

> Do Brasil para o Chile, depois os Estados Unidos e de lá para a Suíça. Saio de Genebra para a Argélia, da Argélia para a Polônia, me caso com Ladislau, em 1973 nasce meu primeiro filho, Alexandre, daí vou para Portugal em 1974 e saio em 1976 que é quando chego a Guiné-Bissau, sozinha com meu filho, Ladislau vai depois. Da Guiné eu vou para os Estados Unidos, isso já em 1980, de novo sozinha, por que ele precisava ficar um pouco mais na Guiné, lá nasce o meu segundo filho André. [...] Quer dizer, foi uma sucessão de mundos diferentes, sempre com aquela ideia remota do Brasil (Fátima Freire Dowbor, 2013).

Movimentos que geraram inclusive a maternidade, o que tornava ainda mais complexa a situação vivida pelas mulheres no exílio.

> Eu tinha um pedacinho de gente dentro de mim. [...] Para mim foi uma coisa ruim a experiência de ter um filho na Polônia. Fora o impacto de ser o primeiro filho que me marcou muito, muito, eu estava numa situação extremamente precária, estava lá a poucos meses, não falava uma palavra da língua. Nada, nada. E tive a criança assim. Dizia a mim mesma: "Se eu sinto alguma coisa aqui não posso pedir ajuda, o que é que eu vou dizer pra eles?" [...] E depois que você tem a criança fica incomunicável – nem vê o marido, nem ele vê você e a criança. Fiquei duas semanas no hospital sem ver ninguém. Não pude abrir a boca até que chegou um médico que falava inglês, e quando eu vi uma pessoa que falava uma língua que eu conhecia, eu só fazia chorar e gritar [...] ele pensava que eu estava louca. A primeira coisa que pedi foi para ele ver se o Alexandre ainda existia, sei lá, eu sabia que tinha tido um filho mas não sabia nada dele. Se ele estava vivo ou não eu não sabia (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 107-108).

A condição de mulher exilada em processo de maternidade e os impactos emocionais faziam com que as situações adquirissem uma especificidade que a distinguia das situações vivenciadas até então, causando inclusive traumas.

> [...] me botaram no corredor por que não tinha lugar, depois esvaziaram uma cama e me puseram lá, eu fiquei sem saber de nada, a cabeça a trabalhar, a chorar que nem uma condenada, sem saber o que fazer. [...] Lembro-me que na metade do parto eu fazia tudo errado, não sei, acho que pelo nervosismo [...] E houve um momento em que a parteira fez uma cara feia pro médico, não sei o que foi, e ele me largou uma baita duma injeção. [...] Realmente uma situação meio louca, a situação psicológica em que eu estava, o clima de insegurança e angústia. [...] tava tão traumatizada (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 109).

Provisoriedades, estranhamentos, dificuldades, isolamento e conflitos apontavam que a adaptação às novas realidades era a única forma de sobrevivência, tanto para a mulher exilada, quanto agora para mãe e filho, exilados. Ter um filho sob essas condições talvez fosse uma maneira de dizer: sobrevivemos.

> [...] digo para mim mesma e para quem quiser ouvir: "Não tenho mais filho num raio de país onde não fale a língua, não tenho mais, de jeito nenhum. Nunca!" [...] Foi tudo tão irreal, tão confuso que fiquei com a sensação de que não tinha parido que o menino não tinha saído de mim, foi estranho mesmo. [...] É um momento tão seu, que estar numa situação como a que eu vivi tira tudo da sua intimidade, você fica sem nenhum marco de referência seu, sem nada seu. [...] Foi uma situação horrível. [...] Meu filho é realmente polaco, nascido lá, é polaco mesmo! (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 110).

A convergência entre os percursos dos Freires é entretecida pelas circunstâncias do exílio. Mas, o de Elza Freire revela que, foram se circundando por contrapontos. Said sugere que o exilado desenvolve uma consciência contrapontista na medida em que os hábitos de vida, a expressão e as atividades no novo ambiente ocorrem tendo como configuração as memórias das situações vividas em outro ambiente. Assim, ambos os ambientes são vividos, como reais, juntos e como contraponto (SAID, 2003, p. 59).

Em todo ponto vivido no exílio, podia-se perceber a ambiência criada por Elza Freire em cada contraponto:

> Conocí Elsa por lo que Paulo me contaba de ella [...]. Elsa tenia esa gran cualidad de recordar claramente el passado y hacer ressaltar lo nuevo; hablar con ella dejaba siempre la impresion de avanzar. [...] Despues volví a ver a Elsa en Ginebra; los hijos se estaban llendo de la casa: Fátima a Polonia, Cristina a alguma parte de Suiza, Joaquin a Neûchatel, Madalena siempre en Brasil. Solo quedaba Lut. Entonces Elsa vivia la lucha. [...] Sabiendo siempre que las contradicciones y problemas de los hijos son los problemas de la vida. Así ella me conto del difícil primer parto de Fátima, del primer concierto de Joaquin, del trabajo de profesora de Madalena, de los progressos de Lut, de Cristina. Elsa siempre fuerte en la libertad de los hijos, en la libertad del amor. Desde que conocí a Elsa, nunca la he olvidado [113] (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

[113] "Conheci inicialmente Elza através do que Paulo me contava, e quando se referia a ela, fazia uma pausa a falar e seus olhos tomavam a dimensão do amor [...] Elza tinha essa grande qualidade de lembrar nitidamente o passado e nele ressaltar o novo; falar com ela deixava sempre a impressão de avançar. [...] Depois voltei a ver Elza em Genebra; os filhos estavam saindo de casa: Fátima na Polônia, Cristina em alguma parte da Suíça, Joaquim em Neûchatel, Madalena sempre no Brasil. Só restava Lut. Elza vivia então a luta. [...] Sabendo realmente que as contradições e problemas dos filhos são os problemas da vida, contou-me do difícil nascimento do primeiro filho de Fátima, do primeiro concerto de Joaquim, do trabalho de Madalena como professora, dos progressos de Lut e Cristina. Elza foi sempre consistente quanto à liberdade dos filhos, a liberdade do amor. Desde que conheci Elza, nunca a esqueci" (Tradução Nima Imaculada Spigolon).

As narrativas que se apresentam são potentes e despertaram a atenção para os seguintes eixos temáticos e os questionamentos que podem ser a eles associados: 1) Família: Quais as configurações familiares dos Freires apresentadas e como Elza Freire se colocou nestas configurações? 2) Relações afetivo-sexuais: Quais as configurações dos relacionamentos afetivo-sexuais narrados? Como Elza Freire se posicionou frente aos relacionamentos conjugais experienciados por ela e pelas filhas? 3) Trabalho: Como Elza Freire passou a exercer sua profissão no exílio? Quais as configurações de trabalho assumidas por essa mulher? 4) Maternidade: É possível identificar semelhanças e diferenças entre as experiências de maternidade narradas? Quais seus significados na vida de Elza Freire e de Fátima Freire? Quais as configurações da maternidade no exílio? 5) Estudos: Como e em quais momentos a realização dos estudos é mobilizada nas narrativas? Como as experiências escolares no exílio impactaram os Freires? Houve rupturas, descontinuidades, estranhamentos? Que situações de vida são relacionadas às questões escolares? 6) Projetos de vida: O quanto as realidades do exílio se afastam ou se aproximam dos sonhos e dos projetos idealizados? Como os narradores lidam com essas aproximações e distanciamentos?

Através desses eixos os sujeitos explicitam pensamentos, sentimentos, práticas, valores, experiências e relações, ou seja, a condição de mulher, de mulher exilada que envolve sexo e gênero[114].

Ao narrarem suas experiências, compondo suas histórias e seus percursos, remontam memórias e mostram-se entre a vida e a vida no exílio.

As singularidades dos marcadores sociais e etários não apagam regularidades da condição de mulher. A família, as relações afetivo-sexuais, o trabalho, a maternidade, os estudos e os projetos de vida configuram dimensões individuais e coletivas nas narrativas. A força da vida, de continuar vivo durante o exílio está na necessidade de uma dialética do

[114] "De modo geral, opomos o sexo, que é biológico, ao gênero, que é social. [...] As sociedades humanas, com notável monotonia, sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes, divididas, separadas e em geral hierarquizadas. [...] O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociossexual do trabalho e dos meios de produção, 2) na organização social do trabalho de procriação, em que capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por intervenções sociais. Outros aspectos do gênero – diferenciação da vestimenta, comportamentos e atitudes físicas e psicológicas, desigualdade de acesso aos recursos materiais e mentais etc. – são marcas ou consequências dessa diferenciação social" (MATHIEU, 2009, p. 222-223).

concreto atrelada a uma sensibilidade no presente em tornar pública uma experiência particular que se vincula a um universal[115], no caso, o exílio a partir de Elza Freire.

Tudo isto permeado de exílios internos e internacionais. Elza Feire em tempos, lugares, espaços – a família Freire em momentos entrelaçados por idas, vindas e vidas.

3.4 – Distâncias do retorno: a Europa e o silêncio de Genebra – considerações sobre (tantas) realidades do exílio e (quantas) travessias de Elza Freire e a família Freire.

Nas distâncias da volta, num tempo de exílio, pairavam configurações nas quais se inserem os percursos de Elza Freire e sua família, registram circunstâncias que mais do que a possibilidade, evidenciam certa necessidade e urgência que ajudam através das realidades e das travessias, a reconstituir a textura do vivido abrigada na memória.

Pois, "tantas vezes pensamos ter chegado, tantas vezes é preciso ir além[116]".

São processos que fazem parte da vida vivida no exílio aonde os sujeitos partem e regressam à vida cotidiana, em movimentos de *circulation*, internos e externos.

Os Freires exilados brasileiros circulando pelos mundos...

[115] O universal pode ser entendido tanto no sentido filosófico iluminista que se refere à humanidade, ou seja, à capacidade do ser humano sair do estado de natureza por meio de um contrato social no qual o bem comum é superior à vontade individual desregrada, quanto no sentido sócio-antropológico que alude à sociedade e à cultura considerando as como processos recorrentes em situações históricas determinadas (ORTIZ, 2007).

[116] Autoria de Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935), conhecido como Fernando Pessoa nasceu em Portugal. Escritor, empresário, editor, jornalista, tradutor, inventor, astrólogo, tido como um dos maiores poetas da língua portuguesa e da literatura mundial, desdobrou-se em múltiplas personalidades conhecidas como heterónimos, autodenominou-se um "drama em gente". In: SILVA (2011).

Figura 48 – No exílio: Alberto e Cristina Freire Heiniger, Paulo e Elza Freire, Madalena Freire com Carolina Freire Weffort e Lutgardes Costa Freire. Carouge, Suíça, 1975.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

A vida sob esses movimentos se inscreve em uma história e se desenvolve em tempo, espaços, lugares, em dadas condições, que são escritas na intimidade dos sujeitos, muitas vezes guardadas na invisibilidade deles, e ao me expressar, metaforicamente, como Elza Freire a face oculta da lua, permanente e discretamente lá, sabe-se da sua presença e complementariedade, sem a qual não existiria.

Discrepância à parte, para Elza Freire durante o exílio mediante o desenvolvimento do fazer acadêmico e dos materiais documentais ou não, no âmbito dos deslocamentos em seu campo de atuação profissional e/ou de militância, assumir-se dona de casa e ocupar os espaços da cozinha, conota dizer que esse não era apenas um lugar da mulher, aonde se mantinham hábitos e tradições nordestinas. Há por baixo de receitas coladas, páginas da vida não descoladas da mulher, furtivamente apropriadas por ela, contribuindo agora para uma leitura que são chaves pelas quais estamos abrindo em partes o mundo de Elza Freire.

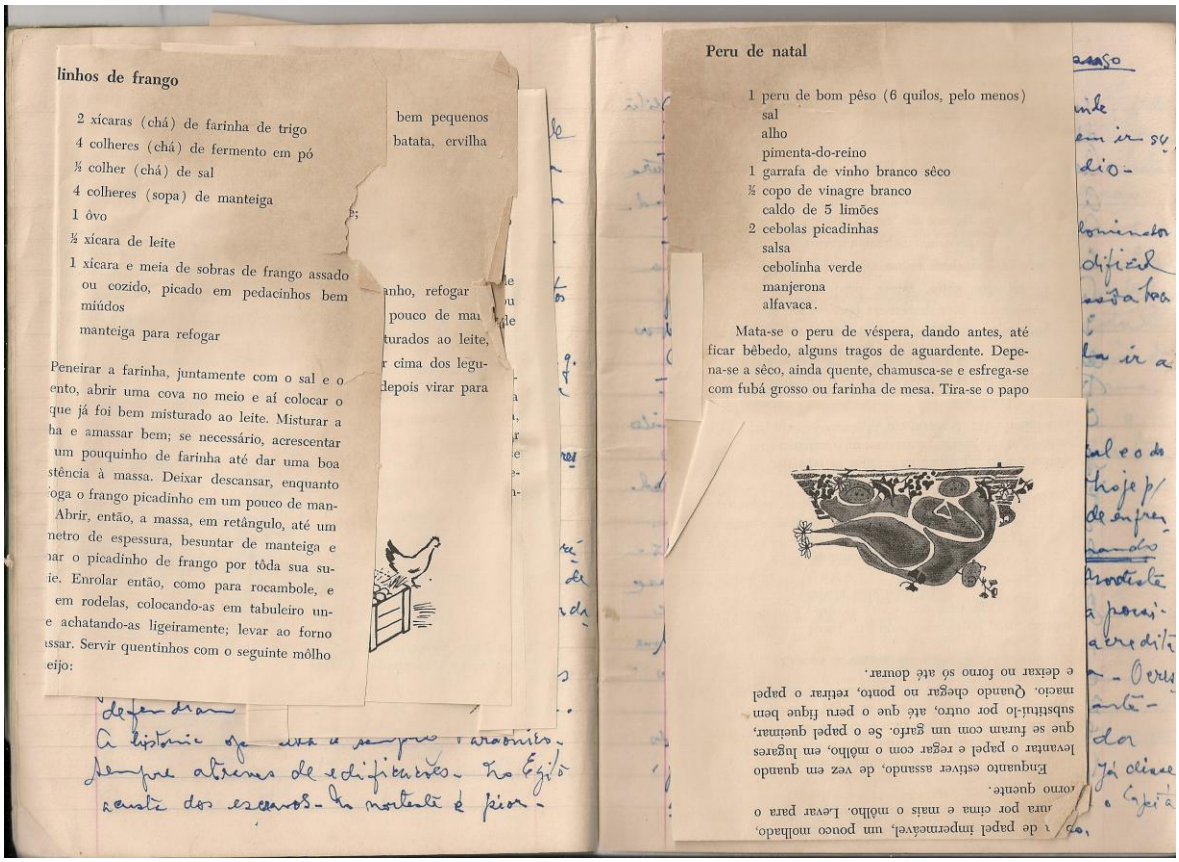


Figura 49 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com registros e anotações feitas por ela, em cima colagens com receitas, compõe os "Escritos Íntimos"
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

Ainda que constringida pela força das circunstâncias, sua opção não relega ao esquecimento e à nulidade seu pensar, sentir, querer e fazer político-pedagógico, ao contrário, é vertido para outros espaços, lugares e temporalidades muito particulares às suas experiências.

Dentre eles, os "Escritos Íntimos" conjugados com o escopo e as fontes, aguçam possíveis conexões de análise, passíveis de interpretação e descrição a par das evidências empíricas, que provocam à aproximação, o enlaçamento, a busca e o encontro de/com uma mulher que talvez queira prender-se ao anonimato ou libertar-se na conquista de si mesma.

Manuscritos segregados a um expressar-se cuja síntese, intensa e profunda, de esferas teóricas e metodológicas, de práticas e propostas educacionais, agrega-se às intelectivas, afetivas e críticas, desconhecidas ou não exteriorizadas até então, em movimentos que desencadeiam outros.

Registros feitos à mão, sutilmente sobrepostos a receitas culinárias coladas, espaçadas por entre páginas e frases, quadros e listas, manifestações da sua vida interacionando vários campos em um só corpo: profissional, emocional, espiritual, físico, mental. Pedir licença para adentrar os escaninhos do vivido, do sentido e do pensado, tentando atribuir a eles significados requer muito mais que encorajamento.

"Escritos íntimos" em páginas de um caderno de receitas, adentrando as dimensões quase imperscrutáveis e imperceptíveis do cotidiano dessa mulher, que vão se revelando e nos descortinando Elza Freire...

São manuscritos, registros, "Escritos Íntimos", ou então, o que podem vir a ser?

A tradução se permite fazer, carregada por sagacidades e delicadezas, entre leitura e manuseio dos "escritos" em pauta. Saltam aos olhos o respeito e a cumplicidade entre as três, e que se entreabrem nas páginas e páginas de inquietações e dúvidas, nas listas de palavras e linhas quase apagadas – da parte da pesquisadora e da orientadora, e conceituações, abreviações e expressões – da parte da autora, buscando, ambas, os termos, os temas, as nuances, engastes de um esforço recíproco para que o conteúdo dessa preciosidade, acadêmica e íntima, se mantenha preservada e fidedigna ao ser trazida a lume.

A criação numa entrega despretensiosa aos "Escritos Íntimos" tal filigranas de uma parte ínfima de todos esses vestígios, quiçá com propósito de arquivar a própria vida[117]. Por vezes, através de práticas minúsculas e frequentemente silenciosas, complexas relações silenciadas entre Elza Freire – a mulher e o mundo arquivou-se sua vida.

A força da vida e do exílio chega ao cabo de levar o exilado a arquivar a própria vida. Em suma, força que se encontre na mesma proporção latente do oculto e como sói assuma posições de se subtrair às vistas. Destocá-la, nesse sentido é exumar forças dispersas dos grupos ou dos sujeitos.

Mas é também uma arte de fazer, que tem se constituído como uma obra de arte coletiva que agrega sujeitos, provas e sentimentos antes dispersos, invisíveis e fragmentados e, agora, com vínculos, métodos, visibilidades e inteligibilidades. A força de buscar e

[117] Nome de um texto de Philippe Artières, no qual propõe imaginar "um lugar aonde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os antetextos das nossas existências", que podem ser encontrados em "passagens, listas de tarefas, contracheques; também velhas fotos amarelecidas, cartas" e outros como "um pedaço de papel, uma folha de bloco, uma página de agenda" (1998, p. 01). Faz parte dos aportes para as apropriações dos processos de descrição, análise, interpretação e compreensão, para o conjunto de materiais em torno de Elza Freire, denominados "Escritos Íntimos".

encontrar fragmentos do real que ajudem a compreender práticas, processos, sentidos dos percursos de Elza Freire.

Exílio, vida, força como excerto no depoimento de Fátima Freire:

> A minha mãe era uma figura que se apagava muito, eu passei anos perguntando a mim mesma porque isso, porque é assim, porque fazer assim. Eu quero crer que na época dela e pela educação dela, ela não poderia mostrar a força que ela era, a potência que ela era. [...] Então depois eu já adulta, de me fazer mulher, que comecei a ter a leitura e a compreensão que a intensidade dela enquanto mulher tem a ver com a intensidade do quanto ela se escondia, você está me entendendo? A força dela está na proporção da necessidade do esconder-se, porque era tamanha força e potência (Fátima Freire Dowbor, 2013).

É importante pontuar que Elza Freire assumiu posições de destaque junto a Paulo e aos filhos, a prática educativa, a sistematização de experiências e a execução de metodologias, a produção teórica, ao exílio, pelo mundo afora. Entretanto, publicamente ela permaneceu "apagada", os marcadores sociais da mulher enquanto sexo e gênero a possuíram, esculpindo seu percurso de vida.

O apagamento das mulheres e sua invisibilidade em relação aos homens ainda é fortemente identificável, se digladiando entre as relações anunciadas, estabelecidas, praticadas e disputadas. Apesar das bandeiras igualitárias, as posições das mulheres, no espaço e tempo sociais, vêm introduzindo poucas variações significativas. Hirata e Kergoat (2008) apresentam o conceito de divisão sexual do trabalho distinguindo entre os princípios que o constitui e as modalidades assumidas no decorrer da história.

O desafio em buscar apreender os papéis e as escolhas de Elza Freire enquanto sujeito marcado pelo sexo, gênero, classe, profissão, etc. me leva a explorar as possibilidades e os limites da historicidade[118].

Rita Philipp (2010) lembra que mais da metade do coletivo humano é formado por mulheres e sugere que esta escala quantitativa poderia induzir ações críticas a fim de transformar as estruturas e as políticas que obstam a realização de situações igualitárias entre os gêneros masculino e feminino, a partir do ângulo dos direitos humanos, ou seja, da

[118] Considero que "una concepción de este tipo en lo que respecta a las identidades de género deja claro dos aspectos fundamentales para nuestro tema: en primer lugar, que los rasgos específicos de los roles femenino y masculino dependen, a su vez, de las experiencias históricas y sociales, colectivas y personales, de las personas y, en segundo lugar, que éstas incorporan modificaciones y câmbios" (PHILIPP, 2010, p. 138-139).

dignidade social. É daí que emerge a necessidade de volver o olhar para os processos e as condições de socialização e formação humana[119].

No exílio os marcadores do sexo e do gênero ganham contornos diversos e apontam que a condição da mulher é ainda mais limitada, apagada, impedida de trabalhar fora, arquivada nos "Escritos Íntimos".

Cada um à sua maneira foi experienciando o exílio e como pode arquivando a própria vida. Ou seja,

> Não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira [...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em exergo certas passagens. [...] não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (ARTIÉRES, 1998, p. 03-04).

Essa referência, ou seja, as "narrativas" de partes significativas da sua história, a experiência do exílio e o arquivamento da própria vida abrem possibilidades para a construção da "identidade" ou desencadeiam "desindentidades", passam a ser importantes para os processos do sujeito, tendo em vista que é através dos "acontecimentos da vida" que ele tem as reflexões acerca de si mesmo, as perguntas/respostas, os atributos que pode "compartir, em parte, com outras pessoas".

> Nuestra historia es muchas historias. [...] Siempre hay muchas voces en la historia de nuestra vida. [...] Nuestra historia es siempre una historia polifónica. Así, poniendo en relación significativa diversas historias sobre nosotros mismos, también aprendemos a componer nustra historia. Y a modificarla. Y los otros aparecen aquí no tanto desde lo que ellos son para nosotros como desde lo que nosotros somos para ellos. [...] Pero también hay muchas voces en nuestro propio relato. [...] Y, a veces, el mismo momento en que yo la pronuncio es ya un acontecimento de interpretación en la que yo mismo no me reconozco en su sentido. Mi historia es, a veces, distinta de mi voz en el momento en que la enuncia. Y produce entonces, para mí, una diferencia de significado (LARROSA, 1996, p. 474-478).

Segundo Larrosa é na perspectiva narrativa que o sujeito se reconhece plena e inteiramente em sua história, acarretando processo semelhante em contato com a história do

[119] A educação como processo de socialização afeta papéis, funções e atividades cotidianas que definem os contornos e as configurações das identidades femininas e masculinas. Segundo Philipp (2010) a educação tem papel relevante nas questões de integração, transmissão e transformação de conteúdos relacionados com os direitos e deveres que exigem a dignidade social das pessoas, em defesa de valores humanos que pertencem a todos os sujeitos, sejam do sexo masculino ou feminino, responsáveis e portadores de direitos/deveres inalienáveis à condição humana, ou seja, uma educação que permita estabelecer relações mais simétricas.

outro e também a produção, reprodução e interpretação de outras histórias construídas e constituídas pelo mundo e pela vida, advindas das experiências do próprio sujeito:

> Mi identidad, quién soy, no es algo que progressivamente encuentro o descubro o aprendo a describir mejor, sino que és más bien algo que fabrico, que invento, y que construyo [...] en suma, que aprendo y modifico en esa gigantesca y polifónica conversación de narrativas que es la vida. [...] Pero sabemos que el poder atraviesa la conversasión; [...] que las prácticas discursivas son también prácticas sociales [...]. La historia de las formas en que los seres humanos han construído narrativamente sus vidas es también la historia de los procedimentos de poder que hacen a los seres humanos contar sus vidas de determinada forma, en determinados contextos y para determinadas finalidades (LARROSA, 1996, p. 478-482).

E cuja realização interpretativa da identidade ou desindentidade com ele próprio, depende das suas relações, bem como de um conjunto de práticas discursivas e socais, em resumo, é um constante movimento capaz de "dar sentido à vida e ao que nos passa".

> [...] Y se lograria así la identidad entre el autor, el narrador y el personaje y los tres serían uno. [...] a la conciencia de que el yo no es sino una continua creación, un perpetuo devenir, una permanente metamorfosis. Y esa metamorfoses tendrá su arranque y su fuerza impulsora en el processo narrativo e interpretativo de la lectura y la escritura. [...] Una identidad en movimiento asegurada por una lenguage en movimiento donde la autoconciencia surge de la puesta en cuestión de la autoconciencia y donde lo que se es sólo aparece em la puesta en cuestión de lo que se es: dialéctiva viva e infinita de identificaciones y desidentificaciones (LARROSA, 1996, p. 477-482).

Para além das continuidades, rupturas, ambivalências, processos de identidade e desindentidade, o exílio foi essencialmente a metamorfose. A princípio pensado como curto, foi longo.

É possível pensar, então, que os arquivamentos da própria vida e as realidades do exílio, ao provocarem questionamentos e estranhamentos, passam a ser confrontadas com as realidades anterior e posteriormente vividas, cujas manifestações foram por demais radicais, entre: conventos, prisões, manicômios, fronteiras nacionais e internacionais, documentados e indocumentados, diásporas, circulações, transtornos, melancolias, saudades... deram origem a experiências de constituição de identidade dos sujeitos.

"Narrativas, identidad y desidentificación" que ao estabelecerem relações entre os sujeitos, tratam de explorar de modo concreto suas memórias – produzidas pelo exilado em tempos, lugares e espaços, vindo a ser uma mecanismo para se compreender mais os processos, as práticas e os percursos do exílio. Destarte, constitui dinâmica interpretativa, um fenômeno de intertextualidade e de polifonias (LARROSA, 1996, p. 461-482).

Por isso, os sujeitos e depoimentos enfocados, são lacunas para quem viveu o exílio, o que e como foi vivido e arquivado. Mas, também, frestas para se refletir sobre "o que ordenamos, guardamos e classificamos" (ARTIÉRES, 1998) mediante "as experiências que podem tocar" (LAROSSA, 2002) e, sobretudo, referenciar os percursos para solos de países, territórios de nações, terras de outros oceanos – como formas que rasuram a identidade. Com a rasura, emana um dos efeitos do exílio: ter contato com pessoas, países, culturas diferentes; percorrer lugares escolhidos pela vontade, seguir os trilhos por necessidades e sem opções; adentrando os profícuos caminhos do desconhecimento do outro para as veredas do conhecimento de si, pois não aleatoriamente afina-se na rima e nos efeitos de tons subjetivos e culturais com uma seara plural, movente, dinâmica, chamada identidade ou desindentidade.

Neste sentido a memória coletiva e individual se liga concomitantemente ao lugar de origem e a multiplicidade de lugares encontrados e vividos na diáspora (BRUNEAU 2009; HALL 2009).

A diáspora supõe uma ancoragem forte no território de instalação e uma ruptura necessária com o território de origem, o que é frequentemente compensado pelo trabalho da memória. Nestas configurações a identidade se esforça por ser recriada, remodelada, reconvertida para melhor se reproduzir e se adaptar.

Adaptação que segue na segunda fase do exílio, inaugurada com a diáspora dos exilados brasileiros e latino-americanos pela Europa, que por sua vez se sobrepõe à continuidade da Diáspora Freiriana, mediante a chegada da família Freire na Suíça. Assim, o mapa continua sendo decalcado com os percursos da Diáspora Freiriana, em uma proporção que ilustra bem o exílio, sustentado por idas, vindas e vidas.

Idas, vindas e vidas. Foram em menor escala os casos de exilados que se estabeleceram fixando-se em um único lugar. Ao contrário, amiúde as experiências de *circulation* se repetiam por tempos, lugares e espaços diferentes, impondo configurações de recomeços, renovando impactos, desencadeando consequências.

Mais apropriado continuar pautando o trabalho com as conceptualizações em torno das *circulations*, cujos aportes são capazes de apontar tanto os movimentos coletivos, quanto os percursos pessoais dos exilados, caracterizando o *modus operandi* como cada um se permitiu enfrentar a situação. Os sujeitos ao circularem devem inventar espaços que

estão *"[...] entre-deux sociaux et spatiaux, entre l'ici et le là-bas, dans la projection de ces autres viés possibles*[120]*"* (CORTES & FARET, 2009, p. 15).

Provem que é preciso seguir a mapear os territórios da experiência para além dos territórios da cartografia do exílio. A experiência do exílio impacta a relação que os sujeitos têm com o país de origem e com os territórios circulantes. Destarte, aponto para o que se pode constatar pela análise dos percursos da família Freire, marcados por sucessivas *circulations*, dadas a conhecer no decorrer do capítulo.

Considerando a partir da Europa, então a recompilar temos: Cristina entre a Suíça e a Espanha; Fátima na Argélia, Polônia e Portugal; depois Guiné-Bissau em África e Estados Unidos; Joaquim segue a estudar em Paris retorna a Genebra, e depois continua para apresentações e concertos musicais, Lut vai até Saint Julien na França a fim de tentar ser alfabetizado, Madá sai do Brasil para se reencontrar com os pais e os irmãos, enquanto Elza Freire pela Europa busca estar com os filhos, Paulo indo pelos quatro cantos do mundo, posterior e concomitantemente, o casal em África.

Algumas temáticas do capítulo se deixaram embalar pelo silêncio de Genebra, conforme Paulo reconhece como sendo "ponto nevrálgico" que problematizou e marcou a adaptação, a convivência da família no país durante esse período do exílio (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 28-30).

Outras foram para além da Europa e o silêncio de Genebra e se embalaram por movimentos pendulares, de idas, voltas, impermanências. Movimentos contínuos desde o principiar da tese. A cadência agora vai ser dada entre Suíça e África, e vice-versa, depois o enfoque será alterado da Suíça para o Brasil e do Brasil para a Suíça, até a volta definitiva ao Brasil em 1980.

As circulações, os trânsitos e as mobilidades dos sujeitos, dentre outros: Suíça x África, África x Suíça, Suíça x Brasil, Brasil x Suíça.

Então, o conceito de *circulation*, muito mais do que de mudança ou migração, permanece dando essa possibilidade para entender os deslocamentos rápidos, pendulares, circulares duradouros e alguns permanentes, de ida e vinda, pois o endereço residencial de Elza Freire e de Paulo não se alterou, uma vez que a África caracterizou um deslocamento

[120] "[...] entre o meio social e o espacial, entre aqui e ali, na projeção dessas outras vidas possíveis" (Tradução de Débora Mazza, Márcia Santos Ferreira e Nima Imaculada Spigolon).

pendular, ou seja, eles iam trabalhar lá e retornavam para a Europa, se inseriram profissionalmente em África, mas qual era o endereço do casal Freire? Genebra, na Suíça.

A circulação provoca o alargamento dos "espaços de vida" dos indivíduos, com possibilidades de mobilidades simultâneas e/ou pendulares, com temporalidades diferentes considerando atividades realizadas no espaço. Os espaços de circulação, nesta perspectiva, não são apenas os lugares de origem, de passagens ou de permanência. Eles são lugares de relação, de construção de sentidos, portanto, espaços de vida que afetam crianças, jovens, adultos e velhos; homens e mulheres, países desenvolvidos e países em desenvolvimento (COURGEAU, 1988).

Entendo também que os percursos da circulação, os espaços de vida, proporcionam construções identitárias que impactam as suas múltiplas possibilidades de estruturação, funcionamento e entendimento das dimensões do real (DUBAR, 2009).

Nesse momento do exílio, a memória não é limítrofe entre experiências, territórios, circulações e capítulos, as separações são por demais tênues, como se faz perceptível nos percursos de Elza Freire:

> A marca de Genebra foi as inúmeras viagens a trabalho do pai. A mãe o acompanhava em algumas, mas, sobretudo a África ela sempre foi, eles iam junto (Cristina Freire Heiniger, 2010).
>
> No exílio, este é o período que consigo enxergar, de ter percebido minha mãe mais atuante e participante no trabalho com o meu pai. Nesse período ela viajava muito com ele, sobretudo para a África, onde teve intensa participação no trabalho desenvolvido. [...] Depois do Brasil, que eu me lembre de ver que a mãe voltou a atuar como educadora foi em África, pois em Genebra que ela começa a viajar acompanhando o pai a trabalho (Fátima Freire Dowbor, 2010, 2013).
>
> É certeza, uma coisa que eu me lembro em Genebra que ela participou imensamente do trabalho do meu pai na África, ela viajou muito com ele [...] a minha mãe e o meu pai trabalharam sempre juntos e, no exílio isso se fortaleceu, ainda mais nos países africanos (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Portanto, como se identifica a Europa e, especificamente a Suíça teve papel fundamental tanto ao trazer novamente Elza Freire educadora, quanto na atuação de exilados em outros continentes. Essa configuração marcou o exílio brasileiro de diversas formas, dentre elas a importância da inserção político-pedagógica em África do casal Elza Freire e Paulo, referência que para terminar anuncia o capítulo à frente.

Enquanto isso, a realidade de Elza Freire é por entre países e pais exilados, cujos filhos do exílio viveram expatriados, seus filhos tampouco tiveram experiências muito

distantes de uma realidade que no Brasil era a versão contada pelos livros de Moral e Cívica, a mesma que produziu a ditadura que arrombou suas casas e levou ao exílio que arrastou suas famílias.

Os filhos foram se casando pelos caminhos do exílio e a história do exílio continua, agora com o nascimento dos netos, Carolina a primeira neta, filha de Madalena Freire e Francisco Weffort, nasceu no Brasil em 1972 e Alexandre o primeiro neto, filho de Fátima Freire e Ladislau Dowbor, na Polônia em 1973.

Figura 50 – Madalena Freire e sua filha Carolina, primeira neta de Elza Freire e Paulo. Suíça, 1975
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Ditadura e exílio são para o resto da vida, pode haver uma fase inicial, mas não há ponto final. Os percursos dos Freires têm em sua linhagem além dos pais exilados, os filhos do exílio e, os netos do exílio – brasileiros nascidos no exílio.

É sempre um saber configurado entre a vida humana e a construção de uma narrativa significativa, ou seja, um conhecimento que vai respondendo ao que aconteceu ao longo da vida e o sentido que conferimos aos acontecimentos que nos aconteceram.

À vista disso, se trata de "um jogo de interpretações", que tem haver com "a experiência daquilo que nos passa" e com "a temporalidade intrínseca na vida humana":

> Por eso, si la persona humana vive su vida con una cierta conciencia de sí mesma, esa conciencia de sí estará estructurada en el tiempo de la vida. [...] El tiempo de la vida humana es siempre el tiempo de nuestras vidas y, por tanto, el tiempo de la conciencia de sí es siempre nuestra propria articulacíon temporal de lo que nosotros somos para nosotros mismos. Pero quizá sea más fácil recordar simplesmente la metáfora más común con la que construimos ese carácter temporal de nuestra vida y de nosotros mismos: la vida como camino, y nosotros mismos como viajeros (LARROSA, 1996, p. 464-465).

Por caminhos e viagens, de modo igual, as análises, descrições e interpretações em torno dos percursos de Elza Freire podem ser tomadas como um exemplo de convite a narrativas significativas do exílio e àquilo que passa a ser produzido à partir dessa experiência. A experiência permite fecundar sensibilidades, despertar múltiplas linguagens, expressar criatividades e realidades vividas (LAROSSA, 2002).

Considero os depoimentos aqui trabalhados, de acordo com Larrosa (1996, 2002) como expressão de uma arte da memória, individual e coletiva, que, condensa em diversas fontes de pesquisa, narrativas que se inserem numa perspectiva histórica que alinhava passado, presente e futuro, cultivando a arte do encontro.

É também a arte de fazer, do texto, um bordado cujo riscado traz bom senso e valores, ciência e poesia, razões e paixões, experiência e memória.

Da ditadura para o exílio e do exílio para o mundo. Residindo em Genebra se passaram dez anos, foram tempos, lugares, espaços, experiências e vida de Elza Freire.

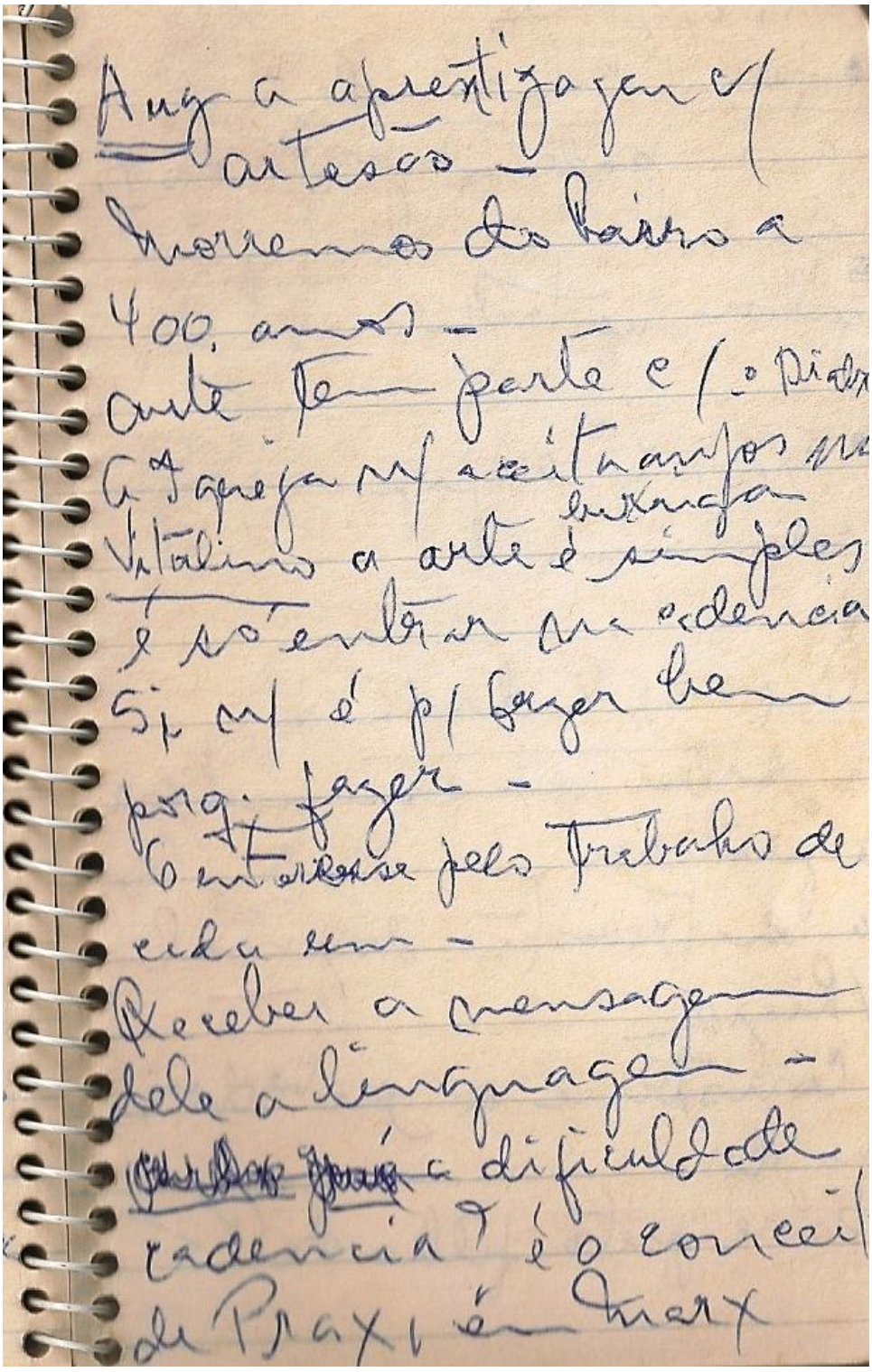


Figura 51 – Cadernetas de uma mulher, professora, exilada – Fragmentos de caderneta de anotações de Elza Freire, como por exemplo, sobre Marx, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

CAPÍTULO IV
ITINERÁRIOS DO EXÍLIO:
INSERÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS EM ÁFRICA

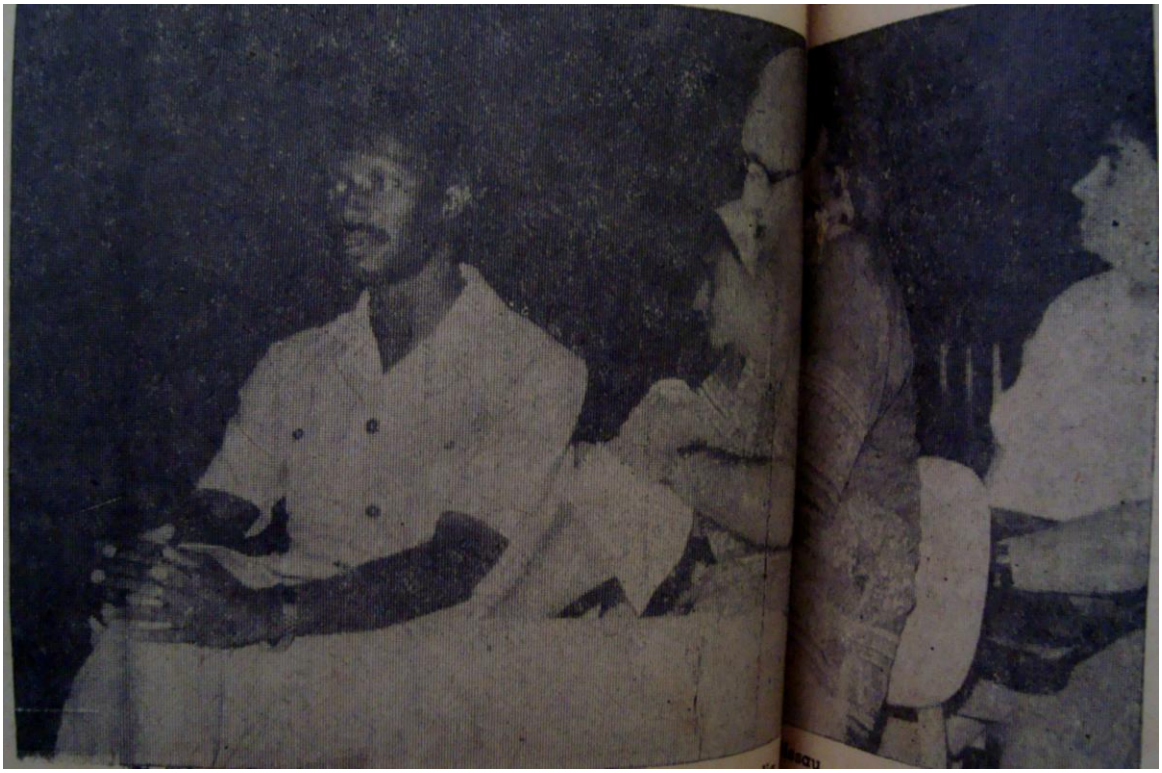


Figura 52 – Elza Freire e Paulo acompanhados por Mário Cabral em matéria publicada no Jornal "Nô Pintcha", de fevereiro de 1976. Arquivos Históricos Nacionais do INEP, em Bissau, Guiné-Bissau.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

A África precedida das Américas e da Europa representou tempos e lugares de exílio. A presença de Elza Freire e dos que, como ela exilados, nos países aviltantemente chamados pelos colonialistas portugueses de "províncias de ultramar", foi marcada pela participação no campo das lutas de libertação nos PALOP em geral e, particularmente, no da Educação de Adultos. De algum modo, a retomada profissional dela, é forjada nos caminhos de África, considerando que as dinâmicas de seu trabalho decorridas das inserções político-pedagógicas ao lado de Paulo no âmbito daquelas realidades revelam o alinhamento com os movimentos revolucionários. A utopia permanecia no horizonte e, acontecia com o engajamento militante no esforço de reconstrução nacional, um desafio que não pertencia apenas ao seu povo, fazia parte dos que com eles se comprometiam. Ali se transformaram em camaradas também: Elza Freire, Paulo, Fátima Freire e outros exilados.

> [...] tudo o que pude ver e sentir nos dias em que, com Elza convivi junto ao país impressionou [...] As camaradas e aos camaradas, um dia vamos fazer um livro com estórias que falam da luta do nosso povo, de nossa resistência ao colonizador [...] que falam da luta de hoje, da reconstrução nacional. Estórias que são pedaços da nossa estória [...] a busca de conhecer mais continua na luta [...] A vitória é nossa.
> Paulo Freire (FREIRE, 1978; 1997).

... É chegado o tempo de África!

A África está na origem do mundo, em todos nós, com terras e gentes que se encontram no meio do mapa do mundo, do atlas da vida.

Sem condições de aprofundar é importante que questões de África e das inserções político-pedagógicas durante o exílio brasileiro sejam analisadas como parte do processo de colonização, descolonização e dos movimentos para a independência (ALENCASTRO, 2000; CABRAL, 1976; DAVIDSON, 1975; FANON, 1980).

Não se trata de discorrer sobre América e África portuguesas, ou fazê-lo de forma comparativa de duas partes separadas pelo Atlântico, mas de aproximá-las considerando que se completam num só sistema de exploração colonial cuja singularidade de cada processo de independência ainda marca a contemporaneidade.

Durante o exílio brasileiro se inserir em África se tornou uma maneira de apoiar os movimentos revolucionários e desmascarar a presença inescrupulosa naquelas terras e a exploração desenfreada de seu povo, era se opor ao domínio e à invasão do colonizador, era lutar ao lado dos oprimidos, era uma maneira de criar melhores condições no mundo e no Brasil, criar condições de libertação e de retornar ao país de origem.

O exílio brasileiro terminou, as colônias portuguesas em África se libertaram e o mundo mudou muito, tanto em termos geopolíticos, como em compreensão sócio histórica, da construção das nações e dos valores humanitários. Mesmo assim, permanecem notórias as dimensões das desigualdades e da miséria, das diferenças de poder e do analfabetismo, tão presentes nos movimentos das décadas de 1960 a 1980, ainda vivos no século XXI.

A propósito disso é inspirador perceber como a contribuição do casal Freire – Elza e Paulo – continua atual e viva.

Quando Elza Freire foi exilada o mundo para ela não era maior que Recife e Brasília, depois as Américas e a Europa. Ela se lançou à travessia do exílio por longos tempos e grandes espaços, e registrou em seus percursos que havia aceitado o desafio de África, porém não suspeitava que esse mundo seria, assombrosamente acrescido por um vasto continente com países e povos (des)conhecidos.

Povos de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, países em reconstrução, afinal não estavam começando do nada, mas dando continuidade às suas próprias histórias e culturas, lançando mão da historicidade dos sujeitos e das coisas e às marcas indeléveis que lá já existiam e as que foram deixadas, àquilo que a guerra colonial e o genocídio português não puderam levar, marcar ou conseguiram exterminar.

Situações sob as quais Elza Freire seguiu ao encontro desse mundo (des)conhecido para se deparar com a herança dos problemas e do descaso que contam da "presença civilizatória" do colonialismo.

Como exilada ela se envolve com as causas de África e se une aos africanos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar e reconstruir.

Por um lado, a realidade mais objetiva: mortos, feridos, aldeias arruinadas, mulheres, crianças, homens. Por outro, a subjetiva: esperança, alegria, liberdade.

Mas, houve outras realidades objetivas, por exemplo: a cor do céu e do mar, as árvores e flores, os peixes, os tambores e os corpos desenhando aquele continente.

Continente, parte de um mundo que se apresentava para Elza Freire e não só para ela, mas para os que, se colocaram ao lado dos oprimidos na defesa da liberdade e participavam de uma série de trabalhos e projetos e, em particular da experiência de se envolver nas condições de vida, de Educação e das relações humanas nos territórios de África que foram e são dilapidados e ficaram sob o jugo do domínio português.

O capítulo que ora se dá à estampa não constitui, de forma completa, as discussões e reflexões já existentes antes dele e que passam a existir depois, nem contempla a extensão das diferenças de sensibilidade científica e de abordagem teórico-metodológica sobre África ou o exílio.

Ele procura apresentar fragmentos dessa história, a saber, por meio dos percursos de Elza Freire entremeados ao período do exílio brasileiro e aos movimentos para a libertação nacional e independência das colônias portuguesas em meados de 1975 até a anistia e o

retorno ao Brasil em 1979. É um dos marcadores do texto, pois no período mesmo residindo em Genebra, na Suíça após serem convidados inicialmente pelo Governo de Guiné-Bissau, eles passam a ir e vir para trabalhar junto aos países recém-emancipados a fim de conhecer a realidade educacional, assessorar projetos e desenvolver formas de intervenção e militância.

Deste modo tento criar condições de análises originais dos trabalhos do casal Freire no exílio e em África ao fazer uma escrita descritiva com datas, fatos, provas que mostrem a importância do trabalho que eles realizaram nos lugares políticos do exílio e nos universos de Educação, desenvolvendo uma cronologia factual da presença e atuação deles lá, imersos naquelas dimensões de vida e de realidade.

Os recortes, cortes e moldes que conduzem o capítulo traduzem em parte a minha busca para historicizar e sociologizar a inserção de Elza Freire e Paulo em África e fazer uma descrição e análise sócio histórica incluindo o trabalho do casal. O material de campo tem o caráter de recolher e organizar as fontes e o esforço grande de seleção: o que, de quem, de onde, o que e quando deles trazer.

Sua feitura se dá entre as escolhas das fontes e os limites e as possibilidades da imersão em África que fiz a partir da travessia do Atlântico para realização de pesquisa de campo[121] em Guiné-Bissau e Cabo Verde, seja pela observação dos fatos, movimentos e quadros, seja pelo levantamento dos nomes, documentos e bibliografias. Fui registrando á maneira de Mills (1975; 2009), as coisas mais aparentemente pouco importantes, as experiências vividas como um artesanato intelectual, a (des)construção das categorias de percepção do mundo para começar a escutar, falar e escrever de África e de Elza Freire e Paulo em África, do trabalho, dos projetos e experiências que o casal fez, pensou e viveu lá.

Estes registros são dedicados aos que começaram e aos que continuam.

As conversas dos homens, as mulheres nos mercados, os anciões nos portões, as crianças pelas ruas; a polifonia das cores e formas de ser, ter, sentir e viver. Os comportamentos com as religiosidades, com o trabalho; os costumes e hábitos; a cultura e as múltiplas linguagens de se expressar; as dimensões do lugar, do tempo, do outro, e que

[121] A pesquisa de campo se realizou em Cabo Verde e Guiné-Bissau nos meses de setembro/outubro de 2013, contou com recursos do Programa de Bolsas de Mobilidade Internacional na Pós-Graduação 2013 – Santander Universidades. A coleta de fontes documentais e não documentais incluiu, por exemplo: instituições e sujeitos envolvidos com o tema, arquivos públicos, acervos pessoais, mapeamento bibliográfico, entrevistas, etc.

por vezes escapando à capacidade de apreender nos permitem e se permitem mostrar e conhecer.

Pode-se dizer que entre encerrar um ciclo ou abrir círculos, preferi a segunda hipótese. Assim, o capítulo ao revelar processos e pesquisas em andamento, expande campos e se coloca como espaço de construção dialógica ao estabelecer uma aproximação dialética para o conhecimento e intervenção junto a realidades alheias, aliadas, distintas, distantes, antagônicas ou não?

Por isso, ao delinear o escopo do capítulo, me deixo surgir mais mestiça, humanizada e misturada, me deparo com a falta de fôlego, espaços, braços e prazos, que talvez comprometam resultados finais, talvez tornem possíveis outros. Recente é minha aproximação com a temática em toda diversidade de suas realidades.

Elza Freire militante na área da Educação ao lado de Paulo, residindo em Genebra, chega por Guiné-Bissau em 1976 e de lá eles espalharam seu trabalho em África até 1979. No momento, o que consegui a partir das fontes coletadas me faz reconhecer que não tenho condições de assegurar aonde foram e ficavam, quantos dias permaneceram em cada ida, de detalhar quantas formações e quais suas durações. Entretanto, tenho depoimentos e documentos que provam que o casal trabalhou, por exemplo, com assessorias em projetos para Educação e, em particular de Adultos, com a formação de alfabetizadores para adultos, com a elaboração de materiais didáticos, com a reconstrução nacional. Em Cabo Verde eles atuaram em duas ilhas: São Vicente e Santiago e em Guiné-Bissau nas regiões de Bissau, Sedengal, Farim e Cacheu com setores das FARP e da sociedade civil. Em ambos se deslocavam das capitais para o interior, muitas vezes em viagens de barco e caminhadas, onde permaneciam em média de quinze a trinta dias.

É na inexatidão de quantificar esse itinerário do casal que as temporalidades seguem os percursos de Elza Freire e a cronologia vem da elaboração das configurações em que os exilados se inseriram mediante a intolerância do regime instaurado no Brasil que promoveu a ditadura e o exílio de brasileiros, afastando e eliminando gerações – 1964 e 1968, que se articulavam ao governo popular nacionalista de Jango e lutavam por diversos projetos: reformas de base, planos de metas, justiça social, democratização e universalização.

Os projetos eram distintos resta continuar a identificar nesse emaranhado de acontecimentos que sucederam ao golpe civil-militar de 1964: que projetos mobilizaram o

engajamento de Elza Freire e Paulo, da família Freire durante o exílio? Como se deu a continuidade da Diáspora Freiriana? E a inserção deles nos processos de descolonização de África? O envolvimento com as atividades do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC e a atuação nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP seguiram quais vias? Qual o papel do exílio e de África nas reconversões identitárias vivenciadas pelo casal Freire? As influências do trabalho em África e como o mesmo foi incorporado nas propostas Freirianas? Eram os Freires revolucionários ou se tornaram?

Assim, os itinerários do exílio que entrecruzaram experiências realizadas em África podem ser localizados nas inserções político-pedagógicas que se efetivou pelas redes relacionais, institucionais e partidárias organizadas por brasileiros, africanos e outras nacionalidades, tendo em vista a reconstrução dos países recém-independentes através das experiências com Educação de modo geral e, em particular da alfabetização de adultos, a sua vinculação com o trabalho de conscientização com a leitura da realidade centrada na compreensão crítica da prática social. A presença e a atuação de Elza Freire e Paulo são características dessa fase.

Quero dizer que estar em África é ser atingida fortemente pelo tempo fortuito da procura, deixar-se marcar por sucessivos lugares. No meu caso, da pesquisa, da pesquisada e da pesquisadora num compasso que teve a força do desconhecido e a magia do encontro com mundos nativos e estrangeiros, reunidos por buscas fundidas na utopia revolucionária e na ideologia humanitária, capaz de unir em minha vida acadêmica o que mais amo: a Educação e a humanidade.

4.1 – África: a luta pela descolonização no entrecruzamento do exílio e da militância em terras estrangeiras

Respaldada nas bulas pontificais e nas caravelas, a colonização mais recente de África tem como marco a expansão marítima europeia e os descobrimentos no princípio do século XIV. A ocupação territorial, o abuso econômico, o domínio político, a destruição de reinos, o controle das tribos, a produção escravista, o apagamento da cultura, a imposição de hábitos, cultos, idiomas e demais práticas de violência, poder, exploração estenderam-se

até a metade do século XX, quando as colônias começaram a conquistar a independência num processo que se chamou de descolonização.

No entanto, ainda subsistem vários territórios de África ocupados por países europeus e outros que decidiram por referendo popular manterem-se colônias. A descolonização acontece até hoje sobre o lastro das inúteis e injustas guerras. Longe de ter desaparecido, o colonialismo permanece, acumulando apenas superficiais metamorfoses.

O século XIX foi o apogeu da ascensão do Ocidente, estabelecendo esta geografia: em 1800, as potências ocidentais detinham 35% da superfície do globo e, em 1878, essa proporção chegou a 67%. Em 1914, a Europa detinha 85% do mundo sob a forma de colônias. Depois de 1945, com os desmandos da segunda guerra mundial, a luta pela geografia não se restringe a soldados e canhões, ela abrange também ideias, formas, imagens e representações, e continua a exercer uma influência considerável na contemporaneidade (SAID, 1995, 2005).

A luta pela liberdade e contra a dominação estrangeira é um fator concreto e permanente da tradição histórica dos povos africanos. Idealizada e realizada sob diversas formas confirma a inalienável vocação para determinarem seu próprio destino.

Há uma relação dialética entre consciência, engajamento e luta de libertação. A consciência exerce um papel nas suas relações com os projetos de nação e o povo:

> A expressão viva da nação é a consciência do movimento do conjunto do povo. É a práxis coerente e esclarecida dos homens e das mulheres. A construção coletiva de um destino, a assunção de uma responsabilidade à dimensão da história (FANON, 1979, p. 150-151).

O ano de 1960 – Ano de África, é fértil em exemplos de vitórias e derrotas da luta de libertação do colonialismo e das sequelas da exploração dos africanos e de África. É o ano em que África começa a gritar liberdade e a tornar o movimento nacionalista mais visível aos olhos do mundo.

Num ápice, o mundo via nascer 17 novos países e o mapa de África mudar. Em janeiro Camarões torna-se soberano primeiro, abril foi Togo, em junho a vez de Mali e Madagáscar e assim sucessivamente, mesmo que em muitos casos a influência do colonizador se prolongasse por décadas.

Os anos seguintes continuaram palco de intensa efervescência e segregação no continente africano. Palco minado, cujos cenários se dividem e são ocupados também por

sujeitos e grupos que tiveram a coragem e a audácia de quebrar a parede do silêncio erguida à volta dos povos das colônias e chamar as atenções do mundo para o seu drama.

Drama de uma trama que se dá encoberta por peles e máscaras, através da discussão de como essa opressão (étnico-racial) acontece, os resultados dela e a relação entre o colonizador (branco) e o colonizado (negro), desmistificando o complexo de inferioridade e o fator de dependência do colonizado para que se quebre este círculo vicioso e se perceba um mundo de originalidade e força essencial do africano. Se não houvesse a opressão do colonizador, ou do branco, não haveria a necessidade da máscara (FANON, 1983).

A descolonização em África coincidia com o auge da guerra fria e eclode quando Portugal vivia os impactos do golpe de Estado que depôs o regime ditatorial de Salazar, durante a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974.

As províncias de ultramar contêm do lado Atlântico Guiné e as ilhas de Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e do Índico Moçambique. A partir de setembro de 1973 com a independência da Guiné elas continuam mudando o mapa de África, embora partindo dos mesmos ideais de luta pela libertação, cada uma apropriou-se deles consoante as suas realidades e exigências conjunturais, escrevendo assim sua própria história.

Os processos de independência foram extremamente diversos e englobam uma multiplicidade de grupos étnicos, facções políticas, propostas, estratégias e teorias. Conversaremos em torno de algumas de suas facetas com o intuito de alargar horizontes e sem nenhuma pretensão de esgotar o tema ou concluir eixos temáticos.

Então, há lacunas identificáveis e serão perceptíveis questões que não aparecem ou aparecem de forma superficial. Até porque existem muitas Áfricas e as diversidades e desigualdades persistem, inclusive entre as Áfricas de língua portuguesa.

Por exemplo: história, identidade e cultura africanas e esses fenômenos nos Estados pós-coloniais; a formação e a construção do Estado em África e nas ex-colônias de Portugal; a centralidade do pensamento, a liderança e o legado de Amílcar Cabral; o panorama da situação a partir de Portugal; a luta armada, as guerrilhas e o confronto civil-militar; as articulações políticas e atuação do PAIGC; os resultados e a interrupção das Campanhas de Alfabetização de Adultos; os debates em torno das cartilhas; os organogramas do Comissariado de Estado para Educação e Cultura em Guiné-Bissau e do Ministério da Educação e Cultura de Cabo Verde; a atuação do IDAC; a problemática do

bilinguismo em conflito com a língua crioulo; a separação nacional entre Cabo Verde e Guiné-Bissau seguida pela independência de Cabo Verde; os movimentos para libertação de Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique; os processos para instalação dos primeiros governos nos países recém-independentes; etc.

Tais questões e outras semelhantes compõem as figuras, as imagens e a realidade africana colonizada na qual se inseriram exilados, Elza Freire juntamente com Paulo integram o grupo que vai participar do trabalho de transformação daquela realidade, tendo em vista a construção de outra sociedade.

As figuras do colonizador e do colonizado nos falam de uma realidade, de uma situação humana e de um fenômeno histórico que, torna sem direito de auto definição os colonizados, eles são "perfilados" pelos colonizadores. Não podem, por isso mesmo, nomear-se nem nomear ao mundo que lhes é roubado (MEMMI, 1977).

Realidade é uma palavra sempre presente nas propostas Freirianas e no discurso pedagógico de Amílcar Cabral. Uma inserção como essa, deve, portanto, basear-se na realidade, onde a militância é munição para a luta por coisas práticas: pela educação, pela paz e liberdade, por melhores condições de vida e pelo futuro daqueles países; significa a melhoria concreta na vida das pessoas.

A militância ensina que os problemas pedagógicos são, sobretudo, ideológicos e políticos, por mais que essa constatação possa assustar a educadores que falam em fins abstratos da Educação e sonham com um modelo de ser humano desgarrado das condições concretas em que o ser humano se acha inserido (FREIRE, 1978).

A complexidade entre os sujeitos e o exílio aponta para as ações de militância nas quais, uma parte dos brasileiros se engajou e destaca a diáspora latino-americana causada pelos golpes de Estado.

> A Europa foi o próximo porto da maioria. Diferente do anterior, outras culturas e sociedade, diversificados valores, outros mundos, o Velho Mundo. Mais tarde, a África, outro continente, tão desconhecido e diferente e tão próximo dos brasileiros. Novas descobertas. A perspectiva de volta ia se afastando junto com a América Latina, empalidecendo, sem contorno. A necessidade de se adaptar ao novo país de exílio parecia inadiável. O aprendizado de línguas, a luta pela sobrevivência material como parte do cotidiano. A militância teve que ser reavaliada. Nova fase, outras questões, redefinições. Os exilados se espalhando pelo mundo, por países e continentes. A diáspora (ROLLEMBERG, 1999, p. 87).

Para compreender de que forma essa diáspora influenciou as ações realizadas por exilados e apoiadas por militantes de variadas segmentos bem como o alcance das mesmas, surge em África um mapa que faz emergir tempos e lugares que acolheram grupos tendo em vista a criação, atuação e transformação junto aos povos colonizados.

A militância faz parte das estratégias de sobrevivência, das questões de identidade e, consequentemente da invenção de novas formas de atuação política (TARROW, 2009; ROLLEMBERG, 2007).

Assim, percebe-se que a princípio o repensar de práticas e ideais, sobretudo a mudança de posicionamentos passou a ocorrer gradualmente, na medida em que a integração com outros exilados se intensifica e de modo igual na medida em que ela ao lado de Paulo passam a conhecer outras realidades e a circular pelo mundo, indo das Américas para a Europa e da Europa para a África.

O casal Freire vai se aproximando do pensamento de esquerda na América Latina quando se tornam exilados, são recebidos no Chile como membros da esquerda brasileira, que àquela época de esquerda Elza Freire e Paulo não tinham muita coisa. Passam a observar, a vivenciar, a experienciar, a assistir o que os governos totalitários fazem no Brasil e na América Latina. Passam a conviver e atuar com outros exilados políticos de esquerda e aí estabelecem leituras, discussões e diálogos com as práticas e o pensamento de esquerda latino-americano no Chile, nos Estados Unidos, na Suíça e em África.

Parto do pressuposto de que é atribuída ao exílio uma aproximação não somente ideológica, política, pedagógica ou cultural com África e seus movimentos de luta pela descolonização, há o surgimento de características de grupos que operavam na via de ações coletivas sem serem vinculadas a partidos, instituições, nacionalidades ou apenas a um território. Grupos que por um lado faziam contraponto ao imperialismo instituído se colocando em defesa da liberdade ou que por outro tiveram suas vidas invadidas e atingidas pelo abuso de poder e que ao se posicionar de forma contrária à opressão e violência e que se entrecruzam através da militância em terras estrangeiras.

Esse posicionamento individual e coletivo não desistoriciza o sujeito, ao contrário. Elza Freire e Paulo passam a ser parte desses grupos, é a historicidade à qual eles são submetidos que mostra como são arremessados ao exílio, eles não optam. É a condição de exílio que os torna militantes e, os classifica militantes de esquerda. O casal Freire como

outros que atuaram em África na condição de exilados políticos militantes são considerados de esquerda.

O deslocamento corporal e espacial provocava rupturas e abria conexões de sentido. É o deslocamento da militância que a partir de África passa a ser humanitário. Ele rompe fronteiras com o local, regional e nacional, passa a ser mundial; sai da dimensão do individual para ser universal. O sujeito é o deslocamento.

Os exilados em África foram vistos como representantes das dores vividas pelos povos latino-americanos atingidos pelo autoritarismo de Estado e pelas ditaduras militares e, assim tê-los como interlocutores era fortalecer princípios humanitários, de liberdade, de justiça e de ações em favor de outro mundo possível.

Atuar em África era ser aliado da luta pela descolonização e de todo o ideário que ela significava. Esses tempos e espaços reuniram brasileiros, exilados ou não, pessoas daquelas e de demais partes do mundo, uniram mãos, corações, ações.

África reuniu esperança, utopia e realidade. O que o casal Freire viveu em África foi realidade e não apenas uma esperança ou utopia. O engajamento que os movimentos revolucionários de libertação nacional produziram em Elza Freire e Paulo representou um compasso de espera com sentido diferente, para o casal era poder fazer lá, com adultos analfabetos em português, o que eles tiveram interrompido no Brasil.

É possível fazer tais conjecturas, pois lá foi o ápice do processo de exílio, a partir do golpe de 1964. Enquanto o retorno ao Brasil não se assegurava, e o compasso era de espera o continente africano representava simultaneamente países, povos colonizados e os que lhes davam apoio faziam conhecer ao mundo o campo minado das relações naquelas regiões.

A comoção internacional causada pela ampla discussão e divulgação em torno da situação explosiva que vinha acontecendo nas colônias portuguesas de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique, fortaleceu no período a configuração de redes que se encontravam nos caminhos de luta, resistência e sobrevivência, que eram também caminhos entrecruzados de exílio e militância em África.

Figura 53 – Elza Freire ao lado do militante angolano Pepetela, acompanhados por Paulo e outros camaradas[122]. Lobito, Angola, 1976.
Fonte: Acervo pessoal de Vera Barreto, doado à pesquisadora.

Essa atuação marcou o exílio brasileiro de diversas formas. As influências, consequências e contribuições se mostram notáveis através dos percursos de Elza Freire, Paulo e de outros exilados brasileiros se concentraram após 1974 e onde se localizaram boa parte de suas inserções político-pedagógicas.

> Nos anos 70, trabalharam na África, especialmente nas ex-colônias portuguesas: Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e, mais efetivamente na Guiné-Bissau, assessorando esses países numa ampla campanha de alfabetização (FREIRE, Lutgardes Costa, 2001, p. 342).

A militância em África significou condições e motivações para Elza Freire voltar a exercer publicamente o papel de professora, educadora, pesquisadora, formadora e assessora na área da Educação e retomar seu trabalho profissional.

[122] Denominação entre membros da esquerda. É um tratamento com conotação política utilizado por adeptos de mesma ideologia, sindicatos e militantes de partidos. Originalmente de uso militar, depois da Revolução Russa de 1917, comunistas e socialistas empregaram-no como forma igualitária de tratamento. No texto refere-se ás configurações dos movimentos de libertação das colônias portuguesas em África e que tinham camarada como tratativa entre os que atuavam juntos em torno das questões comuns e mudanças sociais.

Huco Monteiro integrou várias atividades referentes ao período e presta um depoimento[123] emocionado sobre o impacto em longo prazo da colaboração entre exilados e os novos quadros africanos.

> Havia de maneira substantiva exilados brasileiros e latino-americanos que estavam aqui desde o início da independência, a trabalhar conosco e a colaborar em diversos setores porque naqueles momentos primeiros havia um desnível grande de instrução [...] era importante para nós e para eles estarem cá e poderem ajudar a transformar a Guiné-Bissau [...] encontravam não só aquilo que queriam para os seus países – a libertação e, normalmente pela via revolucionária, mas digamos que encontravam também um espaço de transformação que ainda não tinham encontrado no exílio [...] E todos tinham aqui como sua pátria que podiam fazer alguma coisa, diferentemente do exílio na Europa aonde eram mais um, aqui não eram transformadores [...] todos que elegeram a Guiné-Bissau como espaço de liberdade foram abrigados (Huco Monteiro, 2013).

Sem querer generalizar e apenas localizar Guiné-Bissau nestas configurações, pois foram vários os países que deram abrigo a exilados: Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. África era um território que havia muito por se fazer e a libertação pela via da revolução representava um espaço de transformação.

Espaço também de convivência e de sentimentos que se encontraram naqueles anos, os primeiros da independência e os últimos do exílio brasileiro.

> Das conversas que nós tivemos e da vida que nós dividimos, posso dizer que era uma vida muito agregada. Eu senti na vivência com eles, primeiro uma revolta grande contra o imperialismo e aqui nós éramos uma pátria contra o colonialismo, uma revolta grande contra a ditadura, nós aqui não sabíamos o que era ditadura, vivemos depois uma [...] eram contra as ditaduras que se instalaram nos seus respectivos países, e também nessa altura aprendi a conhecer as torturas, os assassinatos, os desparecimentos no Brasil, no Chile e em outros países. [...] mas sempre com aquela esperança e expectativa, de algum dia poderem voltar aos seus países e poderem lutar pela transformação. Eles só estavam aqui por causa da ditadura e do exílio, que os obrigou a fugir ou os expulsou, outros foram presos, alguns viram os familiares assassinados, tiveram que sair por estratégia de sobrevivência, senão iriam perder a vida também [...] muita nostalgia, muita revolta e muito encanto por Guiné-Bissau (Huco Monteiro, 2013).

O exílio tem sido um tema que cresce em importância, seja em razão do momento histórico do Brasil, seja segundo Said (2003) em razão de tantas diásporas produzidas, frutos da violência, das guerras, da incompetência e intransigência de elites nacionais.

[123] Devido à polifonia e variações da língua com citações em crioulo recorri a cabo-verdiana Romilva do Rosário Costa, estudante do Instituto de Estudos Linguísticos – IEL da UNICAMP para colaborar com as transcrições/revisões das entrevistas que realizei em Guiné-Bissau e Cabo Verde e da elaboração do glossário.

Os exilados brasileiros mantinham o estigma do exílio. No entanto, em África, envolvidos pelas configurações de tempos e lugares encontraram a sua própria liberdade na luta pela liberdade do outro.

4.2 – Somos uma só humanidade: os movimentos revolucionários de libertação das colônias portuguesas e os recém-independentes PALOP[124]

Eram tempos da ditadura brasileira e de exílio... eram tempos de revolução para a libertação nacional e reconstrução de países africanos destruídos pelo colonialismo.

A apropriação do termo "revolução" no texto se refere às configurações de luta empreendidas por/para mudanças sociais e destaca a Educação; parte do princípio que somos uma só humanidade cujo entremeio realizado pela Educação busca identificar e aproximar o que nos une e não o que nos separa. O termo adquire força, sobretudo na segunda fase do exílio brasileiro, devido a uma conjuntura histórica de acontecimentos, seja no continente latino-americano ou africano, seja em outros continentes.

O exílio tornou possível lutar em África ao lado dos movimentos anticolonialistas, isso representa que

> A revolução é em si educativa. O camarada Amílcar dizia, "A luta de libertação é um facto cultural e um fator de cultura". [...] Há uma unidade indissolúvel entre a revolução e a educação. Portanto a unidade entre a revolução e a educação é tão grande, que quando citamos a primeira estamos a dizer a segunda e, quando falamos em educação revolucionária logo é a revolução (FREIRE, In: Jornal Nô Pintcha, 1977, p. 05).

É a aproximação da Educação em uma perspectiva Freiriana com a revolução.

Como nas lutas revolucionárias em África "as pessoas em todo o mundo podem ser, e o são, movidas por ideais de justiça e igualdade" (SAID, 2007, p. 29).

É a perspectiva de uma luta que integra outros continentes.

> Não existe uma missão negra; não existe um fardo branco. [...] De modo nenhum devo perder tempo a fazer reviver uma civilização negra injustamente mal conhecida. [...] Não quero cantar o passado em detrimento do meu presente e do meu futuro [...] Quer se queira quer não, o passado não pode, de modo nenhum, guiar-me na atualidade (FANON, 1983, p. 185-187).

[124] O acrónimo PALOP significa Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. É a expressão usada para se fazer referência aos cinco países africanos que foram colônias de Portugal: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique e que obtiveram a independência entre 1973 e 1975.

Por outro lado, Fanon concebe que a história constitui uma espécie de abertura ao futuro e aos povos, evoca a história da independência e recorda a união sagrada da luta de libertação.

A descolonização portuguesa em África ganha impulso a partir da segunda metade da década de 1960, com a divulgação mundial em torno da situação e quando tem início de forma mais ostensiva e violenta os movimentos revolucionários para libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde como parte do Projeto de Unidade Nacional, mas que depois, adquire uma abrangência significativa, alcançando Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

Figura 54 – Cartaz mobilização mundial da luta para a libertação das colônias portuguesas em África. Fundo da descolonização dos PALOP, Acervo da Fundação Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O papel avulso traça um mapa que ilustra de forma concreta

> [...] a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; o colonialismo, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes (SAID, 2005, p. 40).

Ele estampa não apenas espaços de acumulação e aquisição: “ambos são sustentados e talvez impedidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação” (SAID, 2005, p. 40), mas também marcas de lutas pela libertação e denúncias feitas a partir de um mapa de violência.

A violência que o colonizador impõe ao colonizado, um dia, se volta contra ele. Esta violência irreprimível do colonizado que se revolta, não é uma tempestade absurda, nem a ressurreição de instintos selvagens, nem mesmo um efeito do ressentimento; é através dela que o colonizado redescobre a sua humanidade (FANON, 1979).

A colonização é uma forma de opressão. E a prática da liberdade só encontra expressão numa Educação em que o oprimido tenha condições de reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito da sua própria destinação histórica. A violência dos opressores, que os faz também desumanizados leva os oprimidos a lutar contra quem os fez sentir menos. A luta pela humanização só tem sentido quando os oprimidos ao buscarem sua liberdade e humanidade, que é uma forma de criá-la, conseguem libertar-se a si e aos opressores, é um processo mediatizado pelo mundo (FREIRE, 1972).

Certos humanismos denunciam desumanidades. Há autores, pensadores e poetas que não dissimulam tal realidade, alguns sobressalentes na discussão anticolonialista pela qual enveredo: Fanon, Cabral, Davidson, Memmi, Pepetela, Freire, Said, Galeano, Neruda.

O processo de independência adquire legitimidade, mas qualquer veleidade de se proceder a reformas sociais seria denunciada ao mundo como comunismo ou movimentos de esquerda. Assim, os primeiros governos africanos ascendiam ao poder sem as possibilidades de proceder às reformas que os legitimariam frente à população. Ao tentar responder aos imensos anseios de educação, saúde, emprego, redistribuição de renda, teriam de mobilizar a comunidade – local e internacional para a formação de um novo Estado e delimitar os interesses coloniais que permaneciam ativos. Os que apresentaram propostas de descolonização efetiva, com transformações sociais, foram sistematicamente assassinados. A imensa oportunidade de proceder às reformas sociais, que poderiam surgir com a força mobilizadora da independência se misturou a uma série de elementos para os quais nenhuma proposta existe, por mais fundamentada em termos técnicos e estruturais que seja. Não há como substituir ou reproduzir fórmulas em uma cultura tão ampla e

dilacerada, de múltiplas facetas e etnias, era preciso a capacidade de entender, ouvir, de sempre aprender e, sobretudo de se interessar e se comprometer.

Tornados independentes e com um rumo próprio, cada país segue nas órbitas de influência geopolítica de conveniência e interesses, tendo em conta suas potencialidades econômicas e estratégias, suas redes relacionais e políticas. A exclusão social, a miséria e a violência marcam ainda o panorama dos PALOP.

Basil Davidson (1975; 1977; 1979) considerava as nações independentes como uma espécie de evolução necessária para uma história africana que recupera o comando de si mesma e pode, portanto, no devido tempo e com empenho avançar na direção de uma sociedade plenamente pós-colonial.

A partir de 1973 com Guiné – a primeira colônia portuguesa em África a conseguir oficializar sua independência, com isso as redes como as dos exilados latino-americanos surgiram ou se fortaleceram.

Diversos exilados brasileiros fizeram parte dessa rede, através do envolvimento com os movimentos revolucionários e a implantação dos primeiros governos de independência, integrando os quadros de camaradas que passaram a atuar nos PALOP.

A descolonização de África de modo geral e, das colônias portuguesas em particular e o processo de reconstrução dos países recém-independentes criou também um amplo campo de atuação profissional para os exilados.

Por exemplo, o convite oficial do governo da Guiné-Bissau, através do Comissariado de Educação e Cultura feito ao Departamento de Educação do CMI e ao IDAC para que Paulo e sua equipe que contava com Elza Freire fossem contribuir no campo da Educação e, em particular no da Alfabetização de Adultos.

De lá, eles estendem seu trabalho aos PALOP.

Figura 55 – Mapa com a circulação de Elza Freire e Paulo no exílio a partir das inserções político-pedagógicas em África[125] (PALOP), elaborado pela pesquisadora como processo/resultado de pesquisa.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Outro exemplo, os Programas das Nações Unidas que viabilizaram a ida de outros exilados brasileiros para lá, integrados a projetos educacionais, sociais, econômicos, etc.

> Seriam quatro anos de África, descobrindo outras culturas, outros valores, uma riqueza de relações que não havíamos conhecido ainda. [...] Tornei-me coordenador técnico do ministério do planejamento ao lado de Vasco Cabral. [...] Foram anos apaixonantes, e cada coisa que dava certo trazia imensa felicidade de ver algo concreto funcionando. [...] eu era apresentado assim: esta é a pessoa que recusou a vir trabalhar conosco [ONU – EUA] porque tinha um compromisso em Bissau. Os sorrisos respeitosos deixavam claro que me achavam um caso curioso. [...] No fim de quatro anos tinha perdido boa parte do fígado com hepatite, boa parte da audição com cloroquina para combater os ataques de malária e vários amigos com o golpe de Estado (DOWBOR, Ladislau, 2000, p. 37-40).

Ladislau Dowbor utiliza a própria vivência para compreender as realidades que constituíram os primeiros tempos das ex-colônias portuguesas. Fátima Freire também interpreta de frente aqueles dias:

[125] A elaboração do mapa representa o entrecruzamento de fontes e integra projeto para pesquisa de campo. Há referências também em: FREIRE (1978); FREIRE (1992); FREIRE (1997); FREIRE & GUIMARÃES (2003). FREIRE & FAUNDEZ (2002); FREIRE & DONALDO (1990).

> [...] Foi uma das épocas mais felizes da minha vida... Guiné me toca [...] Eu fui pra Guiné, sozinha, peguei meu filho [Alexandre] pela mão e fui [...] O pai tinha uma relação com Vasco Cabral que naquele tempo era ministro da economia de Portugal e, Ladislau [Dowbor] também da economia, aí o pai apresentou os dois [...] daí a forte possibilidade de Ladislau ir para Guiné-Bissau por intermédio do Vasco Cabral [...] Mas eu fui sozinha, sem ninguém, ele ficou ainda em Portugal e eu já em Bissau, cada um morando em países diferentes, mas juntos [...] E quando eu cheguei a cidade toda sabia que a filha de Paulo Freire e de Elza Freire tinha chegado [...] e mais ainda o Liceu em que fui dar aula, eu dava aula de filosofia e psicologia [...] começa o meu grande desafio porque eu nunca tinha dado aula, quer dizer anos de estudo, de conhecimento, de cursos, mas nenhuma prática [...] eles não acreditavam quando eu dizia que não sabia dar aula, que não tinha experiência, eles começaram a duvidar da minha origem, como é possível, justamente porque sou filha deles , não tem prova maior [...] Ao cabo de oito meses saiu o contrato com as Nações Unidas, então Ladislau vem de Lisboa e ficou sendo assessor do Vasco Cabral em Bissau (Fátima Freire Dowbor, 2013).

O sentido de felicidade que permeia a família Freire. Há o significado do retorno de Elza Freire para seu mundo profissional, a retomada de seu campo de atuação na Educação.

> Depois do Brasil, que eu me lembre de ver que a mãe voltou a atuar como educadora foi em África [...] No Chile e nos Estados Unidos ela foi dona de casa, mãe e esposa, veja bem [...] as influências e contribuições que minha mãe realizou para o trabalho do meu pai nessa época e que ficaram na minha memória foram muito emocionais. Óbvio que seguramente existiram contribuições pedagógicas, já que ela era uma grande educadora, contudo essas se deram no campo da invisibilidade, mesmo assim considero que as maiores contribuições da minha mãe para o meu pai foram de suporte humano. [...] Durante o período de Genebra, posso dizer que percebi minha mãe contribuindo muito para as atividades do meu pai, a partir do momento em que passou a viajar com ele para a África, especificamente Guiné-Bissau e Cabo Verde, para o trabalho de alfabetização de adultos [...] no exílio isso ainda não tinha aparecido, permanecia dentro dela, embora ela sempre existisse intelectualmente e pedagogicamente, ela sempre existiu, desde o início (Fátima Freire Dowbor, 2010, 2013).

E Lutgardes enfatiza bem:

> De Genebra a minha mãe começa a viajar e a trabalhar com o meu pai em África [...] porque a minha mãe tinha uma capacidade fantástica de escolher palavras geradoras, ela escolhia as palavras mais significantes, as mais importantes [...] então, ela tinha uma capacidade muito aguçada de trabalhar junto ao meu pai. [...] quer dizer ele precisava muito da presença dela [...] quer dizer, em grande parte, o trabalho de alfabetização na África foi feito com essa capacidade pedagógica da minha mãe (Lutgardes Costa Freire, 2008).

Mas a realidade africana a conduz refletir:

> Nesses últimos anos vivi uma retomada de trabalho que para mim tem sido interessante. Refiro-me ao trabalho de alfabetização em países africanos, uma outra realidade. Já posso comparar com o que fizemos no Brasil (FREIRE, Elza, 1980, p. 205).

Deixar o Brasil, renunciar a uma carreira profissional, transformar-se em dona de casa, mãe e esposa de Paulo é parte dos percursos de Elza Freire no exílio, é a dimensão das experiências que estava posta, pois antes ambos trabalhavam.

> A mãe era, naquela ocasião, professora primária e, depois, diretora escolar; o pai, professor de português no Colégio Osvaldo Cruz, assumindo mais tarde a direção do setor de Educação do Sesi [...] Aproximamo-nos do ano de 1957 e tentarei resumir os fatos que marcaram a vida de nossos pais e nossa convivência com eles até 1964. Desse período, lembro-me que ele tinha muitas reuniões à noite, às quais minha mãe participava e levaram-nos em algumas delas [...] foi a partir de então que fui percebendo que meus pais faziam um trabalho diferente e que minha mãe ajudava seu marido. Fator de orgulho para mim, pois as mães de minhas amigas sequer trabalhavam! (HEINIGER, Cristina Freire, 2001, p. LXXVIII-LXXIX).

Surgem paradoxos. Elza Freire e Paulo no Brasil tinham suas carreiras profissionais, eram um homem e uma mulher, atuando juntos e separados, as evidências das fontes apontam que o profissional de carreira no magistério do casal era Elza. Ela era tão forte, definida e marcante que foi capaz de mudar a área de atuação profissional de Paulo, que abandonou o Direito e firmou-se na Educação. E Elza passou a atuar nas escolas e em outras estâncias e concomitante com Paulo nos projetos de Educação Popular que ele realizava. Entretanto, o casal tem percursos e espaços de atuação profissionais definidos e, em alguns eles se ajudam, a sensação é que Paulo precisa, busca e se apoia muito mais em Elza do que ela nele. Ela vai ajudá-lo.

> Minha paixão por ter uma escola e ser diretora pedagógica veio literalmente da minha mãe. Ela me deixou o gosto pela escola e me ensinou a amar o espaço escolar, pois sempre me levava com ela na escola aonde ela era diretora. [...] Fui muito marcada em toda a minha infância por um cotidiano de uma mãe batalhadora e trabalhadora [...] que acordava cedo para deixar tudo encaminhado em casa para depois ir para o trabalho, ir para a escola. [...] e a noite ainda ajudava o pai em tudo o que ele fazia, ela sempre estava colaborando nas coisas dele, no trabalho dele [...] ela era responsável em grande parte pelas experiências que eles vinham fazendo com os adultos analfabetos, que começaram na paróquia onde morávamos e depois chegou em Angicos, em Brasília e no mundo [....] a minha mãe foi a parte mais importante no trabalho do meu pai (Fátima Freire Dowbor, 2010).

No exílio, Paulo continua construindo seu percurso profissional com a ajuda de Elza Freire. Na eminência da desestruturação e desintegração familiar entremeada pela condição do exílio, ela abandona sua carreira para ser mãe, dona de casa e esposa.

> No exílio a vida familiar mudou. Tínhamos muito mais a presença da mãe, porque no Brasil ela saía de casa às sete e meia, deixava o almoço feito e a gente só se via de tarde. O exílio serviu pra gente se fortalecer mais entre todos porque no fundo foi uma ruptura com todo um estilo de vida (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p.106).

Sobrevém, para Débora Mazza (2013) que é paradoxal: o que profissionalmente eram os dois no Brasil e passam a ser no exílio.

É em África que o casal Freire vai viver os últimos anos do exílio, mas é lá justamente que eles vão entrar em contato com o pensamento de esquerda anticolonialista e a militância propriamente revolucionária e libertária, é nos PALOP, embora esse processo tenha tido início quando eles passam a viver na condição de exilados.

África como Elza Freire desdobram-se em memórias vividas, contadas e lidas. As palavras fazem a tessitura de tempos, lugares, experiências:

> Trabajamos juntos em África [...]. Ahi descubri a la profesora Elsa; quien enseñaba a aquellos africanos el camino para encontrar las palavras generadoras, los temas generadores a partir del universo vocabular cuando ella los enseñaba yo tambien aprendia. Con ella, tambien, discutíamos y analizabamos la politica nacional, la economia del pais, la belleza y el dolor de África (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

A citação dá visibilidade a aspectos da realidade, torna possível textos que retomam o passado e representam esforços em materializar os vestígios dos sujeitos, re-significam descobertas que possibilitam outros sentidos.

A família Freire mais uma vez chama a atenção e agora distante dos cenários do Brasil da década de 1960. Eles ocupam e criam pelo exílio outros cenários aonde se destacam suas ações e as configurações nas quais se inserem.

As dinâmicas de circulação durante o exílio é que combinam os movimentos de inserção em África. Elas provocam o alargamento dos espaços de vida dos indivíduos, com possibilidades de mobilidades simultâneas, pendulares e circulares, com temporalidades diferentes considerando as atividades realizadas no espaço.

Os espaços de circulação, nesta perspectiva, não são apenas os lugares de origem, de passagens ou de permanência. Eles são lugares de relação, de construção de sentidos, portanto, espaços de vida que afetam crianças, jovens, adultos e velhos; homens e mulheres, países desenvolvidos e países em desenvolvimento. (COURGEAU, 1988).

Os exílios de Elza Freire e sua família e os movimentos de circulação deles é que denominei de Diáspora Freiriana. Isso faz entender como o casal Freire e depois a filha Fátima, se estabelecessem em África.

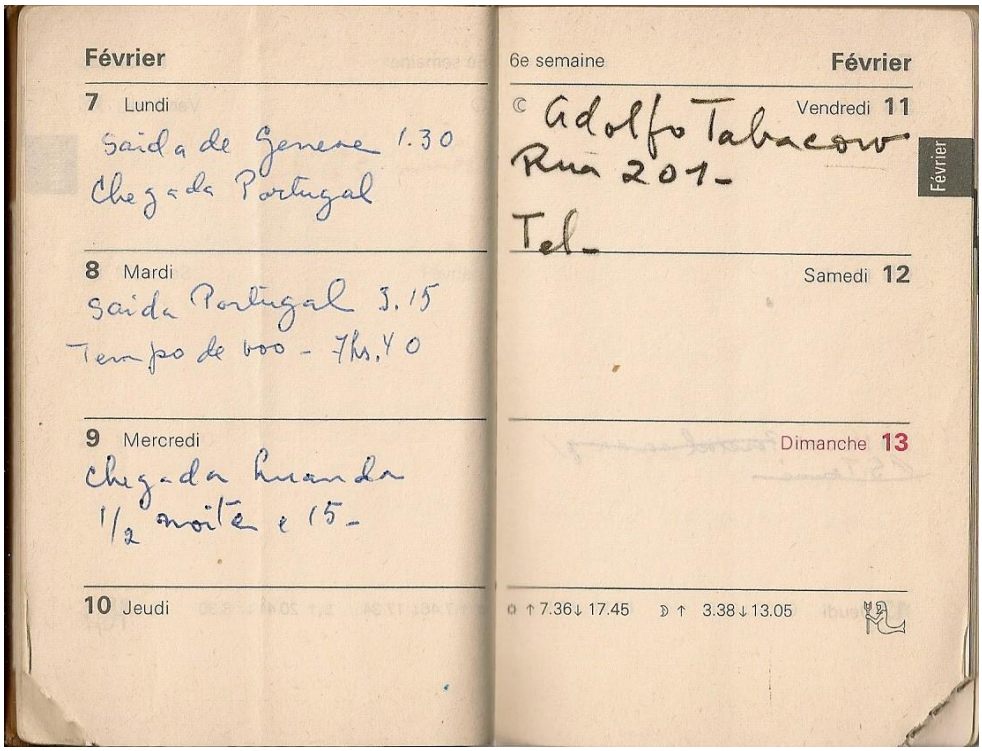


Figura 56 – Fragmento de agenda (Ano 1977) de Elza Freire com registros de circulações pelos PALOP e da Diáspora Freiriana, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

É um elemento a se considerar e que se reforça, pois muitos brasileiros exilados influenciaram outros e ambos se familiarizaram com as experiências diversificadas e revolucionárias geradas a partir das circulações e inserções nos PALOP.

> [...] aí entra meu pai [Paulo Freire] e minha mãe [Elza Freire], os dois, porque para eles Guiné era sagrado, eles faziam escala em Lisboa, tanto indo ou vindo, eles ficavam comigo em casa, um ou dois dias e depois voltavam para Genebra. E todas as vezes que chegavam, eles falavam do trabalho e das coisas lá: você tem que ir para África, África é Brasil, se você está querendo voltar, sair, vá para a África, lá é Brasil, você tem que conhecer Guiné-Bissau. Então, aí eu fui embora (Fátima Freire Dowbor, 2013).

Nota-se que o encontro com as realidades africanas fez com que os últimos anos de exílio, fossem igualmente de transição para a grande parte dos brasileiros.

> [...] Deixa eu te dizer que nunca estive tão feliz na minha vida como aqui. Bissau é uma cidade do interior do nordeste brasileiro. Realmente me sinto em casa, é como se estivesse de volta de uma longa e complicada viagem e finalmente a tranquilidade, a beleza do contato humano puro e direto, enfim, é como se estivesse invadida inteira por uma alegria de viver que não consigo curtir sozinha, tenho que reparti-la com os outros. Trabalho que nem louca [...] Desde que botei os pés nesta cidade [Bissau] sou totalmente receptiva para tudo o que se passa, pronta para ajudar a quem precisa. [...] Uma coisa te digo: não quero mais viver na Europa, depois que conheço a África. Não saio daqui enquanto não mudar a situação no Brasil (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 110).

Anos que representaram o início do retorno, lento, gradual e seguro para o Brasil.

Se assim é, são anos em que se transcorreram movimentos que podem reivindicar, para além do lugar que já têm assegurado na história africana, um lugar de destaque na história brasileira, pois nesse caso demonstram, juntamente com suas particularidades próprias, a aproximação e a inserção de exilados brasileiros em vastos movimentos de transformação cuja comparabilidade com outros movimentos mundiais está fora de questão.

Dessa forma, é minha hipótese que o exílio leva em particular a adesão de Elza Freire e Paulo à luta libertária e anticolonialista em África através da inserção nos PALOP tornando-os integrantes de grupos revolucionários, que foi capaz de expandir o alcance da práxis do casal, fortalecer o caráter humanista das experiências político-pedagógicas e provocar aberturas nas propostas realizadas e pensadas por eles. Em África surgem os camaradas Elza Freire e Paulo.

Camaradas cujo esforço de enfrentar as adversidades das mais variadas naturezas e percorrer as aldeias africanas se demonstra no trabalho e na luta que constitui colaboração para a libertação de um ser humano e de um país.

> Elsa sufria de las piernas con el calor. Casi siempre que llegaraa África sus piernas se le hinchaban mucho y no podia caminar; sin embargo nunca dejo de ir a las aldeas del paises, y nunca dejo de sonrrir a pesar del dolor que eso le provocaba, ella estaba convencida de la lucha, del esfuerzo, que implica la liberacion de un ser humano y un pais (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

O que proponho pode sustentar a participação deles numa espécie de legado para a humanidade através do que transmitiram e do exemplo que representam. E até talvez uma perspectiva de pensar o ensinar e aprender, pensar suas relações e de praticar uma Educação sob as propostas e princípios não somente de Elza Freire, mas nas quais ela se inscreve ao lado de Paulo e um conjunto de interlocutores ali igualmente inscritos. É o que já nomeei Pedagogia da Convivência (SPIGOLON, 2009).

É possível mirar nuances desse processo, ao volver que

> Cuando vi a Elsa por primera vez me dejo una impresion que nunca he olvidado. [...] Elsa hablo de Paulo, de Brasil, de África, de la lucha necessaria para liberar a los seres humanos de un estado de injusticia, hablo de la musica y la comida [...] Elsa ademas se conjugaba con quien habia conocido la experiencia de la dominacion y el estado permanente de lucha y conflicto, para superala (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

Seguir sob o olhar de Paulo que

> [...] cuando él se referia a ella, hacia una pausa al hablar y sus ojos tomaban la dimension del amor; lo que Paulo hablaba de ella dejaba ver que Elsa no era solamente la esposa, la madre de los hijos, la amante, sino tambien y con mucho enfasis la compañera de lucha, la compañera comprometida con el trabajo libertador (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

Ver-se no trabalho libertador que ainda vive e

> Hoje mais do que nunca, tenho certeza que ambos não me deixaram apenas quatro maravilhosos irmãos, mas também inúmeros irmãos e irmãs, que abraçaram amorosamente a causa que sempre defenderam, pelo mundo inteiro, na África, no Brasil, no Chile, nos Estados Unidos e, em tantos outros países, onde a luta pela liberdade se faz presente assim como o gosto de lutar por um mundo menos feio, menos injusto, mais humano, e por que não dizer, mais amoroso (FREIRE, Lutgardes Costa, 2001, p. 342).

As palavras de Arturo e Lutgardes refletem um enorme sentimento de solidariedade humana e de sonho por um mundo menos desigual fecundado a partir do Recife, gestado pelo exílio e partejado com a luta e o trabalho de Elza Freire e Paulo ao lado de todos que com eles seguiram e seguem lutando e trabalhando, mas que certamente só se tornou possível inicialmente pelo amor entre os dois e o compromisso às causas que defendiam.

Elza Freire e Paulo não restringiram o seu convívio social à família nuclear e às relações funcionais e organizacionais da profissão. Eles exercitaram uma vida familiar menos consanguínea e mais extensiva, abrindo suas vidas e casas para arranjos outros de convivência e outras experiências de humanidade.

A vida pode ser mais feliz quando partilhamos dimensões possíveis, sensíveis e até desconhecidas da convivência em sua vivência plena de humanidade.

A opção por África e, em especial pelos PALOP, representou uma oportunidade de reconstrução de projetos de vida para os exilados brasileiros.

A geração da utopia é o retrato sofrido daqueles que sonharam edificar a epopeia das lutas pela independência, mas que logo se frustraram com as guerras civis que a sucedeu, das glórias e das sombras que marcaram esses longos anos de permanente conflito e descontentamento e da indiferença que insidiosamente se tornaram o estigma de tantos desses homens e mulheres que fizeram, apesar de tudo, um país novo (PEPETELA, 1997).

Cada um deles, tal como eu, a seu modo e instância inclinou-se para África... e eles e eu, cada um de nós, com intensidade e razões temporais diversas.

Utopias que servem de *leitmotiv* a este encontro... em que africanos e brasileiros de várias gerações e de diferentes horizontes se juntam para interpelar o passado, questionar o

presente e interrogar o futuro da humanidade em geral, e de África e do Brasil em particular, ante os complexos desafios da realidade e na necessidade da luta libertária em comum, da vontade própria relacionada a si e ao outro e equacionada no ensinar e aprender, no simples valor de cada ser humano.

4.3 – O projeto de Unidade Nacional: Guiné-Bissau e Cabo Verde e as experiências no campo da Educação em geral e, particularmente, no da Educação de Adultos

No decurso da segunda metade do século XX, os povos de Guiné "portuguesa" e das Ilhas de Cabo Verde foram submetidos à violenta exploração do homem pelo homem, se tornaram objeto de opressão nacional, social e cultural e como as demais colônias portuguesas em África viveram a situação de repressão militar, policial, governamental.

O tema central aqui é a democracia, seguido pela questão nacional que, embora entendida como movimento nativista e necessário em resposta ao processo colonial, passa pelo crivo da crítica, em que autores como Frantz Fanon, Albert Memmi, Edward Said, Amílcar Cabral, Carlos Lopes, Lopes Filho e José Vicente Lopes dentre outros, são invocados no sentido de apontar os riscos de uma consciência nacional despreparada ou ainda desvirtuada após as lutas de independência e libertação. A noção de libertação supõe que em suas várias disputas, é preciso defender "o imperativo teórico contra as imensas acumulações de poder e capital que tanto desfiguram a vida humana" (SAID, 2007, p. 171).

Portugal foi o último país colonial a reconhecer o direito à independência de suas colônias em África. Dos cinco países africanos dominados pelos portugueses, em três houve luta armada: Angola, Moçambique e Guiné- Bissau. No caso de Cabo Verde em particular, houve contestação política ao regime colonial, e muitos cabo-verdianos partiram para a Guiné lutar contra o regime português (ÉVORA, 2004; LOPES, 2002).

Em setembro de 1956, com o apoio de diversos camaradas, Amílcar Cabral fundou o PAIGC que representou a consolidação dos movimentos unificados de uma árdua luta clandestina e um marco na história do movimento nacionalista nas colônias portuguesas. Com isso, ele denunciou formalmente o colonialismo português e tornou o movimento nacionalista mais visível aos olhos do mundo. O que se passou em seguida associou seu nome aos de Che Guevara, do general Nguyen Giap, sem falar em Fanon, Nasser, Lumumba e Nkrumah (LOPES, 2005; 2012).

Figura 57 – Registro do trabalho do PAIGC nas zonas libertadas na Guiné-Bissau. Fundo do PAIGC, arquivos com fotos, papéis e documentos, acervo da Fundação Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Por detrás deste povo em luta, um partido – o PAIGC. Por detrás deste partido, no princípio, um pequeno grupo, dentre os quais Amílcar Cabral. Este povo, este partido, este homem, que acabaram por se confundir, queriam dar origem a uma realidade nova – a Guiné-Bissau e a Cabo Verde, livres e independentes.

Cabral compreendeu que os fundamentos da luta pela independência nacional eram políticos e, portanto, a vitória só seria possível se os movimentos de libertação conseguissem primeiro articular posições políticas. Ele desenvolveu o conceito de que a luta pela libertação era um ato cultural e ao fazê-lo lançou o PAIGC numa série de inovações que deram à luta de independência renome e crédito por ser um elemento central na queda do regime fascista em Portugal em 1974.

Cabral, porém, já não estava vivo quando se tornou realidade em setembro de 1973 seu sonho de proclamar unilateralmente a independência de Guiné, foi assassinado por agentes portugueses da Polícia Internacional de Defesa do Estado – PIDE, em 20 de janeiro de 1973 em Guiné-Conacry.

> Eu jurei a mim mesmo que tenho que dar toda a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que posso ter como homem até ao dia em que morrer ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo Verde. Ao serviço da causa da humanidade, para dar a minha contribuição, na medida do possível, para a vida do homem se tornar melhor no mundo. Este é que é o meu trabalho (Amílcar Cabral, in Seminário de Quadros do PAIGC, 1969).

O PAIGC tinha como objetivos: "1 – Independência imediata e total na Guiné e em Cabo-Verde; 2 – Unidade da Nação na Guiné e em Cabo Verde; 3 – Unidade dos povos da Guiné e de Cabo Verde; 4 – Unidade Africana; 5 – Regime democrático, anti-colonialista e anti-imperialista; 6 – Independência econômica, estruturação da economia e desenvolvimento da produção; 7 – Justiça e progresso para todos; 8 – Defesa nacional eficaz e ligada ao povo; 9 – Política internacional própria, no interesse da Nação, da África, da paz e do progresso da humanidade" (Programa do PAIGC).

E como princípios do partido e prática política o lema era: "Unidade e Luta[126]" (CABRAL, 1976, p. 117-129).

O projeto de Unidade Nacional integra a luta de libertação a favor da independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, ocorrida no território guineense e, que se distinguiu da luta nos demais PALOP, pois, resultou de um processo único, liderado por um partido binacional, o PAIGC que, como seu próprio nome indica, considerou tanto o continente quanto o arquipélago, porque sofriam o mesmo domínio colonial. O PAIGC foi a força política fundamental que, quer por meios diplomáticos, quer pela luta armada, conquista a independência e a emancipação política dos dois países: Guiné e Cabo Verde.

As diferenças sociais, culturais e outras ligadas à formação étnica eram de tal forma significativas que, aliadas aos ressentimentos seculares dos guineenses em relação aos cabo-verdianos e vice-versa, inviabilizaram a continuidade projetos dessa natureza[127].

Aos vinte e quatro dias de setembro de 1973 se declara a independência de Guiné-Bissau. Em outubro, a ONU reconheceu Guiné como país independente e decidiu que Portugal deveria retirar seu contingente militar e governamental daquele território.

---

[126] De acordo com Amílcar Cabral "Unidade" é que qualquer que sejam as diferenças que existem, é preciso ser um só, um conjunto, para realizar dado objetivo; unidade é tomada no sentido dinâmico, do movimento e "Luta" é condição normal de todos os seres no mundo, é força que se opôs à força do colonialismo, mas também em relação a nós mesmos. Unidade para lutar contra os colonialistas e luta para realizar a unidade.

[127] Para aprofundar a temática sugiro, por exemplo: ÉVORA (2004); LOPES (2002); LOPES (2005, 2012); LOPES FILHO (2007, 2013); FURTADO (1997); TOLENTINO (2005); CARDOSO (1993); NDJAI (2013).

Portugal, por sua vez, se negava a admitir esse fato e, finalmente em agosto de 1974, por meio de acordos, Portugal reconheceu a independência de Guiné-Bissau e garantiu o direito de independência das Ilhas de Cabo Verde.

A renitência portuguesa em relação a Cabo Verde deixou a situação indefinida até meados de 1974, quando foi nomeado um governo de transição, metade constituído por ministros nomeados por Portugal e a outra indicada pelo PAIGC. A cinco de julho de 1975, proclamou-se a independência do país. Aristides Pereira tornou-se o primeiro presidente da República de Cabo Verde, cargo que manteve até 1991.

O golpe de Estado em 14 de novembro de 1980 liderado por João Bernardo "Nino" Vieira – dá início a uma série de golpes cujo último foi em abril de 2012, depõe o primeiro presidente de Guiné-Bissau, Luís Cabral. A constituição e a Assembleia Nacional são suspensas, há a ruptura entre Guiné e Cabo Verde e as duas divisões nacionais do PAIGC se separam do ramo cabo-verdiano, mudando seu nome para Partido Africano pela Independência de Cabo Verde – PAICV. Ao longo dos anos, a situação continua instável entre os dois países.

Tcherno Ndjai (2013) propõe uma releitura dos processos de independência que conduziram ao fim do colonialismo em Guiné-Bissau e Cabo Verde e das ideias de libertação defendidas por Cabral, ao fazê-la aponta o que considera contradições. Ao lado de Amílcar Cabral o autor depôs sobre o modelo de Educação praticado nas áreas ocupadas pelos portugueses, na Comissão de Descolonização da ONU, no Palácio do Povo, em Conacry, em 1972.

A independência desses países foi precedida por séculos de colonização, alterar tal realidade ressalta de igual modo na transformação da Educação herdada do colonialismo português. Assim, ocorre de um lado a instalação dos primeiros governos dos países recém-independentes e de outro o envolvimento de diversos grupos nesses processos, que veio constituir uma etapa importante em direção a perspectivas político-pedagógicas que a partir de África passariam a percorrer o mundo.

Mário Cabral, Comissário do Estado para Educação e Cultura do primeiro governo independente de Guiné-Bissau traduz este momento:

> Eu vou relembrando Paulo e Elza, o casal e coisas que tiveram um impacto muito grande na minha existência pessoal, mas também na própria sociedade guineense, porque em 1976 quando eles vieram cá a primeira vez, havia dois anos praticamente que tínhamos conseguido a libertação total do país [...] estávamos a

> viver uma época de intensa atividade política de instauração da república [...] Começamos a criar nas zonas que foram se libertando escolas, hospitais, internatos, a escola piloto [...] Então, nessa luta, chegamos a estatística oficial de 99,7 % de analfabetos, não tínhamos professores qualificados e eu fui mandado para a Educação Nacional [...] Fizemos pesquisas e vimos que havia um tal de Paulo Freire que era um pedagogo de renome internacional. Eu topei escrever a ele que se disponibilizou a vir participar, assim nós recebemos o apoio dele e de Elza, da equipe do IDAC e do CMI [...] o certo é que conseguimos instalar uma dinâmica que deu como resultado a criação do Conselho Nacional da Alfabetização e de lá as campanhas de alfabetização de adultos [...] E através da Guiné eles tiveram a possibilidade de trabalhar também em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola, diríamos nos PALOP [...] Agora fico lembrando o humanismo de Paulo e Elza, eles não eram indiferentes ao nosso país e ao nosso povo, porque eles poderiam ter vindo para trabalhar com a educação e mais nada, mas não, eles viviam a vida da gente, e com isso conquistaram muitos corações (Mário Cabral, 2013).

É a origem do projeto que põem juntos, de um lado, o Comissário de Educação da Guiné-Bissau e, de outro a Commission on Churchers' Participation in Development, que o financia, o Instituto de Ação Cultural – IDAC e o Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Daí se expressa o diálogo estabelecido com os nacionais independentes: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe, que resultou dentre outros da utilização dos métodos de trabalho do casal Freire no sentido subsequente dos princípios Freirianos e das dinâmicas de ensino-aprendizagem de Elza Freire.

Naqueles países a dimensão de humanidade que se despontava no horizonte, a cultura e a luta social tornam-se referências e "a educação é identificada como recurso que proporciona reflexões entre teoria e prática e permite intervir na realidade aonde se insere" (SPIGOLON, 2012, p. 171). Quando fui perscrutá-la percebo que o trabalho realizado pelo casal Freire vai além do sentido de humanidade que conferimos a eles hoje.

As configurações dos PALOP e do Projeto de Unidade Nacional marcam o trabalho de Elza Freire e Paulo durante o exílio e, é por elas que acontecem as inserções político-pedagógicas do casal em África.

É por elas que continuam a se abrir o desconhecido de povos e países, que estendem novos olhares sobre a realidade pós-colonialista.

Por conseguinte,

> Elza [Freire] educadora política do Brasil e da África, se caracterizará mais tarde pela aguçada sensibilidade e intuição que lhe possibilitaram estar sempre atenta às necessidades, interesses e motivação dos educandos. O seu gosto pela alfabetização e, em especial pela popular a fará uma educadora apaixonada pelo seu fazer teórico-prático e pelos educandos – objeto de sua ação e sujeitos da própria aprendizagem. Paixão que a identifica e a une às classes populares e permite que comungue de seus sofrimentos tanto quanto do seu esforço pela

> libertação. A profunda coerência do seu trabalho de educadora e da sua própria existência permite-lhe ter a dimensão da liberdade dos educandos e da sua mesma, enquanto intelectual e o estreito limite da sua autoridade. Conhecia como ninguém a tênue linha que separa a liberdade da licenciosidade e a autoridade do autoritarismo (Itamar Mendes da Silva, in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Os depoimentos conjugam-se a realidades, identidades e culturas e mantém o foco em Elza Freire. Isso faz as palavras ganharem uma dimensão não cronológica, mas estabelece relações entre as variações de tempo e lugar:

> Foi sempre nessa perspectiva que atuou como professora alfabetizadora na periferia do Recife e posteriormente como diretora de escola pública ou como pesquisadora do IDAC onde se notabilizou pela sensibilidade e exatidão linguística realizando o estudo preliminar da realidade para o levantamento de temas geradores. No Recife, na Guiné-Bissau, em Cabo-Verde ou em [Angola e] São Tomé e Príncipe é a mesma Elza, educadora política, que, junto com seu companheiro e esposo Paulo Freire, assessora e faz junto com os movimentos de alfabetização um novo tipo de possibilidade de educação das classes oprimidas (Itamar Mendes da Silva, in SANTIAGO, 1987, Anexo).

Estabelece ainda o encontro com a inevitável comparação:

> Eu e Elza, a minha mulher, estamos trabalhando com os educadores nacionais desses países. Na mesma perspectiva, na mesma linha de pensamento. Sem pensar ir para lá como invasores. Ir para lá aprender, discutir. E isso nos dá alegria. De aprender muito nessas experiências e de poder ensinar algo, baseado na prática anterior que tivemos (FREIRE, In: Jornal Nô Pintcha, 1976, p. 4-5).

Com base nessas experiências, o casal vai militar, politica e pedagogicamente, nos trabalhos de Alfabetização com Adultos e nos diversos projetos de reconstrução nacional.

A inserção deles naqueles países e nos movimentos revolucionários faz repensar o que é ser brasileiro e deixa emergir outra noção do que é ser africano, "que não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico" (BHABHA, 1998, p. 206), que diz respeito somente à história da libertação nacional, mas aos sentidos que se podem conferir a essa experiência factual, tomada em toda a sua dimensão coletiva, individual, material e simbólica.

O passado e o futuro, o antigo e o novo, o presente e a continuidade. Na memória de cada um, tudo isto mobilizado para a realização de trabalhos e projetos em comum.

Projetos nos quais fizeram parte campanhas, cadernos e manuais de Alfabetização para Adultos elaborados por Elza Freire, Paulo, equipes de trabalho, cuja composição diversificada mantinha desde integrantes do IDAC até militantes e camaradas. Estes materiais refletem por um lado o que vinha sendo discutido e produzido e, por outro as experiências realizadas a partir de então com suas intervenções, reflexões e análises sociais.

Os princípios educativos que nortearam o trabalho de Elza Freire e Paulo em África perpassaram os de Amílcar Cabral e os do PAIGC.

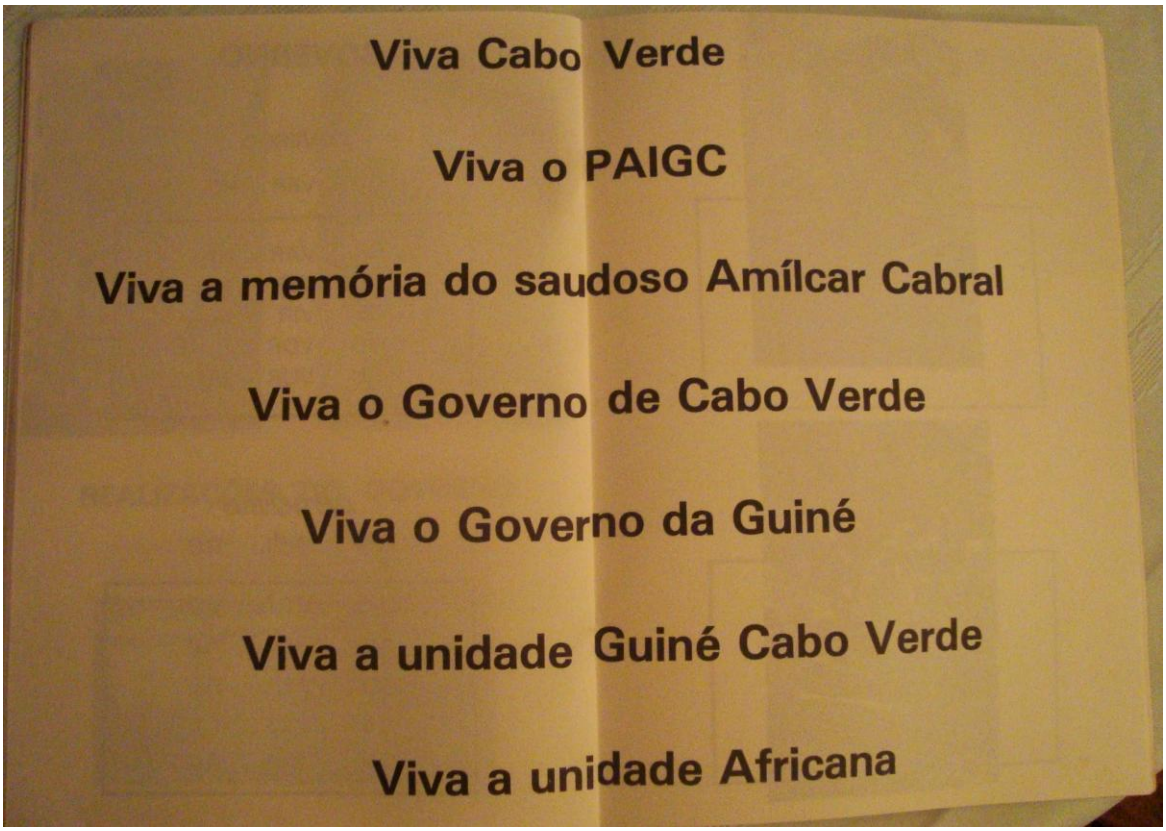


Figura 58 – Página de cartilha com texto do Projeto de Unidade Nacional, utilizado nas Campanhas de Alfabetização de Adultos, elaboradas e realizadas pelo casal com as contribuições de Elza Freire. Acervo Pessoal de Ana Francisca Barbosa, Praia, Cabo Verde.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nô djunta mô e Nô Pintcha[128] faziam parte do conjunto de materiais e propostas que de certa forma sistematizavam a práxis e o pensamento político-pedagógico do casal Freire, representando diretrizes dos trabalhos nos PALOP. Dentre outras apropriações, No djunta mô deu nome à Campanha e ao Manual de Alfabetização para Adultos em Cabo Verde e Nô Pintcha ao primeiro caderno de Educação Popular de Guiné-Bissau.

Ana Francisca que participava do grupo nos dois países traz parte das atividades:

[128] Para facilitar o entendimento de expressões em crioulo trazidas para o texto, elaborei um glossário ao final do capítulo e ao mesmo tempo mantive as notas de rodapé. Nô djunta mô – Expressão em crioulo de Cabo Verde que quer dizer "vamos nos unir", literalmente seria: "vamos juntas as mãos" ou então seguida da variação dja txiga hora: "já chegou a hora". Nô Pintcha – Expressão em crioulo de Guiné-Bissau que quer dizer "Empurremos! Vamos em frente". Nome do primeiro jornal do Estado depois da independência e também do primeiro caderno de Educação Popular elaborado por Elza Freire, Paulo e a equipe.

> Fui chamada para compor a equipe de alfabetização de adultos em Guiné-Bissau e Cabo Verde, porque havia o Projeto de Unidade Nacional, depois de certo período como eu sou de Cabo Verde não fui mais para Guiné. [...] Nos encontramos lá em Guiné, eu fui a serviço para trabalhar com Elza e Paulo, fui participar da experiência de lá, porque eles estavam a fazer uma formação de alfabetizadores de adultos. Nós trabalhamos com os professores e animadores de Guiné pelo menos 15 dias [...] A primeira semana foi de formação em Có e depois fizemos visitas aos círculos de cultura, seguimos para o sul [...] Saímos de Bissau de carro e para continuar a viagem atravessamos um rio, seguimos de canoa, todos nós na canoa [...] Fomos ver a experiência de alfabetização de adultos no sul, no sul se cultivava muito arroz, lembro-me que todos nós: eu, Paulo, Elza, José Barbosa e outros que não me recordo agora, vimos uma senhora praticamente nua com uma tanguinha, a tirar arroz, porque eles gostam de estar nus (Ana Francisca Barbosa, 2013).

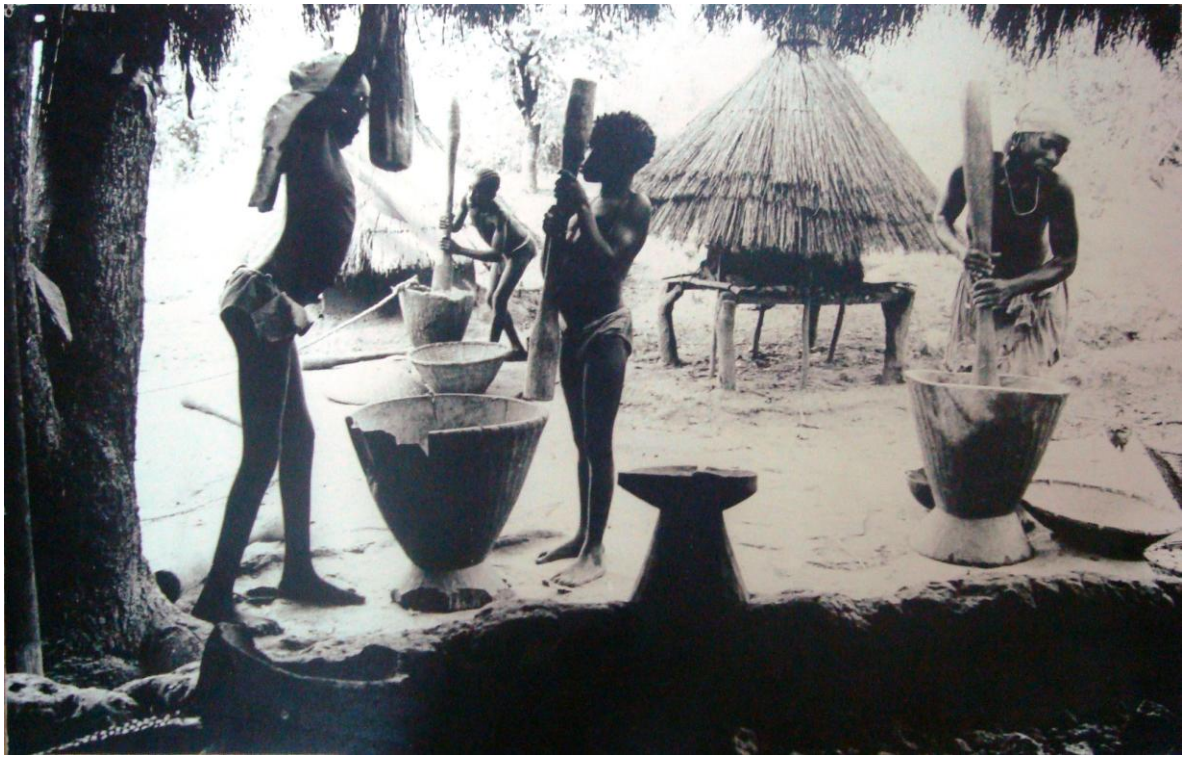


Figura 59 – Arroz em pilões na região sul, Tombali e Quinará[129], com a maior concentração dos Balantas, zonas libertadas na Guiné-Bissau. Acervo da Fundação Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

[129] Tombali – Região ao sul da Guiné-Bissau, na fronteira com a Guiné-Conacry, sua capital é Catió. Região conhecida como celeiro do país, devido à grande fertilidade do rio Cumbidjan e dos arrozais. Abriga a Floresta de Cantanhez conhecida como "Tchon di Nalu", considerado o maior reservatório de biodiversidade do país, faz parte dos sítios do patrimônio natural e cultural da Guiné-Bissau. Quinará – Região na zona sul da Guiné-Bissau, junto ao estuário do Rio Grande de Buba. A capital é Buba – nome de um dos rios mais importantes da Guiné que desagua no Atlântico junto à ilha de Bolama. Região conhecida pela violência e ladeada por florestas e muita fertilidade. Balanta – Significa "aqueles que resistem" em língua materna desta etnia. É o maior grupo étnico na Guiné-Bissau, dividindo-se em seis subgrupos e há regiões que se dividem entre Senegal, Gâmbia e Angola. São maioritariamente agricultores, possuem uma organização social própria.

Imagens, de dois países em África e palavras, de uma mesma realidade. É a tentativa de traduzir uma realidade social ímpar, como o são todas as realidades sociais. E por si só se fazem num tema gerador na encruzilhada de possibilidades que nos oferece a vida. Realidade traz o tema que geram as palavras e o alfabeto de sons e imagens apresentam no seu conjunto experiências que tem muitas lições a dar... Assim transparece que o futuro se aproxima do passado porque as imagens, os sons e as palavras os interligam dando visibilidade a Elza Freire através de Ana Francisca.

> Elza explicava a metodologia com os temas e as palavras geradoras direto na lousa [...] Ela fazia a formação dos formadores, pois era uma pessoa que dominava muito o que estava ensinando, dominava claramente [...] As atividades que o casal fazia, entravam no leque das palavras geradoras, tás a ver [...] Guiné-Bissau e Cabo Verde tinham palavras geradoras em comum, por exemplo: luta, partido, unidade, povo; mas pode concretizar que da Guiné havia arroz, pesca, tabanca[130], terra; e em Cabo Verde tínhamos chuva, trabalho, enxada, funaná[131] (Ana Francisca Barbosa, 2013).

Aqui fragmentos do saber fazer de Elza Freire e o encontro com o seu metié. Ela sabia como ninguém escolher as palavras geradoras, os temas geradores... ela observava a realidade, o mundo vocabular... A segurança na exposição, o domínio de conteúdo, isso é parte do método didático de Elza Freire da sua metodologia, uma metodologia que respeitava as diversidades e reconhecia as fragilidades.

Se aproximar destas realidades para tentar compreender o trabalho político numa experiência pedagógica de Elza Freire e Paulo que teve lugar na Guiné-Bissau e nos demais PALOP imprime se deparar com características específicas que regem a participação dela num percurso histórico largamente manifestado através dos tempos e lugares do exílio e por vezes largado à margem do esquecimento.

Os princípios educativos que nortearam o trabalho de Elza Freire e Paulo em África perpassaram os de Amílcar Cabral e os do PAIGC.

---

[130] Tabanca – Em crioulo de etnias da Guiné-Bissau define aldeia, unidade de base da família alargada, conjunto de várias moranças – numa tabanca, morança é um conjunto de casas, próximas umas as outras, pertencentes a pessoas com uma ligação consanguínea. Enquanto que em crioulo cabo-verdiano é um gênero musical e uma manifestação cultural, cujo acompanhamento rítmico é executado em tambores e búzios.

[131] Funaná – É um gênero musical e dança originários de Cabo Verde, inicialmente exclusivo da Ilha de Santiago. Associado ao acordeão ou gaita, caracteriza-se por uma espécie de poesia não feita de modo direto, mas que usa figuras de estilo, provérbios e ditados populares. É dançado aos pares.

É inconteste o papel do Projeto de Unidade Nacional – Guiné-Bissau e Cabo Verde, em relação a Angola e São Tomé e Príncipe, tendo em vista a inserção e a produção político-pedagógica do casal Freire, pois eles chegam por Guiné, de lá seguem para Cabo Verde e em movimentos de circulação passam a trabalhar nos PALOP. Guiné se torna o elo de "união e luta", cujos desdobramentos influenciam as demais atuações, refletindo inclusive nos materiais produzidos.

Paulo observa:

> Voltando à Alfabetização de Adultos, enquanto ação cultural [...] deixando de lado referências a outras experiências [...] me fixarei num ponto a mais, o da preparação, não propriamente de uma cartilha [...] mas um caderno do alfabetizando [...] Um caderno que, idêntico, em espírito, ao que sugerimos também Elza [Freire] e eu à Comissão Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular de São Tomé e Príncipe, tem, contudo, aspectos próprios, em função da realidade guineense (FREIRE, 1978, p. 81).

E Elza Freire registra a:

> Explicação da Cartilha S. Tomé - cultura e da H. Ele precisar ter n/ há H. s/ mundo e M/ s/ H. – [...] Necessita forte apoio é esta e a cartilha – Contrária a maneira tradicional – as palavras geradoras s/ colocadas em função decomposta as sílabas depois compõem palavras s/ ser a alfat. devem formar. O alfab. cria em nome dos q. aprendem e não eles próprios são os criadores. É a 1ª briga é tudo preparado p/ o alf. Êle deve ter 1 livro de texto – E é 1 suporte 1 livro q. n/ seja Cartilha – A questão política A importância do ato de ler. 1ª silenciosa 2ª leitura oral Deus n/ recebe imposto de ninguém Cobrar imposto dos opressores. Manequinho a procura dos significativos (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

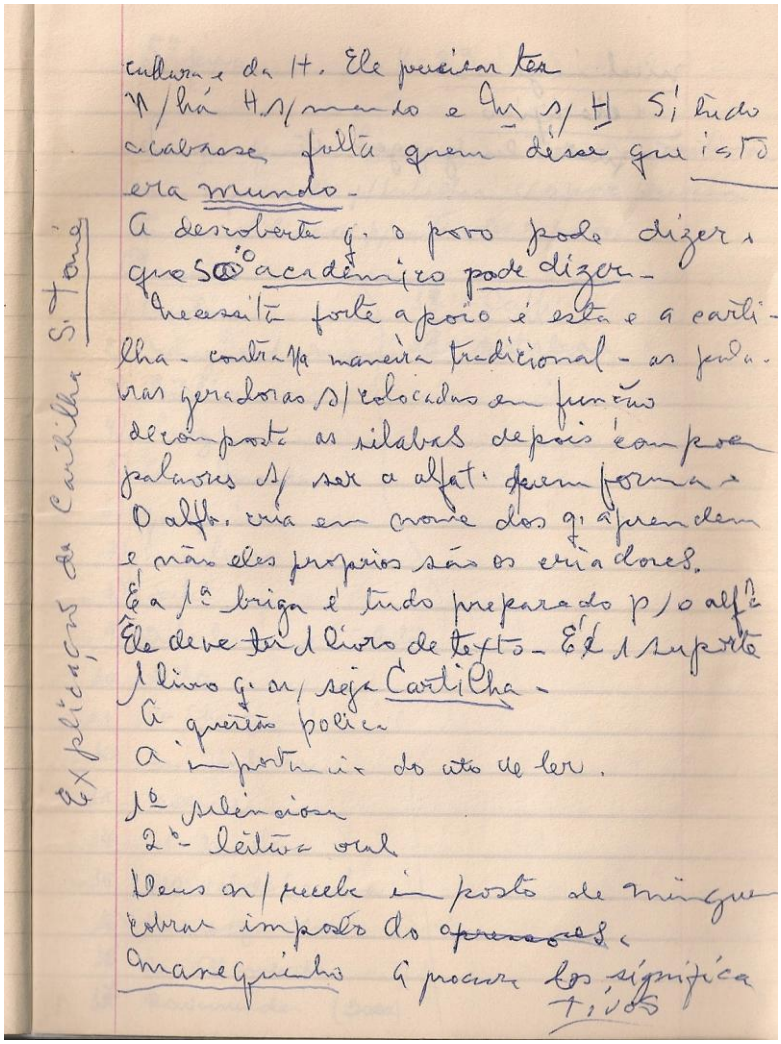


Figura 60 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com anotações em torno do trabalho para Alfabetização de Adultos em África e aqui da cartilha de São Tomé, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

O recorte e a transcrição dos manuscritos é parte do processo de uma perspectiva analítica e investigativa que importa a apropriação destes documentos. Por isso, a inserção dos mesmos no corpo do texto contribui para a composição crítica, reflexiva e interpretativa e, sobretudo como parte constitutiva das fontes.

Considero que é possível se tirar de dentro do manuscrito de Elza Freire acima, por exemplo: explicações sobre a feitura das cartilhas para Alfabetização de Adultos; conceitos de cultura, história, homem e mundo; a metodologia de trabalho com as palavras geradoras; anotações de conteúdo para um curso de formação; levantamento do material preparado e do desenvolvimento para os encontros com alfabetizadores; a busca de significados para as palavras criadas a partir do universo vocabular. E quem fazia? Elza Freire.

A inserção político-pedagógica do casal Freire naqueles países e o seu envolvimento com os movimentos revolucionários faz repensar o que é ser brasileiro e deixa emergir outra noção do que é ser africano, "que não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico" (BHABHA, 1998, p. 206), que diz respeito somente à história da libertação nacional, mas aos sentidos que se podem conferir a essa experiência factual, tomada em toda a sua dimensão coletiva, individual, material e simbólica.

Em Guiné-Bissau, era manhã encalorada de setembro, era uma de suas primeiras idas em meados de 1976. Comemorava-se a independência do país. Na praça, a multidão expressava a alegria de poder estar ali como um povo que conquistara o direito de ser, não era apenas um espetáculo folclórico. Após o desfile, o presidente Luiz Cabral começou o seu discurso. Em certo momento, um dos soldados da banda, desfalece. O presidente interrompe sua fala, a multidão percebe, todos olham o militante que está sendo amparado por seus camaradas, o carro parte conduzindo-o ao hospital, só então ele volta ao discurso.

> Ao meu lado, em voz baixa, disse Elza: "Este foi o momento mais bonito de nossa visita a este país. Temos realmente muito o que aprender de um povo que vive tão intensamente a unidade entre a palavra e o gesto. O indivíduo vale enquanto gente. A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração" (Elza Freire apud FREIRE, 1978, p. 39).

Outro movimento sensível e significativo de Elza Freire neste panorama inicial da realidade no momento em que chegam e que permite a ela numa demonstração da totalidade concreta exprimir o que pensa do indivíduo e o quanto se tem a aprender. Sua percepção entre a palavra e o gesto faz mostrar-se ao mundo, que implica estar no mundo e com o mundo, traduz algo mais do que viver. Elza Freire refere-se a uma concepção empírica do mundo, faz uma abordagem do real e demonstra a forma pela qual o mundo e o humano se apresentam.

Concretude do humano que vem do esforço de aproximar o conhecimento que esclarece e ilumina a própria atividade prático-sensível. Para Elza Freire, uma compreensão crítica da realidade e do processo educativo que cria condições de orientar-se no mundo e fazer com que a realidade seja tomada pelos sujeitos também como objeto de conhecimento. É no mundo em que nos movemos que se dá o processo de conhecimento da realidade, de confrontação com o concreto e de transformação (KOSÍK, 1976).

Elza Freire manifesta-se na descrição de suas propostas por meio do processo de humanização, tendo como base da convivência o diálogo que "só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos" (FREIRE, in FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 36). E o diálogo é condição fundamental na humanização dos seres humanos, é o "encontro dos homens para a 'pronúncia' do mundo" (FREIRE, 1972, p. 156), é o encontro da pesquisa com seu campo empírico.

É a tentativa para aprender, entender e fazer entender, seguir aprendendo. É o processo de elaboração sensível através de imagens, depoimentos e documentos como suporte para análises e reflexões. Não se trata tão somente de reunir fontes neutras, adaptáveis a qualquer situação, juntamente a uma vaga legenda; mas sim de fontes vivas e participadas, que só podem ser oferecidas e partilhadas por quem viveu a experiência.

Tendo em vista continuar a caracterizar a ambiência e a experiência do exílio para dialogar com as inserções político-pedagógicas de Elza Freire, lancei-me a atravessar o Atlântico e adentrar em África, quando estive lá durante o segundo semestre de 2013 para centralizar a pesquisa de campo no Projeto de Unidade Nacional que representou as bases de atuação para o casal Freire, estive em Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Como percursos de Elza Freire durante o exílio, foram os países desse mapa que escolhi e consegui ir. Dentre os critérios se devem primeiro porque foram os países com os quais eles mais se envolveram tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo; segundo Guiné-Bissau foi a porta de entrada em África convidando o casal a se inserir juntos no continente africano para assessorar pedagogicamente os movimentos revolucionários de libertação nacional e a implantação dos primeiros governos independentes; terceiro dentro dos PALOP foi com eles que o casal se comprometeu por mais tempo e em mais lugares.

Nesses dois países, onde o casal Freire concentrou suas experiências nos últimos anos de exílio, e agora em 2013 se verifica uma evidente transformação dos governos e partidos, das organizações e cidades, dos grupos e do povo é que me propus a buscar fragmentos do real que pudessem ajudar a descobrir Elza Freire e ao fazê-lo construir esse itinerário do exílio brasileiro, são realidades que muitos tentam obscurecer.

Talvez, os principais alertas em relação ao território guineense sejam: cuidado com golpe (de Estado) e com a malária, um e outro podem ser fatais; já em ilhas cabo-verdianas

os índices de desenvolvimento se assemelham aos da América Latina. Poder-se-ia dizer que Cabo Verde é ocidente, mas Guiné-Bissau é África pura.

Os outros PALOP virão com o tempo. Por agora é onde andei em busca dos vestígios do trabalho de Elza Freire ao lado de Paulo em tempos e lugares primeiros da construção da Pátria sonhada por Amílcar Cabral, quando pude nas memórias e histórias os encontrar, em cada povo e país senti-los, é a certeza de que lá estiveram também um dia.

4.3.1 – Da Guiné Portuguesa a Guiné-Bissau: gumbé, cabéu, sabi mancarra, junbai[132]

Guiné-Bissau colonial, ou Guiné Portuguesa, como era chamada pelos portugueses, não foi só o país natal de Amílcar Cabral e o território em que fez história, por lá também estiveram em tempos de exílio brasileiro, Elza Freire, Paulo e diversos grupos que se uniram no combate em oposição à brutal dominação colonial.

E continua sendo uma fonte de inspiração para a luta no que se refere às mudanças significativas no campo do ideário humanitário e político-pedagógico, não apenas em África, mas no resto do mundo.

Guiné-Bissau é um país composto por mais de quarenta etnias e formado por arquipélagos e continente envolvidos pelo Atlântico, uma espécie de enclave na costa ocidental da África, entre o Senegal e Guiné-Conakry.

[132] Gumbé – Considerada a primeira música popular africana, e gênero poli rítmico tem como base um tambor de mesmo nome (também chamado sikó ou tambor d'água), cheio de água e através de uma cabaça "cabaz" – um dos primeiros instrumentos musicais da Guiné-Bissau, é usado de forma rápida produzindo sons que provocam danças, tradicionais, folclóricas ou modernas. A música da Guiné-Bissau é associada gumbé, cujo grande denominador de estilo é as canções em crioulo. Cabéu – Fruto da palmeira dendém, é símbolo da cultura guineense, de cor vermelha, constitui o quotidiano e é a base de especialidades culinárias em Guiné. Também conhecido como chabéu ou cebén. Sabi mancarra – Em crioulo, sabi é caldo e mancarra amendoim. É prato típico guineense, com frango ou carne bovina, cebola, limão, mancarra pisado num almofariz, tomates maduros, piripiri (pimenta). Junbai – Expressão pertencente a etnias de Guiné-Bissau que em crioulo quer dizer: roda de conversa ou debate sobre determinado assunto; conversa animada pelos provérbios, pelas histórias e advinhas, por cantigas sobre as riquezas do passado, pelos mitos dos animais e as experiências da vida, feita normalmente num ao ar livre, em qualquer canto da tabanca – aldeia. Junbai é símbolo da cultura popular oral. Embora aconteçam variações, por exemplo: Djumbai, o sentido é o mesmo.

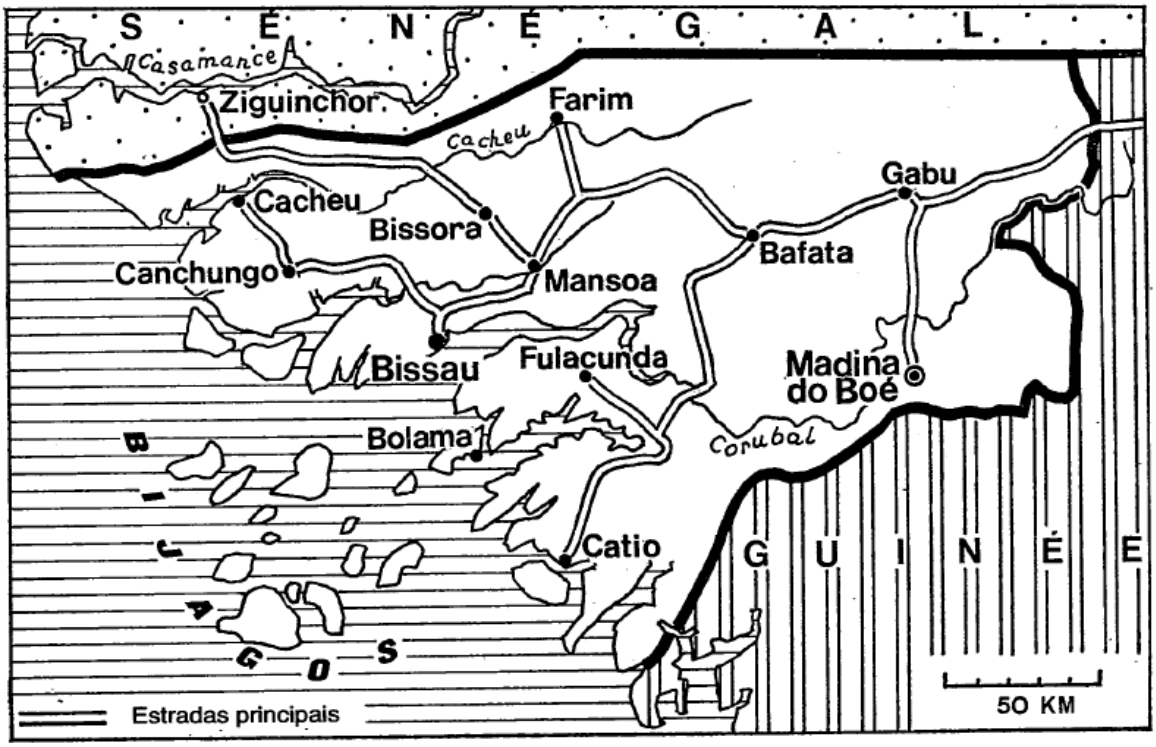


Figura 61 – Mapa da Guiné-Bissau (1973). Arquivo Histórico Nacional, Praia, Cabo Verde.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O casal Freire chega a Guiné-Bissau logo após a independência e convive com os resquícios dela. O trabalho deles tem início em 1975 através da troca de correspondências e a primeira ida acontece ainda em setembro quando o presidente era Luís Cabral, irmão de Amílcar Cabral e o Comissário da Educação e Cultura, era o Ministro Mário Cabral.

Segundo Paulo, por um lado o país sofria a violência do exército colonial português, procurando exterminar o povo, destruindo plantas e animais, eliminando a cultura, por outro o camponês "combatia, produzia e educava-se, criando no fogo do combate as instituições anunciadoras de uma nova sociedade (1980, p. 69-71).

Esses dois lados eram característicos nos PALOP e trouxeram novo impulso ao trabalho do casal Freire, estabelecendo intercâmbios que os vincularam de maneira diferenciada à Guiné-Bissau, lá:

> Paulo e Elza, o casal foi digamos, a alavanca que permitiu todo esse trabalho no processo de alfabetização de adultos [...] também digamos que eles fizeram outros trabalhos em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola, houve influência deles em todos que eram considerados PALOP, uma base que sem dúvida nasceu desse intercâmbio na área da educação e da cultura, mas na Guiné foi onde Paulo e Elza estiveram mais tempo [...] haviam as equipes com o pessoal deles e a contribuição da comunidade, porque aqui na Guiné ás vezes havia mais entusiasmo do que conhecimento organizado (Mário Cabral, 2013).

A forte identificação com as configurações daqueles países e povos, durante o exílio, encaixa o casal nos processos de luta para libertação, cujo início em Guiné-Bissau, faz com que Elza Freire e Paulo se tornem revolucionários, pois:

> Naquela altura nós éramos revolucionários, aqui era a revolução. Portanto, esse casal, Paulo e Elza, eram revolucionários também. Eles tinham estudado as obras de Amílcar Cabral e na parte ideológica se adaptaram logo, se encaixaram dentro do processo [...] eles tinham ideais semelhantes conosco àquela altura, sobretudo na maneira de falar e de abordar questões da reconstrução nacional [...] Paulo e Elza tinham uma visão muito clara disso e do queriam também [...] O casal sonhava com a erradicação do analfabetismo na Guiné-Bissau, tiveram essa convicção e pensaram que isso seria possível, porque foi aqui que vieram primeiro, depois foram para Cabo Verde, Angola e São Tomé [...] mas foi aqui na Guiné que eles viveram essa forte identificação (Armando (Miki) Noba, 2013).

O encontro entre Educação e Revolução uniu utopias. Ao trilharem os caminhos de África, o casal Freire reafirma sua pedagogia libertária. Quando a solidariedade oferece possibilidades, a necessidade do aprendizado comum e a vontade própria relacionada ao respeito do outro equacionam processos político-pedagógicos:

> O Paulo e a Elza eram companheiros, tinham solidariedade com o PAIGC, com o governo, com a nação da Guiné [...] e até hoje eu tenho que fazer provas que sou guineense, porque sou mulher e porque sou mestiça, esta terra é minha [...] O casal veio aqui participar dos processos do país [...] Paulo e Elza eram pessoas que ajudaram a ver o papel da pedagogia da libertação [...] eles estavam à frente para nos mostrar estratégias e metodologias que pudéssemos utilizar e que nos permitissem reforçar o processo libertador que era feito via Alfabetização na Educação de Adultos. [...] Paulo e Elza nunca tentaram tomar o nosso papel, o caminho era nosso, a descoberta era nossa, eles estavam a nos ajudar e a nos orientar [...] traziam a confiança, a capacidade da análise crítica, digamos este entusiasmo da capacidade de entrega porque vinham de longe para estar conosco e de alguma maneira eles davam testemunho que era importante o que a gente estava fazendo [...] Paulo e Elza vieram solidarizar muitos anos com a Guiné-Bissau porque partilharam do pensamento de Amílcar Cabral e conseguiram conosco realizar em parte o sonho de Cabral com que tipo de sociedade queremos construir, como queremos construir (Augusta Henriques, 2013).

Nos idos de 1976 a 1979, Elza Freire e Paulo foram várias vezes a Guiné-Bissau, aonde permaneciam de 15 a 30 dias, trabalhando com professores, alguns leigos e que atuavam na Alfabetização de Adultos. O casal se dedicava dias, noites, madrugadas, semanas, trabalhando diretamente ao lado do povo comprometido com a emancipação do país por meio da luta política e a emancipação humana por meio da Educação libertadora.

Aqueles anos, aquelas experiências tem a ver com a presença de Elza Freire e Paulo junto aos grupos que na sua grande maioria, adaptaram e adotaram os princípios do pensamento e da práxis do casal, dando argumentos que:

> Não foi só exclusivamente na área da educação, o casal, Paulo e Elza, nos ajudaram a pensar a educação e a vê-la de forma mais alargada e isso ia exatamente à linha dos ensinamentos de Amílcar Cabral, portanto havia um grande paralelismo entre eles, que não se conheceram porque Amílcar Cabral foi assassinado antes, mas, entretanto a mesma inspiração que eles tiveram foi a base do pensamento de Amílcar Cabral, dos seus escritos, e também por Paulo e Elza nos trabalhos feitos no quadro dos seminários, os vários que fizeram, digamos ao longo dos primeiros anos de governo e das muitas lutas da independência (Mário Cabral, 2013).

Elza Freire e Paulo estiveram à frente nas lutas do país e do povo, quando de modo igual ofereciam elementos desconhecidos que passavam a gerar novos conhecimentos, tendo Elza Freire continuamente à frente das atividades:

> Paulo e Elza faziam as formações, produziram os manuais, organizavam os elementos de suporte dos conhecimentos que iam adquirindo [...] mas a sua chegada, me fez vir na memória, a presença de Elza que nessas atividades estava à frente, embora muito discreta [...] porque o Paulo era um visionário, um homem extraordinário e ele só podia ser o grande homem por que tinha Elza, uma grande mulher [...] os dois equivaliam a impressão de que se completavam, um não poderia existir sem o outro [...] Elza era uma grande pedagoga, mas ela deixava o marido na linha de visão, pois sendo ela muito modesta [...] Ah, mas para fazer o trabalho de consistência, Elza é que fazia, o Paulo era a parte pensante, mas a Elza tinha um jeito muito próprio de ser, então ela contribuiu de maneira ímpar para dar conteúdo à nossa área da Educação e ao nosso país também (Mário Cabral, 2013).

A oportunidade de aprender e ensinar e, ao mesmo tempo participar da reconstrução do país torna-se objeto de análise sobre o que se estava a fazer com base no que houvera sido feito. Dialogicamente a prática realizando-se para entender falhas e identificar diferentes maneiras de superá-las e deste modo se criar outras, reconhecendo que:

> De uma coisa estamos certos: os trabalhos de alfabetização de adultos, na Guiné-Bissau mais do que uma promessa, são uma realidade. [...] não gostaria de pecar por duas omissões. A primeira, a de não registrar aqui, não apenas em meu nome pessoal, mas no da equipe do IDAC e no Departamento de Educação do CMI, o nosso agradecimento ao povo, ao PAIGC e ao Governo da Guiné-Bissau pela oportunidade que nos vem dando de, aprendendo tanto, ensinar também e, assim participar, como podemos, do esforço de reconstrução do país (FREIRE, Paulo, 1978, p. 68).

E a segunda:

> [...] a de não dizer, particularmente no de Elza e no meu nome, o quanto o nosso envolvimento na Guiné-Bissau tem provocado em nós, não uma nostalgia do Brasil, mas uma saudade mansa, bem comportada, dos já distantes anos em que, em Círculos de Cultura tão vivos quanto os de Có e os das FARP, tanto aprendemos com o nosso povo (FREIRE, Paulo, 1978, p. 68).

Para trabalhar em África o casal Freire demonstra que leu Amílcar Cabral e um conjunto de autores que deram inspiração na ação política e na produção pedagógica deles.

Lê-se, por exemplo, nos “Escritos Íntimos” de Elza Freire:

> 5ª feira Maiza = psiq. prost. A confiança do oprimido dar a vida pela causa – Muito q. ensinar a amplidão da luta – O sistema q. é impossível ser humanizado – tem grupo vence a luta fica como experiência da luta – violência do oprimido e do opressor. Reflexão Teórico prática – sobre Alf. Fanon medic. psiquiatria – estudou Fr. Trabalhou Argélia – Violência Horizontal dentro da própria Margem introjetar por dentro a figura do opressor – Violência entre os próprios oprimidos no fundo o oprimido mata o opressor quando começa a dar o salto – vê a visualização do opressor fora – Os Condenados da Terra (Paz e Terra) retrato dos colonizados psicologia social do oprimido – p/ entender o processo de luta – Vídeo cassete p/ fazer a percepção da percepção anterior (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

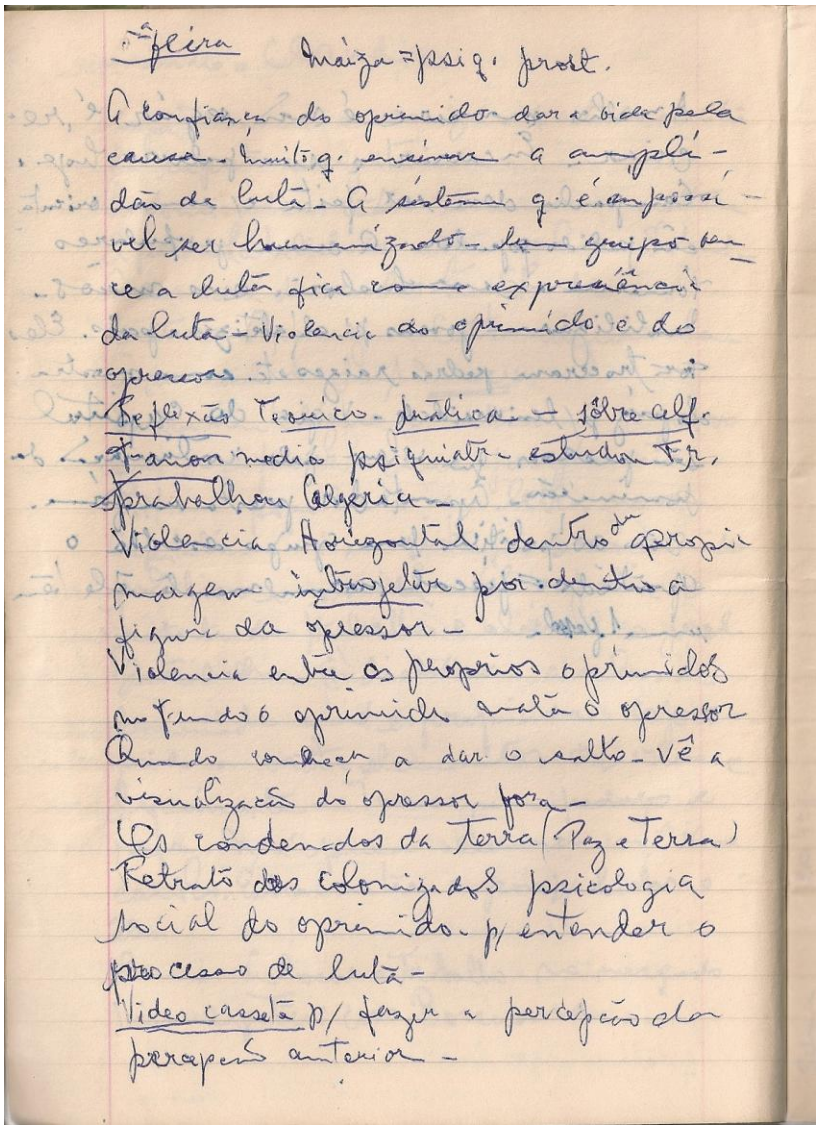

5ª feira Maiza = psiq. prost.
A confiança do oprimido dar a vida pela causa. muito q. ensinar a amplidão da luta. O sistema q. é impossível ser humanizado. tem grupo vence a luta fica como experiência da luta. Violência do oprimido e do opressor.
Reflexão Teórico prática – sobre Alf. Fanon medic. psiquiatr. estudou Fr. trabalhou Argélia.
Violência Horizontal dentro da própria margem introjetar por dentro a figura do opressor.
Violência entre os próprios oprimidos no fundo o oprimido mata o opressor quando começa a dar o salto. vê a visualização do opressor fora.
Os condenados da terra (Paz e Terra)
Retrato dos colonizados psicologia social do oprimido. p/ entender o processo de luta.
Vídeo cassete p/ fazer a percepção da percepção anterior.

Figura 62 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com anotações e reflexões sobre o trabalho nos PALOP e questões da luta, do opressor e oprimido, aqui ela traz referências a Fanon e expõe conteúdo de um material preparado para encontros de formação. Compõe os “Escritos Íntimos”.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

E nos escritos públicos de Paulo:

> Denúncia e anúncio jamais estiveram, em Amílcar Cabral, dissociados, como também jamais fora da práxis revolucionária. A denúncia da realidade opressora, da espoliação, da farsa colonialista que procurava mascarar aquela espoliação, bem como o anúncio da nova sociedade, constituindo-se no meio da velha, através da sociedade revolucionária, ele sempre fez com seus camaradas, na prática de luta. Enquanto um homem que viveu plenamente a coerência entre sua opção política e sua prática, a palavra em Cabral era sempre a unidade dialética entre ação e reflexão, prática e teoria (FREIRE, Paulo, 1978, p. 23).

A práxis se estende na dimensão político-pedagógica quando compreende o ensinar e o aprender por meio da luta de libertação e da revolução com o próprio povo.

Embora a centralidade tenha sido o pensamento de Amílcar Cabral, as análises das experiências com Educação de Adultos, sobretudo na Guiné-Bissau apontam aproximações que proporcionaram as devidas apropriações.

> Lembro-me de falarem do poder libertador e criativo do povo, de falarem do ato de alfabetização como ato cultural, por isso eram Círculos de Cultura [...] Paulo e Elza falavam que através da cultura e da Educação o povo se liberta e por isso se encontraram com o Amílcar Cabral [...] para eles a Educação é um processo cultural (Augusta Henriques, 2013).

A Alfabetização de Adultos numa sociedade como a guineense, cujo povo tinha sido tocado pela luta de libertação, se desenvolveu entre a cultura e a luta. No dizer de Amílcar Cabral (1976) um fato cultural e um fator de cultura, em que a consciência política aconteceu na própria luta, na medida em que se prolongue ou exprime o processo de resistência do povo contra a dominação colonial. Isso exigia uma compreensão maior do papel da Educação para esse povo e outros que se assemelhem a ele.

A Educação como fato e ato cultural, portanto revolucionária. Quando se dá o encontro do casal Freire com a luta em África, ela assume outra dimensão e se transforma na luta pela libertação.

> Não foi por acaso que os camaradas do Círculo de Cultura que visitamos Elza e eu, ao discutirem sobre a luta, diziam que "a luta de hoje é a mesma de ontem com algumas diferenças. Ontem, diziam eles, com armas nas mãos, buscávamos expulsar o invasor. Hoje, com armas nas mãos, vigilantes, a nossa luta é pela produção para reconstrução de nosso país" (FREIRE, Paulo, 1978, p. 131).

Em campo, a Educação é também arma que passa a ser considerada elemento de luta dentro da própria experiência político-pedagógica e revolucionária deles. Em campo, as estratégias de universalizar a Educação desenvolvida pelo governo revolucionário e suas equipes de trabalho, nas quais se inscreveram o casal Freire. Por isso:

> Durante a luta, a educação era prioridade [...] Paulo e Elza entenderam e viveram isso [...] a ideologia e a personalidade deles se identificava com os objetivos que nós tínhamos [...] estava se implantando escolas e enviando professores para as áreas libertadas, o professor ia à frente do combate e ia dar aulas a essas mesmas pessoas com quem estava na frente do combate, e havia já nas tabancas professores que moravam lá [...] como se vê o problema da educação foi tido como um fator primordial, era o motor da luta e essa ideia chegou com a independência, ideia que só a educação podia transformar o país [...] Eu acompanhava Paulo e Elza em todos esses lugares e participávamos juntos do trabalho (Armando (Miki) Noba, 2013).

Elza Freire e Paulo participavam do trabalho nas áreas de libertadas[133] como parte da política educacional e das estratégias de acesso à Educação desenvolvidas pelo governo revolucionário, destacando-se a formação de professores com o envio de professores para essas áreas.

E quem ia até as áreas libertadas para preparar os professores e os grupos para as Campanhas de Alfabetização de Adultos? O casal, Elza Freire e Paulo.

Trabalho que em Bissau se realizava nas dependências do Centro Máximo Gorki junto á Escola de Có. Nele destacava-se as contribuições de Elza Freire e seus métodos de atuação quanto a formação de professores, numa perspectiva que coadunava com as propostas do partido e do país tanto para as políticas de formação quanto para a nova sociedade e para o novo professor:

> O Centro de Formação Máximo Gorki, em Có, não existe mais nada, ruína é o que existe [...] Paulo e Elza apoiaram muito o nosso trabalho lá [...] era uma escola de formação e integração de professores capaz de formar o que Cabral chamava de o homem novo e que era a pretensão de Paulo e da Elza quando vieram trabalhar aqui e daí entra o método que ele tinha de alfabetização [...] A perspectiva pedagógica do casal acontecia nas formações através de Elza com a realização dos Círculos de Cultura (Augusta Henriques, 2013).

[133] No início dos anos 1970 os movimentos de libertação começaram a proclamar a existência de "áreas libertadas" no interior dos territórios africanos em disputa com Portugal. De acordo com Semedo (2010) e Alves (1974) em 1972, a ONU enviou uma missão especial para percorrer as zonas libertadas em Guiné-Bissau, até então sob o domínio colonial português e reconhecer o direito à independência dos povos de Guiné e Cabo Verde. A delegação da ONU reconheceu que o PAIGC controlava 2/3 da Guiné-Bissau e acabaram por sufragar a tese defendida por Amílcar Cabral de que era um território livre com algumas zonas ocupadas por uma força estrangeira. Através da resolução A/1514, de 1972, a ONU exigia ao Governo português a encetar as negociações com os representantes de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique, a fim de se adotar uma solução para os conflitos armados e lhes permitisse a independência.

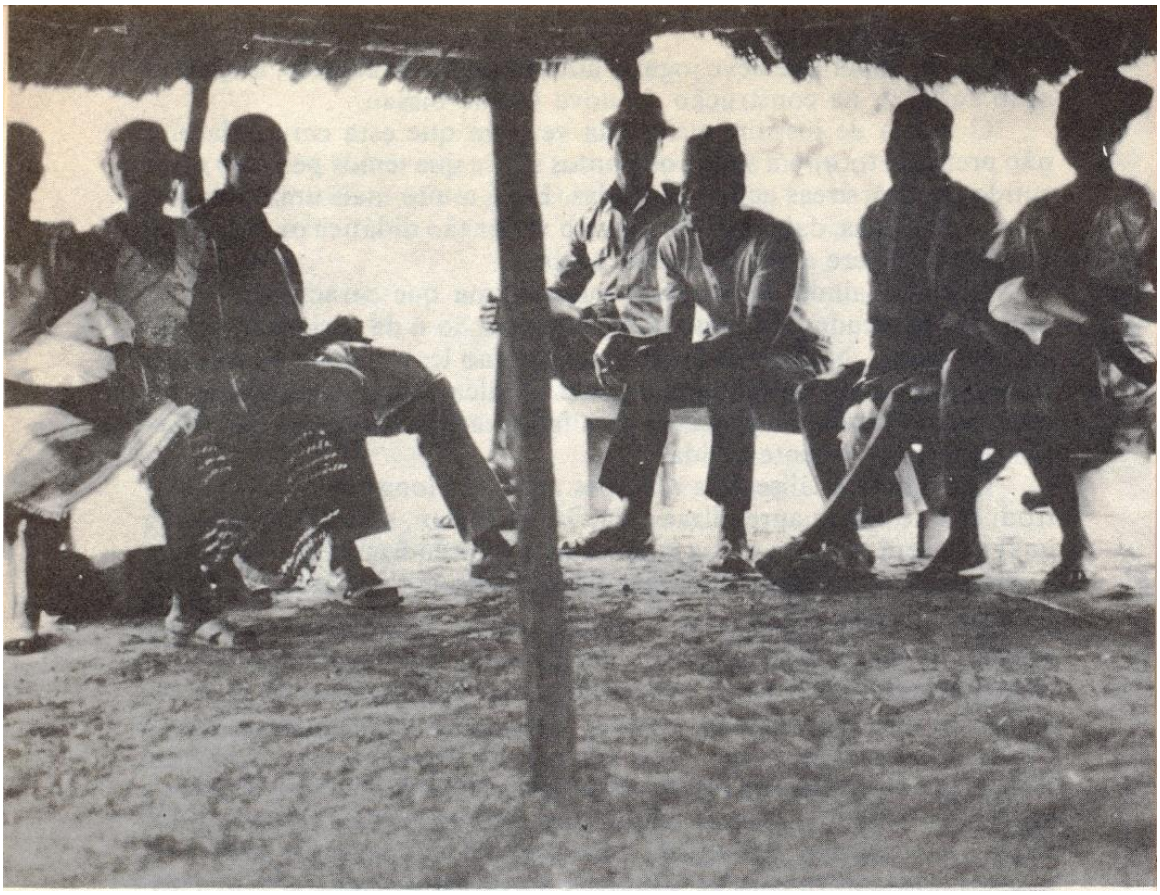


Figura 63 – Vista parcial de um dos Círculos de Cultura na Zona de Có realizado sob a orientação de Elza Freire e Paulo. Foto do Centro Audiovisual, Bissau, Guiné-Bissau.
Fonte: Cartas à Guiné-Bissau (FREIRE, Paulo, 1978, p. 98).

Elza Freire fazia as formações e preparava os materiais, tendo em vista a execução das campanhas de alfabetização que eram precedidas pelos processos de formação dos professores. Ela era a formadora, a professora, a executora. E o trabalho do casal se estendia até a madrugada.

> Fizemos a formação com Paulo e Elza e depois fomos fazer a campanha de alfabetização. [...] Naquela altura não tínhamos hora de trabalhar, às vezes parávamos de madrugada, era muito intenso. E a Elza estava lá, estava sempre lá, onde o Paulo estava, lá estava Elza [...] Essa primeira experiência foi fantástica [...] Então naquela altura elaboramos um documento marco-teórico, este documento era a nossa orientação aqui o que podíamos fazer tanto na presença deles como na ausência [...] foi através desta experiência que Paulo fez o livro Cartas á Guiné-Bissau, depois fizemos várias (Armando (Miki) Noba, 2013).

O ato educativo para Elza Freire e Paulo ia para além dos limites da Escola de Có e dos parâmetros pedagógicos, saía ao encontro do povo e sua cidadania, fato que os tornaram pessoas muito conhecidas.

> O centro de Formação de Có era um bocado baseado nas experiências que tivemos durante a luta de formação de professores [...] Aí, o Paulo e a Elza, sobretudo ela nos ajudou muito [...] havia um grande interesse e em uma das nossas idas lá a população ficou emocionada e saiu toda para nos abraçar porque sentiam envolvidos pelo processo de educação e tinham muito gosto em apoiar o ministro e digamos Paulo e Elza [...] era uma experiência muito difundida, a rádio fazia a cobertura [...] Como eu já disse, não foi só na área da educação especificamente que eles ajudaram, quer dizer a influência dessa colaboração entrou noutras áreas e eles se tornaram pessoas muito conhecidas [...] Eles levaram a pessoas a participarem nesse ato educativo, afinal segundo Paulo e Elza o ato educativo não é só as aulas, mas é todo envolvimento, toda participação do cidadão comum (Mário Cabral, 2013).

O envolvimento e a participação de Elza Freire encampavam não apenas a formação dos formadores, os materiais da alfabetização para adultos e as avaliações, se alargavam na proporção das suas concepções metodológicas, ela atuava:

> Nos exercícios pedagógicos e nas informações mais técnicas, era a Elza que estava à frente, ela que fazia, que cuidava da metodologia [...] Elza vinha nos acompanhar e nos formar, se encarregava com as metodologias e também com os manuais da alfabetização e fazia avaliações conosco dos progressos e das dificuldades [...] ela tinha sempre a preocupação de não ser uma cartilhas, portanto, que se podia ler de trás para frente, ela cuidava de todos os detalhes metodológicos [...] Paulo era da conversação e Elza da concretização em termos dos pedagógicos (Augusta Henriques, 2013).

Os depoimentos apontam para o protagonismo de Elza Freire na formação de formadores. O trabalho realizado por ela aparece inscrito numa divisão de trabalho na qual prevalece a relação de gênero.

Por exemplo, trabalho que no campo da Educação se desdobravam em duas áreas, de um lado a civil e de outro a militar com as Forças Armadas Revolucionárias do Povo – FARP, ambas contavam com a presença constante e a participação destacada de Elza Freire

> Organizaram o cenário de formação no quartel militar que durou mais ou menos trinta dias [...] vieram para além de Paulo Freire e de sua mulher Elza, a equipe do IDAC [...] Em toda parte onde o Paulo estava Elza também estava, ele mesmo dizia que Elza era uma parte dele [...] Eu era da Comissão de Coordenação da Alfabetização nas FARP [...] às vezes, enquanto Paulo participava de reuniões com o governo a Elza que ficava aqui a trabalhar conosco, ela que participava em tudo, nas reuniões, no planejamento, nas formações, então começamos a fazer a alfabetização de adultos nas FARP e a fazer os Círculos de Cultura e dois anos depois erradicamos complemente o analfabetismo nas forças armadas (Armando (Miki) Noba, 2013).

Figura 64 – Alfabetização para Adultos realizada sob a orientação do casal Elza Freire e Paulo com as FARP, nas zonas libertadas na Guiné-Bissau.
Fonte: Acervo pessoal de Armando (Miki) Noba, cedido á pesquisadora.

Destaco as condições de vida dos africanos e a estrutura local em que Elza Freire e Paulo trabalharam, sobretudo nas zonas libertadas na Guiné-Bissau.

O andamento dos Círculos de Cultura na Educação de Adultos representava projetos nesses dois setores da sociedade guineense: a militar e a civil. Dentro dos mesmos marcos de orientação político-pedagógica do PAIGC, do Governo e do casal Freire isso assegurou que as experiências ocorressem também no interior do país.

> Fomos ao Farim[134] [...] uma viagem longa, tinham autoridades e muita gente, reuniões e trabalho [...] Elza falou também, mas por outro lado onde passava Elza ela falava da necessidade de alfabetizar as mulheres, as mulheres tinham de participar da alfabetização (Armando (Miki) Noba, 2013).

Por sua vez, abrindo espaços concretos e viáveis para situações aonde as experiências viessem a se descobrir junto a bairros, aldeias, etnias, mulheres, entre os diferentes setores de atuação de Elza Freire.

[134] Farim – Cidade fronteiriça com o sul do Senegal, popularmente conhecida por "Dindin Bancô", é a principal do norte da Guiné-Bissau, situando-se na região considerada a mais pobre, na margem do rio Cacheu. Destinava-se ao comércio de escravos, abriga várias etnias, como a Jola, a Fula, a Banta e a Manjaco.

> Fui trabalhar no Sedengal[135] [...] quando terminei meu curso em Serviço Social e cheguei de Portugal, eu estava fascinada com toda a história da luta armada e da libertação nacional [...] Eram meus tempos de extrema esquerda [...] Então, alguém que eu conhecia do tempo de estudante, Mário Cabral que era Ministro da Educação, me propôs trabalhar com Alfabetização de Adultos [...] eu fui fazer parte da Comissão Técnica da Alfabetização e Educação de Adultos. [...] eu era a coordenadora da equipe da alfabetização da região do Cacheu[136] [...] Nos dividíamos em brigadas o grupo [...] e a formação com a elaboração dos materiais eram feitos com o trabalho da Elza, ela que vinha trabalhar conosco na qual Paulo e Elza foram trabalhar também [...] parte dessas histórias estão contadas no livro Cartas à Guiné-Bissau (Augusta Henriques, 2013).

Há algumas considerações quanto aos contrastes das atividades nessas duas áreas que parecem interessantes para serem feitas. O prosseguimento das experiências com Alfabetização de Adultos nas FARP alcançou a erradicação do analfabetismo e promoveu a pós-alfabetização, enquanto que na sociedade civil a discussão se alonga na compreensão das realidades pertencentes a um mesmo país e povo. Ao que se junta a questão da língua:

> O Paulo e a Elza, mas, sobretudo a Elza, viram que a questão da alfabetização na Guiné-Bissau em português não seria viável [...] imagina a diversidade das etnias aqui e todas as variações linguísticas [...] imagina você aprender a ler, escrever e raciocinar numa língua que não domina, que não é a sua? [...] você sente, canta, pensa, conversa e vive na sua língua materna e não em português, seria então, escrever no crioulo, em balanta ou fula[137], tendo em conta um alfabeto próprio para o vocabulário africano [...] o crioulo é uma língua própria por si própria, tenho receio de ser extinto [...] e só podia dar no que deu [...] Me lembro de ver a Elza a fazer assim com a cabeça (gesto de negativa) e tinha sempre a ver com a questão da língua [...] Paulo e Elza se retiraram (Augusta Henriques, 2013).

Português ou crioulo? A questão da língua referindo-se ao idioma adotado para o trabalho de Alfabetização de Adultos constituiu certa divergência entre Elza Freire, Paulo e o governo da Guiné-Bissau.

Registros de experiências em processo, colhidos a partir dos percursos de Elza Freire e da memória de Mário Cabral que lado a lado dialogam com essas experiências e redimensionam a realidade passada, presente e futura:

> Elza estava ao lado dele, às vezes atrás organizando toda a documentação, toda a produção do trabalho, digamos dos materiais e relatórios e coisa e tal que eles iam fazendo, porque ela formava regularmente as suas agendas e do que estavam

[135] Sedengal – Cidade ao extremo norte da Guiné-Bissau, na região do Cacheu.

[136] Cacheu – Importante rio da Guiné-Bissau ao norte do país, que dá nome a uma região, a cidade capital da região e a um setor autônomo da Guiné-Bissau. Faz parte dos sítios do patrimônio natural e cultural da Guiné-Bissau, foi berço da mestiçagem e da língua kiriol.

[137] Fula – Grupo étnico espalhado pela África Ocidental, mas também a África Central e ao norte da África Sudanês. Povos tradicionalmente nômades que praticam a pastorícia são maioritários na Guiné-Bissau. Após os balantas é considerado o grupo mais importante.

> a fazer, sempre a Elza participando de tudo [...] mais tarde eles vieram aqui para separar e pôr as correspondências que nós trocamos e que depois Paulo Freire fez o livro cartas á Guiné-Bissau e que realmente retrata bem os intercâmbios que nós tivemos, no intercâmbio ele era quem mais escrevia eu falava mais do que escrevia para dar notas das diferentes opções que foram sendo feitas, e ele não escrevia sozinho, a Elza estava ao seu lado, então Paulo citava o nome de Elza e assinava pelos dois (Mário Cabral, 2013).

Seu depoimento inspirado no trabalho de Elza Freire e de Paulo apoia-se em acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo informam aspectos dos processos de feitura de uma das principais obras de Paulo, referência para Educação de Adultos quando diz que:

> [...] este trabalho do livro pertenceu mais a Paulo e Elza e à equipe deles que compilaram algumas trocas de correspondência, fizeram digamos as sínteses, porque quando normalmente eles vinham para aqui faziam os trabalhos e digamos com que o relatório das diferentes seções terminavam com um resumo do que tinha sido feito, então, Paulo decidiu como ele disse no livro, ir escrevendo ao longo do processo de alfabetização de adultos e não esperar até o fim, infelizmente a vida não lhes permitiu talvez acabar por fazer o livro. [...] Essas cartas foram escritas há mais de três décadas, eu nunca mais reli as cartas, mas agora te ouvindo, faço uma releitura e vejo que Elza sempre está presente, está presente através da caneta de Paulo (Mário Cabral, 2013).

Elza Freire era (também) a caneta de Paulo... ela ordenava toda a correspondência, a documentação, as sínteses. As condições de trabalho de Elza Freire evidenciadas neste trecho são simbolizadas pela caneta, mas não apenas a caneta, pois ela era que organizava pápeis, que produzia materiais, planejava e realizava os encontros de formação, ela que elaborava os relatórios.

Cartas a Guiné-Bissau foi um livro que Paulo produziu porque Elza Freire foi lá fazer, ela foi vasculhar arquivos e buscar as cartas que tinham trocado durante o período de capacitação, de trabalho e de inserção naquela realidade, o que lhes foi possível construir ao longo de anos e das experiências realizadas.

Caneta que registrou as questões para formação de professores que são por ela elaboradas. O recorte do manuscrito traz a logística da formação quando ela anotou:

> [...] mobilidade – quantos encontros? Cartas a Guiné Bissau (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

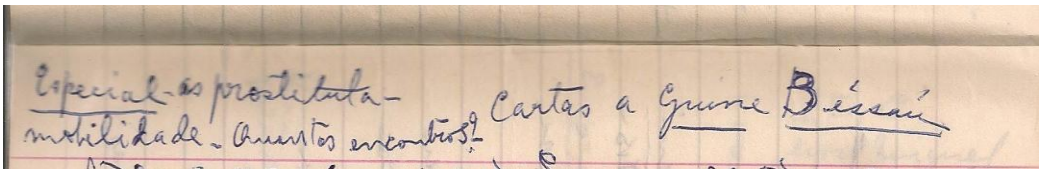


Figura 65 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire com registros e referências sobre as Cartas a Guiné-Bissau e outras anotações, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

Elza Freire está preocupada com a formação, com quantos encontros, quantas idas.

Lugares e tempos de cartas, exílio, educação e revolução, de relações que as palavras, ora escritas ou transcritas são como laços se estreitando.

> Nós éramos muito ligados [...] Paulo estava sempre com a sua Elza não é? E foi um convívio extraordinário, porque Paulo Freire era um homem muito afável muito simpático, muito arguto, uma inteligência, e a Elza não ficava atrás, ela era aquela senhora que não vinha para o impacto imediato [...] Paulo e Elza participaram de muitos processos da minha existência [...] Estávamos sempre juntos, Paulo e Elza, eu e Beatriz [...] éramos apaixonados pela educação e discutíamos tudo abertamente e sem formalismos de qualquer espécie [...] no aspecto da alfabetização de adultos nós tivemos muita gente que trabalhou bem conosco, e eu me lembro com saudade, digamos de Paulo e Elza e daqueles anos (Mário Cabral, 2013).

Figura 66 – Elza Freire e Paulo acompanhados pelo camarada Mário Cabral e sua esposa Beatriz durante o trabalho no campo da Educação e, em particular Educação de Adultos, Guiné-Bissau, 1977.
Fonte: Acervo pessoal de Vera Barreto, doado à pesquisadora.

Diante daqueles anos, Mário Cabral faz ecoar o sentido da memória.

> Paulo tinha uma paixão pela Elza que uma vez fez um discurso, quer dizer uma entrevista na rádio, ele falou tão bem da Elza, que era a sua companheira, sua amiga, sua mulher, enfim, que nós tivemos problemas com as nossas esposas não é? Ah, vocês não são capazes de gabar as vossas mulheres como o Paulo Freire faz, mas ele jamais se esquecia da Elza tá a ver? Em toda sua descrição havia sempre o seu lugar reservado para a Elza que era de facto um lugar dela [...] não era só uma questão de paixão amorosa, mas de paixão na vida, de paixão na área do trabalho porque ela trabalhando discretamente fazia o trabalho de que era necessário fazer digamos no .... (silêncio) (Mário Cabral, 2013).

O silêncio que nas narrativas parece não querer ser falta, mas excesso. Por isto, a decifração segue se revelando em outras linguagens.

Outras linguagens que com África vão ensinando a gente! Como a realidade vai ensinando. Lá se enfrenta uma cultura cuja memória – é auditiva, é oral, é não escrita (FREIRE & GUIMARÃES, 2003; CASTIANO & NGOENHA, 2011; NGOENHA, 1993).

Linguagens através das memórias e narrativas, agora escritas, descritas e transcritas que se veiculam a Elza Freire – mindjer[138], acompanhadas em geral pelos traços mais salientes de sua aparição e não mais de sua ocultação.

4.3.2 – As ilhas de Cabo Verde: Morabeza, morna, batuku, cachupa[139]

A República de Cabo Verde é um país insular localizado na costa ocidental da África constituído por dez ilhas espalhadas no Atlântico: da Boa Vista, Brava, do Maio, do Fogo, do Sal, de São Nicolau, de Santo Antão, de Santa Luzia, de Santiago e de São Vicente. Sua história é feita de diversidade humana, linguística e cultural.

Difere-se da maioria dos países africanos, pois teve sua estrutura sociocultural definida, logo na sua formação, quando os portugueses fizeram uma colonização baseada na miscigenação entre negros da Costa da África e Portugueses, da qual resultou uma cultura própria e uma identidade étnica definida na mestiçagem. Cabo Verde já foi classificado como uma região autônoma associada a Portugal e menos como país africano, pois diziam que Cabo Verde não é nem África, nem Europa, tratava-se de arquipélago aberto a cruzamento das culturas africanas e do atlântico sul (ÉVORA, 2004; LOPES, 2002; LOPES FILHO, 1981, 1998).

---

[138] Mindjer – Do crioulo guineense significa mulher ou esposa e companheira.

[139] Morabeza – Difícil de traduzir, pois não é só uma palavra, é um conceito que abrange muito mais do que saber receber bem. Quase inexplicável, exprime sentimento tipicamente cabo-verdiano, análogo (mas não expresso da mesma forma) à osprindadi na Guiné-Bissau e à teranga no Senegal, existe em todas as variantes do crioulo. Qualidade de quem é amável, delicado e gentil. Morna – Gênero musical e dança originários de Cabo Verde, de andamento lento e dolente e que mais identificam o povo cabo-verdiano. Trata-se de símbolo nacional, tradicionalmente tocada com instrumentos acústicos, tem na voz de Cesária Évora a mais famosa intérprete. Batuku – É tradição, é a forma musical mais antiga de Cabo Verde. Gênero musical tocado em grupo, unicamente de mulheres, com base em percussão em panos e no canto-resposta. Desenrola-se segundo um ritual, cujas interpretações podem arrastar-se por horas. Organizam-se em círculo tendo ao centro uma dançarina que evolui ao som e voz, depois elas vão se revezando. É expressão musical, cultural e coreográfica, é marca identitária, revestido de significados sociais. Cachupa – Prato típico de Cabo Verde, feito com milho pilado, feijão estufado, carne de boi ou porco, peixe, mandioca, banana e legumes cozidos.

A combinação desses elementos deu origem a uma cultura típica das ilhas, em todos os seus aspectos. Um povo permanentemente em diáspora, outrora considerado estado "inviável", transformou-se nas nove ilhas habitadas, sendo apontado como exemplo de boa governação em África.

Basil Davidson (1988) reflete sobre o povoamento do arquipélago, diverge de Camões em "Os Lusíadas" e insiste que no Atlântico não são as Canárias, mas Cabo Verde as ilhas afortunadas, pela sua beleza singular, pelo seu povo e pela luta de independência.

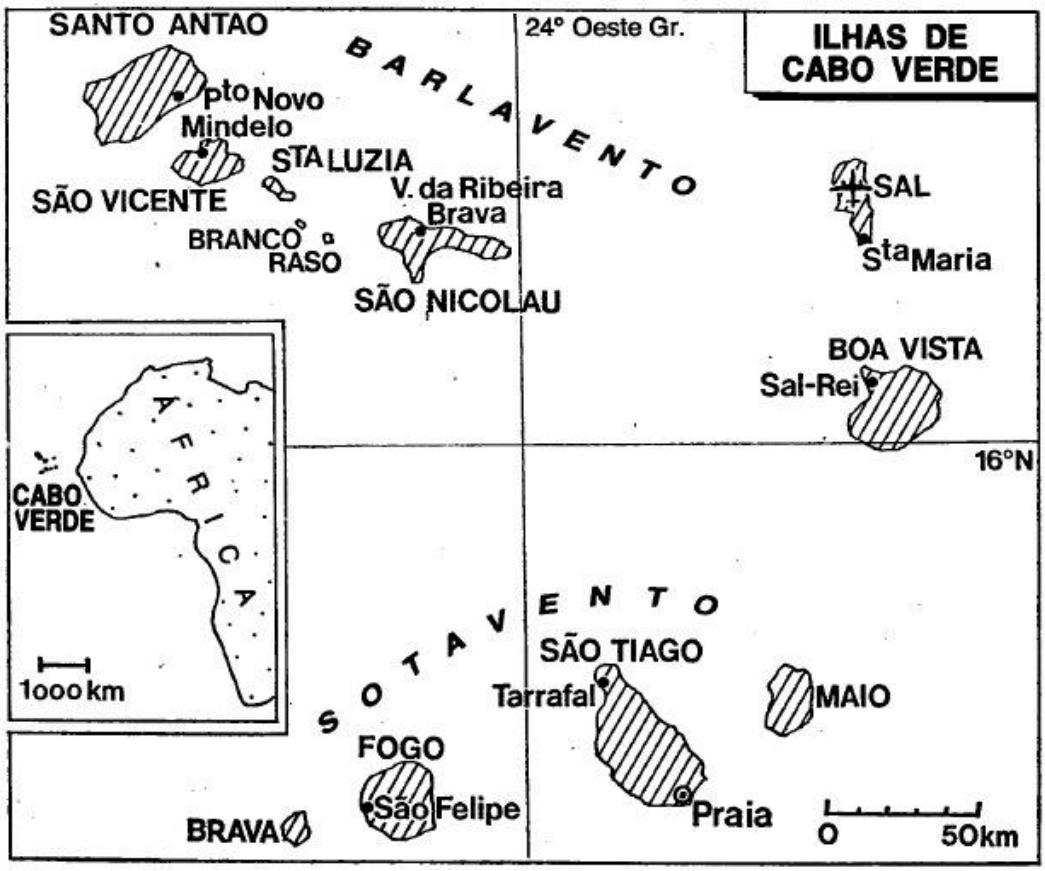


Figura 67 – Mapa de Cabo Verde (1973). Arquivo Histórico Nacional, Praia, Cabo Verde.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O casal Freire passa a estender seu trabalho a partir do Projeto de Unidade Nacional e em 1976 chega às ilhas de Cabo Verde no mandato do primeiro presidente da República Aristides Pereira.

No campo da Educação seguem assumindo com aqueles povos a sua história, se inserindo nos processos de "descolonização das mentes", a que faz referência Aristides Pereira; processo que se alonga no que Amílcar Cabral chamava de "reafricanização das

mentalidades". Para Paulo isto implica na transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador, o que só pode ser feito envolvendo uma decisão política, em coerência com o projeto de sociedade que se procura criar (FREIRE, 1978).

Nas palavras de Paulo:

> Conheci Cabo Verde como as demais ex-colônias portuguesas após a independência. Foi um momento significativo [...] Eu conhecia a história da luta e me sentia solidário com a luta desses povos. Eu sentia e conhecia parte da obra de Amílcar Cabral. [...] Eu estava proibido de ir ao Brasil [...] eu me sentia imensamente africano (FREIRE, in Alfa Jornal do Alfabetizado, 2003).

E nos manuscritos de Elza Freire:

> Cabo Verde 4 à 12 outubro sai dia 2 noite chega Cabo Verde 3 vai p/ S. Vicente termina 1 sexta-feira chega domingo 14 domingo (Elza Freire, papéis avulsos, S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

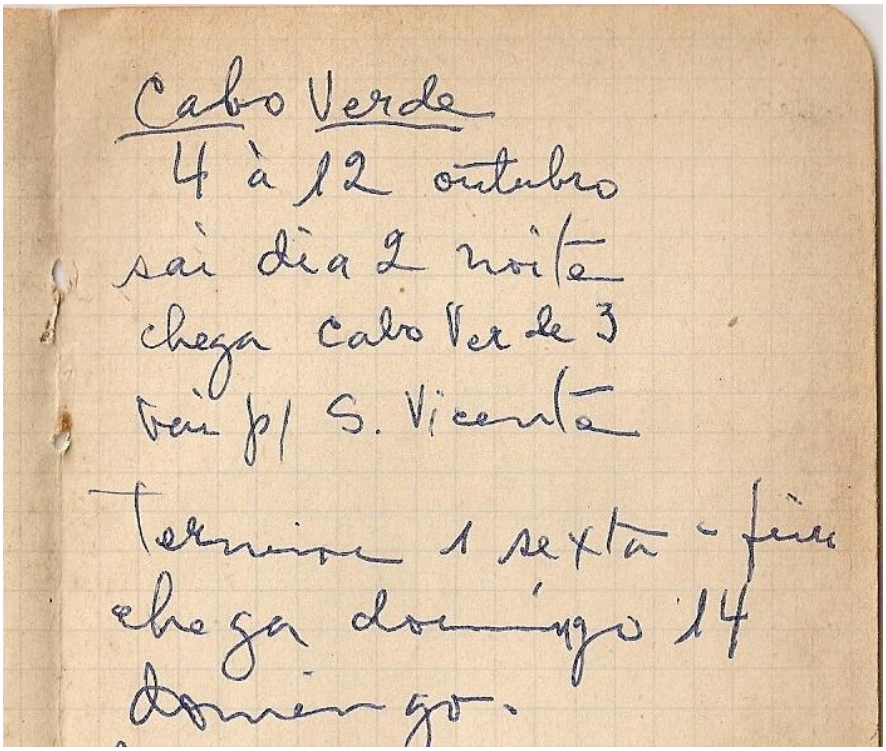


Figura 68 – Papéis avulsos de Elza Freire com registros da atuação e circulação pelas ilhas de Cabo Verde, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

Durante os anos de 1976 a 1979, aquelas configurações representavam de algum modo afinidades culturais, aproximações com o idioma, o envolvimento com o lugar e as pessoas e, sobretudo a realização do trabalho interrompido pelo golpe de 1964. Eram as bases concretas do sonho de liberdade africano que se tornou também brasileiro.

> Paulo e Elza estavam radiantes e eufóricos com o que aconteceu em Guiné-Bissau e Cabo Verde, com a independência desses países, não sermos mais dominados e eu penso que nessa altura eles sentiam que aqui estavam a fazer o que não puderam continuar no país deles, no Brasil, penso que o que eles fizeram aqui em Cabo Verde é um retrato do que faziam na Guiné-Bissau [...] eles queriam ajudar outros povos, povos que já tinham sido dominados, eu penso que sim [...] O casal demonstrava profunda humanidade com todos (Ana Francisca Barbosa, 2013).

África foi o encontro de países e povos, através do trabalho cada chegada era a transformação das realidades que faziam e acompanhavam as mudanças do casal. Essa experiência se constituiu numa forma de reencontrar o Brasil. Para Elza Freire foi também uma oportunidade para se reencontrar como educadora e se permitir ir além de suas tarefas de dona de casa predominantes durante o exílio:

> Para os meus pais foi importante e emocionante a ida para África, porque foi uma maneira de rencontrar o Brasil. [...] Quando iam principalmente para Guiné-Bissau e Cabo-Verde, contavam que essas viagens tiveram sentidos importantes para eles, era um pedaço do Brasil que estava lá, eles rencontravam o seu país e o trabalho que começaram antes do exílio (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Reencontrar fatos e fragmentos que possibilitam conhecer e aproximar as conjunturas anteriores sendo capaz de produzir outras ao estabelecer inter-relações, pois,

> África, principalmente Guiné-Bissau e Cabo Verde representou também muito trabalho e muita dedicação, e minha mãe ela sabia escolher como ninguém as palavras geradoras, os temas geradores, as melhores palavras para o trabalho com os analfabetos, com os educandos, ela era uma excelente observadora da realidade e do mundo vocabular deles, das palavras de serem divididas em sílabas e se alfabetizar, foi uma experiência que contribuiu muito para o trabalho deles, especialmente do meu pai, com a participação decisiva da minha mãe (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Corsino narra tempos e trabalhos, por um lado a instauração dos primeiros governos independentes e, por outro como se deu a inserção político-pedagógica do casal Freire.

> Logo a formação do primeiro governo de Cabo Verde, saío das eleições de 30 de junho de 1975, porque havia um acordo assinado entre o PAIGC e o governo português [...] a proclamação foi na semana seguinte. [...] Eu participei do primeiro governo como Ministro dos Negócios Estrangeiros, depois eu cheguei a ser Ministro da Educação e Cultura [...] Em 1977 nós tivemos o primeiro encontro com Paulo Freire, Elza Freire e a equipe do casal, eu estava como representante do PAIGC na altura e daí aconteceram as discussões iniciais em torno da Alfabetização de Adultos em Cabo Verde (Corsino Tolentino, 2013).

Traz ainda em sua narração, como percebe interesses e afinidades entre os dois, tendo em vista o trabalho de colaboração numa perspectiva histórica.

> A primeira coisa que eu posso dizer é que o simples fato de Paulo Freire e da Elza terem se interessado pelo trabalho do PAIGC nas zonas libertadas com a

> perspectiva do seu líder Amílcar Cabral, reforçou o papel transformador da Educação com a finalidade da luta que era criar cidadãos autônomos e críticos [...] o casal se interessou e mobilizou recursos para irem trabalhar in loco nesse caso na Guiné-Bissau com os dirigentes de Estado do recém-proclamado país e com os líderes do PAIGC esse indicador é muito importante e coincide com o fato histórico; depois vieram algumas vezes para Cabo Verde. A segunda coisa é a expectativa que Paulo e Elza tinham dentro da própria ideologia de criar e de gerar conhecimento do outro e do mundo através da capacidade de jogar com as letras, e aí que se destaca Elza digamos assim, pois com as palavras, para ela era um jogo que não terminava na relação teórica mas sim era um processo de aquisição de conhecimento para a transformação da pessoa e da sociedade (Corsino Tolentino, 2013).

Os vínculos com o PAIGC foram estreitos e entremeados pela Educação, em particular de Adultos. Portanto, podem ser melhor compreendidos dentro dos quadros africanos dos movimentos de independência e dos projetos que surgiam para a sociedade.

Carlos Reis, então Ministro da Educação descreve resumidamente o período e aborda as estratégias de trabalho e a pedagogia do casal que destacam Elza Freire.

> Logo no início da independência começamos os contatos com Paulo Freire dentro do quadro político e social do PAIGC [...] O nosso trabalho político teve a colaboração do Paulo e da Elza no trabalho educacional [...] eu cheguei a trabalhar muito com eles, em todas as vezes que estiveram nas ilhas, queríamos aprender com eles o que nos tinham para ensinar. [...] Certa vez, em uma das formações ministradas por Paulo e Elza, porque eles estavam juntos o tempo todo e trabalhavam assim sempre, era no ano de 1977 durante o meu trabalho no Ministério da Educação, numa atividade de formação de formadores, compreendido dentro do quadro daqueles primeiros anos [...] foi na Assomada[140], era um encontro de trabalho no interior da ilha [...] o tema principal era o conteúdo do programa de Alfabetização de Adultos e como ele se articularia com a vida da comunidade, e me lembro da Elza dizendo que o tema tem sempre que ver com a vida [...] ela defendia que devia ser dentro da pedagogia deles, daquilo que se quer ensinar e o que se quer aprender [...] ela tinha uma contribuição maior no campo técnico e só depois passava a frente (Carlos Reis, 2013).

Outra coisa para a análise: Elza Freire e Paulo não ficavam nas capitais, eles iam para o interior, pois o núcleo dos objetivos era criar cidadãos in loco e o conteúdo do programa de Alfabetização de Adultos, segundo Elza Freire deveria partir da realidade de vida. Ela era a formadora dos formadores.

E ao recordar os dias do primeiro governo independente de Cabo Verde, o faz como parte da sua vida, que nessas configurações se encontra com a vida do casal Freire. Juntos partilharam também processos de Educação em que Elza Freire é distinta no que faz.

> Nos encontrávamos sempre, ficamos amigos do Paulo Freire e da Elza a sua mulher. E aprendemos muito com esse convívio [...] Eu me recordo deles com saudade [...] era bonito ver os dois juntos [...] Elza era uma pessoa doce, que

[140] Assomada – Cidade, no interior da ilha de Santiago, no Sotavento de Cabo Verde.

> exprimia sabedoria e que às vezes com intervenções curtas, mas muito diretas, era muito tranquila e segura naquilo que fazia, com uma capacidade para as suas ideias apresentar [...] a forma como ela iniciava as pessoas nos processos de Educação e como ela ia a ajudar a alargar as oportunidades para a organização do trabalho, mas também da vida das pessoas. [...] Ela ajudava também a estruturar a cabeça das pessoas (Carlos Reis, 2013).

Era a base do seu trabalho a forma sábia, amorosa e didática, como Elza Freire iniciava as pessoas nos processos de Educação, a praticidade de sua metodologia de ensinar e aprender vinha atrelada a percspectiva de vida, de como se posicionar, enfrentar e transformar. Quando falava:

> [...] ela demonstrava uma preocupação a essa altura com as mulheres, não só as mulheres cabo-verdianas, ela já havia falado isso em outros momentos e agora, sobretudo dos direitos das mulheres, da necessidade da igualdade dos direitos [...] demonstrava também uma grande preocupação com as crianças, e para os adultos em criar melhores condições de vida [...] Era um sentimento de humanidade que transparecia nos sentimentos da Elza e nos do Paulo também (Carlos Reis, 2013).

E quando olhava, a singularidade do olhar de Elza Freire para com o outro, é capaz de revelar outra dimensão de humanidade; é capaz de revelar o que está presente no seu falar e no seu fazer, na sua maneira de trabalhar as preocupações em relação às condições de vida; é capaz de revelar com quem ela dialogava em sua proposta político-pedagógica: as mulheres, as crianças e os adultos analfabetos.

A atuação nos dois países, agora fixada em Cabo Verde discute sem delongas a complexidade da Alfabetização de Adultos com a problemática da língua. Todavia, se aproxima dos princípios da proposta Freiriana e faz referências a educadora Elza Freire.

> Eu me lembro da Elza mais em Guiné, tá a ver? Ela veio a Cabo Verde também, sempre acompanhando e trabalhando com Paulo, mas lembro dela ativa a frente da formação [...] não sei se o método Paulo Freire deu o que devia dar na Guiné, aqui deu, deu bastante, mas temos diferenças grandes, principalmente em relação à aprendizagem de leitura e escrita [...] Elza se preocupava muito com isso, como sendo professora pegava muito nesse aspecto, ela sabia tudo sobre pedagogia e sobre o método [...] Guiné tem várias línguas, várias etnias e, isso dificulta muito a alfabetização [...] Era só trabalho, porque Paulo e Elza e as equipes também estavam empenhados para que o povo soubesse ler e escrever, eles batalharam bastante para que isso acontecesse [...] queriam que o povo saísse da ignorância, a ignorância de não saber ler e escrever, porque para eles o povo era sábio [...] era a maior preocupação deles, e diziam que ensinar a ler e escrever é como tirar uma venda dos olhos dos adultos analfabetos (Ana Francisca Barbosa, 2013).

Preocupações do casal Freire, que quando corporificadas nas experiências mostram a professora Elza Freire – a professora dos professores e pela narrativa apresentam como

ela metodologicamente levava do campo técnico para a prática as inquietudes com o caráter emancipatório da alfabetização de adultos:

> Eu vi na Elza a companheira de Paulo Freire, uma esposa amável, muito amável para o marido, vi nela também uma preocupação e uma dedicação maior com a parte metodológica, mas fiquei com a impressão de que sendo ela professora primária, preocupava-se muito com a aprendizagem, aprendizagem para que o formando ou animador cultural captasse técnicas para levar a que o alfabetizando aprendesse a ler e a escrever. Elza se preocupava muito com esse aspecto, Paulo era mais teórico [...] Era Elza que fazia a concepção dos estudos, a preparação das formações, os levantamentos das palavras geradoras, ela era a professora (Ana Francisca Barbosa, 2013).

Encenam-se simultaneamente concepções, princípios, metodologias, que deixam ver Elza Freire, que sem dúvida, participa e elabora, faz acontecer. Com consciência de que

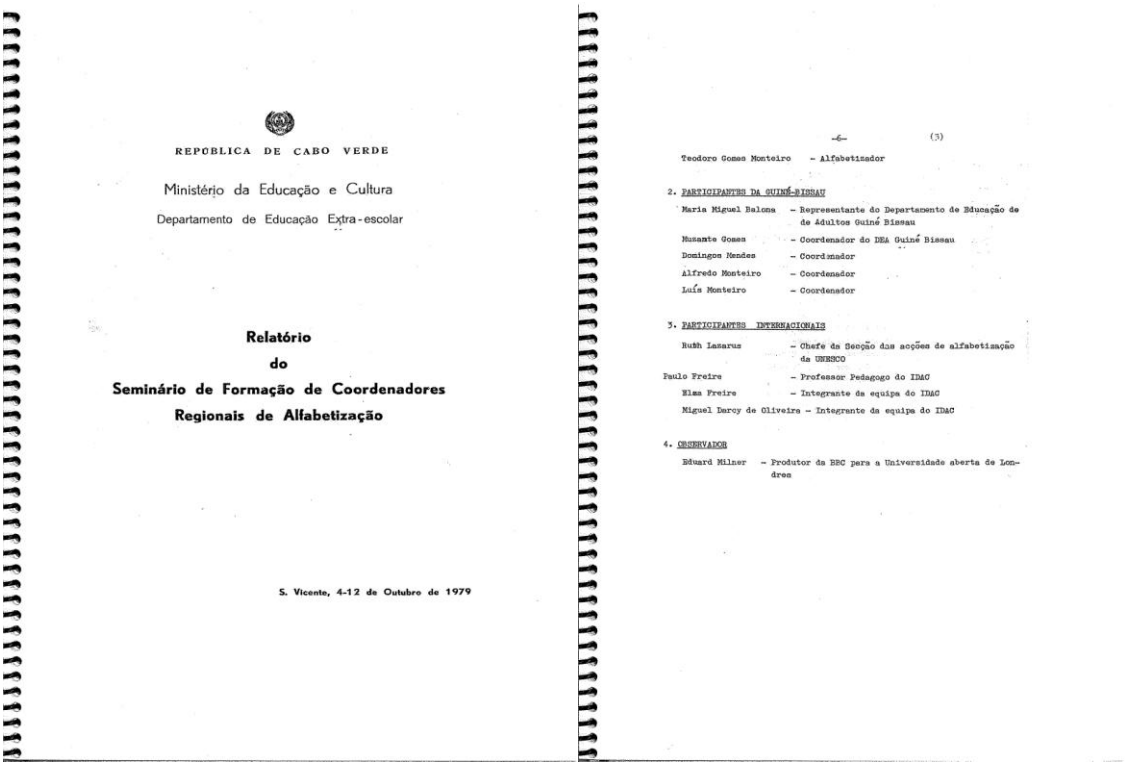
> Na proposta de trabalho de Paulo Freire e também de Elza, os analfabetos não só aprendiam a ler e a escrever, mas também conquistavam consciência política, a consciência da realidade, a consciência social [...] Elza quando explicava as palavras geradoras dizia o porque disso, dizia que para se extrair a palavra geradora se fazia um levantamento do vocabulário das comunidades e, a partir disso, se gerava o diálogo á volta com esses temas todos para só depois se chegar ao tema (Ana Francisca Barbosa, 2013).

Elza Freire e as palavras geradoras, o levantamento do vocabulário, a prática dialógica e o tema gerador.

> Elza sabia o que falava [...] isso foi enriquecedor, isso com certeza ajudou o povo de Cabo Verde a descobrir a própria realidade e a transformá-la quando era necessário (Ana Francisca Barbosa, 2013).

Descobrir e transformar a própria realidade para se abrir campo aos processos de ensino-aprendiagem como instrumentos de transformação do sujeito e da realidade, Elza Freire fazia etnografia junto aos grupos e as comunidades, fazia levantamento vocabular deles e a partir de então, dialogava com as palavras geradoras e os temas.

Há outros registros destas experiências e da inserção político-pedagógica de Elza Freire e Paulo em Cabo Verde que contou com a participação de distintos grupos. Problematizo porque esses e outros registros não foram publicados? Porque a ausência de buscas nesse recorte de tempo e espaço? As evidências do campo empírico apontam para a abertura e possibilidades de outras pesquisas, bem como o aprofundamento desta.



REPÚBLICA DE CABO VERDE

Ministério da Educação e Cultura

Departamento de Educação Extra-escolar

Relatório
do
Seminário de Formação de Coordenadores
Regionais de Alfabetização

S. Vicente, 4-12 de Outubro de 1979

-6- (3)

Teodoro Gomes Monteiro - Alfabetizador

2. PARTICIPANTES DA GUINÉ-BISSAU

Maria Miguel Baloma - Representante do Departamento de Educação de de Adultos Guiné Bissau

Nusante Gomes - Coordenador do DEA Guiné Bissau

Domingos Mendes - Coordenador

Alfredo Monteiro - Coordenador

Luís Monteiro - Coordenador

3. PARTICIPANTES INTERNACIONAIS

Ruth Lasarus - Chefe da Secção das acções de alfabetização da UNESCO

Paulo Freire - Professor Pedagogo do IDAC

Elza Freire - Integrante da equipa do IDAC

Miguel Darcy de Oliveira - Integrante da equipa do IDAC

4. OBSERVADOR

Eduard Milner - Produtor da BBC para a Universidade aberta de Londres

Figura 69 – Capa e página 06 (consta o nome de Elza Freire) do Relatório do Seminário de Formação de Coordenadores Regionais de Alfabetização. São Vicente, Cabo Verde, 1979.
Fonte: Acervo da DGAEA – Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos, cedido por Florêncio Mendes Varela à pesquisadora em 2013.

Um deles se reuniu para realizar o Seminário de Formação de Coordenadores Regionais de Alfabetização em 1979 que resultou na compilação das apresentações, inclusive da participação do casal Freire, através da elaboração de um relatório.

Hoje, mais de 30 anos depois, continua atual.

Como as Cartas de Guiné-Bissau, as Cartas de Cabo Verde. As narrativas de Ana Francisca descrevem, detalham e explicitam esses cenários pouco iluminados, porque constituem (em parte) a própria presença de Elza Freire. Ela revive que:

> Paulo Freire também trocava cartas com Cabo Verde [...] e agora que você pergunta, me lembro de ler sempre o nome de Elza, de ler referências à ela [...] não eram cartas manuscritas, eram datilografas [...] Uma vez em Guiné-Bissau, o Paulo me as deu e disse para eu ler e tirar proveito, portanto, eu vim com as cartas, lia e aprofundava a metodologia [...] Trocávamos correspondências e tomávamos orientações, queria se saber como estavam as atividades, qual o andamento e o que se iria planejar. Paulo e Elza, a equipe fazia como que um ponto de situação através das cartas [...] pena eu não saber aonde estão, se foram compiladas, não sei o destino delas (Ana Francisca Barbosa, 2013).

Destino de cartas, viagens, experiências, que fazem parte dos percursos de Elza Freire em tempos e espaços do exílio brasileiro.

> Paulo Freire já era uma pessoa bastante conhecida. [...] A presença do Paulo e da Elza atraia a participação de outras pessoas [...] Penso, por exemplo, na viagem que foi, a partir da libertação nacional como ato de cultura, realizar a Educação como prática da liberdade, visitar e participar nos Cículos de Cultura propostos por Paulo e Elza e deixarmo-nos inspirar pelas palavras geradoras para nos ajudar a chegar ao bom porto que seria a cidadania, são tempos que não voltam mais (Carlos Reis, 2013).

E que às vezes se expressam na "sodade" que deixam. Encontrar caminhos para conceitos que abarquem significados daquele tempo é como buscar manifestações próprias ligadas às presenças na vida que não conseguem ser completamente conhecidas e confundem-se na forma de utopia e música, em sendo assim ganham voz também com a cabo-verdiana Cesária Évora, considerada uma das principais vozes da África:

Sodade[141]

Quem mostra' bo
Ess caminho longe?
Quem mostra' bo
Ess caminho
Pa São Tomé

Sodade
Dess nha terra d'Sã Nicolau

Si bô 'screvê' me
'M ta 'secrevê' be
Si bô 'squecê' me
'M ta 'aquecê' be
Até dia
Qui bô voltá

Sodade
Dess nha terra São Nicolau

Esquecer! Ninguém esquece, meramente suspende fragmentos na câmara escura de si mesmo que se revelam à luz da memória.

Quem lá esteve uma vez não pode deixar de lá voltar, pois lá se guardam em parte o encontro de Elza Freire, Paulo e outros exilados com Áfricae com a...

[141] Composta nos anos 1950 por Armando Zeferino Soares, comerciante em Praia Branca, na ilha de São Nicolau, que fez a música na despedida de um grupo de amigos que iam embarcar para São Tomé e Príncipe, o que era habitual naquela época. A música Sodade tornou-se emblemática de Cabo Verde e da sua cultura, e se imortalizou na interpretação de Cesária Évora. É um hino não oficial das ilhas.

4.4 – A luta pela libertação, revolução e educação: Camarada Elza Freire – considerações iniciais sobre a inserção em África e a construção político-pedagógica em tempos e lugares do exílio.

Ontem, a luta de libertação e os processos de revolução; depois a reconstrução nacional e os projetos de Educação; hoje, seguem vivos na utopia de sociedades que queremos tornar possível. São tempos e espaços do exílio a partir dos percursos de Elza Freire em África.

Reúnem-se na elaboração dos mapas da Diáspora Freiriana que tem continuidade. Escritos, desenhos e pinturas combinados nos diários de campo, nas fontes de pesquisa e páginas do capítulo, ritual iniciático de uma pesquisadora em busca de Elza Freire (e de si mesma) e de memórias perdidas, guardadas e disseminadas no espaço social, político, pedagógico, geográfico e, sobretudo, humano das antigas colônias africanas de Portugal.

Ao lançar mão do compartilhamento destes mapas que apresentam percursos, narrativas, memórias e experiências através do caráter individual, coletivo e simultâneo se apresenta um fazer acadêmico diverso.

Destarte o capítulo visou elaborar um estudo sobre o engajamento dos brasileiros exilados do país pelo golpe de 1964 e as inserções político-pedagógicas em África a partir dos percursos de Elza Freire para, então, continuar a análise das reconversões identitárias[142] e compreender as repercussões em suas vidas. As experiências se situam entre a luta para a libertação das colônias portuguesas e os primeiros governos independentes, delineadas pela circulação diaspórica.

Para Elza Freire e outros exilados fazer parte desses quadros era trabalhar e militar no campo da Educação, era fortalecer posturas humanitárias universalizadas nos processos de emancipação e eliminação dos imperialismos, era um jeito de atingir o totalitarismo de Estado que existia no Brasil e tornar possível o retorno.

Portanto, é cabível dizer que África ocupou lugar de destaque nos itinerários do exílio e da militância. Esse mapeamento traz as conjunturas e dimensões do micro, meso e macro, que do ponto de vista descritivo e analítico considera a confluência dos percursos de

[142] Os conceitos de reconversão (SAINT MARTIN, 1995) e identidade (DUBAR, 2005, 2009) se referem a trabalhos realizados pelos sujeitos ou grupos mobilizando de modo estratégico os recursos detidos (econômicos, culturais, simbólicos e sociais), as avaliações das oportunidades e as disposições e perspectivas em relação ao futuro. Neste sentido as reconversões identitária são trabalhos inacabados.

Elza Freire com os movimentos revolucionários mediante sua participação na reconstrução nacional e destaca que ela tinha uma sensibilidade aguçada com as temporalidades de aprendizagem, com os ritmos de aprendizagem. Os processos têm tempos próprios:

> Ella [Elza Freire] fue ella en el sentido de la sensibilidad, la creatividad y criticidad que teniamos que tener, para realmente incorporarmos al processo de lucha de ese Pueblo, y no quedar simplesmente en el terreno de lo técnico [...] En una ocacion em São Tome le comente sobre la lentitud com que se hacian las cosas y me deseo porque ellas fueran mas rapido, ella [Elza Freire] me respondio: "as veces por ir mas rapido ya no se hace historia y aqui lo que se trata de hacer es historia, porque eso es lo único que queda, cuando nosotros nos vamos" (Arturo Ornelas Lizardi, 1987).

Fragmentos da história em que Elza Freire participou como fazedora e que revelam como foi sendo feita igualmente por ela. A história vai registrar em meados de 1976, a sua inserção ao lado de Paulo junto aos PALOP, colocando-os em contato direto com outros interlocutores, camaradas e revolucionários, bem como realidades desconhecidas. Tal fato os levou a repensar conceitos e a pensar práticas e propostas político-pedagógicas a partir daquelas experiências. Com isso, Elza Freire marca nova fase do exílio brasileiro e inaugura outra fase na práxis e no pensamento Freiriano.

Percebe-se que ao serem lançados no exílio, o casal Freire adentra processos que coadunam Educação e Revolução, o ápice se dá quando se inserem nos primeiros governos dos países recém-independentes em África e vão alinhar suas experiências a esses campos de luta com forte caráter humanista, transformando o que vinham desenvolvendo. Em todas as estâncias de atuação foi um trabalho de vanguarda realizado conjuntamente por eles.

Elza Freire estava ao lado de Paulo. Ela organizava os documentos e relatórios, preparava os estudos e fazia as formações, planejava o que, como e com quem se discutir antes, durante e depois, executava os encontros de capacitação, produzia os materiais das campanhas de Alfabetização de Adultos e das cartilhas, etc.

Ressalto, destacadamente neste capítulo, Elza Freire educadora, como possibilidade genuína de se inserir naquela realidade, de trabalhar com e por aquela população, de assumir o direito de ser esposa, mulher, mãe e, professora. Ele traz a libertação de países e povos, e também de uma mulher; traz possibilidades de seu vir a ser no exílio, em uma terra que não é a sua, mas que apresenta sentidos, aproximações e singularidades com o seu país.

Dentre as fontes capazes de nos ajudar a compreender os "Escritos Íntimos" cabe perguntar qual a chave para organizá-los ou apresentá-los? Eles guardam também as

condições em se realizaram o trabalho do casal e dentro destas condições como Elza Freire se destaca.

E em África se destaca através da sistematização do trabalho e da sua metodologia político-pedagógica: ela entrava em contato com as condições de vida das comunidades, prestava atenção especial nas mulheres, crianças e nos adultos analfabetos e era a partir destes grupos e destas realidades que dialogava com os coletivos para extrair o vocabulário das palavras para depois chegar ao tema gerador; desencadeava processos de ensino-aprendizagem mediante os desafios da linguagem e dos conflitos com a língua materna e o idioma português; lidava com os ritmos de aprendizagem e dava atenção à ensinagem, etc.

Expressivo trabalho representou um marco no trabalho do casal Freire mediatizado em vários processos pela Pedagogia da Convivência (SPIGOLON, 2009) que pode ser considerada também a tentativa de se manter a vinculação com o Brasil e com os tempos e os lugares do exílio, vínculos construídos por países e povos onde estiveram. Convivência sob a qual se regem as relações no mundo político e no trabalho – compromissado, com qualidade, quantidade e militância, na dimensão pedagógica das experiências revolucionárias, envolto pelo caráter que também traz amorosidade.

> Conheci Paulo e Elza nos primeiros anos da independência e me lembro dos dois de mão na mão [...] estávamos saindo do Ministério da Educação a hora do almoço [...] de sandálias os dois, Paulo com aquela barba e o olhar profundo [...] Elza extraordinária e discreta, ela era a pedagoga, a professora [...] eles irradiavam luz. [...] lembro-me do Paulo sempre dizendo, a Elza, a Elza e nós fomos, nós fizemos [...] era um casal amoroso [...] existe o amor, eu vi isto com Paulo e a Elza (Augusta Henriques, 2013).

O conjunto de fontes documentais e não documentais reunidas, até o momento, evidenciam o papel da revolução nas experiências vividas em África marcando o processo de reconversão identitária e de redefinição político-pedagógica do casal Freire. Nesse sentido, digo que é exequível aprofundar a diversificação das modalidades de revolução desses sujeitos que entraram na luta libertária em uma configuração de exílio e de envolvimento com os movimentos de descolonização sob a perspectiva da Educação e, em particular da Educação de Adultos.

Em realidade, as evidências empíricas são entremeadas pela articulação de fontes e de grupos que acreditavam na transformação daqueles países e povos e na formação de uma nova nação a partir de um novo homem e de uma nova mulher. Propunham uma revisão das

estratégias, teorias e práticas de ensino/aprendizagem e lutavam para que o mundo caminhasse em direção a outra realidade possível.

E eu caminhasse no sentido de iniciar as descrições e as análises, enveredando pelo campo sociológico, ou seja, na tentativa de construir os percursos de Elza Freire e Paulo em África que aproximaram o exílio e a Educação por meio do trabalho realizado por eles.

Para tal busquei marcadores que me ajudassem, dentro dos meus limites e das minhas possibilidades, a localizar o trabalho do casal e a aproximar da descrição das condições concretas e sociais dessa atuação em Guiné-Bissau e Cabo Verde, aonde consegui realizar pesquisa de campo e que se encontram diluídos na composição do capítulo.

Mas, quais os marcadores?

Como, onde, quando, com quem, por que, para que, quanto tempo.

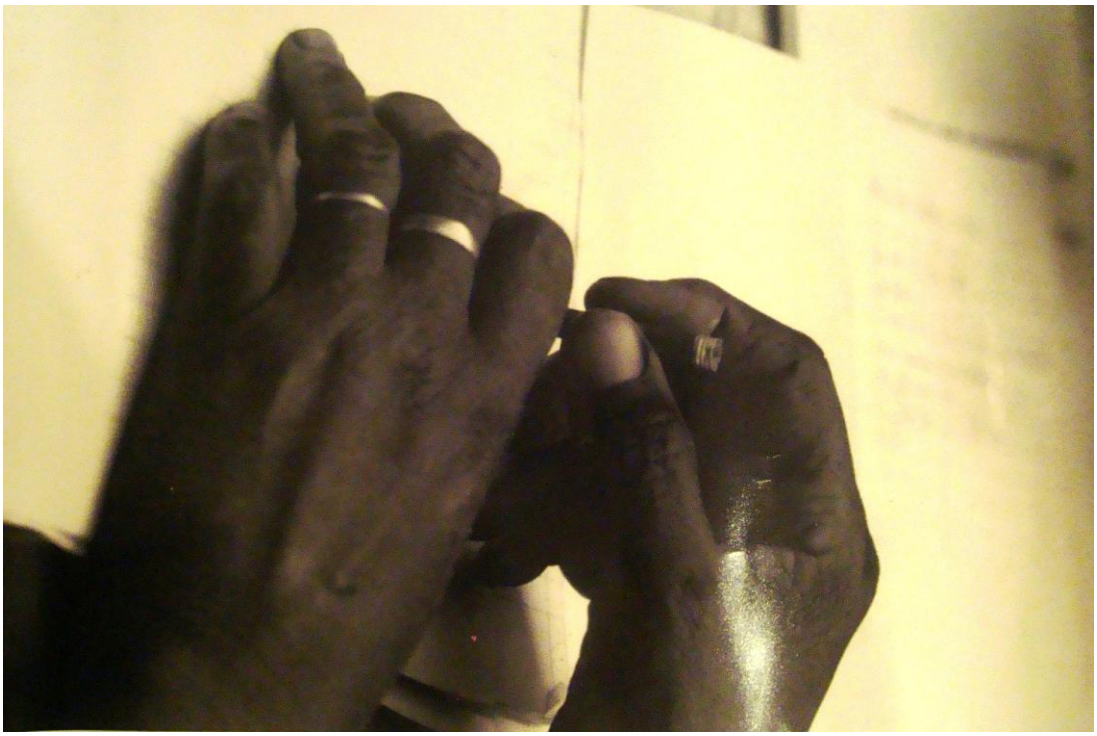


Figura70 – Registro das Campanhas de Alfabetização de Adultos realizadas em Cabo Verde com a participação de Elza Freire em inserções político-pedagógicas em África no exílio ao lado de Paulo.
Fonte: Acervo pessoal de Ana Francisca Barbosa, doado à pesquisadora em 2013.

E o fizeram através de experiências que demandaram esforços de mobilização e de participação comovente, vinculando-se na luta contra o analfabetismo que sempre vem acompanhada. Experiência que nos passou, nos aconteceu e nos tocou (LARROSA, 2002)

e, em cuja prática os que se envolveram se ajudaram mutuamente, aprendendo e ensinando e depois continuar a aprender ensinando, espalhados nos territórios da Educação e da vida.

> [...] nos falavam de sua militância junto ao povo e com ele; de suas experiências durante a luta, do aprendizado em que ela implica, não apenas para sobreviver durante ela e vencer o inimigo, mas também para a outra luta, a da reconstrução nacional. [...] De qualquer modo, contudo, gostaria de fixar, aqui, pelo menos um aspecto que a mim me tocou nas visitas: a conversa que tivemos Elza e eu com um jovem diretor de um Internato [...] Sem retórica, sem adjetivos veementes, mas sem frieza e profundamente humano, ia nos dizendo do trabalho educativo nas zonas libertadas. Ia nos falando de como a escola e a comunidade se integravam no esforço comum de sustentar a luta e, sentindo-se e sabendo-se igualmente pela luta sustentadas, se davam à tarefa apontada pelo PAIGC e por Amílcar Cabral [...] E esta compreensão que é geral na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, é o resultado da autenticidade do testemunho do grande líder [...] com ele aprendendo e ensinando na prática revolucionária. [...] Ninguém é ou continua a estar sendo sozinho. [...] Enquanto o jovem militante nos ia falando, a Elza e a mim, da sua experiência [...] ia ficando cada vez mais claro o papel que aquela experiência toda teria a jogar, como de fato está jogando, hoje, na luta pela reconstrução nacional. [...] Tenho a impressão de que o jovem militante percebeu, na tonalidade de minha voz, nas minhas mãos crispadas, na minha face, em mim todo; no olhar de Elza, no seu silêncio que gritava, a revolta imensa que nos assaltava (FREIRE, 1978, p. 35-37).

As palavras são tão esclarecedoras quanto a própria memória. Elza Freire e Paulo revelam o que sentiram ao descobrir algumas maneiras que os países antes invadidos e dominados por Portugal tinham para defender sua cultura, resistir à opressão e violência imposta pelos usurpadores do povo e exploradores da terra, eles lutavam pela liberdade.

Mora no silêncio a palavra não dita e Elza Freire silenciou-se, descrevendo revolta e usando linguagens variadas de como esse encontro reverberou no seu corpo, discretamente exteriorizou as percepções que teve sobre as referências e ideologias defendidas até ali. Ao ingressar nas trincheiras da luta anticolonialista e nas fileiras da reconstrução nacional, ela vai descobrindo-se e reafirmando-se camarada.

> [...] com pudor revolucionário e, em coerência com este pudor, absolutamente consciente do papel histórico de seu povo, é que aquele jovem militante falou a Elza e a mim da prática em que se re-fez e da em que continuava a re-fazer-se, junto com seus camaradas; da alegria de haver participado da dureza da luta, da alegria de estar participando da reconstrução de seu país (FREIRE, 1978, p. 37).

Chamam-se entre si "camaradas" e, esta tratativa na forma de palavra não aparece como uma sobrevivência histórica, ou figura apenas como uma espécie de linguagem revolucionária, mas sim "camarada" se afirma como a expressão viva de uma amizade e de uma solidariedade reais. No passado, herança do tempo da luta de libertação; no presente aquela guerra acabou, mas continuam a viver de uma maneira "convivial" para empregar uma palavra que representa utopia.

Chamar-se “camaradas” não quer somente indicar que se pertence ao mesmo partido. São camaradas porque se conhecem há muito tempo, lutaram juntos enfrentam hoje, sempre juntos, novos desafios.

Dentre os ideais em comum, os camaradas tinham o de que por meio da Educação libertária se consolidaria a independência e se formaria a soberania dos novos países.

Elza Freire e Paulo foram acolhidos como camaradas.

Nomeadamente com a aproximação do pensamento de Amílcar Cabral, dos movimentos revolucionários na luta de libertação das colônias portuguesas e das experiências de Educação nos PALOP, Elza Freire e Paulo passam a integrar o grupo de camaradas composto por nomes tais como: Luís Cabral, Beatriz e Mário Cabral, Armando (Miki) Noba e Augusta Henriques em Guiné-Bissau; Aristides Pereira, Carlos Reis, Corsino Tolentino e Lilica Boal em Cabo Verde; Artur Carlos M. P. dos Santos – Pepetela, Mário de Andrade, Lúcio Lara e Agostinho Neto em Angola; Maria Amorim, Manuel Pinto da Costa e Sinfrônio Mendes em São Tomé e Príncipe.

Elza Freire se encontra com África no escopo do exílio brasileiro e se insere nos quadros dos movimentos revolucionários de libertação. Lá ela vai reassumir sua condição de professora e de formadora de professores, vai junto com Paulo retomar os círculos de cultura abrindo campo para práticas e ideias emancipatórias, juntos conseguem sistematizar uma proposta mediada por Educação e Revolução, porque a inserção naqueles países foi experiência fundamental de construção político-pedagógica em tempos e lugares do exílio. Eles participam das lutas nacionais e se tornam revolucionários durante o exílio, cujo ápice do processo é em África. Naquele período isso representava que atuar na reconstrução nacional e transformar aquela realidade era libertar o mundo, que era de alguma forma libertar o Brasil e, libertar o Brasil era a única condição de eles poderem retornar e significava do mesmo modo realizar o que foi interrompido pelo golpe de 1964.

Os processos de libertação e os movimentos de revolução para a independência das colônias portuguesas em África tinham em certa medida aspectos em comum com o exílio brasileiro, seja a luta contra a injustiça e o autoritarismo ou a luta anti-imperialista. Porque imaginemos no âmbito mundial os processos, o mundo e as pessoas se encontram e se movimentam não de forma dicotômica maniqueísta controlada ou planejada: há os que lutavam pela independência e a liberdade e, os que mantinham o poder e governavam

países e territórios com violência. Aproximando mais, temos os países da América Latina que foram submetidos a golpes, ditaduras e exílios e territórios invadidos e dominados em África, nota-se a intervenção dos EUA e das grandes potências européias que apoiavam, financiavam e participavam da execução de planos e ações que devastaram povos e países, destruíram culturas e humanidades. Evidentemente, havia outros campos e espaços da luta contra a opressão, da emancipação e da justiça, eram esses os campos em que se fizeram reunidos alguns ressistentes, dentre eles brasileiros, chilenos, cubanos, guineenses, cabo-verdianos.

Os camaradas Elza Freire e Paulo são fundamentais nesses processos.

> Canta camarada[143]
> Deixa que o teu sonho verdade
> Flua límpido nos anseios da tua voz quente
> Pois este é o teu dever, o teu direito.
>
> Canta camarada
> Que a recordação da tua dor
> Seja como a terra revolvida
> Em cada época, para a sementeira.

Sendo assim, desejo dar continuidade a um campo investigativo que se realize nos movimentos de travessia do Atlântico, que ora nos separa, ora nos une.

Que as palavras de Mário Cabral (2013) quando nos cumprimentamos na minha despedida de Guiné e num até breve a África sigam ressoando nos horizontes da utopia: "o mais importante na luta não é vencer, é lutar!"

4.5 – Glossário do capítulo

Assomada – Cidade, no interior da ilha de Santiago, no Sotavento de Cabo Verde.

Balanta – Palavra que significa "aqueles que resistem" em língua materna dessa etnia. É o maior grupo étnico na Guiné-Bissau, dividindo-se em seis subgrupos e em algumas regiões se dividem entre o Senegal, a Gâmbia e Angola. São maioritariamente agricultores e possuem uma organização social própria.

[143] Autoria de José Carlos Schwarz, poeta, músico e compositor. Amplamente conhecido é considerado um dos mais importantes músicos da Guiné, tido como exemplo de cidadania, uma referência nacional, ativo intervencionista em defesa da nação. Escrevia em português e francês, e cantava em crioulo. Faleceu num acidente de avião aos 27 anos quando era Encarregado de Negócios da embaixada de Guiné-Bissau em Cuba.

Batuku – É tradição, é a forma musical mais antiga de Cabo Verde. Gênero musical tocado em grupo, unicamente de mulheres, com base em percussão em panos e no canto-resposta. Desenrola-se segundo um ritual cujas interpretações podem arrastar-se horas. Organizam-se em círculo tendo ao centro uma dançarina que evolui ao som e voz e depois elas vão se revezando. É expressão musical, cultural e coreográfica, é marca identitária, revestido de significados sociais.

Cachupa – Prato típico de Cabo Verde, feito com milho pilado, feijão estufado, carne de boi ou porco, peixe, mandioca, banana e legumes cozidos.

Cabéu – Fruto da palmeira dendém, que é um símbolo da cultura guineense, de cor vermelha. Constitui o quotidiano e é a base de especialidades culinárias em Guiné-Bissau. Também conhecido como chabéu ou cebén.

Cacheu – Importante rio da Guiné-Bissau ao norte do país, que dá nome a uma região, a cidade capital da região e a um setor autônomo da Guiné-Bissau. Faz parte dos sítios do patrimônio natural e cultural da Guiné-Bissau, foi berço da mestiçagem e da língua kiriol.

Farim – Cidade fronteiriça com o sul do Senegal, popularmente conhecida por "Dindin Bancô", é a principal do norte da Guiné-Bissau, situando-se na região considerada a mais pobre do país, na margem do rio Cacheu. Destinava-se ao comércio de escravos, abriga várias etnias, como a Jola, a Fula, a Banta e a Manjaco.

Fula – Grupo étnico espalhado pela África Ocidental, mas também a África Central e ao norte da África Sudanês. Povos tradicionalmente nômades que praticam a pastorícia são maioritários na Guiné-Bissau. Após os balantas é considerado o grupo mais importante.

Funaná – Gênero musical e dança originários de Cabo Verde, inicialmente da Ilha de Santiago. Associado ao acordeão caracteriza-se por uma espécie de poesia não de modo direto, mas que usa figuras de estilo, provérbios e ditados populares. É dançado aos pares.

Gumbé – Considerada a primeira música popular africana, e gênero poli rítmico que tem como base um tambor de mesmo nome (também chamado sikó ou tambor d'água), cheio de água e através de uma cabaça "cabaz" – um dos primeiros instrumentos musicais da Guiné-Bissau, usado de forma extremamente rápida produzindo sons que também provocam danças, sejam elas tradicionais, folclóricas ou modernas. A música da Guiné-Bissau é associada gumbé, cujo grande denominador de estilo é as canções em crioulo.

Junbai – Expressão pertencente a etnias de Guiné-Bissau que em língua crioulo daquele país quer dizer: roda de conversa ou debate sobre determinado assunto; conversa animada pelos provérbios, pelas histórias e advinhas, por cantigas sobre as riquezas do passado, pelos mitos dos animais e as experiências da vida, feita normalmente num serão ao ar livre, em qualquer canto da tabanca – aldeia. Junbai é o símbolo da cultura popular oral. Embora aconteçam variações na grafia, por exemplo: Djumbai, o sentido é o mesmo.

Mindjer – Do crioulo guineense significa mulher ou esposa e companheira.

Morabeza – Algo difícil de traduzir, pois não é só uma palavra, mas um conceito que abrange muito mais do que saber receber bem. Quase inexplicável, exprime um sentimento tipicamente cabo-verdiano, análogo (mas não expresso da mesma forma) à osprindadi na Guiné-Bissau e à teranga no Senegal, existe em todas as variantes do crioulo. Significa qualidade de quem é amável, delicado e gentil.

Morna – É um gênero musical e dança originários de Cabo Verde, de andamento lento e dolente e que mais identificam o povo cabo-verdiano. Trata-se de um símbolo nacional, tradicionalmente tocada com instrumentos acústicos, tem na voz de Cesária Évora a mais famosa intérprete.

Nô djunta mô – Expressão em crioulo de Cabo Verde que quer dizer "vamos nos unir", literalmente seria: "vamos juntas as mãos" ou então seguida da variação dja txiga hora: "já chegou a hora".

Nô Pintcha – Expressão em crioulo pertencente a etnias da Guiné-Bissau que quer dizer "Empurremos! Vamos em frente". Nome do primeiro jornal do Estado depois da independência e também do primeiro caderno de Educação Popular, elaborado por Elza Freire, Paulo e as equipes.

Quinará – É uma região na zona sul da Guiné-Bissau, junto ao estuário do Rio Grande de Buba. A capital da região é Buba – nome de um dos rios mais importantes da Guiné-Bissau que desagua no Oceano Atlântico junto à ilha de Bolama. Região conhecida pela violência, mas ladeada por florestas e áreas de grande fertilidade para a agricultura.

Sabi mancarra – Em crioulo, sabi é caldo e mancarra é amendoim. É um prato típico guineense, com os seguintes ingredientes: frango ou carne bovina ou suína, cebola, limão, mancarra pisado num almofariz, tomates maduros, piripiri (pimenta).

Sedengal – É uma cidade ao extremo norte da Guiné-Bissau, na região do Cacheu.

Tabanca – Em crioulo de etnias da Guiné-Bissau define aldeia, unidade de base da família alargada, conjunto de várias moranças – numa tabanca, a morança é um conjunto de casas, próximas umas as outras, pertencentes a pessoas com uma ligação consanguínea. Enquanto que em crioulo cabo-verdiano é um gênero musical e uma manifestação cultural, cujo acompanhamento rítmico é executado em tambores e búzios.

Tombali – Região ao sul da Guiné-Bissau, nas proximidades da fronteira com a Guiné-Conacry, sua capital é Catió. A região é conhecida como celeiro do país, devido à grande fertilidade do rio Cumbidjan e dos seus arrozais. Abriga a Floresta de Cantanhez conhecida como "Tchon di Nalu", sendo considerado o maior reservatório de biodiversidade do país, faz parte dos sítios do patrimônio natural e cultural da Guiné-Bissau.

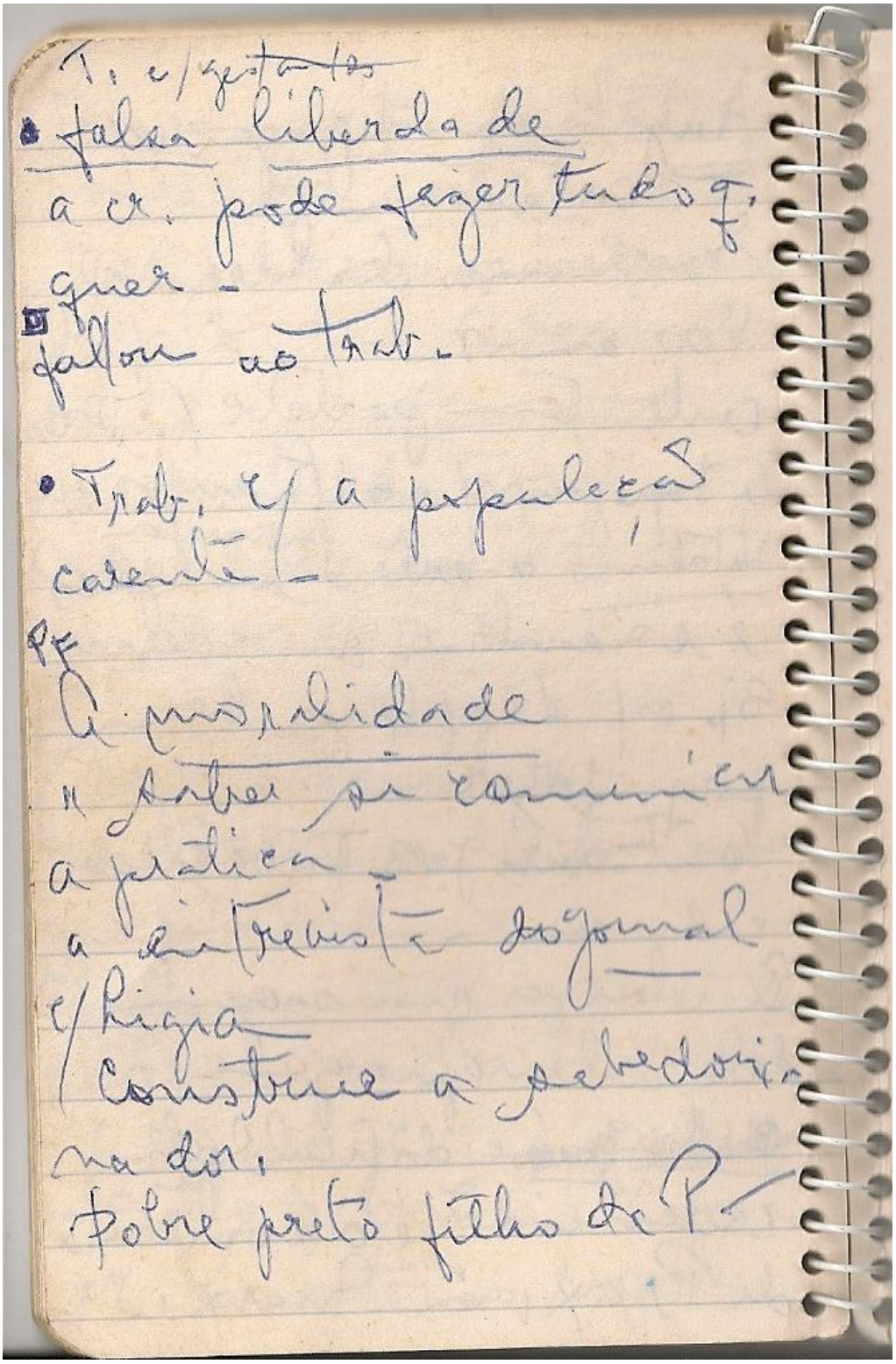


Figura 71 – Cadernetas de uma mulher, professora, esposa, mãe, exilada – Fragmentos de caderneta de Elza Freire, com anotações, por exemplo: pobre, preto e filho da P., compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

CAPÍTULO V
FASES DO EXÍLIO E FACES DA DITADURA:
(A)VENTURA DE RE-TORNAR AO BRASIL

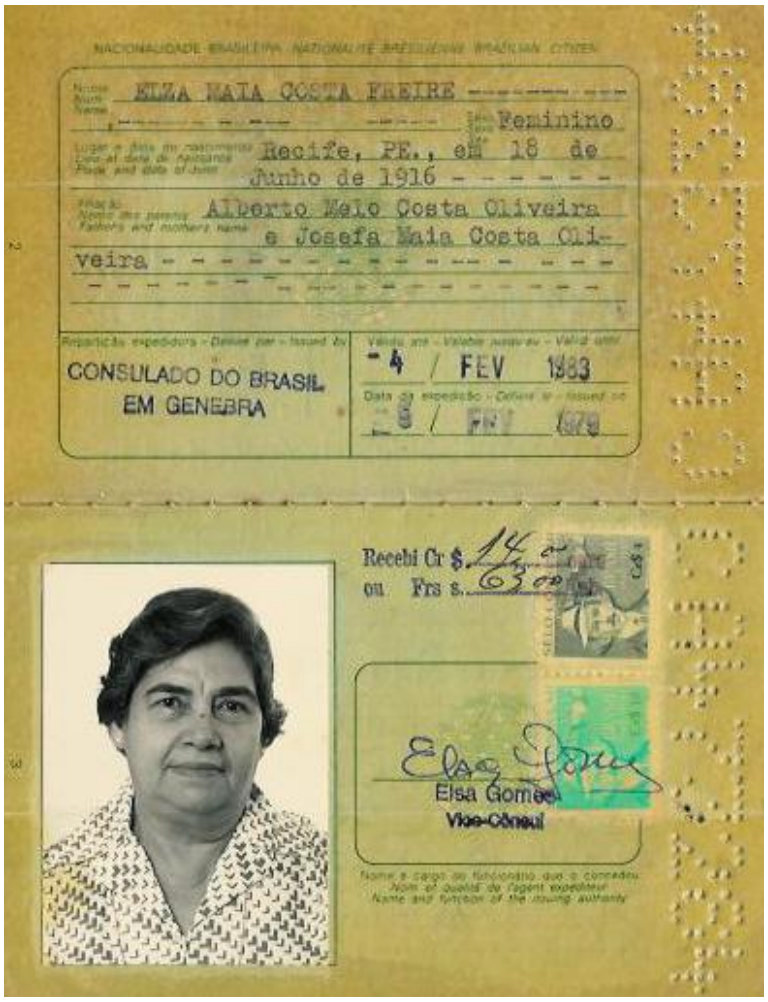


Figura 72 – Passaporte de Elza Freire. Genebra, Suíça, S/d.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

Ficar ou morrer, após o golpe de 1964, sair do Brasil, continuar vivo para escolher retornar ou não, são fases do exílio e faces da ditadura. Os percursos de Elza Freire compõem o período em suas faces e fases, para ela e muitos em circunstâncias semelhantes, a resistência à ditadura no exílio foi enfrentada com nostalgias e rupturas e ao mesmo tempo com denúncias e lutas políticas, em todas há questões de sobrevivência. A ditadura brasileira foi a única latino-americana a negar a emissão e renovação do passaporte para brasileiros, na condição de exilados, de modo a obstar a vida legal deles. Luta constante pela anistia e pelo direito de ir e vir de Elza Freire, Paulo e seus filhos, luta de outros, que reivindicavam o reconhecimento de sua cidadania mobilizando exilados e aglutinando pessoas, independentemente de atuações e tendências políticas. Esses processos configuram lugares, descobertas e a reinvenção de situações pessoais e coletivas para se viver, por vezes condições sub-humanas. Assim, ao redefinir projetos e experiências, redefiniam-se a si próprios, era (a)ventura de chegar do exílio e não a de voltar ao Brasil.

> Quando falo sobre o exílio, tenho amigos e pessoas que me perguntam: mas você se lembra disso? Sim e, eles me olham dizendo que para eles o exílio morreu, não querem mais saber, ele acabou, eu penso que não. [...] veio a abertura política no Brasil e nós retornamos. Foi uma sensação esquisita, voltar para o seu próprio país, sem conhecer o seu país. Novamente eu me sentia um peixe fora da água. [...] Quando chegamos começou vida nova, diferente e, eu acho erradíssimo isso de negar o que se viveu [...] não se pode esquecer o que a gente foi, o que somos isso faz parte da gente.
> Lutgardes Costa Freire (2007, 2012).

Este é um capítulo que conta as estratégias e os enfrentamentos de mulheres, homens e famílias brasileiras no exílio tendo em vista os desafios de regressar ao lugar de origem. Sujeitos que, como Elza Freire, por escolhas ou circunstâncias, mesclaram a própria vida aos destinos de um país e, que obtiveram, como experiência de seus percursos, o exílio e muitas vezes, a perda ou a suspensão de exercício de sua nacionalidade, a reconversão de sua identidade, a construção de alteridade.

Desde 1964, um contingente de brasileiros se foi para fora das fronteiras nacionais, por motivos políticos e suas consequências, por suas implicações diretas ou indiretas. Ainda hoje, o tema parece assombrar, a discussão é velada, pode ser fato assumido ou sumido em memórias. Diante do vivido e do percorrido, alguns mudaram de nacionalidade, uns apreenderam, enlouqueceram ou morreram e, muitos em vista da anunciada abertura política brasileira, prepararam-se para retornar ou não, depois de anos no exílio.

O retorno representa o lugar ao qual o exilado se sente vinculado por laços legais, históricos, afetivos. Chegar de retorno "para o seu próprio país, sem conhecer o seu país". De repente, as experiências se descobrem inacabadas e se recobrem por "uma sensação esquisita", que permanece nos processos internos dos exilados, nas memórias e nas suas vidas, "faz parte da gente".

Faz parte de buscas e encontros com um país, país de ausência... que deixa o sabor e/ou dissabor de partidas e chegadas do exílio. É a dor de não pertencer e o desejo de retornar à origem, de seguir ou chegar como descrevem os versos de Gabriela Mistral[144]:

[144] Pseudónimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, nasceu em 1889, Chile. Poetisa, educadora, diplomata e feminista, viveu as experiências do exílio, manteve e expandiu sob essas condições a

País de la ausencia
extraño país,
más ligeiro que ángel
y seña sutil,
color de alga muerta,
color de neblí,
com edad de siempre,
sin edad feliz.

No echa granada,
no cria jazmín,
y no tiene cielos
ni mares de añil.
Nombre suyo, nombre,
nunca se lo oí,
y en país sin nombre
me voy a morir.

Ni puente ni barca
me trajo hasta aquí,
no me lo contaron
por isla o país.
Yo no lo buscaba
ni lo descubrí.

Parece una fábula
que yo me aprendí,
sueño de tomar
y de desasir.
Y es mi patria donde
vivir y morir.

Me nació de cosas
que no son país;
de patrias y patrias
que tuve y perdí;
de las criaturas
que yo vi morir;
de lo que era mío
y se fue de mí.

Perdí cordilleras
en donde dormí;
perdí huertos de oro
dulces de vivir;
perdí yo las islas
de caña y añil,
y las sombras de ellos
me las vi ceñir
y juntas y amantes
hacerse país.

militância. Agraciada com o Nobel de Literatura de 1945. Residiu em vários países: México, Estados Unidos, vários da Europa e inclusive o Brasil. Sugiro consultar SEPÚLVEDA VÁSQUEZ (2011; 2012).

Guedejas de nieblas
sin dorso y cerviz,
alientos dormidos
me los vi seguir,
y en años errantes
volverse país,
y en país sin nombre
me voy a morir.

O exílio é "país sin nombre", lugar em que o exilado vive e morre.

Descrever a experiência do exílio, do desenraizamento que, depois de ter deixado seu país natal, com saudade e amor lembra certos objetos, pessoas, costumes e crenças que mantém o tempo em que viveu em seu país e também o tempo vivido em outros países. Todas essas palavras e sentimentos, sentidos e memórias são a narrativa de um "país da ausência", digo mais, país do exílio.

O retorno traz uma rememoração do passado histórico e de lá o presente para o futuro com esperança, tempo que poderia até mesmo dizer dias da utopia – a capacidade histórica de realização.

As noites da ditadura e os dias da utopia!?

São fases do exílio e faces da ditadura, desde o expulsar da pátria, degredar, banir, desterrar, extraditar, deportar até o retornar. O vocábulo exílio encerra complexas e multifacetadas significações que trazem em comum a violência que o cerca. O exilado sofre, primeiramente, a violência de ser expulso de seu país de forma que o seu retorno é inviabilizado pelos riscos a sua integridade física. Ele é arrancado de suas raízes, retirado do espaço onde estão presentes os quadros de referências que contribuem para a edificação do sentimento de permanência e de coerência consigo mesmo. Depois, o exilado sofre a violência de recusa a pertencer ao novo território, nutrindo um sentimento de orfandade em relação a sua cultura e território de origem, que em alguns aspectos o acompanha no retorno, e até mesmo depois dele. Em todos eles, é o não pertencer mais àquela origem, é o sentimento de fora do lugar.

A ideia de fases do exílio e faces da ditadura que o exilado traz, está alinhavada ao sentimento de pertencimento a uma comunidade e a um território aos quais se é originário. De certa forma, isto proporciona ao exilado, estabilidade necessária à sua existência e sobrevivência, mesmo que para alguns ela se dilua no decorrer do tempo.

No entanto, tais experiências e memórias, além do enfoque geográfico, também podem assumir uma conotação temporal devido à sensação de privação dos acontecimentos transcorridos no país durante o período em que passou no exterior. Estes elementos confluem para a conformação de uma vivência marcada pela perda do contato com as referências culturais da terra natal, pelo desejo de voltar e pela nostalgia em relação a este lugar e tempo deixados para trás (VOLPE, 2005, p. 78-82).

(A)ventura do retorno, através dos exilados retornados, desempenha, de fato, um papel estrutural elementar na organização e evolução de outros cenários e conjunturas no país – com destaque para a participação deles nos processos de configuração para a travessia entre a origem e destino.

A questão do retorno é uma das dimensões de discussão nas quais se inserem o exílio, na medida em que envolve vários modos de relações. Primeiro, uma relação ao longo do tempo, o passado e o futuro; segundo, uma relação com o solo (física e geográfica) e, em seguida, com suas dimensões sociais (metáfora espacial do espaço social); terceiro, a relação com o grupo que resta fisicamente e o grupo que vai se inserir, aprender a compreender e gerir. Para Sayad, todas essas relações

> [...] estão ligadas, são solidárias entre si, e a unidade que formam é constitutiva daquilo que chamamos de ser social. Aqui como em muitos outros temas recorrentes, como por exemplo, o exílio e a nostalgia, o tema do regresso através de todas as expressões da linguagem comum - a linguagem das pessoas em causa, daqueles que deixaram (pais, companheiros, compatriotas, etc.), de todo aquele que [...] não pode deixar de lembrá-los que estão no país e que continuam expostos a um possível retorno – linguagem que se junta a série dos grandes mitos que servem para explicar e elucidar a história do ser humano, que tendo obtido e incorporada em seu ser, de alguma forma se torna em sua encarnação viva (SAYAD, 2000, p. 17).

Durante o exílio, a circulação e o movimento migratório, imputa ao exilado uma causa fundamental singular, que Sayad (2000) chama de retorno. O retorno é elemento constitutivo dessa condição de migrante, ou seja, a unidade e coerência entre os eventos do ciclo de vida e os significados percebidos e atribuídos ao longo de sua experiência (de indivíduos e grupos sociais).

O retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas sim ao espaço social transfigurado por eventos vitais e, consequentemente, uma impossibilidade concreta, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e acontecimentos que se vivia no passado

(SAYAD, 1998, 2000). Então, para o exilado o retorno representa uma possibilidade que só existe no seu devir.

O amálgama de tempo, lugar e espaço, manifestando-se como a memória do exílio, nos depoimentos e testemunhos dos exilados que vão descortinando experiências individuais, ao mesmo tempo coletivas, apresentando uma realidade mais complexa e repleta de nuances. Trata-se de momento delicado e surpreendente, uma espécie de clivagem e dualidades entre a saída e o retorno, a esperança e suas implicações, desafios e conquistas estampadas sem disfarce nos exilados.

(A)ventura de chegar do exílio e não a de voltar ao Brasil. É difícil falar em uma volta, configurar seus significados, estabelecer percursos. Mais apropriado falar em uma chegada, portanto, optei em discuti-la sob a perspectiva de chegar. O encontro do sonho e da realidade, re-encontrar o que, quem e como se deixou e que não existe mais, ou passou a existir diferentemente.

O exílio nos compele a dizer que não há volta, há chegadas, além disso, ímprobo discorrer sobre uma volta. Chegamos por incontáveis vezes, mas não voltamos em nenhuma delas, pois o tempo, o espaço, as pessoas, as circunstâncias e nós mesmos já somos outros, estamos mudados e nos encontramos em permanente mudança.

Seguimos pelas páginas do capítulo que procura contribuir para o debate reflexivo e a investigação crítica acerca do exílio brasileiro que se desdobra sobre os limites e as possibilidades de retorno, as questões identitárias e os desenraizamentos, as conjunturas de luta para a chegada e, mesmo, sobre os percursos de Elza Freire.

5.1 – Em qualquer lugar, em lugar nenhum: o estigma e o desenraizamento do exílio ante os deslocamentos e as circulações do exilado

O exílio e o retorno dele é acompanhado por uma espécie de sentimento de estar "fora do lugar", mediante a condição de apátrida e de errante do exilado, comum a tantos, porém radicalizada para outros pelas circunstâncias particulares de cada sujeito e de cada país. Há em todas elas a busca para a constituição de uma "pátria pessoal", a única em que o exilado veio a sentir-se plenamente em casa. Said forma em letras esse sentimento e representa seu pensamento numa narrativa quase elegíaca:

> Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à ideia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá importância. Essas correntes, como os temas da vida de uma pessoa, fluem ao longo das horas de vigília e, em seu melhor estado não requerem nenhuma reconciliação, nenhuma harmonização. Elas escapam e podem estar fora do lugar, mas pelo menos estão sempre em movimento, no tempo, no espaço, em toda espécie de estranhas combinações que se movem, não outras, fazendo contrapontos, ainda que sem um tema central. Uma forma de liberdade, eu gostaria de acreditar, embora esteja longe de ter certeza disso. [...] Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo (SAID, 2004, p. 429).

São reflexões sobre o exílio. São memórias dos exilados registradas em espaços, tempos, em qualquer lugar, em lugar nenhum, portanto não é mencionada apenas a pungente retrospectiva de vidas repletas de rupturas, desindentidades e diásporas no exílio, mas também os cenários do retorno ou não, criados e (re)montados no último meio século.

É na confluência da temporalidade dos percursos de Elza Freire com a história contemporânea do Brasil, da ditadura e do exílio brasileiro que se constroem narrativas, ao mesmo tempo individuais e coletivas, a partir do golpe em 1964.

Certamente, demonstrando de forma nítida memórias com acordes de nostalgia, em sons na elação com a arte e política, pátrias e raízes, ritmando lugares e sentidos do exílio.

> [...] Joaquim Freire tocando Villa-Lobos é quase ouvi-lo novamente. Ele usa tempos incomuns que, de repente consegue colocar as peças nos Choros muito perto para fazer "brasileiro" e configurá-lo para além do mundo acadêmico europeu. [...] Se é convincente com Villa-Lobos, pois é ligado ao intérprete que é do Brasil, mas não há dúvida que investe de outra maneira: dinâmico, teatral, de grandes contrastes vivos e tonalidades, por erupções de explosões repentinas [...] tonalidades bonitas e extremamente sensíveis, estabelecendo novos padrões (Gitarre & Laute, Suíça, in Léman Classics).

E outras impressões e interpretações, alguns distanciamentos e aproximações com o continente e o país de origem:

> Joaquim Freire, ao usar os recursos com sabedoria, não cai em um excesso de sofisticação técnica, uma vez que ilumina seu jogo interpretativo, entre a arte impressionista da América Latina em Ponce e um calor qualquer da América do Sul em Villa-Lobos (Le courrier de Genève – Suíça, in Léman Classics).

> [...] reminiscências com Nobre e homenagens a Villa-Lobos, as gravações são, música e arte, mas com um aceno descarado às raízes do intérprete e dos compositores com as raízes da música popular brasileira. [...] ritmos brasileiros e melodias que foram tão bem absorvidas que nada soa clichê (American Record Guide – Suíça, in Léman Classics).

Em acordes semelhantes se inserem latino-americanos e europeus, há igualmente a presença de sentimentos registrados por experiências nas páginas da vida e cadernos para notação musical, com temas que evocam imagens extramusicais.

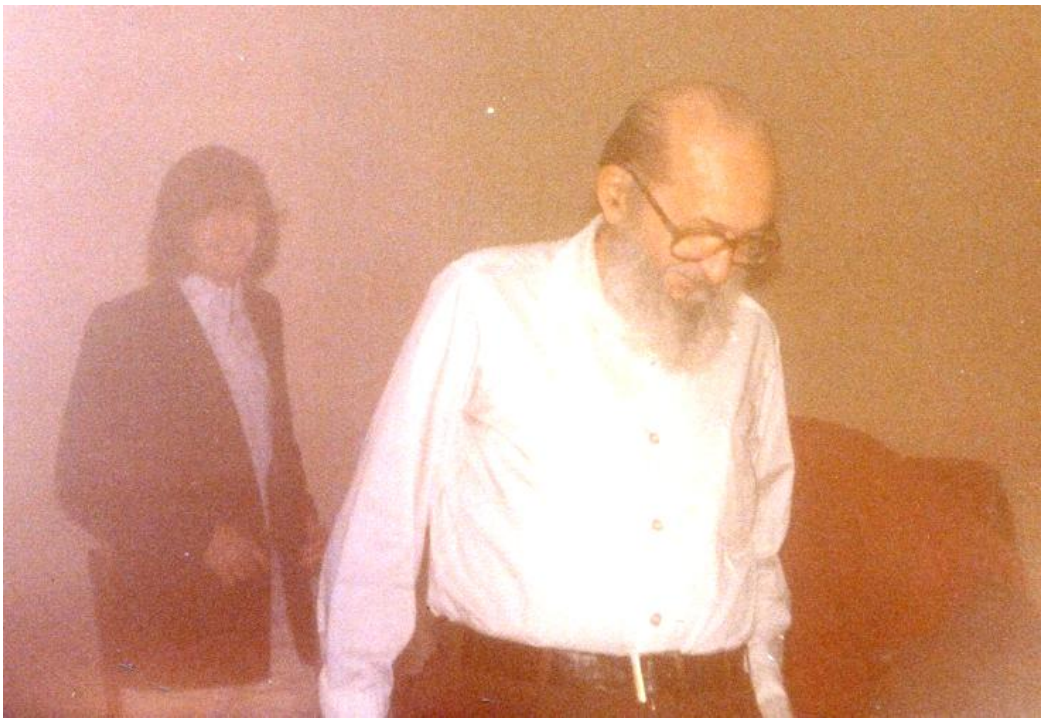


Figura 73 – Paulo e Joaquim Freire no exílio, no apartamento da família. Genebra, final de 1979.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Há a presença dos sentimentos que ressoam dissonantes por entre musicalidade e realidade, que oscilam entre memórias, partituras e escrituras, publicizadas ou não.

A vertente musicalizada da experiência "fora do lugar" manifesta-se em níveis diferenciados, porém não antagônicos, que se intensificam pelos sucessivos deslocamentos, traz composições, interpretações e variações entre a percussão e repercussão para cada sujeito. Sob tal perspectiva a experiência do/no exílio é também memória dos sentidos, Joaquim se dedicava ao violão, enquanto Lutgardes a bateria:

> Eu resolvi estudar música, porque eu tinha o sonho de ir para a universidade, mas na Suíça eu não conseguiria, porque eu tinha problemas com a escola [...] rigidez, autoritarismos, preconceitos com a minha condição, choque cultural, etc. [...] eu não conseguia passar de ano, acabei saindo da escola, entrei em depressão, tive problemas mentais e foi terrível, uma época muito difícil. [...] Era um fracasso atrás do outro. [...] Então, só me restava a música. [...] Informei meus pais que queria estudar música, percussão clássica, eles concordaram. Dos meus 17 aos 21 anos estudei música, coisa que já vinha estudando desde os 10 anos, paralelamente à escola (Lutgardes Costa Freire, 2012, 2013).

Ruídos, sons, barulhos, polifonias, dissonâncias... A música foi qualquer lugar ou nenhum ou o lugar, ora pessoal, ora profissional encontrado por exilados, inclusive Joaquim e Lutgardes para exprimir sentimentos, resistências, exílios, musicalidades, brasilidades, foi também a saída.

Almeri volta na música e no tempo, nos lugares e nas memórias para contar:

> Nos encontramos algumas vezes e em diversos lugares durante o exílio. [...] certa vez em Genebra, fiquei hospedado na casa e com a família de Paulo e de Elza [...] com todo o jeito que ela tinha, organizou a casa com os filhos [...] um que queria tocar bateria num prédio da Suíça, não era muito simples [...] e eu nunca mais tive notícias deles por um bom tempo (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

Ao longo desses anos, a experiência do exílio – transformou-se numa sucessão de deslocamentos, diásporas e circulações. Rodeada por tentativas de sobrevivência – impostas pelas opções ou ausência de opções, circunstâncias para adaptação a territórios estrangeiros e estranhos. Eram processos, que ora aprisionavam, ora emancipavam, mas que frequentemente estigmatizados e desenraizados, marcavam e se deixavam marcar.

Processos aonde se inserem Elza Freire e sua família:

> Pessoalmente, sentia-me como uma planta violentamente arrancada da terra. Este sentimento me acompanhou por muitos anos e só foi diminuindo à medida que fui criando novas raízes, sempre ficando a dúvida do lugar dessas raízes... De algo, porém, tenho certeza. Sem a educação e a convivência que tivemos com nossos pais teria sido muito mais difícil superar as dificuldades que o golpe de 1964 e, em seguida, o exílio nos acarretaram (HEINIGER, Cristina Freire, 2001, p. LXXXI).

> No exílio, venho descobrindo que ele não é apenas um doloroso desenraizamento, um estar-se fora de "seu" mundo, sem opção do retorno (FREIRE, in FREIRE, Ana M. Araújo (Org.), 2005, p. 217).

Foi violência, foram descobertas... Foi ou ainda é a realidade de diversos brasileiros, outrora situados em seu país de origem, de repente assolados pelo golpe, a ditadura e o exílio, defrontam-se com sucessivos desenraizamentos e passam a circular diasporicamente, ficam fora do lugar.

Fátima Freire diz:

> O lugar de origem é algo de muito importante na vida de uma pessoa. Somos todos, de certa forma, determinados, alimentados e norteados por esse lugar. [...] Saudade do que fomos e de onde viemos, que nos remetem e embalam a mulher adulta. [...] Descubro também, que os dezoito ou dezenove anos de exílio vividos fora do meu país não foram suficientes para arrancar de mim minhas raízes (DOWBOR, Fátima Freire 2007, p.30).

Lutgardes Freire pondera:

> A saída do Brasil não deixou de ser um desenraizamento para mim, é claro para meus pais e minhas irmãs também [...] quando eu começava a me tornar um chileno, eu tive que ir para os Estados Unidos, ou seja, outro desenraizamento [...] Após onze meses, partimos para a Suíça, Genebra, e o desenraizamento continuou [...] Acho que ele continuou existindo mesmo depois que retornamos para o Brasil, talvez não deixe nunca de existir (Lutgardes Costa Feire, 2012).

Como memória viva, Maria Thereza conta com dificuldades as travessias, pontes e fronteiras, as passagens por desterros que realmente talvez nunca deixem de existir:

> Para Jango, que dedicou a sua vida a uma causa, o desterro foi a solidão. Ele teve que conviver com isso até a morte. Até hoje não consigo passar perto daquela ponte em Uruguaiana [na fronteira fluvial do Brasil com a Argentina e o Uruguai] e lembrar-me de meu marido passando ali dentro do caixão me traz à memória velhas imagens difíceis de recordar [...] Para mim, tinha que me dedicar aos filhos [...] Formamos uma comunidade de exilados. Fomos bem acolhidos pelo povo uruguaio, que tinha orgulho de ter dentro de seu país o presidente do Brasil. O Uruguai se tornou nossa segunda pátria (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

Foi e foram sacrifícios de viver no exílio sob a condição de expatriado e ante as situações e contradições da vida.

Florestan condiz:

> Quanto à minha vida aqui, ela é literalmente uma merda. A cidade de Toronto é ótima; só tenho recebido atenções e favores; e deveria ser mais reconhecido. Mas não me encontro mais com a minha profissão e detesto a condição de expatriado [...] Sei muito bem que ando por uma trilha irracional. Porém, quem é que disse que devemos ser sistematicamente "racionais"?! Doutro lado, minha experiência me ensinou que vou trocar uma merda por outra. Como pôr-me em paz comigo mesmo numa situação que terei de engolir a própria consciência para sobreviver? Sentirei a cada hora que viver, o apodrecimento moral da pessoa, a corrupção indireta e envolvente das pequenas concessões e dos sacrifícios invisíveis. Mas, o que fazer? Posso mudar a história para fazer "escolhas racionais"? Portanto, vou-me lançando para a frente, com a disposição de que "o que for soará" (Florestan Fernandes, carta de 16.10.71).

Em razão do exílio e da distância do Brasil, sua pátria, Florestan Fernandes tinha a interpretação subentendida da "perda do chão".

Chão que remete ao exílio como "uma mente de inverno" em que o *páthos* do verão e do outono, assim como o potencial da primavera estão por perto, mas são inatingíveis (Wallace Stevens apud SAID, 2003, p. 60), como fratura incurável entre um ser humano e seu lugar natal, cujo *páthos*, está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra e se constitui numa estada sofrida no território do não pertencer. O exilado tenta, a seu modo, reconstituir a sua vida em um novo espaço (SAID, 2003, p. 46-60).

A procura por um solo de identificação torna o desenraizamento provocado pelo exílio um dos emblemas das tragédias humanas, um implacável diagnóstico da situação vivida por aqueles que, exilados ou não, tenham se sentido deslocados, estranhados e estranhos diante dos outros e de si mesmos.

Todorov evoca a experiência de um exilado retornando ao seu país depois de longa ausência, e de um dia para outro, descobre ter uma vida interior de culturas e sociedades diferentes. O desenraizamento vem acompanhado por uma sensação de pertencer a várias culturas ao mesmo tempo. O homem arrancado de seu meio aprende a não confundir o real com o ideal, o cultural com o natural e, descobre a tolerância, em que deflagra neles o processo de "estranhar-se" e a compreensão de que "somos todos híbridos".

> O que é preciso crer e lamentar é a própria *desculturação*, degradação da cultura de origem; mas ela talvez seja compensada pela *aculturação*, aquisição progressiva de uma nova cultura, de que todos os seres humanos são capazes. [...] Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda [...]. O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua (TODOROV, 1999. p. 24, 25).

Na perspectiva de Todorov (1999), nuanças negativas entram no compasso da subversão: não se situam em oposição por conta do hibridismo que as constituiu. O autor menciona aspectos desfavoráveis, suavizados por sua produtividade também. Portanto, no campo de compensações no tocante ao desenraizamento e contato com a cultura estrangeira é provável a diluição de traços identitários da cultura matriz. Enquanto que a marca de tristeza conferida por Said (2003) a essa condição de exilado é demonstrada no lastro deixado por Yanko em contato com a terra estrangeira e amenizada por acontecimentos mencionados por ele que revelam o processo de convivência com a cultura do outro.

Edward Said e Tzvetan Todorov, dentre outros, viveram e narraram experiências provocadas pelo ato de desenraizar-se de sua pátria e, terem suas raízes ramificadas em outras, experiências igualmente atribuídas a Elza Freire e sua família, como a tantos outros brasileiros exilados, por exemplo, o casal Rabêlo igualmente da geração de 1964:

> [...] aconteceram entre nós momentos alegres e felizes que não podemos esquecer, e também episódios dolorosos que nos marcaram para sempre. Companheiros não resistiram à provação de serem jogados pelo mundo, afastados de seu meio, de sua gente, de sua história. [...] exemplos extremos das grandes e pequenas tragédias que cercaram nossa vida lá fora. [...] O exílio, se não tivermos

> uma grande força moral para enfrentá-lo, nos corrói por dentro [...]. Para Einstein, foragido do nazismo, "o desterro é um monstro devorador" (RABÊLO & RABÊLO, 2001, p. 206-207).

Esse movimento de tempo, lugares e espaços, atrelado às experiências do desterro e desenraizamento, cuja dinâmica do exílio produz dentro do exilado a sensação de fora do lugar, de algum modo o situa na fronteira do "entre-lugar". A retomada desse conceito em Bhabha (1998) se ancora no impasse entre passado e presente, podendo aparar arestas entre as omissões e as invisibilidades residuais de práticas hegemônicas. O foco nas singularidades como fontes reelaboração e reencontros, reconhecendo a presença e a participação de forças diversas nesses processos e na definição do "local de cultura", reafirma a capacidade inventiva e criadora dos tempos e espaços compartilhados.

Na perspectiva do exílio, importa observar o caráter de deslocamentos e a possibilidade de ir a algum lugar "além" de si para retomar as "condições do presente", com um "espírito de revisão e reconstrução". Considerando que:

> O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com *"o novo"* que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradição cultural. Essa arte não apenas retorna o passado como causa social ou precedente estético; ele renova o passado, refigurando-o como um *"entre-lugar"* contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O *"passado-presente"* torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27, grifos do autor).

Tal intertextualidade favorecida por movimentos exploratórios e circulatórios, reunida numa articulação entre os espaços de fronteira, de contatos interculturais, em que suas características resultam do cruzamento de referências, contestações políticas e construção de novas estratégias de sobrevivência e que designa "uma temporalidade de construção e contradição social que é interativa e intersticial, uma intersubjetividade insurgente que é interdisciplinar" (BHABHA, 1998, p. 315), é capaz de redefinir alguns enquadramentos para a compreensão de dinâmicas significativamente transformadoras, como o exílio, bem como dos processos sociais e das experiências afetivas, ético-estético e políticas, que encarnam as condições do presente na abordagem dos entre-lugares para interpretar as configurações, consensuais ou conflituosas, dos exilados.

Dentre as modalidades de circulação de práticas, pessoas e saberes, e as condições de deslocamento, desenraizamento, desterro, diásporas e, em especial do exílio, nas quais se inserem os coletivos humanos e as discussões temáticas realizadas, entendo que o lugar

é, forte e amplamente, caracterizado pela busca, eivado por processos de idas e vindas, por chegadas e não por voltas, por conjuntos de experiências entre o vivido e o percorrido.

Isso me leva a pensar e sugerir dialogar que o lugar não é condição geográfica ou fronteira territorial, ele é constituído a partir dos percursos que realizamos no mundo e das realidades nas quais nos inserimos. O lugar é perspectivado a partir das experiências, ele encarna as inspirações e aspirações dos sujeitos, interliga histórias, constrói memórias e nos localiza em circulação por uma rede de tessitura social entremeada por tempos, espaços e ações. O lugar é uma espécie de entidade particular, que a utopia é capaz de transformar e atribuir um caráter universal. O lugar não é algo ou fato a ser explicado somente na estrutura do quantitativo e do cartesiano, não apresenta tão-somente uma existência estável, no entanto, possui dimensões e conexões de sentidos e significados, que podem tornar os lugares visíveis em dadas circunstâncias, possibilidades e limites.

Ainda mesmo que diante da possibilidade de chegar um dia ao seu lugar de origem, para o exilado as situações, configurações, sensações de estar fora do lugar não vinham solitárias, traziam consigo a conjugação de experiências comuns a outros exilados. Eram movimentos não isolados ou estanques, eram sim processos que instalavam pré-conceitos, pré-juízos e rótulos estigmatizados, enfim, chegavam (quase) sempre juntos.

Essa espécie de "entre-lugar" desencadeava consequências, atribuindo uma imagem que não se dissociava à do exilado. Comumente a outras, difícil apontar quando e como, aonde elas se entrecruzam na vida durante o exílio, passando a ser incorporadas aos percursos dos exilados. É o estigma do exílio. É o estigma de ser exilado brasileiro.

> [...] certo dia o professor pediu para que eu lesse um texto em francês em voz alta, ao concluir ele disse: "Vocês escutaram?... Ele nunca vai falar francês como nós, porque ele é brasileiro" (Lutgardes Costa Freire, 2012).

Erving Goffman foi pioneiro a pensar o conceito de estigma numa perspectiva social. Para ele, estigma é uma relação entre atributo e estereótipo e, tem sua origem vinculada à construção social dos significados através da interação. Reflete sobre esse conceito e suas relações com as formações das identidades e, também, sobre os denominados "desvios sociais" vinculando-os às situações estigmatizantes.

Parcelas da sociedade conjuntamente com os grupos sociais, instituem como as pessoas devem ser, e torna esse dever como algo natural e normal. Um estranho em meio a

essa naturalidade não passa despercebido, pois lhe são conferidos atributos que o tornam diferente. Em assim sendo, o exilado se torna um "estranho".

As discussões do exílio e da identidade do exilado inspiradas em Goffman consideram o estigma como "a situação do indivíduo que está inabilitado para a plena aceitação social", evidenciando a busca para se construir um esquema conceitual, que seja igualmente pertinente à reflexão sociológica, e que levasse em conta a relação do "estigma com o desvio social e suas estreitas ligações com o que denomina informação social", à percepção que o "indivíduo transmite diretamente sobre si" (1980, prefácio).

Então, o papel que a sociedade exerce de categorizar as pessoas, de estabelecer normas, de firmar atributos tidos como normais, apontam que quando um atributo deprecia, ele se torna um estigma. Há uma relação entre tais normas e as afirmações das identidades sejam elas individuais ou sociais. Goffman menciona três categorias de estigmas: 1) aquela constituída pelas abominações do corpo – as várias deformidades físicas; 2) as caracterizadas pelas fraquezas e culpas de caráter – vontade fraca, paixões excessivas, crenças falsas ou rígidas, desordens e distúrbios mentais, vícios, tentativas de suicídio e comportamento político radical e 3) as que se referem às diferenças de raça, de nacionalidade e de religião (1980, p. 14).

Em todas essas categorias de estigma, encontram-se características sociológicas e parâmetros socialmente construídos que levam a que o indivíduo que poderia ter sido inserido nas relações sociais cotidianas seja associado a traços que podem se impor e afastá-lo dos demais indivíduos, aniquilando as possibilidades de atenção para outros atributos seus. É o que parece ocorrer com o grupo de exilados e, em particular, com o grupo de exilados brasileiros.

Mesmo pertencendo a essas categorias de estigma em Goffman e portadores de elementos que interferem na formação das identidades, pessoais e coletivas, levando em consideração as diferenças sociais existentes entre elas (1980, p. 51-134), saliento que o exilado não é só exílio, e o exílio não o define. É preciso lidar com o exílio e com a experiência do/no exílio, consciente de que ela não é a totalidade da vida do exilado, é uma parte que exerce influências constantes na sua identidade.

O exílio configurou-se como um incômodo para a ditadura brasileira que estigmatizou o exilado acusando-o de práticas políticas que ameaçavam a segurança e a ordem social, fez com que o estigma assumisse conotações diferentes.

No exterior, o estigma marcou mulheres, homens, crianças e famílias inteiras, tanto como evidência de autoritarismo e repressão do Estado, que contou tanto com reações de liberdade, resistência, contestação, negação; quanto como fator de discriminação acarretando sérias consequências durante o processo de circulação diaspórica.

Quando do retorno, outras conotações lhe foram atribuídas e permanecem caracterizando situações de exclusão e discriminação, estigmatizando parte da sociedade, ou os "negadores da ordem social" (GOFFMAN, 1980, p. 141) ou representando o triunfo da glória, o reconhecimento da luta e resistência política, a utopia.

Estou a dizer dos muitos lugares e olhares sobre os quais o viver sob essa condição se fez e se alterou, se refez e se alternou para o exilado: do Estado que o expulsou, dos estrangeiros que o acolheram, dos nacionais que o receberam, das temporalidades que marcam a sociedade. Em todos eles o conceito de estigma se aplica, desde a alternância de status que lhes eram conferidos até os deslocamentos a que eram submetidos.

A marca, o símbolo, o estigma do exílio é algo que acompanha o exilado, durante e após o exílio, ele continua no lugar de "estranho", e não se sabe até quando.

Até quando as consequências e os sinais do exílio persistirão? Quiçá não tão visíveis como as mortes, os corpos, as vidas destroçadas, mas com efeitos profundos e obscuros como a pulverização das estruturas sociais, as desconfianças, os ressentimentos, os ódios, as culpabilizações que se instalaram e o terror desatado pela ditadura.

Pode haver outras formas para dar visibilidade ao tema do exílio e outros elos que justificam novos aportes para a história, tanto quanto para as histórias e memórias dos exilados, considerando que "se trataria de liquidar as ficções criadas por uma ditadura que estigmatizou aos exilados a qualificá-los de 'subversivos', 'apátridas' ou 'privilegiados'" (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007, p. 15, destaques dos autores e tradução nossa).

Elza Freire, Paulo e seus filhos constituíram o grupo de exilados brasileiros, pertencentes à primeira geração, isso torna a experiência deles muito expressiva e significativa para o que se passou nesse período. Raramente identificados como exilados, seja pela literatura geral ou específica, seja pelas referências Freirianas, considero que são

portadores das experiências do exílio, são herdeiros do estigma do exílio e da ditadura, seus lugares não são facilmente localizados nessa história e, em particular Elza Freire que esteve inserida nela, mas ao mesmo tempo teve sua presença secundarizada, situada a margem dessas discussões, talvez também por isso muitos expressem surpresa e estranhamento quando me refiro à temática.

Figura 74 – Elza Freire durante o exílio. Genebra, Suíça, 1979.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Sayad (1998) mostra que há fontes de pesquisa constituídas durante os processos de investigação capazes de superar a indigência resultante da falta de arquivos, documentos, dados sociais, etc. Assim, não basta tentar explicar o significado de uma ou outra palavra, de citações, mas situar as histórias pessoais, os sujeitos e seus percursos no conjunto das condições históricas e sociais das quais elas emergem.

Podem emergir:

> Entre ler e escrever. Algo (se) passa. Perder-se em uma biblioteca em chamas. Exercitar-se no silêncio. Habitar labirintos. Aprender a ler e a escrever cada vez de novo. Defender a liberdade, a solidão, o desejo que permanece desejo. Não ler nem escrever nunca de tal forma que não se pudesse ler ou escrever de outra maneira. [...] Fazer com que as perguntas leiam e escrevam. [...] Deslizar-se no espaço em branco (LARROSA, 2003, p. 115).

E permanece desejo, desejo em aproximar quem escreve de quem lê, são como intertextualidades que sustentam, respectivamente, ao fora do lugar e dentro do texto – deslizam por entre as fontes da pesquisa e se identificam com os lugares de memória, é algo que (se) passa na feitura de cada página/tese, experiência que nos atravessa.

5.2 – Memória e Justiça: a luta pelos Direitos Humanos

A circulação durante o exílio, de modo geral, não foi linear – sem começo ou fim, mas sim foram processos. Processos, memórias, histórias, lutas, justiças e (in)justiças. Processos entremeados por percursos dos exilados, compreendidos também como memória política e as suas relações com os diferentes aspectos de justiça relacionados com a violação de direitos humanos cometidas durante a ditadura.

O conceito de memória em que se tem a continuidade da ancoragem teórico-metodológica acontece principalmente nos portos de Larrosa (1996, 2002), Galeano (1984, 1987, 2008), Bosi (2003), Cavalcanti & Ramos (1978), Costa [et. al.] (1980), etc.

A memória é um processo em constante construção, uma busca de compreensão e de sentidos que me interpelam. A memória e a justiça se encontram inseridas em aspectos sociais e culturais, que incidem reflexões críticas no campo educacional. Para Macdowell, Teles & Teles (2009) ela se alimenta das lutas sociais, jurídicas e políticas, indissociáveis do debate com as democracias contemporâneas, assim como com a justiça.

O passado e a memória não deixam, obviamente, de dialogar com interpretações do presente e revisitam argumentos entre Estado, Sociedade e Educação, tendo como critério de acesso e análise o exílio brasileiro. É a utopia como transformação do presente, que depende do conhecimento do passado e do reconhecimento de como essa herança se manifesta para o futuro e

> [...] para o aprofundamento dos debates atuais sobre a memória da ditadura e a justiça, examinando criticamente as condições e as possibilidades para conhecermos o passado, os conflitos em torno de como devemos lidar com o passado, as lutas interpretativas a respeito do passado e do presente, os saberes, enfim, que alimentam a ação no presente e a imaginação do futuro (MACDOWELL, TELES & TELES, Apresentação, 2009).

Essa perspectiva demonstra a tessitura de ideias, retomadas do capítulo I, e ao fazê-lo trazem o movimento conceitual que memória deixa de ter um caráter exclusivo de restauração e passa a ser "memória geradora do futuro" (BOSI, 2003, p. 66).

Demonstra também que pode ser capaz de impedir a repetição de autoritarismos e terrorismos de Estado, inspirada e contornada por uma memória que educa para que não se repitam, não se reproduzam tragédias (CONDORCET, 2003).

A constituição dessas memórias desvendadas através das temporalidades e dos percursos de Elza Freire articulados com as experiências do exílio são necessárias não apenas para que se faça justiça aos que diretamente sofreram e – ainda sofrem, a violência praticada pelo Estado ou sob a capa protetora da conivência ou sob o manto silencioso de uma transição que ainda não atendeu à demanda do povo por mudanças políticas, educacionais e sociais, para atingirmos substanciais transformações no Brasil.

Isso reforça defender que "apenas uma pedagogia empenhada em ilustrar todos os seres humanos [...] poderia assegurar a vitória universal e o exercício efetivo dos direitos políticos e sociais conquistados [...] e fixados nas leis" (PIOZZI, 2009, p. 918).

As configurações em torno dessas questões e das disputas pela memória – nos campos teóricos ou políticos, institucionais ou de militância- demonstram o embate entre as fases do exílio e as faces da ditadura, aonde permaneceu a tentativa de eliminar a presença física da oposição no cenário brasileiro que expressava a intenção de suprimir a representação dos "oprimidos e dos opressores" e de suas ações de resistência.

A relação de força implícita nesta dinâmica tendia tanto silenciar as vozes dissonantes, quanto criar imagens de conformação em relação à ordem imposta. O que se pretende é ampliar os espaços para essas forças e abrir discussões, considerando que "os povos são sua memória[145]".

A atuação do grupo de poder da ditadura militar no Brasil evidencia a combinação de um processo altamente repressivo com uma continua pretensão de legitimidade. O próprio regime, imediato ao pós-golpe, insistia em que através de suas estratégias (econômica, política, militar e psicossocial) iria moldar a sociedade brasileira, cuja "tensão entre os aspectos objetivos (interesses) e os subjetivos (valores) se constituíram nos elementos fundantes da atuação do grupo de poder para elaboração de um suposto ideário de democracia visando construir um amplo processo de adesão" (REZENDE, 2001, introdução).

[145] Frase que integra campanha da FLACSO Brasil. Também disponível www.flacso.org.br

Os pactos sociais que consagram as novas constituições democráticas – a partir dos governos pós-golpe, já não se baseiam em um "poder autoritário autorreferente, destituído de um conteúdo histórico ou separado das lutas que lhes deram origem". No contexto de democratização, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, destacam-se por vezes o "dever de memória" – a necessidade de se testemunhar em prol da responsabilização e da justiça, e, em outras o "direito de memória" – o reconhecimento do direito à verdade e à recordação. Consideram que no Brasil, ambos são objeto de conflitos e acirrados debates nas chamadas "batalhas de memória" (MACDOELL, TELES & TELES, 2009, p. 342).

Batalhas em cuja peleja, ainda acontecem sob as consequências dessa herança autoritária, e nas quais se reivindica o direito à memória e à justiça – insígnias essenciais da democracia[146], como atributos imprescindíveis à construção das memórias do exílio brasileiro, acompanhadas de propostas político-pedagógicas capazes de intervir na sociedade. Pois, do mesmo modo acreditamos que

> Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério [...] ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (FREIRE, Paulo, 2000, p. 67).

Nem a sociedade nem o indivíduo existem sem o outro e nem tampouco podem se transformar isoladamente. Um não pode existir sem o outro, coexistem ambos. Sem indivíduo não tem sociedade, sem sociedade não tem indivíduo, sem sociedade e sem indivíduo não há educação nem transformação. Porém, existe uma ordem oculta que não é imediatamente perceptível pelos sentidos, porque "cada pessoa nesse turbilhão faz parte de um determinado lugar" (ELIAS, 1994, p. 21). Essa ordem invisível é uma rede de funções e ações interdependentes pela qual os indivíduos estão ligados entre si tendo peso e leis próprias.

[146] Com referência ao campo empírico que diz respeito ao acesso a informações sobre as experiências do exílio, os horrores da ditadura, suas práticas e estratégias, identifico que o debate se apresenta por um lado nos limites em torno dos documentos públicos e arquivos das Forças Armadas e a abertura deles como sendo uma das principais condições para o pleno exercício desses direitos, enquanto que do outro as possibilidades nos esforços de grupos de familiares dos exilados, dos mortos e desaparecidos políticos, dos exilados, dos defensores de direitos humanos, historiadores, cientistas sociais e etc. Destaco: o projeto Brasil Nunca Mais, o Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos, o Movimento Tortura Nunca Mais, o projeto Memórias Reveladas, as Caravanas da Anistia, os trabalhos das comissões de reparação estaduais e federais, as ações declaratórias movidas por ex-presos políticos e familiares contra torturadores e outras iniciativas que promovem a construção de memórias brasileiras, o acesso ao conhecimento do passado e medidas de justiça. No escopo do doutorado não terei condições de aprofundar análises, pretendo retomá-los no período seguinte.

Pressões e ações sociais não apenas agem sobre o indivíduo, mas sim elas são o próprio indivíduo.

É possível e preciso que essa ordem invisível tenha um caráter propositivo e não se configure apenas com informações a serem obtidas e reveladas como parte dessa herança. A herança e a memória que se destacam como parte das experiências do exílio, em cujos processos a tortura é uma prática disciplinar dentro do terrorismo de Estado, não encontram justificativa.

Certamente, essa questão desempenha papel importante para que tais acontecimentos, sejam nos campos de concentração, sejam nos porões e quartéis das ditaduras, em outras estâncias de opressão e violência não mantenham a sociedade sob a incerteza e dominação do medo, cativa pelo sentimento de insegurança e, em particular para com os perseguidos pela ditadura brasileira pós-golpe de 1964.

Nessa perspectiva, sugere Maria Lygia Quartim de Moraes que se cumpra uma das mais importantes tarefas do Estado democrático que sucede o Estado terrorista: "ademais apurar as violências cometidas e reparar, na medida do possível, as vítimas das arbitrariedades, é fundamental punir os que torturaram e mataram" (2008, p. 91-92).

Isso significa dizer que, a concepção de direitos humanos envolve a preservação dos direitos do homem e da mulher contra arbitrariedades de Estado, assim, a luta pelos direitos humanos no Brasil compreende que são muitas as violências, que foram formas e formas de torturas, marcando um sem número de brasileiros. Porém, tão diverso e amplo quanto os interesses e as bandeiras, das gerações passadas, atuais e futuras é a responsabilidade que se instala e mobiliza para alcançar a dimensão da dignidade e da humanidade, cujo reconhecimento e conhecimento se faz a partir de cada um, individual mas também, coletivo. Pois,

> Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não da sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos (FREIRE, Paulo, 2000, p. 67).

Caminho no qual, seja possível assumir e reconhecer de que a sociedade possui divisões entre as funções "[...] quanto mais essa divisão avança numa sociedade e maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais estreitamente elas são ligadas pelo fato de cada uma

poder sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras", inegável que "a história é sempre a história de uma sociedade, mais sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos" (ELIAS, 1994, p. 44-45), que essa seja plenamente a nossa opção.

A memória e a justiça, o exílio como ato de terrorismo de Estado e, agora sem a penosa censura da informação minha opção é recorrer aos percursos de Elza Freire contidos na experiência do Brasil. Ruptura ou continuidade? É um movimento no qual considero por um lado a necessidade e a resistência, na relação mais profunda da história e da arte de sua reflexão e, por outro, os sujeitos e os processos político-pedagógicos contidos no interior das práticas sociais, em ambas talvez se encontre o caminho para diminuir distâncias e discursos e aproximar realidades e utopias.

É uma luta contínua... ora avança, ora recua. E que por agora o exílio nos conduz a lugares, espaços e tempos, como na imagem descrita por Volpe, "um litoral que separa a terra e o mar, o ontem e o hoje" (2005, p. 104) e, que onde é possível ou foi quase impossível chegar, seguir, ficar ou retornar. É o prelúdio sem lenço e sem documentos.

5.2.1 – Sem lenço e sem documentos: do fica-porte ao passaporte

As ditaduras que marcaram a história recente da América Latina fincaram raízes que por muito tempo e permanecerão vivas na memória de gerações e países, como o Brasil. É possível apontar para os deslocamentos importantes desses acontecimentos, saindo do campo da memória escondida, perdida, guardada para adentrar o campo da história, crítica, reflexiva, sobretudo para as denúncias com a gradativa descoberta e liberação das fontes primárias, o não ocultamento destas práticas, a permanência de determinadas leis e instituições antidemocráticas. A utopia transformadora no presente depende de como esses deslocamentos e processos se manifestam e são identificados e avaliados nos dias atuais.

O lado mais sombrio da ditadura militar brasileira estendeu sua repressão para além das fronteiras, agia como um dos elos do sistema de perseguição e espionagem, montado com relativo grau de interação com as outras ditaduras do continente latino-americano e com o apoio da denominada Operação Condor, por meio da CIA e patrocinada pela

OEA[147], todas tinham em comum um profundo discurso anticomunista e buscavam respaldar sua legitimidade na ideologia da segurança nacional (PENNA FILHO, 2009).

Nas memórias de mulheres exiladas, como as brasileiras Elza Freire e Maria Thereza Goulart que fazem parte da geração de exilados de 1964, compreendemos as rotinas familiares e as delas, as rotinas da violência e dos desmandos e abusos de poder.

Por exemplo, Maria Thereza durante o exílio e em mais um golpe militar, dessa vez em 1973, no Uruguai, relata que mudou o quadro no país vizinho, "começou a ficar pesado, houve perseguição, sofrimento, etc." e que chegou a ser "presa em tudo quanto é lugar, Uruguai, Argentina e Brasil".

No Uruguai detida depois de ter seu carro ser parado em uma barreira policial:

> Já era época da ditadura, tanto no Brasil como no Uruguai. Fiquei detida três dias. Lá existia a Lei da Veda, que proibia durante 15 dias de cada mês o comércio e o consumo de carne, para sobrar mais para a exportação. Meu marido [Jango] tinha frigorífico em Maldonado. Uma vez fui da fazenda para Montevidéu com 06 quilos de carne no carro, colocadas por um empregado. Passava da meia-noite e policiais me mandaram para: "O que tem aí?", perguntaram, armados e violentos. "Nada" eu disse. Mas viram a carne. Fiquei presa num posto da polícia em La Floresta (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

Na Argentina:

> Um amigo nosso foi preso e estava dirigindo um carro no meu nome. Fui chamada e passei horas detida, sabiam quem eu era (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

E numa rara viagem ao Brasil ainda durante o exílio, para visitar o pai doente em Porto Alegre, foi novamente detida nos arredores do Rio Grande do Sul e junto a condição de ser mulher e a mulher do ex-presidente Jango desencadeou humilhações e tratamentos abusivos, denotando reconhecer mais uma vez que o assédio e as consequências foram diferentes para homens e mulheres durante o exílio:

> No Brasil foi pior. Foi por ser mulher dele. Em 1970, época mais complicada da ditadura, meu pai estava muito doente. Vim visitá-lo. Viram meu nome no passaporte e me prenderam. [...] Quando viram que era eu, eles [Força Armada] me mandaram descer do carro. Foram super grosseiros. Ficaram me cutucando com a arma. No quartel, um militar me mandou tirar a roupa [...] foi uma humilhação. Passei por interrogatórios "tira a roupa, bota a roupa, tira a roupa, bota a roupa". [...] Fiquei sentada por dois dias, com um frio enorme, e por três dias sem poder me comunicar com ninguém [...] Só pude telefonar para a família quando dei US$ 100 para um policial, que ainda exigiu meu relógio caro (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008, 2012).

[147] Sugiro consultar, dentre outros: D'ARAÚJO & CASTRO (2000); D'ARAÚJO [et. al.] (1994); LAGÔA (1983); FIGUEIREDO(2005) e BAUER (2012).

Cárceres, revistas, abusos e outros procedimentos e práticas comuns na tratativa aos exilados, infligindo a eles uma espécie de perseguição, repressão e opressão, por parte da ditadura e comparsas nacionais e internacionais, classificados por Almeri Bezerra (2006, 2011) síndrome da CIA e por Cristina Machado Pinheiro (1979) síndromes do exílio.

Almeri e Cristina não estão sozinhos, os registros de Maria Thereza também se confirmam nas narrativas para o presente e o futuro de Lutgardes que caminhou para o passado em direção à infância exilada:

> Eu ficava sabendo quando era criança de exilados, amigos dos meus pais, pessoas que iam lá em casa e se sentiam perseguidos pelo governo brasileiro, ou pela CIA ou outros meios que revelassem a presença deles, sobretudo no Chile [...] Haviam pessoas que ficaram enfermas com o exílio e com essa perseguição. [...] outras revelavam os seus tempos de cárcere [...] Eu ainda criança comecei a ouvir falar sobre a tortura no Brasil, os momentos dolorosos, de coisas que desagradavam as elites brasileiras e os militares (Lutgardes Costa Freire, 2012).

No Brasil, a natureza da ditadura instaurada em 1964 implicou na montagem de um amplo e complexo sistema de informação, vigilância e perseguição. Observa-se a atuação do aparato repressivo brasileiro em relação aos exilados.

Em torno de vinte órgãos fizeram parte da construção desse aparato civil-militar capaz de dar conta de dois pontos de extrema importância para o regime: informação e repressão; se incumbiam de acompanhar a atuação de brasileiros, espionando exilados ou não, no exterior (QUADRAT, 2004).

Era uma presença perversa que agia não só em todo o país, mas abrangia fora do país com o suporte do Itamaraty e do Ministério das Relações Exteriores[148], operando aonde se encontrava um grupo de oponentes e/ou resistentes às ditaduras; objetivando "zelar pela manutenção dos sucessivos governos autoritários que se revezaram no poder entre 1964 e 1984" (PENNA FILHO, 2009, p. 55).

[148] De acordo com PENNA FILHO (2009), LAGÔA (1983), QUADRAT (2004) e FIGUEIREDO (2005), o órgão centralizador desse sistema foi o SNI visto como elemento central da "inteligência" brasileira, auxiliado pelos órgãos setoriais, a saber: o Centro de Informações do Exército (CIE) e o Centro de Informações do Exército vinculado ao Ministério das Relações Exteriores (CIEX), o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA), as Divisões de Segurança Interna (DSI), as Assessorias de Segurança e Informações (ASI), as FA-2 (Segunda Seção do Estado Maior das Forças Armadas – EMFA), os E-2 (Serviços Secretos do Exército), os M-2 (Serviços Secretos da Marinha), os A-2 (Serviços Secretos da Aeronáutica), as S-2 (Segundas Seções dos três Ministérios Militares, os Departamentos de Ordem Política e Social (DEOPS), as P-2 (Serviços Secretos da Polícia Militar), os Serviços Secretos da Polícia Federal e os CODIs-DOIs (Centros de Operações de Defesa Interna – Destacamentos de Operações Internas).

No exílio, essa presença perversa e sombria do Itamaraty colaborou intensamente com o regime ditatorial brasileiro. A manutenção do poder militar se estendeu até aos documentos, que naquele período, deixaram de ser atividade diplomática dos órgãos competentes para transformarem-se ameaças com atividades de polícia, de agentes, de autoritarismo e repressão, criando uma série de problemas para os exilados brasileiros em diáspora e deslocamentos pelo mundo.

Essas práticas e procedimentos adotados, tendo sempre à frente os órgãos governamentais brasileiros regidos pela ditadura, as suas redes de apoio e estratégias de ação, muitas vezes incluíam a não renovação do passaporte. Lembranças trazidas por Fátima Freire, filha de Elza Freire e Paulo, que caracterizam o tipo de tratamento, hostilidade e descaso, dispensados aos exilados:

> O Consulado me enganava todo o tempo dizendo que eu ia receber. Nunca me deram. Quando fui pra Polônia meu passaporte já estava pra acabar e fui pedir renovação ainda em Genebra. A moça disse que não podia dar o passaporte imediatamente porque tinha que consultar o Itamaraty, que me daria um *laisser passer* com validade apenas de um mês e disse: - "Olha, pode ir sem preocupação que nós enviamos seu passaporte para a Polônia, via Consulado daqui a dois meses". O *laisser passer* venceu e eu fiquei sem poder sair de lá, sem poder fazer coisa nenhuma. Ia na Embaixada e no Consulado todos os dias, era interrogada durante horas e perguntavam tudo [...] queriam tirar o máximo de informação e sempre aquele risinho, aquele tratamento: - "A senhora venha daqui a uma semana, vai vir alguma resposta, eu passei um telex..." E nessa conversa passei quase dois anos... E nunca me deram... (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 107).

Em outras situações elas se mascaravam, mas continuavam presentes para as mesmas práticas de repressão e autoritarismo, ora com disfarces burocráticos, ora dissimulando a criatividade obscura e perversa da ditadura e diplomacia brasileiras. Dentre as muitas experiências partilhadas, Paulo revela em sua narrativa um pouco mais das muitas viagens que fez por todos os continentes, geralmente acompanhado por sua esposa Elza Freire, ambos sob a condição de exilados e agora as marcas dessas situações em meio ás tintas dos carimbos e ás memórias do exílio brasileiro:

> [...] Falei muito, pelo mundo afora, da "inventatividade" do Ministério de Relações Exteriores brasileiro. No fundo, a diplomacia nacional inventara o **"fica-porte"** com que "amainava" a vida de exilados menos perigosos [...] O interessante é que Elza [Freire] viajou comigo por parte do mundo com o seu **"fica-porte"**. Nos aeroportos, os policiais olhavam cuidadosamente, examinavam cautelosamente aquela estranheza diplomática, sorriam e carimbavam aceitando assim, não tanto o **"fica-porte"**, mas a pessoa humana [grifo da autora] (FREIRE, Paulo, 1992, p. 160).

Mesmo diante da dimensão humana, em geral, os processos de documentação no exílio, a falta deles ou a precariedade dos papéis emitidos por governos, organizações ou serviços diplomáticos do Brasil e dos países de acolhida, aconteceu de forma negligente que contrastava com as questões dos direitos humanos e com a condição de exilado, caracterizando estigma, rebaixamento e exclusão, a violência se manifestava de muitas formas no exílio.

Conjuntura em que se considera o exilado ninguém, ele não é nada, o papel vale mais do que a pessoa humana. Ele não tem cidadania, sua pátria não lhe reconhece, lhe nega e é negada, lhe é retirado documento, desrespeitados direitos. É a ditadura brasileira documentada.

É sintomática a presença memorialística disso para o exilado, a angústia e a marginalização. O papel assume o papel de provar quem é você, mostrar seu lugar e comprovar sua origem. Fátima Freire, filha do casal Elza Freire e Paulo narra a luta para manter-se viva e se salvar, narra constrangimentos a que foi submetida:

> Eu tinha um pedacinho de gente dentro de mim. Se não tivesse o futuro já ali, acho que não teria tanta necessidade de ter um papel, de ter uma coisa mais concreta. Porque naquela altura eu já não tinha passaporte; o Brasil, o consulado tinha me tirado todos os papéis, simplesmente não renovava o passaporte e eu não tinha nenhum documento que mostrasse quem eu era... É uma angústia; uma angústia horrível... **Você é marginalizada, não é ninguém**, qualquer coisa que queira fazer tem que mostrar papéis [...] não consegue nada, agora, não me interessa mais. O meu marido [Ladislau Dowbor] tem nacionalidade polaca, e já que o Brasil não dava papéis a gente pediu papéis à Polônia... E realmente foi o que me salvou, porque senão até o dia de hoje eu não teria nada [grifo da autora] (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 107).

Ser marginalizado, ser ninguém são situações típicas de exílio. Ladislau Dowbor, com a esposa Fátima Freire e o primeiro filho do casal Alexandre, conta o procedimento da Embaixada brasileira com relação ao passaporte e ao fazê-lo desabafa o fato de ser e sentir-se cidadão novamente, ainda que pelos trâmites de outro governo e pelas mãos de novo país, ele deixara de ser considerado subversivo, ela passara agora a refugiada política, ambos continuavam exilados brasileiros:

> Certos problemas pareciam não sair do meu pé. A Embaixada do Brasil deixou Fátima sem passaporte, e sem documentos não podia sair da Polônia, sequer visitar a família em Genebra. Ao mesmo tempo informaram ao governo polonês que ela não era refugiada e, que iam dar-lhe o passaporte, era esperar os trâmites. Depois de dois anos e meio de trâmites sem passaporte, o governo polonês se convenceu de que Fátima era refugiada política, e com base no nosso casamento e no filho polonês, Alexandre, que nasceu em Varsóvia, lhe deu cidadania

> polonesa. Éramos cidadãos outra vez. E eu, doutor em economia, já não era subversivo, mas pessoa de ideias avançadas (DOWBOR, Ladislau, 2000, p. 33).

Para a legislação internacional, o passaporte pertence ao cidadão, o qual tem o direito de ir e vir, não é prerrogativa do governo de um determinado país. Entretanto, Cortez aponta que, a ditadura brasileira ao criar uma legislação "extra constitucional" acatou a hipótese de que o passaporte era do governo e poderia concedê-lo a quem e quando o desejasse (2005, p. 226).

Essa legalização, em graus, tipos e níveis diversos, condicionava o exilado a limites e possibilidades muito tênues para deslocar-se, instalar-se ou permanecer em outros países, que escapavam à sua vontade, ao seu controle e até mesmo à sua capacidade de ação. A "obsessão" por documentos e os traumas causados pelos absurdos da situação, fazem parte dos percursos de Elza Freire:

> Então, era uma angústia grande, terrível para nossa família e o meu pai, por exemplo, quando ele chegava à Bélgica, o policial perguntava pelo passaporte, ele apresentava o salvoconduto, o policiamento resistia dizendo que aquilo não era passaporte e, que ele não podia entrar no país. Daí, ele respondia que era o que tinha, tirava uma carta que solicitava antes ao CMI para escrever à Universidade da Bélgica dizendo que esse senhor podia entrar na Bélgica porque iria proferir palestra ou aula naquela universidade. [...] o pai andava sempre com cartas nos bolsos para quando chegasse aos aeroportos [...] Era uma irritação, uma angústia, um constrangimento, meu pai, minha mãe e todos nós tínhamos traumas com viagens, temos ainda inseguranças nessas situações [...] sentimos medo de alguma coisa, é um verdadeiro trauma (Lutgardes Costa Freire, 2013).

O que ocasionou configurações e situações bem complexas durante o exílio, em parte causadas pela falta de documentos[149] resultante da determinação do governo militar em negar passaportes a exilados, uma característica peculiar à ditadura brasileira, quando comparada a outros governos autoritários do período.

De acordo com Rollemberg até o momento do golpe no Chile, "quando os estrangeiros corriam risco de vida, a embaixada brasileira recusou-se a emití-los". Outros países, como a Bolívia "se preocuparam com os seus nacionais no Chile e deram passaporte para irem para outro país". A embaixada do Paraguai, em plena ditadura do general Stroessner, recebeu os paraguaios comunicando "que o fazia para salvá-los, mas que seguissem para outros países" (1999, p. 160).

[149] Há várias circunstâncias vividas pelos exilados brasileiros envolvendo essa questão, por exemplo: o registro de crianças nascidas durante o exílio, atividades profissionais e acadêmicas, etc. Sugiro remissão, por exemplo à: CORTEZ (2005); MACHADO (1979) e ROLLEMBERG (1999).

Os depoimentos de vários exilados atestam apoio ou esforço por parte de governos latino-americanos e outros, para a emissão de algum tipo de documento que mesmo substituindo temporariamente os anteriores pudessem dar respaldo aos processos de fuga, deslocamento, acomodação e, até mesmo, preservação da vida. São experiências do exílio. São depoimentos nos quais se percebe a participação de Elza Freire, se inserem Paulo e, documentos como, por exemplo, o salvoconducto:

> [...] eu estava saindo como exilado. A Bolívia me receberia e eu saí com um salvo-conduto que o governo dá para os exilados [...]. Depois do golpe, eu procurei as autoridades do Governo, para sair de lá para o Chile, e me comunicaram então que eu não existia. "Como não? Estou aqui, vivo, falando". "Mas não importa" disseram, "não há nenhum documento que prove que o senhor é o senhor mesmo". [...] Agora faço um apelo para que o senhor aceite que eu sou Paulo Freire e, para ajudar senhor, tenho uma carteira de identidade brasileira. Foi o que me salvou. A Elza me pôs isso no bolso no dia da minha saída do Brasil (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 72).

REPUBLICA DE BOLIVIA

N°.

MINISTERIO DE GOBIERNO, JUSTICIA E INMIGRACION

PARA EXILADOS

SALVOCONDUCTO ESPECIAL

EL MINISTERIO DE GOBIERNO, JUSTICIA E INMIGRACION, Para Exilados concede el presente SALVOCONDUCTO ESPECIAL en favor del señor Paulo Reglus Neves Freire, válido por un viaje de Ida a la República de CHILE y EUROPA

FILIACION

Nacionalidad Brasilera

Lugar y fecha de nacimiento Pernambuco, 19 de Septiembre de 1921.

Estado Civil Casado

Profesión Profesor

Estatura 1,71 cm.

Cabellos Castaño Oscuro

Ojos Castaño claro Tez Blanca

Cédula de Identidad 80. 313

Domicilio Aveda. Arce N - 2342

IMPRESION DIGITAL

Observaciones: Usa lentes por artificialismo

La Paz, 11 de Noviembre de 1964

Cap. ROBERTO WAYAR ANIBARRO
Director General de Inmigración

Figura 75 – Salvoconducto para exilados, aqui o de Paulo. La Paz, Bolívia, 11 de noviembre de 1964.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

Continuando o depoimento, se identificam também dificuldades e as conexões entre as ditaduras latino-americanas que reproduziam os impositivos de repressão e abuso de poder. Porém, em todos eles coadunam as marcas e os estigmas do exílio, carregados nos papéis, nos corpos, nas memórias:

> Mas antes de conseguir o salvo-conduto para sair da Bolívia e ir para o Chile, passei umas três semanas indo toda segunda-feira ao Ministério do Interior de lá. Toda vez me diziam que um dia o coronel ia me atender, falavam para voltar outro dia, eu voltava. Até que, quando lhe falei, percebi que ele estava numa situação difícil de me explicar que estava em dificuldades para me dar o salvo-conduto. Perguntei por que e ele me disse que todos os papéis para dar visto de saída só se referiam a nacionais, e eu não era nacional. Não havia nenhum papel escrito "exilado político" (FREIRE, in FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 72).

Papéis, corpos, documentos, memórias... Éditos, atos, listas, histórias...

A perda do direito ao exercício de sua nacionalidade e a recusa à emissão de passaporte deixava os exilados sem identificação e documentava a ditadura brasileira. Ou seja, a ditadura lança mão dos documentos para cercear a liberdade dos direitos civis dos cidadãos, dos exilados. A ditadura brasileira foi a única latino-americana a usar esse artifício, que ganha estofo de autoritarismo, contornos de repressão.

Denise Rollemberg afirma que no exílio, os documentos – de identidade, de residência ou de viagem, ganhavam uma importância especial. Falsos, verdadeiros ou legalizados, os exilados estavam frequentemente tentando obtê-los, preservá-los. "Os documentos definiam aspectos essenciais do dia-a-dia, a começar pela própria permissão ou não para se estabelecerem, trabalharem, terem direito à saúde, moradia, alimentação, etc. Portanto, é um assunto que mobilizava" (1999, p. 158).

Mesmo para alguns exilados estabelecidos em um ou outro país e em certa medida inseridos socialmente, a obtenção de quaisquer tipos de documentos, indicava a adaptação e redefinição de projetos de vida.

Projetos de vida onde se procuravam explicitar intenções, relações e sentidos, acompanhados por lutas, persistências e resistências, como no caso de Elza Freire:

> Depois de uma longa pressão de Elza [Freire] sobre o consulado brasileiro em Genebra, insistindo no direito que ela e nossos filhos menores [Joaquim e Lutgardes] tinham de portar o passaporte cuja renovação lhes havia sido negada, o governo brasileiro de então mandou fornecer-lhes um documento válido apenas para a Suíça, como se eles precisassem de passaporte para ir de Genebra a Zurique (FREIRE, Paulo, 1992, p. 160).

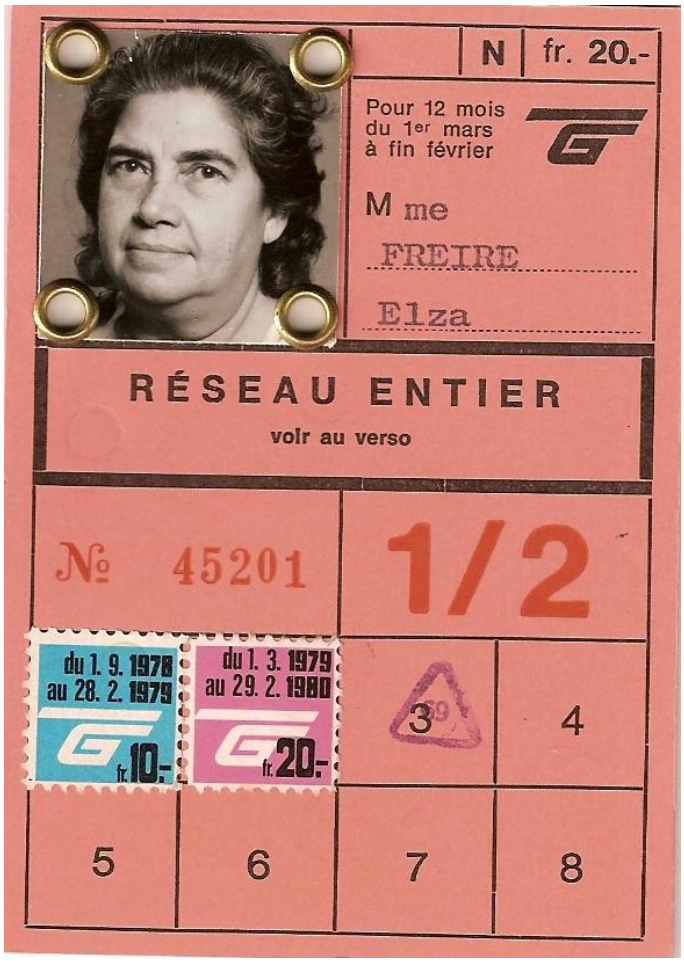


Figura 76 – Carte d'abonnement de Elza Freire. Suíça, 1978.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

A repressão da ditadura brasileira ultrapassa as fronteiras e, em seu caráter coercitivo ostentava todo o instrumental político e aparato agressivo militar que eram assimilados com maior velocidade e extensão do que se pensava, difundiu-se para outras partes da América Latina e do mundo.

Papéis, corpos, documentos, memórias... Éditos, atos, listas, histórias... Lugares, tempos, espaços. Experiências que se repetiam no exílio, embora de forma individual:

> Como cidadão brasileiro, não procurei visa de entrada. O problema é que eu não tinha nem sequer "fica-porte" brasileiro, mas documento de viagem suíço [...] para ir a Porto Rico e, de lá a Genebra, via Nova York [...] acompanhei o policial até o controle de passaportes [...] Meu nome, não havia erro nem equívoco, Paulo Reglus Neves Freire, estava lá, inteirinho, escrito certinho, sem uma letra mais ou menos. Isto significava que eu não podia entrar no país e agora por motivos muito mais sérios [...] Agora, não. Eu me achava entre um sem-número de gente "indesejável" – "subversivos perigosos", "ameaçadores", contrabandistas, traficantes (FREIRE, Paulo, 1992, p. 162).

Detenho mais alguns trechos da narrativa de Paulo sem alongamentos, detida no desabafo de sentimentos que por agora resistência, pois é preciso acreditar que:

> Vale a pena aqui, muito mais do que para sublinhar o que há de mandonismo, de arbítrio, de medo à liberdade, de raiva dela também, de horror à cultura, de desprezo ao pensamento, nos regimes autoritários, sem povo, do que por outra razão, comentar a maneira como fui proibido de entrar no Haiti, àquela época. Me foi dito que, ao chegar ao conhecimento do governo a solicitação dos coordenadores do seminário [Alfabetização e Pós-alfabetização] para que eu entrasse no país, resolveram consultar as autoridades nacionais, talvez para ser simpáticas ao regime militar brasileiro, consultar a embaixada, em Port-au-Prince. A resposta foi, segundo a mesma fonte, um não categórico. Obviamente, nada disso posso provar, mas tudo isso pouco significa junto ao que, durante o regime militar, que se dizia de si mesmo, sério, democrático e puro, se fez de pressão absurda, não só contra mim, mas contra muitos outros brasileiros no exílio. Os primeiros doutoramentos *honoris causa* que recebi foram precedidos de ridículas pressões junto às universidades que me outorgavam o título. Minha passagem pela UNESCO causou reações do então governo militar que dela falaram pessimamente pela inconsistência dos argumentos e pela mesquinharia que continham. [...] É uma lástima que cheguemos ao fim do século, que é também fim de milênio, correndo ainda **o risco histórico de sofrer esses golpes covardes contra a liberdade, contra a democracia, contra o direito de ser. Mais uma vez a minoria dominante, com o poder econômico e político em que funda o seu poder de fogo, sua violência destrutiva** [grifo da autora] (FREIRE, Paulo, 1992, p. 159-161).

Já foi suficiente a repulsa à dignidade da cidadania brasileira e a reminiscência de noticiários informando que a ditadura permanece e assombra. Avulta um ponto comum: o amor à nação brasileira, cerceada da liberdade e da justiça nesses longos anos de ditadura militar e exílio. E mais, a educação como suporte essencial à democracia – aspiração geral. Razões outras não houvesse para isso, menciono as experiências registradas pelos exilados e pelo povo brasileiro durante esse período.

O exílio configurou-se em muitas fases com nada nos bolsos e nada nas mãos, diferentemente das faces da ditadura, que sempre tinha muito nos bolsos e nas mãos. Agora, as fases do exílio e as faces da ditadura trazem os percursos de Elza Freire, a não serem percursos que ora nos bolsos, ora nas mãos com outros exilados brasileiros juntos seguiram "caminhando contra o vento" enquanto "o sol se reparte em crimes"... Eles foram, "eu vou". Percursos em páginas e "em caras de presidentes" ou "por entre fotos e nomes"... Eles foram, "eu vou". Percursos cantados na voz que contradiz "por que não, por que não", contados na letra que diz "sem livros e sem fuzil, sem fome"... Eles voltarão, "eu vou", talvez, "sem lenço e sem documento", ambos seguimos com conflitos e com conquistas, por entre gritos e ecos, em busca da anistia, por que sim, mesmo com nostalgia e angústia, é

possível "alegria, alegria[150]". Nada nos bolsos e nada nas mãos, a não ser os percursos de Elza Freire no exílio, percursos dos Freires e do exílio brasileiro.

Como construir um país dilacerado pela separação, imposta pela violência e opressão? Separação do exílio? Anseio de justiça e liberdade no Brasil e no mundo, mencionado pela necessidade e união em favor da anistia. Anseio que requer o retorno, com seus direitos, de mulheres, homens, crianças, famílias, ainda que as escolhas sejam de não retornar, o Brasil é a sua terra, por direito natural e por direito pleno de justiça.

Dias, meses e anos se passaram, e é aí que se constatam o vigor do desterro e a vigência da ditadura brasileira. O caminho do retorno foi trilhado, de fato, com o afã da anistia, revigorando a convicção da justiça e da liberdade!

5.2.2 – Com conflitos e com conquistas: gritos de angústia, ecos da anistia.

O escopo delimitado da tese se insere no recorte temporal de 1964 a 1979. Tendo em vista essa configuração de pesquisa, tentarei ponderar as discussões circunscritas a este período, uma vez que não contemplo para esse momento do doutorado as questões do pós Anistia, não me detenho especificamente no pró-anistia e nem tampouco nos cenários que foram se constituindo no país com o retorno dos exilados.

Anistia palavra que apontava horizontes, despertava esperanças, semeava incertezas. O fim do exílio se tornara realidade através da utopia de retornar ao Brasil, num desejo que se movendo por entre esforços e lutas podia se realizar com a aprovação da Lei de Anistia.

Memórias cúmplices da mesma história, iriam se reencontrar no Brasil, com o Brasil. A última fase do exílio brasileiro tem como principal característica o processo de adaptação à nova realidade e, essa fase foi acompanhada pela erupção das lutas pela Anistia e os esforços empreendidos para a retomada dos movimentos sociais e a mobilização ampla de vários setores da sociedade.

O retorno de exilados faz parte dos resultados desse processo, impulsionado tanto pelo início da abertura política no país quanto por movimentos internacionais e o engajamento dos exilados na luta pela Anistia.

[150] Composição de Caetano Veloso, considerada a 10ª maior canção brasileira de todos os tempos pela revista Rolling Stone Brasil e tida como um dos marcos iniciais do movimento tropicalista, no final de 1960. Com o arranjo influenciado pelos Beatles, causa reações no ambiente político-cultural da época, pois setores da sociedade e da direita classificavam a influência do rock alienação.

O final da década de 1970 foi marcado pelas mobilizações políticas e sociais pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, num trajeto que tem como marco o I Congresso Nacional pela Anistia, ocorrido em novembro de 1978, na cidade de São Paulo, do qual se extrai o documento base para a luta pela anistia que seria desenvolvida até a promulgação da Lei. Nesse documento está explícito o sentido do slogan da campanha:

> A Anistia pela qual lutamos deve ser *Ampla* – para todas as manifestações de apoio ao regime; *Geral* – para todas as vítimas da repressão; e *Irrestrita* – sem discriminações ou restrições. Não aceitamos a anistia parcial e repudiamos a anistia recíproca (GRECO, 2003, p. 99, destaques da autora).

No ano seguinte o Congresso Nacional aprovava a Lei 6.683, sancionada pelo general João Batista Figueiredo em 28 de agosto de 1979 – e que se tornaria conhecida como Lei da Anistia.

Mesmo com os sentidos de ser "ampla, geral e irrestrita" o artigo que inicia a referida lei já delimitava a intenção da Anistia: o primeiro parágrafo considerava anistiados os crimes conexos, aqueles que não tiveram motivação política direta, mas estariam relacionados a eles de alguma forma, é a partir desta expressão que se construiu a argumentação de anistia recíproca; o segundo parágrafo indica as exclusões daqueles que foram condenados por terrorismo, sequestro e atentado pessoal, por conseguinte, manteve a qualificação de criminosos para os participantes da luta armada.

Os dois parágrafos evidenciam o quanto a lei não reverenciava as demandas e anseios articulados pelos militantes e participantes dos movimentos de Anistia, pois "perpetuava" as estruturas de coerção estatal, "perdoava" os torturadores, não investigava os desaparecimentos políticos e mantinha na prisão os "guerrilheiros", evidências contidas em Mezarobba (2003, 2009 e 2010), Monteiro (2012), Greco (2003) e outros.

Ainda assim, a Lei de Anistia acatou e atendeu a demandas da oposição ao regime militar e ao deferi-las, concedeu possibilidades para o retorno dos exilados. Discutir Anistia, na história recente do país, é remeter-se a um marco da democratização no país.

Lutgardes, filho caçula de Elza Freire e Paulo, lembra que a notícia da Anistia provocou uma sensação de "alívio, medo e liberdade" e completa:

> Os meus pais, em Genebra, no exílio, sentiam certo medo, digamos assim de voltar ao Brasil, porque ainda era a época da ditadura, no governo estava o presidente João Batista Figueiredo [...] Começamos a organizar a nossa vinda [...] poder chegar e conhecer novamente o Brasil (Lutgardes Costa Freire, 2013).

E as reações diante à possibilidade de um retorno breve ao Brasil, embora em sua maioria denunciasse o desafio de conhecer novamente o país, também apresentavam variáveis. Em Paulo, despertou:

> [...] a saudade que me havia proibido de sentir. Saudade da gente, dos amigos, saudades dos cheiros, das cores, das frutas, da quenturinha do mar do Recife. Mas, por outro aspecto – o de uma enorme curiosidade por conhecer esse Brasil que eu não conheço [...] O que eu quero é [...] mergulhar de novo minhas raízes no solo generoso e fecundo de minha terra tão querida (FREIRE, 1979, páginas amarelas).

As discussões sobre a abrangência dos significados políticos da Lei da Anistia são amplas e diversas, bem como a dimensão e os desdobramentos após a sua aprovação, seja para a formulação de outras leis, seja na articulação com outras áreas. De modo geral, ela provoca movimentos irreversíveis no sentido de retornar ao Brasil.

Carlos Bauer (1994, 1995, 2001, 2009 e 2012) enquadrou a referida lei como produto das mobilizações dos trabalhadores, mas identifica que a elas se fundem igualmente a atuação de outros setores em suas perspectivas analíticas, destacando que:

> Foram anos de intensa repressão e perseguição política, que levaram muitos brasileiros a ser torturados e mortos nos porões da ditadura; quando não, alguns foram transformados em "desaparecidos", um eufemismo que nem mesmo tiveram o direito à sua própria morte; outros foram banidos do país e muitos experimentaram as agruras do exílio! Nesse melancólico, sombrio e trágico período da história do país, os movimentos sociais, estudantis e dos trabalhadores tiveram uma importância crucial, tanto na organização de protestos, quanto no processo de resistência democrática que puseram abaixo o regime militar (BAUER, 2012, p. 129-130).

O prolongamento do exílio indicava a continuidade da ditadura, reforçando a necessidade de reavaliação e readequação do projeto político, era necessário repensar e reaprender o Brasil e a atuação política possível na conjuntura nacional e internacional.

Danielle Forget (1994) qualificou a inclusão da Anistia na agenda da transição governamental como resposta discursiva às mobilizações políticas. Esta percepção como resposta aos setores oposicionistas também expressada por Perseu Abramo (1980) que na época considerou "a Anistia parcial e a reformulação partidária limitada – duas outras respostas da Ditadura para enfrentar a nova conjuntura – contemplam, em parte, os anseios oposicionistas (tanto liberais quanto esquerdistas) por liberdades políticas".

Diante dessa configuração, a luta por democracia ganha impulso por simbolizar uma oposição concreta a opressão sofrida e instituída e apontar para uma perspectiva de

contraposição direta e ampla aos militares. Assim, tal processo escancarou os porões da ditadura e denunciou essa realidade para o mundo, dando força as declarações de constantes e terríveis violações aos direitos humanos.

Heloísa Greco (2003), Juliana de Oliveira Carlos (2008), Therezinha Godoy Zerbini (1979), Glenda Mezarobba (2003, 2009, 2010) fazem parte de um conjunto de autores que apontam que a luta pela Anistia foi articuladora de uma construção política e discursiva diferenciada, inserindo-se numa luta contra a ditadura e a favor da democracia, porém restrita a um imaginário pacifista e com apelo internacional, mas que conseguiu estabelecer uma maior interação com as entidades de direitos humanos, dos países de acolhida e dentro do próprio país, ao mesmo tempo possibilitava a união e a mobilização dos exilados brasileiros com as articulações internas no país.

Ainda que alguns setores da sociedade pareçam manter-se alheios, a luta por verdade e justiça pode ser especialmente relevante à democratização, como observa Brito "pode ser parte de uma ampla batalha para dar aos cidadãos poder real e desenhar instituições responsáveis e eficazes, eliminando assim enclaves autoritários e democratizando as relações entre Estado e Sociedade" (2001, p. 151-152), e aonde incluo Educação como parte intrínseca da luta e do processo de democratização.

No caso do exílio brasileiro e da ditadura, tal luta poderia contribuir para tornar o judiciário mais permeável às obrigações internacionais de direitos humanos e para a construção de uma efetiva cidadania, com eliminação dos legados autoritários e com a incorporação das propostas pedagógicas emancipatórias e libertadoras.

Destarte considero que investigar percursos de Elza Freire e de exilados brasileiros coaduna com o processo de construção da democracia. A construção da democracia passa por políticas de memória considerando que a maneira como determinada sociedade interpreta e se apropria de seu passado implica numa tentativa progressiva de moldar seu futuro: "o que e de que forma as sociedades escolhem lembrar e esquecer amplamente determinam suas opções futuras" (BRITO [et. al.] (2001), p. 38).

A escolha é que ao revelar os percursos do exílio e os fatos a eles vinculados a sociedade brasileira conheça também esta dimensão e versão da história; é sinalizar que passados quase cinquenta anos desde o golpe de 1964 e mais de vinte que o último general deixou o poder, tenta se respeitar os valores democráticos, tais como: "a obrigação de

reconhecer os erros do passado, inclusive os crimes cometidos no período, e pedir perdão às vítimas, seus familiares e toda a sociedade brasileira" (MEZAROBBA, 2010, p. 119).

As experiências latino-americanas apontam para caminhos que vem sendo trilhados rumo a democratização dos países após os acontecimentos de golpes e exílios, cujo conjunto de intenções prioriza ações como a instalação da Comissão da Verdade. Em Brasília[151], afirmou a presidenta da República Dilma Rousseff "se existem filhos sem pais, se existem pais sem túmulos, se existem túmulos sem corpos, nunca, nunca mesmo, pode existir uma história sem voz".

História plural, levando em consideração que há muitas vozes portadoras de "verdades", que dependem dos lugares dos quais falam, dos espaços e tempos em que as memórias são narradas e as experiências forjadas pelos sujeitos, não incorrendo riscos de uma versão única, com pouca perspectiva histórica e abundante de ortodoxias.

Sobre as tentativas coletivas de perscrutar os caminhos e as experiências em América Latina convém considerar que a criação da Comissão da Verdade e a abertura dos arquivos embora "genial e bem intencionada, é preciso duvidar dos resultados. O tempo apaga muita coisa" (Maria Thereza Fontella Goulart, 2012).

Um grande movimento em torno da Anistia é articulado, esta demanda concreta afetava diretamente os exilados, pois significava a possibilidade de retorno ao país, a retomada e a construção de projetos políticos, pedagógicos e pessoais, ocasionaria o reencontro com familiares e amigos. O retorno e a reconstrução dessas relações cortadas brutal e forçadamente pelo golpe de 1964 e o seu aparato repressivo colocava-se como uma contestação direta á ditadura, pois denunciava e colocava a oposição e a resistência com uma agenda de transformações na estrutura política do país.

[151] A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 aos 18 dias de novembro – 190º ano da Independência e 123º da República, e instituída em maio de 2012. Tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 05 de outubro de 1988. Além dessa lei que criou a Comissão da Verdade há outros documentos-base sobre o colegiado: Decreto que estrutura a Comissão Nacional da Verdade; Regimento interno e Plano de Trabalho; Resoluções, etc.

Figura 77 – Elza Freire, Paulo e um grupo de exilados latino-americanos. Suíça, julho de 1974.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

O processo organizativo da luta no exílio em prol da Anistia veio junto com o objetivo de imputar julgamentos às ditaduras latino-americanas pelas graves violações aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. Esse processo apresentou variações de formas de engajamento, indicou diversidade temática de mobilizações desenvolvidas ao longo do exílio, abriu espaço para manifestações e denúncias das ações arbitrárias da ditadura brasileira junto a comunidade internacional, dentre as quais destaco: diferentes formas de apropriação dos meios de comunicação como estratégia transformadora; publicação de livros; edição e distribuição regular de panfletos, boletins e informativos; realização de conferências; acesso à ONU; organização do Tribunal Bertrand Russell II e na criação, pelos exilados brasileiros, dos Comitês Brasileiros de Anistia (CAB)[152].

[152] O Comitê Brasileiro pela Anistia foi fundado em 1968, no Rio de Janeiro, por iniciativa do Movimento Feminino pela Anistia, congregando esforços de diversas entidades e personalidades contra o regime de exceção. Na luta pelos Direitos Humanos, a ênfase dada foi à luta pela Anistia, à luta contra as perseguições políticas, as prisões e as torturas. O Comitê lutou também pela extinção das leis repressivas, como a Lei de Segurança Nacional, e pelo desmantelamento dos órgãos e aparelhos de repressão, como o DOPS e a polícia política. No exterior o mais ativo destes comitês, foi o Comitê pró Amnistia Geral no Brasil organizado em Portugal. O número de Comitês de Anistia formados no exterior entre os anos de 1975 e 1979 são um bom indicativo da amplitude que esta luta alcançou entre os exilados, eram 30 os comitês constituídos quando da

A relevância desse processo tornou-se ainda maior devido ao momento conjuntural, provavelmente por conta do sentimento angustiante advindo das ditaduras instauradas em toda a América Latina, da emergência contestadora dos movimentos sociais e das classes trabalhadoras que colocou à prova a dominação ditatorial das classes dominantes e seu aparato imperialista mundial e norte-americano, mas, sobretudo pelo foco na construção de um projeto de atuação que considerasse a questão da democracia, construindo a partir daí a oposição e resistência a toda forma de ditadura e repressão, violência e autoritarismo.

Destaco os caminhos apontados e as perspectivas a partir desse processo e que estiveram presentes nos discursos a partir daqueles cenários, situando a luta pela Anistia no escopo das lutas pelas liberdades democráticas e por melhores condições de vida e de trabalho, de educação, por uma sociedade justa e humana, travadas anteriormente, buscava-se assim estabelecer conexões de sentido e nexos narrativos de continuidade das lutas, que por agora se apresentavam pautadas na reformulação de projetos para/com o Brasil:

> [...] o regime militar tenta empurrar pela garganta do povo brasileiro o embuste chamado 'anistia parcial', [...] tentando fazer desta sua 'anistia' uma outorga e não uma conquista popular. Apropriando-se de uma legítima reivindicação das oposições, retirando-lhe o conteúdo e procurando uma aproximação formal com a nossa bandeira, pretende fazer seu projeto algo como uma 'conciliação nacional', na tentativa de classificar os exilados, os ex-banidos e presos políticos como 'terroristas' e 'não-terroristas', como 'culpados' ou 'não-culpados' de 'crimes de sangue'. Todos os opositores do regime, perseguidos, presos, torturados e mortos merecem o mesmo respeito. Lutaram e lutam ao lado do povo por melhores condições de vida e de trabalho, por uma sociedade justa e humana. Denunciaremos vigorosamente qualquer medida discriminatória, qualquer arremendo de anistia que se tente impingir. Seguiremos a nossa luta que é a de todo o povo brasileiro pela ANISTIA AMPLA GERAL E IRRESTRITA e pelas liberdades democráticas (GREENHLAG, 1979, p. 165-167).

Nos pós 1964 um grande "cale-se" se abateu sobre o Brasil. A violência praticada pelo Estado impedia a discussão e provocava a paralisia da sociedade pelo medo, impondo arbitrariamente o "cale-se". Sem querer subestimar os governos de direita, pode parecer, um ambíguo processo de transformações elaborado a partir de distanciamentos, gritos, lutas, entrelaçamentos, ecos e silenciamentos, ora para despistar a censura, a tortura e demais práticas do regime militar, ora para desafiar a liberdade, a nacionalidade e a vontade

---

Conferência de Roma, em junho de 1979: Itália, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Suíça, Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, União Soviética, Hungria, Argélia, Polônia, Angola, Estados Unidos, Costa Rica, Canadá, México, Guiné-Bissau. Informações a partir de pesquisa que venho realizando desde 2010 em Fundos e Coleções, Acervos e documentos referentes à temática pertencentes ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

de não ser ou ter o cale-se sorvido ante o cálice[153] da ditadura e do exílio, tragado em vinho tinto de sangue verde-amarelo. A ditadura então, se torna aliada da noite e do silêncio:

Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor e engolir a labuta?
Mesmo calada a boca resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa?
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada, pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda (Cálice!)
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, Pai, abrir a porta (Cálice!)
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade?
Mesmo calado o peito resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Em cálice foi transformado o cale-se:

Talvez o mundo não seja pequeno (Cale-se!)
Nem seja a vida um fato consumado (Cale-se!)
Quero inventar o meu próprio pecado (Cale-se!)
Quero morrer do meu próprio veneno (Pai, cale-se!)
Quero perder de vez tua cabeça (Cale-se!)
Minha cabeça perder teu juízo (Cale-se!)
Quero cheirar fumaça de óleo diesel (Cale-se!)
Me embriagar até que alguém me esqueça (Cale-se!)

[153] Cálice é uma música de protesto, de crítica e denúncia ao governo militar que traduz o penar e a esperança de um povo em silêncio. Com muitas metáforas, nas quais Chico Buarque e Gilberto Gil usaram para contar a situação em que a sociedade vivia durante a ditadura. Nela expressam o desejo de se livrar das desigualdades sociais no Brasil, abordam a questão do envolvimento de políticos e militares com as mortes e os desparecidos do pós 1964, denunciam os métodos de tortura e repressão que eram submetidas às vítimas para conseguir o silêncio das mesmas e a vontade de libertar-se das imposições feitas pela ditadura. Várias músicas de Chico Buarque estão vinculadas a críticas e protestos do período e consideradas subversivas. A relação entre Chico Buarque e a censura no Brasil nesses anos destaca que Cálice foi proibida e liberada em 1978.

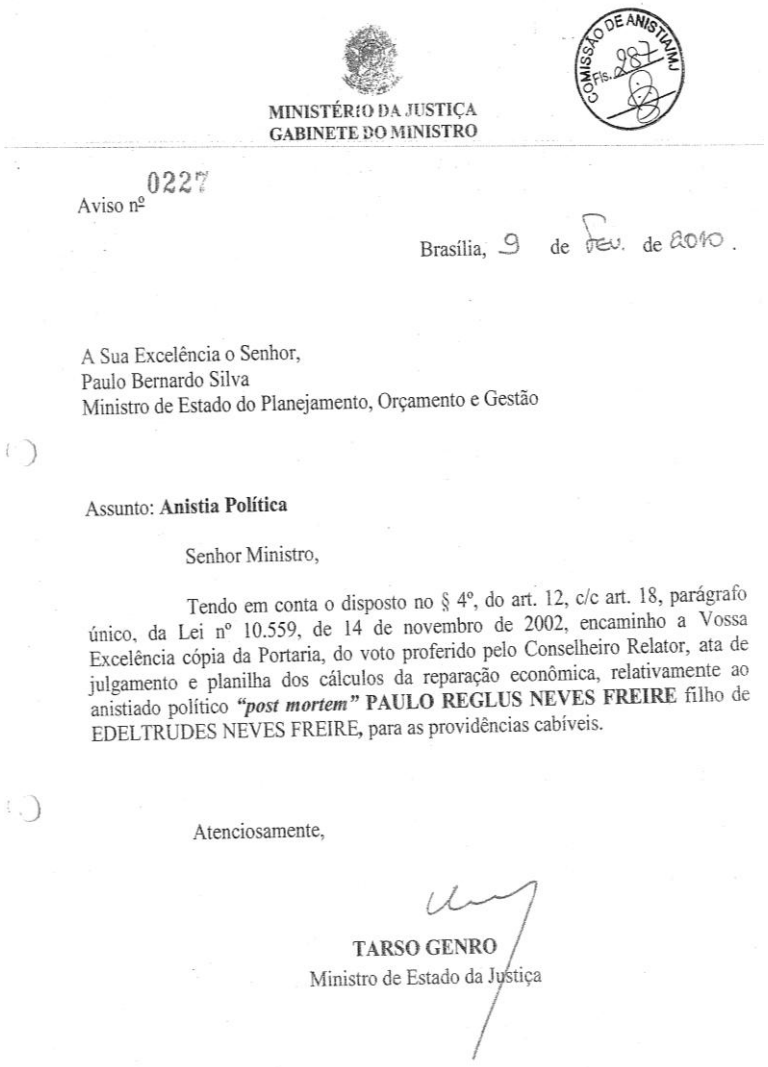
Até que muitas vozes não se silenciaram, outras se levantaram e todas se uniram no Brasil e pelo mundo afora para gritar e lutar pela Anistia, que era, ao mesmo tempo, o fim e o começo: promoveria o retorno do exílio, a retomada de uma vida interrompida; restabeleceria uma reconversão identitária com a identidade em construção; ampliaria a capacidade de expressão e compreensão da língua materna; reencontraria as origens; reuniria fragmentos deixados para trás; reinserir-se na vida política do país e reintegrar-se a outras configurações; continuidade da história.

E a ditadura brasileira sentiu que o solo abria-se debaixo dos seus pés. Foi arrancada a Anistia.

Os percursos de Elza Freire durante o exílio são marcados por esses acontecimentos, ela se insere neles e junto a eles atua, sua imagem e presença permanecem. Isso me incita, por exemplo, a trazer a Anistia concedida a Paulo como corporificação desse processo, ainda assim digo que é: a demonstração de força e união do povo brasileiro, o sopro de esperança, luta que permanece viva e pulsante. Acontecimento histórico, político, pedagógico simbolizando os que acreditam como eu que:

> Anistiar Paulo Freire é libertar o Brasil da cegueira moral e intelectual que levou governantes a considerarem inimigos da Pátria educadores que queriam libertar o País da cegueira do analfabetismo (Luís Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República, 2012, epígrafe).

Embora, seja necessário pronunciar que o reconhecimento público da anistia por parte do Estado brasileiro, tenha vindo a acontecer tardio, porém justo aos 23 dias de novembro de 2009, dentro do Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológico, realizado em Brasília. Do mesmo modo, pronuncio que o julgamento ocorrido depois de 45 anos do início do exílio imposto pelo golpe civil militar, 30 anos da Lei de Anistia, 29 anos de retorno ao Brasil, 23 anos da morte de Elza Freire e 12 de sua morte, reside a dimensão político-pedagógica do ato educativo, seja pela importância deles para a democracia e para o fortalecimento das lutas em defesa de uma educação para todos de qualidade, pública, laica, gratuita e socialmente referenciada, educação que seja acima de tudo, uma ação política consciente, porque manifesta intencionalidades que se opõem à relações de dominação e opressão, são capazes de problematizar e transformar a realidade.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
GABINETE DO MINISTRO

COMISSÃO DE ANISTIA/MJ
Fls. 287

Aviso nº 0227

Brasília, 9 de fev. de 2010.

A Sua Excelência o Senhor,
Paulo Bernardo Silva
Ministro de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão

Assunto: **Anistia Política**

Senhor Ministro,

Tendo em conta o disposto no § 4º, do art. 12, c/c art. 18, parágrafo único, da Lei nº 10.559, de 14 de novembro de 2002, encaminho a Vossa Excelência cópia da Portaria, do voto proferido pelo Conselheiro Relator, ata de julgamento e planilha dos cálculos da reparação econômica, relativamente ao anistiado político ***"post mortem"*** **PAULO REGLUS NEVES FREIRE** filho de EDELTRUDES NEVES FREIRE, para as providências cabíveis.

Atenciosamente,

TARSO GENRO
Ministro de Estado da Justiça

Figura 78 – Correspondência oficial, encaminhando o processo de Anistia Política de Paulo.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Há outros olhares, outras narrativas e interpretações de verdade, justiça e memória. Respeitando-os, acredito que neste ato de Anistia, de certa forma há a homenagem à verdade, à justiça e à memória, dando visibilidade ao que aconteceu no passado e na história do Brasil para que todos e todas não se esqueçam de acontecidos e vividos. Acredito mais, que anistiar é um dos gestos capazes de reparar injustiças de ontem e reconhecer a democracia – ideais tão caros à Elza Freire e Paulo, mas também nos lembrar do Brasil de hoje, que precisa saldar a sua dívida em relação aos analfabetos e, em particular aos adultos analfabetos. Elza Freire e Paulo serão plenamente anistiados quando o Brasil estiver livre do analfabetismo.

5.3 – Desarquivando memórias e fortalecendo resistências: ir, ficar, vir sob as impermanências da ditadura.

Os dias fluíam lentos e pesadamente, como se se arrastassem pelas lajes e paredes gastas de antigo templo em estilo gótico. De um lado os que foram exilados para fora do território nacional, de outro os que ficaram no exílio dentro dele. Em ambos, a evidente preocupação com o que pudesse acontecer ao país, a um e ao outro durante esses dias que se fizeram meses e se transformaram em anos.

O pós 1964 e as impermanências da ditadura, fora e dentro do país, alteraram vidas, construindo memórias, fortalecendo resistências, fazendo histórias. Era o território movediço do exílio: ir, ficar, vir.

Dentre outras experiências procedentes da ditadura e sem precedentes, o exílio não significou o fim da vinculação política ou da identidade ideológica, ou seja, a tendência natural era a formação de grupos, visando encontrar algum tipo de suporte para os difíceis tempos que viriam, embora, novas composições políticas foram se estabelecendo de acordo com a nova realidade. Vislumbrou-se por parte dos exilados o engajamento em outras lutas, ora pela realidade de sobrevivência, ora pelo sonho de resistência, independente da nacionalidade do exilado.

Nesse sentido, grande parte deles continuou agindo em países que não o seu, era o envolvimento político, pedagógico e social, em qualquer parte do mundo, isso reforçava a luta contra a opressão e contribuía para os sentidos de se continuar vivo; era o amadurecimento de uma militância que ia assumindo cada vez mais o caráter universalista e as características de humanidade.

Era o compasso da espera. Poder voltar ao país, amenizando o tempo da espera. Há o aprofundamento dos conceitos e o alargamento das experiências, ambas relacionadas ao ato de resistência a ditadura, principalmente por parte de Elza Freire e Paulo.

A par desse movimento externo ao país, identifico que ele também aconteceu internamente com características muito próprias do exílio brasileiro, ou seja, outros permaneceram no território nacional atuando na linha de frente, ou apoiando na retaguarda. São movimentos que embora separados geograficamente permaneceram unidos pela ideologia.

A violência atroz da ditadura não foi capaz de romper esses elos. Desenvolveu-se uma espécie de ausência muito específica, relacionada com um significado direto e profundamente impregnado com o local de origem (SAYAD, 2000).

A redução da dimensão relativa do mundo, fruto da contração das "distâncias-tempo" e das "distâncias-custos", permite que as comunidades dispersas por vários lugares do mundo desenvolvam processos geográficos de organização em rede. Nestas redes, o lugar de origem desempenha papel de referência central, real ou imaginária, mas a lógica de relações espaciais complexifica-se, na medida em que cada lugar da rede se relaciona quer com o ponto de origem, quer com outros locais de destino (BRUNEAU, 1994, p. 5-18).

Nessas ausências, presenças e circulações diaspóricas do exílio, seja dentro ou fora do país, parece-me não haver outro caminho para a memória também.

Caminhos cuja:

> [...] la producción de relatos sobre los exilios ha seguido los derroteros de otras memorias de la dictatura, pasando por momentos de agitación pero también por períodos de letargo. En el caso específico de los exílios, estos derroteros se fundan en el débil reconocimiento de la violencia estatal que originó la salida del país de millares [...] Esa dificuldade para contar el destierro em clave política y colectiva retardo su inclusión en la historia dictatorial y sancionó el predomínio de una memoria subterrânea, habitada por recuerdos vergonzosos, prohibidos o indecibles (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007, p. 10).

E que agora:

> Los exilios reconocen el mismo punto de partida: huir de la represión, preservar la libertad, salvar la vida. Sin embargo, el sentido de essas vidas en el exilio no pudo más que ser plural. Hubo quienes reencausaron su militancia a las condiciones que impuso el destierro, pero también hubo quienes nunca militaron em forma orgánica, de manera que aquella actividad ocupó um lugar secundario de cara a los nuevos desafios. No obstante, la dimensión política em la experiência exilar es sólo una de las muchas entradas que permite un tema al que, como ya se indicó, la investigación histórica ha comenzado a dedicar atención en fechas muy recientes (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007, p. 15-16).

Penso ser um ato de argumentação a partir de dados, sentido profundo para reunir memórias, pensar políticas de resistência e formas de justiça, pois o terrorismo de Estado não produz apenas o exílio, pelo contrário, a sociedade do Brasil carrega uma diversidade de experiências pessoais e coletivas que de imediato se conjugam com as experiências de outros exilados, principalmente latino-americanos e, se aproximam com aqueles que em síntese lutam para reaver memórias e por um verdadeiro nunca mais, contra toda política de esquecimento e toda forma de impunidade.

Memórias do exílio brasileiro são memórias da ditadura, são lembranças da repressão e da opressão, da prisão e dos porões, dos mortos e desparecidos políticos, da censura às manifestações culturais e da tortura aos movimentos sociais e populares, da violência sofrida e das perseguições, da violação dos direitos humanos e dos atentados à democracia, por todos que desafiavam o regime autoritário ou não pactuavam como ele, independentemente das circulações dos sujeitos.

Memórias são ideias e imagens – apaixonadas e comprometidas, políticas e pedagógicas, de se opor a ditaduras e exílios em favor da luta por um Brasil e um mundo digno e humano, para que não se torne imemorável.

Memórias que se manifestam em espaços, lugares e tempos públicos ou privados, que se expressam pelos sujeitos, por suas vozes e mãos, narrativas e experiências, por seus percursos, movimentos e monumentos.

> Quando Flora de Abreu e João Luís de Moraes me convidaram para desenhar o monumento "Tortura nunca mais", senti a oportunidade de me iniciar no campo da escultura. Dessa escultura de maior porte, mais livre, mais ligada aos problemas da vida que o concreto armado oferece. E como o tema exigia, a fiz dramática, denunciadora, lembrando o longo período de tortura e morte que pesou sobre o nosso país. Meu desenho representa esses negros tempos com a pessoa humana transpassada pelas forças do mal, impotente diante do ódio organizado. Para os mais sensíveis, para os que veem o mundo apaixonadamente e amam o seu próximo e se levantam contra a opressão e o arbítrio, o monumento provoca a revolta pretendida (OSCAR NIEMEYER, in Cadernos AEL: Anistia e Direitos Humanos, p. 15, 2008).

Figura 79 – Desenho de Niemeyer, feito em 1986 para o monumento "Tortura Nunca Mais", em homenagem aos perseguidos políticos, torturados, mortos e desaparecidos após 1964. Fundo da Coleção Luiz Carlos Prestes, cartaz nº 29, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas, Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Memórias que ilustram textos, cartazes, espelhando exílios e ditaturas, formas de violência e atos desumanos, refletindo como no desenho de Nyemeyer uma pessoa presa por uma agulha gigante e outras três, no chão, estão rabiscadas. Memórias que simbolizam o não esquecimento para que não se repitam acontecimentos assim. Memórias que se inscrevem na luta pelos direitos humanos, pela vida e necessariamente por uma Educação que humanize mais as pessoas e o mundo.

5.3.1 – Histórias do exílio brasileiro: dos que ficaram aos que chegaram antes

Partir, ficar, chegar... Ir e vir... O exílio igualmente foi uma situação experienciada por brasileiros que partiram ou ficaram, que chegaram ou não. Se por um lado há o retorno como uma aspiração constante e comum dos exilados, por outro se constata que o exílio foi vivenciado também por aqueles que permaneceram no país.

Às vezes o exílio é vivido como um recuo, movimentos lá e cá, um afastamento para depois retomar a luta em outra condição, em outro lugar. É um jeito de viver como se tudo à sua volta fosse temporário, transitório, é a impermanência do exílio.

Por tais razões, o exílio pode ser considerado também provisório – provisório no espaço, permanente nos sentimentos. Porém duradouro que seja ele é realizado e vivido com dor, uma dor compartilhada igualmente por aqueles que saem e os que ficam. As alterações resultantes da ruptura representada pela subsequente ausência não são apenas o envelhecimento físico uns dos outros e as marcas do tempo. São acima de tudo sociais, e não devem ser descartadas naqueles que carregam essas marcas. Há uma nostalgia temporária que não implica diretamente no retorno, mas um retorno no tempo e ao retorno ao passado, como se o tempo fosse reversível e pudesse ser percorrido na direção oposta (SAYAD, 2000).

Said (2003) sugere que a solidão vivida no exílio é particular porque vem marcada pela interdição de estar com o grupo de origem. Voltar é impossível, possível apenas chegar.

O insólito permeia a experiência do exílio e o tom da narrativa prossegue descortinando ações, estratégias e percepções.

Osmar Fávero, por exemplo, que viveu o exílio dentro do Brasil foi e ainda é, atuante na militância político-pedagógica, estabelece relações com as forças e as circunstâncias próprias do momento, muitas impregnadas por preconceitos e estigmas:

> [...] o fato de termos aceito no pós 1964, empregos em órgãos públicos, como o IBRA, no meu caso, era considerado por alguns como uma espécie de *"traição"*, como se pudéssemos viver de *"alternativas revolucionárias"*. Depois ficavam nos pedindo para dar acesso às populações rurais, com vista mobilizá-las (Osmar Fávero, 2011, grifos do autor).

Outras representavam a busca por espaços aonde as diversas formas de lutas pudessem sobreviver:

> Então, a gente tinha uma ação direcionada e organizada, mas tinha também aquelas coisas malucas e improvisadas. As pessoas me procuravam para trabalhar no IBRA de Mato Grosso, onde tudo estava nas mãos dos militares, me procuravam para fazer formação de camponeses para a luta armada, eu dizia não dá, vocês vão ficar lá uma semana, depois vocês vão ser presos e eu também, eu descobri mais tarde algumas pessoas fizeram isso (Osmar Fávero, 2011).

Destaca como premissa a educação:

> Um centro que nos reunia era o CEDI, pré-história da Ação Educativa, no que diz respeito à educação. Estou começando recém a mexer na memória dele [...] (Osmar Fávero, 2013).

E traz nomes, siglas do Brasil:

> Então, a gente tinha presença para isso, nesse primeiro momento a gente não teve presença universitária por uma série de razões [...] mais tarde o grupo trabalhou com o MEB e que manteve alguma coisa da Educação Popular, eu consegui levar e contratar cinquenta pessoas do MEB para o IBRA, era até um posição de certa forma privilegiada, chegava até mim e dizia: "Estou precisando de duas pessoas para fazerem tal coisa, para fazer treinamento em Goiás, por exemplo: Carlos Brandão e Maria Alice casados, estavam precisando de emprego, não tinha emprego, então tem esse lado também (Osmar Fávero, 2011).

Ao longo dessa história, reconhece-se que:

> [...] tudo isso era muito perigoso. Agora eu acho importante isso, pois a gente não tem essa memória do exílio, do exílio dos amigos, dos nossos companheiros. Olha, eu me lembro agora, algumas pessoas sofreram muito com o exílio, com a saída do país e depois desse depoimento, até sofrer em ficar aqui [...] era grande a perseguição, havia prisão e tortura psicológica (Osmar Fávero, 2011).

Conhecem-se rotas de fuga, articulações e situações incomuns para o público geral e comuns às experiências individuais e coletivas durante o exílio brasileiro, que por vezes coloca questionamentos quanto à dimensão obscura e autoritária do período, mas que por agora provoca deslocamentos para análises, descrições e interpretações:

> Primeira coisa a dizer é que a gente ajudou muita gente a sair, muita, não só eu, outros ajudaram. A gente não ficava esperando, tínhamos um bom despachante, que pagou caro isso, era o despachante da CNBB. Era um pouco assim: Dom Helder [Camara] tinha uma secretaria fabulosa, que se chamava Cecilinha, ela resolvia as coisas, via se ele conseguia ajudar, se conseguia arrumar um passaporte para uma pessoa fugir com outro nome, coisas desse tipo. Ele [Dom Helder] se comprometeu com a gente assim: eu preciso de dinheiro vivo, preciso de tempo e preciso que vocês na hora em que eu disser: "Tá pronto, não tem mais nenhum minuto, cai fora", ou seja, o tempo de conseguir o passaporte, obviamente ele buscava da mão da Polícia Federal, e tinha o tempo de dizer assim: véspera de natal, véspera de ano novo, é a hora em que o pessoal vai comemorar e não tá ligando para nada [...] Então, precisava ter o dinheiro prévio, que se precisasse dar para eles [Polícia Federal] e também o dinheiro para comprar a passagem, qualquer passagem que tinha, por exemplo, o primeiro voo que sair de preferência Air France ou uma companhia não brasileira, para se evitar problemas e coisa e tal, e despachar. [...] A pessoa tinha que ficar de mala pronta, o passaporte vai ficar pronto comigo, aí na hora, eu estou com a passagem e o passaporte, e dou o contato da Polícia Federal que vai botar a pessoa dentro do avião [...] Eu fiz isso para várias pessoas [...] Então, era isso, primeiro a gente ajudava aqui e depois o apoio era do grupo de fora, tinha outras articulações (Osmar Fávero, 2011).

Figura 80 – Dom Helder Camara em encontro com o grupo de exilados brasileiros na casa do ex-ministro Paulo de Tarso dos Santos. Chile, junho de 1969.
Fonte: Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos, cedido à pesquisadora por seu filho Vasco Santos.

Osmar Fávero segue partilhando memórias, pessoas, fatos, prossegue por entre narrativas que suscitam sentimentos, medos e enfrentamentos, dentro país:

> [...] era comum a gente escutar: "Osmar a gente faz toda essa força [...] às vezes a gente sai e se arrisca para fazer isso ou fazer aquilo [...] às vezes vai buscar malas com U$2.000, U$3.000, e todo o perigo que isso significa, e a gente ainda é criticado por quem ficou aqui e que é conivente com a situação, particularmente vocês que estão no serviço público, umas coisas assim [...] Quanto aos embarques para o exterior eram "operações de guerra", cercadas de mil cuidados. Fotos, nem pensar (Osmar Fávero, 2011, 2013).

Tanto quanto fora do país, o sujeito é sempre vigiado, ameaçado, sua vida constantemente cerceada:

> [...] Você não faz agenda, não anota nada, não carrega nada, nem nomes e nem fotos, toma todos os cuidados (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

Durante o exílio o medo e o terrorismo de Estado, moraram lado a lado, tendo como parede-meia a presença da ditadura, que espalhava suas marcas de sobressalto com os que ficaram ou com os que partiram.

Marcas contíguas comuns aos dois lados, de lá e de cá, que podiam se aproximar revelando processos de comunicação que se davam. Pois, exilados dentro ou fora do país, versavam todas as sutilezas subjacentes ao envio de mensagens.

A escolha não é aleatória, depende de uma relação de confiança com aquele que vai ser portador de algo tão íntimo e pessoal. Os meandros da relação entre querer mandar uma mensagem e escrevê-la são complexos. Uma carta não é apenas uma mensagem escrita. Sayad (1998) vai muito além de um processo, mostra como ocorre a comunicação entre aquele que ficou e o que partiu ou vice-versa[154].

Marcas de muitos Brasis e muitos brasileiros... Marcas contidas, incontidas e distribuídas por mensagens e pelos trâmites dos correios, trocadas entre destinatários e remetentes; escritas na forma de denúncias, protestos, contatos.

> Eu tinha alguns contatos, mas um em especial era um contato de correspondência, praticamente semanal, com Ivan Illich, mandando documentos para ele publicar, recebia tudo o que ele mandava de lá e mandava daqui tudo o que recebia para ele, mas o Ivan era um cara que tinha condições com a gente para fazer essas coisas [...] quando tínhamos denúncias assim, fundamentadas, mandávamos direto para ele e vice-versa (Osmar Fávero, 2011).

[154] Para ampliar a compreensão indico a leitura do capítulo "Da mensagem oral à mensagem gravada", quando o leitor logo imagina que será tratado o uso desta técnica pelo pesquisador. Sayad (1998) desmistifica e revela o processo de comunicação para o envio de uma mensagem oral, mas entende também que pode ser escrita.

Marcas escritas no formato de cores, cheiros, rostos; que não deixaram de impedir frases da realidade, de alegria e saudade.

> Elza e Paulo: Aí está o 'falado' cajueiro, onde faremos uma feijoada bacana para vocês, se Deus quiser o mais breve possível. Vocês podem ver por aí como a nova casa é grande e espaçosa. Esta parte é um oitão de 17 x 42, que tal? Abraços de Dora (Doralice de Melo, Recife, Brasil, fevereiro de 1971).

Figura 81 – Frente da foto enviada para Elza Freire e Paulo por Doralice de Melo junto com o esposo Zeca de Melo (irmão de Elza Freire), embaixo do cajueiro. Recife, Brasil, 1971.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

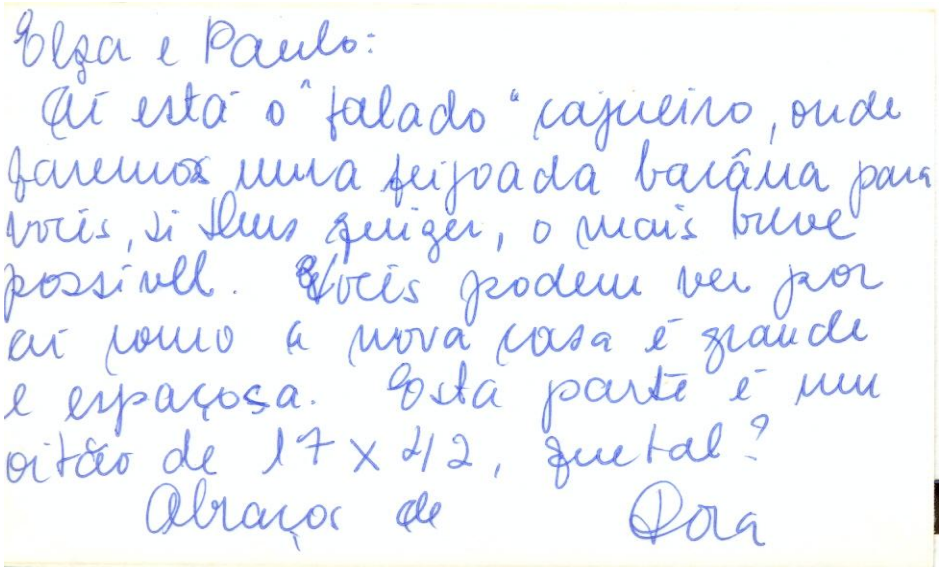

Elza e Paulo:
Aí está o "falado" cajueiro, onde faremos uma feijoada bacana para vocês, se Deus quiser, o mais breve possível. Vocês podem ver por aí como a nova casa é grande e espaçosa. Esta parte é um oitão de 17 x 42, que tal?
Abraços de Dora

Figura 82 – Verso da foto. Recife, Brasil, 1971.
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger, cedido à pesquisadora.

Marcas de muitos Brasis e muitos brasileiros, que ficaram ou iam e vinham pelo mundo, que transmitiam e transportavam as fases do exílio e as faces da ditadura.

Marcas daqueles/naqueles que retornaram antes, como, por exemplo, o ex-ministro Paulo de Tarso dos Santos[155] que após seis anos de permanência na condição de asilado político no Chile, chega ao final de 1970, com a mulher e os filhos, para com a família retornar ao Brasil. Seu filho Vasco Santos assume a narrativa e conta que:

> A decisão de voltar aconteceu mais ou menos assim: o tio Maurício junto com o Luiz Francisco Carvalho e o Major José Tomaz – ex-instrutor do meu pai no CPOR, casado com uma prima da minha mãe, faziam peregrinações constantes entre vários comandantes militares atrás de orientações para viabilizar nosso retorno. Um dia, um general disse algo assim: "Desse aí eu não tenho raiva" – era o pensamento dos quartéis [...] Há também a instância do jurista Saulo Ramos e do professor Vicente Rau – Tio Maurício trabalhava no escritório deles [...] O general com certeza devia ter muitas estrelas. Enfrentando o risco de encontrar outro militar de alta patente com raiva, meu pai poderia voltar sem qualquer garantia oficial de segurança. Pelo menos aquele general não tinha raiva dele (Vasco Santos, 2013).

Então retornar à ditadura, ante a vida pessoal e diante das vidas coletivas:

> Voltei feliz, mas um pouco envergonhado por deixar muitos companheiros para trás. Essa era a vida, e eu a segui. [...] Logo após desembarcarmos em Viracopos, fomos direto para a casa do Vô Cunha, em São Paulo [...] o tio Maurício nos encontrou, deu um abraço e disse: "Paulo [de Tarso Santos] você vai ser convidado a comparecer amanhã ao DOPs". Frisou muito bem o termo 'convidado'. [...] Pouco depois da nossa chegada apareceram dois policiais civis, com o 'convite' para meu pai comparecer à delegacia no dia seguinte. Ele foi. E diante da pergunta óbvia sobre os motivos da sua volta, respondeu: "Eu vim porque precisava respirar ar brasileiro". [...] Aquela visita forçada à delegacia foi a manifestação de submissão exigida pelo poder [...] se não criássemos problemas, a ditadura não perderia tempo conosco (Vasco Santos, 2013).

O exílio dentro do próprio país, as divergências corriqueiras, a representação jurídica e política, a espera da Anistia:

> Meus pais mantiveram a consciência de nossa situação, em função do meu pai ter sido cassado, termos ido para o exílio [...] a família toda tinha medo de incomodar e de ser incomodada pela ditadura [...] mantivemos a consciência de nossa situação jurídica em relação à política, muito semelhante à que tínhamos no Chile. Aqui no Brasil, Paulo de Tarso também não podia fazer política. E não fez enquanto não aconteceu a Anistia, em 1979 (Vasco Santos, 2013).

[155] Para conhecer mais sobre os percursos do ministro Paulo de Tarso Santos tanto com relação à sua atuação no Governo Goulart, inclusive junto a Elza Freire e Paulo e sua experiência no exílio consultar: SANTOS (1981; 2011); SANTOS & COIMBRA (1984); SANTOS, Vasco (2010).

Figura 83 – Embarque de retorno ao Brasil de Paulo de Tarso Santos com a esposa Maria Nilse e 03 de seus filhos: Paulo, Vasco e Maria Luíza . Chile, 16 de novembro de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos, cedido à pesquisadora por seu filho Vasco Santos.

Florestan Fernandes ao deixar o país em 1969, com breve retorno em 1972 e o definitivo em 1977, passou pelas Universidades de Columbia e Yale, nos Estados Unidos e Toronto, no Canadá. Como exilado destaca que no regime militar foi posto em prática uma ampla repressão "de maneira brutal e ostensiva [...] e que fora de qualquer consenso ou legitimidade civil e política" (1978, p. 202-203).

De 1964 a 1969, Florestan narra que:

> [...] assumi um papel ainda mais ativo. Já havia a Junta Militar, e eu ainda estava lutando. Percorri todo o Brasil, fiz conferências, cheguei a fazer quatro conferências em um dia em Porto Alegre. Houve uma tentativa de me arrastarem para a guerrilha. [...] No final de 1968, a ditadura tinha de fazer comigo o que ela fez, porque assim como fui implacável na luta eles tinham de ser implacáveis na repressão. Fui submetido a Inquérito Policial Militar, processado, julgado e inocentado pela Justiça Militar e, finalmente, cassado pelo AI-5 e afastado da universidade (FERNANDES, 1990).

E a saída do país:

> Eu fui preso em 1964. Não foi uma saída legal, foi violenta e difícil. Ela aconteceu por pressões externas. Houve protestos na Universidade de Toronto e do governo do Canadá. Mas houve algo ainda mais eficiente que eu só soube depois de ter cometido muitas injustiças contra companheiros norte-americanos do movimento dos Direitos Civis. O Magalhães Pinto, então ministro das Relações Exteriores, foi preso em Nova York, dentro de uma sala, por várias horas, até concordar em autorizar minha saída do Brasil. Eu devia estar no Canadá em fins de julho, início de agosto, o mais tardar, e só cheguei lá em novembro de 1969 [...] fui para o exterior, onde desenvolvi uma campanha contra a ditadura (FERNANDES, 1990).

A troca de cartas com Bárbara Freitag, perdura quase 30 anos. Faz parte de correspondências em papéis timbrados, cartões postais e outros que tematizam seu percurso acadêmico, político e pessoal e refletem seus estados de ânimo, suas decepções, derrotas e vitórias através de períodos difíceis de formação, deformação e transformação da sociedade brasileira: o período da ditadura militar, de distensão e abertura democrática, do exílio. As cartas são entrelaçadas entre os percursos pessoais e profissionais e esses momentos marcantes da história brasileira.

Passado e memórias:

> Ninguém recupera o passado. Contudo, com você crio sempre momentos novos de comoção de mim mesmo. Saio da rotina e volto-me para o que há de mais profundo em minha pessoa [...] É uma liberação (Florestan Fernandes, carta de 29.10.1973).

As notícias do Brasil, do Canadá, do exílio e de si mesmo, numa fase em:

> [...] que ando no fundo do poço – cansado do meu trabalho, cansado de ser professor e até cansado da comida, da cidade e do tipo de vida que levo em Toronto [...]. Ainda por cima, as notícias que vêm do Brasil, sempre ajudam a afundar o poço [...] Continuo com ânimo. Enquanto se vive, se luta ou então, não se entrega a rapadura [...] Não tenho pena do Florestan [...] pois me especializei em dar murros em ponta de faca [...] sinto às vezes que seria melhor vender sorvetes numa rua quente de São Paulo do que ser professor de sociologia no Norte das Américas (Florestan Fernandes, carta de 01.12.1970).

As chamadas "condições externas" e o desejo de voltar ao Brasil,

> [...] meu estado de espírito, não me atrevo a escrever sobre o Canadá. Um dia falaremos [...] Quanto ao meu desejo de voltar ao Brasil, já nem é mais coragem. É parte de uma mecânica, em que a vida obriga e em que o eu cede. Quero muito voltar. [...] Vamos ver se as chamadas "condições externas" não cortam essa necessidade, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, pela essência dialética (Florestan Fernandes, carta de 01.12.1970).

O retorno aprisionado:

> [...] resolvi voltar em fins de 1972. Em 1973 e 1974 não atuei muito, o espaço estava fechado. Foi a esquerda católica que me deu maior chance de manifestação. Fiquei praticamente aprisionado em minha casa [...] Em 1975 e 1976 dei dois ciclos de conferências no Sedes Sapientia [...] No final de 1977, fui contratado como professor da PUC/SP (FERNANDES, 1990).

Figura 84 – Embarque de Florestan Fernandes para o primeiro retorno ao Brasil. Canadá, final de 1972. Fundo Florestan Fernandes, BCo/UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Plínio de Arruda Sampaio é outro consegue retornar antes e que permaneceu no Chile de 1964 a 1970, depois nos Estados Unidos de 1970 até 1976, quando chegou ao Brasil. De forma resumida a experiência da ditadura e do exílio para a geração de 1964:

> [...] o exílio fortalece os fortes, e arrebenta os fracos. E eu tenho absoluta certeza que isso é certíssimo, os fortes saem fortalecidos e alguns se arrasaram, desfizeram sua vida pessoal, [...] não conseguiram fazer nada, viviam numa neurose terrível [...] porque a repressão da ditadura não foi no povão, não alterou muita coisa, entre o nosso período e o militar, para um homem do povo não aconteceu nada, ele continua um "coitado", ganhando uma miséria quando tem trabalho e apanhando da polícia, e ela pegou nós, a nossa classe social, quer dizer quem dentro da classe social fazia política, portanto, um grupo mínimo (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Figura 85 – Plínio de Arruda Sampaio e seus filhos, durante o exílio. Chile, 1965.
Fonte: Acervo pessoal de Plínio de Arruda Sampaio, cedido à pesquisadora.

Idem, em sua narrativa aparece fragmentos de como o país pensava no exilado, os processos de seu retorno e relembra os que permaneceram no exílio como o casal Freire:

> [...] o exilado, ele imagina que o país está voltado pensando nele o tempo inteiro, não é verdade, você é totalmente esquecido, quando sai daqui. [...] quando eu tive a primeira chance, ainda era um regime ditatorial, mas simplesmente acabaram meus processos, eu tive uns 10 por subversão [...] O advogado disse: "Acabaram seus processos, mas não acabou a ditadura" [...] eu não aguento mais aqui, eu vou, e vim [...] Cheguei no aeroporto, não fui preso, mas fui detido, aí entraram com habeas corpus [...] foi a única prisão que eu tive. [...] Nesse tempo, Elza e Paulo estavam na Suíça, eles voltaram depois (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

Outros da mesma geração de exilados brasileiros de 1964, como Maria Thereza Goulart tiveram os seus percursos pessoais destruídos enquanto eram construídos juntos aos percursos da história política do país. Na memória os sonhos com o Brasil:

> O Brasil vivia um momento de mudanças [...] O Brasil que ele sonhava e muitos de nós era justo e solidário. Talvez seja possível, mas ainda está longe de termos oportunidades para todos, de maneira igual, como imaginava. [...] Jango sempre dizia que a presidência da República não era vontade e, sim destino. É bom que eu repita isso, porque naquele momento ele exercia pela segunda vez – relembro às novas gerações, pela segunda vez eleito com toda a legitimidade constitucional [...] Jango representava o pedido das classes populares de transformação, mudança, esperança de um país jovem que desejava sua emancipação. [...] Era uma pessoa profundamente preocupada com a área social, com coisas das quais se fala até hoje, isso me encantava (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

Sonhos que vão se perdendo ante as realidades da ditadura e do exílio:

> A grande atitude de Jango foi não ter resistido ao golpe. Ele não quis derramar sangue dos irmãos brasileiros para se manter no poder, sabia que existia uma frota americana em águas brasileiras, equipada com armas, mísseis e marines. Certamente não era para proteger meia dúzia de cidadãos americanos na embaixada. A esquerda radical o chamava de titubeante e a direita, de despreparado. Ele foi, isso sim, mártir da democracia. Teve peito e consciência para trazer para si o ato de não resistir. Foi o único presidente a morrer no exílio sem trair suas convicções democráticas (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008).

Para se transformarem e reencontrarem no retorno:

> Voltei em 06 de dezembro de 1976 para enterrar meu marido. De vez, só voltei a morar no Brasil em 1980, quando já era viúva e a ditadura agonizava. Ele [Jango] nunca mais voltou ao Brasil e eu voltei avó. E foi verdade. [...] A ditadura tentou apagar a imagem dele, dizem que foi fraco. Ele sempre foi injustiçado e muito esquecido, deveria ser lembrado pela sua dignidade, correção, lealdade a seus propósitos (Maria Thereza Fontella Goulart, 2008, 2012).

Figura 86 – Maria Thereza Fontella Goulart, após o retorno do exílio. Rio de Janeiro, Brasil, 2012.
Fonte: Folha de São Paulo, edição de domingo, 26 de agosto de 2012.
Disponível <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/1142212-viuva-do-presidente-joao-goulart-fala-sobre-golpe-militar-e-elogia-dilma.shtml> [Acesso em 26-08-2012].

Marcas nos rostos e corpos, nas memórias e histórias, nas narrativas e nos percursos de mulheres, exiladas, como Elza Freire representando assim o próprio momento histórico, que vai construindo de um país a outro, que vai narrando suas memórias diante das memórias de outros. Vozes surgem sem rostos, rostos desfigurados ou simplesmente nunca mais vistos, e ainda muitos rostos desconhecidos, mas inter-relacionados aos mesmos atos de terrorismos de Estado: o golpe, a ditadura e o exílio.

É como se os percursos de Elza Freire refletissem em *Espejos*, de Galeano (2008), reproduzissem nitidamente imagens e letras que se vê: "Os espelhos estão cheios de gente. Os invisíveis nos vêem. Os esquecidos nos lembram. Quando vemos, eles vêem. Quando nós vamos, eles vão?". São reflexos vivos, de uma reciprocidade reveladora de onde se lê:

> Este libro ha sido escrito para que no se vayan. En estas páginas se unen el pasado y el presente. Renacen los muertos, los anónimos tienen nombre: los hombres que alzaron los palacios y los templos de sus amos; las mujeres, ignoradas por quienes ignoran los que temen; el sur y el oriente del mundo, despreciados por quienes desprecian lo que ignoran; los muchos mundos que el mundo contiene y esconde; los pensadores y sentidores; los curiosos, condenados por preguntar, y los rebeldes y los perdedores y los locos lindos que han sido y son la sal de la tierra (GALEANO, 2008, epígrafe).

A memória de muitos na memória de um que pode representar a muitos. O golpe de 1964, a ditadura, o exílio, aniquilando, assassinando, calando a muitos. O que e quem resta depois? Memórias, marcas, traumas, histórias, perguntas sem respostas. Não há como mensurar esse período, mas o silêncio e a indiferença ainda remanescentes são perturbadores, impessoais. Às vezes, parecem apenas significar um período histórico vivido, um tempo ido. Mas existe a possibilidade de se transformar a história, de se revelar nomes, de se conhecer rostos, nobilitar vítimas e esclarecer injustiças. Talvez e ainda assim, sigamos adiante, quebrantados, marcados, mas confiantes e esperançosos de que valeu e vale a pena, buscar os percursos da ditadura e do exílio brasileiro por entre os percursos de Elza Freire para se construir memórias e histórias.

Talvez e ainda assim, seguir para buscar identificar o ponto culminante dos processos educativos contidos nesses percursos e que se definem pelo "ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (SAVIANI, 1995, p. 17).

Se a saída do país de origem foi uma decisão forçada, ficar foi uma opção limítrofe e limitada, ambas foram acometidas por configurações de grande violência empreendida pelos aparelhos de repressão do Estado.

É possível sugerir que para além de algumas particularidades, entre as muitas implicações contidas no duplo exílio – fora e dentro do país, há o fato de serem definidos, respectivamente, como "presença nacional fora da sua nação" e, portanto a sua ausência do país e "presença de não-cidadãos dentro da nação". Justamente esse fato, que constitui a dupla de ausência e presença (SAYAD, 2000, p. 45).

Isso implica, que além da historicidade localizada no sujeito do exílio como memória em que realidades distintas se comunicam e se entretecem, há também como significado do processo de deslocamento (ausência/presença) um sistema sócio-político que os legitima em categorias diferenciadas de representação e os localiza em diversos planos de importância e significado. Nesse sentido, não se tratar apenas do processo de deslocamento, mas também do processo de identidade e identificação, pois é o meio pelo qual diferenças são determinadas nas especificidades (SAYAD, 1998, 2000).

Ausência e presença, identidades, desindentidades e identificação, percursos e processos que para alguns foram confinados ao passado, para outros seguem vivos no presente. Memórias e histórias de um país e dos que foram, daqueles que ficaram ou dos que vieram antes, em todas elas, sujeitos e destinos cruzados pelo exílio, entrecruzados pela ditadura, considerando que:

> [...] nada tenho, a não ser memórias, o que já é bastante [...] Como se vê, são muitas histórias. É assim, eu sei de uma, outro sabe de outra, e as histórias vão se encontrando [...] agora eu percebo que a memória do exílio devia ser uma coisa a ser contada, deve ser [...] Eram tempos difíceis [...] (Osmar Fávero, 2011, 2013).

A memória do exílio deve e precisa ser contada. Por quê? Para que o terror não torne a reproduzir-se. Para que o lugar das memórias seja ocupado pela História, e esta não acena com a possibilidade de superar, fácil e rapidamente, impasses e conflitos sociais. A expectativa de mudanças sociais profundas é necessária para que os extremos de violência não sejam repetidos.

Adorno (1995) afirma que a Educação é a primeira exigência para que *"Auschwitz"* não se repita. A Educação deve caminhar no sentido contrário a barbárie. Para o autor esta possibilidade existe e, as evidências do campo empírico comprovam que esse foi o caminho

de luta, resistência e trabalho de Elza Freire, Paulo e um grupo de exilados brasileiros que viveu o exílio como parte das barbáries do regime político advindo após o golpe de 1964 e a instalação da ditadura militar e que constitui o oposto para transformar o vivido em proposta político-pedagógica humanizadora.

Portanto, não se devem menosprezar regimes totalitários, uma vez que só tendo consciência do aspecto nocivo deles é possível evitá-los e combatê-los, já que vivemos em uma sociedade que por enquanto não destrói as condições que geram a barbárie.

Sonho e luta de uma Educação que humanize é uma das possibilidades para o processo de construção de um mundo mais justo, digno e sem barbárie. Para que o terror não se repita, a Educação contra a barbárie comparece como parte do processo de emancipação humana (ADORNO, 1995).

Florestan Fernandes (apud MAZZA, 2003), outro exilado, nos desafia e faz recordar "o objetivo da educação é inventar e reinventar a civilização sem a barbárie".

Então, unir esforços para a prevalência da racionalidade iluminista e de práticas libertárias no interior das sociedades e dos tempos-espaços político-pedagógicos.

Logo como na narrativa de Osmar Fávero, como em *Días y noches de amor y guerra*, em que Galeano (1984) configura metaforicamente partes de outras vidas reunidas à sua própria vida, formando uma nova memória histórica e política, talvez nunca legitimada pela história/memória oficial. Ou seja, em *Días y noches*, ele narra as ações e reações da estrutura violenta do estado autoritário, sejam elas vividas por ele ou não, e as re-significa, re-escreve. Nelas e como nos percursos de Elza Freire a história das ditaduras latino-americanas e em particular do exílio brasileiro precisam ser conhecidas e reconhecidas, pois há muito mais para ser esclarecido e refletido sobre esse período, pois há a liberdade de vencer a opressão, de sobreviver às alegrias e o amor, de vencer as épocas de violência e intolerância, é outra história possível que vai ao passado desde o presente, leva e traz memórias, faz narrativa.

Narrativa que nos conduzem para a compreensão do exílio como um ato político e coletivo. Tendo experiências pessoais e temporalidades impessoais, a memória do exílio é recoberta de angústias, perdas, estranhamentos, recuos. As lembranças do exílio às vezes trazem descobertas, diversidades, descortinam horizontes e oportunidades, mas, sobretudo dizem das condições de negação da dignidade e da identidade dos sujeitos.

5.4 – A utopia no horizonte: chegar, mas não voltar

O retorno acontecia por meio de configurações bem diferentes daquelas imaginadas no início e durante o exílio. Ao invés de ser um retorno revolucionário ou um confronto direto com o regime de Estado havia se transformado já no crepúsculo em um retorno consentido por uma lei aprovada pela própria ditadura e que ainda manteve a sua anistia sobre a desejada pelos exilados, por organizações de direitos humanos e por militantes.

Nem sempre o retorno é o esperado, é o momento glorioso. Victor Serge ouviu de Tchernikh, companheiro de exílio, a preocupação que insistentemente atormenta o exilado:

> Os que sobreviveram entre nós, estarão velhos, esquecidos e ultrapassados no dia em que uma nova liberdade nascer para a Rússia. Teremos o destino daquele velho revolucionário que, depois de trinta anos de exílio, voltou a Petersburgo durante as jornadas de março de 1917, não encontrou ninguém no caos e morreu abandonado num quarto de hotel [...] Reconheceram-no depois (SERGE, 1987, p. 86).

Nem sempre o retorno é o acontecido, é o momento tortuoso. Antônio Gramsci – vítima da política autoritária do fascismo, morre pelos maus tratos recebidos nos cárceres, mas deixa escritos que o tornam referência. Ele vai para além das grades e imagens, das degradações, adentra os conteúdos subjetivos e integra suas atividades, experiências e seus interesses, pensamentos como resultados elaborados pelo próprio sujeito. São as marcas do exílio e as produções desta/nesta condição, capazes de sobreviver como memórias aos atos de violência e submissão ao terror.

> Querida Giulia [...] o que pretendo dizer quando penso que o meu retiro em Sardenha (que sinto seria e poderia ser até benéfico para minha saúde) iria ser o início de um novo ciclo da minha vida é a expressom de umha análise bem ponderada, nas condições dadas da minha posiçom, que é a de um isolamento completo, de degradaçom intelectual mais acentuada que a atual, de anulaçom, ou quase, de certas formas de espera que nestes anos, mesmo se me atormentárom, derom também um certo conteúdo à minha vida. Mas nom penso que poda escrever sobre este tema de umha maneira que che pareça profunda. Além disso – e isto parece-me para já o mais importante -, nom deves pensar que estes sentimentos meus exprimam desánimo e um pessimismo qualquer, que denominaria "histórico". [...] Mas sinto-me débil fisicamente e considero que a resistência necessária é grande de mais. [...] Eu queria escrever-che muito sobre a doença de Delio, sobre Julik, mas escrever sobre certos temas, relativos à nossa ternura pelos nossos filhos, parece-me inacreditavelmente difícil, porque me debilita e me turba. [...] Espero que sejas mui mui forte, também por mim. Um abraço, Antonio (Antonio Gramsci, carta 146, Verão de 1936).

O exílio com suas culturas políticas diversas e a intensidade das experiências dos exilados, levaram a profundas transformações que se tornaram indispensáveis na redefinição das gerações brasileiras de 1964 e 1968.

Relembro aqui, que Florestan Fernandes (1977), ao definir-se parte dessas gerações[156], portanto, sob forte perturbação intelectual e emocional, defronta-se com o seu próprio desenraizamento para não suprimir a necessidade de "identificar-se com determinada geração ou fragmento de geração". A realidade e a descoberta de pertencer e se sentir como "geração perdida – um conjunto de intelectuais que enfrentou seus papéis e, em sentido concreto cumpriu suas tarefas. Mas, nem por isso, chegou a atingir seus objetivos e a ver o seu talento aproveitado pela sociedade" (p. 213). O que evoca:

> [...] não é uma totalidade (de indivíduos, de orientações e de ideias) [...] O "nós", deste ensaio, portanto, se refere a um pequeno núcleo da geração como um todo: os que ousaram, antes e depois da instauração do terror, os que marcam as fronteiras psicológicas, os alvos culturais e o campo político desse "todo", perdendo ou mantendo as posições conquistadas anteriormente (FERNANDES, 1977, p. 215-216).

Interroga sobre o que pretendiam, por que falharam e quais lições podem ser tiradas para o futuro:

> A história realmente sepulta os vivos? [...] acredito que, como dentro de mim, o sentimento geral é o de que o pensamento criador não aceita ser arquivado. [...] Não se trata de "dar o exemplo" ou de "manter a causa da liberdade" no espírito dos outros. Se uma sociedade precisa do intelectual para isso, ela não merece ter uma *intelligentsia* crítica e militante. Tampouco devemos demonstrar que "continuamos vivos" e que o terror "não destrói a inteligência". Tudo isso é pueril. A nossa condição se alterou, porém o nosso papel é o mesmo. Cabe-nos agir como uma *intelligentsia* crítica e militante que não está morta (FERNANDES, 1977, p. 245).

Nesse "sentido, as lições do passado, esclarecem o presente" e talvez a lição principal para a sua geração, pensando em nossa realidade histórica, seja situada por Florestan no movimento e no papel do intelectual ou da *intelligentsia* crítica, lições que guardam viva atualidade, pois:

> Não foi um erro confiar na democracia e lutar pela revolução nacional. O erro foi outro - o de supor que se poderiam atingir esses fins percorrendo a estrada real dos privilégios na companhia dos privilegiados. Não há reforma que concilie uma minoria prepotente a uma maioria desvalida. [...] A causa principal consiste em ficar rente à maioria e às suas necessidades econômicas, culturais e políticas: pôr

[156] Inicio uma apropriação para reativar a vontade e a capacidade de exercer a interrogação sociológica, exercitar a análise, a responsabilidade, a imaginação, que implicam o fazer sociológico, isto é, o intuito de permitir à sociologia um saber em transformação que é um construtor da autoconsciência crítica da realidade social. Esse saber mutante e reflexivo é dinâmico, contemporâneo e sensível à tradição e proporciona legitimidade ao fazer sociológico, pois cada geração reconhece sua temporalidade e nela demarca suas diferenças com as ansiedades da geração anterior, havendo, porém uma dilatação da compreensão sociológica das transformações em curso, em que os "velhos" problemas não descartam os novos ideais. Ambos caminham juntos como questões inacabadas, como processos.

> o Povo no centro da história, como mola mestra da Nação. O que devemos fazer "não é lutar pelo Povo". As nossas tarefas são de outro calibre: devemos colocar-nos a serviço do Povo brasileiro para que ele adquira, com maior rapidez e profundidade possíveis a consciência de si próprio e possa desencadear, por sua conta, a revolução nacional que instaure no Brasil uma nova ordem social democrática e um estado fundado na dominação efetiva da maioria [...] libertar o Brasil [...] de uma tirania secular, que sempre impediu e agora está impedindo mais do que nunca a organização da Nação como uma comunidade nacional e o advento da democracia (FERNANDES, 1977, p. 245-246).

Em todas essas inquietações, sobre o fazer sociológico no processo de transformação social no país e, propriamente no caráter interpretativo da problemática educacional presente na produção de Florestan Fernandes. Débora Mazza é referência, ao ser emblemática e categórica, demonstra que "ele foi único, por isso em sua síntese foi singular. Ele amparou-se nos clássicos para ler a si mesmo, a sua geração e a constituição da Nação brasileira" (2003, p.278-279).

Nas linhas tênues entre o passado e o futuro, os exilados reavaliaram projetos, abandonaram alguns, agregaram outros, construíram possibilidades e revisitaram concepções de mundo e de vida, redefinindo-se a si mesmos entre o que deixaram para trás e o que viriam a ver diante de si, as tradições do passado, as inovações do presente e as contradições. Um país a ser democratizado.

Para Miguel Arraes durante a experiência do exílio manteve o teor "romântico revolucionário" de suas atividades políticas e de algum modo como ele próprio escreveu em 1968, o "exílio é uma medida extrema: recorre-se a ele para se continuar fiel aos compromissos feitos com o povo e torna-los mais profundos" (2008, prefácio). Ao retornar do exílio, no Recife, em setembro de 1979, ele evoca os mesmos versos de Carlos Drummond de Andrade na conclusão do discurso de posse em 1963, no seu primeiro mandato como governador de Pernambuco:

> Reencontro do povo com seu destino, forjado por ele mesmo. Estou mais moço porque reencontramos a História. E aqui, encruzilhada e confluência, deixo o exílio e me reincorporo como democracia, como homem do povo, ao seu destino. As armas que trago são poucas. São as mesmas. Talvez ampliadas pelo conhecimento da luta dos oprimidos de outras terras. São aquelas evocadas pelo poeta: Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo (ARRAES, 1997, p. 179-185).

É o sentimento do mundo forjado na realidade e no sujeito, na História e na condição do exílio que aponta para o encontro com a humanidade como possibilidade de

construção da ordem democrática. Sentimento que reencontra não só Miguel Arraes, mas como consequência de tal Florestan Fernandes, Plínio de Arruda Sampaio, Maria Thereza Goulart, Almeri Bezerra, Elza Freire, Paulo e seus filhos, muitos e muitas, todos brasileiros.

Há nesse sentido algumas utopias emancipatórias e um compromisso ético com o passado histórico e o presente do Brasil para que cada um, mediante a conscientização, busque construir e conquistar um futuro mais justo e digno.

Mais justo e digno, que mesmo após a retirada das barreiras legais que impediam o retorno para o Brasil, alguns exilados se depararam com a decisão entre chegar pelas vias da Anistia e o desejo de permanecer no exterior. Esse foi um tema longamente problematizado, foi debatido em seus aspectos políticos e práticos, inclusive a necessidade de pressionar as embaixadas brasileiras em relação a emissão de passaportes e documentos, de organizar estruturas no Brasil e nos países de acolhida de maneira articulada para garantir os brasileiros em seu retorno do exílio.

Além do passaporte negado, nas represálias aos exilados brasileiros, havia certo tipo de ódio e violência que se traduzia por uma série de medidas discriminatórias. Por exemplo, sem direito ao uso de passaporte brasileiro, Elza Freire e sua família enfrentavam restrições para deslocar-se.

> Nós tínhamos até 1979, o que nós os exilados chamávamos de fica-porte, ou seja, era um documento brasileiro, somente válido para o país aonde o exilado morava, no nosso caso, apenas para a Suíça, um absurdo (Lutgardes Costa Freire, 2013).

> [...] minha mulher e meus filhos também tiveram seus passaportes negados... Minha mulher [Elza Freire] e meu filho mais moço [Lutgardes Costa Freire] depois de muita espera, receberam o que eu chamo de "fica-porte", pois, embora seja válido para todos os países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas, confina seu portador a um só país. Em fevereiro deste ano [1979], instado por amigos que me citavam pronunciamentos do presidente da República, de políticos e ministros do governo, e do próprio Itamaraty, voltei a solicitar por escrito, mais uma vez o passaporte. A única resposta que recebi foi um telefonema perguntando o que eu pretendia ao pedir um passaporte. Respondi que o que pretendia era exercer o direito – que, me vem sendo negado há quinze anos (FREIRE, Paulo, 1979, páginas amarelas).

Era o que pretendia também o grande contingente de exilados brasileiros, tendo em vista não apenas viabilizar legalmente um possível retorno, sobretudo como direito que a ditadura extorquiu. A influência de Elza Freire e a sua luta pelo passaporte configuram as experiências, as ações e os enfrentamentos dessa mulher exilada, que consegue mobilizar-

se e fazer-se representar em várias estâncias, inclusive ascender os noticiários que publicaram nesse momento:

> [...] 2 ações contra o Itamaraty: A mulher do professor Paulo Freire, Elza Maia Costa Freire, ingressou ontem, no Tribunal Federal de Recursos, com um mandato de segurança contra o Ministério das Relações Exteriores, que vem se recusando, sem qualquer explicação, a renovar o visto de seu passaporte, por intermédio do Consulado brasileiro em Genebra, onde reside atualmente [...] (Jornal O Estado de São Paulo, 1979).

Publicaram ainda que:

> Segundo Elza Maia Costa Freire, a atitude da representação diplomática do Brasil na Suíça parece indicar a 'existência de intenção discriminatória por preconceito político', pois nenhuma explicação lhe foi fornecida até agora. Ela informa, ainda, que não responde a nenhum processo no Brasil, seja na Justiça Militar ou comum (Jornal O Estado de São Paulo, 1979).

Ao se posicionar individualmente, ela consegue expressar a força que emerge do coletivo, como numa queda de braço aonde se afiguravam as estratégias da ditadura brasileira para seguir se impondo no exílio com o seu terrorismo de Estado e as suas tentativas recorrentes para anular politicamente os sujeitos.

Tempos, espaços, lugares ocupados por ela e capturados nas páginas dos jornais, percebidos nas páginas das narrativas, atestam insistência e resistência dessa mulher:

> Ela foi uma intensa batalhadora dos direitos humanos, da igualdade entre os povos, da igualdade de raças. Eu me lembro, que a minha mãe enfrentou o consulado brasileiro em Genebra, ela telefonava todos os dias para a embaixada brasileira lá, e dizia: quando é que eu e a minha família vamos receber os passaportes brasileiros? Todos os dias ela ligava e falava, falava, brigava, brigava. Claro que não estavam prontos! Ela sabia que não, mas fazia questão de ligar todo dia, todo dia, de lutar. E então, foi uma mulher muito corajosa e de muita fibra (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Até que:

> [...] um dia, um advogado brasileiro, que trabalhava na causa dos exilados brasileiros, saiu do Brasil e foi até lá tentar resolver essa situação, tentar legalizar a nossa situação, a situação dos exilados, mas eu não me lembro o nome dele. Então, ele foi lá, especificamente para essa questão, porque o meu pai fazia parte daquela lista dos oito proibidos[157] de voltar ao Brasil, era uma espécie de lista negra, que até o Henfil escreve uma carta maravilhosa contestando isso, dizendo, afinal de contas, que país é esse? [...] Então, esse advogado consegue com a

[157] "Considerando as instruções dadas por V.S. de que sejam negados passaportes aos srs Franscisco Julião, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Luís Prestes, Paulo Schilling, Gregório Bezerra, Márcio M. Alves e Paulo Freire [...] P.S.: Só para me informar: que país é este?" Trecho da carta que Henfil escreve como protesto contra a discriminação da ditadura, na pessoa do presidente da República, o General Ernesto Geisel, listando oito cidadãos brasileiros exilados, dentre eles, Paulo. In: Revista Isto é, página 82, Ed. 10 de janeiro de 1979.

> minha mãe resolver a questão dos passaportes da família (Lutgardes Costa Freire, 2008, 2013).

Que país é esse?

País cujos cenários descritos e escritos no capítulo I demonstram as configurações que levaram ao exílio de Elza Freire a partir das prisões e do exílio de Paulo, bem como a condição de exílio que acometeu a família Freire. Eles fazem parte do grupo de brasileiros, que classifiquei como sendo um exílio de primeiro escalão, ou seja, exílio como representante maior do Estado Nacional Popular brasileiro em vigência durante 1964, quando no momento do golpe civil-militar e instauração do governo ditatorial.

Por tudo isto, a postura de Elza Freire junto à Embaixada brasileira em Genebra era política. Ela reclamava um estado de direito que lhe havia sido roubado, ela lutava pelo alargamento da ordem democrática de direitos civis e humanos que lhe foi usurpada pelo terrorismo de Estado.

A conquista dos passaportes sozinha não era suficientemente capaz de oferecer suporte para chegar, nem tampouco segurança para ficar. O retorno regia-se por situações particulares, próprias às configurações dos exilados brasileiros. A primeira vinda de retorno ao Brasil de Elza Freire e sua família não era definitiva.

> Então, na verdade, o primeiro contato de novo com o país foi em 1979, para tomar pé da situação, saber se iria acontecer alguma coisa. É claro que meu pai se precaveu antes dessa viagem [...] Dom Paulo Evaristo Arns foi até Genebra conversar com o meu pai e garantir que ele seria intermediário com os militares no Brasil para garantir a nossa entrada no país, então isso foi feito (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Figura 87 – Dom Paulo Evaristo Arns, saindo do fusca que pertencia a Millôr Fernandes e era utilizado pelo grupo do semanário "O Pasquim[158]" em ações para despistar a censura e a ditadura durante a movimentação de jornalistas, cartunistas, escritores e colaboradores. Fundo da Coleção Brasil: Nunca Mais, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP, Campinas, Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Foi feito para mobilizar ações, instituições, acessar redes e oferecer garantias. Tensões, inseguranças, esperanças. De acordo com o entrecruzamento das narrativas e segundo o próprio Dom Paulo:

> O momento mais marcante, para mim, foi a viagem a Genebra, ao Conselho Mundial de Igrejas para o encontro com o educador Paulo Freire [...] Cheguei a passar dois dias com o nosso querido e ilustre pedagogo Paulo Freire para garantir-lhe volta sem dificuldades especiais [...] ele confiou nas garantias que lhe demos para voltar ao nosso país e estado (ARNS, 2005, p. 48).

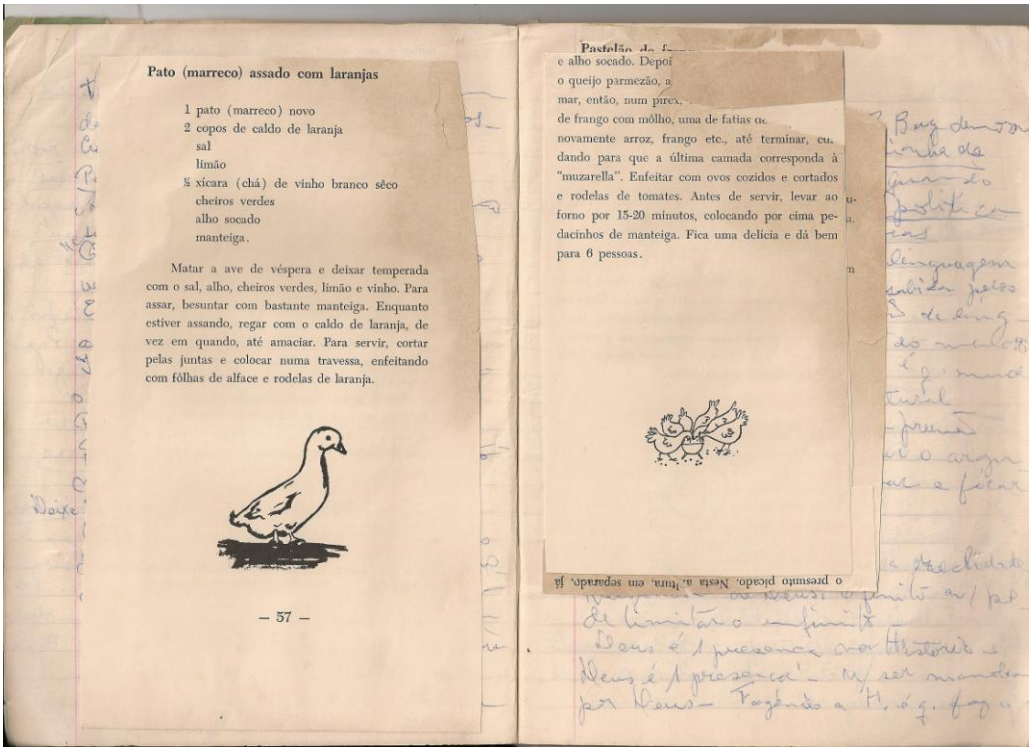
Durante o exílio, as relações contraditórias e paradoxais do Estado e da Igreja no Brasil se manifestaram ininterruptamente e de modo diverso. Por exemplo, sob as inspirações das discussões no Capítulo I – Cenários de uma época e o espírito de um tempo, reafirmo que quando na instalação do regime militar brasileiro, uma ala expressiva da Igreja Católica apoiou e fazia parte dos blocos de poder daquele momento histórico e

[158] O Pasquim – significa "jornal difamador, folheto injurioso", foi semanário brasileiro editado entre 1969 e 1991, reconhecido por seu papel de oposição à ditadura. Fundado por Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Ziraldo, contou com colaboradores diversos: Millôr, Prósperi, Claudius, Fortuna, Henfil, Paulo Francis, Ivan Lessa, Fausto Wolff, Antônio Callado, Gláuber Rocha, dentre outros. Foi se tornando mais politizado à medida que aumentava a repressão da ditadura, passando a ser porta-voz da indignação social brasileira.

político, porém quando a ditadura não poupou sequer os clérigos envolvidos em movimentos populares e sociais de esquerda – parte dela se posicionou contrária ao governo, passando a atuar em defesa dos direitos humanos, a cisão estava posta.

Este alinhamento contraditório e paradoxal fez com que a Igreja Católica e outras denominações religiosas se posicionassem ora como parte integrante do sistema instituído, ora como parte desertora e defensora dos direitos dos perseguidos políticos, dos direitos civis e dos direitos humanos. O grupo da CNBB vinculado a Dom Helder Camara assumiu posições neste sentido.

Os "Escritos Íntimos" de Elza Freire também são contraditórios e paradoxais na medida em que escondem e revelam suas interpretações acerca do movimento e processo político, das relações e das posições assumidas tanto pela Nação quanto pela igreja e CNBB. Ela, assim como elas, se contradiz e é paradoxal: se posiciona criticamente, tece comentários políticos, analisa conjunturas, cita nomes, faz reflexões, escreve, grifa, abrevia, expressa pensamentos, imprimi sentimentos, para depois colar receitas, dentre elas Pato (marreco) assado com laranjas e Pastelão de frango.



Pato (marreco) assado com laranjas

1 pato (marreco) novo
2 copos de caldo de laranja
sal
limão
½ xícara (chá) de vinho branco sêco
cheiros verdes
alho socado
manteiga.

Matar a ave de véspera e deixar temperada com o sal, alho, cheiros verdes, limão e vinho. Para assar, besuntar com bastante manteiga. Enquanto estiver assando, regar com o caldo de laranja, de vez em quando, até amaciar. Para servir, cortar pelas juntas e colocar numa travessa, enfeitando com fôlhas de alface e rodelas de laranja.

– 57 –

e alho socado. Depoi
o queijo parmezão, a
mar, então, num pirex,
de frango com môlho, uma de fatias de
novamente arroz, frango etc., até terminar, cu
dando para que a última camada corresponda à
"muzarella". Enfeitar com ovos cozidos e cortados
e rodelas de tomates. Antes de servir, levar ao
forno por 15-20 minutos, colocando por cima pe-
dacinhos de manteiga. Fica uma delícia e dá bem
para 6 pessoas.

Figura 88 – Páginas do caderno de receitas de Elza Freire, escritos e colagens, seus "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

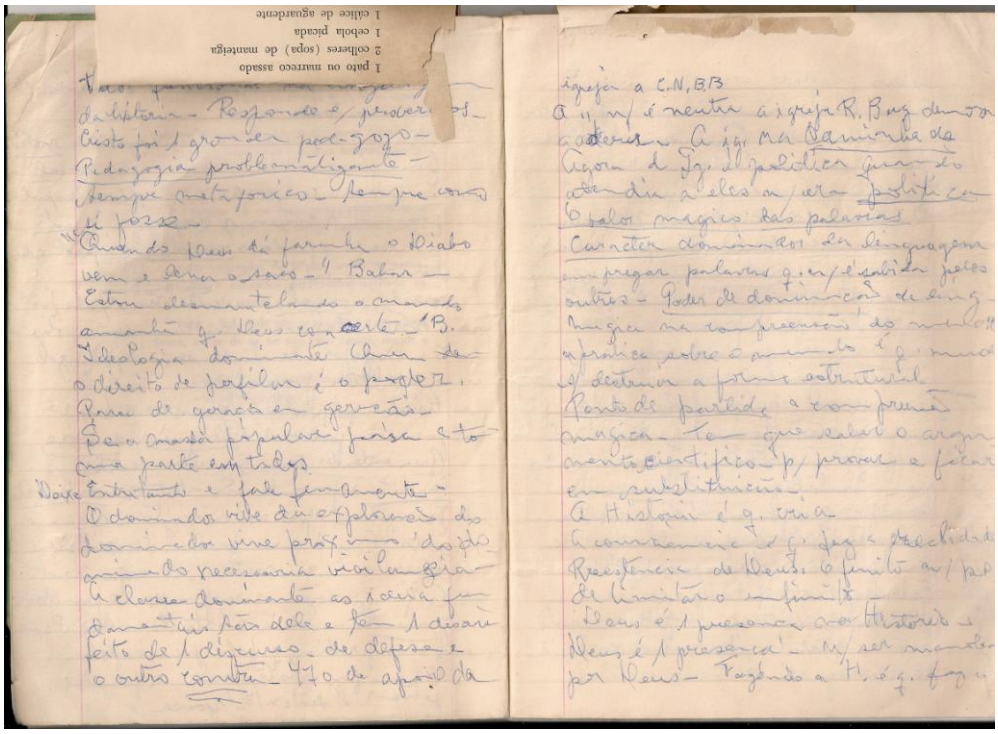


Figura 89 – Fragmento do caderno de receitas de Elza Freire, compõe os "Escritos Íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

> [...] 470 de apoio da Igreja à CNBB. A igreja não é neutra... A Igreja na caminhada. A Igreja é política... Deus é uma presença na História... Não ser manobrado por Deus... Fazendo História é que faz o reino... A palavra de Deus deve ser recriada... As possibilidades de enfrentar o dominador. O discurso legitimando a ação dominadora. A defesa do Nordeste. A ação do ingênuo, ele não tem a possibilidade de derrubar a verdade. Ele acredita na possibilidade de uma ação de massa. O crescimento da miséria, diz que é ignorante, indolente – A briga é contra o capitalismo. Capitalismo se moderniza. O Estado militar dá suporte ao capitalismo. Os dominadores estão usando a cultura... Ritmo popular com letra nova Capitalismo é um sistema econômico, político e social – ele espolia o produto do trabalho e aliena o produtor do trabalho. É dialético – a classe dominante... Não é pura alienação não é mecânico... Tanto quanto se pode diminuir o custo social, devemos evitar – cedo ou tarde temos que enfrentar – processo conflitivo, o outro lado tenta calar. Os opressores é quem provoca a violência. Apaziguar os ânimos... Arrancar meios de lutas. Fazer tudo possível de solidariedade... A Igreja estava ao lado do poder, em grande parte está com o golpe, a marcha da família. Dona Pátria e família CNBB apoia o golpe. A maioria dos padres estrangeiros deram apoio – à medida que eles iam vendo o único espaço em que era possível falar – a ouvir o povo iam se despojando do elitismo e o povo reeducou os Padres e Freiras. A História exigiu que tudo se transformasse. O profeta D. Helder, a Igreja profética é tão antiga quanto a mensagem antiga e nova quanto a mensagem Cristã. Na História o papel da Igreja que virou profética. Espaço histórico brasileiro. E foi no Nordeste que se deu – a gente faz a História... A Igreja brasileira foi a instituição que mais avançou pelo poder que ela tem – a consciência política nova dos outros brasileiros... Aproveitar como fermento na transformação política do país. Processo da leitura de redescoberta. A violência completamente boba – que um país é invertido, as pessoas matam...

> A luta de grupos dominados contra os dominadores – Direito de defesa, o uso da força em favor da justiça tem um valor – usar a força para restaurar a paz... Conflitos internos com as classes sociais... O ato de Rebeldia que se instaura. Nordeste cabo do mundo. Níveis de percepção... CNBB os bispos eram minoria a voz progressista era pouca e foi crescendo. Dom Luciano deu a interferência papal, mostra ao povo que não há divergência, exemplo que não deva ser modelo mais o procedimento agora foi político interno não opção da Igreja CNBB. Necessária solidariedade Humana (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos, grifos da autora).

Há que se aprofundar as relações igreja e política. Enquanto isso, que inferências podemos fazer destes "Escritos Íntimos"? Que mulher é esta que se revela e se esconde em manuscritos nas páginas do caderno de receitas, das agendas e cadernetas? Que mulher é esta que faz bricolagem com palavras e recortes de revistas?

A organização do retorno, nas esferas coletivas ou individuais, como se observa mostrou-se um tanto mais complexa do que o esperado pelos Comitês de Anistia; enquanto alguns pretendiam que o retorno fosse uma forma de aprofundar e fortalecer a luta pela Anistia e democracia, outros acreditavam que ele só poderia ocorrer com a conquista da anistia, ampla, geral e irrestrita. Havia, ainda, aqueles que consideravam o retorno individual de cada um dos exilados uma vitória, devendo ser comemorada como um passo na luta contra a ditadura (MONTEIRO, 2012, p. 10).

Passo a passo o retorno foi acontecendo. As sensações e as tensões caracterizavam estados semelhantes aos de quantos retornariam nessas circunstâncias, vindos do exílio, carregados de dúvidas diante da situação que iriam encontrar em seu próprio país. As incertezas de chegar, tanto quanto:

> Mais do que a partida, o que dói é a volta,
> Quando você não sabe, ao certo, se está voltando
> Ou outra vez partindo (RABÊLO & RABÊLO, 2001, p. 19).

O elo não se rompe e a ideia de voltar ao país está sempre presente. O poder simbólico do retorno tem origem nessas incongruências e impossibilidades práticas de não se poder retornar, de fato, para o mesmo "estado de coisas" que se deixou a partir do exílio.

Os deslocamentos não são operacionalizados apenas nos espaços físicos, mas, sobretudo num campo de relações sociais, eles refundam os "territórios" e suas geografias através da inserção no campo social de novos sujeitos e relações sociais, se constituem "espaços de vida" (COURGEAU, 1988).

A saída do país se dá com a crença quase absoluta de que um dia retornar-se-á para os mesmos espaços e lugares originais, como se a decisão de partir fosse puramente individual e exata, localizada num tempo manipulável e racional.

Mais do que isto, quando o exilado sai em diáspora por/para outros territórios e países, pouco a pouco se apercebe de que a ausência no lugar de origem implica políticas às vezes extremas de permanência, de deslocamentos ou de retorno, há também um emaranhado de situações com aqueles que ficaram e com aqueles estabelecidos no seu lugar tido como destino final. Como afirmou Bourdieu, a compreensão de Sayad nos lança:

> [...] no cerne da contradição constitutiva de uma vida impossível e inevitável por via da evocação das mentiras inocentes com que se reproduzem as ilusões sobre a terra de exílio, ele [Sayad] traça com pequenas pinceladas um retrato impressionante dessas "pessoas deslocadas", provadas de um lugar apropriado no espaço social e de lugar marcado nas classificações sociais [...] Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita embaraço (BOURDIEU, 1998, p. 11-12).

Pinceladas de Sayad retocadas por Bourdieu, emolduradas nas contradições que são como *acrilic on canvas* representando os percursos de Elza Freire durante o exílio. Vinda também na narrativa de sua filha, Fátima Freire pintada com formas de palavras sem rimas, mas que combinam com o ritmo incerto e composto, do que pode vir a ser uma tela do exílio e do retorno. Fátima retrata buscas, transformações e sentimentos, o que faz traços para perguntas e incertezas que rondam os caminhos do retorno. Simbolicamente chegar pode ser mais um deslocamento externo, outro desenraizamento interno. O exilado em seus processos de retorno é rendido por conflitos, é levado a inquirir sua própria condição, dedica-se profundamente a reconhecer que:

> Eu tenho raiz em todos os lados por onde andei, mas no fundo me surpreendo sempre a me perguntar: onde é que está a minha raiz? De onde é que eu sou, e ao mesmo tempo o medo de voltar e saber que não vai dar, não é? Que já mudei tanto, já me acostumei com tantas outras coisas, com um tipo de vida tão diferente que talvez não me entrose mais lá. É esse o peso maior que sinto (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 104).

É possível notar o quão difícil é para o exilado caracterizado pelos percursos de Elza Freire saber quem e de onde é. É dolorido mostrar medos e aceitar adaptações, porque, afinal, o exilado cria quadros e acredita que o retorno seria essa forma trazida à luz por suas memórias, suas dúvidas e sentimentos internos e próprios.

O retorno denuncia a natureza sistêmica e intimamente conexa do exílio. Mesmo que o retorno desejado pelo exilado seja uma impossibilidade concreta, ele exerce força motriz capaz de se materializar em normas, valores, lutas e comportamentos de indivíduos e grupos. A partir da experiência do exílio no percurso de vida de um individuo ou grupo, os significados, as relações e a inserção dele na estrutura social (tanto da sociedade de origem quanto na sociedade de diáspora) são modificados, proporcionando dinâmica e complexidade, desconhecidas e desafiadoras, à sociedade e ao indivíduo.

Como disseram Lutgardes e Fátima, exilados e retornados, filhos de Elza Freire:

> Não sabia se era mais suíço ou brasileiro. E a questão principal: o que é ser brasileiro? Reconhecer o que? Que rua? Se tinha nascido em Recife e voltara para São Paulo? Reconhecer a família no Brasil? Como se nem sequer me lembrava dos meus primos, primas? Tinha novamente que recomeçar tudo de novo, ou quase. A língua eu conhecia, mas a língua brasileira escrita não. E o que fazer? O que fazer? (Lutgardes Costa Freire, 2012).

> O que sinto em tudo isso, às vezes pergunto... dentro de mim sei que sou brasileira, ou seja, culturalmente sou brasileira, mas às vezes digo, será mesmo? Eu voltando lá sou aquilo mesmo? Será? Não sei, o meu medo de voltar pro Brasil é ver que você sai e você volta e talvez não seja ali o seu lugar, é de me sentir estrangeira no meu próprio país (DOWBOR, Fátima Freire, 1980, p. 104).

Sentir-se estrangeiro[159] em seu próprio país é parte das experiências advindas com o exílio. As configurações do retorno apontam variáveis de acordo com os percursos de vida, as conjunturas políticas, as periodizações, os enfrentamentos individuais, os reconhecimentos e estranhamentos coletivos e as redes relacionais, etc.

Considerar tais fatores me permite continuar as apropriações para enredar o retorno do exílio sob a perspectiva de chegar, ao invés de voltar. É delicado falar e difícil situar uma volta, pois é perceptível as impermanências de tempos, lugares e espaços ocupados pelos exilados, ainda mesmo após o retorno ao país de origem.

Há evidências de que os retornados desempenham funções singulares e essenciais a todo o processo social do exílio. Seja quanto aos aspectos políticos e de legitimação dos deslocamentos, seja quanto aos aspectos simbólicos e de democratização. Além disso, identifico que foram conferidos sentidos aos exilados brasileiros retornados, bem como posições decisivas aos projetos políticos, sociais e até pedagógicos de modo a dar

[159] Adoto SCHÜTZ (2010) cujo termo "estrangeiro" deverá significar "indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerável pelo grupo ao qual ele se aproxima".

continuidade às circulações, experiências e aos percursos de indivíduos e grupos, dentre eles, Elza Freire e a geração de 1964.

Além de sofrimento humano, que assolou e assombrou o Brasil no pós-golpe de 1964, existe a suave adjetivação da esperança e resiste às muitas possibilidades para as metáforas da música composta por João Bosco e Aldir Blanc e gravada por Elis Regina. Continua até hoje manifestando para o mundo o movimento nacional entre o bêbado – representando os artistas, poetas, músicos e 'loucos' em geral, que embriagados pela liberdade ousavam levantar suas vozes contra o poder e a ditadura, e o equilibrista – era a esperança de democracia, um projeto de abertura política, que a cada evento e passeata incomodava os militares e as classes dominantes cuja existência era ameaçada. A voz que talvez ainda sonhe, mas que na realidade canta:

> [...] Meu Brasil que sonha
> Com a volta do irmão do Henfil
> Com tanta gente que partiu
> Num rabo-de-foguete
>
> Chora a nossa pátria, mãe gentil
> Choram Marias e Clarices
> No solo do Brasil
> Mas sei,
> Que uma dor assim pungente
> Não há de ser inutilmente
>
> A esperança
> Dança na corda bamba de sombrinha
> E em cada passo dessa linha
> Pode se machucar

Não foi, não é, não há de ser inutilmente, não é sutilmente o caminhar na corda bamba das descrições e análises iniciais que me permitem acrescentar que no Brasil desse período – 1964 a 1979, em parte houve um inestimável retrocesso para o desenvolvimento social, econômico e intelectual induzido por uma política militar autoritária que acarretou perdas significativas de lideranças políticas, educacionais e culturais que não se alinhavam com o pensamento hegemônico.

No Brasil, seja nas praças para as campanhas pela Anistia irrestrita, ampla e geral – tida como a primeira movimentação nacional que obteve êxito desde a instauração da ditadura, seja nos aeroportos para os desembarques de exilados, como por exemplo, no retorno de Betinho que foi recebido por um coro de aproximadamente 200 pessoas, em

1979 o país cantava e o mundo acompanhava “o bêbado e o equilibrista”. Acompanhava também em Viracopos o primeiro retorno ao Brasil de Elza Freire. Era o retorno não definitivo, foi o chegar após 15 anos de exílio no exterior. Chegar com quem e como... quando, de onde e para onde...

> Nós queríamos que essa chegada em 1979 fosse sem alardes, sem anúncios, sem a presença da mídia, nem televisão ou jornais, mas a gente não conseguiu. Quando chegamos havia faixas, bem grandes, uma multidão, muita gente. [...] Partimos de Genebra, era um vôo normal, nós éramos os únicos exilados nele, a maioria dos passageiros eram europeus. [...] Não tivemos problemas para entrar no país, não aconteceu represália [...] tinham muitas pessoas no aeroporto esperando por nós [...] Madá já morava no Brasil e foi nos esperar, ela foi de carro nos buscar [...] Quando conseguimos sair, seguimos de carro de Campinas para São Paulo (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Figura 90 – Saída dos Freires do aeroporto de Viracopos, após a chegada do exílio. Faixas, multidão, temores, inseguranças, esperanças. 07 de gosto de 1979, Campinas, Brasil.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

Quem vai se encontrando... o que vai acontecendo... Rostos, corredores, arredores, riscos, risos, tramas, dramas, braços... Laços como os de Adriano Nogueira, desatado por um lado da memória – a chegada:

> [...] Eu tava lá, em Viracopos. Num fusca amarelento, do padre Magalhães, fomos “convocados” pela pastoral. Havia temores de todo tipo, segurança duvidosa [...] O pastor Jaime Wright (telefonou pro Magalhães, a pedido do Dom Paulo Evaristo Arns) e pediu gente, pois “*formaremos um corredor polonês, seremos uma guarnição pro Paulo/Elza*”. [...] Aquele casal que chegou a Viracopos correu riscos, emocionadamente explicaram pros filhos, pros parentes e pros companheiros a forma como esse risco tornou-se... DIÁSPORA (Adriano Nogueira, 2012, destaques do autor).

Quem ia se reencontrando... o que ia se reunindo... Passos, compassos, descompassos, esperas, salas de espera, abraços... Entre laços como o do casal Vera e Zeca Barreto desatados pelo outro lado da memória – a partida e a chegada:

> [...] não passou pouco tempo, passaram quase dezesseis anos, muito, muito tempo, e ai na volta da Elza e do Paulo a gente fez questão de voltar ao mesmo lugar não mais com a Kombi. Não, a Kombi era complicada pelo seguinte, porque a Kombi estava em nome da PUC, comprada com o dinheiro do Ministério da Educação para o Programa Nacional de Alfabetização que não aconteceu, isso lá em 1964. E então, a gente andou conversando com a PUC e a PUC achou que seria interessante que a gente se desvencilhasse disso e acabamos devolvendo a Kombi pra não existir depois dúvidas e que a PUC ou a gente tivesse, enfim, se tornado dona desse patrimônio público [...] era uma história meio complicada, o período era bem difícil. [...] Achamos melhor devolver e mesmo que tristes fechar as coisas do Projeto da Alfabetização em São Paulo. Então não tínhamos mais a Kombi. [...] Mas mesmo assim, ai fomos lá esperar, o Paulo e a Elza chegando e tal, e eu me lembro que assim que vimos a Elza, a Elza impressionante que ela lembrava disso, que uma das primeiras coisas que disse foi: "Vocês cumpriram, hein" (Vera Barreto, 2009).

A presença de Elza Freire desdobra-se nas memórias, ante as câmeras, os cenários e as pessoas, entre países e povos, imagens, luzes e cenas que se confundiam a ela própria e ao momento histórico:

> [...] eu me lembro que a gente chegou num canto e a Elza dizia: "Escuta, eu tô preocupada com o Paulo – porque nisso o Paulo tava cercado de jornalistas, mil e um microfones – e ela dizia: "o Paulo precisa saber que ele não pode dizer qualquer coisa [...] É medo mesmo, ainda da ditadura". Mas enfim, o Paulo tinha um bom senso, e depois naquele momento, o que o Paulo dizia muito mais foi do trabalho dele, desse andar pelo mundo e do imenso dever dele de reaprender o Brasil. [...] eu me lembro que a Elza dizia: "Estou preocupada, tô com um ouvido lá e outro aqui, preocupada, porque não sei se ele se empolga". [...] E a gente dizia não. Ai de vez em quando o Zeca [Barreto] ia até lá e escutava um pouco o Paulo e voltava dizendo: "não Elza, ele tá contando do trabalho de vocês lá na África, mas pode ficar tranquila que o clima é outro". [...] foi muito bonito porque era um clima realmente de festa, e a gente podia encontrar muita gente, gente não víamos a muitos anos (Vera Barreto, 2009).

O medo ainda da ditadura. As preocupações com o que dizer e o já dito. Gente reunida. Os Freires retornando ao Brasil.

Imagem, história e memória. Alguns teóricos uniram a questão da linguagem com a proposição dos lugares da memória, criando a figura dos *haut lieux*, que pode ser traduzido por lugar distinto e os ingleses traduzem para *symbolic place*. Eles são associados à ausência de um território definido que obriga à reconstituição de situações espaciais ancorados na memória (BRUNEAU, 1995, p. 124-134).

Figura 91 – Elza Freire ao lado de Paulo dentro do carro de Madalena, na saída do aeroporto de Viracopos, após a chegada do exílio. 07 de gosto de 1979, Campinas/SP/Brasil.
Fonte: Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire, cedido à pesquisadora.

Narrativas manifestam o trabalho da memória diante da violência política pelo mundo, com ênfase nos anos de chumbo e sangue dos golpes de Estado, atos de terrorismo, numa época em que as ditaduras militares manchavam o mapa de um continente e alteravam a vida dos países e povos latino-americanos. Os percursos daqueles que, por motivos políticos ou de outros sucedidos por esse, se viam obrigados a abandonar suas casas, seus empregos, seus países, seus parentes, indo fazer parte da infame diáspora de brasileiros, chilenos, argentinos, bolivianos, paraguaios, etc.

Diáspora como modo de compreensão que pressupõe circulação, movimentos que implicam não conhecer os momentos de retornar ou conhecer os de permanecer no exílio. E esse desconhecer/conhecer é a utopia no horizonte: chegar e não voltar, retornar ou não.

Movimentos e momentos da ditadura, do exílio e da circulação diaspórica Freiriana que sobrevivem ainda hoje e que até meados de 1979/1980 produziram histórias e memórias, tocadas por experiências agora narradas e traçadas abreviadamente:

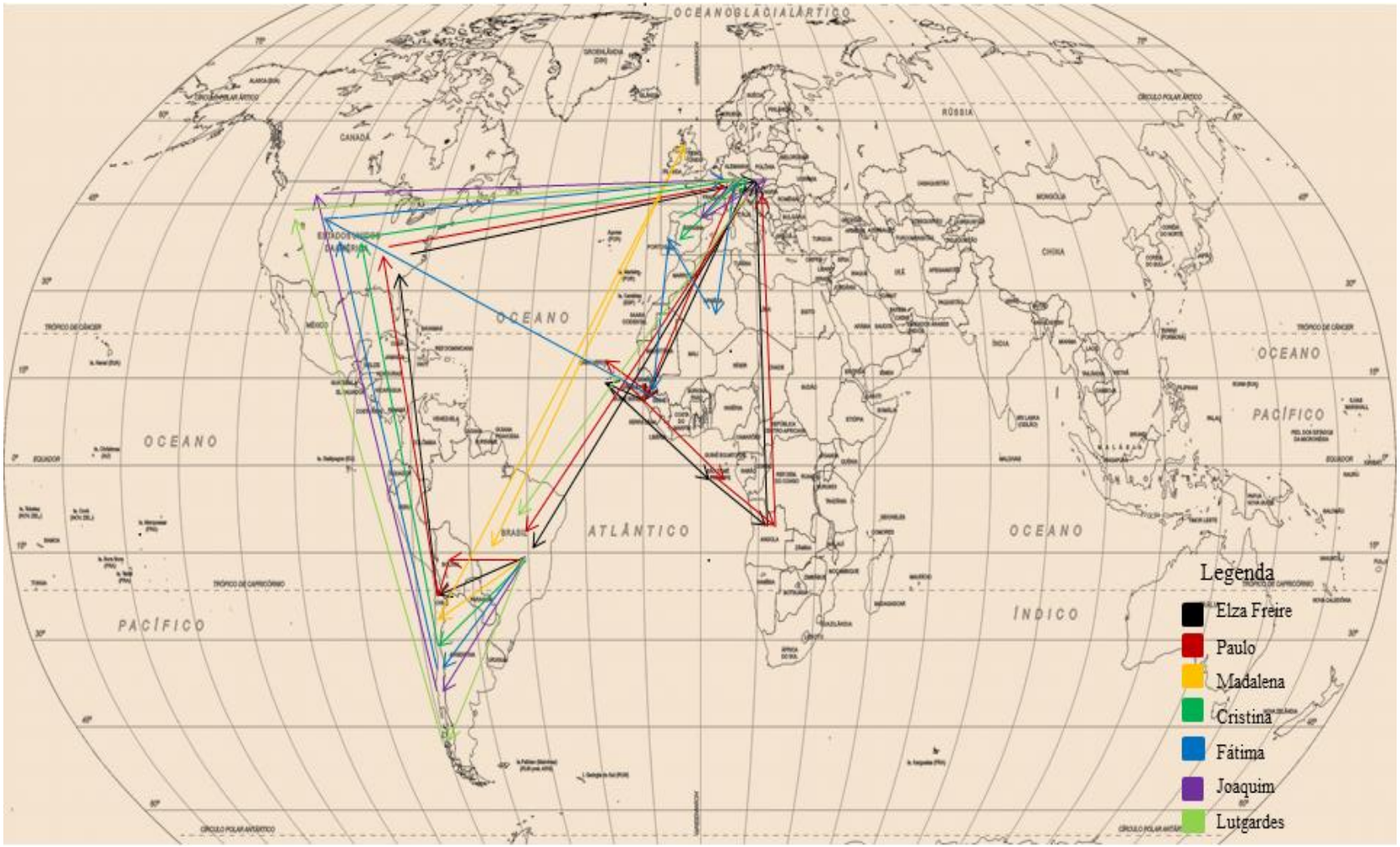


Figura 92 – Mapa da Diáspora Freiriana a partir dos percursos de Elza Freire durante o exílio brasileiro no período de 1964 a 1979, traçado pela autora como resultado de pesquisa.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Elza Freire e Paulo estão com os filhos morando em Brasília, no momento do golpe em abril de 1964. Após responder inquéritos no Rio de Janeiro e em Recife, sendo preso em Olinda, Paulo sai do país no mês de setembro, permanece poucos dias em La Paz, na Bolívia e chega a Santiago, no Chile, ainda estabelecem residência nos EUA e na Suíça, de onde se inserem política e pedagogicamente em África, além das idas e vindas pelo mundo ocorridas no referido período. O casal retorna para visitar o Brasil em 1979 e definitivamente no ano seguinte quando passam a residir em São Paulo.

Madalena sai do Brasil ainda em 1964, vai sozinha para a cidade de Santiago, no Chile, encontrar o pai – Paulo, que já havia passado pela Bolívia. Lá, no final da década de 1960 casou-se com Francisco Weffort. Em seguida, ficou um período em Londres, na Inglaterra, e no princípio dos anos de 1970 veio residir em São Paulo, aonde se encontra até hoje. É mãe de Carolina, Helena, Marina e Cristina, e avó. Foi professora primária e universitária, arte-educadora e pedagoga, agora também presta assessorias.

Elza Freire reúne novamente os filhos: Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes que circulavam entre Recife, Olinda, São Paulo e Rio de Janeiro para juntos saírem do Brasil em janeiro de 1965, indo ao encontro de Madalena e Paulo no Chile.

Cristina permanece no Chile com a família, depois apenas com Fátima e sozinha até novembro de 1969. Chega aos EUA e todos, exceto Madalena seguem para Genebra, na Suíça no mês de fevereiro de 1970. Lá casa-se em junho de 1972 com Alberto Heiniger, mora em Lausanne e por três anos em Bilbao, na Espanha, voltando para Suíça. Cristina reside em Genebra, não mais retornou para morar no Brasil. É professora de português, participa de atividades político-pedagógicas com crianças portuguesas, trabalha com famílias clandestinas, é responsável da acolhida no "Centre de Contact Suisses-Immigrés".

Fátima mora no Chile até 1969. Segue para os EUA e em seguida, a família passa a residir na Suíça. Sai para a Argélia e da Argélia para Polônia, casando-se em 1973 com Ladislau Dowbor e tendo Alexandre o primeiro filho, depois já em Portugal, muda-se sozinha com seu filho para Guiné-Bissau, África, em 1976. Da Guiné-Bissau novamente para os EUA, lá nasce André, o segundo filho. Fátima retornou para o Brasil em 1982, residindo em São Paulo, aonde nasceram Bruno e Sofia. É mãe e avó, pedagoga atua na formação de professores e coordena grupos de estudo/reflexão sobre prática pedagógica.

Joaquim depois do Chile vai com os pais e Lutgardes para Boston, nos EUA em 1969. De lá para Genebra com a família, depois continua seus estudos na França ainda nos primeiros anos de 1970. Joaquim reside em Clarens, com a esposa Suzanne Mebes, violinista clássica. Permanece na Suíça, assim como a irmã Cristina não mais retornou para morar no Brasil. É violonista clássico, músico e professor no Conservatório de Friburgo.

Lutgardes com 05 anos recém-completados chega ao Chile no início de 1965, e lá permanece com a família toda. Ele passa o ano de 1969 nos EUA e a chegada à Suíça no início de 1970, quando residindo em Genebra vai estudar em Saint Julien, na França. Lutgardes retornou para o Brasil com os pais em 1980 e, desde então reside em São Paulo. Casado com Zélia e pai de Laís. É cientista social e responsável pelo acervo pessoal de Paulo no Instituto Paulo Freire – IPF.

Elza Freire e Paulo retornam ao Brasil, acompanhados por seus filhos Joaquim e Lutgardes em agosto de:

> [...] 1979 e, visitamos toda a família. Fomos ao Recife, ficamos primeiro em São Paulo com Madalena e Weffort [...] Nós fomos para as cidades aonde tínhamos família: São Paulo, Rio de Janeiro e Recife e, lá ficamos na casa de tio Zé, irmão da minha mãe [...] Então, na verdade, o primeiro contato de novo com o país foi em 1979, e nós ficamos pouco tempo, ficamos um mês. Depois, voltamos para Genebra (Lutgardes Costa Freire, 2013).

Esse primeiro contato com o país após o exílio configurou-se numa espécie de preparação para etapas seguintes, num processo de sondar perspectivas e conjunturas, superar e avaliar o que se estava sendo deixado para trás, adentrar o conhecido e o desconhecido que viria à frente.

O fato de retornar em visita naquela manhã de agosto era o enunciado de situações que se desdobrariam entre países e percursos, recobrariam escolhas, limites, possibilidades. O retorno definitivo aconteceria em 1980.

Encontros, desencontros e reencontros para re-aprender o Brasil.

Recebido por amigos e familiares, o educador Paulo Freire volta com dois convites para lecionar em São Paulo.

Freire volta, para "reaprender o Brasil"

Figura 93 – Elza Freire com Paulo ao lado dele Stella sua irmã, durante a chegada no aeroporto de Viracopos, retorno (não definitivo) ao Brasil, após o exílio. Campinas, SP/Brasil1979.
Fonte: Folha de São Paulo, Ano 58, nº 18.388, Edição de 08/08/79. Acervo da pesquisadora.

O exílio é a vida levada fora da ordem habitual, mas que se acostuma, embora nômade e descentrada, essa forma de viver tem sua força desestabilizadora, que pode entrar novamente em erupção (SAID, 2003).

A erupção do retorno e a utopia do chegar. São como processos impetuosos que a memória deixa expelir como lavas para o aparecimento da história coletiva através dos percursos individuais.

Sentimentos e momentos em forma de memória, de pesquisa, de canção. Pode até parecer "canção do exílio[160]" ou para alguns uma "canção óbvia", mas foi assim que essas

[160] Canção do Exílio, de Gonçalves Dias (1843) foi amplamente recriada e parodiada, continua proporcionando inúmeras releituras e citações, dois de seus versos estão citados no Hino Nacional Brasileiro "Nossos bosques têm mais vida/Nossa vida, mais amores". Á partir das mãos de Gonçalves Dias, outras mãos

páginas nasceram, para também fecundar, registrar, protestar, partejar, resistir e intervir na/com a sociedade e pelo/para político-pedagógico. "Estarei preparando a tua chegada", pois que se as noites da ditadura encobriram os dias da utopia, não conseguiram impedir que eles perdurassem no horizonte. E aquela sensação de exílio, numa terra distante ou em seu próprio país, numa ilha deserta ou dentro do quarto, no poema, ora musicado de Gonçalves Dias (1843), ora declamado de Paulo (1971), se faz história, se fazem percursos, narrativas passadas, presentes e futuras nestas páginas e canções, em espaços e tempos, em qualquer lugar, em lugar nenhum.

5.5 – Exílio brasileiro: golpe, ditadura e anistia – algumas considerações e reflexões a partir dos percursos de Elza Freire durante o período

O exílio leva à reflexão-crítica em torno da possibilidade de se narrar experiências. Mais que possibilidade, certa necessidade e urgência para se descortinar períodos da história do Brasil e dos percursos de exilados brasileiros. São outras formas em contraposição a romantizar o período ditatorial, a violência aos princípios da liberdade e vida, uma refutação à exclusividade de personagens ilustres e imagens de sucesso que acompanham relatos que circulam pelas mídias, nas telas ou nas páginas. É a tentativa de um fazer científico numa dimensão mais humana como forma de resistência e transformação "para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça[161]".

A dimensão narrativa aparece assim, nos percursos de Elza Freire, inseridos nas temporalidades que compreendem também o exílio. A busca por fragmentos, fatos e documentos, que se agrupem tendo em vista a descrição, análise e interpretação que ajudem a reconstituir a textura da vida e compreender as realidades abrigadas na rememoração da experiência, que permitem ao sujeito construir sentidos e, ao fazê-lo afirmar-se sujeito (LARROSA, 1996, 2002).

---

de brasileiros escreveram, cito: Canção do Exílio – Casimiro de Abreu; Canto de Regresso à Pátria – Oswald de Andrade; Nova Canção do Exílio e Europa, França e Bahia – Carlos Drummond de Andrade; Canção do Exílio – Murilo Mendes; Canção do Expedicionário – Guilherme de Almeida; Uma Canção – Mário Quintana; Canção de Exílio Facilitada – José Paulo Pais; Sabiá – Chico Buarque; Terra das Palmeiras – Taiguara e Pátria Minha – Vinícius de Moraes.

[161] Frase retirada do portal do Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985),. Disponível <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home> [Acesso desde 2011].

A dimensão histórica traz a dimensão na qual Elza Freire aparece, reaparece e desaparece, impregnada por ela mesma, ora na narrativa, ora nos percursos, desencadeando percepções sensíveis e conexões de sentido entretecidas pelo conceito de experiência em Larrosa (1996, 2002) como algo que nos toca, não como algo que aconteceu, não como simplesmente o acontecimento, mas como algo que sucedeu e me tocou. E como que me toca? Como que eu expresso esse toque?

No caso de Elza Freire, esse tocar se expressava por meio da linguagem. Então, por meio da linguagem, ela tem conversas íntimas com ela, com o outro, com o mundo. Ela traz conceitos, leituras, reflexões em "Escritos Íntimos" forjados em cadernos de receitas, agendas telefônicas, cadernetas de anotações:

> A dependência econômica e a miséria impedem... aproveitar a abertura política... Educação é fator de mudanças?... Saber as palavras e ler a realidade. Partir da realidade e levar ao conhecimento. Á medida que vai conhecendo, vai acendendo a luz da sabedoria... A gente não só vive mais tem a cultura. O bloqueio e o cansaço existencial é anestesia histórica sem reflexo... Pensar com o povo. O imaginário está intrincado com o real... Arriscar para poder sobreviver... Para entender tem que saber sentir... O dominador vive da exploração do dominado que vive próximo ao dominador, necessária violência... O valor mágico das palavras... Tem que saber o argumento científico para provar e ficar em substituição... A História é que cria. A consciência é que faz a realidade. O finito não pode limitar o infinito... Deus é uma presença na História...Aprender a reaprender... Nem sempre ideias se combatem com ideias e sim com pancadas... Meu sonho tenho-o na estratégia... Estratégia não é táctica. Estrategicamente sim tacticamente não – táctica domesticadora e técnica. Metodologia da Libertação. Prática e compreensão política – metodologia Paulo Freire...Falta de consciência de classe... Encontro nas pessoas... Política cultural e os grupos sociais... Experiência democrática e emancipadora... Discurso sem libertação sem atuação consciente (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

Estas fontes primárias foram disponibilizadas à pesquisadora que tenta com rigor e respeito trazer fragmentos. Este tipo de fonte primária associada ao conceito de experiência e de narrativa em Larrosa (1996, 2002) permitem aproximações pelas quais o sujeito através da experiência, dos exemplos, dos fatos, das ocorrências, das polifonias traça mapas que orientam apropriações empíricas e conduzam ao encontro de chaves teóricas de entendimento.

As filigranas dos "Escritos Íntimos" tem vida própria, manifestam-se por si:

> A Reflexão e teoria... Liberdade do uso da criatividade... Há ordem e disciplina... Como eu vejo o mundo? Medo de mostrar a emoção... Ninguém navega na história de repente... A melhor maneira de realizar o possível é começar realizando hoje o impossível... Aproveitamento das formas de cultura popular. A expressão cultural tem vida própria se apossa de uma expressão da cultura.

> Transformar as expressões culturais. É importante penetrar na questão para compreender a cultura... Profundo significado da vida que continua. Expressão de fé e cultura... Avaliação da nossa prática, capacidade de abstrair, vivenciando o processo, cada um tem a sua angústia... Prática educativa nenhuma que o educador se ponha á frente do educando. É permanente algo que se ensina. É dialético. Tem ensinante e aprendiz. Na escola é sistematizado, em casa asistematizado. Não negar o conhecimento que se transfere. Aprender a aprender. Teoria do conhecimento. Humildade para colocar as coisas. Se perder a sensibilidade podemos morrer (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

O que se tentou foi ir, delicada e dedicadamente, colocando fragmentos dos "Escritos Íntimos" de Elza Freire sobrepostos aos demais depoimentos dentro da periodicidade da tese, pois reconheço a impossibilidade de conseguir trazê-los na forma de um capítulo à parte. Assim, penso que os deslocamentos para tê-los como parte das intertextualidades, como fontes de pesquisa, são possibilidades de diálogo e discussão na composição do exílio brasileiro nas Américas, Europa e África.

Daí recorre perguntar por quê? Por que os conceitos nos quais aportei e, em particular os conceitos de experiência e de narrativa em Larrosa (1996, 2002) situam as narrativas e os percursos de Elza Freire como a um trabalho do sujeito com a memória a partir do que o tocou, o mobilizou, o sensibilizou.

Quer dizer, essas categorias, esses conceitos ajudam a pensar Elza Freire como um sujeito que epistemologicamente, ou seja, por meio da relação sujeito, realidade e conhecimento, em muitos momentos da sua vida nos fatos, fragmentos, documentos, nos "Escritos Íntimos", retomou seus percursos, resignificando o passado no presente e, perspectivando diferentemente o futuro.

Então, segundo Débora Mazza (2013) é essa uma das questões que os "Escritos Íntimos" de Elza Freire nos colocam. Vemos-nos diante de um acesso privilegiado por uma cronologia que na polifonia de sentidos, embaralha passado, presente e futuro, na acepção de potencializar esse sujeito, a partir das teias estabelecidas com o real multifacetado. É isso que Larrosa (1996, 2002) invoca quando chama a experiência e o saber da experiência, atribui classificações entre narrativas, identificação e desindentificação, porque em muitos momentos Elza Freire vai retomar o passado no presente para ter que reconstruir e reconverter a sua identidade, deixar de ser a professora, diretora, recifense, de classe

dominante para ser “ninguém”, ser estrangeira, apátrida, exilada, para vir a ser mulher dona de casa, sombra do marido, e o alicerce afetivo da família.

Quando Elza Freire se insere em realidades empíricas diversas adquiridas nos seus percursos e agora durante a elaboração e mapeamento de suas experiências, com frequência ela não comparece no primeiro plano. De fato, a importância da sua participação aparece relativizada nas configurações sociais e político-pedagógicas do exílio e do retorno.

Como se observa nessas configurações, as várias situações e experiências adquiridas podem vir a se tornar obstáculos à adaptação e readaptação relacionadas às comunidades de origem e de acolhida e, atuam também como potencializadores de conflito e reconversão identitária até dentro da família e mesmo no caso das relações de gênero entre casais (SCOTT, 1986; SAYAD, 1998; DEBIAGGI 2003; DUBAR, 2009).

Scott (1990) formula um conceito de gênero que o entende como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica dos sexos. Refere-se a um sistema de relações de poder baseadas num conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos distintos atribuídos a mulheres e homens. E são as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um aspecto negativo ou positivo, ou seja, “não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres” (1990, p.87). As relações de gênero (assim como as de classe ou etnia) são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico enquanto que as de sexo são determinadas pela natureza, pela biologia. O gênero é construído historicamente sendo, portanto, variável e mutável.

Ainda para Scott (1999) há a discussão sobre os conceitos de igualdade e diferença do gênero, das identidades individuais e de grupo, enfatizando a necessidade de historicidade do tema dentro da sociedade. Essas questões presumem que a identidade é um processo complexo e contingente suscetível a transformações, que há uma negociação de identidades e dos termos de diferença entre elas, deixando assim aberta a oportunidade de novas formulações, novos ajustes e arranjos sociais, reconhecendo os perigos de insistir em uma solução final ou totalizante (ou grupos ou indivíduos, ou igualdade ou diferença).

Hirata e Kergoat (2008) apresentam o conceito de divisão do trabalho distinguido entre os princípios que o constitui e as modalidades assumidas no decorrer da história,

dentre as quais eu situo o exílio. As autoras evidenciam a permanência da distância entre os sexos e o paradoxo de que "tudo muda, mas nada muda" (2008, p. 267), ou seja, muita coisa muda no plano das narrativas sociais acerca do sexo e do gênero, mas as desigualdades práticas no encaminhamento da vida cotidiana continuam. Elas propõem pensar que o conceito de complementariedade[162] como elemento que fornece sentido para discutir a relação entre responsabilidades domésticas e as ocupações e ascensões trabalhistas. Ele potencializa a inclusão da questão do tempo nas duas esferas, acrescentando os efeitos da maternidade e o impacto das condições de trabalho, bem como as políticas públicas sobre a inserção profissional e carreira de mulheres e homens. Apesar das práticas se manterem forte e frequentemente marcadas pela desigualdade de gênero, a importância da incorporação da igualdade deve se constituir em luta permanente, pois:

> A abordagem em termos de complementaridade entre os sexos insere-se na tradição funcionalista da complementaridade de papéis e remete a uma conceitualização em termos de vínculo social. Ela é coerente com a ideia de uma repartição entre mulheres e homens do trabalho profissional e doméstico e, dentro do primeiro, a repartição entre tipos e modalidades de empregos que permitem a reprodução dos papéis sexuados (HIRATA & KERGOAT, 2008, p. 270).

Os espaços a serem ocupados por ambos os sexos numa relação de respeito às diferenças reforça o sentido de reciprocidade onde se reconhecem que as respectivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio. Entendo que a verdadeira igualdade entre homens e mulheres se faz pelo reconhecimento das diferenças e a consciência de sua complementaridade.

A complementariedade ganha corpo nas práticas sociais e sugere a ideia de que é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, pois há um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros.

Desconstruir essa polaridade significa argumentar que "as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser

[162] Hirata & Kergoat (2008), ao discorrerem sobre a ideia de *"complementaridade"* na divisão do trabalho entre os sexos salientam que os modos de *"conciliação"* podem ser pensados a partir de quatro modelos: 1) o modelo tradicional que confina a mulher no seio da família e confia ao homem a ocupação dos espaços públicos de trabalho; 2) o modelo da conciliação que, na maioria dos casos, relega à mulher o desafio de conciliar o trabalho externo com a vida familiar; 3) o paradigma da parceria que implica na distribuição de tarefas entre os sexos superando a relação de poder e desigualdade; e operando na conciliação mais do que no conflito; 4) o modelo de delegação por meio do qual a mulher delega suas tarefas domésticas a outra mulher. A delegação substituiria assim a dupla jornada de trabalho da mulher sem revisão da relação sexuada que marca a divisão social do trabalho entre os sexos.

alcançada por um estudo separado" (SCOTT, 1990, p. 5), resignifica problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um para que se reflita sobre os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão de trabalho.

Como os conceitos de gênero, sexo e complementariedade ajudam a compreender as contradições, as incoerências e as relações sociais constitutivas do casal Elza Freire e Paulo durante o exílio? Como eles problematizam estas questões entre Elza Freire e Paulo? E como a autoria e a co-autoria da produção intelectual, o trabalho e o co-trabalho poderiam ser pensados nas dimensões do casal Elza Freire e Paulo?

De fato, gostaria de argumentar – inconclusiva e enigmaticamente, alguns podem pensar – que é precisamente aqui onde as questões se assumem mais intratáveis e menos passíveis de resolução que o escopo importa. Eu preferiria considerar que as relações de gênero embora não constitua o núcleo principal de análises, faz parte da temática como todo. As tentativas de chegar a apropriações ainda que superficiais e acontecidas, são consequências naturais de uma dimensão relacional entre Elza Freire e Paulo instrumentalizada também de uma aproximação no campo político-pedagógico como a um riscado do bordado, díspares, porém permeados um pelo/no outro, pois como na citação de Roque Ferreira na canção de Maria Bethânia:

> Eu queria que a mão do amor
> Um dia trançasse
> Os fios do nosso destino
> Bordadeira fazendo tricô
>
> Em cada ponto que desse
> Amarrasse a dor
>
> Como quem faz um crochê
> Uma renda, um filó
> Unisse as pontas do nosso querer
> E desse um nó

E aonde fios, linhas, riscos, vão tecendo-se por entre Elza Freire e Paulo na sua própria feitura, sob a perspectiva de se permitir mostrar o lado avesso do bordado de percursos e pessoas, mesclam-se à autoria de Jorge Vercillo e Jota Velloso e à cantoria de Maria Bethânia ainda na mesma canção. Por fim, finalmente:

> O mais importante do bordado
> É o avesso
> O mais importante em mim
> É o que eu não conheço

> [...] É o segredo do ponto
> O rendado do tempo

No sentido em que, as experiências de Elza Freire e Paulo na vida privada e pública imensa e intensamente se entrelaçam, às vezes contrariando as teses mais radicais sobre a privatização da "família" ou as lutas feministas, durante o exílio isso extravasa a prática do cotidiano pela incorporação de certas posturas do casal. As diferenças entre os indivíduos, cada vez mais compreendidas como subjetivas, nutrem-se das identidades de gênero, e são delineadas por traços de polaridade tradicional:

> A distinção entre o domínio público e o privado é ao mesmo tempo fundamental e antiga no pensamento político. Certamente, os contornos do privado e público variaram de acordo com a época, mas ainda assim podem-se verificar algumas constantes: o governo é sempre da competência do público, enquanto que o doméstico faz invariavelmente parte do privado (LAMOUREUX, 2009, p. 208).

Com retoques de controvérsia, polêmica e mediações, essa distinção dos espaços ocupados e aonde há possibilidades para se estabelecer neles as relações e se desenvolver o convívio em sociedade, cabe discutir que a "vida pública" e a "vida privada" tenham "gênero", o gênero masculino em oposição à "vida de casa", ao espaço doméstico, associado ao gênero feminino. Certamente a dicotomia espaço casa/espaço rua nem tampouco é contemporânea, e nem foi característica remota da antigüidade.

Em contraponto a essa reflexão acerca das relações entre as esferas pública e privada, posso sinalizar que inter-relações favorecem a formação de indivíduos com identidades pessoais fortalecidas, reflexivas e dialogais, assim estes indivíduos tenderiam a comportarem-se assim em ambas as esferas: pública e privada, reinventadas nos casais que viveram o exílio e, no caso de Elza Freire e Paulo porque não deslocando-se para o político-pedagógico?

Tanto no exílio quanto fora é representativo que "não há uma atividade do país, transformadora, que não tenha o coração, o braço e a cabeça da mulher" (Clara Charf, in vídeo Mulheres do Brasil, Presente!). Com isso quero romper o invólucro e de vez as amarras com o mito de que Elza Freire foi anônima, desconhecida, obscurecida, parte predominante do esquecimento e silenciamento ou coadjuvante do reconhecimento, estigmatizada como "nome em dedicatórias de livros" e interpretada como "nota de rodapé". É possível que não haja uma atividade transformadora de Paulo, em que não

“tenha o coração, o braço e a cabeça” de Elza Freire – com a propriedade de quem participou das transformações do país e do mundo, foi também sua mulher e companheira, professora e exilada, parceira, permanecendo ao seu lado até sua morte em 1986.

Atividades transformadoras a partir de uma relação, de uma convivência imbricada a contribuições para o pensamento e a práxis, para as realizações político-pedagógicas. Na relação de cumplicidade e cotidianidade há uma relação intensa, marcadamente amorosa e desafiadora entre uma mulher e um homem, existem os vínculos do casal Freire.

> Lembro-me que andávamos pelas ruas, eu observava o amor, o afeto entre os dois, as mãos dadas, os abraços, eles eram muito amorosos [...] havia um carinho, uma irmandade, uma fraternidade [...] Mas ela tinha essa coisa de estar presente silenciosamente, o olhar dela era bem marcante, era uma mulher que falava mais pelos gestos do que pelas palavras, mas também quando ela falava era uma coisa extremamente decisiva e coerente. [...] Então, a minha mãe era de uma doação plena, uma mulher forte que sabia o que queria, foi assim desde Recife (Lutgardes Costa Freire, 2008).

> Minha mãe e meu pai como modelos fundantes, primeiros [...] Por que somos “geneticamente amorosos”, somos também “geneticamente sociais”. Nascemos de dois, em um grupo, nossa família. E daí em diante, não paramos de viver em grupo [...] Somos também “geneticamente criadores”. Estamos sempre nos defrontando com nosso processo criador (FREIRE, Madalena, 2008, p. 19-26).

> [...] é interessante por que agora percebendo a clareza dela na construção de vínculos amorosos, impressionante, pelo o que eu leio dele, impressionante era ela que segurava tudo realmente, estimulava, lia, pensava, criticava, organizava, fazia, enfim [...] é algo sensacional [...] a presença dela [...] a vida muito bonita dos dois (Fátima Freire Dowbor, 2013).

A percepção:

> [...] da minha mãe mulher, de uma feminilidade viva, grande, muito viva, apaixonada pelo meu pai [...] a relação deles traz particularidades [...] é uma relação de uma sexualidade, de uma boniteza, minha mãe era do “bordel” [...] a vida íntima dos dois [...] a convivência é de uma intimidade muito grande [...] é de uma boniteza (Fátima Freire Dowbor, 2013).

> [...] Nascemos do amor, foi necessário que dois se amassem, para dar origem a um terceiro. Daí em diante não paramos de buscar, de depender do amor para o resto de nossas vidas. Somos geneticamente amorosos. Aprendemos, conhecemos por amor ou por ódio, construindo vínculos (FREIRE, Madalena, 2008, p. 19-26).

> Então, existia essa relação entre eles, quer dizer, era uma relação amorosa muito intensa, muito bonita, muito profunda, isso até o próprio pai diz que eles nos conceberam, que eles nos fizeram em longas noites de amor, foram horas e horas de amor [...] Foram 42 anos de vida conjugal (Lutgardes Costa Freire, 2007).

E que se desvela:

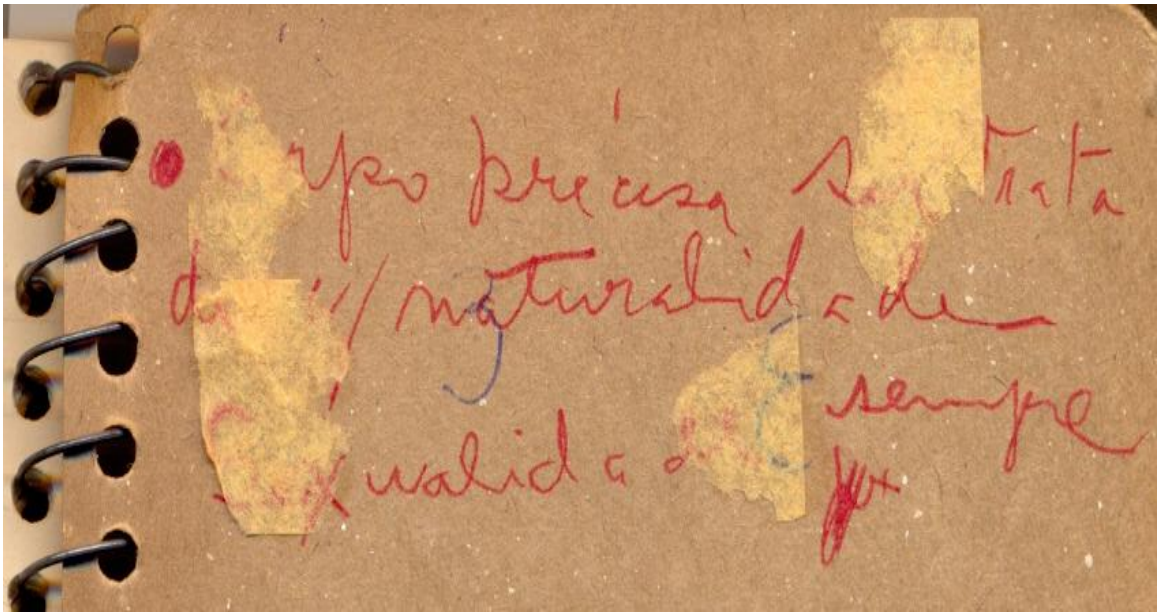


Figura 94 – Fragmento de agenda de Elza Freire com registros de suas ideias, emoções, concepções e, em cima colagens na contracapa de compõe os "Escritos íntimos".
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

A sutileza em conseguir encontrar Elza Freire – indicando situação ou condição em meio ou dentro de memórias, dentro de si. Uma mulher escondida por debaixo de receitas cortadas, coladas e recortes sobrepostos encontrada ora no caderno de receita, ora nas agendas, compondo seus "Escritos Íntimos".

Em trazer esse fragmento que de certa forma descreve o suporte dos "Escritos Íntimos", re-escreve a forma dessa mulher se expressar por meio das linguagens e se esconder por meio das colagens:

> Corpo precisa ser tratado naturalmente – sexualidade sempre (Elza Freire, agenda S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

"Escritos Íntimos" que aos poucos vão sendo apresentados, dados a conhecer, por quem os coligiu, recebeu e ao serem assim confiados, tenta organizá-los, dentro de uma lógica de pesquisa eivada por subjetividades e rigor acadêmico. Há dores e amores, indagações e questões nas ciências, talvez só os mais sensíveis possam perceber, tentando dar a elas enquanto pesquisadores o trato e o patamar que lhes pode receber.

Inventariar fontes como essas é tarefa que se realiza com surpresas e sobressaltos. Acondicionadas em caderno de receitas desencapado e arrematado por recortes de revistas

ou papéis avulsos, guardados em páginas amareladas pelo tempo, exigem um folhear ziguezagueante de quem busca com algum método colocar ordem na desordem que é a vida, e na passagem vertiginosa pela vida. Resistentes, elas perturbam e seduzem enquanto são descobertas, tocadas, retomadas, expostas.

É a dimensão do humano e da humanidade. Enquanto humanos "somos inteireza" e, ao mesmo tempo "incompletude", como diz Paulo. E como diz Madalena Freire "inteireza, marcada por dimensões que nos constitui numa totalidade; somos constituídos de cognição, razão, inteligência, mas também de afeto, amorosidade" (2008, p. 24-25). E também Elza Freire "a gente só não vive, mais tem a cultura [...] a consciência é que faz a realidade [...] para entender tem que saber sentir" (caderno de receitas, S/d, S/Ed., Escritos Íntimos).

Somos um só corpo. Quem educa – ensina e aprende, é marcado e marca o corpo do outro, forma e transforma a vida, somos "inteireza" e "incompletude".

É a dimensão da convivência entre Elza Freire e Paulo que entre "inteireza" e "completude" foi para além dos filhos e da família, amadureceu com o exílio e transformou-se num processo de "humanização" cuja proposta político-pedagógica é libertadora, emancipadora, dialógica, problematizadora, conscientizadora, sobretudo amorosa, deram origem ao que denomino de referencial Elza-Freiriano princípios e valores que passam a nortear a forma de pensar, sentir, agir, interagir e intervir no mundo.

> Aprendemos porque somos seres humanos e nos tornamos humanos através do ato de conhecer o mundo, ou seja, nosso processo de "humanização" é marcado pelas relações de aprendizagem que vivenciamos ao longo da nossa história de vida. Nossa forma de aprender está marcada pela maneira como fomos iniciados nos nossos primeiros contatos com o mundo das coisas e com o mundo das pessoas. Como fomos ensinados a olhar, a falar, a tocar e a perceber as cores e odores do mundo que nos cerca (DOWBOR, Fátima Freire, 2007, contracapa).

Processos, pensamentos, práticas, sentimentos e propostas político-pedagógicas que porque não a expressão "aprendizados que marcaram meu corpo, porque o que é educar senão ter ousadia, coragem e generosidade amorosa de intervir no processo do outro?" (DOWBOR, Fátima Freire, 2007, p. 31). São marcas do exílio e dos processos fortemente marcados por/com Elza Freire e Paulo é a pedagogia da convivência.

A este propósito é interessante recordar Lutgardes que deixa o Brasil logo após o golpe, reside em três países e só retornaria dezesseis anos depois, poliglota, mas com as marcas de ser analfabeto e filho de Elza Freire e Paulo:

> Eu não fui alfabetizado em português [...] como se isso não bastasse eu fui tentando ser alfabetizado em quatro idiomas, porque quando cheguei ao Chile tive que ser alfabetizado em espanhol, depois em inglês nos Estados Unidos, depois em francês na Suíça [...] eu não sabia ler e escrever em português, então quando eu voltei em 1979, eu era analfabeto. Mas como nós na época do exílio sempre mantivemos o português em casa, a língua materna na oralidade, eu tentava me alfabetizar lendo livros com a ajuda da minha mãe (Lutgardes Costa Freire, 2012, 2013).

Perscrutar as memórias nos recônditos da vida, revelar universos de experiências, narrar memórias... ás vezes pode parecer tão longínquo, mas acompanha de perto o cotidiano... memórias que alicerçam a consciência histórica, política, pedagógica.

Almeri Bezerra à época – padre Almeri do Espinheiro, tendo se engajado ao lado de Elza Freire e Paulo desde as remotas tardes na sede da JUC dos anos 1950/1960, partilhava das ideias e práticas culturais, populares e político-pedagógicas, propostas e desenvolvidas pelo casal e outros companheiros. Juntos as experienciaram, em pequena escala no Recife, seguindo para Angicos e, em maior medida Brasília. Depois a deflagração do golpe, a invasão pelo exército na sede do MCP, a dispersão do grupo, os inquéritos, perseguições, prisões, o exílio e por fim, o retorno ao Brasil.

> Conheci muito bem os dois, para os que conviveram com eles e participaram com eles dessa luta, ficou a lembrança não apenas do genial educador, e da magnífica professora, mas sobretudo do casal que se preocupava com a humanidade. [...] a impressão que a gente tinha sobre Elza coincide em grande parte com o que todo mundo falava, era o que a gente testemunhava, era assim uma dedicação muito grande, diríamos assim de adolescente, Paulo e Elza era um grande amor, muito particular até. Paulo amava muito Elza e ela também o amava, é uma história linda de amor, que depois se transformou em um amor para além dos dois. Ela uma pessoa muito dedicada, e o que se dizia já naquela época [Recife da década de 1950] era que a motivação de Paulo para se interessar pela Educação de Adultos, daquela maneira tinha sido muito Elza, a inspiradora foi sempre Elza, uma figura importante, mas que ficou sempre na sombra, na sombra de Paulo. A impressão mesmo que tenho é de Elza o alicerce, a inspiradora, sempre muito dedicada a Paulo e à família, e Paulo muito consciencioso disso, da importância que Elza tinha e continuou tendo depois pelo exílio, eu posso afirmar, pois segui testemunhando isso nos encontros que mantínhamos pelo mundo afora, sobretudo em África (Almeri Bezerra de Mello, 2011).

O genial educador e a magnífica professora, o casal que se preocupava com a humanidade. Por que Elza Freire, o alicerce, a motivação e a inspiração de Paulo para se interessar pela Educação de Adultos, ficou sempre na sombra?

E outros interlocutores, como por exemplo, Osmar Fávero.

> Eu sempre achei que Elza teve um papel muito importante na produção de Paulo Freire, especialmente nessa primeira fase de produção aqui no Brasil, à época da criação do Método Paulo Freire, ela o provocou a transformar a prática que ele fazia no SEC, no diálogo com os operários coisa e tal, num processo de alfabetização [...] Numa das conversa entre eles, a história das cartilhas, Paulo dizendo que acreditava mais num outro método e nisso a influência da Elza. [...] Porque que eu acho que ela era uma professora primária, alfabetizadora e diretora de escola. [...] Ele próprio, o Paulo me disse: a influência, a participação dela foi muito grande, porque Elza era a pessoa que dominava as coisas, mesmo que ela não apareça. Eu me lembro de que quando fui visitar o SEC, imediatamente depois da experiência em Angicos, eu estive em Angicos também, depois voltei, aliás, eu viajava todo mês a Recife, quase toda semana [...] Eu me lembro nitidamente de Elza, ela tinha uma presença forte, além da presença pedagógica, também arrumando as coisas em todos os lugares que íamos e, às vezes reclamava que a experiência de Angicos tinha absorvido tanto eles que haviam até garrafas de café sem limpar, acumuladas [...] assim até com aquele cuidado, e não se fala em Elza [...] Elza não está presente nas referências dessas experiências, a não ser poucas linhas ou algumas falas [...] depois que ela comentou que viajou e que acompanhou, Angicos por diversas vezes. [...] sempre afirmei que Elza teve papel fundamental na sistematização do método de alfabetização, desde a primeira experiência feita no Centro Dona Olegarinha, no Recife. [...] Eu sempre achei que Elza foi pouquíssimo valorizada nesse itinerário do Paulo Freire [...] O que eu tenho de memória (Osmar Fávero, 2009, 2011).

Elza Freire teve papel importante na produção de Paulo. Por que Elza Freire professora primária, alfabetizadora, educadora e diretora de escola aqui no Brasil, se faz dona de casa e mãe no exílio? Por que Elza Freire que dominava as coisas, que arrumava tudo, que teve papel fundamental na sistematização do método de alfabetização, mas que foi pouquíssimo valorizada e não apareceu?

Plínio de Arruda Sampaio.

> [...] a presença de Elza era constante na fala dele, quando ele falava, porque Elza, Elzinha a minha mulher, é isso é aquilo, na vida dele também, me lembro muito bem disso nos tempos ainda de Brasília, foram tempos inesquecíveis, a nossa convivência, o que queríamos para o povo e o país, a Elza fazia parte disso tudo, o casal enfim, éramos um grupo [...] . Ela era uma colaboradora estreita dele, muito discreta, sempre buscando um segundo plano. A Elza entrava como a esposa de Paulo Freire, uma pessoa singular muito simples e ao mesmo tempo, meio que ela deixava e abria espaços para o Paulo conversar com as pessoas que iam lá, isso já bem marcado no Chile [...] eram tempos de adaptação e de felicidade também, ela sempre junto. [...] Depois nos separamos, eu fui pra os Estados Unidos, eles para a Suíça, só voltamos a nos encontrar em São Paulo, tempos que agora falando se fazem perto e ao mesmo tempo tão distantes, pois os dois morreram tão cedo [...] E de modo que eu lamento muito não poder falar tanto da Elza [...] para mim ela era a companheira de Paulo Freire, agora sinto eu não ter tido um diálogo direto sobre as ideias e as experiências dela, isso infelizmente nunca aconteceu, apenas pude viver muitas ideias e ver muitas experiências dela e dele também (Plínio de Arruda Sampaio, 2012).

O que Elza Freire e Paulo queriam para o povo e o país os levou a fazer parte de um grupo inesquecível. Por que Elza Freire colaboradora estreita, que abria espaços para Paulo ficou em segundo plano?

E Moacir Gadotti.

> Ela era uma figura assim, o Carlos Alberto Torres se refere à Elza quase como uma sombra, algo assim, está presente, tem presença, presença forte, mas que não é ostensiva, eu diria uma presença do cuidado. [...] Tinha personalidade doce, suave e muito forte e, em relação ao Paulo, uma imensa amorosidade [...] Ela esteve com ele nos momentos mais importantes [...] ficou dela muitas coisas, o trabalho grande de acompanhamento a uma pessoa, um homem que ela amou e que ela influenciou muito, sobretudo no início da carreira dele como educador, foi decisiva a presença de Elza, sobretudo na decisão do Paulo se tornar educador e não seguir a carreira de advogado [...] Elza e Paulo trabalhavam juntos, ela o acompanhava o tempo todo, eu diria até que ela foi a infraestrutura do Paulo Freire [...] (Moacir Gadotti, 2008).

Elza Freire e Paulo trabalhavam juntos. Por que Elza Freire a infraestrutura e presença forte nos momentos mais importantes de Paulo que influenciou, sobretudo sua carreira de educador ficou na sombra, na amorosidade, no cuidado?

Os relatos dos interlocutores evidenciam a relevância e o papel educacional de Elza Feire no trabalho e na produção de Paulo, diante disso problematizo: porque foi até aqui assim configurado e porque não se explorou e se reafirmou a condição de ser mulher de Elza Freire ao longo dos percursos político-pedagógicos de Paulo?

Narrativas que não são antônimas deixam de ser anônimas e adquirem a partir dessa combinação a perspectiva propositiva de que a experiência do exílio desdobrou-se e reafirmou para Elza Freire e Paulo e um grupo de exilados brasileiros o comprometimento amoroso com a humanidade, a militância desloca-se para o mundo.

A aparente não linearidade das narrativas desata as experiências e inspiram temporalidades contidas nos movimentos circulares e descontínuos do exílio que são como veios de acesso aos percursos de Elza Freire, assim as memórias não obstam as perspectivas cooptadas para os processos, nem os roteiros para expor resultados, não comprometem os tempos, espaços e lugares da memória, da história e dos sujeitos. São momentos significativos, que não deixam de ser passado e passam a ser futuro, pois:

> El presente no es un punto en el tiempo, y tampouco es un mero transcurrir. El presente de la conciencia es un momento significativo en el tiempo de nuestras vidas, un momento en el que se abre para nosotros un horizonte temporal significativo. El presente es la apertura de un horizonte temporal es un momento del camino. Y no cualquer momento. Sino un momento del camino, esto es, un

> momento que contiene todo el camino, lo que hemos dejado atrás y lo que está por llegar. Por eso, el pasado y el futuro en tanto que nuestros sólo son en tanto que significativos desde el horizonte abierto en el presente, desde el modo particular como el antes y el después están contenidos en este trozo del camino (LARROSA, 1996, p. 465).

Momentos que fazem parte dos percursos de Elza Freire e que como no caminho, percorrido durante o exílio, subsistem, em certos recortes de depoimentos, como parte das estratégias de escolha e forma de um fazer científico da pesquisadora e da orientadora, com contornos mais sensíveis e cativantes, porém capazes de legitimar e dar legitimidade aos processos. Subsiste ainda, endereçar um convite para colocar o íntimo em contato com as esferas do público, preservando sujeitos e expondo o caráter proposicional de pesquisa.

Ao destacar o aspecto amoroso e relacional da "intimidade confessada", associando-o no caso de Elza Freire e Paulo ao diálogo político-pedagógico, quando este se debruça sobre a Educação como uma possibilidade, com reflexos e reflexões na sustentação de um com o outro, ou ainda, pela cadeia de identificações e de conexões relacionais da convivência. Outro não é meu desejo senão, o mover do olhar sob Elza Freire, deslocá-lo para experiências, continuadas e cotidianamente vividas mediante as configurações do exílio e da perspectiva da convivência.

Ao apresentar, descrever e (tentar) analisar os percursos de Elza Freire tento mostrar o lugar ocupado por ela, nas estruturas e no funcionamento dos processos sociais, na construção das sociedades e nas propostas político-pedagógicas. Essa primazia conferida a Elza Freire e ao papel a ela atribuído na esfera privada parece deslocá-la dos espaços públicos, todavia ao afirmar que no registro das experiências e das memórias dos que com eles conviveram na intimidade, no qual se reconhece o lugar ocupado por ela também durante o exílio e, em especial no pensamento e na práxis de Paulo.

O casal Elza Freire e Paulo integra um conjunto de interlocutores que venho estudando e que juntos me levam deixar abertas as possibilidades para um fazer, pensar, sentir o político-pedagógico a partir do relacional e das experiências advindas, manifestados em uma Educação cuja dimensão humana e sensível fazem parte do conjunto de fundamentos que se reconhecem nos sujeitos e na sociedade, é uma percepção de humano que pretende dialogar criticamente com os desafios que obstaculizam o desenvolvimento emancipado do sujeito.

É o que estou entendendo como processo político-pedagógico, de forma dialógica e dialética dentro de uma pedagogia das relações de convivência, para a qual eu cunhei o termo Pedagogia da Convivência[163].

É o conviver com a diversidade e com as desigualdades, com a diferença, com o instituído e o instituinte, que enquanto vertente político-pedagógica eleja prioridade para o acesso, a permanência e a qualidade socialmente referenciada, contrária à política de evasão e de avaliação de produtos e resultados, mas que vise os processos, crescimentos e desenvolvimentos.

E que apresenta possibilidades para uma proposta de pedagogia no contexto acadêmico, com princípios de caráter universalista que orientam práticas e processos, capazes de conduzir a métodos de ensino-aprendizagem. É não trancafiar a Educação na redoma das teorias e esvaziá-la dos sentidos e sentimentos emancipatórios, e sim, inseri-la na capacidade humana da convivência.

Os "Escritos Íntimos" de Elza Freire constituem um dos aportes ao desenvolvimento da minha proposta. Ao manuseá-los foi possível um levantamento preliminar, a partir da catalogação, sistematização e digitalização, permitindo identificar e extrair materiais que orientam e conduzem análises iniciais, por exemplo:

> [...] Pedagogia do povo; Pedagogia problematizante; Política cultural; Conceito representação abstrata do concreto; Caráter dominador da linguagem; Aprender a re-aprender; Metodologia da libertação; Arqueologia da dor; Reprodução da prática social; Intimidade com rigor científico; Pesquisar no nível do cotidiano; Avaliação e vivência do processo; Psicologia de grupo; Relação afetiva do dominado e do dominador; Discurso legitimador; Habilidade artesanal; A história nas mãos; Experiência e processo da luta; Paixão – ciência – rigorosidade; Forma dos ritos; Conhecer é refazer; Leitura da palavra e leitura do mundo; Momento da realidade; Problemas de prevalência; Palavras geradoras; Alfabetização criadora libertadora; Alfabetizar é um ato político; Forma poética e sensibilidade para entender o povo; Violência histórica; Emoção e emotividade; Respeito ao processo histórico; Diálogo entre oprimido e opressor; Reflexão; Transformação política do país; Ato de rebeldia; Percepção do mundo; Globalidade do fonema; Codificar e descodificar; Círculo no mundo; Conhecimento aplicado à prática; Conjunto universal para todos; Nunca castrar a criação; Tema gerador; Observações em torno do contexto; Charlatões da nova Pedagogia; Visão política; Estrutura de consciência; A arte do fazer; Pensamento dialético; O conceito de práxis em Marx; A política contra a privacidade; Compreensão ampla do sujeito [...] (Elza Freire, caderno de receitas S/d, S/Ed, Escritos Íntimos).

[163] Vide remissão à SPIGOLON (2009).

O fato é que os "Escritos Íntimos" não apresentam um estofo de discussões estruturadas e nem ganham forma de um texto acabado com ideias elaboradas – eles lembram um turbilhão de ideias que são a erupção de uma potência sem tempo e sem espaço para os devidos acabamentos, são palavras expelidas abrupta e originalmente.

Será que os "Escritos Íntimos" revelam e escondem uma mulher que na sombra das esferas pública e privada guardava uma energia contida que buscava/faltava formas e lugares de manifestar-se? Será que eram marcas da educação familiar tradicional nordestina? Da Academia Santa Gertrudes – instituição confessional? Da condição de mulher? Da percepção das possibilidades de desintegração da família nos contextos de exílio? Será que eram medos, inseguranças e timidez? Será inquietação, ponderação? O que será que será?

Levanto a questão e deixo a problematização de que Elza Freire não quis disputar os espaços públicos com Paulo e que construiu com ele uma proposta político-pedagógica que revoluciona o mundo desde o início dos anos 1960 e no exílio percorreram o mundo acompanhando processos revolucionários, proposta que continua revolucionária.

Então, os percursos de Elza Freire me permitem criar uma espécie de romance revolucionário, não quero com isso desdenhar o romance (unicamente) de amor, construído sobre um tema eterno; é preciso, porém que esse tema assuma seu lugar entre os mais amplos para que aproxime as circunstâncias do romance e das relações às situações concretas da vida e dos sujeitos. Para Victor Serge (1989) a humanidade depende, em todos os momentos da existência, da vida social e, às vezes a literatura, especificamente a burguesa, finge ignorar essa dependência, falseia e empobrece as imagens que nos fornecem a realidade; substitui o mundo real por um mundo tão convencional e irreal.

> Desde a guerra os escritores deram início a uma perseverante investigação do mundo. A voga do cosmopolitismo, das viagens, das traduções corresponde a grandes mudanças operadas na psicologia de um público a quem acontecimentos catastróficos revelaram de súbito a interdependência de todos os homens, o caráter universal da civilização. O gosto pelas biografias romanceadas – a despeito de tudo o que com razão se possa dizer de mal desse gênero híbrido onde a invenção literária, prejudicada pela pesquisa da verdade histórica, acaba também por prejudicá-la – é igualmente significativo. Ele dá provas de um desejo, preguiçoso ainda, de reencontrar a vida, a luta e os problemas, através do homem de ação. Trata-se, em ambos os casos de substituir as ficções gastas por uma realidade quase documentária [...] Mas é o leitor quem está com a razão (SERGE, 1989, p. 29).

Uma literatura, entendida como produção do conhecimento e que abordasse os problemas da vida e as questões da contemporaneidade, que se interessasse pelo destino do mundo e não se contentasse em apenas descrever o mundo, sobretudo pensar, ainda que de vez em quando em transfromá-lo; que seja, em suma, ativa e não mais passiva. Literaturas, produções dessa espécie seriam, independentemente das intenções dos seus criadores, fortemente "revolucionárias" (SERGE, 1989).

Pesquisas e propostas que insistem na dimensão de viver cada momento da vida em humana plenitude. Para Rosa Luxemburgo o espaço público era a primeira condição de qualquer democracia, jamais lhe passou na mente a idéia de buscar na vida privada uma espécie de "refúgio" contra as questões públicas da história (SCHÜTRUMPF, 2006). Rosa se põe "toda", apaixonadamente, nos diversos planos de sua vida: no estudo dos problemas teóricos, na militância política e – não menos, na relação amorosa.

Konder (1983) se mobiliza e aponta que na luta pela transformação da sociedade e – igualmente na busca da felicidade pessoal, Rosa Luxemburgo sentia ser preciso contribuir para os esforços emancipadores da humanidade, dar conta também de suas necessidades afetivas mais profundas como indivíduo, e as assume com a mesma coragem e lucidez que revelou seu engajamento político. Ela escreveu, certa vez que:

> [...] tenho a sensação de não ter dito nem a décima parte ou mesmo nada do que queria dizer. A linguagem mente à voz, a voz mente à ideia; a ideia brota viva da alma antes de ser aprisionada em palavras (Rosa Luxemburgo, Carta 6, Suíça, 16 de julho de 1897).

É tempo de (re)descobrir. Nessa perspectiva, ao lançar mãos dos percursos de Elza Freire me escuso às biografias, tento me afastar da introspecção, de certa ilusão, de uma leitura circunscrita ao individual e ao analítico apenas, e trazer para mais perto o campo empírico, a pesquisa em busca do movimento que vai definindo uma literatura – acadêmica e científica, que produza encontros com o particular e o universal na perspectiva libertária. É um desafio e um gosto pela produção do conhecimento a partir da realidade e da humanidade, que tenta escrever "provas de um desejo, de reencontrar a vida, a luta e os problemas, através do [sujeito] em ação". É uma apropriação, muito particular que faço, até porque acredito em romances e em revoluções, como entendo ser o de Elza Freire e Paulo um romance amoroso e revolucionário e não uma biografia romanceada.

De certa forma, estou afirmando que os percursos de Elza Freire que descrevo são o próprio material a partir dos quais a história foi sendo e é feita, o campo empírico, a metodologia e a teoria são construídos, a memória e as experiências narradas.

Muitas configurações, muitos lugares, uma mulher: Elza Freire. Dentro dessa lógica e no âmbito do exílio e da ditadura enfatizei as relações e interações convertidas no campo político-pedagógico e as ações e circulações realizadas por ela, na condição de exilada e brasileira, de esposa e professora, de mulher.

Mas quem é essa mulher?

Elza Freire é mulher brasileira cujo exílio transformou em mulher do mundo e:

> De todos os tempos.
> De todos os povos.
> De todas as latitudes. (Cora Coralina, 1980, p. 201).

Não mais uma mulher no mundo, mas como tantas outras mulheres brasileiras exiladas, são todas:

> [...] Sobreviventes.
> [...] Marcadas.
> [...] Discriminadas. (ibidem).

Para Said (2003) o exílio é um caminho tomado por sujeitos. Caminho que se encontra com os versos de António Machado[164], trazendo sensibilidade aos conteúdos da existência humana e leveza para sustentar a vida em seus processos, pois

> Caminante, son tus huellas
> el camino, y nada más;
> caminante, no hay camino.
> se hace camino al andar.
> Al andar se hace camino,
> y al volver la vista atrás
> se ve la senda que nunca
> se ha de volver a pisar.
> Caminante, no hay camino,
> sino estelas en la mar.

Caminhos do exílio, feitos e refeitos de agora em diante com o caminhar de Elza Freire, por entre suas narrativas e palavras, seus percursos e "Escritos Íntimos". Caminhos em que paradoxos anunciam contradições e incoerências na relação de sexo e gênero entre Elza Freire e Paulo. Caminhos de uma mulher que embora nos depoimentos fica na sombra,

[164] António Cipriano José María y Francisco de Santa Ana Machado Ruiz, conhecido António Machado, é poeta sevilhano, nascido em 1875. O poema transcrito é talvez o mais divulgado e conhecido do autor.

ocupa espaços públicos e privados importantes. Por que há para Elza Freire o encolhimento da visibilidade e estendimento da sombra entre o Brasil e o exílio?

> Quando saí, senti que realmente não voltaria mais, de maneira nenhuma [...] Viver outra vida, diferente da que tinha passado [...] Era como se eu tivesse tido a coragem de dizer: não existe daqui pra cá [...] Fiz o que queria, o que pensei, porque realmente fiz bem, talvez isso tenha me dado uma [...] espécie de desprendimento do que ficou realizado. Penso assim porque gostosamente me realizei [...] Aquele mundo eu apaguei, realmente borrei da minha vida, foi realizado, aconteceu [...] Foi uma outra experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão do outro. Uma abertura maior mesmo, de coração [...] Acho que uma das coisas que o exílio dá fortemente é ver o outro [...] Já havia uma consolidação da maneira de ser, de querer, de pensar, de encarar a vida [...] que resolvido que seja, pensado que seja, vivido que seja, é aquilo [...] Há talvez, a percepção da vida [...] Com a saída o corte existiu mais na parte material da não-volta, porque a criatura estruturada, viva, eu mesma ... essa continuou [...] Quando tivemos que sair, eu senti que não teríamos possibilidades de volta imediata, de volta àquela vida [...] No Chile, vivemos muito, como se diz, na família grande, porque cada um que chegava era como se chegasse um da família [...] Quando saímos do Chile, estávamos refeitos, já se sabia que tínhamos possibilidade de viver em outro país que não fosse o nosso [...] Fomos para os Estados Unidos... e nós sentíamos o Chile caminhando para uma situação difícil, principalmente para nós estrangeiros [...] Vi logo que não dava para passar muito tempo [...] Senti que lá a mulher talvez se imponha mais. Pelo que vivi no Brasil, acho que a mulher era talvez menos valorizada [...] Aqui em Genebra compra-se tudo muito pronto [...] Nesses últimos anos vivi uma retomada de trabalho que para mim tem sido interessante. Refiro-me ao trabalho de alfabetização em países africanos, uma outra realidade [...] Não sei se agora será diferente, certos movimentos, uma consciência maior (FREIRE, Elza, 1980, p. 200-206).

É a memória que numa perspectiva histórica como em sua dimensão contemporânea, registra fases e processos do exílio – cujos longos caminhos, deixaram marcas pelas Américas, Europa, África. Muitos deles trilhados a partir dos percursos e a par dos passos e compassos de Elza Freire.

Como a vida:

> Vivir es sin por qué. [...] Pero sabemos, quizá sin saberlo, que la vida no es sino ese sentirse vivos que a veces nos conmueve hasta las lágrimas. Vivir es sentirse vivendo, gozosa y dolorosamente vivendo. Las ocupaciones de la vida, hasta las más necessárias o las más hermosas, se hacen costumbre. Pero el sentimento de vivir se da siempre sin buscarlo y como una sorpresa. Entoces es como si tocáramos la vida de la vida. Lo que podría ser como su centro vivo, su entraña viva, su latido. O quizá su exterior, lo outro de la vida, aquello que no se deja vivir, que no se puede vivir, pero a lo que la vida algunas veces apunta, o señala, como su afuera imposible (LARROSA, 2003, p. 78).

O impossível está sendo possível... Talvez tenha sido o precursor.

Percussio do exílio e percursos dos exilados brasileiros. Ser, estar e sentir-se fora do lugar, situação *sine qua non* para experiências que se sobrepunham umas às outras. Narrativas deixam a impressão de que a pátria passa a ser a humanidade e o exílio, dá a sensação de que o exilado é desterrado, desenraizado, estigmatizado e expatriado de solo, mesmo se vir a retornar ao país de origem.

Percussio do exílio brasileiro resultante da ação brusca da ditadura sobre o sujeito e que compreende pontos de convergência entre os percursos. Marcas e perdas dotadas de significados não apenas subjetivos, mas, também, coletivos, dadas as cicatrizes indeléveis que deixou na(s) sociedade(s) brasileira(s) e de acolhida(s), que se expressam no intolerável para a convivência com divergências, capacidade fundamental para a construção de sociedades menos desiguais e injustas.

Percussio vitam do exilado brasileiro que pulsa e palpita em cada um de nós, colocando-me em oposição às ditaduras no Brasil, na América Latina e no mundo, pois contra esse estado de coisas há que se insurgir, como forma de resistência para que memórias, narrativas, percursos e processos, fortaleçam o diálogo tendo em vista impedir a repetição de terrorismos de Estado, recusar situações sociais de opressão, exclusão e, violação de direitos, a favor de uma Educação que vise à liberdade e à vida, insígnias da democracia.

É a saga de Elza Freire, a saga dos Freires e de tantas outras mulheres, homens, crianças e famílias brasileiras no exílio. É ao mesmo tempo a saga das experiências de um exílio interior provocado pelo exílio político. São memórias do exílio brasileiro.

Figura 95 – Imagens de uma mulher, de uma brasileira, de uma exilada – Mosaico com fotos de Elza Freire registradas durante o período do exílio (1964/1979) e montado pela autora a partir dos processos/resultados de pesquisa.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

CAPÍTULO VI

(IN) CONCLUSÕES: AQUELES ANOS NAQUELAS VIDAS

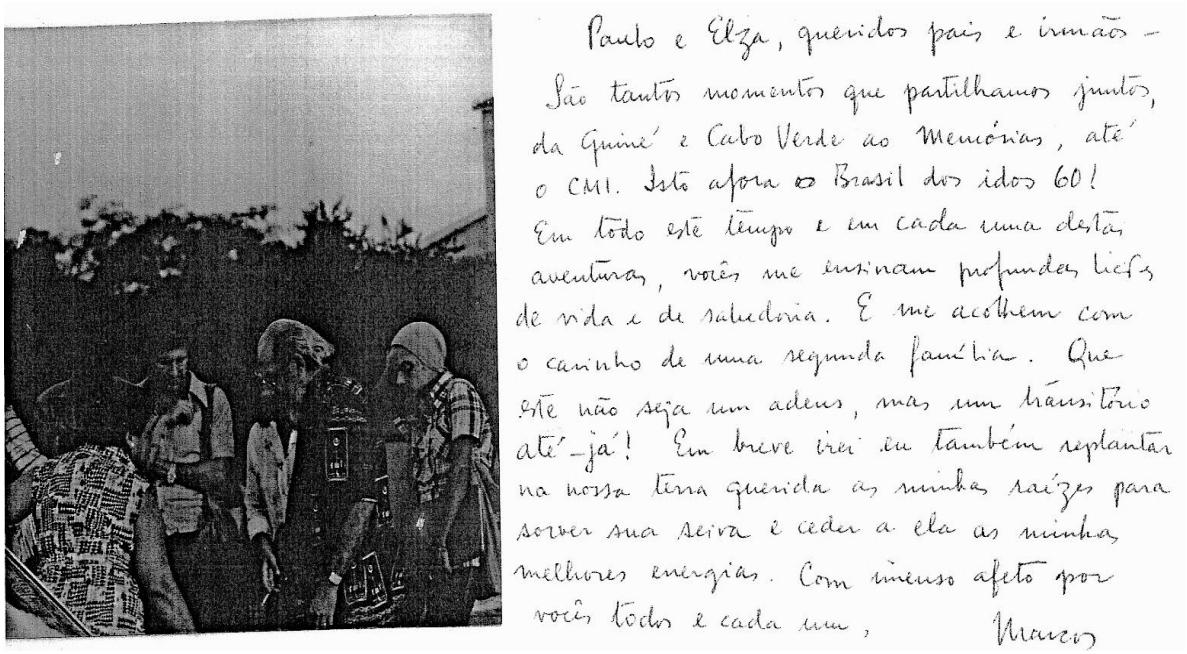


Figura 96 – No exílio: foto e cartão de despedida dedicado ao casal Freire[165]. Genebra, Suíça, 1979.
Fonte: Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

O exílio determinou partidas e chegadas em tempos e lugares distintos, entremeado por impermanências e estranhamentos. O primeiro retorno ao país de Elza Freire não foi definitivo e aconteceu na companhia de Paulo, Joaquim e Lutgardes, na manhã de 07 de agosto de 1979, em Viracopos, Campinas, São Paulo. As (in) conclusões fazem uma leve recapitulação e dá início às reflexões sobre os dramas e as tramas do exílio brasileiro entre 1964 a 1979, a partir dos percursos de Elza Freire que registram experiências tão individuais quanto coletivas. Por opção é uma história de mulheres e homens de carne e osso, com nomes e sobrenomes. O querer é demonstrar que o exílio, embora vivido de forma heterogênea, representa dor, saudade, adoecimentos, rupturas e aberturas, sobrevivência, transformação, descobertas. Oxalá que na tentativa de demarcar esta simultaneidade os acontecimentos e as narrativas possam mover um conjunto de pessoas a construir sociedades mais humanizadas, tendo em vista o bem comum, quando as noites da ditadura não sejam capazes de impedir os dias da utopia.

[165] Transcrição: Paulo e Elza, queridos pais e irmãos – são tantos momentos que partilhamos juntos, da Guiné e Cabo Verde as Memórias, até o CMI. Isto afora o Brasil dos idos 60! Em todo este tempo e em cada uma destas aventuras, vocês me ensinaram profundas lições de vida e de sabedoria. E me acolheram com o carinho de uma segunda família. Que este não seja um adeus, mas um transitório até-já! Em breve irei eu também replantar na nossa terra querida as minhas raízes para sorver sua seiva e ceder a ela as minhas melhores energias. Com imenso afeto por vocês todos e cada um, Marcos (Marcos Arruda, 1979).

Este conjunto de fontes e de escritos compõe o entrelaçamento de ideias, valores e sentimentos, que constroem gradualmente, como partes de uma tese, várias visões de mundo em suas (in) conclusões. São processos e resultados desta composição em seus limites e suas possibilidades. Não há como isolar um do outro.

O exílio se fez uma política de Estado, junto com a violência e o medo, a partir do regime ditatorial implantado no Brasil com o golpe de 1964.

Além de promover a mudança drástica na estrutura governamental e suprimir a democracia que vinha acontecendo, o período foi profundamente marcado pelo autoritarismo e terrorismo de Estado utilizados como métodos para conter e tentar eliminar uma certa vida política que marcou as gerações de 1964 e 1968 e que representavam resistência, oposição e garantia da manutenção de uma nova ordem que foi ditada ao país.

Em tempos de ditadura e exílio as experiências foram heterogêneas, mesmo sob um processo de repressão intolerante é possível estabelecer diferenciações entre os atingidos pelo banimento, os que decidem partir por rejeitarem a atmosfera vivida no país, os que diretamente não eram alvo e saem para acompanhar cônjuges e familiares, os perseguidos e presos pelo regime e aqueles que de diversas formas se envolveram com militância e campanhas de denúncia em torno da ditadura brasileira. Situações diversas, individuais e coletivamente todos exilados.

A ditadura é o intolerável. O exílio, como uma das consequências dela, ajuda-nos a vivenciar o enfrentamento e o pensamento necessários na luta contra os intoleráveis.

Por isso me apoio em Said para dizer que

> [...] nenhuma cultura ou civilização existe isolada das outras, nenhuma entende estes conceitos de individualidade e de iluminismo como sendo completamente exclusiva. E nenhuma existe sem os atributos humanos fundamentais que são a comunidade, o amor, a valorização da vida e de todo o resto (SAID, 2003 a).

Em um mundo tão fragmentado, dilacerado, exposto à intransigência e à violência, estas palavras beiram para alguns a ingenuidade e para outros a utopia. Identifico que a força delas está justamente numa reflexão que, é, a uma só vez, densa, analítica e crítica, também corajosa.

E que me deram coragem para expor-me. Expor considerações que, recaem na convicção e opção de que o exílio brasileiro – instrumentalizado pelos percursos de Elza

Freire denuncia os horrores praticados pela ditadura contra setores da sociedade brasileira e anuncia a mulher, exilada, mãe, professora e companheira de Paulo.

Ao engrossar as fileiras dos que não se calam, seja esta uma busca pela justiça e pela Educação, pelo rechaço do terrorismo de Estado, repúdio a uma solução opressora fora da democracia, o alargamento de horizontes transformadores, seja o encontro com uma Elza Freire até então desconhecida, com as experiências do exílio, da vida e com o outro, ambos conduzem para um mundo aonde seja possível condições mais participativas capazes de politizar o discurso às vezes romântico.

E pergunto: por que o abuso do poder e da força? Para que serviu a coerção e a perseguição, tanta violência? As questões sociais e as desigualdades continuam, são angústias existenciais. Interrogar, analisar e refletir sobre isso é uma arte do fazer, uma poesia da utopia, é em suma entender um pouco melhor quem somos nós e qual é a sociedade que estamos construindo. Essa injunção social abrange o conjunto da vida, quer no espaço social, na esfera familiar ou nas práticas comunitárias; abrange o exílio.

Importante pensar que no exílio as realidades se constroem a cada ato. Os destinos dos exilados brasileiros extravasam e escapolem às acepções de algo definido, pronto e acabado, os destinos são parte do exílio. Momentos de alegrias e novos conhecimentos, também episódios de sofrimento e saudade que deixaram marcas. Companheiros não resistiram serem jogados pelo mundo, afastados de seu meio, de sua gente. Muitos tiveram que receber assistência psiquiátrica para não sucumbir, outros tiveram oportunidades que não teriam se ficassem. Alguns levaram seu desespero às últimas consequências.

São exemplos extremos das histórias que cercaram a vida de brasileiros aqui dentro e lá fora, durante a ditadura e o exílio, dentre eles Elza Freire e sua família.

É a cicatriz histórica, como qualquer outra cicatriz, insiste em mostrar algo que talvez não se queira ou se tente esconder. Incômoda, marca o país, o corpo e a memória, ela faz lembrar para que não se tornem:

> Legião dos esquecidos[166]
>
> Memória de um tempo onde lutar por seu direito
> É um defeito que mata

[166] Composta por Gonzaguinha que a cantou com seu pai Luiz Gonzaga durante a turnê de shows – Vida de Viajante em 1981. A música faz parte do disco Sangrando, lançado em 1980, se refere ao golpe de 1964, à memória e a resistência daqueles que deram sua vida e que enfrentaram a luta naquele período do Brasil.

São tantas lutas inglórias
São histórias que a história
Qualquer dia contará
De obscuros personagens
As passagens, as coragens
São sementes espalhadas nesse chão
De Juvenais e Raimundos
Tantos Júlios de Santana
Dessa crença num enorme coração
Dos humilhados e ofendidos
Explorados e oprimidos
Que tentaram encontrar a solução

São cruzes sem nomes,
Sem corpos, sem datas
Memória de um tempo onde lutar por seu direito
É um defeito que mata

E tantos são os homens
Por debaixo das manchetes
[...] que é o país de todos nós

[...] E vamos à luta!

Por Elzas e Paulos, Madalenas, Cristinas, Fátimas, Joaquins e Lutgardes.

O exílio é um terrorismo de Estado que coloca as pessoas em situações sem muitas escolhas. As prisões, perseguições, violências diversas e necessidades de saída do seu país e das suas redes relacionais as fazem chegar a um mundo que é o mundo que as acolhe. Lá submetidas aos arranjos dos estatutos, ora da clandestinidade e do refúgio, ora do asilo político e do banimento se inserem num diálogo com o país de origem a partir da perspectiva do internacional e do estigma do exílio. O trânsito por desenraizamentos, desterros e deslocamentos, enquanto apátridas e diásporas os situam nos sentimentos de fora do lugar e os de não pertencer. A escolha era fugir ou ficar e morrer, quer dizer, será que diante da eminência da morte se tem alguma escolha?

Tais configurações do macro jogam no micro uma série de estratégias de sobrevivência, militância política e processos de reconversão identitária, tendo nos movimentos de circulação, nas redes e nas instituições o meso. Os percursos de exilados em geral e de Elza Freire particularmente constroem narrativas que ao mesmo tempo possam sustentar, significar e manter viva e passam a demonstrar que as experiências sob tais condições são ambíguas e ocorrem simultaneamente. Exílio é compasso imprevisível de espera, enquanto se começa a assimilar outras realidades se procura aproximar a realidade

que ficou para trás, num movimento equidistante de interceptar realidades dos continentes. Exílio é dor, ruptura, impermanência e transformação, descobertas, emancipação.

Os tumultos das situações vividas, das configurações de percursos, das circulações por tempos e lugares demandaram a elaboração da Diáspora Freiriana a fim de captar a maior diversidade e complexidade das experiências nestas fronteiras tênues do exílio.

Fronteiras nas quais me lancei ao encalço de partidas e chegadas para ligar os países na forma de pontos e traçar o mapa com Elza Freire e sua família: seu companheiro Paulo e seus filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes.

A saga de brasileiros surge (quase) no final, quando se dá o retorno ao Brasil. Elza Freire ao apartar-se da nau do exílio, a que não voltará mais é recebida pela anistia ante o país em que viveram e que viveu o golpe civil militar e a ditadura.

É com estes brasileiros e latino-americanos – que fazem parte os Freires, em cujos cenários, narrativas e fontes se dá a caracterização do exílio daqueles anos e naquelas vidas, começando a aparecer o olhar singular de/em Elza Freire. Aonde, como e porque foram arquivadas aquelas vidas?

Vidas transcorridas em um tempo e história brasileira fora do próprio país, antes não suficientemente conhecidas, daqui para frente não mais. O exílio foi uma pátria.

Pátria que abrange geograficamente os países de exílio como países de acolhida, representando alternativa, talvez única, de sobrevivência física, emocional, política e pedagógica, aonde em alguns residiram e outros se inseriram.

Com base nos percursos de Elza Freire considero que o exílio brasileiro compreende três fases, sendo: a primeira nas Américas; a segunda na Europa e em África e a terceira no retorno ao Brasil, elas não se apresentam estanques.

Ao lançar mão dos percursos dela enquanto mulher e professora, brasileira e latino-americana, que se exila com o marido e os filhos, foi possível acessar rupturas, intervenções, circulações e reconversões que pudessem construir Elza Freire, seu tempo, seu espaço, seus percursos em efeitos de sentido conferidos às dimensões individual e também coletiva.

Procurei para cuja periodização estabelecer parâmetros que ajudem uma melhor compreensão e análise: 1) Elza Freire – uma mulher em tempos e espaços do exílio; 2) os percursos dela entrelaçados ao da família – a Diáspora Freiriana; 3) o levantamento das

suas estratégias de partidas, chegadas e sobrevivência, durante as impermanências e os processos de adaptação; 4) identificação dos vínculos – institucionais, organizacionais e relacionais, estabelecidos e mantidos; 5) as metamorfoses do casal Freire ao nível conjugal, profissional, político, teórico, prático e ideológico; 6) o rompimento com provincianismos e paroquialismos locais, regionais e nacionais e o acesso ao status de esquerdistas; 7) a abertura dos "Escritos Íntimos".

Ao arquivar parte da sua vida nos "Escritos Íntimos" Elza Freire suscita leituras e cria uma forma profundamente original que resiste à interpretação. Ela oferece sem intenção – em cadernos de receitas, papéis avulsos e cadernetas, contrastes de feituras entre as maneiras mais tradicionais de escrita que são portadoras da diversidade de códigos e signos que reforçam a descontinuidade e a fragmentação acerca do diálogo, dos sentimentos, dos pensamentos, das emoções e reflexões mais pessoais e íntimas que ela mantém e que, por raras vezes, menciona em letras. O público vertido ao privado e o privado agora em público, talvez transformando os refúgios de Elza Freire em refúgios, ao menos potencialmente, de outros. Em suma, um dispositivo de resistência e sobrevivência.

Há entre eles uma interdependência dinâmica em que se tivesse que apontar elementos comuns presentes no percurso de Elza Freire, no período descrito, diria que seria a busca dela na vida em família e no trabalho com Educação, como componentes importantes para a constituição de uma pátria pessoal (SAID, 2004), a única em que veio sentir-se plenamente em casa. Esse processo interno deu-se paralelamente ao impacto externo do exílio, indicado por eventos como a saída do Brasil, a queda de Allende no Chile, a estadia nos EUA, a acomodação em Genebra e as inserções em África. É na confluência das suas experiências individuais com as vivências coletivas do exílio brasileiro que se apresentam como mediações nesta tese.

Tese expressa no texto com intertextos e intertextualidades, na diversidade das fontes, nos dados brutos e nas narrativas inacabadas, cuja tessitura é de uma pesquisa que ora apresenta um mundo e dentro dele uma Elza Freire – mulher, exilada, esposa, mãe, professora, militante, educadora, camarada... que ora traz aspectos da realidade que muitos tentam obscurecer e que passa a existir por decisões tomadas pelas pesquisadoras – orientadora e orientada e, pelos caminhos por elas trilhados.

Mediante uma organização cronológica e temática, fui levada a pensar e apresentar Elza Freire como sendo parte de *"las historias ejemplares"* (LARROSA, 1996). Considerando que existem algumas histórias de alguns sujeitos que tomamos como exemplos históricos.

Exemplares, por quê? Porque elas enriquecem a capacidade de narrar as nossas histórias. A capacidade, digo privilegiada, de acesso epistemológico, aonde eu penso o presente a partir de histórias ouvidas, contadas, vividas no passado e essas narrativas – de tais formas geniais e criativas, dão conta de equacionar desafios que servem para o presente, tendo em vista a perspectiva de um futuro transformado, transformador, potencializado e emancipador apesar de todas as amarras, peias, provocações e dificuldades impostas ao tempo presente.

Elza Freire história exemplar:

> Los seres humanos pueden articular possibilidades de existencia en virtud de su personalidad, de su carácter, de su vida. [...] Las historias ejemplares son essas historias en relación a las cuales nos vemos compelidos a pensar la nuestra. Y no necessariamente para imitarlas. Son aquellas historias que, de alguma manera, nos conciernen, aquellas historias en relación a las que construimos lo que, para nosotros, significa vivir (LARROSA, 1996, p. 471-474).

Os referenciais e a abordagem em que ancorei os campos teórico, metodológico e empírico ajudam a trazer para um diálogo inicial as questões de gênero e os paradoxos do casal Elza Freire e Paulo colhidos a partir dos processos e das experiências do exílio, por exemplo: os espaços públicos e privados ocupados e construídos.

Com uma materialidade inscrita na diversidade das fontes e na ambiência do exílio busquei reunir fragmentos do real que pudessem se transformar em provas da participação de Elza Freire no desenvolvimento e na disseminação do pensamento e da práxis de Paulo e identifiquei seis marcadores: a) a gênese e as influências das experiências com adultos analfabetos no Brasil, sua fundamentação, sistematização e concretização, do final de 1950 em diante; b) a implantação do "Método Paulo Freire" a partir da realidade latino-americana e a publicação da Pedagogia do Oprimido no Chile em 1968; c) a atuação acadêmica em Harvard e as apropriações do multiculturalismo nos Estados Unidos; d) o trabalho problematizando questões de identidade cultural, social e política residindo na Suíça; e) os deslocamentos ideológicos e a militância nos movimentos revolucionários para

libertação das colônias portuguesas a partir de 1975 através das inserções político-pedagógicas em África; f) o fim do exílio com o retorno ao Brasil em 1979.

O exílio além de ter simbolizado inflexões e rupturas com as realidades do país e as práticas sociais decorrentes, aproximou o casal Freire de configurações que passaram a existir, fazendo com que ocupassem tempos e lugares ao lado da esquerda mundial.

Elza Freire e Paulo se esquerdizam no exílio e o fazem por várias questões: primeiro, porque no Brasil eles são vistos pelos golpistas de 1964 como sujeitos de esquerda, por isso exilados; depois ao conviver com outros exilados descobrem novo jeito de ver, de se inserir e intervir no mundo que é um jeito classificado de esquerda; e por fim, deixam de ter na igreja católica e nos grupos vinculados a ela seus principais referenciais. Ambos vão fazer outras leituras e conhecer diferentes instituições, organizações e partidos, vão estar com outros interlocutores, principalmente os militantes de esquerda.

Logo, os percursos de Elza Freire durante o exílio permitiram que os vínculos do passado fossem re-significados a partir de novas relações e novos valores. Foi inevitável e decisivo esse processo para o contato com outros níveis de comprometimento com a realidade do mundo, ora por países, aonde se residia, ora por países em que se atuava e ou se retornaria.

Portanto, o exílio tem papel decisivo de modo geral nos percursos dos brasileiros e particularmente de Elza Freire e Paulo, na proporção em que os obriga a se deparar, conviver e intervir em realidades tão distintas daquelas que eram conhecidas até então.

Neste movimento é possível compreender as mediações político-pedagógicas de Elza Freire e Paulo que propõe que a leitura do mundo preceda a leitura da palavra (FREIRE, Paulo, 1992, p. 11).

É uma leitura da vida, seguida pela leitura do mundo e das palavras, das condições concretas que ajudaram a gerar as experiências do exílio até as propostas político-pedagógicas do casal Freire.

Examinar com atenção e cuidado os percursos de Elza Freire – como percursos de vida e como esses percursos produziram uma memória e um sentimento sobre e a partir de, com, como... levando inclusive à produção de práxis – pensamentos mais ação.

Assim, uma análise inicial indica posturas diferentes daquelas adotadas pelo casal Freire ainda no Brasil que, no exílio radicalizaram as sistematizações das experiências realizadas por eles no campo da Educação, em particular da de Adultos.

Posturas que se traduzem destacadamente a partir da Diáspora Freiriana e da esquerdização do casal e que alcançam uma visibilidade internacional nas propostas político-pedagógicas. E que aconteceram nas esferas das rupturas, inflexões, perdas, circulações e reconversões. Por exemplo: as mudanças e instabilidades empregatícias; as situações cosmopolitas; as adaptabilidades com idiomas, climas e culturas; os novos arranjos familiares; a participação em outros grupos; as elaborações das experiências produzindo projetos, propostas e ações.

O exílio dá outro teor ás práxis e ao pensamento de Elza Freire e Paulo, que em se assumindo exilados políticos passam a influenciar as propostas do casal, demarcando inclusive a militância e abrindo tempos e espaços não perscrutados. Cabe dizer que parte considerável das experiências desse período conseguiu se reverter em práxis de cunho emancipatório e libertador que assumem a dimensão humanista e a realidade humanitária.

Com base no entrecruzamento das evidências empíricas e bibliográficas surge o intento de tornar conhecido que a quantidade e diversidade de fontes documentais e não documentais recolhidas até o momento possibilitam pensar num legado no qual o casal Freire se insere e passa a fazer parte de um conjunto de interlocutores ali igualmente situados. Esse agrupamento de materiais indica o engajamento deles em diversos setores políticos, sociais, culturais e pedagógicos que foi se ampliando pelas experiências nas Américas, na Europa e tem seu ápice em África.

É o que estou chamando de um processo político-pedagógico com contornos dialógicos, dialéticos e emancipatórios dentro de uma pedagogia das relações de convivência, não circunscrita ao consensual, mas de forma crítica, reflexiva e afetiva para a qual cunhei o termo Pedagogia da Convivência (SPIGOLON, 2009).

> A parte metodológica e didática, principalmente, veio da minha mãe, pois o meu pai [...] era um grande pensador, ele refletia muito, era um filósofo. Ele tinha uma capacidade de pensar e de criar. Agora, manda ele por em prática [...] já a mãe no pedagógico, era única, ela criava situações de ensinar e aprender [...] para se ter uma ideia, o aprendizado de fazer o levantamento vocabular da criatura para alfabetizar [...] ela tinha uma crença profunda na capacidade de cada sujeito ser dono de si, e sobretudo, de empreender e se responsabilizar pelo seu processo de aprendizagem e de emancipação. Ela defendia com muita clareza a importância

> da participação dos envolvidos em todo e qualquer processo de ensino/aprendizagem. Ela não iniciava nenhum processo de ensino/aprendizagem sem perguntar o que o sujeito estava realmente interessado em aprender. Era uma excelente leitora e escutadora de gente [...] tendo ela como mãe/educadora vivi no meu corpo a importância que ela dava para a devolução no processo de educar o outro e educar a si mesmo (Fátima Freire Dowbor, 2010, 2013).

Existem períodos nessa lógica de pesquisa em que o escopo é compreendido antes e após o exílio, cuja discussão não estarei contemplando na tese e que sugerem sua continuidade. De igual modo, sinto a necessidade de salientar que venho selecionando, reunindo e colecionando dados, fontes e um conjunto de materiais que até o momento me possibilitam pensar num legado.

Enquanto isso, a pesquisa está sendo apresentada em um momento histórico interessante. Ás vésperas de se completarem no Brasil os 50 anos do golpe civil-militar, da ditadura e do exílio instaurados por ele e dos 35 anos da Lei de Anistia.

As configurações demográficas, políticas, econômicas, culturais, sociais e educacionais daquelas circunstâncias com as atuais, assumem relevantes aspectos na discussão brasileira, latino-americana e mundial contribuindo para que se possa refletir em torno dos seus antecedentes e consequentes, tendo em vista o entendimento e a participação na construção sócio histórica do país.

O exílio tornou-se decisivo na redefinição do país e das vidas exiladas. O tempo passou e continua a passar, a diversidade e intensidade disto articulam processos e experiências para os quais não saberei dizer adeus à pesquisa, direi até breve, como num:

> Poema da Despedida[167]
>
> Não saberei nunca
> Dizer adeus
>
> [...] Resta ainda tudo,
> Só nós não podemos ser
>
> Talvez o amor,
> Neste tempo,
> Seja ainda cedo
>
> Não é este sossego

[167] Autoria de Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto. O autor foi traduzido para vários idiomas e agraciado por muitos prêmios, habituou-nos à sua escrita aglutinada, justaposta, criadora, profundamente meiga e crua, poética. Nascido em Moçambique, em 1955 é referência em literatura africana e como cidadão que defende a consciência e seu papel na sociedade. Para ele há muitas Áfricas e cada pessoa tem sua própria história e identidade.

Que eu queria,
Este exílio de tudo,
Esta solidão de todos

Agora
Não resta de mim
O que seja meu
E quando tento
O magro invento de um sonho
Todo o inferno me vem à boca

Nenhuma palavra
Alcança o mundo, eu sei
Ainda assim,
Escrevo.

Escrevo reconhecendo que muito, há por fazer e muito, não foi feito. Porém, considero que o que está sendo apresentado abre perspectivas para trabalhos vindouros. Sei das suas limitações e o fato de estabelecer (in) conclusões aproxima caminhos para uma compreensão mais alargada acerca de uma determinada realidade sócia histórica que é o exílio a partir da ditadura brasileira estabelecendo condições investigativas presentes nos percursos de Elza Freire.

Como herança para as próximas gerações talvez eu queira deixar que a utopia é a realização no tempo atual e que a memória não se refere apenas ao passado. Elas são presente e futuro. As narrativas, memórias e os materiais que fazem parte das fontes, embora sobre o passado, dizem respeito ao presente e apontam para o futuro, por isto mesmo desejo que ajudem a construir um Brasil e um mundo mais justo e solidário. Da memória que é seletiva – fazem parte o silêncio e o esquecimento. Destarte, nestas fontes da memória, permeadas por ruídos, odores, cores e dores, estarão ausências e presenças da ditadura que mudou o Brasil e do exílio que transformou os Freires.

A chegada deles no Brasil representa o fim do exílio e o fechamento da pesquisa de doutorado.

Os cenários se movem novamente... se aproximam, se distanciam... é o movimento da pesquisa, dos percursos, da vida e do mundo.

Elza Freire decola do aeroporto de Genebra, na Suíça, começa seu voo de retorno. As cenas foram se sucedendo nestas páginas, acontecendo em outros cenários ante os olhares dos leitores quase alheios ao que se passava ao redor. Naquela manhã a paisagem de chegada não lembrava mais a mesma da partida, anunciava agora que o avião se

preparava para aterrissar trazendo muitos passageiros, alguns brasileiros que como ela pisava quase dezesseis anos depois, de novo o solo do país.

País em que... aos 07 dias de agosto que marca minha certidão de nascimento e de toda uma geração que nasceu sob os auspícios da ditadura, os jornais[168] estampam nas primeiras páginas do ano de 1979: "Freire volta para re-aprender o Brasil", em mais um chegar "com a mulher Elza e, dois de seus cinco filhos – Joaquim, de 23 anos e Lutgardes, de 21 – desembarcará às 9h50m, no Aeroporto de Viracopos". O retorno (não definitivo) após o exílio se dá sob a égide da cidade de Campinas, a mesma que acolhe esta tese.

JORNAL DO COMMERCIO

Ano LX — Número 174 — Recife — Pernambuco — Brasil — Fundador: F. Pessôa de Queiroz — Terça-feira, 7 de agosto de 1979

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

A casa em Casa Forte onde vai morar Miguel Arraes tem área de 4 mil metros, piscina e quatro quartos

Exilados ocupam consulado no Rio

Arraes vai morar em Casa Forte na volta da Argélia

Paulo Freire é esperado hoje de manhã em S. Paulo

Justiça e Paz ajuda acusação na morte de "Graúna"

Figura 97 – Registro da notícia estampada na primeira página sobre o retorno (não definitivo) de Elza Freire, Paulo e dois de seus filhos: Joaquim e Lutgardes, após quase dezesseis anos de exílio. Jornal do Commercio, Ano LX, nº. 174, edição de 07 de agosto de 1979. Recife, Brasil.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

[168] In: Folha de São Paulo, 07 de agosto de 1979, Ano 58, nº 18.388 e Diário de Pernambuco, 07 de agosto de 1979, Ano 154, nº 212 e Jornal do Commercio, 07 de agosto de 1979, Ano LX, nº 174.

FONTES DA PESQUISA REALIZADA

I) FONTES PRIMÁRIAS

ADRIANO SALMAR NOGUEIRA E TAVEIRA. Parecer, 2012, Unicamp, Campinas, Brasil. Banca de exame de qualificação para Doutorado da pesquisadora em 10 de outubro.

ALMERI BEZERRA DE MELLO. Depoimento, 2011, Olinda, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 12 de outubro.

ANA FRANCISCA BARBOSA. Depoimento, 2013. Cidade da Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Entrevistas concedidas à pesquisadora em 20 de setembro e 21 de outubro.

_____. Fotografia – Campanhas de Alfabetização de Adultos. Cabo Verde, meados de 1978. Acervo pessoal doado à pesquisadora.

ANDRÉ CORSINO TOLENTINO. Depoimento, 2013, Cidade da Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Entrevista concedida à pesquisadora em 23 de setembro.

ARMANDO (MIKI) NOBA. Depoimento, 2013, Bissau, Guiné-Bissau. Entrevista concedida à pesquisadora em 10 de outubro.

_____. Fotografia – Alfabetização para Adultos. FARP, Guiné-Bissau, meados de 1977. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

ARTURO ORNELAS LIZARDI. *Elsa Maia Costa de Oliveira, Elsa Freire*. Cuernavaca, México, 1987. Datilografado, cedido à pesquisadora.

_____. Depoimentos, 2008, 2009, 2013. Cuernavaca, México. Diálogos com a pesquisadora via e-mail.

_____. Fotografia – Arturo Ornelas e Paulo durante o exílio. Genebra, Suíça, 1979. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

ATO DE CASAMENTO. Registros paroquiais do casamento entre Elza Maia Costa Oliveira e Paulo Réglus Neves Freire. Matriz da Soledade, pesquisa de campo em Recife, Brasil, 2011.

AUGUSTA HENRIQUES. Depoimento, 2013, Bissau, Guiné-Bissau. Entrevista concedida à pesquisadora em 27 de setembro.

CARLOS REIS. Depoimento, 2013, Cidade da Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Entrevista concedida à pesquisadora em 18 de outubro.

CLAUDIUS CECCON – Chargepara a pesquisa/tese sobre o que pensa da relação entre Elza Freire e Paulo. Rio de Janeiro, Brasil, abril, 2014. Acervo da pesquisadora.

CRISTINA FREIRE HEINIGER. Questionário, 2010, Genebra, Suíça. Roteiro de questionário enviado e respondido por e-mail em julho.

_____. Cartão postal – verso. Bilbao, Espanha, setembro de 1973. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Despedida dos Freires. Santiago, Chile, 1969. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Os exilados: casal Freire com Lutgardes e Joaquim juntamente com outro casal e seus filhos.Genebra, Suíça, 1971. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Recepção ao casal Freire na Europa. 1970. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Paulo na varando do apartamento da família Freire.Palletes, Genebra, Suíça, 1976. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____ Fotografia – Elza Freire no exílio. Cantão de Vaud, Suíça, 1975. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire com Silke Weber no exílio. Villard, Suíça, 1977. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Cerimônia de casamento entre Cristina Freire e Alberto Heiniger. O casal Freire com os filhos Fátima, Joaquim e Lutgardes e demais pessoas. Lausanne, Suíça, junho de 1972. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – O casal Freire com os filhos Lutgardes e Joaquim no apartamento da família. Genebra, Suíça, 1972. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Paulo e a neve durante o exílio. Suíça, 1972. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – No exílio, os Freires: Cristina e Alberto Heiniger, Elza Freire e Paulo, Madalena e Carolina Freire Weffort, Lutgardes Costa Freire. Carouge, Suíça, 1975. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Madalena Freire e a filha Carolina, primeira neta do casal Freire. Suíça, 1975. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Paulo e Joaquim Freire no apartamento da família. Genebra, Suíça, 1979. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire durante o exílio. Genebra, Suíça, 1979. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire, Paulo e um grupo de exilados latino-americanos. Genebra, Suíça, julho de 1974. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Cajueiro, frente e verso (Doralice e José de Melo), fevereiro de 1971, Recife, Brasil. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

DÉBORA MAZZA. Orientação de pesquisa, 2013, Unicamp, Campinas, Brasil. Reunião com a orientada/pesquisadora em 18 de janeiro e 20 de agosto.

DORALICE DE MELO. Depoimento, 2011, Recife, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 10 de outubro.

_____. Fotografia do casal Elza Freire e Paulo, no Casamento de Bila.Recife, Brasil, 1955. Acervo pessoal cedido à pesquisadora. Pesquisa de campo em Recife, Brasil, 2011.

ELZA FREIRE. Agendas, S/d; S/Ed. Manuscritos. In: *Escritos Íntimos*.Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

_____. Cadernetas de anotações, S/d; S/Ed. Manuscritos. In: *Escritos Íntimos*.Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

_____. Caderno de receitas, S/d; S/Ed. Manuscritos. In: *Escritos Íntimos*.Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

_____. Microfilmagem da ficha funcional. SEE, Arquivos da GDPE. Pesquisa de campo em Recife, Brasil, 2011.

_____. Papéis avulsos, S/d; S/Ed. Manuscritos. In: *Escritos Íntimos*.Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

_____. Passaporte. Acervo pessoal de Madalena Freire cedido à pesquisadora.

_____. Carte d'abonnement. Suíça, 1978. Acervo pessoal de Madalena Freire cedido à pesquisadora.

ESTER MONTEIRO. Reminiscências. Caderno de Memórias, manuscritos. Capunga, Recife, Brasil, 1974. Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

FÁTIMA FREIRE DOWBOR. Depoimento, 2013. São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora e à orientadora em 29 de janeiro.

_____. Questionário, 2010, São Paulo, Brasil. Roteiro de questionário enviado e respondido por e-mail em julho.

_____. Fotografia – Elza Freire com os filhos e familiares.Rio de Janeiro, 1964. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – O casal Freire com o Padre Paulo e as filhas Fátima e Cristina.Santiago, Chile, 1968. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

HELENA HIRATA. Depoimento, 2011, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora e à orientadora em 08 de setembro.

HUCO MONTEIRO. Depoimento, 2013, Bissau, Guiné-Bissau. Entrevista concedida à pesquisadora em 02 de outubro.

LUTGARDES COSTA FREIRE. Carta, janeiro de 2012, São Paulo, Brasil. In: Processo para indenização no Ministério da Justiça, Secretaria dos Direitos Humanos.

_____. Depoimento, 2007, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 14 de dezembro.

_____. Depoimento, 2008, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 28 de janeiro.

_____. Depoimento, 2013, São Paulo, Brasil. Entrevistas concedidas à pesquisadora e à orientadora em 22 de janeiro e 29 de maio.

_____. Depoimento, 2013, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora e à orientadora em 29 de maio de 2013.

_____. Fotografia – Lutgardes e Joaquim em frente às roseiras e à residência da família. 1968, Chile. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire durante o exílio. Meados de 1977. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire na varanda do apartamento. Genebra, Suíça, 1975. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – O casal Freire com a equipe do IDAC. S/d. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire, Paulo, Lutgardes e Joaquim na saída de Viracopos, no carro com Madalena, após a chegada do exílio. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

MADALENA FREIRE. Homenagem aos 90 anos de Paulo Freire, 2011, São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil. In: Discurso proferido naInstituição Pró-saber e outras.

_____. Fotografia – Elza Freire e as três Marias: Madalena, Cristina e Fátima. Recife, Brasil, década de 1950. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire e as roseiras.Santiago, Chile, 1968. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Despedida do casal Freire. Foto e cartão de Marcos Arruda. Genebra, Suíça, 1979. Acervo pessoal de Madalena Freire cedido à pesquisadora.

MAPA. Diáspora Freiriana, fase das Américas de 1964 a 1969. Elaboração da autora, Campinas, Brasil, 2012.

_____. Diáspora Freiriana, a partir dos percursos de Elza Freire durante o exílio brasileiro, no período de 1964 a 1979. Elaboração da autora, Campinas, Brasil, 2014.

_____. Inserções político-pedagógicas, nos PALOP, em África durante o exílio. Elaboração da autora, Campinas, Brasil, 2012.

MOSAICO. Imagens de Elza Freire – mulher, brasileira, exilada, professora, mãe, esposa. Fotos durante o período de 1964 a 1979. Elaboração da autora.

MÁRIO CABRAL. Depoimento, 2013, Bissau, Guiné-Bissau. Entrevista concedida à pesquisadora em 07 de outubro.

MCP. Prontuário funcional, sede de Recife. Arquivos do DOP's. Pesquisa de campo em Recife, Brasil, 2011.

_____. Fichas das Campanhas de Alfabetização de Adultos (MCP, SENAC, SEC). Acervos APEJE. Pesquisa de campo em Recife, Brasil, 2011.

MOACIR GADOTTI. Depoimento, 2008, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 30 de janeiro.

NARA MAIA ANTUNES. Depoimento, 2011, Recife, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de outubro.

OSMAR FÁVERO. Depoimento, 2009. Rio de Janeiro, Brasil. Diálogos com a pesquisadora via e-mail.

_____. Depoimento, 2011, Natal, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora e à orientadora, na 34ª reunião da ANPED em 03 de outubro de 2011.

_____. Depoimento, 2013. Rio de Janeiro, Brasil. Diálogos com a pesquisadora via e-mail.

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO. Depoimento, 2012, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 04 de junho.

_____. Fotografia – Elza Freire e Paulo com o grupo de exilados brasileiros.Santiago, Chile, 1966. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Fotografia – Plínio de Arruda Sampaio com os filhos durante o exílio. Santiago, Chile, 1966. Acervo pessoal cedido à pesquisadora

SILKE WEBER. Depoimento, 2009. Campinas, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 02 de dezembro.

THIAGO DE MELLO. Depoimento, 2008. São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 16 de setembro.

VASCO SANTOS. Depoimento, 2013. Campinas, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora e à orientadora em 14 de janeiro.

_____. Fotografia – O casal Almino Affonso e Lygia com os filhos.Santiago, Chile, 1965. Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos, cedido por seu filho Vasco Santos à pesquisadora.

_____. Fotografia – Dom Helder Camara com o grupo de exilados brasileiros na casa do ex-ministro Paulo de Tarso dos Santos. Santiago, Chile, 1969. Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos, cedido por seu filho Vasco Santos à pesquisadora.

_____. Fotografia – Embarque de retorno ao Brasil do casal Paulo de Tarso e Maria Nilse com os filhos. Santiago, Chile, novembro de 1970. Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos, cedido por seu filho Vasco Santos à pesquisadora.

VERA BARRETO. Depoimento, 2008, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 29 de janeiro.

_____. Depoimento, 2009, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 23 de abril.

_____. Fotografia – Elza Freire, Paulo e os filhos Joaquim e Lutgardes.Santiago, Chile, 1965. Acervo pessoal doado à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire, Paulo e os filhos Joaquim e Lutgardes.Boston, EUA, abril de 1969. Acervo pessoal doado à pesquisadora.

_____. Fotografia – O casal Elza Freire e Paulo.Santiago, Chile, 1966. Acervo pessoal doado à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire, Paulo e demais pessoas (desconhecidas).Boston, EUA, 1969. Acervo pessoal doado à pesquisadora.

_____. Fotografia – Elza Freire, Paulo, Pepetela e demais camaradas. Lobito, Angola, 1976. Acervo pessoal, doado à pesquisadora.

II)ACERVOS/ARQUIVOS:

Academia Santa Gertrudes – Olinda/PE/Brasil.

Acervo Instituto Paulo Freire – IPF. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo Jornal NôPintcha– Centro de Imprensa. Bissau/Guiné-Bissau.

Acervo e Arquivo Paulo Freire – IPF. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo Paulo Freire – PUC. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo pessoal de Ana Francisca Barbosa. Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Acervo pessoal de Armando (Miki) Noba. Bissau/Guiné-Bissau.

Acervo pessoal de Augusta Henriques. Bissau/Guiné-Bissau.

Acervo pessoal de André Corsino Tolentino. Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Acervo de Beatriz e Mário Cabral. Bissau/Guiné-Bissau.

Acervo pessoal de Cristina Freire Heiniger. Genebra/Suíça.

Acervo pessoal de Fátima Freire Dowbor. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo pessoal de Florenço Mendes Varela. Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Acervo pessoal de Lutgardes Costa Freire. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo pessoal de Madalena Freire. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo pessoal de Paulo de Tarso dos Santos. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo pessoal de Vasco Santos. São Paulo/SP/Brasil.

Acervo pessoal de Vera Barreto. São Paulo/SP/Brasil.

Archivo Provincial de la Memoria. Córdoba, Argentina.

ArquivoEdgard Leuenroth – AEL. IFCH/UNICAMP, Campinas/SP/Brasil.

Arquivos Históricos Nacionais
Complexo Escolar 14 de Novembro. Bissau/Guiné-Bissau.

ANCV – Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde
Chão d'Areia – Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Arquivo Público Centro de Estudos em Educação VEREDA. São Paulo/SP/Brasil.

Arquivo Público DGAEA – Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos – Instituto de Educação Superior – Rua Paulo Freire nº 1. Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Arquivo Público INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
Complexo Escolar 14 de Novembro. Bissau/Guiné-Bissau

Arquivo Público Instituto Paulo Freire – IPF. São Paulo/SP/Brasil.

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE
Sede e Anexo I (DOP'S). Recife/PE/Brasil.

Arquivo Público Fundação Amílcar Cabral – FAC
Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Arquivos Públicos de Olinda/PE/Brasil.

Arquivo Público Universidade de Cabo Verde – UniCV
Campus do Palmarejo – Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Biblioteca DGAEA – Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos
Ministério da Educação e do Desporto – Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Biblioteca do Governo – Palácio do Governo
Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Biblioteca Nacional de Cabo Verde
Várzea – Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Banco de dados. CAPES. Também disponível <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> [Acesso desde 2007].

Biblioteca Walter Wey – Memorial da Resistência de São Paulo. São Paulo/SP/Brasil.

Brasil Nunca Mais Digit@l –
Também disponível http://bnmdigital.mpf.mp.br/#!/ [Acesso desde 2013].

Cadeia Pública e Museu Público de Olinda/PE/Brasil.

Casa das Áfricas. São Paulo/SP/Brasil.

Casa dos Direitos. Rua Guerra Mendes – Esquadra de Bissau – Bissau/Guiné-Bissau.

CEDOC – Centro de documentação Dom Helder Câmara– Recife/PE/Brasil.

Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985) – Disponível em <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home> [Acesso desde 2011].

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas – Cidade Universitária – Recife/PE/Brasil.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) – São Paulo/SP/Brasil. Também disponível <http://cpdoc.fgv.br/> [Acesso desde 2011].

Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985) – Disponível em <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>[Acesso desde 2011].

Centro de Referência Paulo Freire – CRPF. IPF, São Paulo/SP/Brasil.

Comissão Nacional da Verdade – Brasília/DF/Brasil.
Também disponível <http://www.cnv.gov.br/>[Acesso desde 2011].

Complexo IEP – Instituto de Educação de Pernambuco. Recife/PE/Brasil.

Convento de Nossa Senhora da Conceição. Olinda/PE/Brasil.

Departamento de Ordem Política e Social – DOP's. APEJE, Anexo I. Recife/PE/Brasil.

Desarquivando – Disponível em
<http://desarquivandobr.wordpress.com/> [Acesso desde 2011].

DHnet – Rede de Direitos Humanos e Cultura – Disponível em
<http://www.dhnet.org.br/memoria/nuncamais/index.htm> [Acesso desde 2011].

Documentos Revelados – Disponível em<http://www.documentosrevelados.com.br/> [Acesso desde 2012].

Escola de Artes do Recife. Recife/PE/Brasil.

FacultadLatinoamericana de CienciasSociales
Disponível em <http://www.flacso.org/> [Acesso desde 2010].

Fundação Amílcar Cabral
Rua Dr. Júlio Abreu nº 5 – Plateau. Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Fundação Joaquim Nabuco – Recife/PE/Brasil.
Também disponível <http://www.fundaj.gov.br/>

Fundação Perseu Abramo. São Paulo/SP/Brasil.
Também disponível <http://novo.fpabramo.org.br> [Acesso desde 2012].

Fundo Florestan Fernandes.
Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos – BCo/UFSCar. São Carlos/SP/Brasil. Também disponível <http://www.bco.ufscar.br/acervo/fundo-florestan-fernandes> [Acesso desde 2013].

Fundo Gabriela Mistral.
Retablo de Literatura Chilena. Facultad de Filosofía y Humanidades de laUniversidadde Chile. Disponível <http://www.gabrielamistral.uchile.cl/index.html>[Acesso desde 2012].

Instituto Capibaribe. Recife/PE/Brasil.

Instituto Universitário de Educação – IUE – Achada d' Santo Antônio
Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde

Léman Classics – Disponível em <http://www.lemanclassics.com> [Acesso desde 2010].

Matriz da Soledade. Recife/Pernambuco/Brasil.

Mediateca da Universidade Jean Piaget – UniJP
Palmarejo Grande. Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Memorial da América Latina. São Paulo/SP/Brasil.
Também disponível<http://www.memorial.org.br/>

Memorial da Resistência de São Paulo. São Paulo/SP/Brasil.
Também disponível <http://www.memorialdaresistenciasp.org.br>

Memorial Dom Helder Câmara. Recife/PE/Brasil.

Ministério da Educação e do Desporto – Palácio do Governo e Achada d' Santo Antônio – Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

Ministério da Justiça. Brasília/DF/Brasil.
Também disponível <http://www.justica.gov.br/portal/ministerio-da-justica/home.htm>
[Acesso desde 2012].

Movimento Tortura Nunca Mais. Recife/PE/Brasil.

Netos de Bandim
Grupo folclórico – Bissau/Guiné-Bissau.

PAICV – Partido Africano pela Independência de Cabo Verde
Plateau – Cidade da Praia/Ilha de Santiago/Cabo Verde.

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
Praça "Aos Heróis da Independência" – Bissau/Guiné-Bissau.

Portal das Memórias de África e do Oriente – Disponível em <http://memoria-africa.ua.pt/> [Acesso desde setembro de 2013].

Revista Brasileiros. São Paulo/SP/Brasil.
Também disponível <http://www.revistabrasileiros.com.br/> [Acesso desde 2012].

RVQ – Rádio Comunitária Voz de Quelelé. Bissau/Guiné-Bissau

Secretaria de Estado de Educação. Recife/PE/Brasil.

Secretaria de Direitos Humanos. Brasília/DF/Brasil.
Também disponível <http://portal.sdh.gov.br/> [Acesso desde 2012].

Seminário de Olinda/PE/Brasil.

Tiniguena – ONG
Avenida Caetano Semedo – Bairro de Belém – Apartado 667 – Bissau/Guiné-Bissau

VEREDA – Centro de Estudos em Educação – São Paulo/SP/Brasil.

III) DOCUMENTÁRIOS E FILMOGRAFIA

A cor do seu destino. Direção: Jorge Duran. Brasil, 1986.

A guerra. Direção: Joaquim Furtado. In: Série documental, RTP – Rádio Televisão Portuguesa. Portugal, 2007.

A ilha dos escravos. Direção: Francisco Manso. Cabo Verde, 2008.

Amílcar Cabral. Direção: Ana Ramos Lisboa. Cabo Verde, Portugal. 2001.

Anos no oça luta. Direção: Sana Na N'Hada e Flora Gomes. Guiné-Bissau, 1976.

As crianças e a tortura (Histórias das crianças vítimas da ditadura). In: Série do Jornal da Record. Brasil, 2013.

AI-5: o dia que não existiu. Direção: Paulo Markun. Brasil, 2005.

Batismo de sangue. Direção: Helvécio Ratton. Brasil, 2006.

Batuque, a alma do povo. Direção: Júlio Silvão Tavares, Cabo Verde, 2007.

Bissau D'Isabel. Direção: Sana Na N'Hada, Guiné-Bissau, 2005.

*Brazil, a Reportoon Torture.*Tradução: Brasil, o relato de uma tortura. Direção: Hannah Eaves, EUA, 1971.

Cabra marcado para morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 1984.

Cabo Verde, NhaCretxeu. Direção: Ana Ramos Lisboa, Cabo Verde, 2007.

Calle 13 – Latinoamérica. Tradução: Rua 13 – América latina. Direção: Jorge Carmona y MilovanRadovic. Peru, 2011.

Condor. Direção: Roberto Mader. Brasil, 2007.

Eles não usam black-tie. Direção: Leon Hirszman, baseado na peça de Gianfrancesco Guarnieri, Brasil, 1981.

Em nome da segurança nacional. Direção: Renato Tapajós. Brasil, 1984.

Estádio Nacional. Direção: Carmen Luiz Paroz. Brasil, 2001.

Eu me lembro. Direção: Luiz Fernando Lôbo. Brasil, 2012.

Feliz ano velho. Direção: Roberto Gervitz. Brasil, 1987.

Hércules 56. Direção: Sílvio Da-Rin. Brasil, 2007.

Infância clandestina. Direção: Benjamín Ávila. Espanha, Argentina e Brasil, 2012.

Jango. Direção: Sílvio Tendler. Brasil, 1984.

La batalla de Chile: la lucha de um Pueblo sin armas. Tradução: A batalha do Chile: a luta de um povo sem armas. Direção: Patricio Guzmán. Venezuela, Cuba, França e Chile, 1972-1979.

La fauteà Fidel! Tradução: A culpa é do Fidel! Direção: Julie Gravas. França, 2006.

Liberdade de Imprensa. Direção: João Batista de Andrade. Brasil, 1967.

Marighella. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Brasil, 2012.

Memórias do Cárcere. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil, 1984.

Memória do Movimento Estudantil – Parte 1 e 2. Direção: Sílvio Tendler. Brasil, 2007.

Mortu Nega. Direção: Flora Gomes, Guiné-Bissau, 1988.

Mulheres do Brasil, Presente! – I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. Direção JAMalheiros. Brasil, 2002.

Nha fala. Flora Gomes, Guiné-Bissau, 2002.

*No!*Direção: Pablo Larrín. Chile, 2012.

No olho do furacão. Direção: Renato Tapajós. Brasil, 2003.

O ano em que meus pais saíram de férias. Direção: CaoHamburger. Brasil, 2006.

O dia que durou 21 anos. Direção de Camilo Tavares. Coprodução da TV Brasil com Pequi Filmes, Brasil, 2011.

O ilhéu de Contenda. Direção: Leão Lopes. Cabo Verde, 1995.

O fim do esquecimento. Direção: Renato Tapajós. Brasil, 2013.

O percurso de Cabo Verde. Direção: Guenny Pires, Cabo Verde, 2004.

O regresso de Cabral. Direção: Sana Na N'Hada e Flora Gomes. Guiné-Bissau, 1976.

Olga. Direção: Jayme Monjardim. Brasil, 2004.

Paulo Freire Contemporâneo – Parte 1 e 2. Direção: Toni Venturi. Brasil, MEC, 2007.

Pra frente, Brasil. Direção: Roberto Farias. Brasil, 1982.

Pó disangui. Direção: Flora Gomes, Guiné-Bissau, 1996.

Udju azul diYonta. Direção: Flora Gomes. Guiné-Bissau, 1992.

Violeta se fue a loscielos – Tradução: Violeta foi para o céu. Direção: Andrés Wood. Chile, Argentina e Brasil, 2011.

Xime. Direção: Sana Na N'Hada, Guiné-Bissau, 1994.

Zuzu Angel. Direção: Sérgio Rezende. Brasil, 2006.

15 filhos (Parte 1 e 2). Direção: Maria Oliveira e Marta Nehring. Brasil, 1996.

1964: Um golpe contra o Brasil. Direção: Alípio Freire, Brasil, 2013.

1969 – Tradução no Brasil: 1969 – O ano que mudou nossas vidas. In: Ernest Thompson. Estados Unidos, 1988.

IV) DISCOGRAFIA

A vida do viajante. Luiz Gonzaga e Gonzaguinha. Gravadora EMI-Odeon. Brasil, 1981.

Boca kepapia. José Carlos Schwarz. Discoteca Balafon. Portugual, 2007.

BrazilianGuitar. CD: LC 44601. Joaquim Freire. Gravadora Léman Classics. Suíça.

Caetano Veloso. Caetano Veloso. Gravadora Philips. Brasil, 1967.

Chico Buarque. Chico Buarque. Gravadora Polygram/Philips. Brasil, 1978.

El derecho de vivirenpaz. Victor Jara. DICAP. Chile, 1971.

El grito de latierra. Mercedes Sosa. Gravadora Philips. Argentina, 1970.

Elis, essa mulher. Elis Regina. Gravadora Warner. Brasil, 1979.

Encanteria e Tua. Maria Bethânia. Gravadora Biscoito Fino, 2009.

Españala musa. CD LC 4125-401. Joaquim Freire e Susanne Mebes. Gravadora Léman Classics. Suíça.

Fugas y Fandangos. CD: LC 44401. Joaquim Freire e Susanne Mebes. Gravadora Léman Classics. Suíça.

Geraldo Vandré no Chile. Geraldo Vandré. Gravadora BancoBenvirá, 1969.

Jesus não tem dentes no país dos banguelas. Titãs. Gravadora WEA. Brasil, 1987.

Joaquim Freire desempenha Ponce, Villa-Lobos e Ginastera. CD: LC 42601. Joaquim Freire. Gravadora Léman Classics. Suíça.

La Diva auxpied nus. Cesária Évora. Gravadora Lusafrica. França, 1988.

Las últimas composiciones de Violeta Parra. Violeta Parra. Gravadora RCA. Chile, 1966.

Linha De Passe. João Bosco. Gravadora RCA. Brasil, 1979.

Sangrando. Gonzaguinha. Gravadora EMI-Odeon. Brasil, 1980.

Udus keodja. José Carlos Schwarz. Discoteca Balafon. Portugal, 2007.

V) BIBLIOGRAFIA

A

A Educação na Quadragésima Hora. In: Revista *O Cruzeiro*, edição de 04 de maio de 1963.

ABRAMO, Perseu. *A Greve, as Prisões e os CBAs*. Jornal Movimento, edições 20 de abril e 04 de maio de 1980.

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). *Convención sobre el Estatuto de los refugiados*, 1951. Disponível também <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/0005.pdf>[Acesso 2012-06-06].

ADORNO, Theodor W. *Educação após Auschwitz*. In: Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGUIAR, Roberto Oliveira de. *Recife - da Frente ao Golpe. Ideologias políticas em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1993.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALVES, António. *Pelas regiões libertadas da Guiné (Bissau): A Missão Especial da ONU nas regiões libertadas*. Lisboa: Distribuidora e livraria Ler, 1974.

ALVES, Márcio M. *O beabá dos MEC-USAID*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Gernasa, 1968.

ALVES, Maria H. M. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: Edusc, 2005.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. As grades. In: *Livro Sexto*, Lisboa: Livraria Morais Editora, 1962.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Mãos dadas. In: *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1940.

ANDRADE, Auro Moura. *Um Congresso contra o arbítrio: diários e memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAPIRACA, José O. *A USAID e a educação brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica da teoria do capital humano*. São Paulo: Cortez, 1982.

ARAÚJO, Marta M. de. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. In: *RBHE – Dôssie "O público e o Privado na Educação Brasileira"*. Campinas: Autores Associados, 2003.

ARAVENA, Francisco Rojas. *Chile: mudança política e inserção internacional, 1964-1997*. Revista Brasileira de Política Internacional. Brasília, v. 40, nº 2, 1997.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARNS, Dom Paulo Evaristo (Org.). *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Reaprendendo o Brasil. In: VALE, Maria José [et. al.], Projeto Memória. *Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

ARQUIDIOCESE de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
____. *Perfil dos atingidos*. Petrópolis: Vozes, 1987.

ARRAES, Miguel. *O Brasil, o povo e o poder*. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2008.

_____. *Pensamento e ação política*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Tradução de Dora Rocha. In: *Revista Estudos Históricos*, Vol. 11, n. 21, CPDOC/FGG, 1998.

ASSIS, José Carlos de. *A chave do tesouro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Os mandarins da República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____.& TAVARES, Maria da Conceição. *O grande salto para o caos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

B

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Governo João Goulart – As lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Revan; Brasília: UnB, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. Paulo Freire e a arte-educação. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia,* p. 637-639. São Paulo: Cortez, IPF, UNESCO, 1996.

BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educador*es. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____. &BARRETO, José Carlos. *Dois alfabetizadores antes do Golpe de 64 (uma experiência fundamentada no pensamento de Paulo Freire).* São Paulo: VEREDA, 1992. Mimeo.

BAUER, Carlos. *A natureza autoritária do Estado no Brasil contemporâneo. Elementos de história e questionamentos políticos*. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2012.

_____. *Contribuição para a história dos trabalhadores brasileiros*. V. 1. O despertar libertário. São Paulo: Pulsar, 1994.

_____. *Contribuição para a história dos trabalhadores brasileiros.* V. 2. A hegemonia vermelha. São Paulo: Pulsar, 1995.

_____. *Os trabalhadores e a luta pela construção da democracia no Brasil (1964-1983)*. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: USP, 2001.

_____. *Educação, terra e liberdade: princípios educacionais do MST em perspectiva histórica.* São Paulo: Edições Pulsar & Editora Xamã, 2009.

BAUER, Caroline Silveira. *Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória*. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2012.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado e Educação Popular: um estudo sobre a educação de adultos.* São Paulo: Pioneira, 1974.

_____. *Política e Educação Popular (A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)*. São Paulo: Ática, 1982.

BELLO, Ruy. *Subsídios para a história da educação em Pernambuco.* Recife: Secretaria da Educação, 1978. Apostila.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Tradução: Modesto Carone [et. al.]. In: BENJAMIN, W; HORKHEIMER, M.;ADORNO, T; HABERMAS, J.*Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BERNARDES, Denis. *Recife: O caranguejo e o viaduto*. Recife: UFPE, 1996.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila [et. al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari.*Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos.* Porto: Porto Editora, 1994.

BORREGO, Iñaki García & PEDREÑO, Andrés. Presentación. In: *Empiria. Revista de Metodología de CienciasSociales*, nº 19, enero-junio. Madrid: UNED, 2010.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da Memória – Ensaios de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia.* São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRASIL. Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Concede Anistia e dá outras providências. Diário Oficial da União – Seção 1, 28 de agosto de 1979, p. 12265. Também disponível <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm>[Acesso em 2013-05-18].

BRASIL. Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011. Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Diário Oficial da União – Também disponível <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2011/lei-12528-18-novembro-2011-611803-norma-pl.html> [Acesso em 2013-05-25].

BRITO, Alexandra Barahona de; GONZÁLEZ-ENRÍQUEZ, Carmen & AGUILAR, Paloma. *The politcs of Memory: Transitional Justice in Democratizing Societies*. Nova York: Oxford University, 2001.

BRÜHL, Dieter. *Método Científico e Objeto nas Ciências Sociais: algumas reflexões sobre o caráter dialético do processo de pesquisa em Ciências Sociais.* S/d; S/Ed. Mimeo.

BRUNEAU, Michel. *Espaces et territoires de diasporas*. In: L'EspaceGéographique, v. 1, 1994.

_____. *Lieux de mémoire, hautslieux et diaspora: Sanda et Soumeladansladiasporagrecquepontique*. In: L'EspaceGéographique, v.2, 1995.

_____. Pour une approche de La territorialité internationale: lês notions de disapora et de communité transnationale. In ARAB, C; BABY-COLLIN, V.; BERTONCELLO, B. [et. al.]. *Les circulations transnationales. Lirelesturbulencesmigratoirescontemporaines.* Paris: Armand Colin, pp. 29-42, 2009.

C

CABRAL, Amílcar. A arma da teoria: unidade e luta. In: *Obras escolhidas de Amílcar Cabral.* ANDRADE, Mário de (Org.). Lisboa: Empresa de Publicidade Seara Nova, 1976.

_____. Intervenções. In: *Seminário de Quadros do PAIGC*, Guiné-Conacry, de 19 a 24 de novembro de 1969. Mimeo.

CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes – Padres e comunistas na revolução sem violência*. Editora José Álvaro, 1964.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e não-escrita. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.); *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Câmara dos Deputados. Disponível também <http://www2.camara.gov.br/>[Acesso desde 2011].

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues. *Cartas e Escrita*. Tese (Doutorado em Educação) - Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

CARDOSO, Humberto. *O Partido Único em Cabo Verde: um assalto à esper*ança. Praia: Imprensa Nacional, 1993.

CARLOS, Juliana de Oliveira. A anistia e a luta pelos direitos humanos no Brasil. In: *Cadernos do AEL: Anistia e direitos humanos*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 13, n. 24/25, 2008, p. 169-206.

Cartilha vai orientar os exilados. *Secretaria Nacional de Exilados*. Roma: Comitê Italiano pela Anistia no Brasil, 1979. Folha de São Paulo, 16 de fevereiro de 1979.

CASELLA, Paulo Borba. Refugiados: conceito e extensão. In: ARAÚJO, Nádia de & ALMEIDA, Guilherme Assis (Orgs.).*O Direito Internacional dos Refugiados: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

CASTELLINO, Marta Elena. *Sentido americanista y social em la poesia de Tejada Gómez.* In: Poesía, Alpha Libros. S/d; S/Ed.

CASTIANO, José P. & NGOENHA, Severino Elias. *Pensamento engajado*. Maputo: Editora Educar, Universidade Pedagógica, 2011.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. *Geopolítica da Fome: ensaios sobre os problemas de alimentação e de população do mundo.* Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.

CAVALCANTI, Pedro C. Uchôa & RAMOS, Jovelino (Coords.), *Memórias do exílio. Brasil 1964/19?? De muitos caminhos.*São Paulo: Editora e Livraria Livramento Ltda, 1978.

CECCON, Claudius& OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. *A vida na escola e a escola na vida.* Petrópolis: Editora Vozes em co-edição IDAC, 1991.

CHACON, Vamireh.*História das ideias sociológicas no Brasil*.São Paulo: EDUSP/Editora GrijalboLtda, 1977.

_____. *O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.

CHARF, Clara. Mulheres do Brasil, Presente! Vídeo. In: *I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres.* Direção JAMalheiros. Brasil, 2002.

CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Tradução: Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

CHIARA, Ana & ROCHA, Fátima Cristina Dias (Orgs.). *Literatura brasileira em foco: escritas da intimidade.* Rio de Janeiro: UERJ, Casa Doze, 2009.

CHIRIO, Maud. *Lestrajectoriesintellectuelles et politiques desexilésbrésiliens pendant le régime militaire (1964-1979)*. Histoirecontemporainedes mondes étrangers et desrelationsinternacionales. Université Paris I – Panthéon Sorbonne (Memoire de DEA), 2004.

COHN, Amélia. *Crise regional e planejamento*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CONDORCET, Marquês de. Rapport surl'instructionpublique.In: BACZKO, B. (Org.). *Une éducation pour la democratie*. Genebra: LibrairieDroz, 2000, p. 181-258. Tradução de Eduardo Cruz: Instrução pública e organização do ensino. Porto: Educação Nacional, 1943.

CONY, Carlos Heitor. A Revolução dos Caranguejos. In: CONY, Carlos H.; SCLIAR, Moacyr & VENTURA, Zuenir. *Vozes do Golpe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CORALINA, Cora. Mulher da vida. In: *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais*. Goiânia: UFG, 1980.

CORTES, Geneviève& FARET, Laurent. *La circulation migratoiredans "l'ordredêsmobilités*. In: ARAB, C.; BABY-COLLIN, V. &BERTONCELLO, B. [et. al.]. Lescirculationstransnationales. Lirelesturbulencesmigratoirescontemporaines.Paris: Armand Colin, 2009.

CORTEZ, LuciliGrangeiro. *O Drama Barroco dos Exilados do Nordeste*. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

CORTEZ, Marcius. *O golpe na alma*. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008.

COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES, Maria Teresa Porciuncula; MARZOLA, Norma & LIMA, Valentina da Rocha (Orgs.). *Memórias das mulheres do exílio.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COURGEAU, Daniel. *Methodes de mesure de lamobilitéspatiale: migrations internes, mobilitétemporaire, navettes*. Paris: Editions de l'Institutnational d'etudesdemographiques, 1988.

COUTO, Mia. Poema da despedida. In: *Raiz De Orvalho e Outros Poemas*. Lisboa: Editora Caminho, p. 55, 1999.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. Militares e anistia no Brasil: um dueto desarmônico. In: TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir (Orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira.* São Paulo: Boitempo, 2010.

CUNHA, Luís Antônio. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

_____.& GÓES, Moacyr de. *O Golpe na Educação*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

D

D'ARAÚJO, Maria Celina & CASTRO, Celso (org.) *Democracia e Forças Armadas no Cone Sul.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____.; SOARES, Gláucio Ary Dillon&CASTRO, Celso. *Os anos de chumbo – a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DAVIDSON, Basil. *A libertação da Guiné: aspectos de uma revolução africana*. Tradução: Antônio Neves-Pedro. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1975.

_____. *A política da luta armada: libertação nacional nas colônias africanas de Portugal.* Tradução: Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Editora Caminho, 1979.

_____. *As ilhas afortunadas*. Tradução: José Garibaldi. Lisboa: Editora Caminho, 1988.

_____. *Os camponeses africanos e a revolução*. Tradução: Antônio Neves-Pedro. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.

DEBIAGGI, Sylvia. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: MARTES Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Org.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.* São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DEVREUX, Anne-Marie. Verbete: Família. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.), *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

Direito à Memória e à Verdade. Comissão Especial sobre Mortos e Desparecidos Políticos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2007. Também disponível <http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_direito_memoria_verdade/livro_direito_memoria_verdade_sem_a_marca.pdf>[Acesso desde 2011].

Dossiê para Anistia de Paulo Freire. Ministério da Justiça – Comissão de Anistia.

DOWBOR, Fátima Freire. Fevereiro de 1977. In: COSTA [et. al.]. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

DOWBOR, Ladislau. *O mosaico partido: a economia além das equações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe.* Tradução Else R. Pires (Supervisora)[et. al.]. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais***.** Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUBET, François. *Sociologia da Experiência*. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

E

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos.* Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *Envolvimento e distanciamento*. Tradução Álvaro de Sá. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Introdução à Sociologia*. Tradução Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. *Mozart, sociologia de um gênio*. Tradução Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1995.

_____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *O processo civilizador*, Vol. II. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1994.

_____. *Sobre o tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

_____. & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ÉVORA, Roselma. *Cabo Verde: abertura política e a transição para a democracia*. Cidade da Praia: Spleen Edições, 2004.

F

FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Tradução: Isabel Pascoal. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

_____. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930. Historiografia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FÁVERO, Maria de Lourdes A. *A UNE em tempos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

_____.& BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED, 2002.

FÁVERO, Osmar. *Cultura popular, educação popular, memória dos anos 60.* Rio de Janeiro: Grall, 1983.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.* Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1975.

_____.A geração perdida. In:*A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo da formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. Cartas. In: FREITAG, Barbara. *Florestan Fernandes por ele mesmo*. Revista Estudos Avançados, V. 10, nº 26. USP, 1996.

_____. Memória. Entrevista concedida a Paulo de Tarso Venceslau. In: *Revista Teoria e Debate*, edição 13, janeiro/fevereiro/março de 1990.

_____. Sobre o trabalho teórico. Entrevista. In: *Revista Transformação*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1975, p. 05-85.

_____. Prefácio. In: PEREIRA, Luiz. *A Escola numa Área Metropolitana*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL/USP, 1960.

_____. Resposta às intervenções: um ensaio de interpretação sociológica crítica. In: FÉLIX, Moacir (Org.). *Encontros com a Civilização Brasileira*.Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1978.

FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERRER, Eliete (Org.), *68 a geração que queria mudar o mundo: relatos*. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, 2011. Impresso.

FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do silêncio – a história do serviço secreto brasileiro, de Washington Luís a Lula (1927-2005)*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FILHO, João Medeiros. *82 horas de subversão*. Brasília. Editora do Senado: 1980.

FORGET, Danielle. *Conquistas e Resistências do Poder – a emergência do discurso democrático no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

FREIRE, Elza Costa. Setembro de 1977. In: COSTA [et. al.]. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Lutgardes Costa. Paulo Freire por seu filho. In: *Paulo Freire – Vida e obra.* SOUZA, Ana Inês (Org.). São Paulo: Editora Expressão Popular Ltda, 2001.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
_____. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez: 1997.

_____. Canção óbvia. In: VALE, Maria José [et. al.], Projeto Memória. *Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico*, p. 39. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

_____. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Conscientização e Alfabetização. In: *Revista de Cultura da Universidade do Recife*, 1963, p. 12.

_____. *Conscientização e Alfabetização – Uma nova visão do Processo*. Recife: Serviço de Extensão Cultural – SEC, Universidade do Recife, 1963. S/d; S/Ed. Mimeo.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. Recife: UFPE, 1959. S/d; S/Ed. Mimeo.

_____. *Entrevista*. In: Pasquim, Rio de Janeiro, ed. 9, maio de 1978, p. 10-14.

_____. *Exílio, "doloroso desenraizamento"*. Carta, setembro de 1966. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.), Pedagogia da Tolerância. São Paulo: UNESP, 2005.

_____.*Há uma unidade indissolúvel entre a revolução e a educação*. Entrevista. In: Jornal "NôPintcha", Bissau, Guiné-Bissau, ed. 09 de abril, 1977, p. 05.

_____. *O profeta do be-a-bá*. Entrevista. In: Páginas amarelas, revista Veja, edição de 20 de junho de 1979.

_____. *Paulo Freire e a experiência da alfabetização em Cabo Verde*. Entrevista. In: Alfa jornal do alfabetizado,DGAEA. Praia, Cabo Verde, Ano XV, nº 140, ed. Setembro, 2003.

_____. *Paulo Freire em Bissau*. Entrevista. In: Jornal "NôPintcha",Bissau, Guiné-Bissau, ed. 19 de fevereiro de 1976, p. 02.

_____.*Paulo Freire, um educador ao serviço da nova escola: "Um centro democrático com o professor e o aluno engajados na realização de objetivos sociais".* Entrevista. In:Jornal "NôPintcha", Bissau, Guiné-Bissau, ed. 21 de outubro, 1976, p. 04-05.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento, 1972.

_____. *Pedagogia da Tolerância*. In: FREIRE, Paulo. FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). São Paulo: UNESP, 2005.

_____.& BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho.* São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____.& FAUNDEZ, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. & GUIMARÃES, Sérgio. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____.*Aprendendo com a própria história*. Vol.I. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____.*Aprendendo com a própria história*. Vol. II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____.& HORTON, Myles. *O Caminho se faz caminhando.* Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. & MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____ & OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; CECCON, Claudius. *Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular*. São Paulo: Livraria Brasiliense Editora S.A., 1980.

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade.* São Paulo: Moraes, 1980.

FURTADO, Celso. *A Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1989.

FURTADO, Cláudio. Democracia na África: possibilidades e limites. In: *Ciclos de debates: Direitos Humanos, Cidadania e Democracia*. Praia, Cabo Verde, p. 1-15, Nov. 1997.

G

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *As palavras andantes*. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. *Días y noches de amor y de guerra*. Buenos Aires: Catálogos Editora, 1984.

_____. *Espejos: uma historia casi universal*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*, vol. 1. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *A Ditadura Escancarada*, vol. 2. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *A Ditadura Derrotada*, vol. 3, São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. *A Ditadura Encurralada*, vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

GARCIA, Walter E.*Educação Brasileira Contemporânea*. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

GHIRALDELLI, Jr. Paulo. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

GERMANO, José Willington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____.*Lendo e Aprendendo. A Campanha de pé no chão*.São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, Ângela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e do mito Vargas: o calendário de 1940. In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo e ROLLAND, Denis (Orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil/França*. São Paulo: Cortez, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.* Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

_____. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GONÇALVES DIAS, Antônio. Canção do exílio. In: *Contos Literários*. Coimbra, Portugal, 1843.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

GOULART, Maria Thereza Fontella. *Entrevista*. In: Jornal Folha de São Paulo, edição de domingo, 26 de agosto de 2012. São Paulo. Também disponível <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/1142212-viuva-do-presidente-joao-goulart-fala-sobre-golpe-militar-e-elogia-dilma.shtml>[Acesso em 2012-08-26].

_____. Entrevista: Memórias do exílio. In: *Revista Aventuras na História – Para viajar no tempo*, edição 056, março de 2008, Editora Abril. São Paulo.

GRAMSCI, Antonio. Cartas. In: *Cartas do Cárcere – Antologia*. Tradução Carlos Dias Diegues. Galiza: Estaleiro Editora, 2011.

GRECO, Heloísa. *Dimensões fundacionais da luta pela anistia.* Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GREENHLAGH, Luís Eduardo. *Discurso de Roma, 28 de junho de 1979*. In: GRECO, Heloísa. Dimensões fundacionais da luta pela anistia. Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GUAZZELLI, César Augusto B., *História contemporânea da América Latina: 1960-1990*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GUERRA, José Augusto. Introdução. In: *Mensagens presidenciais, 1947-1964*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1978. Documentos parlamentares, impresso.

GULLAR, Ferreira. *Poema Sujo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Dentro da noite veloz*. Rio de Janeiro: Editor José Olympio, 1979.

H

HALAN, Hope. Prefacio. In: *Alto comissionado de Naciones Unidas para los refugiados*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende [et. al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENFIL. *Carta de protesto ao presidente da República, o general Ernesto Geisel*. In: Revista Isto é, pág. 82, Edição de 10 de janeiro de 1979.

HEINIGER, Cristina Freire. Depoimento II – Convivência com meus pais (1947-64). In: FREIRE, Paulo. ROMÃO, João Eustáquio (Org.), *Educação e Atualidade Brasileira*, São Paulo: Cortez Editora, IPF, 2001.

HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1977.
_____. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HELOANI, Roberto & CAPITÃO, Cláudio Garcia. Formulações gerais sobre o objeto de pesquisa em psicologia: estudo de caso. In: MATIAS, Maria Cristina Moreno & ABIB, José Antônio Damásio (Orgs.), *Sociedade em transformação: estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade.*. Londrina: EDUEL, 2007.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HIRANO, Sedi& RODRIGUES, José Albertino R. Curso Elaboração de Projeto e Relatório de Pesquisa.In: *Material da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo – ASESP*, S/d; S/Ed. Mimeo.

HIRATA, Helena & KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais.* COSTA, Albertina de Oliveira; SORJ, Bila; BRUSCHINI, Cristina e HIRATA, Helena (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

I

IANNI, Octávio. *As metamorfoses do Escravo*. São Paulo: Difel, 1962.

_____. *O ciclo da revolução burguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

J

J. Gabriel Barbosa. *Adoro ensinar violão*. In: Swissinfo.ch, edição 16 de julho de 2004. Suíça. Também disponível <http://www.swissinfo.ch/por/especiais/musica/Adoro_ensinar_violao.html?cid=881670> [Acesso desde 2010].

JACCOUB, Luciana de Barros. *Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco (1955-1968).*Recife: Massangana, 1990.

Jornal do Commercio. Recife/PE/Brasil.

Jornal Diário de Pernambuco. Recife/PE/Brasil.

Jornal Folha de São Paulo. São Paulo/SP/Brasil
Disponível também <http://acervo.folha.com.br/> [Acesso desde 2007].

Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo/SP/Brasil.
Também disponível <http://acervo.estadao.com.br/> [Acesso desde 2007].

JUBILUT, Liliana Lyra. *O direito internacional dos refugiados e sua aplicação no ordenamento jurídico brasileiro.*São Paulo, Método: 2007.

JULIÃO, Francisco. Esperança é meu signo. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa ... [et. al.]. *De muitos caminhos. Coleção Memórias do Exílio, Brasil 1964 – 19??*São Paulo: Editora e LivrariaLivramentoLtda, 1978.

K

KOHLSTED, Sally G., *Women in the History of Science: an Ambiguous Place*. In: Osiris, vol. 10, 1995, pp. 39-58.

KONDER, Leandro. O amor da revolucionária. In: *Camarada e amante. Cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches*. Tradução de Norma de Abreu Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KOSÍK, Karel. *Dialética do Concreto*, do original tcheco *Dialektikakonkrétniho*. Tradução de Célia Neves e AldericoToríbio. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

KOUDELKA, Josef. *Exils: Photografies*. Série Photo copies. França: Centre National de laPhotograph, 1987.

L

LAGÔA, Ana. *SNI como nasceu como funciona*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LAMOUREUX, Diane. Verbete: Público/privado. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.), *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

LARANJEIRA, Sonia (Org.). *Classes e movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 1990.

LARROSA, Jorge. *Estudar=Estudiar*. Tradução de TomazTadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: *Revista Brasileira de Educação* nº 19, p. 20-28, 2002. Rio de Janeiro.

_____. Narrativa, identidad y desidentificación. In: *La experiencia de la lectura. Estudios sobre Literatura y Formación*. Barcelona: Laertes S. A. de Ediciones, p. 461-484, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LECHIN, Juan. *Bolívia*. In: RABÊLO, José Maria & RABÊLO, Thereza. Diáspora: os longos caminhos do exílio. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LOPES, Carlos. O legado de Amílcar Cabral face aos desafios da ética contemporânea. In: *Cabral no cruzamento de épocas*, Fundação Amílcar Cabral (Org.). Cidade da Praia: Editora Alfa Comunicações, p. 81-97, 2005.

_____. Amílcar Cabral: uma inspiração para os dias de hoje. In: *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*, LOPES, Carlos (Org.). Tradução: Roberto Leal. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LOPES FILHO, José. Memória e Herança Cultura. In: *Revista de Estudos Cabo-verdianos*. Praia: Universidade de Cabo Verde (UNICV), p. 01-21, 2013.

_____. Construção da História de Cabo Verde. In: *Revista Islenha*. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), v. 15, p. 291-339, 2007.

_____. *Cabo Verde – Subsídios para um levantamento cultural*. Lisboa: Plátano Editora, 1981.

_____. *Vozes da cultura Cabo-verdiana*. Lisboa: Ulmeiro, 1998.

LOPES, José Vicente. *Cabo Verde: os bastidores da independência*. Cidade da Praia: Spleen Edições, 2002.

LOPES, Maria Margaret. Apresentação. In: *Gênero, ciências e história*, Cadernos Pagu, nº 15, 2000, Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU. Campinas: Gráfica do IFCH/UNICAMP.

_____. Mulheres e ciências no Brasil: uma história a ser escrita. In: PÉREZ SEDEÑO, Eulalia& ALCALÁ CORTIJO, Paloma (Orgs.). *Ciencia y gênero*. Coleção PhilosophicaComplutensia nº 15. Madri: UniversidadComplutense de Madrid, 2001.

_____. Gênero e história das ciências: iniciando uma reflexão no Brasil. In: HIRATA, Helena & SEGNINI, Liliana (Orgs.). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

LUTGARDES[tio de Paulo Freire]. Carta, dezembro de 1964. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida.* Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2006.

LUXEMBURGO, Rosa. Cartas.In: *Camarada e amante. Cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches.* Tradução de Norma de Abreu Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

M

MACDOWELL dos Santos, Cecília; TELES, Edson & TELES, Janaína de Almeida (Orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. Vol. I e II. São Paulo: Aderaldo &Rothschild Editores, 2009.

MACHADO, António.Proverbios y cantares XXIX em Campos de Castilla. In: *Antologia Poética*. Tradução, seleção e notas de José Bento. Lisboa: Cotovia, 1999.
MACHADO, Cristina Pinheiro. *Os exilados: 5 mil brasileiros à espera da anistia*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

MANHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). *Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider. *Militância política e solidariedades transnacionais: A trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e gênero. In : HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène & SENOTIER, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MAYER, Arno Joseph. *A força da tradição: a persistência do antigo regime (1848-1914)*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MAZZA, Débora. *A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: Uma leitura (1941-1964).* Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

_____. Mobilidade Humana e Direito. In: *VIII Reunion de Antropologia Del Mercosul*, 2009, Buenos Aires. Vol. 1. p. 1-15.

_____.; FERREIRA, Márciados Santos & SPIGOLON, Nima Imaculada. Mulheres, Memória e História em "Jogo de Cena". In: SOUZA, Sauloéber Társio de; CARVALHO, Carlos Henrique e RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza(Orgs), *Cinema e ensino de história da educação*. Campinas: Alínea, 2013.

MELLO, Almeri Bezerra de. *Para além dos verdes mares*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

_____. In: *Paulo Rosas reúne Yves Mota, Maria Adozinda, Argentina Rosas, Jarbas Maciel, Juracy Andrade, Almeri Bezerra, Germano Coelho para conversa e debate sobre a passagem dos anos 50 para os 60*. Recife: 2001. Mimeo.

MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto: porque a manhã vai chegar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e Outros poemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Tradução: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MENANDRO, Heloísa.*Verbete temático*. In: CPDOC/FGV. Também disponível: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx> [acesso em 2012-03-22].

MEZAROBBA, Glenda. Anistia de 1979: o que restou da lei forjada pelo arbítrio?. In: MACDOWELL dos Santos, Cecília; TELES, Edson & TELES, Janaína de Almeida (Orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. Vol. II. São Paulo: Aderaldo &Rothschild Editores, 2009.

_____. *O preço do esquecimento: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile)*. Tese (Doutorado) – São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH/USP, 2007.

_____. O processo de acerto de contas e a lógica do arbítrio. In: TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir (Orgs.) *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Um acerto de contas com o futuro: a anistia e suas consequências – um estudo do caso brasileiro.* Dissertação (Mestrado em Ciência Política). São Paulo: FFLCH, USP, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio & BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tradução Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009.

MISTRAL, Gabriela. *País de laausencia*. In: Tala. Buenos Aires: Editorial Sur, 1938.

MOI, Toril. *Simone Beauvoir. Conflits d'une intellectuelle*. Paris: Diderot Editeur, Arts et Sciences, 1995.

MORAES, João Quartim de. *Liberalismo e Ditadura no Cone Sul.* Campinas: UNICAMP, IFCH, 2001.

MORAES, Maria LygiaQuartim de. Direitos humanos e terrorismo de Estado: a experiência brasileira. In: *Cadernos AEL: Anistia e Direitos Humanos*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 13, n. 24/25, 2008, p. 69-96.
_____. *Feminismo, movimentos de mulheres e a (Re)construção da democracia em três países da América Latina*. Campinas: UNICAMP, IFCH – Primeira Versão nº 121, 2003.

MORAES, Vinícius de. Pátria minha. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998.

N

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/MEC, 1976.

NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998.

NERUDA, Pablo. *Para nascer nasci*. Tradução: Rolando Roque da Silva. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

NDJAI, Tcherno. *O pensamento político de Amílcar Cabral – suas contradições na libertação da Guiné-Bissau*. Portugal: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

NGOENHA, Severino Elias. *Filosofia Africana: Das Independências às Liberdades.* Maputo: Edições Paulinas, 1993.

NIEMEYER, Oscar. Niemeyer por ele mesmo. In: *Revista Nossa América*, edição 25, ano 2007.

NOGUEIRA, Francis M. G. *Ajuda externa para a educação brasileira: da USAID ao Banco Mundial*. Cascável/PR: Edunioeste, 1999.

NOGUEIRA, Oracy A. A sociologia no Brasil.In: FERRI, Mário G.; MOTOYAMA, Shoyo (Orgs.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: EPU/EDUSP/CNPq, v. 1, 1979-1981.

_____. Problema social e problema de investigação. In: *Revista Educação e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: INEP, Vol. III, nº 8, 1958.

NOGUEIRA, Vando. Suécia e Suíça. In: CORTEZ, LuciliGrangeiro. *O Drama Barroco dos Exilados do Nordeste.* Fortaleza: Editora UFC, 2005.

O

OLIVEIRA, Lucas Monteiro. O engajamento dos exilados na luta pela Anistia. In: *XXI Encontro Estadual de História – ANPUH/SP*. Anais do XXI Encontro Estadual de História. Campinas, UNICAMP, 2012.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião.*Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ONU. *Declaração dos Direitos Humanos*. Paris, 1948.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

P

PAGE, Joseph. *A revolução que nunca houve. O Nordeste do Brasil – 1955/1964.* Rio de Janeiro: Record, 1980.

PAIVA, Vanilda Pereira. *História da Educação Popular no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. *Educação Popular e Educação de Adultos, contribuição à História da Educação Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1973.

PASSETTI, Edson. *Conversação Libertária com Paulo Freire*. São Paulo: Imaginário, 1998.

Paulo Freire, anistiado político brasileiro. Org. Instituto Paulo Freire e Comissão de Anistia, Ministério da Justiça. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Brasília: Comissão de Anistia e Ministério da Justiça, 2012.

PÉCAUT, Daniel.*Os intelectuais e a política no Brasil*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PENNA FILHO, Pio. O Itamaraty nos anos de chumbo – O Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979). In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 52, p. 43-62, 2009.

PEPETELA [PESTANA, Artur Carlos Maurício]. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PERROT, Michelle. *Práticas da Memória Feminina*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1989.

PESSOA, Fernando. In: SILVA, Paulo Neves da (Org.). *Coleção Citações & Pensamentos*, São Paulo: Editora Leya, 2011.

PHILLIP, Rita Radl. Derechos humanos y género. In: *Cadernos CEDES*, vol. 30, nº. 81, p.135-155, 2010. Campinas.

PIGLIA, Ricardo. *Respiração artificial*. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: MEDIAfashion, 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. *Ideologia e desenvolvimento Nacional*. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1956.

PIOVESAN, Flávia. Direito internacional dos direitos humanos e lei de anistia: o caso brasileiro. In: TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir (Orgs.), *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

PIOZZI, Patrizia. Prefácio. In: VALLE, Maria Ribeiro do, *1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. Ensino laico e democracia na época das luzes: as "Memórias" de Condorcet para a instrução pública. In: *Educação & Sociedade*, Outubro 2009, vol. 30, nº 108, p. 917-922, Campinas/SP.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3. CPDOC/FGV, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10. CPDOC/FGV, 1992, p. 200-212.

PRESTES, Anita Leocádia. *Da Insurreição Armada (1935) à União Nacional (1938-1945)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Programa do PAIGC.In: Acervo da Fundação Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde. S/d; S/Ed. Mimeo.

Q

QUADRAT, Samantha Viz. Muito além das fronteiras. In: REIS FILHO, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

R

RABÊLO, José Maria & RABÊLO, Thereza. *Diáspora: os longos caminhos do exílio.* São Paulo: Geração Editorial, 2001.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Vol. I e II. São Paulo: Record, 1994.

REIS FILHO, Daniel A. & MORAES, Pedro de. *1968 – a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

Relatório do Seminário de Formação de Coordenadores Regionais de Alfabetização. São Vicente, Cabo Verde, 1979. Datilografado.

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REHMU – nºs 26 a 38, demais edições Disponível também <http://www.csem.org.br/remhu/>

Revista Nossa América, edição 25, ano 2007. Disponível também

<http://www.memorial.sp.gov.br/memorial/revistaNossaAmerica/25/rev25-port.pdf>
[Acesso desde 2012].

REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984*. Londrina: Editora UEL, 2001.

REZENDE, Antônio Paulo. *Recife – história de uma cidade*. Recife: JC, 2000.

RIBEIRO, Maria LuisaSantos. *História da educação brasileira: a organização escolar.* Campinas: Autores Associados, 1998.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza& SOUZA, Sauloéber Társio de (Orgs.). *Do público ao Privado, do Confessional ao Laico: A História das Instituições Escolares na Ituiutaba do Século XX*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. & SILVA, Elizabeth Farias da.*Primórdios da escola pública republicana no Triângulo Mineiro*. Ituiutaba: EGIL/FAPEMIG, 2003.

RIDENTI, Marcelo S. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
_____. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993.

RIVERA, Deodato. *Poesias.* In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa ... [et. al.]. *De muitos caminhos. Memórias do Exílio, Brasil 1964 – 19??* São Paulo: Editora e Livraria Livramento Ltda, 1978.

RODRIGUES, Loyola. *Poesia Reunida I*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2000.

ROLLEMBERG, Denise. Debate no exílio: em busca da renovação. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Arão. *História do Marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: Editora UNICAMP, v. 6, p. 291-339, 2007.

_____. Nômades, sedentários e metamorfoses: trajetórias de vida no exílio. In: REIS FILHO, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

_____. *Exílio entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil: 1930/1973*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

ROMÃO, João Eustáquio. *Contextualização: Paulo Freire e o Pacto Populista*. In: FREIRE, Paulo. ROMÃO, João Eustáquio (Org.), Educação e Atualidade Brasileira, São Paulo: Cortez Editora, IPF, 2001.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. In: *Dados – Revista de Ciências Sociais.* Rio de Janeiro, v. 53, n.1, p. 94, 2010.

ROSAS, Paulo. *Papéis Avulsos Sobre Paulo Freire, 1*. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas: Editora Universitária da UFPE, 2003.
ROUSSEFF, Dilma. Discurso de instalação da Comissão Nacional da Verdade. In: *Ilda ainda espera por notícias*. Revista Brasileiros, edição 59, julho de 2012.

S

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____.Dignidade e solidariedade. In: *Carré Rouge*, nº 26, outubro de 2003 a. Também disponível < http://www.carre-rouge.org/> [Acesso 2013-02-12].Homenagem quando de seu falecimento e um dos últimos artigos publicados em língua inglesa no *Al-AhramWeekly*, traduzido por Maria de Jesus de Britto Leite, professora da UFPE.

_____. *Fora do lugar: memórias*. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. *Humanismo e crítica democrática*. TraduçãoRosauraEichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAINT MARTIN, Monique de. Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França. In: *Análise Social*. Revista doInstituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Portugal, Vol. XXX (5º.), nº 134, p. 1023-1039, 1995.

SANFELICE, José Luiz. O Manifesto dos Educadores (1959) à luz da história. In: *Educação & Sociedade*, Maio/Agosto 2007, vol. 28, nº 99. Campinas/SP.

SANTOS, Paulo de Tarso. *Dialogar é preciso – Estudos Brasileiros*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.

_____. & COIMBRA, Oswaldo. *64 e outros anos.* São Paulo, Cortez, 1984.

SANTOS, Vasco. *Meu amigo Paulo de Tarso*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2010.

_____; SANTOS, Paulo de Tarso & SANTOS, Maria Nilse da Cunha. Brasília, anos 1960: de Paulo a Paulo. In: FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história.* São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Quem dará o golpe no Brasil?*. In: Coleção Cadernos do Povo Brasileiro, dirigida por Álvaro Vieira Pinto e Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. O legado educacional do'longo século XX' brasileiro. In: SAVIANI, Demerval [et. al.]. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. O pensamento de esquerda e a educação na República brasileira. In: *Pro-posições*, dezembro, 1990, v. 01, n. 3, p. 7-22. Campinas/SP.

_____. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Editores Associados, 1995.

_____. *Política e Educação no Brasil.* São Paulo: Cortez, 1987.

SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante.In: *Travessia*, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.

SCHÜTRUMPF, Jörn. *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*. Tradução: Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Rosa Luxemburgo, 2006.

SCHÜTZ, Alfred. O Estrangeiro – Um ensaio em psicologia social. Tradução Márcio Duarte e Michael Hanke. In: *Revista Espaço Acadêmico*, Ano X, nº 113, outubro, 2010.

SCHWARZ, José Carlos. Canta camarada. In: *Antologia Poética da Guiné-Bissau*. Bissau: Editorial Inquérito, 1990.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *Historias inéditas da educação popular: do Sistema Paulo Freire aos IPM's da ditadura*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

SCOTT, Parry. O retorno ao nordeste – refugo, família e reprodução. In:*Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Anais do V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, V. 2, ABEP, 1986.

SCOTT, JoanWallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre: V. 15, nº 2, 1990.

_____. O enigma da igualdade. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis: V. 13, nº 1, 2005.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Tese (Doutorado em Letras). Belo Horizonte: PUC,

2010.

SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola. Gabriela Mistral: tácticas de una maestra viajera. In: *Revista Colombiana de Educación*, p. 281-297, nº 61, 2011.

_____. Gabriela Mistral Y Pedro Aguirre Cerda: amigos, professores y políticos. In: *Miradas desde la Historia social y la Historia intelectual. América Latina en sus culturas: de losprocesosindependistas a laglobalización*. CANCINO TRONCOSO, Hugo [et. al] (Org.), p. 95-106. Córdoba: Centro de Estudios Históricos; FFH, Universidad Católica de Córdoba; UniversidadVeracruzana, México. IIHistórico-Sociales, 2012.

SERGE, Victor. *Literatura e revolução*. Original: Littérature&révolution. Tradução Paulo Franchetti. São Paulo: Ensaio, 1989.

_____. *Memórias de um revolucionário*. Original: Mémoires d'unrévolutionnaire: 1901-1941. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Bianca Nogueira da.*O ser e o fazer: os intelectuais e o povo no Recife dos anos 60.* Dissertação (Mestrado em História) – Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010.

SILVA, Itamar Mendes. Elza. In: SANTIAGO, Maria Eliete. *Sobre Elza* (Texto preliminar para discussão). Recife, 1987. Datilografado.

SILVA, Luís Inácio Lula da. Epígrafe. In: *Paulo Freire, anistiado político brasileiro*. Org. Instituto Paulo Freire e Comissão de Anistia, Ministério da Justiça. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Brasília: Comissão de Anistia e Ministério da Justiça, 2012.

SILVA, Maria Beatriz N. da. *A história da mulher no Brasil: tendências e perspectivas*. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 27, 1987.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. A geração. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.); *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964).* Tradução coordenada por Ismênia Tunes Dantas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SPIGOLON, Nima Imaculada. Fases do exílio, sob as faces do tempo. Processos da pesquisa sobre Elza Freire. In: *Revista do EDICC*, v. 1, nº 1, p. 165-173, 2012. Campinas: IEL/UNICAMP. Disponível <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/index>[Acesso desde 2012].

_____. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz Educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964.* Petrópolis: Vozes, 1986.

T

TARROW, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir. Apresentação. In: TELES, Edson & SAFATLE, Vladimir (Orgs.),*O que resta da ditadura: a exceção brasileira.* São Paulo: Boitempo, 2010.

TELES, Janaína de A. *Os herdeiros da memória: a luta dos familiares mortos e desaparecidos políticos no Brasil.* Dissertação (Mestrado) – São Paulo: FLCH/USP, 2005.

TELLES JÚNIOR, Goffredo da Silva. *Carta aos brasileiros*. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Pátio das Arcadas em 08 de agosto de 1979. Também disponível <http://www.goffredotellesjr.adv.br/site/pagina.php?id_pg=30#um> [Acesso em 2013-06-06].

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. *O homem desenraizado*. Tradução Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TOLEDO, Caio N. de. *O Governo Goulart e o golpe de 64.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Teoria e ideologia na perspectiva do ISEB*. In: MORAES, Reginaldo; ANTUNES, Ricardo e FERRANTE, Vera B. (Orgs.) Inteligência Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.
_____. (Org.) *1964. Visões críticas do golpe*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

TOLENTINO, Corsino André. Conhecimento, Identidade e Desenvolvimento na era da informação. In: *Cabral no cruzamento de épocas*, Fundação Amílcar Cabral (Org.). Cidade da Praia: Editora Alfa Comunicações, p. 209-232, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. TraduçãoLólio Lourenço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Carlos Alberto. Grandezas y misérias de laeducaciónlatinoamericanadelsigloveinte. In: TORRES, Carlos Alberto. *Paulo Freire y la agenda de laeducaciónlatinoamericana em elsiglo XXI.* Buenos Aires: CLACSO, 2001.

V

VALADÃO, Haroldo T. *Asilo territorial y asilo diplomático*. In: Comitê jurídico Interamericano. XII Curso de Derecho Internacional. Washington: Editiones Jurídicas de las Américas, 1986.

VALLE, Maria Ribeiro do.*1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil.* Campinas: UNICAMP, 2008.

VASQUEZ, Ana. *Adolescentes delConoSur de America Latina em el exilio. Algunos problemas psicológicos*. CIMADE, Information, Paris, s/d.

_____.& ARAÚJO, Ana Maria. *Exils latino-américains*: La malédiction d'Ulysse. Paris: CIEMI et L'Harmattan, 1988.

_____. & BRITO, Ângela Xavier de. La situation d'exil: Essai de généralisationfondésur exemple desréfugiés latino-américains. In: OFPRA. *Lesréfugiés em France et em Europe: quaranteans d'application de laConvention de Genéve (1952-1992)* – ActesduColloque, 1992.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Entre a realidade e a utopia: ensaios sobre política, moral e socialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VENTURA, Zuenir C. *1968: o ano que não terminou: a aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

VITA, Álvaro de. *Sociologia da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

VOLPE, Miriam. *Geografias de Exílio*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

X

XAVIER, Libânea N. Manifestos, Cartas, Educação e Democracia. In: GONDRA, José G. e MAGALDI, Ana M. (Orgs.). *A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

_____. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932).* Bragança Paulista: EDUSP, 2002.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado; RIBEIRO, Maria Luísa Santos & NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: a escola no Brasil.* São Paulo: FTD, 1994.

W

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, do original alemão *Die protestantischeethilkund der geitsdeskapitalismus*. Tradução de Irene de Q. F. Szmrescsanyi e Tamas J. M. K. Szmrescsanyi. São Paulo: Pioneira, 1999.

WEBER, Silke. *A educação como foco de projetos político-sociais em Pernambuco.* [Fundação Joaquim Nabuco]. Texto apresentado no Seminário Nacional – O Golpe de 64 – Quarenta anos depois, Recife: 02.04.2004. Mimeo.

WEFFORT, Francisco C. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Educação e Política. In: FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Y

YANKELEVICH, Pablo. *Represión y destierro: itinerariesdel exilio argentino*. Buenos Aires: Al Margen, 2004.

_____. (Org.). *México, país refugio. La experiência de losExilios em elsiglo XX*. México: INAH/Plaza y Valdés, 2002.

_____. y JENSEN, Silvina (Orgs.). *Exilios: destinos y experiências bajo ladictadura militar.* Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2007.

Z

ZEMELMAN, Hugo & PETRAS, James. *Proyeccion de la reforma agraria. El campesinado y su lucha por latierra.* Chile: Editora Nacional QuimantuLtda, 1972.

ZERBINI, Therezinha Godoy. *Anistia: sementes da liberdade.* São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1979.